

JEAN M. AUDEL

OS FILHOS DA TERRA



AYLA,
A FILHA
DAS CAVERNAS



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

Jean M. Auel

**AYLA,
A FILHA
DAS CAVERNAS**

Os Filhos da Terra – Vol.1

Tradução de Maria Thereza de Rezende Costa
Digitalização de Digital Source
Formatação de LeYtor

RECORD

Título original norte-americano
THE CLAN OF THE CAVE BEAR

Copyright © 1980 by Jean M. Auel

Direitos de publicação exclusivos em língua portuguesa no Brasil
adquiridos pela
DISTRIBUIDORA RECORD DE SERVIÇOS DE IMPRENSA S.A.
Rua Argentina 171 - 20921-380 - Rio de Janeiro, RJ - Tel.: 585-2000
que se reserva a propriedade literária desta tradução

Impresso no Brasil
ISBN 85-01-02497-X

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.
Auel, Jean M.

A927a Ayla : a filha das cavernas / Jean M. Auel C cd. tradução de
Maria Thereza de Rezende Costa. - 4 cd. - Rio de Janeiro : Record,
1993.

Tradução de: The clan of the cave bear
ISBN 85-01-02497-X

1. Romance norte-americano. 1. Costa, Maria Thereza de Rezende.
II. Título.
CDD - 813
93-1290 CDU - 820(73)-3

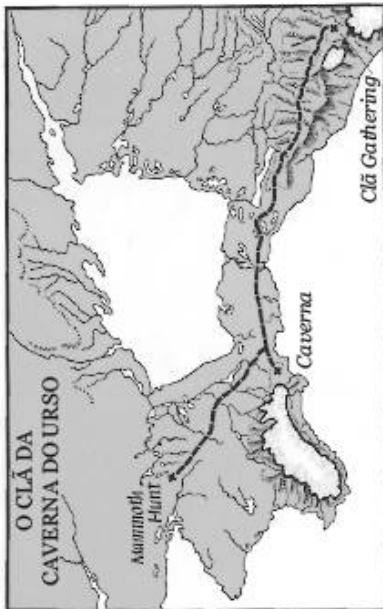
PEDIDOS PELO REEMBOLSO POSTAL
Caixa Postal 23.052 - Rio de Janeiro, RJ - 20922-970

Para Ray
Meu pior crítico e melhor amigo

FILHOS DA TERRA

A EUROPA PRÉ-HISTÓRICA
DURANTE A ERA GLACIAL

Uma onda de calor faz retroceder as geleiras durante a época plistocena. De 35 mil a 25 mil anos antes de nossa era.



0 5 10 15 20 25 30 35
MILES
0 5 10 15 20 25 30 35
KMS



Agradecimentos

Nenhum livro editado é obra exclusiva do autor. A ajuda brota diferentemente de várias fontes e algumas contribuições a este meu trabalho me foram fornecidas por pessoas que jamais vi e é provável que nunca verei. Não obstante, sou grata aos habitantes da cidade de Portland e do Condado de Multnomah, Oregon, que, com o dinheiro de seus impostos, mantêm a Multnomah County Ubrary, a qual proporcionou o material de referência para esta obra. Sem isto, o livro não teria sido escrito. Sou também grata a arqueólogos, antropólogos e muitos outros especialistas no ramo que escreveram livros onde colhi grande parte das informações para compor o cenário e o ambiente deste romance.

Há, entretanto, aqueles que contribuíram com ajuda direta. Dentre estes, quero especialmente agradecer a: Ginão DeCamp, o primeiro a ouvir a idéia de minha história, o amigo nas horas de necessidade, aquele que teve a paciência de ler um grosso original com entusiasmo e olhos atentos às falhas. Foi quem idealizou o símbolo para esta série. John DeCamp, o amigo e colega de letras que, conhecedor das agonias e êxtases do ofício, tinha o dom de me ligar exatamente quando eu precisava falar com alguém por dentro também de tais agruras.

Karen Auei, que encorajou sua mãe de modo como jamais poderá imaginar, rindo e chorando quando era esperado que o fizesse, embora o livro estivesse apenas esboçado.

Cathy Humbie, a quem pedi o maior favor que se pode pedir a uma amiga: uma crítica honesta, pois que muito valorizei o seu senso de medida das palavras. Ela fez o impossível, uma crítica arguta e, ao mesmo tempo, simpática. Deanna Sterett, por se ter interessado pela história e ser suficientemente entendida em caças para apontar alguns de meus deslizes. Lana El mer que, com uma atenção desmedida, passou horas a fio ouvindo minhas dissertações e ainda assim conseguindo gostar da história. Mina Bacus, dona de um discernimento inigualável, de quem recebi uma ajuda Inventiva

nas dúvidas de transliteração .Nem todas as minhas pesquisas foram realizadas em bibliotecas. Eu e meu marido fizemos diversas viagens para conhecer diretamente, no próprio terreno, como são certos aspectos da vida em contato íntimo com a natureza. Neste sentido, os meus especiais agradecimentos a Frank Heyl, especialista em sobrevivência no Ártico, junto ao Oregon Museum of Science and Industry, que me mostrou como fazer uma cama em caverna de neve, esperando, em seguida, que eu dormisse nela! Sobrevivi àquela fria noite de janeiro nas encostas do Monte Hood, aprendendo muitas coisas com o Sr. Heyl, que é a pessoa que mais quero perto de mim durante a próxima Era Glacial.

Estou também em dívida com Andy Van't Hul por ter comigo compartilhado de seus excepcionais conhecimentos sobre a vida junto à natureza. Foi quem me mostrou como produzir fogo sem fósforos, machados feitos de pedra, torceduras de cordas, cestos tecidos com fibras e couro cru e a polir uma lasca de pedra até que ela chegasse a atravessar o couro como se este fosse manteiga.

Meus agradecimentos ilimitados a Jean Naggar, uma agente literária tão competente que conseguiu transformar a fantasia mais delirante em realidade e até ultrapassá-la. Também a Carole Baron, editora arguta, fina e sensível, que, ao acreditar neste livro, incorporou todo o meu trabalho, realizando-o ainda melhor.Finalmente, as duas pessoas que não tinham a menor idéia de estar ajudando, mas cuja assistência me foi de grande valor. Um deles, conheci pessoalmente, mas a primeira vez que ouvi o escritor e professor Don James falar sobre literatura de ficção ele ainda não sabia que se estava dirigindo especialmente a mim. Acreditava, então, falar para todo um auditório. As palavras que pronunciou foram exatamente as que eu tinha necessidade de ouvir. Don James não poderia saber disso na ocasião, mas talvez eu jamais tivesse terminado este livro se não fosse ele.

A outra pessoa, conheço-a só através de seu livro. Ralph S. Solecki, autor de Shanidar (Alfred A. Knopf, Nova York). A história da escavação da Caverna de Shanidar e a descoberta de vários esqueletos de Neandertal deixaram-me profundamente comovida. Foi quem abriu para mim uma perspectiva do homem pré-históricos

do homem da caverna, sem o que eu não teria tido a boa compreensão do significado da humanidade. E, mais do que simples agradecimentos, devo pedir desculpas ao Professor Solecki por ter, em nome de minha ficção, tomado liberdades poéticas com os fatos levantados por ele. Na verdade, em termos históricos, quem pela primeira vez botou flores num túmulo foi um neandertalense.

Capítulo 1

Já inteiramente despida, a menina correu para fora de uma cabana coberta com peles de animal em direção à praia pedregosa na curvatura de um pequeno rio. Nem pensou em olhar para trás. Nada em sua experiência anterior lhe dava motivos para duvidar de que a cabana e as pessoas dentro dela não estariam naquele ponto quando voltasse.

A menina atirou-se na água e sentiu as pedras e a areia escorregadiça sob os pés, depois que a margem terminou abruptamente. Mergulhou na água fria e voltou à tona com o rosto esbaforido, para, em seguida, com braçadas firmes, alcançar a borda escarpada do lado oposto. Aprendera a nadar antes que soubesse andar e, nos seus cinco anos, já se sentia perfeitamente à vontade na água. A nado, era praticamente o único meio de se atravessar um rio.

Por algum tempo, ficou de brincadeira, nadando de um lado para outro, até que se deixou ir pela correnteza, flutuando rio abaixo. No lugar onde o rio se alargava, espumando sobre rochas, levantou-se e foi em direção à margem. Andou, então, de volta à praia e se pôs a catar seixos. Acabara de pôr uma pedra sobre uma pilha, feita só das mais bonitas, quando a terra começou a tremer. Surpresa, viu a pedra rolando sozinha e, espantada, parou olhando a pequena pirâmide de seixos balançando e vindo depois abaixo. Só então percebeu que também ela estava balançando; sentia-se, no entanto, mais confusa do que apreensiva. Olhou à volta, tentando entender por que o universo com portava-se de forma tão inexplicável. Não se esperava que a terra se mexesse.

O rio, antes fluindo mansamente, revolvía-se agora em ondas picadas que iam bater nas barrancas, enquanto o leito rochoso, ao sabor das correntezas desconstruídas, dragava a lama do fundo para cima. O matagal rente aos barrancos, a jusante, tremia, animado por movimentos invisíveis em suas raízes e as enormes pedras, a montante, balançavam-se numa instabilidade inteiramente

inusitada. Mais além, na floresta, as majestosas coníferas, alagadas pelas torrentes, vergavam grotescamente. Um gigantesco pinheiro próximo à margem, com as raízes expostas e o centro de apoio enfraquecido pelas cachoeiras, dobrava-se na direção do outro lado do rio, até que com estrondo cedeu, para esborrachar-se no solo e formar uma ponte vacilante sobre o rio turvo, num mundo onde nada era seguro.

A menina tomou um susto com o som da árvore caindo. Seu estômago estreitou-se com um nó apertado, e o medo começou a invadir-lhe o pensamento. Tentou erguer-se, mas voltou a cair, desequilibrada com aquele tremor estonteante. Novamente tentou e deu um jeito para pôr-se de pé, mas sem firmeza e temerosa de dar uma passada.

Enquanto se dirigia para a cabana coberta de peles, num sítio atrás do rio, sentiu um surdo ribombar que cresceu num estrondo aterrorizador. Saía da fenda aberta no chão um fedor azedo de coisa úmida e podre, como se a terra estivesse dando um imenso bocejo pela manhã e soltasse fumos por sua respiração. A menina olhava sem compreender a lama, as pedras e árvores, tudo caindo por aquela garganta escancarada, enquanto a carcaça do planeta derretido se rachava em convulsões.

A cabana, pendurada na extrema beirada do abismo, oscilava enquanto a terra que ainda restava sob ela ia sendo arrastada. Sua frágil cumeeira balançava relutante; por fim, tudo ruiu e a cabana desapareceu no enorme buraco, carregando consigo a cobertura de couro e tudo o mais que abrigava. Com horror, a menina tremia de olhos arregalados, vendo aquele enorme bucho escancarar-se com seu mau hálito para engolir todas as coisas que tinham dado sentido e segurança aos cinco curtos anos de sua vida.

- Mamãeee! - gritou, quando pôde ter algum entendimento. Não sabia se o grito ecoando nos seus ouvidos era dela mesmo, em meio ao rugir trovejante de rochedos se esfacelando. Ajudando com as mãos foi subindo em direção à enorme garganta, mas a terra se levantava e a atirava ao chão. Agarrou-se, então, ao terreno, tentando encontrar, naquele mundo trêmulo e arfante, algo seguro em que pudesse apoiar-se.

Nisso, a garganta fechou-se, o rugir cessou e a terra aquietou-se, mas não a menina. Deitada, com o rosto colado ao chão úmido e solto, revolvido pelo cataclismo que convulsionara a Terra, ela estremeceu de medo. Tinha razão para isso.

Encontrava-se só na imensidão de estepes verdejantes e florestas dispersas. As geleiras ao norte haviam feito uma ponte sobre o continente, levando seu frio para lá. Um número indizível de animais, alguns inofensivos, outros, carnívoros e ferozes, rondavam as vastas pradarias. Gente mesmo era muito pouca. Ela Não tinha aonde ir e ninguém viria para cuidar dela. Estava só.

O solo tremeu de novo, assentando-se, e a menina ouviu um rumor saí do das profundezas da terra, como se esta estivesse digerindo o alimento tragado de uma só bocada. Ela, em pânico, deu um salto aterrorizada, achando que o chão fosse rachar novamente. Olhou, então, para o lugar onde a cabana estivera. Terra bruta e arbustos com raízes levantadas era o que restava ali. Aos prantos, voltou para o rio, lá ficando perto da água barrenta, encolhida num soluçar sem fim.

Mas os barrancos tímidos do rio não ofereciam segurança contra a turbulência daquele planeta. Veio outro abalo mais sério que o anterior, fazendo a terra outra vez tremer. Uma pancada de água fria sobre seu corpo nu fê-la estremecer, O pânico voltou e ela deu um pulo sobre os pés. Tinha de fugir daquele lugar monstruoso, de uma terra oscilante e famélica, mas aonde ir?

Na praia pedregosa do rio não cresciam plantas, era completamente desprovida de verde, mas os barrancos rio acima estavam cheios de arbustos com folhinhas recém-nascidas. Qualquer coisa dentro dela lhe dizia para ficar perto da água, só que aquele mato emaranhado mostrava-se impenetrável. Com os olhos úmidos e a visão turva, olhou para a floresta de pinheiros.

Tênuos raios de luz filtravam-se pelas ramagens entrelaçadas que formavam um bosque de pinheiros próximo ao rio. A sombria floresta estava praticamente nua de plantas rasteiras e com muitas árvores tombadas. Umas caídas por terra e outras, curvando-se em ângulos desajeitados, escoravam-se nas vizinhas que continuaram firmemente plantadas. Além da massa de pinheiros, a floresta boreal

mostrava-se escura e tão pouco convidativa quanto as galhadas dos barrancos a jusante. A menina não sabia que rumo tomar, ficando a olhar para um e outro lado, sem poder decidir-se.

Um tremor sob os pés enquanto olhava na direção rio abaixo fez com que se arrancasse do lugar. Depois de um último olhar saudoso, na vã esperança de que qualquer coisa da cabana ainda estivesse por lá, a menina correu para dentro da mata.

Premida pelos rancos da terra que ainda continuava assentando-se, a menina seguiu o curso d'água, parando apenas para beber, em sua pressa de se ver bem longe dali. Os pinheiros que haviam sucumbido no terremoto jaziam no chão e a garota tinha de ladear as crateras deixadas pelo emaranhado das raízes, ainda com terra úmida e pedras coladas em suas partes internas.

Ao entardecer, começou a ver menos sinais de turbulência. As árvores com raízes levantadas já não eram tantas, começavam a rarear os deslocamentos de pedras e a água clareava. Parou quando já não dava mais para ver o caminho que havia percorrido, deixando-se cair exausta no chão da floresta. Enquanto estivera movimentando-se, o exercício a manteve aquecida, mas agora, enterrada dentro de um grosso tapete de folhas de pinheiro, enroscada como uma bolinha e atirando punhados de folhas sobre o corpo, tremia com o ar gelado da noite.

Mesmo cansada como estava, o sono não chegou fácil. Enquanto esteve ocupada nas imediações do rio, saltando os obstáculos pelo caminho, havia conseguido afastar o medo do pensamento. Mas o pavor agora tomara conta. Ela ficou deitada, inteiramente imóvel, de olhos bem abertos, vigiando a escuridão aumentar, até que tudo ficou escuro em derredor.

Até então, nunca havia ficado sozinha de noite e, ainda assim, sempre com um fogo por perto, mantendo a distância as trevas do desconhecido. Por fim, não conseguiu conter-se mais. Com um soluçar convulso, chorava sua angústia, botando-a para fora. Todo seu corpo se sacudia com o choro e os soluços, mas ela foi ficando mais aliviada e acabou caindo no sono. Um pequeno animal noturno veio cheirá-la, mas só por simples curiosidade.

Ela acordou gritando!

O planeta continuava ainda desassossegado e um rumor distante, saído das profundezas, trouxe de volta todo o horror na forma de pavoroso pesadelo. A menina deu um salto, querendo correr, mas os olhos abertos não enxergavam melhor do que com as pálpebras fechadas. A princípio, não conseguia lembrar-se do lugar onde se achava, O coração batia com toda força. Por que não podia ver? Onde estavam os braços amorosos que sempre estiveram perto dela consolando-a, quando acordava de noite? Aos poucos, sua consciência foi voltando e, tremendo de frio e medo, tornou a enroscar-se, enterrando-se debaixo do tapete de folhas. Os primeiros raios do amanhecer ainda a encontraram dormindo.

Vagarosamente, a luz do dia foi penetrando no interior da floresta. Quando acordou, a manhã já ia alta, mas, naquele denso sombreado, era difícil dizer. No dia anterior, quando começara a escurecer, ela se afastara do rio e agora, ao ver apenas árvores a seu redor, o pânico ameaçou voltar.

A sede fez com que prestasse atenção a um rumor de água nas proximidades. Passou então a seguir o barulho e com grande alívio deu de novo com o pequeno rio. Estava tão perdida ali como na floresta, mas o riozinho fazia com que se sentisse melhor, era qualquer coisa que lhe dava um sentido de direção e sempre poderia matar a sede, se permanecesse junto dele. Só que, na véspera, ele pôde dar-lhe alguma alegria, mas agora pouca coisa podia fazer por sua fome.

Não ignorava que se comiam folhas e raízes, mas não tinha noção de quais eram comestíveis. A primeira folha que provou era de gosto amargo e lhe deixou a boca ardendo. Cuspiu e lavou a boca, ficando hesitante em fazer novas experiências. Depois de beber mais água para sentir-se temporariamente cheia, retomou a caminhada descendo o rio. A escura floresta agora a amedrontava e ela tratou de ficar sempre perto do riacho, onde o sol era brilhante. Quando a noite caiu, cavou um lugar fora do terreno do pinheiral e ali se enroscou como na véspera.

Sua segunda noite sozinha não foi melhor do que a primeira. Tinha fome e sentia na boca do estômago um medo paralisante. Jamais tivera tanto pavor, tanta fome e se sentido tão só.

O sentimento de perda era tão doloroso que bloqueou na memória tudo que se referia ao terremoto e à sua vida anterior. Quanto ao futuro, o seu pensamento lhe dava pânico e ela se esforçava para não pensar nele. Não queria pensar no que lhe poderia acontecer ou quem iria tomar conta dela.

Vivia exclusivamente o momento, tratando apenas de vencer o obstáculo seguinte, de cruzar algum afluente do rio ou escalar um lenho atravessado no caminho. Seguir o riozinho tornou-se um fim em si mesmo, não por que isso a fosse levar a alguma parte, mas porque era a única coisa que lhe dava uma direção, um propósito, uma linha de conduta. Era melhor do que não fazer nada.

Depois de algum tempo, o vazio no estômago tornou-se uma espécie de dor anestesiada que lhe amortecia o pensamento. De vez em quando chorava, enquanto prosseguia, penosamente, o caminho com as lágrimas escorrendo e fazendo riscas brancas no rosto encardido. Seu corpinho nu estava em pastado de lama e os cabelos, outrora quase brancos, lindos, macios como seda, achavam-se emplastrados na cabeça, formando um emaranhado de folhas de pinho e barro.

A caminhada ficou mais difícil quando a floresta verdejante foi-se transformando numa vegetação menos densa, desaparecendo do chão as folhas caídas dos pinheiros e sua passagem obstruída por matos e gramúleas altas, o característico revestimento de terrenos com árvores de folhas pequenas e efêmeras. Quando chovia, ela se enroscava em algum tronco caído, ou debaixo de alguma pedra grande ou aforamento de rocha, ou então, simplesmente, continuava caminhando pela lama, deixando a chuva cair sobre ela. À noite, amontoava folhas velhas e secas, sobras de outras estações, e se metia dentro desse monte para dormir.

O enorme suprimento de água impediu a desidratação que provoca a hipotermia, isto é, o abaixamento da temperatura do corpo que pode levar à morte devido à longa exposição ao frio. Mas a menina estava cada vez mais fraca. Havia ultrapassado a sensação da fome, apenas acompanhava-a uma dor enjoada e constante e, de vez em quando, o sentimento de vertigem. Tentava não pensar nisso

ou em qualquer outra coisa, a não ser no rio, simplesmente seguir o rio, nada mais do que isso.

Com o sol penetrando em seu ninho de folhas secas, acordou. Levantou-se do aconchego de seu buraco e, ainda com folhas úmidas coladas ao corpo, foi ao riacho tomar seu gole matinal. O céu azul e a luz do sol foram acolhidos com prazer após o dia chuvoso da véspera. Pouco depois, ela se botou a caminho. A margem de seu lado gradualmente tornou-se mais alta. Foi, então, que resolveu parar para tomar outro gole. Uma descida íngreme separava-a da água. Começou a descer com cuidado, mas perdeu o equilíbrio e rolou pela ribanceira, até atingir o pé do barranco.

Ali, ficou deitada, ferida, cheia de arranhões, enroscada no lamaçal perto do riacho, cansada, fraca, desgraçada demais para poder mover-se. Grossas lágrimas brotavam dos olhos, escorrendo-lhe pela face, enquanto sentidos lamentos cortavam o ar. Ninguém ouvia, O choro foi-se tornando uma lamúria, pedindo alguém para socorrê-la. Ninguém veio. Os ombros arquejavam com os soluços de seu pranto desesperado. Não tinha vontade de levantar-se, nem de prosseguir, mas que outra coisa poderia fazer? Ficar simplesmente chorando ali, no meio da lama?

Quando parou de chorar, foi deitar-se na beirada da água. Deu-se, então, conta de que tinha a boca com gosto de lama e que uma raiz a espetava, incomodando-a. Isso a fez sentar-se.

Exausta, levantou-se e foi até o riacho beber água. Outra vez, retomou a caminhada, obstinadamente, afastando os galhos do caminho, passando por cima dos troncos musgosos, ora entrando ora saindo da margem enlameada do rio.

As águas, que já estavam altas com as primeiras enchentes da primavera, haviam dobrado o volume dos afluentes. Bem antes de avistar a cachoeira que despencava na confluência de um outro rio, duas vezes mais volumoso, a menina já tinha ouvido seu rumorejar. Passando a cachoeira, as correntes dos rios se combinavam num curso de água que, depois de espuma" sobre algumas rochas, seguia por estepes e planícies verdejantes.

As águas estrondosas da cachoeira se precipitavam por cima dos bordos da ribanceira, formando um largo lençol de águas

brancas que caíam num lago espumoso, cavado no chão rochoso, criando uma nuvem de vapores e de redemoinhos feitos pelas contracorrentes no lugar da junção dos rios. Em algum tempo, num passado distante, o rio escavara mais profundamente o rochedo por trás da catarata. A plataforma saliente, por onde a água se despencava, avançava do paredão, atrás da cachoeira, formando ali uma passagem.

A menina circundou a entrada e, depois de olhar com atenção para dentro do túnel enevoadado, pôs-se a caminhar por detrás daquela cortina movediça de água. Agarrava-se nas rochas úmidas, para poder firmar-se, mas o jorrar ininterrupto e constante das águas a deixava tonta. O barulho era ensurdecido, ecoando no paredão rochoso por trás do tumulto da torrente. Olhou para o alto, cheia de medo, percebendo, aflita, que o rio estava sobre as rochas gotejantes por cima de sua cabeça, e começou a avançar vagarosamente de rastros.

Estava quase do outro lado, quando a passagem foi gradualmente se estreitando até tornar-se de novo o alto paredão. O corte sob a rocha tinha um fim e ela foi obrigada a fazer a volta e retornar a seu caminho. Ao alcançar o ponto de partida, olhando para a torrente estrepitosa, abanou a cabeça. Não, não tinha jeito.

Ao entrar no rio, a água estava fria e as correntezas muito fortes. Nadou até o meio e deixou que as correntes a arrastassem ao redor da cachoeira, quando fez uma virada na direção da margem do rio, que se alargava mais à frente. O exercício de natação deixou-a cansada, mas estava agora mais limpa, embora com os cabelos ainda formando uma moita embaraçada. Retomou a caminhada, sentindo-se refrescada, mas não por muito tempo.

Devido a primavera tardia, fazia um calor inusitado para aquela época do ano. O sol estava bom e agradável, e as árvores e arbustos começavam a espaçar-se, substituídos por campos abertos. À medida, no entanto, que a bola de fogo alteava no céu, seus raios iam consumindo as poucas reservas da criança. Por volta da tarde, ela cambaleava numa estreita faixa de areia entre o rio e um penhasco escarpado. A água cintilava, refletindo nela o brilho do sol,

enquanto os arenitos quase brancos esparziam luz e calor, contribuindo para a intensa luminosidade.

Do outro lado do rio e à frente, pequeninas flores - brancas, vermelhas e amarelas - misturadas ao verde-claro de uma vegetação baixa, recém-brotada estendiam-se até o horizonte. - A menina, porém, não tinha olhos para a beleza efêmera da primavera nas estepes. Fraca e faminta, ela delirava, começando a ter alucinações.

- Eu disse que vou ter cuidado, mamãe. Vou nadar só por perto, mas para onde você vai? - murmurou. - Mãe, quando vamos comer? Estou com fome e calor. Por que você não veio quando chamei? Chamei, chamei e você não apareceu. Onde tem andado, mãe? Mama não vai embora outra vez! Fique aqui! Mãe, me espere. Não me deixe!

Ela corria na direção da miragem, enquanto a visão desaparecia, seguindo pela base do penhasco que num certo ponto começava a afastar-se da margem, tomando direção diferente a do rio. Abandonava, assim, sua fonte abastecedora. Correndo às cegas, bateu com o dedão do pé numa pedra e caiu em cheio no chão. Isso veio sacudi-la e botá-la na realidade ou, pelo menos, quase. Sentou-se extenuada, esfregando o dedo, tentando desesperadamente ordenar os pensamentos.

O penhasco era naquela parte um paredão irregular, riscado de fendas e gretas, com cavidades escuras formando cavernas. A expansão e a contração de temperaturas extremas - desde um calor causticante a um frio intenso, abaixo de zero - fragmentaram a rocha pouco consistente. A menina olhou para dentro de uma pequena cavidade à altura quase do chão mas a minúscula caverna não lhe fez grande impressão

Bem mais impressionante era a manada de auroques pastando pacificamente na relva fresca e viçosa entre o rochedo e o rio. Em sua correria cega atrás da miragem deixara de ver os enormes e ferozes animais de cor marrom-avermelhada, com dois metros de altura e chifres arqueados. Quando os enxergou, o susto botou um pouco de luz na confusão de seu cérebro. A menina recuou para mais perto do paredão de rocha, com os olhos fixos no corpanzil de

um daqueles enormes touros que havia parado de pastar para ficar vigiando-a. Ela deu a volta e começou a correr.

Ao olhar para trás, por cima do ombro, suspendeu a respiração ao perceber de relance e confusamente uma cena que a fez parar em sua corrida. Uma imensa leoa, duas vezes maior do que qualquer felino dos que em épocas muito posteriores iriam habitar as savanas mais ao sul, estava à espreita da manada. A menina sufocou um grito, quando o monstruoso animal deu um salto sobre uma daquelas gigantescas vacas.

Numa confusão de garras, presas e rosnados selvagens, a leoa levou a massa do auroque ao chão e, com uma dentada poderosíssima, rasgando-lhe a garganta, deixou interrompido no ar o berro lancinante do animal. O sangue esguichado manchava o focinho da leoa, respingando de vermelho sua pele fulva. As pernas do auroque continuaram pulando espasmodicamente, mesmo depois que a leoa lhe rompeu o estômago e tirou um naco quente de carne vermelha e quente.

A menina se viu tomada de total terror e correu em pânico, vigiada de perto por outro daqueles felinos. Havia cometido o pecado de entrar no território dos leões da caverna. Normalmente, esses animais teriam desdenhado uma presa tão pequena, do porte de uma criança de cinco anos, preferindo robustos auroques, enormes bisões ou veados de tamanho avantajado. Mas ela em sua fuga se aproximara demasiadamente de uma caverna onde viviam dois leõezinhos recém-nascidos.

Deixado na guarda da prole enquanto a leoa caçava, o macho com sua formidável juba rugiu avisando. A menina, ao virar a cabeça para cima, horrorizada, deu com o gigantesco gato agachado sobre a saliência de uma pedra, pronto para saltar. Ela deu um grito e escorregou, ferindo a perna no cascalho solto, junto ao rochedo. Levantou-se, e instigada por um medo ainda maior, correu de volta pelo mesmo caminho que a levava até ali.

O leão saltou, indolente, confiante no seu poder de agarrar o pequenino intruso que ousara violar o sacrossanto reduto de seus filhotes. Não tinha pressa. A menina ia devagar em comparação com suas lentas passadas. O leão parecia brincar de gato e rato.

No pânico, somente o instinto levou-a de volta à pequena cavidade que ficava à altura do chão, vista pouco antes. Com os quadris doendo, arquejante, sem poder respirar, deslizou pela abertura que mal deu para passar. Era uma gruta minúscula, rasa, pouco mais do que uma fenda na rocha. Naquele pequenino espaço, foi retorcendo-se até conseguir ficar de joelhos com as costas voltadas para a parede, querendo fundir-se com as pedras atrás dela.

O leão rugiu toda sua frustração ao chegar à frente do buraco e ver sua caça perdida. A menina tremia ao som dos bramidos, hipnotizada de terror com as patas, de garras curvas e afiadas, querendo esticar-se para dentro do buraco. Sem poder mexer-se, ela soltou um berro de dor quando viu a garra pegar-lhe a coxa, fazendo quatro profundos talhos paralelos.

Contorcendo-se para ficar fora do alcance do leão, encontrou uma pequena depressão no lado esquerdo da parede. Ali, botou as pernas, comprimindo-se tanto quanto podia e prendendo a respiração. A pata vagorosamente tornou a passar pela abertura, quase tapando toda a luz que chegava ao pequeno nicho, mas desta vez nada encontrou, O leão ficou rugindo, andando de lá para cá, na frente do buraco.

A menina permaneceu no abrigo o resto daquele dia, toda a noite e ainda a maior parte do dia seguinte. A perna inchou com uma ferida Supurada. A dor era constante e o exíguo espaço de paredes ásperas impossibilitava que ela se virasse ou se espichasse. Passou a maior parte do tempo num medo atroz, delirando de fome e dor, e com pesadelos povoados de terremotos e garras afiadas. Não foi a ferida ou a fome e nem mesmo a dolorida queimadura de sol que a fez sair de seu refúgio, mas sim a sede.

Cheia de medo, olhou para fora da fenda. Grupos espaçados de salgueiros e pinheiros projetavam enormes sombras de princípio de entardecer. A menina ficou por muito tempo olhando para a extensão de terra coberta de relva e para a água cintilando mais além, antes de conseguir coragem suficiente para sair. Lambia os lábios gretados com a língua ressequida, enquanto examinava o terreno. Apenas a relva batida pelo vento se movia. O leão tinha ido

embora. A leoa, preocupada com seus filhotes e inquieta com o cheiro de uma criatura estranha tão perto de sua toca, resolveu procurar outro abrigo.

De gatinhas, a menina foi saindo do buraco e depois se levantou. Sua cabeça latejava e manchas ficavam dançando confusamente diante dos olhos. Cada passo era acompanhado de dores terríveis, e das feridas escorria um repugnante líquido verde-amarelado.

Não tinha certeza se conseguiria chegar até a água, mas a sede era irresistível. Caiu sobre os joelhos e percorreu de rastos a distância que faltava. Deitada de bruços, com o estômago colado à terra, bebeu sofregamente goles e goles de água fria. Quando, por fim, a sede ficou saciada, tentou botar-se de pé outra vez, mas havia chegado ao limite de sua resistência. Com manchas passando diante dos olhos, a cabeça rodando e tudo ficando escuro à volta, ela tombou por terra.

Voando devagar ao redor, um corvo espiava aquela forma imóvel. Baixou o vôo, querendo sentir mais de perto a presa.

Capítulo 2

O grupo de viajantes cruzou o rio, pouco mais adiante da cachoeira, no ponto onde as águas alargavam e espumavam sobre rochas despontando do leito pouco profundo. Eram em número de 20, contando com jovens e velhos. Antes de o terremoto lhes haver destruído a caverna, o clã fora composto de 26 pessoas. Dois homens iam à frente guiando o caminho, não muito distante das mulheres e crianças, flanqueadas por alguns homens mais idosos.

Os jovens seguiam atrás.

Vinham seguindo pela margem do rio de maior largura, desde o ponto onde o curso começava a entrelaçar-se com outros afluentes e a serpentear pelas terras planas das estepes. Eles estavam sempre com os olhos nas aves de rapina. Animais necrófagos voando normalmente significavam que ainda havia vida naquilo que lhes despertava atenção. Um bicho já ferido era presa fácil para caçadores, contanto que predadores de quatro patas também. Não tivessem a mesma idéia.

Uma mulher, a meio caminho de sua gravidez, caminhava à frente do seu grupo. Viu quando os dois homens da dianteira olharam para o chão e continuaram em frente. Deve ser algum comedor de carne, pensou. O clã dificilmente comia animais carnívoros.

Tinha menos de metro e meio de altura, era troncuda, de constituição óssea avantajada, pernas arqueadas e musculosas, mas caminhava ereta sobre os pés chatos e descalços. Os braços pareciam compridos em proporção ao corpo e, tal como as pernas, eram arqueados.

Tinha largo nariz adunco e mandíbulas prognatas que se projetavam no rosto como um focinho. O queixo não existia. A testa baixa escorria para trás, formando uma cabeça longa e larga, assentada sobre o pescoço curto e grosso. Na parte de trás da cabeça havia uma protuberância óssea como um coque occipital que lhe acentuava a largura.

As pernas e ombros eram cobertos por um manto macio de pêlos castanhos e curtos que descia ao longo da espinha na parte alta das costas. O mesmo pêlo engrossava na cabeça, formando quase uma mata de cabelos longos e pesados. Sua palidez de inverno já havia quase desaparecido. Os olhos marrons-escuros - grandes, redondos, inteligentes - estavam profundamente assentados sob as saliências das sobrancelhas escorridas e, naquele instante, cheios de curiosidade, quando ela apressou o passo para ver o que os homens tinham visto sem se deter em sua marcha.

Já era velha para ter o primeiro filho. Estava com quase 20 anos e até que a vida despertada dentro dela não começasse a aparecer, o clã havia pensado que fosse estéril. No entanto, o peso que carregava não tinha sido aliviado pelo fato de estar grávida. Levava um grande cesto preso às costas, onde havia trouxas amarradas: atrás, debaixo e empilhadas. Diversos sacos atados com correias penduravam-se de uma pele, embrulhando o couro maleável que vestia, de maneira a produzir dobras e bolsas para carregar coisas. Uma das sacolas era particularmente distinta, por ser feita com o couro inteiro de uma lontra, inclusive com o rabo, pés e a cabeça do animal deixados intatos.

Em vez de a pele do bicho ter sido rasgada na barriga, apenas sua garganta fora cortada de modo a fazer uma abertura para que fossem retirados os ossos, entranhas e carnes, deixando o couro parecendo com uma bolsa. A cabeça, atada por uma tira no lombo do animal, servia como tampa, e uma fibra tingida de vermelho, enfiada através de buracos perfurados ao redor da abertura do pescoço e puxada firmemente, prendia a sacola à cintura da mulher.

Quando ela botou os olhos pela primeira vez na menina, os homens haviam ficado atrás.

Estava espantadíssima com aquilo, que lhe pareceu ser um bicho sem pêlos. Ao aproximar-se mais, porém, prendeu a respiração, e em seguida se afastou, agarrando o saquinho de couro pendurado no pescoço. Um gesto instintivo para defender-se dos maus espíritos. Suas unhas cravaram-se no couro, fincando os pequenos objetos dentro do amuleto, enquanto invocava proteção.

Curvou-se, então, para olhar mais de perto, hesitando avançar, sem poder acreditar muito no que pensava estar vendo.

Seus olhos não a haviam enganado. Não era nenhum bicho que estava atraindo a atenção dos pássaros, mas uma criança. Uma criança descamada e estranhíssima.

A mulher olhou ao redor, imaginando que outros enigmas ainda poderiam existir por ali.

Enquanto andava à roda da menina desmaiada, ouviu um gemido. Então, esquecendo-se de seus medos, parou, ajoelhou-se e sacudiu com brandura a criança. Ao virar o corpo para cima, a curandeira viu a inchação na perna e as marcas de garras, fazendo uma ferida purulenta.

Imediatamente, desatou o cordão que prendia a sacola de lontra à sua cinta.

Um dos homens que ia no comando olhou para trás e viu a mulher de joelhos junto da criança. Ele voltou.

- Iza! Vamos! - ordenou. - Rastros de leões. Ande, vá em frente!

- É uma criança, Brun. Está só ferida. Ainda não morreu.

Brun olhou para a menina. Esta tinha um rosto esquisitamente achatado, de fronte alta e nariz pequeno.

- Não é dos clãs - disse por meio de gestos rápidos, logo se virando para retomar o caminho.

- Brun, é uma criança. Está ferida. Vai morrer, se ficar aqui - falou Iza com olhos suplicantes, enquanto fazia sinais com as mãos.

O chefe do reduzido bando olhou para a mulher que implorava. Ele era maior do que ela, bastante musculoso, forte, com largo tórax cilíndrico e per nas grossas arqueadas. Seus traços eram semelhantes aos da mulher, embora mais pronunciados; as saliências supra-orbitais mais marcadas e o nariz mais alargado. As pernas, estômago, peito e a parte superior das costas cobriam-se de um pêlo duro, marrom, Não chegando a ser propriamente a pele de um animal felpudo, mas Não estava muito longe disso. Uma barba cerrada escondia-lhe as mandíbulas protuberantes e a falta de queixo. A vestimenta também era parecida com a da mulher, apenas mais simplificada. Estava cortada mais curta e amarrada de modo

diferente, tendo somente algumas dobras e bolsas para guardar coisas.

Brun Não carregava nenhum peso, apenas suas armas e uma manta de pele jogada nas costas, presa por uma tira larga de couro que passava em volta de sua testa ovalada. Em sua coxa direita havia uma cicatriz escura como uma tatuagem, desenhada grosseiramente na forma de um U com as pontas abertas para os lados. Era a marca de seu totem, o bisão.

Mas ele próprio não precisava de marcas ou símbolos para mostrar sua condição de chefe. Seu comportamento e a deferência com que era tratado já deixavam patentes sua posição dentro do clã.

Tirou do ombro sua maça, feita do osso da perna dianteira de um cavalo e a colocou no chão, com o cabo apoiado na coxa. Iza sabia que seu pedido estava sendo seriamente considerado. Esperava quieta, escondendo a ansiedade, para dar-lhe tempo de pensar. Em seguida, ele pousou a pesada lança de madeira, inclinando-a no ombro com a ponta afiada virada para cima e ajeitou as boleadeiras que trazia penduradas no pescoço junto com o amuleto, de modo a equilibrar as três bolas da arma. Por fim, tirou do couro da cintura a funda, uma tira flexível feita de pele de veado, com um bojo no meio para segurar as pedras e estreitada nas pontas. Ficou alisando o couro, sentindo-lhe a maciez e pensando.

Brun não gostava de tomar decisões apressadas sobre qualquer coisa fora do usual que pudesse afetar a vida do clã, sobretudo agora, quando estavam sem moradia. Mas resistia ao impulso de simplesmente dizer Não. Eu de via saber que Iza iria querer ajudar a menina.

Até com animais ela costuma usar suas mágicas de curar, principalmente se são bichinhos novos. Vai ficar contrariada se eu Não deixar que ajude a menina. Seja dos clãs ou dos outros, pouco importa. Tudo que ela está vendo é uma criança ferida. Bem, pode ser isto que faz dela uma boa curandeira.

Mas curandeira ou Não, ela é só uma mulher. Que importância tem se ficar zangada? Isso, ela melhor do que ninguém sabe mostrar. Mas nós já temos muitos problemas sem um estranho

ferido. Só que o totem da menina vai saber, bem como todos os espíritos. Será que, se Iza ficar contrariada, eles ainda vão mostrar-se com mais raiva? Se encontrarmos uma caverna... Não, quando acharmos uma caverna Iza vai ter de fazer a bebida para a cerimônia. E se ela estiver zangada, é bem possível que cometa um erro, Não é verdade? Os espíritos com raiva podem fazer com que tudo saia errado e, com raiva, eles já estão bastante. Nada deve sair errado na cerimônia da nova caverna.

Bom, que ela leve a criança, continuou dizendo para si. Logo estará cansada de carregar um peso a mais; além disso, a menina está tão mal que nem mesmo a mágica do meu germano tem força para curá-la. Brun enfiou outra vez a funda em seu cinto, pegou as armas e encolheu os ombros. O negócio era com ela, podia ou não levar a criança se o desejasse. Ele deu as costas e começou a caminhar.

De dentro da cesta, Iza tirou uma capa de couro com a qual embrulhou a criança desacordada. Depois, suspendeu-a, prendendo a garota a seu quadril com ajuda de uma correia flexível, surpresa do pouco peso da menina em relação à altura. Ao ser suspensa, ela soltou um gemido e Iza fez-lhe uma festinha, tranquilizando-a. Em seguida, foi colocar-se atrás dos dois homens.

As outras mulheres haviam parado, mantendo distância da conversa entre Iza e Brun.

Quando viram a curandeira pegar qualquer coisa do chão para levar, suas mãos se puseram a gesticular com movimentos rápidos, intercalados de sons guturais. Elas discutiam agitadas, cheias de curiosidade. Fora a sacola de pele de lontra, estavam vestidas da mesma forma que Iza e, igualmente, carregando enormes pesos. Levavam tudo quanto o clã possuía neste mundo, aquilo que pôde ser salvo dos destroços ocasionados pelo terremoto.

Duas das sete mulheres levavam seus bebês junto do corpo, numa dobra da vestimenta que lhes permitia comodamente amamentá-los. Enquanto estavam à espera de Iza e Brun, uma delas sentiu cair-lhe um pingote quente. Imediatamente, sacou o bebê de dentro da dobra da roupa e ficou segurando-o à sua frente, até que ele acabasse de urinar. Quando Não estavam viajando, os bebês

quase sempre eram envolvidos em macios cueiros de pele. Para absorver urina e fezes, havia diversos tipos de material como a la de carneiros selvagens que ficava agarrada nos espinhos das plantas à época da muda, a plumagem dos ninhos de pássaros, a felpa de plantas fibrosas, e muitas outras coisas. Mas, em viagem, era mais fácil e simples levar os bebês nus e deixar que fizessem suas necessidades no chão.

Quando começaram a caminhar outra vez, uma terceira mulher apanhou um garoto e o apoiou em seu quadril, metendo-o dentro de uma sacola de couro. Alguns momentos depois, ele estava esperneando, querendo descer e correr por sua própria conta. Ela deixou-o sair, sabendo que voltaria quando estivesse cansado. Logo depois da mulher que seguia iza, ia uma menina mais velha, ainda não adulta, o que não impedia, no entanto, de estar levando uma carga tão pesada quanto as outras. De vez em quando, a garota atirava um olhar para trás na direção de um rapaz, já quase homem feito, caminhando logo depois do grupo das mulheres. Ele tentava manter distância de modo a parecer que fosse um dos três caçadores guardando a retaguarda e não como se fizesse parte do grupo de crianças. Sua vontade era a de estar levando caças, tal como um dos velhos que flanqueava as mulheres e que carregava uma enorme lebre sobre o ombro, morta por uma pedra de sua funda.

Mas nem só de caça vivia o clã. As mulheres quase sempre eram quem contribuía com a maior parte e a fonte de abastecimento delas era bem mais confiável. Mesmo com toda a carga que levavam, ainda tinham tempo durante a viagem de apanhar alimentos, e com tanta eficiência que, dificilmente, atrasavam a marcha. Uma área de hemerocales rapidamente ficava nua de seus botões e flores. Raízes tenras e suculentas eram retiradas da terra com alguns poucos golpes de seus pauzinhos de escavar, enquanto aquelas como as de tábua eram mais fáceis ainda de ser apanhadas por estar soltas nas superfícies dos terrenos alagadiços ou pantanosos.

Se não estivessem em viagem, as mulheres teriam a obrigação de guardar na lembrança o local onde se achavam certas plantas

taludas, para voltar mais tarde no decorrer da estação e colher suas pontas macias, e que eram consumidas como legumes. Numa fase posterior, a mistura de pólem não amarelo com a farinha feita das fibras de velhas raízes serviria para o preparo de bolinhos fofos e sem fermento. Ao secarem os talos, colhiam-se as fibras e muitas das cestas eram feitas de resistentes talos e folhas de plantas. No momento, elas colhiam só o que encontravam, mas pouca coisa lhes passava despercebida.

Folhas frescas e tenras de trevo, brotos de alfafa e de denteleão cardos ainda com suas folhas espinhosas, alguns frutos prematuros e amoras silvestres, nada escapava das mãos ágeis e destros das mulheres. Seus pauzinhos de escavar não paravam. Já conheciam o uso da alavanca e estavam sempre revirando troncos de madeira à procura da salamandras e rechonchudos lagartos. Também moluscos eram pescados dos rios e postos na praia para ficar ao alcance delas, e toda uma variedade de bulbos tubérculos e raízes eram apanhados do chão.

Tudo encontrava lugar certo nas dobras das vestimentas ou em algum canto vazio dos cestos. As folhas grandes serviam para fazer embrulhos, e algumas, como as de bardana, eram cozidas como legumes. Madeira seca, galhos, certos tipos de gramíneas e esterco de animais no pasto também eram recolhidos. Embora mais tarde, durante o verão, a colheita fosse mais variada, a comida era farta, sabendo-se onde procurá-la.

Depois de se porem novamente a caminho, Iza levantou os olhos ao pressentir que um dos velhos, um homem já passado dos 30, vinha em sua direção. Ele não trazia consigo nem carga nem armas. Apenas o bordão que o ajudava a caminhar. Sua perna direita era aleijada e menor do que a outra, embora desse jeito de locomover-se com incrível rapidez.

Como o ombro e a parte superior do braço direito houvessem nascido atrofiados, amputaram-lhe o braço deficiente, logo abaixo do cotovelo. Tendo apenas um lado plenamente desenvolvido, sua aparência era de extrema assimetria, e a cabeça, por sua vez, era maior do que a dos outros membros do clã. Trazia tais defeitos desde o nascimento e que o aleijaram para a vida.

Era germano de Iza e Brun e nascido primeiro que os outros. Teria sido o chefe, se não fossem as deficiências físicas. Usava uma vestimenta cortada ao estilo masculino e levava nas costas, tal como os outros, uma manta para ser usada externamente e que lhe servia também de pele de dormir. No entanto, diferentemente, ele tinha diversas sacolas penduradas à cinta e uma capa, parecida com o modelo usado pelas mulheres, só que com um bolso nas costas onde levava um objeto grande e abaulado.

O lado esquerdo do rosto era marcado por uma horrenda cicatriz e pela falta de olho também neste lado. Mas seu olho direito era perfeito, brilhava com inteligência e alguma coisa mais não definida. Apesar de todo este aleijão ele se movia com uma graça que lhe advinha de sua enorme sabedoria e a segurança de sua posição dentro do clã. Ele era o Mog-ur, o feiticeiro mais poderoso, mais temido e o homem mais venerado e reverenciado de todos os clãs. Estava convencido de que seu corpo disforme lhe fora dado para que servisse de intermediário com o mundo dos espíritos e não para ser o chefe do clã. Sob muitos aspectos, tinha mais poder do que qualquer chefe, e disso ele sabia. Somente os parentes próximos lembravam de seu nome de batismo e o chamavam por este.

- Creb - disse Iza cumprimentando-o, cheia de reconhecimento pela presença dele e fazendo um movimento que expressava o prazer de tê-lo em sua Companhia.

- Iza? - perguntou ele, gesticulando na direção da criança que ela carregava.

A mulher abriu sua capa e ele olhou de perto o rostinho rosado lá dentro. Os olhos se dirigiram para a perna inchada e supurando. Depois, voltaram-se novamente para os da curandeira, lendo neles o que ela queria dizer. Nisso, a criança soltou um gemido, e a expressão do rosto dele se amaciou. Creb meneou a cabeça em sinal de aprovação

- Ótimo - disse ele, numa voz áspera e gutural. Em seguida, fez um sinal significando: bastante gente morreu.

Creb ficou ao lado de Iza. Ele não tinha de obedecer às regras subentendidas que definiam a posição e o status de cada um. Podia

caminhar junto de quem quisesse, inclusive do chefe, se assim o entendesse de fazer. O Mog-ur estava acima e fora da hierarquia rígida que governava o clã.

Quando Brun parou para estudar a paisagem, ele já havia posto sua gente bem longe do faro dos leões da caverna. Do outro lado do rio, tanto quanto dava para ver, a pradaria estendia-se por um terreno suavemente ondulado com uma planície verdejante ao longe.

Nada obstruía a visão da paisagem. As poucas árvores existentes eram atarracadas, transfiguradas pelas ventanias constantes em caricaturas daquilo que poderiam ter sido. Só serviam para pôr em perspectiva o campo aberto e acentuar o espaço vazio.

Próximo à linha do horizonte, nuvens de poeira se levantavam do chão com os cascos pesados de uma manada em movimento, e Brun lamentou Não poder, naquele instante, fazer sinal a seus caçadores e conduzi-los à caça dos animais. Atrás dele, apenas os topos de altos pinheiros podiam ser vistos surgindo para além da folhagem amarelecida de árvores menores, formando uma floresta eclipsada pela vastidão das estepes.

Do seu lado do rio, a pradaria terminava abruptamente, cortada a alguma distância por um penhasco que fazia uma virada afastando-se do rio. A face rochosa do íngreme paredão fundia-se com os contrafortes de majestosas montanhas encimadas de neve, avultando perto dali. Os picos gelados com refulgências rosa, magenta, violeta e vermelha refletiam o pôr-do-sol como gigantescas jóias faiscantes que coroavam os cumes soberanos. Até mesmo o chefe, homem essencialmente prático, estava comovido com o deslumbrante espetáculo.

Desviou-se do rio e conduziu o clã na direção do penhasco, onde haveria mais probabilidades da existência de cavernas. Precisavam de abrigo, porém, mais importante ainda, os espíritos protetores de seus totens também o necessitavam, se é que eles já não os haviam abandonado. Os espíritos mostravam-se zangados, o terremoto estava aí para prová-lo, ou pelo menos estavam com bastante raiva para provocar a morte de seis pessoas do clã e destruir o lar de toda sua gente. Se um lugar permanente para os

espíritos dos totem não fosse encontrado, eles deixariam o clã à mercê dos outros, dos malignos, que causavam doenças e espantavam as caças. Ninguém sabia por que os espíritos estavam zangados, nem mesmo o Mog-ur, apesar de que ele conduzisse os rituais noturnos para apaziguar-lhes a cólera e tentasse diminuir as aflições do clã. Estavam todos preocupados, mas ninguém tanto quanto Brun.

O clã achava-se sob sua responsabilidade e isto o deixava enormemente tenso. Espíritos, essas forças invisíveis de desejos insondáveis, eram algo que o desconcertava. Sentia-se mais à vontade no mundo físico, com suas caçadas e chefiando sua gente. Nenhuma das cavernas que até então havia examinado servira. A todas faltava alguma coisa que lhes era essencial e o chefe já começava a desesperar-se. Aqueles eram dias preciosos, fazendo tempo quente, quando deveriam estar armazenando comida para o próximo Inverno e eles os perdiam nessa busca de casa.

Logo se veria forçado a abrigar o clã em alguma caverna pouco satisfatória e a deixar a procura para o ano seguinte. Coisa bastante incômoda, física e emocionalmente, mas Brun esperava com toda sua força que isto não acontecesse.

Caminhavam ao longo da encosta do rochedo, enquanto as sombras do dia iam se aprofundando. Quando atingiram o ponto onde se achava uma estreita cachoeira cascadeando pelas vertentes do enorme paredão, com seus vapores formando nos raios de sol um belo e tremeluzente arco-íris, Brun ordenou uma parada. Cansadas, as mulheres puseram no chão seus fardos e foram catar lenha, espalhando-se ao redor do lago e do pequeno escoadouro das águas.

Iza estendeu sua capa de pele e deitou a menina nela; depois, correu para ajudar as outras mulheres. Estava preocupada com a garota. A respiração se fazia com dificuldade e Não havia ainda despertado. Até os gemidos eram cada vez menos frequentes. Iza vinha pensando em como poderia ajudá-la e refletindo sobre as ervas secas que trazia em sua sacola de pele de lontra. Enquanto catava pedaços de madeira, examinava as plantas das redondezas.

Para ela, conhecidas ou Não, tudo na natureza tinha algum valor nutritivo ou medicinal e pouca coisa ela Não podia identificar.

Ao dar com os olhos nos pés de íris, já quase em flores, que cresciam na orla alagadiça da saída das águas, foi imediatamente cavando as raízes dessa planta. Elas resolveriam uma parte do problema. As folhas dentadas de lúpulo que se enrolavam em uma das árvores deram-lhe outra idéia, mas achou melhor usar o pó de lúpulo seco que trouxera consigo, pois o frutos ali ainda não estavam amadurecidos. Retirou a casca mole e acinzentada de um amieiro que crescia perto do lago, sentindo-lhe o perfume forte. Em seguida, meteu-a numa das dobras da roupa, fazendo um sinal de aprovação com a cabeça. Mas antes de voltar, ainda colheu um punhado de folhas novas de trevo.

Depois de terem arrumado madeira e a fogueira estar armada, Grod, o homem que caminhava na frente ao lado de Brun, tirou de dentro de um chumaço de musgo um pedaço de carvão aceso, trazido no fundo do chifre de um auroque. Eles sabiam produzir fogo, mas, viajando por terras desconhecidas, era mais fácil pegar a brasa viva e acender a fogueira com esta, do que todas as noites ter de fazer fogo, muitas vezes com materiais desapropriados.

Durante a viagem, a tarefa de manter aquela brasa sempre acesa constituía-se na grande preocupação de Grod. O carvão incandescente que acendeu a fogueira da noite anterior fora aceso pelo carvão da noite precedente àquela que, por sua vez, teve sua primeira origem na fogueira armada com destroços do terremoto na entrada da velha caverna. Para que uma nova caverna fosse aceita como residência, os rituais exigiam que se acendesse uma fogueira com o carvão que remontasse em sua história ao último lugar onde haviam morado.

O encargo da manutenção do fogo era atribuição exclusiva de um homem ocupando alta posição social. Caso a brasa se apagasse, isto era sinal certo de que os espíritos protetores os haviam abandonado, e Grod, de seu posto de segundo em comando, seria rebaixado para o posto mais inferior na hierarquia masculina. Uma humilhação por que não desejava passar. Sua tarefa, por tanto, não

só era uma grande honra, mas também uma pesada responsabilidade.

Enquanto Grod, com toda atenção e cuidado, colocava o pedaço de carvão incandescente dentro de um ninho de acendalhas e soprava as chamas, as mulheres se voltaram para outros afazeres. Com uma técnica de muitas gerações, rapidamente tiraram as peles das caças que, momentos depois, estavam atravessadas por varetas verdes e pontiagudas, apoiadas sobre forquilhas e assando num fogo de labaredas. O calor alto tostava a carne, estancando seu suco, de modo que, quando o fogo se apagasse, pouca coisa de valor nutritivo tinha sido perdido nas chamas.

Com as mesmas facas afiadas de pedra que usavam para tirar a pele e cortar a carne, elas raspavam e partiam as raízes e os tubérculos. Cestas de tecidos apertadíssimos, à prova d'água, e bacias de madeira eram enchidas de água e pedras aquecidas nas fogueiras. As pedras iam esfriando e sendo levadas de volta ao fogo de onde saíam outras, até que a água fervesse e cozinhasse os legumes. Insetos carnudos iam sendo torrados num ponto crocante, e pequenos lagartos postos por inteiro para assar, com suas carapaças aos poucos ficando enegrecidas e quebradiças, deixavam entrever saborosos nacos de carne bem churrasqueados.

Ao mesmo tempo em que ajudava a fazer a comida, Iza trabalhava seus preparados. Numa bacia de madeira - que ela mesma, tempos atrás, talhara de uma tora - botou água para ferver. Lavou as raízes de íris, socou-as até ficarem como pasta e as jogou dentro da água fervendo. Numa outra bacia - uma cuia feita da imensa mandíbula de um veado - triturou as folhas de trevo, socou na palma da mão uma quantidade de pó de lúpulo, rasgou em tiras as cascas de amieiro e despejou sobre tudo isto água fervendo. Em seguida, esmigalhou entre duas pedras uma quantidade de carne-seca, guardada para alguma emergência, e misturou numa terceira bacia essa porção de proteína concentrada com a água do cozimento dos legumes.

A mulher que durante a viagem viera atrás de Iza de vez em quando lançava um olhar para seu lado, na esperança de Iza fazer algum comentário. Todos, inclusive os homens, estavam morrendo

de curiosidade, embora fizessem por não demonstrá-lo. Haviam visto quando Iza pegara a criança e, agora, depois de terem acampado, estavam sempre inventando alguma razão para ficar por perto dela. Dando tratos à bola, punham-se a especular sobre como pôde acontecer de aquela criança estar ali. O que teria sido feito do resto da gente dela? E o mais estranho: o que teria dado em Brun para permitir a Iza trazer uma menina que visivelmente pertencia aos Outros.

Ebra, melhor do que ninguém, sabia das dificuldades de Brun. Era ela quem vinha massagear-lhe o pescoço e os ombros para aliviar sua tensão e era ela quem aguentava suas explosões de mau humor, aliás raras, naquele homem que era o seu companheiro. Brun chegava a ser estóico em seu autocontrole, e ela sabia que depois dessas explosões viria o arrependimento, embora jamais fosse admiti-lo. Mas até mesmo Ebra gostaria de saber por que teria ele permitido que a criança viesse, sobretudo num momento em que qualquer desvio do comportamento normal poderia provocar maior ira dos espíritos.

Por mais curiosa que estivesse, Ebra não fez perguntas a Iza e as outras mulheres não tinham status para tanto. Além disso, uma curandeira não podia ser perturbada num momento em que visivelmente trabalhava no preparo de suas mágicas, acrescentando o fato de que Iza parecia não estar muito para tagarelices. Todo o seu pensamento concentrava-se na criança por quem Creb também se mostrava interessado. Mas ele era diferente, sua presença era bem recebida por Iza.

Ela, em muda gratidão observava o feiticeiro mudar a posição da menina ainda desacordada. Por um instante, pôs-se a olhar pensativo para a criança e, em seguida, apoiou seu cajado contra uma pedra e fez uma série de gestos ondulantes sobre ela. Invocava os bons espíritos para que a ajudassem em sua recuperação. Doenças e acidentes eram manifestações misteriosas da guerra dos espíritos que faziam do corpo das pessoas seu campo de batalha.

A mágica de Iza vinha dos espíritos protetores que agiam por seu intermédio, mas nenhuma cura seria completa sem a intervenção do homem santo. A curandeira era meramente uma

agente dos espíritos, já o feiticeiro entrava em relação direta com eles.

Iza ignorava por que sentia tanta preocupação por uma criança que, afinal, era completamente diferente da gente dos clã mas o fato é que desejava que a menina vivesse.

Depois de o Mog-ur ter terminado os seus passes, Iza tomou a menina nos braços e a levou até o lago ao pé da cachoeira. Aí, mergulhou-a, deixando só a cabeça de fora, retirando a sujeira e a lama empastada em seu corpinho franzino. A água fria trouxe-a de volta, mas ainda delirante. Ela se mexia, contorcendo-se, gritando e murmurando sons que nunca Iza ouvira antes. Enquanto voltavam para o acampamento, segurou-a apertada contra o corpo e foi sussurrando-lhe palavras doces, mais parecidas com carinhosos rosnados.

Delicadamente, mas com o traquejo de sua longa experiência, Iza lavou as feridas com um pedaço de rabo de coelho que ia mergulhando no líquido, feito à base das raízes de íris. Em seguida, retirou a polpa dessas raízes e as colocou diretamente sobre o machucado, que cobriu com pele de coelho. Por fim, enrolou a perna com tiras macias de pele de veado para que o curativo ficasse firme sobre a ferida. Feito isto, retirou da bacia de osso, com um garfo de pau, as folhas de trevo esmigalhadas, as tiras de amieiro e as pedras quentes, pondo o líquido para esfriar ao lado da bacia de caldo quente.

Creb fez um gesto interrogativo na direção das bacias. Não estava Inquirindo propriamente, nem mesmo o Mog-ur faria perguntas diretas a uma curandeira sobre suas mágicas. O gesto era apenas de interesse e, como se tratava do seu germano, Iza não se importava. Ele, mais do que ninguém, admirava-lhe os conhecimentos médicos. Algumas ervas que ela usava também eram em pregadas por ele, só que para fins diferentes. Afora as reuniões dos clã quando encontrava outras curandeiras, essas conversas com Creb era tudo que ela mantinha em matéria de troca de idéias com um colega.

- Isso destrói os espíritos ruins que provocam as infecções - gesticulou Iza, apontando para a solução anti-séptica de íris. - O

cataplasma feito com as raízes expulsa o veneno e ajuda a ferida a sarar mais depressa. - Pegou a bacia de osso e mergulhou o dedo dentro para testar a temperatura. - O trevo estimula e fortalece o coração na luta contra os maus espíritos.

As poucas palavras que ela usava em sua fala eram mais para enfatizar o que as mãos diziam. A gente dos clãs não conseguia articular os sons suficientemente para formar uma linguagem verbal plenamente desenvolvida. Comunicavam-se mais através de gestos e movimentos, mas a linguagem por meio de sinais era perfeitamente compreensiva e rica em nuances.

- Mas trevo é comida normal. Foi o que comemos ontem - gesticulou Creb.

- Sim - disse Iza com a cabeça. - E vamos comer essa noite outra vez. A mágica está no modo de preparar. Um bom punhado de trevo fervido com pouca água extrai tudo que é preciso da planta, jogando-se as folhas depois fora.

Creb acenou com a cabeça em sinal de que estava compreendendo, e ela prosseguiu:

- A casca do amieiro serve para purificar e limpar o sangue. Enxotam os espíritos que envenenam o corpo.

- Você usou uma coisa tirada da sacola de remédios.

- Pó de lúpulo. Feito com pinhas bem maduras e cheias de fibras. Serve para acalmar e fazer a menina dormir em paz. Enquanto os espíritos estiverem lutando, ela precisa descansar.

Creb tornou a acenar com a cabeça, dizendo que compreendia. Estava familiarizado com as propriedades soporíferas do lúpulo que, usado diferentemente, podia provocar agradáveis estados de euforia. Embora estivesse sempre interessado nos tratamentos de Iza, raramente lhe prestava informações sobre seus próprios métodos de preparar poções. Tal conhecimento era restrito aos mogurs e acólitos, não era para mulheres, ainda que se tratassem de curandeiras. Iza entendia mais de plantas do que Creb, e ele tinha medo de que ela acabasse por deduzir certas coisas. Seria bastante inconveniente, se começasse a fazer conjeturas sobre suas mágicas.

- E essa outra bacia? - perguntou ele.

- Isso é apenas um caldo. A pobrezinha está morrendo de fome. O que você acha que aconteceu com ela? De onde será que veio? E sua gente onde estará? Há dias que ela deve estar rodando por aí sozinha.

- Isso só os espíritos podem saber - falou o Mog-ur. - Você tem certeza de que sua mágica vai funcionar nela? Olhe que a menina é diferente de nossa gente.

- Deve funcionar. Os Outros são humanos também. Você se lembra da mãe contar a história daquele homem que quebrou um braço e que a mãe dela ajudou a tratar? A mágica do clã foi boa para ele. Só que os remédios para dormir fizeram com que ele levasse muito mais tempo para acordar do que se esperava.

- Foi pena você Não ter conhecido a mãe de nossa mãe. Era uma curandeira de primeira. As pessoas dos outros clãs vinham só para vê-la. Uma tristeza que tenha tão cedo deixado o mundo dos vivos, logo depois de você ter nascido. Foi ela mesma quem me falou desse homem e também o Mog-ur antes de mim. Ele ainda ficou por uns tempos com a gente, depois que sarou. Chegou até a caçar com o clã. Devia ser bom caçador, pois deixaram que participasse de uma cerimônia de caça. É fato que são humanos, mas são muito diferentes de nós. - Interrompeu o que dizia de repente. Iza era extremamente astuta, e ele não podia permitir-se falar muito; do contrário, ela poderia começar a tirar conclusões por conta própria a respeito dos rituais secretos dos homens.

Iza testou outra vez a temperatura dos líquidos nas bacias. Aninhou, então, a cabeça da menina no colo e pôs-se a dar-lhe pequeninos goles do conteúdo da cunja de osso. Foi mais fácil de dar o caldo. Enquanto murmurava coisas incoerentes, a menina tentava cuspir o remédio de gosto amargo. Mas mesmo no delírio, seu corpo faminto implorava por comida. Iza continuou a segurá-la até que a menina caiu num sono tranquilo e, em seguida, verificou-lhe as batidas do coração e o ritmo da respiração. Fizera o que podia. Se a menina não tivesse ido muito longe, teria alguma chance. Daqui por diante, tudo dependia dos espíritos e das forças internas que atuavam nela.

Iza viu quando Brun se encaminhava em sua direção, olhando-a com azedume. Ela se levantou rapidamente e correu para ajudar a servir a comida.

Depois daquelas primeiras considerações, ele se esquecera da garota, mas agora voltara a pensar nela. Embora o usual fosse desviar os olhos para Não ver quando as outras pessoas conversavam, ele Não pôde impedir-se de observar o que todo mundo no clã comentava. As especulações sobre os motivos que o levaram a permitir a Iza trazer a criança acabaram por fazer com que também ele começasse a pensar. Passou a temer que a ira dos espíritos fosse aumentar ainda mais pelo fato de haver um estranho no meio deles. Estava-se dirigindo para interceptar Iza no seu caminho, mas Creb oviu e barrou-lhe o intento.

- O que há de errado, Brun? Você parece preocupado.

- Iza tem de abandonar esta criança aqui, Mog-ur. Ela não faz parte do clã. Os espíritos não vão gostar se ela ficar com a gente, enquanto estamos procurando por uma caverna.

Nunca deveria ter permitido a Iza fazer isso.

- Não, Brun - contrapôs o Mog-ur. - Os espíritos protetores não ficarão zangados com a bondade. Você conhece Iza, ela não consegue ver nada sofrendo sem tentar ajudar.

Acha que os espíritos não conhecem também a garota? Se Não quisessem que Iza ajudasse, a menina não seria posta no caminho dela. Deve haver uma razão para isso. De qualquer forma, Brun, a menina talvez morra. Se Ursus quiser chamar a menina para o mundo dos espíritos, deixe que ele mesmo resolva. Não se intrometa agora. Com toda a certeza, ela teria morrido se não fosse trazida conosco.

Brun Não estava gostando da coisa. Havia algo na menina que o incomodava. Mas, em deferência ao maior conhecimento do Mog-ur em assuntos do outro mundo, ele condescendeu.

Depois da refeição, Creb se sentou em silêncio contemplativo, esperando que todos acabassem de comer para que ele começasse a cerimônia noturna. Enquanto isso, Iza arranjava-lhe o lugar de dormir e fazia os preparativos para a manhã do dia seguinte.

Enquanto não achassem a nova caverna, o Mog-ur proibira os casais que dormiam juntos de terem relações sexuais, de modo que os homens pudessem concentrar suas energias nos rituais e que cada um sentisse estar dando sua contribuição pessoal para levá-los rápido à nova moradia.

Isso não tinha importância para Iza. Seu companheiro foi um dos que haviam morrido no desabamento da antiga caverna. No enterro, ela o pranteara devidamente e mostrara seu pesar, e seria de mau agouro comportar-se diferentemente. Mas ela Não se sentia infeliz por ter ele partido. Não era segredo para ninguém que seu companheiro tinha sido um homem cruel e despótico. Nunca existira afeição entre os dois. Não tinha idéia do que Brun iria decidir sobre ela, agora que estava sozinha. Alguém teria de mantê-la, Não só ela mas também a criança que carregava no ventre. A única coisa que esperava é que pudesse continuar cozinhando para Creb.

Desde os tempos dela com o seu companheiro ainda vivo que o Mog-ur compartilhava com eles da mesma fogueira. Iza percebia que ele apreciava tanto seu companheiro quanto ela própria, embora Creb jamais houvesse se metido com seus problemas íntimos. Sentia-se honrada em cozinhar para o Mog-ur e, aos poucos, foi-se afeiçoando a ele tal como algumas mulheres vão criando laços de amizade com seus companheiros.

De vez em quando, tinha pena de Creb. Se ele quisesse poderia ter arrumado uma companheira. Ela sabia, porém, que mesmo com toda sua magia e sua elevada posição social, nenhuma mulher olharia sem repugnância para seu corpo disforme e sua cara marcada por hedionda cicatriz. E ela não tinha dúvida de que ele também sabia disso.

Jamais assumiu uma companheira, mantendo-se nesse assunto sempre reservado. O que só fazia engrandecê-lo. Todos, inclusive os homens, exceto talvez Brun, temiam o Mog-ur e o olhavam com reverência. Todos, menos Iza, que desde que nascera conhecia a delicadeza de seus sentimentos. Um lado da natureza do Mog-ur que ele raramente deixava transparecer.

E era justamente esse lado que naquele instante ocupava a mente do Mog-ur. Ao invés de estar meditando na cerimônia, tinha o

pensamento voltado para a menina. Sempre sentira curiosidade sobre a gente dela, mas as pessoas do clã evitavam tanto quanto podiam os Outros. Esta era a primeira vez que ele via uma criança de sua espécie. Supunha que o terremoto tivesse qualquer coisa a ver com o fato de ela estar sozinha, embora fosse surpresa para ele que houvesse gente dela tão perto. Normalmente, viviam bem mais ao norte.

Creb percebeu que alguns homens já estavam começando a sair e se apoiou no seu cajado para levantar-se e ir supervisionar os preparativos. O ritual, além de ser um dever, era uma prerrogativa masculina. Só muito raramente se permitiam às mulheres participarem da vida religiosa do clã e, da cerimônia daquela noite, estavam inteiramente excluídas. Não poderia haver maior desastre do que uma mulher assistir aos secretos ritos dos homens. Al go que não só traria um incomensurável azar, como também espantaria os espíritos protetores. O clã inteiro morreria, se tal acontecesse.

Mas o perigo disso era praticamente nenhum. Jamais passaria pela cabeça de qualquer mulher aventurar-se a chegar por perto de um ritual daquela natureza. Na verdade, aqueles eram momentos por que ansiavam, quando, enfim, iam poder relaxar, estar longe das constantes exigências dos homens e não precisar comportar-se com o devido decoro e respeito. Era duro para as mulheres terem os homens rondando à sua volta o tempo todo, especialmente se estavam nervosos e descarregando seu mau humor sobre as companheiras.

Em geral, eles passavam boa parte do tempo fora, caçando. As mulheres, por tanto, viam-se igualmente ansiosas para encontrar de uma vez a nova moradia, mas não havia muito o que pudessem fazer. Brun era quem escolhia o rumo a tomar. Ele não lhes pedia conselhos e nem elas estavam autorizadas a da-los.

As mulheres confiavam nos homens para guiá-las, assumir responsabilidades por elas e tomar todas as decisões importantes. O clã mudara tão pouco em quase cem mil anos que, agora, estava incapaz de absorver qualquer coisa nova e os avanços feitos em outras eras por exigências da adaptação haviam sido incorporados à estrutura genética. Tanto o homem como a mulher aceitavam seus

papéis sem questionar, irremediavelmente impossibilitados de assumir qualquer outro. Para eles, querer mudar o tipo de relações que os regia era o mesmo que tentar fazer crescer um braço ou modificar a forma da cabeça.

Depois de os homens terem saído, as mulheres se reuniram em torno de Ebra e esperaram que Iza fosse juntar-se a elas para, finalmente, satisfazer-lhes a curiosidade. Mas Iza estava exausta e não queria afastar-se da menina. Logo que Creb saiu, ela foi deitar-se ao lado da criança, embrulhando as duas com a mesma pele. Por um instante, pôs-se a observar a garota dormindo à luz meio indistinta do fogo já quase apagado.

Que coisinha curiosa, pensou. De certo modo, bem feia. Seu rosto fica tão chato com esta testa para fora e esse toquinho de nariz. E que osso esquisito debaixo da boca, parece mais um caroço. Quantos anos terá? É mais criança do que eu havia imaginado. Ela é bastante alta, fica tudo muito enganador. Tão magrinha que posso sentir todos os ossos dela. Pobre menina. Gostaria de saber há quanto tempo está sem comida e andando sozinha por aí. Iza passou o braço em torno da garota, querendo protegê-la. A mulher que, em caso de necessidade até de animais cuidava, não poderia agir diferente com aquele ser tão miserável, que era só pele e osso. Todo o seu generoso coração estava entregue àquela pobre criança indefesa.

Enquanto os homens chegavam, o Mog-ur conservou-se afastado, esperando que todos se acomodassem, para então ir postar-se em seu lugar, atrás de uma pedra arrumada dentro de um círculo, por sua vez rodeado por um círculo maior de tochas acesas. Estavam em pleno terreno das estepes, longe do acampamento. O feiticeiro esperou que todos estivessem sentados e foi para dentro do círculo carregando um pequeno archote de madeira aromática.

Colocou a tocha no chão num espaço vazio, próximo de onde se achava seu cajado.

Ficou ereto sobre sua perna sadia, no meio do círculo e olhou, por cima das cabeças dos homens sentados, a distância, na escuridão, com um olhar vago e sonhador, como se visse com seu olho único um mundo para o qual os outros eram cegos. Envolto

pela pesada capa de pele de urso que não cobria as saliências desirmanadas de seu vulto assimétrico, era uma figura imponente, se bem que fazendo uma presença estranhamente irreal. Um homem, apesar da forma desvirtuada, não propriamente um homem ou qualquer coisa semelhante, mas algo de diferente. A própria deformidade imbuía-o de uma qualidade sobrenatural que nunca se mostrava tão intimidadora como quando ele estava à frente dos rituais religiosos.

Subitamente, num passe de mágica, mostrou uma caveira. Segurou-a com seu musculoso braço esquerdo por cima da cabeça e, vagarosamente, fez a volta ao círculo para que todos vissem aquela inconfundível forma arredondada. Os homens olhavam fixamente para a caveira, brilhando sua brancura à luz trêmula das tochas. Em seguida, Creb colocou-a no chão, em frente a seu archote e se sentou atrás deste, fechando o espaço vazio do círculo.

Um rapaz, sentado a seu lado, levantou-se e apanhou uma bacia de madeira. Tinha pouco mais de 11 anos e seu ritual de passagem havia ocorrido algum tempo antes de acontecer o terremoto. Goov fora escolhido para acólito, ainda bem menino, e frequentemente auxiliava o Mog-ur nos preparativos. Entretanto, só se permitiam aos acólitos assistirem a uma cerimônia de verdade depois de já homens feitos. A primeira vez que Goov passou a exercer sua função foi quando começaram a buscar moradia e ele ainda se sentia nervoso executando suas tarefas.

Para Goov, a descoberta de uma nova caverna representava algo de muito especial. Era sua oportunidade de aprender do próprio Mog-ur os detalhes de uma cerimônia raramente executada e de difícil descrição: os ritos que faziam de uma caverna aceitável para moradia. Em criança, sentia medo do feiticeiro, apesar de entender a honra de ser escolhido para acólito. Mas aos poucos começara a compreender que aquele homem aleijado não só era o mais competente feiticeiro de todos os clãs, mas que também tinha um coração generoso, sob aquela máscara de austeridade. Goov respeitava seu mentor.

O acólito iniciara a preparação da beberagem que se achava na bacia, tão logo Brun dera a ordem de fazer alto. A primeira coisa que

fez foi apanhar duas pedras para triturar pés de datura, que esmigalhou com as folhas, talos e flores. A parte mais difícil era a de dosar a quantidade certa de cada uma dessas coisas. Depois, despejou água fervendo, deixando que as plantas ficassem em infusão até a hora da cerimônia.

Alguns instantes antes de o Mog-ur entrar no círculo, Goov despejou o chá de datura numa bacia - de uso exclusivo das cerimônias religiosas - que apertava entre as mãos, aguardando, ansioso, o sinal de aprovação do todo-poderoso feiticeiro. O Mog.ur tomou um gole, acenando em aprovação, e depois bebeu mais, para alívio de Goov, que soltou um silencioso suspiro. Em seguida, o rapaz passou a bacia diante de cada um, obedecendo à hierarquia do clã. O primeiro foi Brun. Ele segurava a bacia e controlava a quantidade que iam bebendo até que chegou sua vez, o último a tomar.

O Mog-ur esperou que seu acólito se sentasse para fazer um sinal. Imediatamente, todos passaram a bater ritmicamente no chão com a parte grossa das lanças. As pancadas surdas e monótonas foram crescendo em intensidade até que nenhum outro som era mais ouvido.

Inteira e tomados pelas batidas sempre iguais, levantaram-se e se puseram a movimentar o corpo dentro do ritmo. O Mog-ur tinha os olhos presos na caveira, e a força desse olhar acabou atraindo a atenção dos homens para a sagrada relíquia como se por vontade dele. O senso de oportunidade era importante e, nisso, ele era um mestre.

Mantinha exatamente o tempo necessário para conservar a expectativa do ponto culminante. Um pouquinho mais e o clima de tensão estaria perdido. Olhou, então, para seu germano o homem que tinha a responsabilidade de conduzir o clã. Brum veio agachar-se diante da caveira.

- O Espírito do Bisão, Totem de Brun - começou o Mog-ur.

De fato, pronunciou apenas Brun, o resto foi dito por meio de gestos, sem verbalizar qualquer outra palavra. Tudo que se seguiu foi uma série de movimentos convencionais de uma antiga linguagem Não articulada, reservada à comunicação com os espíritos

e com os outros clãs, cujos poucos sons guturais e gesticulações nem sempre conferiam com a maneira de expressar deles. Era uma prece silenciosa em que o Mog-ur implorava ao Espírito do Bisão para que os perdoasse de qualquer falta cometida que o tivesse ofendido e pediu por fim, que os ajudasse.

“Este homem sempre honrou os espíritos, Grande Bisão. Sempre zelou pelas tradições do clã. Este homem é um chefe forte, sábio, generoso, bom caçador e o sustento de sua família. Um homem controlado, digno do poderoso Bisão. Não o abandone. Conduza-o à nova casa, um lugar onde possa estar feliz. O clã pede pela ajuda do totem deste homem - disse, como conclusão. Em seguida, após a retirada de Brun, lançou um olhar na direção do segundo em comando, e Grod veio agachar-se diante da caveira do urso da caverna.

A nenhuma mulher era permitido assistir à cerimônia, porque ficariam elas sabendo que aqueles homens que se portavam sempre com uma força verdadeiramente estóica pediam e imploravam a forças invisíveis, tal como elas o faziam junto a eles.

- O Espírito do Urso Marrom, Totem de Grod - recomeçou o Mog-ur, prosseguindo com uma prece em termos semelhantes, mas endereçada ao totem de Grod. E assim foi feito com todos os outros. Depois de terminar, voltou seus olhos novamente para a caveira, enquanto as batidas surdas se faziam ouvir, numa outra expectativa de clímax.

Todos já sabiam o que estava para vir. A cerimônia jamais mudava, eraa mesma, noite após noite. Contudo, a expectativa nunca deixava de renovar-se. Esperavam pela invocação do Espírito do Ursus, o Grande Urso da Caverna e totem do próprio Mog-ur, o mais venerado de todos os espíritos.

Ursus não era somente o totem do Mog-ur. Ele pertencia a todos e era mais do que um totem. Havia sido Ursus quem fizera deles uma raça, a raça dos clãs. Ele era o espírito supremo e supremo protetor. A reverência ao Urso da Caverna era o fator comum que os unia, a força que fazia de todos os clã vivendo separadamente e com autonomia, um único povo. O povo dos Clãs do Urso da Caverna.

Quando o feiticeiro achou que já era tempo, deu o sinal. Os homens pararam de bater e foram sentar-se, mas o cadenciado das batidas estava nas suas correntes sanguíneas e continuava soando em suas cabeças.

O Mog-ur pegou, então, numa pequena sacola e tirou de dentro uma pitada de um pó (esporos secos de licopódio). Mantendo a mão por cima do pequeno archote, ele se inclinou para a frente e soprou a chama ao mesmo tempo em que despejava o pó sobre o fogo. Os esporos se incendiaram produzindo dramaticamente em torno da caveira uma cascata de fagulhas de magnésio, num violento contraste com a escuridão da noite.

A caveira brilhava como se animada de vida e, na verdade, estava, pelo menos para aqueles que tinham a percepção alterada pelos efeitos da bebida. Numa árvore perto, uma coruja soltou seu grito - como se por encomenda - elevando o esplendor fantasmagórico com o som de sua voz agourenta.

- Grande Ursus, Protetor dos Clãs! - falou o feiticeiro por meio dos gestos convencionais. - Mostre a este clã uma nova casa, tal como outrora o Urso da Caverna mostrou aos clãs como viver em cavernas e a se vestir com peles. Proteja seu clã contra a Montanha de Gelo e contra o Espírito da Neve Granular que o gerou e também contra o Espírito das Nevascas, o seu companheiro. Este clã pede ao Grande Urso da Caverna para não deixai que nenhum mal lhe suceda, enquanto estiver sem lar. Reverendíssimo espírito de todos os espíritos, os clãs aquele que é o seu povo implora ao espírito do todo-poderoso Ursus para se juntar a ele, enquanto faz a viagem de volta ao princípio.

Neste ponto, o Mog-ur passava a usar a força de seu formidável cérebro.

Todos aqueles povos primitivos sem lóbulos frontais e de fala limitada devido ao atrofiamento dos órgãos vocais tinham cérebros avantajados, maior do que de qualquer outra raça da mesma época ou de futuras gerações ainda por nascer. Representavam o ponto culminante de um ramo da espécie humana cujo cérebro desenvolveu-se na parte traseira da cabeça, nas regiões occipital e

parietal, aquelas que controlam o órgão da visão e que respondem também pela sensação do corpo e pela memória.

E era justamente a memória que fazia deles seres extraordinários. Neles, o conhecimento Inconsciente do comportamento ancestral, dito instinto, era extremamente desenvolvido.

Armazenada na zona anterior de seus imensos cérebros, não estava apenas a memória particular do Indivíduo, ali se achava também as memórias pertencentes a seus antepassados e, em certas circunstâncias, eles podiam ainda dar um passo mais além. Podiam recordar-se de sua memória racial e de sua própria evolução. E quando voltavam muito atrás em suas recordações podiam fundir esta memória, a mesma em todos eles, juntando suas mentes telepaticamente.

Mas só no tremendo cérebro da monstruosa figura do aleijado esta faculdade se achava plenamente desenvolvida. Creb, o bondoso e tímido Creb, cuja enorme cabeça fora a causa de seu aleijão, tinha, como Mog-ur, aprendido a usar o poder desse cérebro para fundir as entidades separadas, que estavam sentadas ao redor dele, numa única mente e dirigi-la.

Podia levá-las a qualquer ponto de sua herança racial e transformá-las em mentes pertencentes a seus antepassados. Ele era O Mog-ur. Seu poder era real, Não se restringia a meros truques de luzes e ingestão de alucinógenos. Isso servia apenas para criar o clima e fazê-los aceitar sua direção.

Naquela noite escura e sossegada, somente iluminada por velhas estrelas, alguns homens reviveram cenas impossíveis de ser descritas. Eles não viram apenas. Eram parte delas. Viram com os olhos, sentiram na pele, lembrando-se dos insondáveis primórdios da existência. Nas profundezas de suas mentes, eles encontraram os cérebros ainda não desenvolvidos de criaturas marinhas, flutuando em quentes ambientes calmos.

Sobreviveram à dor do primeiro ar respirado e se tornaram em anfíbios, partilhando dos dois elementos.

Porque adoravam o urso da caverna, o Mog-ur evocou neles a lembrança do mamífero primordial - o ancestral que deu origem a

duas espécies e a uma legião de outras - e fundiu a unidade de suas mentes com a origem do urso. E assim, através das idades, foram sucessivamente vivenciando todos os seus antepassados e sentindo aqueles que divergiram para tomar outras formas. Isso os tornava conscientes de sua relação com toda espécie de vida na terra e o respeito que nutriam até pelos animais que matavam e comiam formava a base do parentesco espiritual com seus totem.

Suas mentes se processavam como uma só, apenas quando se aproximaram do presente se separaram nas de seus pais e, por fim, na de cada um deles. Pareceu ter durado uma eternidade e, num sentido, durou, mas de fato foi pouco o tempo transcorrido. Quando voltavam a si, levantavam-se e saíam para ir dormir um sono profundo e sem sonhos, pois sonhar mais já não era possível.

O Mog-ur foi o último. Em sua solidão, pôs-se a meditar sobre a experiência. Após certo tempo, começou a sentir uma estranha Inquietude. Eles podiam conhecer o passado com a profundidade e a grandeza que elevava a alma, mas só Creb sentia um tipo de limitação que jamais seria percebida pelos outros. Eles Não tinham a capacidade de projeção, nem mesmo pensar um pouco adiante podiam. Apenas Creb fazia uma pálida idéia dessa possibilidade.

A raça dos clãs não conseguia conceber um futuro diferente do passado, nem alternativas inovadoras para o amanhã. Todo o conhecimento e tudo o que fazia era repetição de alguma coisa já feita anteriormente. Até mesmo o armazenamento de comida necessário às mudanças de estações era resultado de experiências passadas.

Houve época, muito distante, quando a inovação se processava com facilidade. Foi no tempo em que uma pedra lascada com um bordo afiado sugeriu a alguém quebrar outra de propósito e fazer-lhe um gume cortante, ou quando a extremidade quente de um pau que alguém girava deu-lhe a idéia de girá-lo por mais tempo e com mais força para saber até que ponto o calor obtido podia chegar. Mas, à medida que o número de memórias foi-se acumulando, enchendo e alargando a capacidade de armazenamento dos cérebros deles, as mudanças foram ficando mais difíceis. Não havia mais espaço para novas idéias em seus

bancos de memória, as cabeças já estavam extremamente grandes. Às mulheres passaram a ter problemas de parto, e eles não podiam mais dar-se ao luxo de adquirir novos conhecimentos, aumentando-lhes ainda mais o tamanho da cabeça.

Os clã viviam de acordo com tradições inexoráveis. Todas as facetas de suas vidas, desde que nasciam até que eram chamados ao mundo dos espíritos, estavam circunscritas ao passado. Era uma tentativa de sobrevivência, inconsciente, não planejada, a não ser pela natureza, num derradeiro esforço para salvar a raça da extinção e destinada à falência. Só que Não podiam parar de mudar, resistir a isso significava auto-anular-se, era o próprio conceito da anti-sobrevivência.

Eram extremamente lentos na adaptação. Invenções se faziam ao acaso e quase sempre não as punham em prática. Se qualquer coisa de novo lhes acontecesse, a nova informação seria estocada num compartimento de reservas e a mudança se faria com grande esforço; mas, uma vez imposta, eles se mostravam inflexíveis e seguiam à risca o novo curso. Alterá-lo novamente seria demasiadamente penoso. Mas uma raça sem espaço para aprender, para desenvolver-se, deixou de estar equipada para um meio ambiente passando por transformações fundamentais. Eles haviam perdido o momento de desenvolver-se diferentemente. Isso ficaria a cargo de uma forma mais nova de vida, de algum experimento diferente da natureza.

Enquanto se sentava sozinho, em pleno campo aberto, vendo a última das tochas crepitando e extinguindo-se lentamente, Creb lembrou-se da estranha menina que Iza encontrara e sua Inquietude aumentou ainda mais, chegando a ser quase um desconforto físico. Já haviam encontrado a espécie dela antes, mas, por seus cálculos, só recentemente, e os poucos encontros casuais não haviam sido muito agradáveis. De onde teriam vindo eles era um mistério. A gente dela estava recém-chegada à terra deles, mas, desde que haviam surgido, começaram a haver mudanças. Eram pessoas que pareciam trazer a mudança consigo.

Creb, ignorando seu mal-estar, enrolou com cuidado a caveira do ursona capa, pegou o cajado e, em seu passo coxo, foi para a

cama.

Capítulo 3

A menina se virou, começando a debater-se, agitada.

- Mamãe - murmurava, batendo com os braços e chamando cada vez mais alto. -

Mamãe! Mani

Iza segurou-a, sussurrando-lhe baixinho. Era como um ronco surdo e suave, O calor de seu corpo e seus ruídos acalentadores penetravam no cérebro febril da menina, quietando-a.

Ela passara a noite num sono intranquilo, acordando frequentemente a mulher com suas sacudidelas, seus murmúrios e palavras delirantes. Eram sons estranhos, diferentes daqueles expressados pela gente dos clãs. Saíam com facilidade, fluindo livremente, cada som imiscuído em outro. Impossível a Iza querer reproduzir muitos deles. Seus ouvidos não estavam condicionados àquelas sutis variações sonoras. Como, no entanto, um certo número de sons era repetido constantemente, Iza concluiu que deveria ser o nome de alguém chegado à criança e, ao notar que sua presença a acalmava, percebeu quem era esse alguém.

Ela não deve ser muito velha, não soube nem como achar comida para matar a fome, pensava Iza consigo. O que eu gostaria de saber é há quanto tempo está sozinha. O que poderia ter acontecido com o povo dela? Teria si do apanhado pelo terremoto? Será que está rodando sozinha desde essa ocasião? E como teria escapado de um leão só com alguns arranhões Iza já havia tratado de bastantes ferimentos para saber que aqueles só poderiam ter si do feitos por algum gato gigantesco. Espíritos poderosos devem protegê-la, concluiu a mulher consigo mesma.

Quando, por fim, a febre começou a ceder, com a menina banhada de suor, a madrugada já se aproximava, embora ainda estivesse escuro. Iza aninhou-a perto de seu corpo, aumentando-lhe o calor e se certificando de que estava bem coberta. A menina acordou pouco tempo depois, querendo saber onde se encontrava, mas estava muito escuro para ver.

Sentiu a proteção daquele corpo junto ao seu e tornou a fechar os olhos, embalada já por um sono mais tranquilo.

Ao clarear o céu, fazendo aparecer as silhuetas das árvores sob os pálidos raios de luz, Iza arrastou-se em silêncio para fora da coberta. Atiçou o fogo, acrescentou mais lenha, indo em seguida ao pequeno córrego para encher sua bacia e apanhar mais cascas no tronco de salgueiro. Por um instante, deu uma parada e, agarrando o amuleto, agradeceu aos bons espíritos pela presença ali do salgueiro.

Sempre agradecia aos espíritos, não só pela onipresença dessa árvore, como também por suas propriedades analgésicas. Já nem se lembrava de quantas vezes teve de fazer chá de cascas de salgueiro para aliviar dores e sofrimentos. Conhecia outros remédios mais fortes contra dores, só que esses tiravam a dor, mas embotavam os sentidos. O salgueiro não, atacava apenas a dor e diminuía a febre.

Algumas pessoas haviam começado seus afazeres, quando Iza agachou se junto do fogo, apanhando pedras para pôr na bacia cheia de água com cascas de salgueiro. Depois de pronto, ela foi para o lugar onde se achava sua pele e colocou com cuidado a bacia numa depressão escavada no terreno. Em seguida, silenciosamente, meteu-se sob a pele, ao lado da menina. Ficou observando-a dormir, reparando que tinha a respiração normal. Iza estava intrigada com seu rosto. A queimadura de sol começara a tomar uma cor bronzeada, exceto o pequenino nariz que ainda descascava no cavalete.

A curandeira já havia visto pessoas da raça dela, mas só uma vez e a distância. As mulheres dos clã sempre corriam e se escondiam, quando as encontravam. Incidentes desagradáveis ocorridos nos poucos encontros casuais de gente dos clã com os Outros eram comentados em suas reuniões periódicas, por isso os evitavam. Às mulheres, especialmente, Não era permitido muito contato. Mas a experiência particular de seu clã não fora má. Iza lembrou-se da conversa com Creb sobre o homem que, há muito tempo, entrara cambaleando na caverna, tonto de dor, com seu braço quebrado.

Ele chegou a aprender um pouco da língua, mas seus modos eram muito estranhos.

Gostava de conversar tanto com as mulheres como com os homens e tratava a curandeira com toda a deferência, quase que com veneração. Isso não a havia impedido de ganhar o respeito dos homens. Deitada de olhos abertos, com o dia já clareando, examinava a criança, deixando-se levar por suas divagações, pensando nos Outros.

Enquanto a olhava, um raio de sol que se insinuava no horizonte bateu-lhe no rosto. As pálpebras tremelicaram e a menina abriu os olhos, dando com outros enormes, castanhos, profundamente encravados debaixo das sobrancelhas, num rosto que se projetava de certo modo como um focinho.

A menina soltou um grito e apertou os olhos novamente. Iza puxou-a para perto, sentindo seu corpo magricelo tremendo de medo e se pôs a murmurar alguns sons suaves. Os ruídos que fazia tinham qualquer coisa de familiar para a criança, mais familiar, entretanto, era o calor do corpo que a aconchegava. Aos poucos, a menina foi parando de tremer. Abriu uma pontinha dos olhos e olhou de novo para Iza. Desta vez, já não gritou. Por fim, abriu-os por inteiro e fixou a cara assustadora, inteiramente desconhecida para ela.

Iza também, espantada, fixou seus olhos na menina. Nunca havia visto até então olhos cor do céu. Por um instante, pensou se a criança não seria cega. Os olhos das pessoas idosas do clã às vezes, criavam uma película por cima e, à medida que essa película ia fazendo uma sombra cada vez mais clara, nublando os olhos, a visão ia empanando-se. Mas as pupilas da menina dilatavam-se normalmente, não havendo dúvida de que tinha visto sua figura. Essa cor de azul claro acinzentado deve ser normal nela, pensou Iza.

A menina permaneceu deitada, de olhos bem abertos, mas completamente imóvel, com medo de mexer um só músculo. Quando por fim se sentou com a ajuda de Iza, encolheu-se com a dor sentida e as lembranças dos últimos dias passaram-lhe pela cabeça aos borbotões. Com um estremecimento, lembrou-se da garra afiada do monstruoso leão riscando com sangue sua perna.

Lembrou-se dos momentos em que se debateu na correnteza do rio, desde de que havia vencido seu medo e da dor na perna. Mas do que acontecera antes disso não se lembrou. Bloqueara na memória todo seu pavoroso sofrimento, Não se recordou de suas andanças solitárias, da sede e da fome sofrida, do monstruoso terremoto e das pessoas queridas que havia perdido.

Iza levou a cuia com o chá até os lábios da menina. Ela estava com sede e tomou um gole, fazendo uma careta ao sentir o gosto amargo. Mas quando novamente Iza tornou a botar a conja em sua boca, voltou a beber; estava amedrontada demais para tentar qualquer resistência. Iza balançou a cabeça em sinal de aprovação e saiu para ajudar as outras mulheres no preparo da refeição matinal. Os olhos da garota acompanharam Iza, arregalando-se ao dar com aquele acampamento repleto de gente parecida com aquela mulher.

O cheiro da comida cozinhando fez com que seu estômago desse pulos e, quando a mulher voltou com uma pequena conja cheia de caldo de carne engrossado com farinha de fibras trituradas, a menina, esfaimada, engoliu tudo sofregamente. A curandeira achava que ainda Não estava na hora de dar-lhe comida sólida. Não era necessário muita coisa para encher-lhe o estômago desacostumado de comida e Iza guardou a sobra numa sacola impermeável, para que a garota tomasse durante a viagem. Depois que terminou de comer, Iza deitou-a e retirou o curativo da perna. As feridas purgavam, mas a inchação diminuía.

- Muito bem - disse Iza, em voz alta.

A criança deu um pulo ao ouvir pela primeira vez os sons ásperos e guturais emitidos pela mulher. Aquilo Não tinha nada a ver com palavras. Para seus ouvidos desacostumados, pareciam mais grunhidos ou roncoss de animal. Mas o comportamento de Iza estava longe de ser animal, era humano e bem humano. A curandeira já tinha pronto outro cataplasma de pasta de raízes e, enquanto fazia a aplicação, um homem desengonçado, disforme, veio coxeando na direção delas.

Era a figura mais repulsiva e medonha que a menina já vira em sua vida. Num dos lados do rosto havia uma horrenda cicatriz e o

lugar onde deveria existir um dos olhos achava-se coberto por um retalho de couro. Para ela, entretanto, aquela era uma gente tão estranha e tão feia que o físico desfigurado e intimidador de Creb era apenas uma questão de grau.

Ela não tinha noção de quem eram aquelas pessoas e como fora parar em seu meio, mas sabia que estava sendo tratada. Havia sido alimentada, o curativo refrescava e diminuía a dor em sua perna e, inconscientemente, sentia-se mais tranquila, sem o estado de tensão que lhe provocava um medo doloroso. Por mais estranhas que fossem tais pessoas, com elas, pelo menos, Não estaria sozinha.

O aleijado diminuiu o passo para examinar a menina melhor. Ela devolveu-lhe o olhar com franca curiosidade, o que o deixou surpreso. As crianças do clã estavam sempre com receio dele. Bem depressa, aprendiam que até os mais velhos sentiam por ele um temor respeitoso.

Além disso, as maneiras arredias do velho feiticeiro não encorajavam maiores familiaridades e o abismo aumentava mais, quando os filhos chegavam numa certa idade e as mães passavam a ameaçá-los com a figura do Mog-ur, se eles não se comportassem bem. Na época em que se aproximavam da idade adulta realmente sentiam medo dele, sobretudo as meninas. Só mais tarde, na idade madura, é que conseguiam contrabalançar o medo com o respeito. O olho bom de Creb, no lado direito do rosto, acendeu-se de interesse. Não esperava aquele destemido olhar.

- A criança está melhor, Iza? - perguntou ele, indicando a menina. Sua voz era num tom mais baixo do que a da mulher, mas, para a garota, continuava igualmente parecendo grunhidos. Ela não reparou na gesticulação da mão dele. Era uma linguagem inteiramente estranha, percebia apenas que o homem comunicava alguma coisa à mulher.

- Ela ainda está fraca por causa da falta de comida - respondeu Iza. - Mas o ferimento já está melhor. As unhas pegaram fundo na carne, mas não deram para afetar a perna e a infecção ainda purga. Foi um leão da caverna que fez isso, Creb. Você já viu algum leão se contentar só com uns arranhões depois de ter atacado? Estou espantada que ela ainda esteja viva. Seus espíritos protetores devem

ser muito fortes. Mas... o que estou dizendo? Nada sei sobre espíritos.

Realmente falar sobre espíritos não era assunto próprio para uma mulher ter com o Mog-ur, mesmo que essa fosse sua germana. Iza fez um gesto de humildade, pedindo-lhe desculpas por sua presunção. Ele não tomou conhecimento e nem ela esperava que o fizesse, mas, em compensação Creb olhou para a criança ainda com maior interesse.

Também tinha pensado quase a mesma coisa, embora jamais fosse admiti-lo, a opinião de sua irmã pesava muito para ele e, no caso, veio confirmar seus pensamentos.

Rapidamente, eles levantaram o acampamento. Iza se armou com sua cesta e trouxas, içou a menina para seu quadril e foi meter-se atrás de Brun e Grod. Durante a viagem, montada na anca da mulher, a garotinha ia olhando, cheia de curiosidade à sua volta, observando tudo que Iza e os outros faziam. Ficava principalmente interessada na comida que catavam.

Iza estava sempre lhe dando para morder alguma plantinha fresca ou algum pedaço macio de raíz e isso lhe trouxe uma vaga lembrança de outra mulher que também fazia assim com ela. Mas agora punha toda sua atenção nas plantas, observando as características particulares de cada uma. Seus dias de fome fizeram nascer nela um vivo desejo de aprender como encontrar comida. A menina apontou uma planta para Iza e ficou alegre de ver que a mulher parou e foi cavar-lhe a raíz. Iza também ficou contente. A menina é viva, pensou, ela não devia conhecer isto, senão teria comido.

Já perto do meio-dia, pararam para descansar, enquanto Brun examinava nos arredores as possibilidades de uma caverna. Depois de dar o resto do caldo, trazido na sacola de couro impermeável, Iza ofereceu à menina uma tira de carne-seca para mastigar. A caverna não satisfaz às exigências. Já chegando mais para a tarde, a perna da menina passou a latejar, quando começou a diminuir o efeito analgésico das cascas de salgueiro. Ela se remexia irrequieta. Iza fez-lhe uma festinha, ajeitando-a numa posição mais confortável. A menina deixou-se inteiramente entregue aos cuidados da mulher.

Com total confiança e abandono, passou os braços magros em torno do pescoço de Iza, descansando a cabeça sobre seus ombros largos. A curandeira que, por tantos anos, havia vivido sem filhos, sentiu brotar-lhe uma onda de ternura pela pequena órfã. Ela ainda estava fraca e cansada, mas, embalada pelas passadas ritmadas de Iza, acabou adormecendo.

Com o pôr-do-sol já se aproximando, Iza sentia o esforço que fazia para aguentar o peso extra que levava e deu graças quando Brun ordenou alto e ela pôde enfim botar a menina no chão. A garota tinha febre, os olhos brilhavam, e as bochechas estavam coradas e quentes. Assim, quando foi catar lenha para fazer fogo, Iza procurou também plantas para renovar os curativos. Ela não sabia o que provocava infecções, mas sabia como tratá-las, bem como uma série de outras enfermidades.

Embora a arte de curar fosse expressada em termos de bruxaria e magia, nem por isso a medicina de Iza deixava de ter sua eficácia. Os velhos clãs sempre viveram da caça e da colheita de plantas. O uso empírico da flora no estado bruto feito por sucessivas gerações acabou por reunir grande número de informações sobre o assunto. E os animais, depois de mortos, tinham suas peles removidas, eram esquartejados e os órgãos observados e comparados. Então quanto preparavam as refeições, as mulheres dissecavam os bichos, prestando atenção à sua anatomia, para depois aplicar esse conhecimento às pessoas.

A mãe de Iza, como parte do treinamento da filha, lhe havia mostrado os diferentes componentes internos do animal, explicando-lhe as funções. No entanto, fazia assim apenas para lembrar Iza de coisas que ela já sabia. Iza vinha de uma linhagem de curandeiras altamente respeitadas e, por meios mais misteriosos do que a simples aprendizagem, o conhecimento médico ia passando de mãe para filha. Uma curandeira, novata ainda no ofício, mas com antecedentes ilustres, era mais considerada do que outra contando apenas com sua prática e seu saber, e havia boas razões para isso.

O conhecimento adquirido por seus ancestrais, uma longa linha de curandeiras da qual Iza descendia diretamente, achava-se armazenado em seu cérebro desde que nascera. Podia lembrar-se do

que suas avós outrora souberam, e isso não era muito diferente do que lembrar-se de suas próprias experiências. Uma vez estimulado, o processo se fazia automaticamente. Conhecia a origem de suas próprias memórias, porque se lembrava de circunstâncias associadas a estas. Nunca se esquecia de nada, e podia recordar o conhecimento estocado em seu banco de memórias, mas não como ele fora aprendido por suas antepassadas. Apesar de serem filhos dos mesmos pais, nem Creb nem Brun possuíam o saber médico de Iza.

As memórias nos indivíduos dos clã se faziam diferentemente nos dois sexos. As mulheres tinham tanta necessidade de saber sobre caça, quanto os homens não precisavam do mais rudimentar conhecimento de plantas. A diferença entre o cérebro masculino e o feminino era imposta pela própria natureza, e a cultura a sedimentava. Essa era outra tentativa da natureza para limitar o tamanho da cabeça, em seu esforço de prolongar a vida daquela raça. Qual quer criança que trouxesse de seu nascimento um tipo de conhecimento característico do sexo oposto ao dela iria perdê-lo pela falta de estímulo, quando atingisse o status adulto.

Entretanto, a tentativa da natureza de salvar a raça da extinção trazia em seu próprio bojo os elementos da destruição. Se os dois sexos eram essenciais à procriação, igualmente um precisava do outro no dia-a-dia; separados, não sobreviveriam por muito tempo. E estavam impossibilitados de adquirir o conhecimento, pois não tinham a memória deste.

Outra particularidade da raça dos clã era a de que os seus indivíduos

- homens e mulheres - haviam sido dotados de uma visão extremamente fina e perceptiva, embora usada de diferentes modos. O terreno, enquanto viajavam, fora gradualmente mudando e, no seu subconsciente, Iza havia guardado cada detalhe dos lugares por onde passaram, especialmente no que se referia à vegetação. Podia discernir à grande distância as menores variações da forma de uma folha ou na altura de algum talo.

Embora houvesse certas plantas, alguma árvore ou um arbusto ou flor que nunca vira antes, todos, de certa maneira, lhe eram

familiares. Num recanto lá no fundo, atrás de seu enorme cérebro, ela ia buscar o conhecimento da planta, na memória que havia nascido com ela.

No entanto, com todo esse imenso reservatório de informações a seu dispor, assim mesmo, começara a ver, desde algum tempo, certos vegetais completamente desconhecidos, tão estranhos quanto a própria região por onde passavam. Teria gostado de examiná-los mais de perto. Todas as mulheres estavam também curiosas sobre a flora do lugar. Apesar de isso representar aquisição de conhecimento, esse era essencial à sua sobrevivência.

Também fazia parte da hereditariedade feminina saber como testar uma planta desconhecida. Da mesma forma que as outras mulheres, Iza se pôs a experimentar os vegetais que lhes eram estranhos. As plantas novas semelhantes àquelas já conhecidas eram postas em categorias correlatas, mas Iza sabia dos riscos que havia em tomar características semelhantes por propriedades idênticas. O procedimento num teste era simples. Primeiro, ela dava uma pequena mordida. Se o gosto fosse desagradável, cuspiu imediatamente. Ao contrário, se agradável, retinha na boca uma mínima porção da planta, prestando o máximo de atenção às mudanças do paladar, se picava, queimava etc.

Se nada acontecesse, ela engolia e esperava para ver se era possível detectar alguns efeitos. No dia seguinte, dava uma mordida maior, procedendo da mesma forma anterior. Caso nenhum efeito nocivo fosse observado, depois do terceiro dia de teste, a planta passava a ser considerada comestível, inicialmente em pequenas quantidades.

Contudo, Iza quase sempre ficava mais interessada quando havia efeitos perceptíveis, pois significavam a possibilidade de a planta ter algum uso medicinal. E as outras mulheres, depois de aplicar o mesmo teste, traziam para ela qualquer coisa que lhes parecesse estranha, bem como todas as plantas com características parecidas com aquelas que sabiam ser venenosas ou tóxicas. Procedendo com cautela, Iza fazia também testes com estas, mas aplicando métodos exclusivamente seus. Como os testes levavam

tempo, ela preferia, enquanto viajavam, continuar só com as plantas já conhecidas.

Perto do acampamento, encontrou uma quantidade de pés de malva, altos, de caules finos como varetas e de flores grandes de tonalidades fortes. Tais como as raízes de íris, também as dessa planta com flores multicolori das davam cataplasmas que serviam para reduzir inchações, processos inflamatórios, apressando a cura. O chá de malva não só era bom para anestesiar dores, como também servia para fazer dormir. Assim, junto com a lenha, as malvas foram colhidas.

Depois da refeição da noite, a garota, sentada contra uma enorme pedra, ficou observando as actividades das pessoas a seu redor. A comida e um curativo novo a haviam revigorado, e ela, agora, falava animada com Iza, apesar de não ter muita certeza de estar sendo entendida. As pessoas olhavam em sua direção com ar de reprovação, mas ela não compreendia o significado latente naqueles olhares. O atrofiamento dos órgãos vocais impedia a raça dos clã de ter uma articulação precisa. Os poucos sons que usavam com caráter de exclamações tinham evoluído de gritos de advertência ou de uma necessidade de chamar atenção, e a importância que atribuíam às verbalizações fazia parte de suas tradições. Os meios primitivos de comunicação - sinais de mios, gestos, posturas, os costumes estabelecidos, a intuição nascida do contato íntimo entre as pessoas e o fino discernimento de expressões, tanto do rosto como do corpo - eram bastante expressivos, mas limitados. Era, por exemplo, com a maior dificuldade que tentavam descrever algum objeto novo que ainda não conhecessem, e mais difícil ainda era a expressão do pensamento abstrato. A fluência da garota, portanto, deixava-os perplexos e desconfiados.

Eles tinham grande apego às crianças, que cercavam de ternura e amorosa afeição. Só quando elas ficavam mais velhas é que a disciplina passava a ser mais rígida. Os bebês eram mimados tanto pelas mulheres como pelos homens, e a maneira que tinham para castigar uma criança era a de simplesmente não tomar conhecimento de sua pessoa. À medida que iam crescendo,

começavam a tomar consciência do status das mais velhas e dos adultos, passando a imitar-lhes as atitudes e já Não querendo ser mais mimadas, coisa de bebês. Aprendiam desde cedo a se comportar dentro das estritas regras do clã, e uma delas é a de que não se devia emitir sons supérfluos, algo bastante fora de propósito. Devido à sua altura, a menina parecia-lhes mais velha do que realmente era, e todos a estavam considerando indisciplinada e mal-educada.

Iza, pelo maior contato com ela, imaginava que deveria ser mais criança do que aparentava e começava a chegar perto de sua verdadeira idade, compreendendo com indulgência seu estado de carência. Percebeu também, por seus murmúrios durante o delírio, que a gente dela devia falar com muito mais frequência e fluência do que eles. Sentia-se atraída por aquela menina que tão confiantemente a rodeara com seus bracinhos descarnados e que tinha sua vida dependendo dela. Há muito tempo para que aprenda boas maneiras, disse consigo. Iza já começava a pensar na menina como dela.

Creb, que rondava por perto enquanto Iza preparava o chá de malva, veio sentar-se próximo à garota. Estava intrigado com ela. Os preparativos para a cerimônia noturna ainda não tinham ficado prontos e ele aproveitava aqueles minutos para saber como ela ia passando. Os dois se olharam, a garotinha e o velho feiticeiro aleijado com sua assustadora fisionomia, um examinando o outro com a mesma curiosidade. Ele nunca estivera tão perto de alguém dos Outros e muito menos já vira uma criança daquela raça. A menina, por sua vez, até que acordou no meio deles, jamais soubera da existência dos clã Contudo, mais do que simplesmente características raciais, ela estava curiosa com aquela pele enrugada no rosto de Creb. Em todos os seus pouquíssimos anos de vida, jamais vira uma cicatriz tão horrenda e, num impulso, com toda a desinibição de uma criança, tocou-lhe a face, querendo sentir o que era aquilo.

Creb, surpreso, viu-se inteiramente desconcertado com o suave toque da menina. Nunca outra criança já havia estendido a mão para ele daquela maneira. Tampouco os adultos. Evitavam seu contato

como se sua deformidade pegasse. Apenas Iza, que cuidava de seus achaques reumáticos, a cada inverno mais dolorosos, parecia não ter escrúpulos. O aleijão de seu corpo e a feia cicatriz do rosto Não lhe causavam repugnância, como também o poder que emanava de sua elevada posição social não lhe infundia maiores temores. Assim, aquele doce roçar da mão de uma criança tocou em alguma corda recôndita do velho coração solitário. Quis, então, comunicar-se com ela e, por instantes, ficou pensando em como abordá-la.

- Creb - disse ele, apontando para si mesmo.

Iza observava em silêncio, esperando que as flores ficassem bem encharcadas. Sentia-se contente por ver Creb se interessando pela menina e não deixou de perceber que ele tinha usado seu nome de nascença.

- Creb - repetiu ele, batendo no peito.

A menina levantou a cabeça, tentando entender. Ele queria que ela fizesse alguma coisa.

Creb disse seu nome pela terceira vez. Súbito, ela se iluminou, sentou-se direita e sorriu.

- Grub? - perguntou, enrolando o R para imitar o som.

O velho fez que sim com a cabeça. A pronúncia estava parecida. Em se guida, apontou para ela. A garota franziu a cara, sem muita certeza do que ele estava agora querendo. Creb, então, tornou a bater no peito, repetindo seu nome e batendo no dela logo em seguida. Sim, ela havia entendido, mas o largo sorriso que deu era, aos olhos dele, como uma careta, e a palavra polissilábica que lhe saiu dos lábios era não só impronunciável, mas quase incompreensível. No entanto, ele procurou fazer os mesmos movimentos de boca. Curvou-se para mais perto, tentando ouvir melhor. Ela repetiu seu nome.

- Àay-rr - disse ele, hesitando. Abanou a cabeça e tentou novamente.

- Aay-lla, Ayla? - foi a coisa mais aproximada que conseguiu dizer. E bem poucos eram aqueles no clã que poderiam chegar tão perto da pronúncia dele.

A menina deu uma risada radiante, balançando afirmativamente a cabeça. Não era exatamente o que tinha dito,

mas aceitava, percebendo, apesar de muito criança, que ele não poderia pronunciar melhor seu nome.

- Ayla - repetiu ele o nome, querendo acostumar-se com o som.

- Creb? - disse a garota, puxando-lhe o braço para chamar-lhe a atenção. Depois, apontou para a mulher.

- Iza - respondeu Creb. - Iza.

- liiz-sa - repetiu ela. Estava encantada com aquele jogo de palavras.

- Iza, Jza - ficou repetindo e olhando para a mulher. Iza, solenemente cumprimentou-a com a cabeça. Os sons dos nomes eram muito importantes. Ela se inclinou e bateu no peito da menina, do mesmo jeito como fizera Creb, esperando que a menina dissesse o seu nome outra vez, O nome foi repetido por inteiro. Mas Iza simplesmente abanou a cabeça. Não compreendia. Era-lhe impossível fazer aquela combinação de sons que saía com a maior facilidade dos lábios da menina. A garota estava desanimada. Então olhando para Creb, pronunciou o seu nome à maneira dele.

- Aii.gaa? - tentou Iza.

A menina tomou a repetir o nome.

- Àii-ga? - tentava iza mais uma vez.

- Aiii não Iza. Aay-lla - falou Creb muito vagarosamente para Iza poder escutar aquela estranha combinação de sons.

- Aaay-lla - disse Iza com cuidado, esforçando-se para pronunciar a palavra do modo como Creb a emitira.

A menina sorria. Não tinha importância que seu nome Não estivesse certo. Iza se esforçava tanto para dizer o nome que Creb lhe dera que ela o aceitava como se fosse o seu. Para eles, seria Ayla. Com toda a naturalidade estendeu os braços para Iza, querendo abraçá-la. Iza a estreitou com brandura, afastando-se pouco depois. Teria ainda de ensiná-la que demonstrações de afeto em público era algo de impróprio. Mas ficara contente assim mesmo.

Ayla não se continha de alegria. Havia se sentido perdida e isolada entre aquela gente que lhe parecia tão estranha. Esforçara-se tanto para comunicar-se com a mulher que cuidava dela e saíra tão frustrada de suas tentativas que esse começo já significava

muito para ela. Pelo menos tinha agora um nome para chamar a mulher e outro para ser chamada. Virou-se para o homem que dera partida ao processo de sua comunicação. Ele já não lhe parecia tão feio. Estava transbordante de alegria, cheia de ternura por ele e, tal como muitas vezes havia feito com um homem de quem vagamente se lembrava, rodeou os braços em torno do pescoço de Creb e lhe puxou a cabeça para baixo para poder colar sua bochecha na dele.

O gesto de afeto deixou-o perturbado. Resistia ao impulso de corresponder ao abraço. Seria extremamente impróprio que o vissem abraçando aquela criaturinha estranha, fora dos limites do núcleo familiar, mas assim mesmo deixou que Ayla comprimissem sua bochecha firme e macia contra seu rosto barbudo, antes de delicadamente tirar-lhe os braços de seu pescoço.

Creb pegou o cajado e, com sua ajuda, levantou-se. Enquanto ia andando, pensava na garota. Tenho de ensiná-la a falar. Ela precisa aprender a comunicar-se direito, disse consigo. Afinal, não posso confiar toda sua educação a uma mulher, mas ele sabia que o que realmente estava querendo era passar mais tempo com a menina. Sem se dar conta, já pensava nela como fazendo parte para sempre do clã.

Brun não tinha avaliado bem as implicações do fato de haver permitido Iza pegar uma menina desconhecida no meio do caminho. Isso não era culpa dele como chefe, mas sim dele como produto de sua raça. Naturalmente, não poderia prever esse encontro e igualmente suas consequências lógicas. Ela tinha sido salva, sua vida estava fora de perigo; agora, se não a quisesse no clã a única coisa que lhe restava era mandá-la embora e deixá-la novamente entregue à própria sorte. Mas sozinha não sobreviveria. Não se tratava aqui de raciocinar sobre o futuro, era simplesmente a constatação de um fato. Salvá-la, para expô-la por uma segunda vez à morte significaria comprar uma briga com Iza que, se não tinha poder pessoal, dispunha de uma legião de espíritos do seu lado. E, agora, havia também Creb, o Mog-ur, que, por sua vez, possuía poder para invocar qualquer ou todos os espíritos que bem entendesse. Espíritos, uma força poderosíssima, com a qual Brun não tinha a menor vontade de se ver às voltas. A bem da verdade,

esta era justamente a possibilidade que o levava a desgostar da menina. Ele não sabia expressar isto para si mesmo, mas sentia qualquer coisa pairando no ar. Não havia percebido ainda que seu clã estava aumentado para 21 membros.

Ao examinar a perna de Ayla no dia seguinte, Iza notou que melhorara. Sob seus sábios cuidados, a infecção praticamente desaparecera, e os arra nhões, na forma de quatro riscas paralelas, estavam fechados e já curados, embora a garota fosse ficar para sempre com aquela cicatriz. Iza achou que os cataplasmas já não eram mais necessários, mas ainda fazia os chás de casca de salgueiro. Nesse dia, ao sair da pele de dormir, Ayla tentou ficar de pé com a ajuda de Iza, que a escorava, enquanto a menina ia aos poucos assentando o peso do corpo sobre a perna. Doía, mas, depois de alguns passos cautelosos, começou a sentir-se melhor.

De pé, sobre as duas pernas, a menina ainda era mais alta do que imaginara Iza. Eram pernas esguias, longas, de joelhos pontudos e retos. Iza chegou a pensar se a garota não seria aleijada. As pernas das pessoas dos clãs eram arqueadas, formando uma curva para fora. Não. A menina não tinha qualquer problema para andar, apenas estava ainda um pouco fraca. Pernas retas devem ser também normal nela, concluiu... do mesmo modo que olhos azuis.

A curandeira enrolou-se em sua capa e suspendeu Ayla para montá-la mais uma vez sobre sua anca. A perna ainda Não estava bastante boa para caminhadas maiores. Vez por outra naquele dia, Iza colocou-a no chão para que fizesse um pouco de exercício. A garota comia com gulodice, descontando todo o seu tempo de fome, e Iza já a achava mais gorda. Ficava contente de se ver livre por algum tempo daquele fardo extra, sobretudo porque a viagem mostrava-se cada vez mais difícil.

O clã havia deixado para trás o vasto terreno das estepes e os dias seguintes foram passados atravessando uma região acidentada, com os morros ficando cada vez mais íngremes. Estavam nos contrafortes de belas montanhas, cujos picos gelados e brilhantes mostravam-se a cada dia mais próximos. As colinas eram revestidas por densas florestas, não com a vegetação perene da floresta

boreal, mas com folhagens de tons magníficos de verde e com velhas árvores de folhas largas e grossos troncos nodosos. Brun achava-se espantado. A temperatura esquentara, avançando rapidamente sobre a estação. Os homens haviam trocado suas capas por uma peça de couro mais curta que lhes deixava à mostra o torso nu. As mulheres não alteraram as vestimentas. Era mais fácil carregar suas tralhas usando o traje completo que diminuía o atrito da carga sobre o corpo.

O terreno não tinha mais qualquer semelhança com a pradaria fria do antigo cenário da outra caverna. Iza se via cada vez mais dependente do conhecimento de seu banco de memórias, à medida que iam passando por sombrios desfiladeiros ou caminhando por elevações verdejantes em pleno ambiente da floresta temperada. Os troncos escuros de cascas grossas - carvalhos, faias, nogueiras, macieiras, aceráceas - misturavam-se com outros de cascas lisas e flexíveis - salgueiros, bétulas, cárpeas, álamos - tudo em meio a frondosos amieiros e aveleiras. O ar estava impregnado de um aroma forte e penetrante que parecia elevar-se da brisa suave e quente vinda do sul. Um cheiro que Iza não conseguiu de pronto identificar. Arrentilhos ainda se colavam às folhas dos pés de bétulas e delicadas pétalas voavam ao sabor do vento, enquanto nas árvores as flores desabrochadas prometiam um outono farto em frutas.

Lutando contra um cerrado matagal e o emaranhado de plantas trepadeiras da floresta fechada, eles subiam pelas encostas mais à mostra dos rochedos. Enquanto galgavam os aforamentos, ao redor os flancos das colinas resplandeciam com folhagens de todos os matizes. O verde-escuro dos pinheiros tornou a reaparecer ao lado de abetos prateados e, um pouco mais acima, surgiam aqui e ali as manchas dos espruces azuis. As cores se entremeavam, dos tons sombrios das coníferas ao verde forte e vivo das frondes de folhas largas, até as tonalidades esmaecidas das tílias e das árvores de delicada folhagem. O musgo e a relva contribuía com suas nuances para o mosaico formado por luxuriante vegetação e pequenos arbustos. Lá se achavam desde as oxalis - os trevos e azedinhas - até pequeninas suculentas que se agarravam às paredes nuas das rochas. E espalhando-se por toda a mata, miríades de

flores silvestres: lírios brancos, violetas amarelas, espinheiros rosa, enquanto nos altiplanos dominavam os junquinhos dourados e as gencianas azuis e amarelas. Por fim, saindo de algumas sombras, os últimos açafrões da temporada ainda corajosamente exibiam suas flores amarelas, brancas e vermelhas.

O clã fez uma parada para descansar, quando atingiu o topo de um alto aclave. Embaixo, o panorama das florestas, cobrindo os flancos montanhosos, terminava abruptamente nas estepes que se estendiam até o horizonte. De onde eles se achavam, viam diversos rebanhos pastando a distância na relva alta e amarelecida pelo sol de verão. Se os caçadores estivessem livres e desembaraçados das mulheres carregando seus pesados fardos, poderiam dar-se ao luxo de escolher que caça preferiam dentre uma enorme variedade de rebanhos e manadas. Facilmente, estariam em pouco tempo nos terrenos das estepes. O céu a leste, para o lado da pradaria, estava claro, mas rajadas de vento traziam pesadas nuvens negras, armando-se ao sul. Se continuassem a avançar, a alta cordilheira de montanhas, ao norte, era uma barreira para as nuvens que iriam descarregar toda a sua massa de chuvas sobre eles.

Brun e os homens estavam tendo uma reunião fora das fileiras das mulheres e das crianças, mas, por suas carrancas e gestos, podia-se bem imaginar do que tratavam: se deveriam ou não prosseguir no caminho. Aquele era um terreno desconhecido, e o pior, estavam-se afastando muito das planícies. Embora tivessem avistado alguns animais no pé da cordilheira, nada se comparava com os rebanhos nutridos com as gordas pastagens das campinas. Em campo aberto, os animais eram presas mais fáceis. Não tinham a floresta para encobri-los e estavam longe dos predadores que lhes disputavam a carne com o homem. Além disso, os animais nas planícies quase sempre eram gregários, andando aos bandos, diferentes dos da floresta, vivendo solitariamente ou em pequenos grupos.

Iza achava que voltariam, que todo o esforço para subir as íngremes encostas fora em vão. A massa pesada de nuvens e a chuva ameaçadora se constituíam num melancólico manto negro sobre suas desalentadas cabeças. Enquanto esperavam, Iza pôs Ayla

no chão, aliviando-se de seu peso. A garota, gozando da liberdade de movimento que sua perna curada lhe permitia, e depois de tanto tempo presa ao quadril de Iza, imediatamente foi passear. Iza viu quando ela sumiu de vista por trás da ponta de um monte, pouco mais adiante. Não queria que ela se afastasse muito. A reunião poderia terminar a qualquer instante e Brun não iria olhar com bons olhos, se a menina atrasasse a partida. Foi procurá-la e, ao contornar a ponta, deparou-se com Ayla. Mas, o que viu para além do lugar onde se achava a menina fez seu coração disparar descompassadamente.

Correu de volta, ao mesmo tempo que olhava para trás por cima do ombro. Não ousou interromper Brun, esperando cheia de impaciência que os homens terminassem a reunião. Brun a havia visto. Percebeu logo, mesmo sem demonstrá-lo, que alguma coisa a incomodava. Quando a reunião por fim se desfez, Iza correu em sua direção, sentando-se na frente dele, com os olhos postos no chão, numa atitude que indicava estar querendo falar-lhe. Brun poderia ou não conceder-lhe audiência, a decisão era exclusivamente dele. Se a ignorasse, ela não teria licença para dirigir-se a ele.

Brun pôs-se, então a imaginar o que poderia Iza estar querendo. Ele vira quando a menina saía a passear, pouca coisa em seu clã lhe escapava. Mas naquele momento tinha problemas mais urgentes para tratar. Deve ser alguma coisa sobre a menina, pensou, franzindo a testa e sentindo vontade de dispensar Iza. Pouco importava o que o Mog-ur houvesse dito, ele não gostava da garota viajando com o clã. Ao levantar os olhos, deu com o feiticeiro observando-o a distância, mas era um rosto impassível, onde ele não pôde ler qualquer pensamento.

Voltou então os olhos para a mulher sentada a seus pés. A postura dela traía a intensa agitação que lhe ia por dentro. Iza está realmente perturbada, disse consigo. Brun não era homem sem sentimentos e tinha a germana em alta conta. Apesar de todos os problemas que teve com seu companheiro, sempre foi uma mulher que soube conduzir-se com correção. Era um exemplo para as outras. Raramente vinha aborrecê-lo com ninharias. Talvez devesse deixá-la

falar. Ele não era obrigado a atendê-la. Estendeu a mão e lhe bateu de leve no ombro.

Ao sentir o toque, Iza soltou a respiração sem sabê-lo a tinha mantido suspensa o tempo todo. Ele havia deixado que falasse! Custara tanto a decidir-se que já estava certa de que seria ignorada. Pôs-se de pé e apontou na direção do monte, dizendo apenas uma palavra: caverna!

Capítulo 4

Brun rodou nos calcanhares e caminhou na direção indicada por Iza. Ao contornar o lugar onde o morro fazia uma ponta, parou, inteiramente tomado pela vista que tinha à frente. Uma onda de emoção perpassou por todo o seu corpo. Uma caverna! E que caverna! No primeiro momento em que botou os olhos nela, o chefe soube que era exatamente o que procurava. Mas esforçava-se por se conter, não querendo deixar-se levar pela esperança. Pondo toda sua atenção procurava reparar nos detalhes e na situação da caverna. Tão concentrado estava que quase não se dava conta da menina rondando por perto.

Mesmo de onde ele se achava, a umas centenas de metros, a boca triangular da caverna, cavada na rocha marrom-acinzentada, prometia um espaço interior mais do que suficiente para acomodar o clã. A abertura que a caverna tinha do lado sul era batida pelo sol durante quase todo o dia. Como se para confirmar, um raio de sol, encontrando uma brecha nas nuvens, veio iluminar o chão avermelhado do largo terraço na parte da frente. Brun vasculhava a área, fazendo uma inspeção rápida. Um enorme penhasco ao norte e outro igual a sudeste ofereciam proteção contra os ventos. A água também estava próxima, pensou ele, somando mais um dado a favor, ao ver um riacho correndo a oeste do pé da colina. De longe, era a melhor coisa que já tinha visto. Fez sinal para Grod e Creb, reprimindo o entusiasmo enquanto os esperava. Juntos, iriam examinar a caverna de perto.

Os dois correram em sua direção seguidos por Iza, que foi buscar Ayla. A mulher também deu mais uma olhada de inspeção aprovando satisfeita, com a cabeça, antes de voltar para o grupo de pessoas gesticulando excitadas. A emoção reprimida de Brun falava por si. Sabiam que uma caverna fora encontrada e sabiam também que Brun via grandes possibilidades nela. Luminosos raios de sol vararam a sombria e tristonha atmosfera, parecendo encher de

esperança o ar que se punha de acordo com os ânimos de toda aquela gente em ansiosa expectativa.

Ao se aproximar da entrada, Brun e Grod seguraram firmes em suas lanças. Não viram qualquer sinal de presença humana, mas isso não significava que a caverna estivesse desabitada. Passarinhos se lançavam pipilando e cantando numa revoada circular. Pássaros é bom sinal, pensou o Mog-ur. À medida que se acercavam, foram caminhando com mais cautela, contornando a boca de entrada, enquanto Brun e Grod procuravam por pegadas frescas e vestígios de excrementos. O que existia de mais recente era de alguns dias atrás. Os rastros e as marcas de enormes dentadas nos ossos da perna de um animal, partidos por poderosas mandíbulas, contavam sua própria história. Um bando de hienas havia usado temporariamente a caverna. Depois de atacarem um velho e grande gamo, arrastaram sua carcaça para o interior da caverna e lá terminaram à vontade e em relativa segurança seu festim.

Próximo à extremidade oeste da entrada, aninhado num emaranhado de arbustos e trepadeiras, havia um lago alimentado por uma cascata. Sua saída era um regato que escorria pela encosta até encontrar o primeiro riacho. Dei xando os outros dois à espera, Brun foi em direção à nascente, brotando da rocha, um pouco mais acima na encosta acidentada que encobria a lateral da caverna. A água, cintilando, logo ali na boca da entrada, era fresca e pura, fazendo com que Brun acrescentasse mais esse dado a favor. O lugar era bom, mas seria a própria caverna que decidiria. Os dois caçadores e o feiticeiro se prepararam para passar pela enorme e escura abertura.

Retornando para a outra extremidade do lado leste, penetraram no buraco cavado na montanha com os olhos voltados para cima e reparando na altura colossal da entrada de forma triangular. Todos os sentidos alerta, iam caminhando cautelosamente com os corpos junto às paredes. Com os olhos já acostumados à escuridão, olhavam, admirados, em derredor. Um teto em abóboda fazia arcos sobre um enorme espaço, suficientemente grande para abrigar um número bem maior do que aquele de que se compunha o clã. Passo a passo, rente à parede, iam andando e vendo se não

haveria outras aberturas dando para novos recintos. Já quase ao fundo, uma segunda fonte de água escorria da parede, formando uma poça que desaparecia pouco mais adiante no chão seco e arenoso. Neste ponto, a parede fazia uma curva inesperada, levando de volta à entrada. Seguindo a parede do lado oposto, a partir da boca da caverna, a luminosidade era um pouco mais forte permitindo que eles vissem uma fenda escura delineada na parede cinza. Ao sinal de Brun, Creb parou em seus passos desajeitados e vacilantes, enquanto Grod e ele foram olhar no interior do buraco na parede. Só viram a escuridão.

- Grod! - chamou Brun por meio de um gesto, significando que estava precisando de sua ajuda.

O segundo em comando correu para fora da caverna, enquanto Brun e Creb, nervosos, aguardavam sua volta. Grod vasculhou a vegetação por perto e, em seguida, dirigiu-se a um grupo de pés de abeto prateado. Bolos de uma secreção resinosa minavam através das cascas, pondo manchas luzidas sobre os troncos. Ele deu uma olhada sob as cascas soltas. A seiva gotejava, pegajosa, das cicatrizes deixadas nos troncos. Separou, então, alguns galhos secos e mortos que continuavam ainda presos às ramagens vivas. Com uma machadinha que tirou de dentro da roupa, cortou um galho verde, rapidamente desfolhando-o. Numa das extremidades deste, enrolou capim junto com a resina e os pequenos galhos secos. Por fim, com todo o cuidado, retirou o carvão aceso do chifre de auroque que trazia pendurado na cintura e encostou a brasa junto da resina, pondo-se a soprá-la. Pouco depois, estava correndo para a caverna, levando na mão uma tocha acesa.

Com Grod segurando a luz bem no alto, e Brun, à frente, empunhando sua maça, pronto para o que desse e viesse, os dois passaram pela fenda. Em silêncio, avançaram com dificuldade por uma estreita passagem que, após alguns passos, fazia um cotovelo para dobrar na direção dos fundos, mas, antes, dando para uma segunda caverna, logo depois da virada. O espaço nesta, bem menor, era quase circular. Empilhado contra a parede do fundo, um monte de ossos brilhava sua brancura à luz trêmula da tocha. Brun chegou-se para mais perto, querendo ver melhor e, subitamente,

seus olhos saltaram. Esforçava-se para poder controlar-se. Fez um sinal para Grod, e os dois rapidamente bateram em retirada.

O Mog-ur esperava ansioso, apoiando todo seu peso sobre o cajado. Ao ver Brun e Grod saírem para fora da escuridão Creb ficou surpreso. Não era normal em Brun aquela agitação. A um gesto deste, o Mog-ur seguiu os dois homens que de novo retornavam à passagem no interior da caverna. Chegando ao pequeno recinto, Grod suspendeu a tocha bem no alto. À vista da pilha de ossos, o Mog-ur estreitou os olhos. Deu uns passos à frente e caiu sobre os joelhos, enquanto seu cajado se esboroava no chão. Arrastando-se em meio aos ossos, viu uma enorme forma oblonga e, pondo de lado os outros ossos, pegou uma caveira.

Não havia a menor dúvida. O alto arco frontal abobadado ia de par com aquele que carregava em sua capa. Ele se sentou, suspendendo o crânio à altura dos olhos, pondo-se a mirar, entre incrédulo e reverente, os dois buracos escuros das órbitas. Ursus usara aquela caverna e, pela quantidade de ossos, os ursos de outrora deveriam ter hibernado naquele lugar por muitos e muitos invernos. Agora, Creb compreendia a perturbação de Brun. A caverna já fora moradia do Grande Urso da Caverna. A essência da poderosa criatura, reverenciada e honrada acima de todas as outras, achava-se impregnada na própria rocha das paredes. Sorte e fortuna para o clã que fosse viver ali. Pela idade dos Ossos, era evidente que a caverna havia ficado desabitada por longos anos, como se estivesse esperando por eles.

Era a caverna perfeita, bem situada, espaçosa, com outra anexa que poderia ser usada no inverno e no verão para os rituais secretos, um recinto, por sinal, alentado pelo mistério que se constituía na vida espiritual dos clã. O Mog-ur já visualizava suas cerimônias. Naquela pequena caverna estaria o seu domínio. A busca terminara, o clã encontrou um lar... só faltava a primeira caçada ser bem-sucedida.

Quando os três homens saíram da caverna, o sol brilhava, as nuvens iam em debandada, levadas por um vento cortante vindo do este. Brun viu nisso um sinal de bom presságio. Mas daria no mesmo, se as nuvens estivessem sendo estilhaçadas por raios e

trovões e se despencando sobre a terra na forma do mais completo dilúvio. Veria igualmente um sinal de bom agouro. Nada podia empanar sua alegria ou dissipar seu sentimento de satisfação. Ele ficou de pé, no terraço, à porta da caverna, olhando a vista dali. À frente, atra vés da fenda formada por duas colinas, viu tremeluzindo a distância uma vasta extensão de água que se perdia na distância. Não pensava que estavam tão perto, disse subitamente compreendendo. Agora estava resolvido o problema daquela vegetação inusitada e daquela rápida mudança de temperatura.

A caverna localizava-se no sopé de uma cadeia de montanhas na ponta sul de uma península que se projetava num mar interno, situado entre terras continentais. O lugar era ligado ao continente em dois pontos. A conexão principal se fazia por um largo istmo ao norte; as terras montanhosas do leste ligavam-se por uma marnota que servia também como escoadouro para um outro mar interno, de menores proporções, na parte nordeste da península.

As montanhas ao fundo protegiam a faixa litorânea do gelado frio de inverno e dos ventos tenebrosos originados nas geleiras continentais ao norte. Os ventos da orla marítima, abrandados pelas águas tépidas do mar, criavam um estreito cinturão de clima temperado na protegida ponta sul da península, além de prover com bastante umidade e calor a floresta formada de velhas e frondosas árvores de madeira de lei, características das regiões de clima temperado.

A caverna encontrava-se numa localização ideal. O clã usufruía do melhor dos dois mundos. A temperatura era mais quente do que qualquer outra que predominava nas áreas por perto e havia abundância de madeira para supri-los com lenha e aquecê-los durante os gelados meses de inverno. Um enorme mar estava bem ali à mão, repleto de peixes e frutos marítimos e, ao longo da praia, os penhascos abrigavam os ninhos das aves marinhas com seus ovos. A floresta era um paraíso para aquele povo que ainda vivia da coleta de frutas, nozes, sementes, legumes e verduras. Além disso, o clã tinha fácil acesso à água potável, provinda das fontes no terreno e do rio. O mais importante, porém, é que se podia facilmente chegar às planícies, cujas extensas áreas cobertas de relva

sustentavam compactas manadas de animais de pastagens que Não só lhes forneceria carne, como também roupa e muitos outros implementos. O pequeno clã de caçadores-coletores vivia da natureza e esta era abundante.

Enquanto caminhava de volta, em direção ao clã sempre à espera, Brun quase Não via o chão em que pisava. Nem em pensamento havia vislumbrado caverna mais perfeita. Os espíritos haviam voltado outra vez. Talvez nunca tivessem ido embora, é provável que quisessem apenas que mudássemos para esta caverna, muito melhor e mais espaçosa do que a antiga. Claro! Deve ser isso! Estavam cansados da outra e desejavam uma nova moradia, por isso provocaram o terremoto para que saíssemos de lá. Talvez as pessoas que morreram estivessem fazendo falta no mundo dos espíritos e agora, eles, para nos compensar, deram essa caverna. Deviam estar nos botando à prova, querendo testar minha capacidade de chefe. Foi por isso que eu Não conseguia resolver se devíamos ou Não voltar. Brun sentia-se feliz por ver que Não falhara em sua liderança. Se Não fosse inteiramente impróprio, teria saído correndo para contar aos outros.

Quando os três homens surgiram, Não havia necessidade de contar a ninguém que a viagem chegara ao fim. Todos sabiam. Mas só Iza e Ayla já tinham visto a caverna, e somente Iza pôde apreciá-la. Tinha certeza de que Brun iria reivindicá-la. Agora, ele Não pode mandar Ayla embora, pensou consigo mesma. Se Não fosse a menina, ele teria voltado antes de encontrar a caverna. O totem de Ayla deve ter muita força e ela, uma boa estrela. Ayla traz sorte para nós. Olhou para a garotinha sentada a seu lado, inteiramente alheia ao rebuliço que causara. Mas, se ela tem tanta sorte, por que então perdeu sua gente? Iza meneou a cabeça. Nunca vou entender os caminhos usados pelos espíritos.

Brun também estava olhando para a menina. Logo que pôs os olhos em cima de Iza e de Ayla, lembrou-se de que tinha sido Iza que lhe falara sobre a caverna e ela nunca a teria achado se Não tivesse ido atrás da garota. Havia ficado até aborrecido quando viu a menina passeando sozinha, pois dissera a todos que esperassem. Mas se Não fosse por ela ser tão indisciplinada, ele teria perdido a

caverna. Por que teriam os espíritos primeiro conduzido a menina? O Mog-ur estava certo. Aliás, ele está sempre certo. Os espíritos Não ficaram zangados pelo fato de Iza ter tido dó da garota e nem estavam descontentes por Ayla estar com eles. O mais provável é que a protegessem.

Brun olhou a figura deformada do homem que deveria ter sido o chefe em seu lugar. Sorte a nossa de que meu irmão seja o nosso Mog-ur. Estranho, continuou dizendo consigo, há muitos anos que Não pensava nele como meu irmão... desde o tempo em que éramos crianças. Isso havia sido na época em que ele, ainda muito jovem, lutava consigo mesmo para adquirir o autodomínio necessário a todo homem, sobretudo para alguém destinado a se tornar chefe. Seu irmão mais velho também tinha travado sua luta pessoal: contra o sofrimento e o ridículo de Não poder caçar, e ele parecia ter o dom de adivinhar quando Brun se achava infeliz. O olhar suave de Creb o acalmava e, mesmo até hoje, Brun sentia-se melhor quando seu irmão vinha sentar-se perto dele, oferecendo-lhe o consolo de sua compreensão silenciosa.

Todas as crianças que nasciam da mesma mãe eram germanas, mas só as crianças do mesmo sexo referiam-se umas às outras, como irmão ou irmã, esses eram termos mais íntimos e, assim mesmo, usados quando já estavam maiores e nos raros momentos em que queriam demonstrar sentimentos afetivos. Os homens Não tinham irmãos bem como as mulheres não tinham irmãs Creb era germano e irmão de Brun; Iza era apenas germana, e ela não tinha irmãs Houve tempo em que Brun sentia pena de Creb, mas há muito se esquecera das atribulações do outro, em vista de sua sabedoria e poder. Praticamente, havia deixado de vê-lo como homem. Para Brun, Creb era o grande feiticeiro, cujos sábios conselhos estava sempre procurando. Achava que o irmão não lamentava o fato de não ter sido o chefe, mas, às vezes, punha-se a imaginar se Creb não gostaria de ter tido uma companheira e crianças junto a sua fogueira. As mulheres, em certas ocasiões, podiam ser bem cansativas, mas quase sempre traziam um pouco de alegria e ternura. Creb não teve companheira, nunca aprendeu a caçar, jamais conheceu os prazeres ou as responsabilidades normais

próprias da natureza masculina, mas ele era mog-ur, o grande Mog-ur.

Brun nada sabia sobre feitiçarias e muito pouco sobre espíritos, mas era o chefe e sua companheira havia tido um magnífico filho. Ele se enchia de orgulho e prazer sempre que pensava em Broud, o menino que estava educando para um dia assumir seu lugar. Vou levá-lo na próxima caçada, resolveu subitamente, a caçada para a festa da nova caverna. Essa poderá ser também a caçada de sua passagem. Se ele conseguir matar algum animal, poderemos fazer a iniciação dele conjuntamente com a cerimônia da caverna, isso vai deixar Ebra orgulhosa. Broud já está suficientemente crescido, é forte e corajoso. Às vezes, um pouco cabeça-dura, mas já estava aprendendo a controlar seu temperamento. Brun estava necessitando de mais um caçador. Agora que já tinham uma caverna, precisavam trabalhar, prevendo o próximo inverno. O menino achava-se com quase 12 anos, já bastante grande para entrar na idade adulta. Na nova caverna, Broud poderia, pela primeira vez, participar das memórias, pensou o pai. Elas vão ser especialmente boas. Iza fará a bebida.

Iza! O que vou fazer com ela? E com a menina? Iza já está muito ligada à garota... por mais estranha que seja. Deve ser porque passou tantos anos sem ter filhos. Mas daqui a pouco tempo vai ter o filho dela e Não tem nenhum companheiro para sustentá-la. Com a menina, serão duas crianças com quem vai ter de preocupar-se. Iza já Não é moça, mas está grávida e tem status e suas mágicas. Iza é uma honra para qualquer homem que quiser assumi-la. Se Não fosse pela garota, um dos caçadores poderia tomá-la como segunda mulher. Mas a garota, os espíritos a protegem, e eles vão ficar com muita raiva se agora eu a mandar embora. Podem fazer com que a terra trema outra vez. Brun teve um arrepio.

Sei que Iza quer ficar com a menina e foi ela quem me falou da caverna. Merece ser distinguida por isso, mas a coisa Não é simples. Se eu deixar que a garota fique, isso mostra que está sendo honrada, mas a menina não é da raça dos clã Será que nossos espíritos vão querê-la? Ela nem totem possui. Como vamos permitir

que fique conosco, se Não tem totem? Ah, espíritos! Nunca vou entender deles.

- Creb! - chamou Brun.

O feiticeiro voltou-se ao ouvir o som da voz, surpreso pelo fato de Brun o estar chamando por seu nome de nascença. Quando seu irmão lhe fez sinal, dizendo que a conversa seria em particular, ele foi capengando na direção do outro.

- Essa menina... a que Iza trouxe... Bem, você sabe, Mog-ur. Ela não é da raça dos clãs - começou Brun a falar, um tanto inseguro, sem saber como principiar a conversa. Creb esperou. Foi você quem disse para que eu deixasse Ursus decidir se ele queria ou não que a menina continuasse vivendo. Parece que ele resolveu deixar que ela viva e, agora, o que vamos fazer com a garota? Ela não é da nossa raça. Não tem totem. Nossos totens não vão permitir nem mesmo pessoas de Outro clã na cerimônia que vai preparar a caverna para eles. Só aqueles que têm espíritos vivendo aqui é que vão poder participar. A menina é muito criança, nunca irá sobreviver sozinha e você sabe que Iza quer ficar com ela... mas, e a cerimônia da caverna, como fica?

Creb já esperava por essa conversa e estava preparado.

- A menina tem totem, Brun. E um poderoso totem. Apenas não sabemos qual. Foi atacada por um leão da caverna e saiu apenas com alguns arranhões.

- Um leão da caverna? Poucos caçadores iriam conseguir escapar com tão pouca coisa.

- lião mesmo. E pense que ela ficou caminhando sozinha por longo tempo, quase morrendo de fome e não morreu. Foi posta em nosso caminho para que Iza a achasse. E não se esqueça também, Brun, de que você não impediu isso. Ela é muito criança para aguentar tanto sofrimento - prosseguiu falando o Mog-ur. - Mas minha impressão é que a menina está sendo testada pelo totem dela para ver se é digna. Seu totem não é apenas poderoso, ele tem também uma boa estrela. Nós poderíamos participar da sorte dela. Talvez até já estejamos.

- Você está se referindo à caverna?

- Foi para ela que a caverna foi mostrada primeiro. Nós já estávamos prontos a voltar. Você nos conduziu tão perto, Brum e...

- Os espíritos me conduziram, Mog-ur. Eles queriam uma nova casa.

- Claro, eles o conduziram, mas foi para a menina que mostraram em primeiro lugar. Estive pensando, Brun. Há dois bebês que ainda não têm totens conhecidos. Ainda não tive tempo. Encontrar uma caverna era mais importante. Acho que, quando a caverna for santificada, podemos fazer ao mesmo tempo uma cerimônia de totens. Isso traria sorte aos bebês e agradaria às mães.

- E o que isso tem a ver com a menina?

- Quando eu for meditar sobre os totens dos dois bebês, pedirei um para ela também. Se o totem da menina se revelar a mim, ela poderá participar da cerimônia. Isso não exige muito dela, e nós, nesta mesma ocasião poderemos aceitá-la no clã. Assim, Não existirá mais qualquer problema no fato de a garota ficar conosco.

- Aceitar a menina no clã. Mas ela não é da nossa raça. Ela é gente dos Outros. Quem falou em aceitá-la no clã? Isso não seria permitido. Ursus não gostaria. Nunca se viu uma coisa desta antes! - objetou Brun. - Eu não estava imaginando em fazê-la um de nós. Pensava apenas em que os espíritos talvez pudessem deixá-la continuar vivendo aqui, até que ficasse um pouco mais velha.

- Iza salvou-lhe a vida, Brun. Agora, Iza carrega uma parte do espírito da menina. Isso torna a garota parte de nossa gente. Ela andou perto de ir para o outro mundo, mas continua viva. É a mesma coisa que ter nascido outra vez, que ter nascido para nossa gente. - Pelas mandíbulas contraídas de Brun, Creb viu que ele estava contra sua idéia e foi logo apressando-se em falar, antes que o outro dissesse qualquer coisa. - As pessoas de um clã se juntam com as de outro clã Brun. Não existe nada de estranho nisso. Houve época em que jovens de diversos clã se juntavam para formar novos clãs. Lembra-se da última reunião de clã Dois pequenos clã não resolveram juntar-se e fazer um só? Os dois ficaram morando juntos, mas não nasceram muitas crianças, e das que nasceram foram

poucas as que conseguiram passar do primeiro ano de vida. Aceitar alguém de fora não é coisa nova.

- É verdade, algumas vezes, pessoas de um clã se unem com outras de fora, mas a menina não é da nossa raça. Você nem sabe se o espírito do totem dela vai falar com você, Mog-ur. E se falar, como saberá que está entendendo o que ele diz? Se nem a menina eu consigo entender, quanto mais seu totem. Você realmente acha que pode fazer isso? Descobrir qual é o totem dela?

- Vou tentar. Pedirei a Ursus para me ajudar. Os espíritos têm a língua deles, Brun. Se a intenção for de que ela se junte a nós, o espírito protetor dela dará um jeito para se fazer entender.

Brun por um momento ficou pensativo.

- Mas mesmo que você descubra o totem dela, qual o caçador que vai querê-la? Iza e o bebê já vão ser um fardo bastante pesado e nós não temos muitos homens para caçar. Não foi só o companheiro de Iza que perdemos no terremoto. O filho da companheira da Grod morreu e ele era jovem e bom caçador. O companheiro de Aga também se foi e ela ficou com dois filhos e a mãe que está dividindo a fogueira com ela. - Uma pontinha de dor se insinuou nos olhos de Brun, à lembrança de todas essas mortes havidas no clã.

"E Oga - continuou Brun - primeiro o companheiro da mãe Morto com uma chifrada e logo depois a mãe morrendo no desmoronamento. Eu disse, então, a Ebra que a menina iria ficar conosco. Oga já está quase moça. Quando chegar o tempo, acho que vou dá-la a Broud. Isso vai deixá-lo contente. - Por um instante, Brun ficou distraído, pensando em suas responsabilidades. - Já existe muito trabalho para os homens que ficaram, sem contar com essa menina, Mog-ur. Se eu a aceitar no clã, para quem vou poder dar Iza?

- E para quem você iria dar Iza, durante esse meio tempo, até que a menina tenha idade para ir embora, Brun? - perguntou Creb. Brun parecia confuso, o irmão prosseguiu, antes que o chefe pudesse responder. - Não há necessidade de encarregar nenhum caçador do sustento de Iza e da criança, Brun. Eu sustentarei as duas.

-Você?

- Por que não? Elas são mulheres. Não há meninos para educar, pelo menos por enquanto.

Eu, como Mog-ur, tenho direito a uma parcela de cada caça, não é verdade? Nunca precisei e nunca reclamei. Mas se eu quiser, eu posso. Não seria mais fácil, se todos os caçadores dessem para mim o que é devido ao Mog-ur? Assim, poderei sustentar Iza e a menina, ao Invés de um único caçador ficar encarregado delas. Eu estava mesmo pretendendo ter uma conversa com você sobre isso. Queria dizer-lhe que logo que encontrássemos uma caverna, eu gostaria de ter a minha própria fogueira e que me encarregaria de Iza, a não ser que outro homem queira ficar com ela. Há muitos anos venho dividindo minha fogueira com ela. Para mim, seria difícil mudar de hábito, depois de tanto tempo. Além disso, Iza me ajuda com meu reumatismo. Se a criança que nascer for menina, eu tomo conta dela também. Se for menino, bem... não adianta nos preocuparmos com isso por enquanto.

Brun ruminava a idéia. Sim. Por que Não? Facilitava para todo mundo. Mas o que levava Creb a querer fazer isso? Iza iria do mesmo jeito continuar sempre cuidando do reumatismo dele, seja lá em que fogueira ela estivesse. Por que será que um homem na idade de Creb, de repente, resolve querer chatear-se com crianças pequenas? E por que desejava tomar a responsabilidade de educar e disciplinar uma menina tão estranha? É, ele deve sentir-se responsável. Brun não gostava da idéia de receber a criança no clã; preferia que o problema nunca tivesse sido posto; e muito menos gostava da idéia de receber alguém de fora, alguém que escapava a seu controle. Talvez fosse mesmo melhor aceitá-la e educá-la direito, tal como uma mulher deve ser, prosseguia ele remoendo seu pensamento. Pode ser também que desta maneira fique mais fácil para o clã conviver com a menina. E se Creb estava querendo encarregar-se dela, não havia motivos para que ele pusesse obstáculos.

Por fim, fez um gesto concordando.

- Está bem. Se você conseguir descobrir o totem dela, nós receberemos a menina no clã, Mog-ur; e ela pode ficar vivendo em

sua fogueira, pelo menos enquanto o bebê de Iza não nascer.

Pela primeira vez em toda a sua vida, Brun se viu desejando o nascimento de uma menina e não de um garoto.

Uma vez a decisão tomada, ele se sentiu aliviado. O problema do que fazer com Iza vinha aborrecendo-o, mas era uma coisa que ia sempre adiando. Tinha problemas mais importantes a tratar. A sugestão de Creb não só veio solucionar uma questão intrincada que cabia a ele, como chefe, resolver, como também veio dar solução a um problema de ordem pessoal. Por mais que tentasse, desde que Iza perdera seu companheiro, ele não achava outra saída a não ser a de recebê-la com o futuro filho em sua fogueira e, talvez, também Creb. Ele já era responsável por Broud e Ebra e, atualmente, por Oga. Mais gente criaria atritos no único lugar onde ele relaxava sua guarda e estava à vontade. E sua companheira não ficaria também muito feliz com o arranjo.

Ebra se dava bastante bem com a germana de seu companheiro, mas vivendo na mesma fogueira seria a mesma coisa? Embora nada fosse dito abertamente, Brun sabia que ela tinha ciúmes do status de Iza. Na maioria dos clãs, Ebra, na qualidade de companheira do chefe, seria a mulher com a posição mais elevada. No entanto, Iza vinha em linha direta de uma longa dinastia de curandeiras que foram sempre as mais respeitadas e prestigiosas não só de seu clã, como de todos os outros. Ela possuía status por direito seu e não devido ao companheiro. Quando Iza salvou Ayla, Brun chegou a pensar que teria de receber a menina também. Nunca poderia pensar que o Mog-ur fosse assumir a responsabilidade dele próprio e ainda a de Iza e mais duas crianças. Creb não podia caçar, mas o Mog-ur tinha suas fontes.

Uma vez o problema resolvido, Brun correu em direção a seu clã, ansiosamente aguardando pela palavra do chefe que viria confirmar o que todos já sabiam. E seus gestos, então, disseram:

- A viagem terminou, a caverna foi encontrada.
- Iza - disse Creb, enquanto ela preparava chá de casca de salgueiro para Ayla. - Esta noite, não vou comer.

A curandeira curvou a cabeça em sinal de que havia compreendido. Sabia que suas meditações sempre eram precedidas

por algumas horas de jejum.

O clã estava acampado perto do rio, no sopé da pequena colina que levava à caverna. Enquanto a moradia não fosse consagrada segundo os rituais próprios à ocasião, as pessoas não poderiam mudar-se. Embora fosse inconveniente demonstrar ansiedade, todo mundo estava sempre arranjando pretexto para chegar perto da caverna e dar uma olhada para o interior. As mulheres sempre davam jeito de colher perto da boca da entrada e os homens as seguiam, ostensivamente no propósito de vigiá-las. O clã estava nervoso, mas de ânimo elevado. A angústia sentida desde o terremoto desaparecera. Gostavam da aparência da enorme caverna. Apesar de ser difícil ver dentro da escuridão, assim mesmo dava para perceber que ela era espaçosa, com muito mais recantos e redutos do que a antiga. As mulheres, encantadas, apontavam para o manso lago de água nascente, bem junto da boca de entrada. Não precisavam nem mesmo chegar até o riacho para apanhar água. Esperavam com impaciência pela sagração da caverna, uma das poucas cerimônias religiosas de que elas podiam participar e não havia pessoa que não estivesse ansiosa para mudar-se.

O Mog-ur afastou-se do acampamento, naquele momento em grande actividade. Queria encontrar um lugar sossegado, onde pudesse pensar sem ser perturbado. Enquanto caminhava ao longo do riacho correndo ligeiro ao encontro do mar, uma brisa quente, soprada novamente do sul, descabelava-lhe a barba. Apenas umas poucas nuvens a distância perturbavam a claridade cristalina daquele fim de tarde. No chão crescia um mato espesso e exuberante, e ele tinha de avançar com cuidado, contornando obstáculos, mas pouco se dando conta disso, tão concentrado estava em seus pensamentos. Um ruído vindo de um matagal perto fez com que parasse de repente. Era um terreno desconhecido e sua defesa resumia-se no cajado que o ajudava a firmar-se sobre as pernas, no entanto em sua mão útil, dotada de força descomunal, ele tinha uma bela arma. Pronto para o que acontecesse, segurou firme o cajado, pondo-se a escutar os grunhidos e bufidos saídos do denso matagal e os sons de galhos partindo-se, na direção do mato que se mexia.

Subitamente, através daquela grossa cortina de vegetação, surgiu um bicho, com um corpanzil atarracado e apoiado sobre quatro pernas curtas e truncadas. Os caninos inferiores, pontiagudos e perigosos, projetavam-se do focinho como duas presas. O nome do animal veio-lhe à cabeça, embora jamais tivesse visto um deles em toda a sua vida. Javali, O imenso porco selvagem olhava-o inamistosamente, confuso e indeciso. Depois, ignorou-o e, enterrando o focinho na terra fofa, tormou a meter-se pelo matagal. Creb deu um suspiro de alívio, continuando sua caminhada, seguindo rio abaixo. Numa estreita faixa de areia, deteve-se. Ali, estendeu sua capa, botou a caveira do urso da caverna em cima e sentou-se de frente para ela. Depois de uma gesticulação de sentido religioso, pedindo a assistência de Ursus, limpou a mente de todos os pensamentos, concentrando-se exclusivamente nos bebês que precisavam conhecer seus totens.

As crianças sempre haviam intrigado Creb. Muitas vezes, quando se deixava ficar sentado em meio às pessoas, aparentemente perdido em seus pensamentos, observava a meninada, sem que ninguém se desse conta disso. Uma das crianças era um robusto menino, bem constituído, de uns seis meses de idade que na hora do nascimento berrara com todas as forças e assim continuava a fazê-lo, principalmente quando queria mamar. Desde o princípio, Borg estava sempre fussando a mãe, enterrando-se nos seus seios fofos e só parando depois de encontrar o mamilo, quando, com grunhidos de prazer, punha-se a mamar. Isso o fazia lembrar, pensou Creb bem-humorado, do javali que acabara de ver, grunhindo e enterrando também o focinho na terra macia. O javali era um animal digno de respeito. Inteligente, podendo fazer com seus agressivos caninos sérios estragos quando provocado, e correndo com incrível velocidade, se decidisse atacar. Nenhum caçador desdenharia tal totem que estava muito de acordo com o lugar e o seu espírito ficaria perfeitamente bem na nova caverna. É o javali, decidiu, convencido de que o próprio totem lhe havia aparecido para que ele se lembrasse de sua existência.

O Mog-ur sentia-se satisfeito com a escolha e voltou, então, sua atenção para o outro bebê. Ona, cuja mãe tinha perdido o

companheiro no terremoto e que nascera pouco tempo antes da catástrofe. A menina possuía um germano, Vom, que era agora o único varão da fogueira daquela pequena família. Aga vai precisar logo de outro companheiro, disse consigo o Mog-ur, alguém que fique com ela e também com sua velha maaba. Mas isso é problema de Brun. Preciso pensar é em Ona e não na mãe.

As meninas careciam de totens mais delicados; os delas não podiam ser mais fortes do que os dos homens, do contrário seus totens destruiriam a essência que engravida e a mulher não teria filhos. Creb pensou em Iza. Por muitos anos, o totem do companheiro dela não conseguiu sobrepujar o antílope saiga de Iza... ou será que...? O Mog-ur frequentemente voltava a pensar nesse assunto. Iza conhecia mais mágicas do que se supunha, e ela não era feliz com o homem a quem fora dada. Sob muitos aspectos, Creb Não a culpava. Ela sempre soube conduzir-se com dignidade, mas o estado de tensão entre os dois era visível. Bem, o homem já se foi, pensou consigo. O Mog-ur é que irá sustentá-la agora, isto é, se não aparecer algum novo companheiro.

Sendo sua germana, Creb Não podia tomar Iza para companheira, seria contra todas as tradições. Por outro lado, há muito ele já havia perdido o desejo de ter uma mulher. Iza era apenas uma boa companhia, fazia tempo que vinha cozinhando para ele e cuidando de sua pessoa, e a fogueira deles iria daqui por diante ficar bem mais agradável, sem aquela constante atmosfera de animosidade. Além disso, havia Ayla para preencher mais o vazio. Creb sentiu percorrer-lhe um fluxo de suave ternura à lembrança dos bracinhos estendidos o abraçando. Mais tarde, disse para si, primeiro vamos a Ona.

Ela era um bebê sossegado, satisfeita, que costumava olhar séria para ele com seus enormes olhos redondos. Observava tudo em silêncio, com interesse, sem que nada lhe escapasse, pelo menos era o que lhe parecia. A figura de uma coruja rapidamente passou pelo pensamento do feiticeiro. Mas não seria um totem forte demais? A coruja é bicho caçador, pôs-se a conjeturar, mas só pega animais pequenos. Se uma mulher tiver um totem forte, o do companheiro terá de ser mais forte ainda. Nenhum homem com

uma proteção fraca pode ter uma mulher que tenha como totem a coruja. Por outro lado, ela poderá vir a precisar de um homem com totem forte. Então é a coruja, resolveu. Todas as mulheres têm necessidade de companheiros com proteções poderosas. Seria por isso que eu nunca tornei uma companheira? Que proteção poderia dar um pobre cabrito montês? O totem que Iza recebeu ao nascer era bem mais forte do que o meu. Há muitos anos que Creb não pensava no tímido e delicado cabrito, seu totem de nascença. Mas os cabritos, lembrou-se, habitavam essas densas florestas, tal como o javali. O feiticeiro era dos poucos que possuíam dois totens: o cabrito, o totem de Creb, e Ursus, o do Mog-ur.

O Ursus Spelaeus, os antigos ursos da caverna, enormes animais vegetarianos que tinham quase o dobro da altura de seus primos onívoros e pesavam três vezes mais do que estes, foi o maior urso que já se conheceu e um animal normalmente pacato, difícil de zangar-se. No entanto, uma urso da espécie atacou um garoto indefeso e aleijado que, perdido em seu pensamento, aproximou-se, sem sabê-lo, perto demais do seu filhote. Foi a mãe do garoto que o encontrou - estraçalhado e coberto de sangue, com um olho e a metade do rosto saltados para fora - e quem cuidou dele, devolvendo-lhe à vida. Ela amputou, abaixo do cotovelo, o braço que já era paralítico, esmigalhado pela força brutal do gigantesco animal. Pouco tempo depois, a criança deformada e levando no rosto uma hedionda cicatriz foi escolhida para acólito pelo mog-ur que o precedeu. Ursus, disse-lhe então o mog-ur, o escolhera, o havia posto à prova e o achara digno. Seu olho ficara com Ursus como símbolo da proteção dele e suas cicatrizes eram para ser ostentadas com orgulho, elas eram a marca de seu novo totem.

Ursus nunca permitiu que uma mulher lhe absorvesse o espírito para que ele pudesse ter gerado um filho. O urso da caverna dava proteção somente àqueles que passavam por sua prova. Foram poucos os escolhidos. Seu olho foi um preço muito alto, mas ele não se lamentava. Era o Mog-ur. Nunca outro feiticeiro tivera tamanho poder, e esse poder, Creb não duvidava, lhe fora dado por Ursus. E agora, naquele instante, estava o Mog-ur pedindo pela ajuda de seu poderoso totem.

Agarrado ao amuleto, implorava ao espírito do grande urso para que lhe revelasse o espírito do totem da criança nascida da raça dos Outros. Uma verdadeira prova à sua competência, e ele Não estava absolutamente seguro de obter resposta para sua mensagem. Concentrava-se na menina e no pouco que sabia a seu respeito. Ela é destemida, pensou. Dera-se a ele de coração aberto, sem qualquer medo dele ou da censura do clã. Raro, numa menina. Em geral, elas se escondiam atrás das mães quando ele estava por perto. Ela era uma criança curiosa e aprendia com facilidade. Um quadro começou a se esboçar, mas ele o afastou. Não. Não está direito. Ela é mulher, isso Não é totem de mulher. limpou a mente para empreender nova tentativa, mas o quadro voltava sempre. Resolveu, então, deixar que a cena tomasse corpo, talvez levasse a qualquer coisa diferente.

Visualizava um bando de leões esquentando-se preguiçosamente ao sol quente das pradarias. Havia dois filhotes. Um desses brincava saltitante na relva crescida e alta, rosnando de brincadeira e enfiando o nariz curioso nos buracos de bichinhos roedores. Era uma leoazinha que, um dia, se tornaria na principal caçadora de seu bando; seria ela quem iria levar o alimento para seu macho. Ela pulava por cima de um leão com uma enorme juba, tentando atraí-lo para sua brincadeira. Num momento, sem medo nenhum, bateu com a pata no focinho do parrudo leão. Foi um leve toque, quase uma carícia. O leão jogou-a no chão e ficou segurando-a sob a enorme pata, pondo-se a lambê-la com sua língua comprida e áspera. Os leões da caverna também criam seus filhotes com amor e disciplina, pensou o Mog-ur, querendo saber por que a cena de felicidade doméstica felina Não lhe saía da cabeça.

Novamente, tentou limpar a mente, procurando concentrar-se na menina, mas a cena Não arredava.

- Ursus - disse ele, por meio de gestos - mas um leão da caverna? Não pode ser! Uma mulher Não pode ter totem tão forte. Quem poderia ela ter por companheiro?

Nenhum homem em seu clã tinha o totem do leão da caverna e bem poucos nos outros clãs o possuíam. A figura da menina veio-lhe à mente. Alta, esquelética, braços e pernas retos, rosto chato com

testa larga e saltada, pele pálida e esbranquiçada, até mesmo os olhos eram pálidos. Iria ser uma mulher feia, pensou ele com objetividade. Qual a possibilidade de um homem querê-la? A visão de sua própria figura, também repulsiva, atravessou-lhe o espírito, lembrando-se do modo como as mulheres o evitavam, principalmente quando era jovem. Talvez ela nunca tenha companheiro e se tiver de manter-se sozinha, sem um homem para protegê-la, irá precisar de um totem forte. Mas tão forte assim? Tentou lembrar-se se já existira alguma mulher nos clãs com tal totem.

Mas ela Não é de fato gente dos clãs, disse assegurando-se, e Não há dúvida de que sua proteção seja poderosa, do contrário Não estaria viva. Poderia ter sido morta por um leão. O pensamento começava a tomar forma. Um leão da caverna! Atacou e não matou... será que atacou mesmo? Estaria testando a menina? Então um outro pensamento lhe ocorreu, sentindo um frio passando pela espinha. Toda a dúvida havia desaparecido. Ele estava certo. Nem Brun poderia duvidar disso, pensou. O leão tinha marcado a menina com quatro sulcos paralelos na coxa esquerda, uma cicatriz que ela levaria pela vida afora. Na cerimônia de passagem, aquela em que o mog-ur grava no corpo do jovem a marca de seu totem, o símbolo justamente do leão da caverna era quatro linhas paralelas gravadas na coxa!

No caso do homem a marca era a mesma, só que feita na coxa direita, mas ela era mulher. Claro! Por que não pensara nisto antes? O leão sabia que seria difícil para nós aceitar o fato, por isso ele mesmo tinha feito a marca e de forma tão clara, tão inconfundível para que ninguém pudesse pôr em dúvida. Ele gravou com a marca usada por nós. O leão queria que os clãs soubessem. Desejava que ela vivesse conosco. Ele levou o povo da menina para que ela pudesse viver aqui. Por quê? Veio-lhe, então, uma sensação de desconforto, a mesma que sentira após a cerimônia no dia em que Ayla tinha sido encontrada. Se ele tivesse um conceito para expressar o que sentia, lhe daria o nome de presságio, se bem que repassado por um confuso sentimento de esperança.

O Mog-ur procurou espantar do espírito aquela estranha sensação. Nunca um totem se revelara a ele com tanta força. Devia ser isto que o desconcertava, pensou consigo. O leão da caverna é o totem dela. Escolheu-a, tal como Ursus fez comigo. Olhou para dentro das órbitas vazias da caveira à sua frente. Inteiramente rendido, maravilhava-se com os caminhos usados pelos espíritos, era só uma questão de compreendê-los. Tudo estava muito claro agora. Achava-se aliviado e ao mesmo tempo muito abatido. Por que essa menininha precisa de um poder tão forte para protegê-la?

Capítulo 5

Ondulando à brisa do entardecer, as folhagens negras nas árvores balançavam-se como silhuetas dançantes contra o céu escuro. O acampamento encontrava-se silencioso, já acomodado para dormir. À luz fraca dos pedaços de carvão aceso, Iza examinava o conteúdo de diversas pequenas sacolas, postas em fileiras sobre sua capa e, de vez em quando, olhava na direção de onde Creb saíra. Estava preocupada com ele, sozinho, sem armas para defender-se, no meio de uma mata desconhecida. A menina já estava dormindo e, à medida que a luz se extinguia, Iza ia ficando mais preocupada.

Durante a tarde, ela fora examinar a vegetação que crescia perto da caverna. Precisava reabastecer-se e também aumentar sua farmacopéia. Sempre carregava na sacola de pele de lontra certas coisas, mas para ela; os saquinhos com plantas secas - folhas, flores, raízes, sementes e cascas - eram apenas medicamentos para primeiros socorros. Na nova caverna, teria espaço para armazenar maior quantidade e também para ter uma maior variedade. Entretanto, nunca se afastava muito sem levar sua sacola de remédios, que fazia par te dela como a própria roupa que vestia. Até mais. Sem remédios, sentia-se nua e sem roupa.

Por fim, Iza viu o velho feiticeiro caminhando de volta. Ela deu um pulo, indo botar para aquecer a comida que havia guardado para ele. Depois, pôs água para ferver, iria preparar o chá com sua erva preferida. Ele ficou circulando por perto; e em seguida veio ajeitar-se a seu lado, enquanto Iza metia as sacolinhas dentro da sacola grande, a de pele de lontra.

- Como está a menina essa noite? - indagou Creb.

- Mais repousada. A dor praticamente desapareceu. Ela perguntou por você.

Creb grunhiu qualquer coisa, sentindo-se alegre por dentro.

- Amanhã de manhã, faça um amuleto para ela.

Iza abaixou a cabeça, dizendo que tinha compreendido e, em seguida, levantou-se apressada para ver se a comida e a água estavam no ponto. Ela precisava se mexer. Estava tão feliz que não aguentava permanecer parada. Ayla ia ficar. Creb deve ter falado com o totem dela, pensou, emocionada, com o coração batendo forte. As mães dos bebês haviam feito os amuletos naquele dia. Elas não foram nada discretas e todo mundo acabou sabendo que os filhos iriam conhecer seus totens na cerimônia da caverna. Isso era bom agouro para os bebês, e as mães, orgulhosas, puseram-se a pavonear-se. Seria essa a razão por ter Creb passado tanto tempo fora? Deve ter sido difícil para ele. Iza tinha curiosidade de saber qual seria o totem de Ayla, mas conteve-se. De qualquer modo, ele não lhe contaria mesmo, e ela, dentro de pouco tempo, iria ficar sabendo.

Trouxe a comida para o seu germano e fez chá para ambos. Ficaram, então, sentados em silêncio, envolvidos por um clima de cálida e tranquila afeição. Quando Creb terminou, eram os únicos ainda acordados.

- Os caçadores vão sair de manhã cedo - disse ele. - Se fizerem boa caçada, a cerimônia poderá ser no dia seguinte. Você está preparada?

- Já verifiquei na minha sacola e há bastantes raízes. Estarei com tudo pronto - disse Iza, erguendo, na direção dele, um pequeno saco. Este era diferente dos Outros. Tinha o couro tingido num carregado tom vermelho-castanho, uma tinta obtida da mistura de ocre vermelho, muito refinado, com banha de urso, a mesma usada para curtir a pele de que a sacola era feita. Nenhuma outra mulher possuía qualquer objeto na sagrada cor vermelha, embora todos no clã carregassem um pedaço de ocre vermelho em seus amuletos. Aquela era a coisa mais preciosa que Iza possuía. - Amanhã de manhã eu vou me purificar.

Creb grunhiu outra vez. Esta era uma forma rotineira de os homens responderem às mulheres, dando-lhes a entender apenas que foram ouvidas, sem prestar muito interesse no que diziam. Permaneceram ainda algum tempo sem falar, até que Creb pôs no chão sua pequena caia de chá e olhou para a irmã- O Mog-ur irá

manter não só vocês, mas também a menina e a criança que irá nascer, se esta for mulher. Na nova caverna você ficará na minha fogueira, Iza - disse ele. Então pegou o cajado para ajudá-lo a levantar-se e foi coxeando na direção de seu lugar de dormir.

Iza ia erguer-se, mas voltou a sentar-se inteiramente estupefata. Era a última coisa que esperava. Com o companheiro morto, sabia que algum outro homem iria ter de sustentá-la. Vinha procurando afastar do pensamento o problema relacionado com seu destino. Também, se ela se sentisse dessa ou daquela maneira, Não iria fazer a menor diferença. Brun não iria consultá-la mesmo... contudo, não conseguia impedir-se de algumas vezes ficar pensando. Dentre as possíveis opções, algumas a atraíam e, outras, achava pouco prováveis de acontecer.

Havia Droog, já que a mãe de Goov tinha morrido no terremoto e ele agora se achava sozinho. Iza respeitava Droog. Era o melhor fazedor de ferramentas do clã. Qualquer um dos outros podia tirar lascas de um bloco de pedra e fabricar machadinhas ou raspadores, mas ninguém com o talento de Droog para isso. Ele preparava a pedra de tal modo que as lascas que cortava já saíam do tamanho e da forma desejados. Suas facas, raspadeiras e qualquer ferramenta eram objetos da maior admiração. Se fosse dado a ela escolher, dentre todos os homens do clã, escolheria Droog. Ele fora bom para a mãe do acólito, e a relação de ambos foi marcada por sincera afeição.

No entanto, Iza sabia que o mais provável seria que Aga fosse dada a ele. Era mais jovem e mãe de dois filhos. Vorn, o seu filho, logo estaria precisando de um caçador para se responsabilizar por sua educação e o bebê, Ona, também tinha necessidade de um homem que a sustentasse até que crescesse e fosse dada a alguém. Era possível que o fazedor de ferramentas estivesse disposto ainda a receber Aba. A velha, tanto quanto a filha, precisava também de um lugar. Assumir todas essas responsabilidades iria provocar grandes mudanças na vida do pacato e ordeiro Droog. Aga, às vezes, podia ser bem difícil. Ela não era a mesma pessoa compreensiva que fora a mãe de Goov, mas o rapaz logo também estaria tendo sua fogueira. Droog, portanto, estava precisando de uma mulher.

O próprio Goov para companheiro dela era algo inteiramente fora de cogitação. Muito jovem, quase ainda uma criança, nem mesmo já havia dormido com uma mulher. Brun jamais iria dar-lhe uma mulher velha, e Iza se sentia mais como mãe de Goov do que uma possível companheira para o rapaz.

Pensou que, talvez, pudesse ir viver com Grod e Ika, numa fogueira onde já vivia também Zoug, que fora o companheiro da mãe de Grod. Quanto a Grod, era um homem rígido, lacônico, mas não cruel, e de uma lealdade para com Brun à toda prova. Iza não se importaria de viver com Grod, apesar de que, na sua fogueira, fosse ser segunda mulher. No entanto, Ika era irmã de Ebra e nunca perdoara inteiramente Iza o fato de esta ter uma posição social que deveria pertencer à sua germana. Além disso, desde a morte do filho - que nem chegara a constituir sua fogueira - Ika mostrava-se desgostosa e arredia. Até mesmo Ovrá, sua filha, não conseguia fazê-la esquecer de sua dor. Há muita tristeza naquela fogueira, pensou Iza.

Difícilmente poderia cogitar na fogueira de Crug. Ika, sua companheira e mãe de Borg, era uma mulher jovem, afetuosa e sincera nos seus sentimentos. Justamente este era o problema, os dois eram bastante jovens, além do que, ela, Iza, nunca se dera muito bem com Dorv, o velho que já fora companheiro da mãe de Ika e que estava dividindo a fogueira com os outros.

Com isto, sobrava Brun, mas, na sua fogueira, nem mesmo segunda mulher seria, já que era germana dele. Não que isso tivesse importância, ela tinha o seu próprio status. Pelo menos não sou aquela pobre velha que, por fim, durante o terremoto, acabou achando seu caminho para o mundo dos espíritos. Iza pensava numa mulher que viera de outro clã; seu companheiro já tinha morrido há muito tempo e ela nunca teve filhos. A Infeliz ficara de fogueira em fogueira, sempre um fardo para os outros, uma mulher, enfim, sem status e importância.

A possibilidade, no entanto, de compartilhar da fogueira de Creb e de ser sustentada por ele nunca lhe passara pela cabeça. Não havia ninguém no clã - homem ou mulher - a quem fosse mais afeiçoada. E Creb tinha a vantagem de gostar de Ayla... tenho

certeza de que ele gosta, dizia ela para si. Será um arranjo perfeito, a não ser que eu tenha um filho. Todo menino precisa viver na fogueira de um homem que possa ensiná-lo a caçar, coisa que Creb não pode.

Poderia tomar remédio para perder a criança, pensou por um momento. Só assim poderia ter certeza de que não viria um menino. Apalpou a barriga e abanou a cabeça. Não, já era tarde demais. Isso poderá trazer problemas. Havia chegado à conclusão de que queria o bebê e, a despeito de sua idade, a gravidez ia progredindo bem, sem nenhuma dificuldade. Eram boas as chances de nascer um bebê normal e sadio. Criança é um bem muito precioso, não se pode renunciar a ele tão levemente. Vou pedir a meu totem outra vez para que o bebê seja menina. Ele sabe que sempre desejei que fosse mulher. Prometi que cuidaria de mim para que o bebê que ele permitiu formar nascesse sadio, só falta agora ele conseguir uma menina.

Iza sabia que mulheres de sua idade podiam ter problemas com a gravidez, e por isso tomava remédios e comia alimentos apropriados a seu estado. Apesar de nunca ter sido mãe, a curandeira sabia mais sobre gestação, parto e cuidados com recém-nascidos do que a maioria das mulheres. tinha ajudado no parto de todas as mocinhas do clã e seus conhecimentos e os remédios que preparava estavam sempre à disposição das mulheres. Contudo, havia uma poção tão secreta, cuja fórmula era passada de mãe para filha, que ela preferia uma boa morte a ter de revelar seu segredo, sobretudo se fosse para um homem que jamais deixaria uma mulher usá-la, se ele soubesse para que era.

O segredo vinha sendo mantido, porque ninguém - fosse homem ou mulher - indagava a curandeira sobre suas mágicas. O costume de não se fazer perguntas diretas já vinha de longa data e essa tradição tornara-se praticamente uma lei. Se alguém se mostrasse interessado, ela podia expor seus conhecimentos, mas nunca falava de sua poção especial, pois, se algum homem pensasse em fazer perguntas, ela estaria na obrigação de responder-lhe. A mulher jamais poderia deixar de dar resposta ao homem e era impossível às pessoas dos clãs mentirem. A forma de comunicação,

dependendo de nuances sutis na mudança quase imperceptível na expressão do rosto, na postura e na gesticulação tornava qualquer tentativa nesse sentido imediatamente detectável. Nem mesmo um conceito para a mentira eles tinham. O que mais se aproximava dessa idéia é quando eles simplesmente deixavam de falar, e isso, quase sempre, era percebido, mas em geral aceito.

Iza jamais falava desta poção, mas ela própria já a havia usado. Era uma mágica que impedia a concepção Não permitindo que o espírito do totem do homem penetrasse nela para formar a criança. Nunca passou pela cabeça daquele que foi seu companheiro indagar o porquê de ela Não ter filhos. Simplesmente admitia como verdade que Iza tinha um totem forte demais para mulher. Muitas vezes, ele lhe disse isso, e costumava lamentar-se com os outros homens pelo fato de a essência de seu totem Não ser capaz de sobrepujar a da companheira. Iza tomava a poção porque Não queria ter filhos, era essa a maneira que tinha escolhido para envergonhar o companheiro. Queria que ele e todo o clã pensassem que o elemento gerador de vida do totem do seu homem fosse fraco demais para romper as defesas dela, apesar de por isso apanhar muito.

Mas surras supostamente eram dadas para submeter o totem dela ao dele, mas Iza percebia que ele lhe batia por prazer. No início, ainda teve esperanças de que, se não tivesse filhos, seria passada para outro homem. Mesmo antes de ter sido dada a ele, já odiava suas maneiras cheias de bazófia e empertigadas e, quando soube que seria ele o seu companheiro, Não lhe restou outra coisa sem voltar-se em desespero para a mãe Esta apenas consolo tinha para oferecer, pois podia opinar tanto sobre o assunto quanto a filha. Ele, no entanto, Não quis dispor dela. Iza era uma curandeira, a mulher ocupando a posição social mais alta na hierarquia dos clã e ter o seu controle fazia-o sentir-se másculo. Quando a força de seu totem e essa sua virilidade começaram a ser postas em dúvida pelo fato de a companheira não produzir rebentos, ele, para compensar, passou a exercer sua superioridade física.

Apesar de as surras serem admitidas, na esperança de que delas resultasse um filho, Iza percebia que Brun estava em

desacordo com tal procedimento. Tinha certeza de que, se ele tivesse sido o chefe na ocasião, Brun nunca a teria dado a um tipo daquele. Na opinião de Brun, um homem não prova sua masculinidade subjugando mulheres. A essas, não resta senão a submissão. Era indigno para um homem bater-se com adversário mais fraco e se deixar levar pela raiva por ser provocado por uma mulher. Era dever de um homem ter autoridade sobre ela, manter a disciplina, caçar e sustentar, saber controlar-se e não mostrar sentimentos quando sofresse. A mulher podia levar alguns tabefes, se fosse preguiçosa ou faltasse com o respeito, mas não nos momentos de raiva e tampouco por prazer, apenas para disciplinar. Embora alguns batessem mais do que outros, poucos faziam disso um hábito. Somente o marido de Iza tornou essa uma prática habitual.

Depois de Creb ter-se juntado à fogueira deles, o companheiro de Iza se mostrou ainda mais relutante em dá-la a outro. Ela já não era somente a curandeira, mas a mulher que cozinhava para o Mog-ur. Se Iza o deixasse, o Mog-ur a acompanharia. Ele queria que o resto do clã pensasse que o grande feiticeiro lhe estava passando seus segredos. Na verdade, durante todo o tempo em que compartilharam da mesma fogueira, Creb jamais foi além de uma polidez formal, e muitas vezes mal tomava conhecimento da presença dele, principalmente quando - e Iza bem o sentia - o feiticeiro notava alguma equimose de tom suspeito na irmã.

Mesmo com todas as surras, Iza não parou de usar suas mágicas preparadas com ervas. No entanto, quando viu que estava grávida, resignou-se a seu destino. Algum espírito conseguira, por fim, vencer o seu totem e suas poções. Talvez tenha sido o dele, mas então pensava Iza, se o princípio vital do totem dele tinha conseguido finalmente vencer, por que esse espírito o havia abandonado no desabamento da caverna? Ela ainda guardava uma última esperança. Queria que fosse uma menina para diminuir um pouco o recém-adquirido prestígio dele; além disso, uma menina poderia dar continuidade à sua linhagem de curandeiras, embora já estivesse disposta a acabar com essa linha em sua pessoa. Isso era preferível do que ter um filho, enquanto vivesse na companhia de

seu companheiro. Se a criança fosse homem, ele estaria justificado em suas pancadarias; mas, uma menina, sempre ficaria ainda faltando algo. Agora, mais do que nunca, desejava que nascesse mulher. Não para denegrir postumamente a imagem do companheiro, mas porque isso iria permiti-la viver com Creb.

Iza guardou a sacola e se enfiou dentro da pele, ao lado da menina que dormia tranquilamente. Ayla deve trazer sorte, pensou ela. Temos uma nova caverna, ela foi autorizada a permanecer e vamos ficar na fogueira de Creb. Talvez ele me dê sorte e eu tenha uma filha. Passou o braço em volta de Ayla, aconchegando-se bem junto do corpinho quente da garota.

No dia seguinte, após a primeira refeição Iza acenou para Ayla e foram caminhar, subindo a margem do riacho. Enquanto iam andando, a curandeira procurava por determinadas plantas. Depois de alguns minutos, viu uma clareira e se dirigiu para lá. Havia ali algumas plantas de uns 30 centímetros de altura, presas a caules muito finos de cujas pontas saíam flores em cachos parecidos com espigas. Eram marantas, e Iza colheu alguns pés. Depois, encaminhou-se para uma área alagada, perto de um remanso do riacho, onde apanhou cavalinhas e, seguindo um pouco mais adiante, encontrou alguns pés de saboeiro que também colheu. Ayla acompanhava-a, observando com interesse e morrendo de vontade de conversar. Sua cabeça estava cheia de perguntas que gostaria de fazer e não podia.

Voltaram ao acampamento, e Ayla viu-a despejar água num balaio, tecido com as tramas muito apertadas, e jogar dentro deste as cavalinhas e pedras quentes saídas do fogo. A menina sentou-se ao lado de Iza, enquanto a observava cortando, com uma afiada faca de pedra, um pedaço redondo do couro que a curandeira tinha usado para carregá-la. Era uma pele macia e flexível, curtida com banha, mas ao mesmo tempo grossa. A faca passava através dela com a maior facilidade. Com uma outra ferramenta de pedra, aguçada na ponta, Iza fez vários furos a volta do pedaço de couro redondo. Em seguida, pegou algumas fibras duras, extraídas da casca de um pequeno arbusto, e torceu-as num cordão que enfiou nos buracos e puxou apertado, de modo a formar uma sacola.

Usando uma faca feita por Droog, uma das que mais gostava, cortou um pedaço da correia que lhe prendia a roupa, mas, antes, tendo o cuidado de medi-la no pescoço de Ayla. Tudo isto não levou mais do que poucos minutos.

Depois que a água ferveu no balaio impermeável, Iza pegou-o e, junto com as outras plantas que havia colhido há pouco, voltou novamente ao riacho com Ayla. Caminharam pela margem até chegar a um lugar onde havia um declive que levava suavemente até a água. Com uma pedra redonda, triturou as raízes de saboeiro junto com água numa enorme pedra achatada que tinha uma cavidade parecida a um pires. As raízes soltaram uma espuma cheia de saponáceo. Depois de tirar das dobras da roupa ferramentas de pedra e outros pequenos utensílios, Iza desatou a correia de sua vestimenta e se despiu. Por fim, tirou por cima da cabeça o amuleto e, com cuidado, colocou-o sobre a pedra.

Ayla ficou encantada quando viu Iza pegá-la pela mão e conduzi-la ao riacho. Ela adorava água. Mas, depois de molhada por inteiro, a mulher levantou-a e a botou sentada sobre a pedra, começando a ensaboá-la dos pés à cabeça, inclusive os cabelos duros e emaranhados. Após fazê-la mergulhar na água novamente, Iza fechou os olhos bem apertados. Ayla não entendeu, mas imitou o gesto, Iza fez que sim com a cabeça e ela compreendeu que era para fazer o mesmo. Sentiu, então, que sua cabeça estava sendo abaixada para a frente e que um líquido quente caía sobre ela. A cabeça da menina andava coçando e Iza notara minúsculos bichinhos passeando pelos cabelos, por isso agora os massageava com a infusão de cavalinhas que servia para matar piolhos. Em seguida, mais uma nova lavada nas águas do rio e outra vez Iza se pôs a esmigalhar raízes de saboeiro, desta vez com as folhas, para uma última ensaboada nos cabelos e um mergulho final no riacho. Iza passou, então, a repetir a mesma operação nela mesma, enquanto Ayla brincava na água.

Durante o tempo em que estiveram sentadas na beirada do riacho, esperando o sol secá-las, Iza esgarçou com os dentes um pequeno galho e o usou para tirar os nós dos cabelos das duas, ainda molhados. Estava espantada com a maciez e a beleza dos

cabelos quase brancos de Ayla. Uma coisa fora do comum, mas bem bonita, pensou consigo, na verdade, o que ela tem de melhor. Olhava para a menina sem deixar transparecer seu pensamento. Apesar de queimada de sol, Ayla ainda era mais branca do que ela, parecendo-lhe inteiramente desprovida de atrativos com aquela pele desbotada e olhos claros. É uma gente esquisita, disse consigo, mas não há dúvida de que são humanos também, só que muito feios. Pobrezinha. Como irá fazer para encontrar um companheiro?

E se não arrumar um homem, como vai adquirir algum status? Ela poderá ficar como a velha que morreu no terremoto. Se fosse minha filha de verdade, teria seu próprio status. Será que não daria para ensinar algumas de minhas mágicas benéficas para ela? Isso lhe iria dar uma certa importância. Se eu tiver uma filha, posso ensinar às duas ao mesmo tempo, mas, se for menino, não haverá nenhuma mulher para continuar minha linhagem. O clã algum dia irá precisar de uma nova curandeira. Se Ayla aprender a fazer mágicas, eles talvez a aceitem... pode ser até que um homem vá querê-la para companheira. Se ela vai ser acolhida no clã, por que não poderia ser minha filha? Iza já pensava na menina como dela. Por enquanto, eram apenas divagações, mas os germes da idéia tinham sido plantados.

A mulher olhou para cima, o sol já estava bem mais alto, concluindo que já estava ficando tarde. Preciso acabar o amuleto dela para depois começar a fazer a bebida de raízes, pensou, subitamente lembrando-se de suas responsabilidades.

- Ayla - chamou a menina que passeava próximo ao riacho. Ayla veio correndo.

Olhando para a perna dela, Iza reparou que a água tinha amolecido a crosta da ferida que, no entanto, ia sarando depressa. Iza meteu-se rapidamente em sua roupa e foi com a menina para um pequeno monte perto da caverna, mas antes dando uma parada no acampamento para buscar o saquinho que tinha feito e seu pau de cavar. Reparara numa vala de terra vermelha, no outro lado, perto do lugar onde haviam parado quando Ayla lhes mostrou a caverna. Ao chegar ali, Iza se pôs a cavucar o chão até se soltarem torrões de ocre vermelho. Então pegou alguns pedaços e os

estendeu na direção de Ayla. A memina olhava sem entender o que se esperava dela. Hesitando, tocou num deles. Iza pegou-o, meteu-o dentro do saquinho, fechando-o bem, e guardou numa dobra de sua roupa. Antes de voltar, olhou em torno, vendo pequeninas figuras se movendo lá embaixo na planície. Os homens haviam partido, cedo naquela manhã para caçar.

Em épocas bem remotas, homens ainda mais primitivos do que Brun e seus cinco caçadores aprenderam a disputar a caça com os animais carnívoros, observando-os e copiando seus métodos. Viam, por exemplo, como lobos, atacando aos bandos, podiam jogar ao chão uma presa muito maior e mais forte do que eles. Com o tempo, ao invés de garras e dentes, já usando armas e outros instrumentos, os homens perceberam que, se também fossem aos bandos, poderiam apanhar os imensos animais que dividiam com eles a natureza. E, assim, mais um passo estava dado em sua caminhada evolucionária.

Enquanto estavam à espreita de caças, para não espantá-las, eram obrigados a se manter em completo silêncio. Daí, passaram a desenvolver toda uma gesticulação que evoluiu em gestos e sinais mais complexos, já usados com outros objetivos. Os gritos de aviso começaram a ter variações de altura e tom, trazendo maior conteúdo de informações. No entanto, o ramo que deu na espécie dos clãs não desenvolveu suficientemente os mecanismos vocais para criar uma linguagem verbal plena, mas nem por isso seus homens deixaram de ser bons caçadores.

Os seis caçadores do clã puseram-se em campo aos primeiros clarões do dia. De onde eles se achavam observavam o sol enviando seus raios, como se ainda explorando o terreno, timidamente se insinuando no horizonte, para de pois assumir o pleno comando do dia. Do lado nordeste, uma imensa nuvem de poeira fina de loesse deixava entrever uma massa ondulante de pélos marrons, onde se destacavam as curvas negras de cornos bem marcados. Uma larga trilha de terra pisada, inteiramente desprovida de vegetação, ia ficando para trás, enquanto os bisões lentamente se locomoviam, desfigurando a planície verde-dourada. Agora, desembaraçados das

mulheres e crianças, em pouco tempo os caçadores cobriram a distância que os separava do terreno das estepes.

Deixando o sopé das colinas, diminuíram o passo e foram se aproximando mansamente, sempre a favor do vento. Quando estavam perto, agacharam-se em meio à relva e ficaram observando as figuras dos gigantescos animais. Enormes dorsos em corcova, afunilando-se em estreitos traseiros, suportavam massudas cabeças lanosas com imensos chifres que, nos adultos, chegavam a ter quase um metro de comprimento. O cheiro de suor de gado amontoado batia-lhes nas narinas, enquanto a terra vibrava com o movimento de milhares de cascos.

Brun, botando a mão na testa para sombrear os olhos, examinava cada um que passava, esperando pelo animal certo e o momento exato. Quem o visse naquele instante não diria que ele tinha sob controle o peso de uma tensão insuportável. Apenas o pulsar das têmporas sobre as mandíbulas cerradas traía-lhe o coração disparado e os nervos a flor da pele. Esta era a caçada mais importante de sua vida. Nem mesmo o seu primeiro animal abatido que o elevara à condição de adulto equiparava-se à caçada de cujo resultado eles dependiam para morar na nova caverna. Uma caçada bem-sucedida não só iria fornecer a carne para a festa da cerimônia como também lhes daria a certeza de que seus totens haviam de fato aprovado a moradia. Se voltassem de mãos abanando, o clã estaria na obrigação de procurar outra caverna, mais aceitável para seus espíritos protetores. Era a maneira de os totem os avisarem de que a caverna não traria sorte. Quando Brun viu a imensa manada de bisões, ficou animadíssimo. Nela, achava-se seu próprio totem incorporado.

Brun deu uma olhada na direção dos homens, ansiosamente esperando por seu sinal. Esperar tem sempre a parte mais difícil, mas qualquer movimento prematuro poderia ter consequências desastrosas e isso era possível de acontecer. Portanto, teria que se esforçar ao máximo para que nada saísse errado. Olhando a expressão preocupada no rosto de Broud, por um momento, quase se arrependeu de tê-lo trazido. Mas logo se lembrou do brilho nos olhos do garoto, cheio de orgulho, quando lhe dissera para preparar-

se para a caçada da passagem. É normal que esteja nervoso, pensou Brun. Não é só sua primeira caçada, a sorte do clã está dependendo da força do seu braço.

Broud deu com o olhar de Brun e tratou imediatamente de controlar a expressão reveladora de sua agitação interior. Não fazia idéia do tamanho do bicho quando vivo que, de pé sobre as patas, ficava a uns 30 centímetros acima de sua e nem supunha que a visão de uma manada inteira pudesse ser tão assustadora. Pelo menos o primeiro ferimento de verdade teria de ser feito por ele para que a caça lhe fosse atribuída. E se eu errar? E se não acertar e o bicho escapar? A cabeça de Broud achava-se num turbilhão.

Lá se foram os seus sentimentos de superioridade, suas gabolices diante de Oga: ele treinando estocadas certeiras e ela o olhando em adoração. Ele fingia não perceber. Oga era só uma criança. É, no final das contas, só uma menina. Mas, dentro em pouco, seria mulher. Não estaria mal como companheira quando ela crescesse, dizia consigo. Vai precisar de um homem forte para protegê-la, agora que sua mãe e o companheiro dela morreram. Broud gostava dos cuidados especiais que Oga lhe dispensava, sempre correndo e pronta para obedecer a todos os seus desejos, apesar de que nem homem ainda era. Mas o que vai ela pensar de mim, se eu não conseguir acertar no animal? E se eu não puder ficar homem na cerimônia da caverna? O que Brun vai dizer? E o clã? O que irá pensar? E se tivermos de abandonar essa linda caverna já abençoada por Ursus? Broud agarrou firme sua lança e pegou no amuleto, suplicando ao grande rinoceronte peludo para lhe dar coragem e força no braço.

Não haveria muita chance de o animal escapar, se Brun ajudasse. Ele deixou que o rapaz pensasse que o destino da nova caverna estava em suas mãos. Se Broud iria algum dia ser chefe, tinha desde já de ir aprendendo a conhecer o peso da responsabilidade e do posto. Brun daria uma chance ao garoto, mas estaria por perto para, se necessário, ele próprio abater o bicho. Para o bem de Broud, esperava não precisar fazer isso. O rapaz era orgulhoso, e seria grande sua humilhação; no entanto, o chefe não tinha intenção de sacrificar a caverna em nome desse orgulho.

Brun se virou para observar a manada. Um instante depois, viu um macho, ainda jovem, extraviado do resto. Era um animal quase adulto, mas ainda imaturo e inexperiente. Brun esperava que ele se perdesse mais dos outros, aguardando por um momento em que estivesse sozinho, fora do cordão de proteção do rebanho. O sinal, então foi dado. Os homens partiram como flechas, dispersando-se para os lados, com Broud à frente. Brun, ansioso, sempre com os olhos presos no bisão desgarrado, via ao mesmo tempo os caçadores espalhando-se, guardando, entre eles, uma distância regular. A outro sinal seu, os homens pularam na direção da manada, aos gritos e berros, agitando os braços. Os assustados animais que iam pela beirada correram para juntar-se à massa da manada, fechando as brechas e empurrando os de fora para o centro. Brun se colocou entre eles e o jovem bisão obrigando-o a mudar de direção.

Enquanto os animais na periferia procuravam abrir caminho para o meio do tumulto, Brun correu atrás daquele que havia marcado. Botou cada grama de sua energia na perseguição fazendo o bicho correr tanto quanto aguentavam suas grossas e musculosas pernas. Naquele furioso redemoinho, a terra seca das estepes ia enchendo o ar de uma poeira fina, limosa, revolvida por centenas de pesados cascos. Brun franziu os olhos, tossindo, parcialmente cego pelo pó que lhe entupia as narinas e o sufocava. Ofegante, quase Não se aguentando mais, notou que Grod vinha correndo para substituí-lo na perseguição.

Com a nova investida de Grod, o animal mudou outra vez de direção. Os homens atacavam, cercando-o, de modo a trazê-lo de volta para Brun que, ainda arquejando, ia aproximando-se com passos lentos do círculo. Deu-se, então, o estouro da enorme manada que saiu em louca correria pelas estepes. O barulho que os animais ouviam de seu próprio tropel multiplicava um medo que não tinha razão de existir. Só o bisão novo havia ficado para trás, correndo em pânico de criaturas com uma fração de sua força, mas com inteligência e determinação bastante para compensar a diferença. Grod, cobrindo-o de pancadas, recusava-se a largar a luta, apesar de o coração estar prestes a estourar. O suor criava

córregos pela camada de poeira que lhe cobria o corpo, dando um sombreado pardacento à sua barba. Por fim, ele baqueou no momento mesmo em que Droog veio tomar-lhe o lugar.

A resistência daqueles caçadores era grande, mas o jovem e forte bisão com uma energia inquebrantável, não se entregava. Droog era o mais alto do clã, tendo as pernas um pouquinho mais compridas do que as dos outros. Instigando o animal, sempre pela frente, num dado momento teve de partir a toda velocidade para cima do bicho, desviando-o de sua tentativa de pegar a trilha da manada em fuga. Quando Crug tomou a frente de Droog, exausto a mais não poder, o animal já estava visivelmente sem fôlego. Crug estava descansado e levantou os ímpetos do bicho, trazendo-lhe, com uma estocada em sua ilharga, um novo brotar de energias.

Quando Goov veio para o revezamento, o imenso animal peludo já estava mais vagaroso. Corria às cegas, obstinadamente, sempre seguido de perto por Goov que lhe dava estocadas, esvaindo os últimos laivos de energia. Broud viu quando Brun se aproximou e soltou um rugido, assumindo sua vez de correr atrás do bisão. As corridas, no entanto, foram poucas e curtas. O animal já tinha tido sua dose. Ele foi indo, indo, até que parou de vez, recusando-se a mexer. O couro estava escumoso, a cabeça pendente e a boca espumava. Já com sua lança preparada, o garoto aproximou-se do bisão que estava inteiramente fora de combate.

Com um julgamento fruto da experiência, Brun fez uma rápida avaliação. Não estaria o garoto nervoso demais para matar seu primeiro animal? Ou muito afoito? Será que o bicho já estava realmente esgotado? Alguns velhos bisões matreiros, às vezes paravam de repente, parecendo completamente exauridos e, no último instante, atacavam, matando ou ferido o caçador, sobretudo se este fosse inexperiente. Deveria Broud usar suas boleadeiras para primeiro tontear o animal e depois derrubá-lo? A cabeçorra do bruto estava quase arrastando no chão e as ilhargas tombadas não enganavam: o bisão estava de fato acabado. Mas, se Broud usasse as boleadeiras, seu feito já não teria tanto mérito. Brun resolveu deixar que Broud tivesse todas as honras. Rapidamente, antes que o bisão recuperasse o fôlego, Broud se encaminhou na direção

daquela enorme massa peluda, empunhando a lança para cima. Com o último pensamento a seu totem, fez a arremetida final. A comprida e pesada lança cravou fundo na ilharga do animal, numa estocada rápida e mortal, a ponta endurecida a fogo trespassou o grosso couro, quebrando uma costela. O bisão uivou de dor e, mesmo com as pernas vergadas, ainda se virou tentando chifrar seu atacante. Brun percebeu a manobra, deu um salto para se postar ao lado de Broud e, usando de toda a força, partiu sua maça na cabeça do animal. O golpe veio apressar a queda. O bisão caiu junto dele, com as patas apontando os cascos para cima, já nos seus últimos estertores. Depois, ficou imóvel.

Broud, de início, mostrou-se espantado e um tanto abatido, mas logo o ar foi varado por um grito agudo exprimindo todo o seu triunfo. Ele tinha conseguido. Havia matado seu primeiro animal! Agora, era um homem!

Estava exultante. Veio, então, buscar sua lança espetada na ilharga do bisão. Ao arrancá-la, sentiu no rosto o jorrar quente do sangue, provando-lhe o sabor salgado. Com orgulho nos olhos, Brun aproximou-se e bateu no ombro do rapaz.

- Muito bem - disse, num gesto de muda eloquência. O chefe estava feliz por poder acrescentar às suas fileiras mais um caçador, um rapaz forte, orgulho e alegria de sua vida. O filho de sua companheira, o filho de seu coração.

A caverna era deles. Os ritos da cerimônia viriam sacramentá-la, mas a caça de Broud assegurou-a definitivamente. Os totens se achavam contentes. Broud segurava a lança com a ponta manchada de sangue voltada para cima, quando os outros vieram correndo juntar-se a eles, cheios de alegria, à vista do animal abatido. Brun já tinha a faca na mão, pronto para cortar a barriga e estripar o bisão antes de carregá-lo para a caverna. Retirou o fígado, cortou-o em fatias, dando um pedaço a cada caçador. Era a parte nobre, reservada só aos homens. O fígado dava força aos músculos e boa visão para caçar. Em seguida, tirou o coração para fora e enterrou-o no chão perto do animal. Era uma promessa que pagava a seu totem.

Broud, com o coração estourando de alegria, sentia o sabor de sua virilidade. Tornar-se-ia homem na cerimônia que santificaria a caverna e a ele caberia a honra de conduzir a dança dos caçadores. Tinha, doravante, o direito de participar dos rituais secretos que eram realizados no interior da pequena caverna, e o rapaz daria de bom grado a vida pelo olhar de orgulho que viu no rosto de Brun. Era o supremo momento de sua vida. Já se antevia como centro de atenções na cerimônia da caverna, depois de concluído seu ritual de passagem. Teria toda a admiração e todo o respeito do clã. Só se falaria nele e em sua bravura na caçada. Seria sua noite, e os olhos de Oga estariam brilhando cheios de muda devoção e reverente encantamento.

Os homens amarraram, acima das juntas, as quatro pernas do bisão. Grod e Droog juntaram suas lanças e Crug e Goov fizeram o mesmo, de modo a formar com elas um par de reforçadas estacas. Uma foi passada entre as pernas dianteiras e a outra, entre as traseiras, no sentido horizontal, atravessando o bicho. Brun e Broud iam lado a lado, cada um segurando num chifre e levando na outra mão a lança. Grod e Droog pegaram cada um numa das extremidades da estaca dianteira, enquanto Crug se postou do lado esquerdo e Goov do direito das pernas traseiras. A um sinal do chefe, puseram-se a caminho, carregando o animal pela relva, meio suspenso e meio arrastado. A volta foi muito mais demorada do que a ida. Apesar da força que tinham, esfalfaram-se sob aquele enorme peso, arrastando-o pela planície e, depois, subindo a colina.

Oga estava vigiando e viu quando despontaram ao longe, lá embaixo na planície. Quando estavam mais perto, o clã que já os esperava, saiu inteiro para fazer, junto deles, a última etapa do trajeto, aplaudindo-os silenciosamente. A posição de Broud, à frente dos caçadores vitoriosos, indicava seu feito. Até mesmo Ayla, que Não estava entendendo o que se passava, foi tomada por toda aquela excitação, quase palpável, pairando na atmosfera.

Capítulo 6

- O filho de sua companheira fez bonito, Brun. Um animal e tanto - disse Zoug, enquanto os homens punham o bisão em frente à caverna.

- Você já tem mais um caçador e pode orgulhar-se dele.

- Ele mostrou coragem e muita força no braço - disse Brun, gesticulando com uma das mãos e a outra apoiada no ombro do rapaz. Seus olhos brilhavam de orgulho. O elogio direto deixou Broud ainda mais cheio de si.

Zoug e Dorv examinavam o jovem bisão, tomados de admiração. mas um tanto saudosos das emoções de suas antigas caçadas e das vibrações senti das nos momentos de glória, esquecidos dos perigos e desapontamentos, parte também da difícil aventura que é a caça de um animal de grande porte. Já Não podendo caçar mais com os jovens, mas também Não querendo ficar do lado de fora, os dois haviam passado a manhã explorando as matas nas encostas da colina, buscando presas menores.

- Vejo que você e Dorv puseram suas fundas para funcionar. Desde a metade da subida do morro que já vinha sentindo o cheiro de carne assando- prosseguiu Brun. - Depois que estivermos instalados na caverna, vamos achar um lugar para treinar. O clã só tem a ganhar, se todos souberem usar a funda como você, Zoug. E Não vai custar muito a chegar o tempo para Vorn começar a treinar.

Brun tinha perfeita consciência do que representava a contribuição dos velhos e desejava que eles também o soubessem. Nem sempre suas caçadas eram bem-sucedidas. Muitas vezes, existia carne, graças aos esforços deles e, durante as pesadas nevascas de inverno, a carne fresca quase sempre era obtida na caça com funda. Representava nessa época do ano uma agradável mudança na alimentação do clã, constituída quase só de carne-seca, e principalmente no final da estação, quando começavam a faltar as caças abatidas no último outono.

- Sim, mas nada como um jovem bisão como este aí. Conseguimos pegar alguns coelhos e um castor gorducho. A comida já está pronta. Estávamos só esperando por vocês - falou Zoug. - Vi uma clareira num terreno plano, mais ou menos perto daqui. Lá, vai dar um bom lugar para treinar.

Zoug, que vivia com Grod desde que sua companheira morreu, vinha exercitando sua pontaria com a funda, depois que se retirou das fileiras dos caçadores de Brun. O bom domínio das boleadeiras e da funda era o que havia de mais difícil para os homens dos clãs conseguirem. Apesar de seus braços, ligeiramente arqueados e musculosos, serem dotados de tremenda força, eles podiam executar trabalhos que exigiam grande precisão e delicadeza, como o de lascar pedras. O desenvolvimento das juntas dos braços, particularmente a maneira como seus músculos e tendões se ligavam aos ossos, dava-lhes uma perfeita destreza manual em combinação com uma formidável força. Mas isso tinha também seus inconvenientes. Esse mesmo tipo de desenvolvimento de junta restringia-lhes os movimentos. Não conseguiam, por exemplo, fazer uma arcada completa com o braço, o que lhes tornava bastante difícil o gesto de arremessar objetos. O que perdiam em troca da força era, não o controle de precisão, mas a energia em seus arremessos. Suas lanças não eram como dardos que se atiram a distância, mas um tipo de estocada feita de perto e com grande força. O exercício com lanças e paus era pouca coisa mais do que desenvolver uma boa musculatura, mas o uso da funda ou das boleadeiras levava anos de prática e concentração. A funda, uma tira de couro flexível que o atirador, segurando por suas duas extremidades fazia girar por cima da cabeça para dar impulso a uma pedra posta no centro da correia, era arma que exigia grande treinamento. Zoug era vaidoso de seus tiros certos e agora estava também orgulhoso pelo fato de Brun tê-lo escolhido para treinar os garotos do clã.

Enquanto Zoug e Dorv vasculhavam as encostas com suas fundas, as mulheres apanhavam plantas no mesmo terreno, e um aroma apetitoso de comida no fogo enchia o ar, aguçando-lhes o

apetite. Isso veio lembrá-los de que o móvel da caçada era a fome. Não tiveram de esperar muito.

Depois da comida, relaxados e inteiramente satisfeitos, rememoraram os incidentes e as emoções da caçada para prazer deles e também para o de Zoug e Dorv. Broud, radiante com seu novo status, recebendo calorosas felicitações de seus novos pares, via Vom olhando-o, estático, cheio de admiração. Até aquela manhã, os dois haviam estado em mesmo pé de igualdade, e Vom, depois de Goov ter passado para o grupo dos homens, fora seu único companheiro.

Broud se lembrou de como também ele ficava rondando os homens, de pois das caçadas, tal como agora Vom fazia. Nunca mais estaria relegado às sombras, inteiramente ignorado e bebendo avidamente as histórias que os outros contavam. Nunca mais estaria às ordens da mãe e das mulheres, chamando-o para ajudar nos serviços domésticos. Era agora um caçador. Um homem. Para que assumisse os plenos direitos do status adulto, faltava apenas um último ritual que seria celebrado conjuntamente com a cerimônia da caverna, um acontecimento que seria particularmente memorável e auspicioso.

Quando acontecesse, estaria ocupando a posição mais baixa na hierarquia masculina, mas isso não tinha muita importância. Daqui a uns tempos mudaria; o seu lugar no clã estava preestabelecido. Era filho da companheira do chefe, algum dia seria ele o cabeça. Vorn, às vezes, tinha sido uma praga, mas ele, Broud, podia permitir-se ser magnânimo. Encaminhou-se para o menino, percebendo os olhos de Vorn acenderem de prazer com sua aproximação.

- Vom, acho que você já está bastante crescido - disse Broud com gestos pomposos, tentando assumir uma postura de homem. - Vou fazer uma lança para você. Já é tempo de começar a treinar para caçador.

- Sim - respondeu o menino, com um movimento de cabeça. - Já estou crescido sim, Broud - prosseguiu, timidamente. Fez, então, um gesto indicando a ponta manchada de sangue da pesada lança. - Posso tocar?

Broud colocou a ponta de sua lança no chão, e Vorn, hesitante, encostou o dedo no sangue seco do bisão, jazendo agora em frente à entrada da caverna.

- Você teve medo, Broud?

- Brun diz que todos os caçadores ficam nervosos na primeira caçada

- respondeu Broud, sem admitir seus temores.

- Vorn! Até que enfim encontrei-o! Bem que eu devia ter imaginado. Seu lugar era ajudando Oga a catar lenha - disse Aga, vendo o filho que conseguira escapulir das mulheres e das crianças.

Vom seguiu a mãe, olhando por cima do ombro seu novo ídolo. Brun observava, satisfeito, o filho de sua companheira. O rapaz tem boa índole. Não se esqueceu do amigo só porque ele é ainda criança, disse consigo. Um dia Vom será caçador e Broud, chefe, e ele, então, se lembrará dessa gentileza que recebeu quando ainda criança.

Broud ficou olhando Vom ir arrastando-se atrás da mãe. E pensar que, até ontem, também sua mãe vinha buscá-lo para fazer serviços domésticos. O rapaz deu uma olhada nas mulheres que, no momento, cavavam um buraco. Seu impulso foi o de escapar de mansinho, sem que a mãe o visse, mas, então, percebeu Oga olhando em sua direção. Minha mãe não pode mais dizer o que tenho ou não de fazer. Não sou criança, sou homem. Agora, ela tem de me obedecer, pensava Broud, estufando um pouco o peito. Ela tem de... e Oga está olhando...

- Ebra! Traga água! - ordenou, imperioso e olhando arrogante para as mulheres. Estava quase esperando que sua mãe lhe mandasse catar lenha. A rigor, não seria homem enquanto não se consumassem os ritos de passagem.

Ebra suspendeu os olhos, cheia de orgulho. Ali estava o seu rapazinho que tão bem se saíra de sua missão, o seu filho que chegara ao belo status de homem. Ela deu um salto e foi até o lago perto da caverna, voltando rapidamente com a água e olhando desdenhosa para as outras, como se dissesse: estão vendo o meu filho? Olhem só que caçador corajoso e que beleza de homem!

Percebendo todo aquele entusiasmo e orgulho por ele, Broud saiu um pouco da defensiva e se dispôs a agraciar a mãe com um breve grunhido. A pronta obediência de Ebra agradou-o quase tanto como a saudação de cabeça seguida pelo olhar de adoração que ele viu em Oga, quando se virava para sair.

Oga tinha ficado profundamente abatida e triste com a morte de sua mãe, ocorrida pouco tempo depois do falecimento do companheiro dela. Como filha única, fora muito querida pelo casal. A companheira de Brun mostrava-se delicada com ela, depois que foi morar com a família do chefe. Podia sentar-se junto deles para comer e, durante a viagem, caminhara logo atrás de Ebra. Mas Brun a intimidava. Parecia ser muito mais severo do que o companheiro de sua mãe. Suas responsabilidades eram grandes e pesavam de mais sobre os seus ombros. A principal preocupação de Ebra era Brun e, viajando, ninguém teve muito tempo para pensar na pobre menina órfã. Certa noite, Broud a viu sentada, num desalento só, com os olhos fixos na fogueira. Oga se viu numa gratidão sem limites, quando o orgulhoso garoto, quase um homem, que raramente prestava atenção nela, veio sentar-se a seu lado e passou o braço em torno de seus ombros, ouvindo-a silenciosamente chorar suas mágoas. A partir daquele momento, só teve um desejo: o de ser a companheira de Broud, quando se tornasse mulher.

Fazia um sol quente de fim de tarde, numa atmosfera inteiramente parada. Nem uma pontinha de brisa agitava a menor das folhas. O silêncio de expectativa era apenas rompido pelo zunir das moscas rodeando os restos de comida e pelo barulho dos pauzinhos das mulheres cavando um buraco na terra. Iza, com Ayla a seu lado, procurava, dentro da sacola de pele de lontra, a outra menor de cor vermelha. A menina andara atrás dela o dia inteiro, mas agora havia certos rituais que Iza tinha de levar a cabo com o Mog-ur, certos preparativos relacionados com o importante papel que desempenharia na cerimônia da caverna, pois já não havia a menor dúvida de sua realização. Ela pegou a menina de cabelos louros e a levou até o grupo de mulheres cavando o buraco, próximo à entrada da caverna. Faziam um buraco que iriam forrar de pedras, no qual o fogo arderia a noite toda. Pela manhã, o bisão sem a pele

e esartejado, seria posto envolvido por folhas dentro do buraco e, depois, coberto com mais folhas e uma camada final de terra. Nesse forno de pedras, o animal assaria até o entardecer.

Que serviço lento e tedioso, a escavação! Os pauzinhos pontudos eram usados para soltar a terra para cima que ia sendo jogada com as mãos num lençol de couro, o qual era arrastado para outro ponto e aí esvaziado. Mas uma vez o buraco pronto, ele serviria para muitas vezes mais, bastando que, ocasionalmente, fosse limpo das cinzas depositadas. Enquanto as mulheres escavavam, Oga e Vorn, sob os olhares vigilantes de Ovrá, a filha de Ika, catavam lenha e traziam pedras do fundo do riacho.

Com a aproximação de Iza trazendo a menina pela mão, as mulheres pararam.

- Eu preciso ir ver o Mog-ur - disse Iza falando por gestos. Em seguida, empurrou Ayla na direção delas. A menina ainda fez menção de segui-la, mas Iza abanou a cabeça, dizendo não e tornando a empurrá-la na direção das mulheres. Logo depois foi embora.

Exceto Iza e Creb, Ayla ainda não tinha tido contato com qualquer outra pessoa do clã. Sentiu-se perdida e tímida longe da presença encorajadora de Iza. Ficou presa no chão, sem jeito, olhando para os pés, de vez em quando levantando os olhos para dar uma olhada apreensiva. Contra todas as regras do decoro, todo mundo se pôs a encarar a garota magricela de pernas compridas, rosto chato e testa saliente. Todos estavam curiosos a seu respeito e aquela era a primeira oportunidade que tinham para vê-la de perto.

Por fim, Ebra quebrou o silêncio.

- Ela pode ir catar lenha - disse por gestos, dirigindo-se a Ovrá e voltando imediatamente ao que estava fazendo.

Ovrá ia na direção de um trecho com muitas árvores e troncos caídos. Oga e Vom pareciam grudados no chão Ovrá fez um aceno impaciente e, em seguida, outro para Ayla. A menina achou ter entendido o gesto, mas não estava muito certa do que se esperava dela. Ovrá, outra vez, acenou e se encaminhou para o lugar das árvores. As duas crianças mais próximas em idade de Ayla foram com certa relutância atrás de Ovrá. A menina ficou, por um instante,

vendo Oga e Vorn pegarem galhos secos, enquanto Ovrá, com o seu machado de pedra, rachava uma tora de bom tamanho, caída no chão. De volta, depois de ter depositado um tronco perto do buraco, Oga começou a arrastar na direção da pilha de troncos uma tora que Ovrá tinha rachado. Ayla viu a luta da menina e veio ajudá-la. Curvou-se e segurou o outra ponta. Quando as duas ficaram de pé, Ayla olhou bem dentro dos olhos negros de Oga. Por um momento, ficaram paradas, uma encarando a outra.

Tão diferentes e ao mesmo tempo tão contraditoriamente parecidas. Provinham de um mesmo tronco, mas a descendência do ancestral comum às duas havia tomado rumos divergentes, ambos dando origem a inteligências extremamente desenvolvidas, se bem que distintas. Todos os dois sapiens e, igualmente, dominantes em determinado período da história, quando entro o abismo que os separava não era muito grande. Entretanto, sutis diferenças levaram a destinos totalmente diversos. Ayla e Oga, cada qual segurando numa ponta de tora, foram carregando-a até a pilha de lenha. Ao voltarem, lado alado, as mulheres pararam outra vez de trabalhar para ficar observando-as. As duas eram quase da mesma altura, embora a mais alta tivesse quase o dobro de idade. Uma, esguia, membros retos, cabelos louros. A outra atarracada, pernas tortas e mais morenas. As mulheres faziam suas comparações, mas as garotas, como toda e qualquer criança, logo esqueceram suas diferenças. A divisão de trabalho veio facilitar as coisas e, antes que o dia tivesse terminado, já haviam arranjado um jeito de comunicar-se e de dar um pouco de graça ao serviço que faziam.

Ao entardecer, enquanto os outros comiam, elas se buscaram e sentaram-se juntas, comprazendo-se com uma camaradagem que vinha do fato de terem quase a mesma altura.

Iza ficou feliz de ver Oga aceitando Ayla e esperou que anoitecesse para buscá-la. Ao se separarem, uma olhou muito para a outra e, então, Oga deu as costas e se dirigiu para sua pele de dormir, ao lado de Ebra. Homens e mulheres ainda dormiam separados. A proibição do Mog-ur só seria suspensa depois de haverem mudado para a caverna.

Os olhos de Iza se abriram com os primeiros raios da luz do dia. Ficou ainda deitada, escutando as dissonâncias melodiosas dos pássaros, saudando o amanhecer com seus chilreios, pipilos, trinados e gorjeios. Dentro de bem pouco, pensou, quando abrir os olhos, será para uma parede de pedra. Enquanto o tempo estivesse agradável, não se importava de dormir ao relento, mas estava ansiosa por ver-se protegida dentro da caverna. O pensamento lembrou-lhe de tudo quanto tinha de fazer naquele dia e rapidamente se levantou, alvoroçada, com a lembrança da cerimônia.

Creb já estava acordado. Pareceu-lhe que ele não tinha dormido nem um pouco. Estava no mesmo lugar onde o tinha deixado na noite anterior, com os olhos parados no fogo, em silenciosa contemplação. Iza começou a pôr a água para ferver e, quando lhe trouxe o chá feito de hortelã, alfafa e urtiga, Ayla achava-se já sentada a seu lado. Para a menina, arrumou uma refeição com as sobras da comida da véspera. Os homens e as mulheres do clã iriam ficar sem comer até a hora da festa.

Mais para o meio da tarde, deliciosos aromas, saídos das diversas fogueiras em que se preparavam as comidas, enchiam o ar perto da caverna. Os utensílios e toda uma parafemália de cozinha, salvos do terremoto, foram trazidos e, agora, desempacotados. Cestas impermeáveis - magnificamente trabalhadas, com texturas diferentes e sutis desenhos feitos na própria trama - eram usadas para tirar água do lago ou como vasilhame de cozinha, ou ainda como recipiente para guardar mantimentos. As bacias e cunjas de madeira tinham finalidades semelhantes. Os ossos de costelas serviam para mexer a comida e os ossos rasos da pelve e as toras delgadas e côncavas eram usados como pratos e travessas. Os ossos da cabeça e mandíbulas faziam o papel de conchas, xícaras e tigelas. Finalmente, as cascas de bétula coladas com uma goma de bálsamo, às vezes também com uma amarração feita de tendões e nervos para reforçar, recebiam formas diferentes para aplicações diversas.

Num couro de animal, suspenso em cima do fogo por uma armação de correlas, borbulhava uma saborosa sopa. A vigilância tinha de ser constante para que o líquido não secasse muito.

Enquanto o nível da sopa fervendo se mantivesse acima do nível das chamas, o calor no couro não daria para queimá-lo. Ayla observava Ika revolvendo os ossos e nacos da carne do pescoço do bisão, que cozinhavam com cebola do mato, tussilagens e outras ervas. Depois, a mulher provou e acrescentou para engrossar o caldo talos de cardo, cogumelos, raízes, brotos de lírio, agrião, folhas de serralha, inhames novos, arandos trazidos da outra caverna e hemerocales colhidas na véspera.

Raízes de taboa haviam sido esmigalhadas e limpas de suas fibras mais duras. Ao amido resultante, assentado no fundo das cestas com água fria, foram adicionados mirtilos secos e sementes moídas e torradas também trazidos com eles e, agora, pães, numa massa escura não fermentada, assavam nos formos de pedra, junto das fogueiras. Folhas de caperçoba, anserina, trevos novos e dentes-de-leão, tudo temperado com tussilagem, cozinhavam em outra panela e um molho feito de maçãs ácidas com pétalas de rosa silvestre e mel (afortunadamente encontrado no local) apurava em outra fogueira.

Iza havia ficado agradavelmente surpresa ao ver Zoug voltando de uma ida na planície com um punhado de ptármigas. Esses pesados pássaros de vôo rasteiro eram facilmente abatidos com as pedras das fundas, sendo os preferidos de Creb. Recheados com ervas e folhas comestíveis que envolviam, inteiros, os seus próprios ovos, essas saborosas aves assavam em fornos menores. Lebres e gigantescos hamsters sem as peles eram postos em espetos sobre as brasas e montanhas de minúsculos morangos silvestres cintilavam, à luz do sol, sua forte cor vermelha.

Uma festa digna do acontecimento.

Ayla não tinha certeza se poderia esperar. Ficara o dia inteiro rondando sem destino por perto da área de preparo das comidas. Tanto Iza como Creb passaram a maior parte do tempo em algum outro lugar, e quando Iza aparecia estava sempre ocupada. Oga também trabalhava com as mulheres preparando a festa e ninguém tinha tempo e nem vontade de incomodar-se com a menina. Depois de algumas palavras mal-humoradas e umas cotoveladas não muito delicadas, Ayla tratou de estar fora do caminho das mulheres.

Logo que as sombras do fim de tarde começaram a se estender sobre o chão de terra vermelha em frente da caverna, um silêncio de expectativa baixou sobre o clã. Todos foram reunir-se em torno do grande buraco onde assavam os quartos do bisão Ebra e Ika começaram por retirar a camada de terra quente e, depois de afastarem as folhas moles e chamuscadas, surgiu o bicho numa nuvem de vapores de dar água na boca. A carne era retirada cuidadosamente, tão tenra que se desprendia fácil dos ossos. A Ebra, como companheira do chefe, coube a honra de partir e servir. Seu orgulho era visível, quando deu o primeiro pedaço ao filho.

Broud Não se fez de rogado, sem nenhuma falsa modéstia, avançou para receber sua porção. Depois dos homens servidos, seguiram-se as mulheres e, por fim, as crianças. Ayla foi a última, mas dava para todos e ainda sobrava. Um novo silêncio tornou a baixar, mas desta vez de fome, o clã faminto devorava avidamente seu banquete.

Era uma festa sem pressa, com as pessoas voltando para se servir de um pouco mais de bisão ou repetindo seus pratos favoritos. As mulheres tinham dado duro, mas sua recompensa Não estava apenas na visão do clã plenamente satisfeito: nos próximos dias não teriam que cozinhar. Em seguida, todos se puseram a descansar, preparando-se para a longa noite que tinham pela frente.

Quando as sombras começaram a alongar-se, fundindo-se com a luz acizentada da noite próxima, a atmosfera de preguiça da tarde foi gradualmente cedendo a uma outra, carregada de expectativa. A um olhar de Brun, as mulheres rapidamente limpavam os restos da festa e foram tomar seus lugares em volta de uma fogueira ainda não acesa, armada à entrada da caverna. Parecia um quadro formado ao acaso, desmentindo o rígido formalismo que regia o clã. As mulheres se postaram uma junto da outra, de acordo com seus status. Os homens se reuniram do lado contrário, numa configuração obedecendo suas posições hierárquicas. O Mog-ur não se achava presente.

Brun, o que estava mais perto da entrada, fez um sinal a Grod. Este, com passos lentos e dignos, aproximou-se e retirou do chifre do auroque o carvão em brasa, o mais importante de todos os

carvões, numa longa sequência que tinha começado com aquele aceso nos escombros da antiga caverna. Dar continuidade a este fogo era dar continuação à vida do clã, e reacendê-lo à entrada da caverna significava proclamá-la como deles, estabelecê-la como lugar de sua residência.

O controle do fogo foi uma invenção do homem, essencial à vida em terras de climas frios. Só o cheiro de fumaça já bastava para trazer a sensação de segurança e evocar nos espíritos a lembrança de um lar. A fumaça da fogueira, filtrando-se para dentro da caverna, subia aos altos tetos abobadados e saía para o exterior pelas fendas e rachaduras. Levaria consigo todas as forças invisíveis que poderiam ser hostis e purificaria a moradia, permeando-a com sua essência, a essência do humano.

A fogueira acesa, em si mesma, já se constituía num ritual de purificação e de tomada de posse, mas outras tantas vezes foram realizados conjuntamente com os ritos da cerimônia da caverna que o clã quase já os considerava como fazendo parte do mesmo cerimonial. Um desses, era o de familiarizar os espíritos dos totens protetores com a nova moradia, feito normalmente em particular pelo Mog-ur e na presença só dos homens. Às mulheres tinham suas próprias celebrações, por isso Iza fizera uma bebida especial para os homens.

O sucesso da caçada já dera provas de que os totens se achavam de acor do com a caverna e a festa confirmava a intenção deles de fazer dela um lugar permanente de morada, o que não impedia de, em certas ocasiões, o clã passar longas temporadas fora. Os espíritos totêmicos também viajavam, contanto que as pessoas trouxessem consigo seus amuletos para que os totens pudessem levá-las e trazê-las, quando necessário.

Já que os espíritos de qualquer maneira estariam presentes à cerimônia da caverna, frequentemente aproveitava-se para a inclusão de outras. A parte preponderante de qualquer cerimônia estava associada ao estabelecimento de uma nova moradia e ao subsequente vínculo do clã com a terra. Apesar de que cada tipo de cerimônia possuísse sua forma ritualística que era sempre a mesma,

os acontecimentos celebrados divergiam de caráter, dependendo da forma de serem conduzidos os ritos.

Era o Mog-ur que, em geral de acordo com Brun, decidia como fazer a junção das diversas partes, de modo a englobar todas numa só cerimônia, mas essa era uma questão orgânica que dependia de como eles se sentissem. A cerimônia daquele dia constaria dos ritos de passagem de Broud e daqueles que dariam a conhecer os totens das crianças, já que isso tinha de ser feito e também porque eles desejavam agradar os espíritos. O tempo não era o que contava. A cerimônia poderia durar o que durasse. Estivessem eles em perigo, ou sem espírito para festejos, o simples ato de acender a fogueira já bastava para fazer a caverna deles.

Com postura grave, apropriada à magnitude da tarefa, Grod ajoelhou-se, encostou a brasa no madeirame seco e pôs-se a soprar. As pessoas, ansiosas, inclinando-se para a frente, soltaram todas ao mesmo tempo um suspiro de alívio ao ver os galhos secos começando a arder em chamas. O fogo pegou e, de repente, surgida, não se sabe de onde, uma figura assustadora, de pé junto à fogueira, como se saída do meio das labaredas crepitantes. Tinha o rosto pintado de vermelho vivo e se achava encimada por uma lúgubre caveira branca que parecia ter saído incólume das chamas, suspensa por gavinhas de trêmula energia.

Ayla, a princípio, não viu aquela assombração chamejante, mas logo começou a respirar ofegando, tremendo de medo. Sentiu que Iza apertava-lhe a mão tranquilizando-a. Pouco depois, fizeram-se ouvir as vibrações das monótonas batidas no chão feitas pelas pontas de lanças. A menina deu um salto para trás, virando a cabeça contra um tronco, quando um caçador mais à frente deu um pulo na direção das chamas no momento mesmo em que Dorv começou a fazer uma batida de som mais alto e em contraponto rítmico, num enorme instrumento de madeira abaulado.

Broud agachou-se e olhava a distância, com as mãos abrigando os olhos de um sol inexistente. Os outros caçadores pularam de seus lugares e foram juntar-se e ele na reconstituição da caçada ao bisão. De tal ordem era o poder evocativo da pantominia - afinal uma expressão que vinha sendo burilada por incontáveis gerações - que

conseguiram recriar toda a intensidade das emoções vividas na caçada. Até mesmo a menininha de fora, com os seus cinco anos, recebia o impacto daquela representação. As mulheres do clã íntimas das finas nuances de sua linguagem, viram-se transportadas ao calor da planície poeirenta. Sentiram o trovejar da terra vibrando sob os cascos; provaram o gosto da poeira sufocante e exultaram com a caça abatida. Era um raro privilégio que lhes permitia partilhar da sacrossanta vida dos caçadores, mesmo que se tratasse de um pálido vislumbre.

Desde o início, Broud assumiu o comando da dança. Havia sido o autor da proeza e a noite era sua. O rapaz recebia as emoções vividas ali por empatia, o tremor de medo das mulheres, e reagia fazendo uma interpretação ainda mais viva e apaixonada. Era um consumado ator e nunca estava tão em seu elemento como quando se via no centro das atenções. Brincava com as emoções de sua platéia e sua representação da cena da estocada final teve um quê de erótico que levou as mulheres a estremecerem extasiadas. O Mogur, por detrás da fogueira, observava não menos impressionado: estava sempre ouvindo conversas sobre caçadas, mas somente nessas esporádicas cerimônias tinha oportunidade de sentir de perto toda a gama das emoções vividas pelos caçadores. O rapaz é bom, pensou ele, passando para a frente da fogueira. Faz jus à marca do totem que leva. Talvez tenha o direito de se exhibir um pouco.

A última cena botou Broud face a face com o poderoso mago, ao mesmo tempo em que as batidas silenciaram - uma, monótona sempre igual, e outra, fazendo um vivo contraponto staccato - depois de um floreado rítmico. O velho feiticeiro e o jovem caçador ficaram encarando-se. Também o Mogur sabia representar seu papel. O mestre do timing esperava, deixando que se evanescessem as emoções da dança e criando aos poucos o clima de expectativa. A enorme e desproporcionada figura, envolvida numa pesada capa de pele de urso, projetava sua sombra contra as labaredas. O rosto, pintado de ocre vermelho, estava sugerido por sua própria configuração que fazia de seus traços um borrão indefinido, com o funesto olho assimétrico de um demônio.

A quietude da noite era apenas perturbada pelo crepitar da fogueira ao lado de uma suave brisa sussurrando nas árvores e o grito de uma hiena caca rejando a distância. Broud, com os olhos brilhando, ofegava. Um tanto pelo exercício da dança, um tanto pela excitação e vaidade, mas sobretudo por um medo cada vez mais premente.

Sabia o que estava por vir. Quanto mais pensava nisso, mais lutava contra o calafrio, prestes a transformar-se numa grande tremedeira. Estava na hora de o Mog-ur esculpir-lhe na carne a marca de seu totem. Havia procurado não pensar no fato, mas, agora que chegara o momento, viu-se com mais medo do que propriamente dor. O feiticeiro projetava uma aura que ainda enchia mais o rapaz de pavor.

Ele trilhava as fronteiras do mundo dos espíritos, um lugar que encerrava seres muito mais aterrorizantes do que o gigantesco bisão Este, com todo o seu tamanho e força, era pelo menos sólido, algo palpável do mundo físico, com o qual o homem podia engalfinhar-se. Já essas forças invisíveis, infinitamente mais poderosas, capazes de fazer com que a própria terra tremesse, era coisa bem diferente. Mas Broud não estava sozinho. Ele não era o único ali a reprimir um calafrio, quando as angústias vividas durante o ter remoto de repente batia-lhes na lembrança. Apenas os homens santos, os feiticeiros, ousavam enfrentar esse plano insubstancial, e o supersticioso rapaz só desejava naquele instante que o Mog-ur terminasse o mais rapidamente possível com o que tinha a fazer.

Como se tivesse escutado o desejo de Broud, o feiticeiro levantou o braço e dirigiu os olhos à lua crescente. Em seguida, com gestos ondulantes, passou a fazer uma súplica em tons ardorosos. Sua platéia, entretanto, não estava ali no da inteiramente hipnotizado. Sua eloquência se dirigia ao etéreo, mas Não menos real mundo dos espíritos, numa gesticulação de grandes efeitos cênicos. Valia-se de truques bastante sutis de posturas e finas nuances de gestos, superando as desvantagens que levava em sua própria língua. Conseguia ser mais expressivo com um braço só do que a maioria dos homens com dois. Quando estava chegando ao fim, ninguém duvidava de estar cercado pela essência de seu totem

protetor e por uma legião de espíritos não conhecidos. O calafrio de Broud se transformara numa total tremedeira.

Com um lance inesperado que levou alguns a prenderem a respiração, o Mog-ur, num abrir de olhos, puxou da dobra da roupa uma afiada faca que segurou por cima da cabeça. Em seguida, num segundo gesto, também inteiramente de surpresa, baixou a faca e enfiou sua ponta no peito de Broud. Um pouquinho mais, o golpe seria fatal, mas o feiticeiro tinha o perfeito domínio dos movimentos. Depois, com a mão firme gravou na carne de Broud duas linhas que saíam de um mesmo ponto e faziam uma curva na mesma direção, tal como o formato dos chifres de rinocerontes.

Broud tinha os olhos fechados, mas não fez menção de esquivar-se no momento em que a faca furou-lhe a pele. O sangue veio à superfície, fazendo regatos vermelhos escorrerem pelo peito. Goov surgiu ao lado do Mog-ur, segurando uma tigela com unguento feito de gordura de bisão e cinzas vegetais. O Mog-ur untou a ferida com essa pasta, estancando o sangue. Em seguida, olhou para ver se a cicatrização estava se processando bem. A marca na pele proclamava Broud como homem, um homem para sempre sob a proteção do poderoso e imprevisível espírito do rinoceronte.

O rapaz voltou a seu lugar plenamente consciente de estar sendo o centro das atenções e vivendo toda sua glória, agora que o pior já havia passado. A coragem, a competência na caçada, o belo desempenho de sua dança evocativa, a firmeza com que enfrentara a gravação da marca do totem, tudo isto, tinha certeza, seria assunto para animadas conversas tanto entre os homens como entre as mulheres. Pensou que talvez seus feitos fossem transformar-se numa lenda, numa história a ser repetida nas reuniões dos clãs e a ser contada e recontada durante os longos e frios invernos que confinavam o clã à caverna. Se não fosse eu, a caverna não seria nossa, dizia consigo. Se não tivesse matado o bisão não estaríamos tendo agora uma cerimônia, ainda estaríamos procurando uma morada. Broud começava a pensar na caverna e em todos os outros acontecimentos como se fossem devidos exclusivamente a ele.

Ayla, fascinada e ao mesmo tempo com medo, observava o ritual, Não conseguindo evitar um estremecimento ao ver o enorme

e assustador vulto esfaqueando Broud e tirando-lhe sangue. Quando Iza tomou-lhe a mão para conduzi-la à presença da lúgubre figura do feiticeiro enrolado numa pele de urso, ela retraiu o corpo, imaginando o que ele iria fazer com ela. Ága, com Ona nos braços, e Ika, com Borg, também iam ao encontro do Mog-ur e foi com alegria que Ayla viu as duas se alinharem na frente dela e de Iza.

Goov agora segurava uma cesta vermelha que de tanto carregar ocre amassado com banha animal acabou ficando com a mesma cor. O Mog-ur olhou por cima das mulheres à sua frente para o fiapo de lua no céu. Fez alguns gestos ritualísticos conclamando os espíritos a se reunirem para guardar as crianças cujos totens iam ser revelados. Em seguida, meteu um dedo na pasta vermelha e fez um desenho no quadril do menino, numa forma espiralada lembrando o rabo de um porco. Um murmúrio baixo subiu do clã enquanto as pessoas, por meio de gestos, comentavam o acerto daquele totem.

- Ó Grande Espírito do Javali, o menino Borg está entregue à sua proteção - dizia as mãos do feiticeiro, enquanto ele fazia passar pela cabeça da criança um saquinho amarrado por um cordão de couro.

Iza inclinou a cabeça num gesto que expressava tanto submissão como o seu agrado pela escolha. Era um espírito forte e respeitável e a escolha estava muito de acordo. Em seguida, pôs-se de lado, afastando-se um pouco.

Novamente o feiticeiro tornou a invocar os espíritos e a meter o dedo na cesta que Goov segurava. Desta vez, ele desenhava com a pasta um círculo no braço de Ona.

- Ó Grande Espírito da Coruja - falavam os seus gestos - entrego a menina Ona à sua proteção - Pôs, então o amuleto no pescoço da criança.

Grunhidos dissimulados e mãos agitando-se no ar, mais uma vez, comentaram o totem forte que a menina tinha para protegê-la. Ága estava feliz. Sua filha estaria bem protegida, e isso significava que o homem dela no futuro não poderia possuir totem fraco. Só esperava que o totem não tornasse as coisas muito difíceis e deixasse sua filha engravidar.

As pessoas, cheias de curiosidade, espicharam-se para a frente, quando Aga se afastou e Iza se inclinou para pegar Ayla nos braços. A menina já não estava mais com medo. Chegara à conclusão depois de ver de perto, que aquela majestosa figura de cara pintada de vermelho não era outra senão Creb. Havia um brilho de ternura nos olhos do feiticeiro, quando ele olhou para a garota.

Para surpresa do clã os gestos de invocação dos espíritos eram diferentes. Era a gesticulação usada para dar nome às crianças no sétimo dia após o nascimento. A menina não ia apenas ter o seu totem revelado, iria ser adotada pelo clã! Depois de meter o dedo na pasta, o Mog-ur fez uma linha do meio da testa nas pessoas da raça dos clãs, no ponto onde se juntam as saliências ósseas, acima dos olhos) até a ponta do seu pequenino nariz.

- O nome da menina é Ayla - disse ele, pronunciando devagar e com cuidado para que tanto o clã como os espíritos entendessem.

Iza virou a cabeça, querendo ver a reação das pessoas. A adoção era tanto surpresa para ela quanto para os outros, e Ayla sentiu-lhe o coração batendo mais forte. Isso deve significar que ela é minha filha. A minha primeira filha, disse Iza consigo. Só a mãe carrega a criança no dia em que ela recebe o nome e é reconhecida como membro do clã. Será que estão fazendo sete dias que encontrei Ayla? Não me lembro. Tenho de perguntar a Creb, mas acho que sim. Ela agora é minha filha, quem mais poderia ser mãe dela depois disso?

Cada pessoa ia passando por Iza com Ayla nos braços como se esta fosse um bebê e repetindo o nome da menina, com maior ou menor correção de pronúncia. Iza então se virou, ficando outra vez de frente para o feiticeiro. Este olhou de novo para cima, conclamando os espíritos a reunirem-se. O clã aguardava ansioso, e o Mog-ur tinha plena consciência da expectativa que suscitava, usando-a a seu favor. Com movimentos propositadamente lentos, espichando o tempo para manter o suspense, ele retirou um pouco da pasta vermelha e pintou uma linha em cima da cicatriz deixada pela garra do leão na perna de Ayla.

O que quer isto dizer? Que totem é este? O clã estava perplexo. O feiticeiro, de novo, tornou a pegar mais um pouco de

pasta e pintou uma segunda linha. Ayla sentiu que Iza tremia. Ninguém se movia, nem uma só respiração era ouvida. Na terceira linha, Brun com o rosto franzido de raiva, procurava o olhar do Mog-ur que, por sua vez, desviava o seu. Na quarta linha, o clã já sabia, mas recusava-se a acreditar. Afinal, a marca fora posta na perna errada. Quando fez os gestos de encerramento, o Mog-ur virou a cabeça e olhou francamente para Brun.

- Ó Poderoso Espírito do Leão da Caverna, a menina Ayla está entregue à sua proteção.

A gesticulação dissipou a última sombra de dúvida. Enquanto era pendurado o amuleto no pescoço de Ayla, as mãos dos membros do clã se agitavam, escandalizadas com a surpresa. Seria verdade? Poderia uma menina ter o mais forte de todos os totens masculinos? O leão da caverna?

Creb lançou a Brun, que estava furioso, um olhar firme e inflexível. Por um instante, os dois ficaram olhando-se em silêncio, como se numa guerra de nervos. Mas, para o Mog-ur, o totem de Ayla estava estruturado segundo uma lógica implacável, por mais absurdo que parecesse a proteção de um espírito tão poderoso para uma mulher. Ele apenas tinha posto à mostra aquilo que o próprio leão da caverna fizera. Brun jamais questionou as revelações anteriores do Mog-ur, mas, por alguma razão, sentia-se desta vez ludibriado pelo feiticeiro. Podia não gostar; no entanto, era obrigado a admitir que nunca vira um totem se dar a conhecer de forma tão concreta. Foi ele quem desviou primeiro o olhar, sentindo-se bastante mal com tudo aquilo.

Só a idéia de aceitar a criança no clã já fora bem difícil e agora mais essa do totem. Era demais. Algo irregular, fora do comum. Ele não gostava de ver anomalias no seu clã, sempre muito bem ordenado. Daqui por diante, nem mais um desvio, pensou, com ar decidido. Se a menina tiver de fazer parte do clã, que trate de se amoldar... com ou sem leão da caverna.

Iza estava atordoada, ainda com Ayla nos braços, baixou a cabeça em sinal de aceitação. Se o Mog-ur decretou é porque deve ser assim. Imaginava que Ayla devesse ter um totem forte, mas tanto assim? O pensamento botou-a apreensiva. Uma mulher com o

totem do mais poderoso de todos os felinos? Agora, tinha certeza de que Ayla jamais arrumaria companheiro. Isso veio reforçar sua decisão de fazer da menina uma curandeira para que Ayla tivesse seu próprio status. Enquanto Creb a reconhecia, dava-lhe um nome e revelava seu totem, ela ficou carregando a garota; se isto não a tornava sua filha, ela então já não sabia de mais nada. Subitamente, Iza se lembrou de que, se tudo continuasse dando certo, dentro de pouco tempo estaria outra vez diante do Mog-ur com um bebê nos braços. Ela, que tanto tempo passara sem filhos, em breve estaria com dois.

O clã estava alvoroçado, e o assombro manifestava-se por gestos e gru nhidos. Constrangida, Iza voltou a seu lugar em meio ao espanto geral. As pessoas tentavam não olhar para ela e a menina - seria uma descortesia - mas uma pessoa fazia mais do que olhar, encarava diretamente.

A expressão de ódio no olhar de Broud para Ayla assustou Iza. Tentou botar-se entre os dois, escudando a garota contra aquele mau-olhado. Broud, de repente, havia percebido que já não era mais o centro das atenções. Ninguém mais estava falando dele. Tudo esquecido: o seu corajoso feito que lhes assegurara a caverna, sua estupenda dança e seu sangue-frio na hora da gravação da marca do totem em seu peito. O unguento anti-séptico e adstringente tinha doído mais do que o próprio corte e ainda ardia, mas havia ali alguém reparando em sua coragem? Na sua força de vontade para enfrentar a dor?

Ninguém lhe prestava a mínima atenção. Os ritos de passagem para os meninos aconteciam com certa frequência, mesmo para aqueles predestinados a chefes. Nem de leve podiam comparar-se com a fantástica e inesperada revelação do Mog-ur, sem precedentes na história deles. Broud reparou que comentavam o fato de a menina ter sido a primeira pessoa a ser conduzida à caverna. Aquela garota horrenda ter encontrado a casa deles, quem diria! Mas, e daí? Também com um leão da caverna por totem, pensava ele carregado de mau humor. Por acaso foi ela quem matou o bisão? Aquela era para ter sido a sua noite, deveria ser ele o centro das atrações, ele é

que era para ser o objeto de admiração e ter o respeito do clã, mas a desgraçada da menina Ihe passara uma rasteira.

Enquanto lançava olhares furiosos para Ayla, viu que Iza correu na direção do terreno ao lado do riacho e a atenção do rapaz voltou outra vez para o Mog-ur. Logo, muito em breve, ele estaria sendo admitido nos rituais secretos dos homens. Não sabia ainda o que o aguardava. Tudo que Ihe fora dito era que, pela primeira vez, iria ficar sabendo do que se tratavam as memórias.

O último passo que ainda faltava para se tornar um homem.

Ao lado da fogueira, perto do riacho, Iza se despiu às pressas e pegou uma bacia de madeira e a sacola vermelha com raízes secas que havia tirado para fora. Depois de encher a bacia com água, voltou para junto da fogueira principal, onde as chamas subiam alto com nova lenha posta por Grod.

A roupa que Iza tinha usado havia encoberto, em parte, o motivo de suas prolongadas ausências durante aquele dia. Quando ela reapareceu de novo na frente do Mog-ur, estava completamente nua, tendo apenas o seu amuleto pendurado no pescoço e umas riscas vermelhas pintadas no corpo. Um grande círculo ressaltava-lhe a barriga prenhe. Os dois seios também estavam rodeados por círculos com uma risca que, saída de cima de cada um, passava pelos ombros e se ia juntar, formando um V na altura dos rins. Às duas nádegas igualmente achavam-se circundadas por círculos vermelhos. Osenigmáticos símbolos, de sentido conhecido apenas para o Mog-ur, visava à proteção dela e a dos homens. Uma mulher envolvida nos ritos religiosos era algo de perigoso, mas, para este, ela se fazia necessária.

Iza estava de pé, perto do Mog-ur, suficientemente perto para perceber gotas de suor em seu rosto que Ihe vinham do calor do fogo e de sua pesada vestimenta. A um sinal imperceptível dele, Iza suspendeu a bacia para o alto e se virou de frente para o clã. Era uma antiga bacia que vinha sendo conservada através de gerações e usada exclusivamente em cerimônias daquela natureza. Alguma ancestral de Iza, em tempos muito remotos, a havia cuidadosamente talhado num pedaço de madeira e depois tinha aplainado sua superfície com pedra e areia. A essência abrasiva de talos de

caperiçoba fez o acabamento final, dando-lhe um sedoso polimento. O tempo e o uso terminaram por lhe dar do lado de dentro uma pátina esbranquiçada.

Iza encheu a boca de raízes secas e mastigou-as vagarosamente, com todo o cuidado, de modo a não engolir nenhuma saliva, enquanto seus enormes dentes trituravam as fibras duras. Por fim, cuspiu a polpa mastigada dentro da bacia com água e mexeu a mistura até que ficasse uma água leitosa. Somente as curandeiras da linhagem de Iza conheciam o poder daquelas raízes. Era uma planta relativamente rara, mas não desconhecida. Quando fresca, não se notavam suas propriedades narcóticas. As raízes, depois de secas, eram postas para envelhecer durante pelo menos dois anos. Diferente mente da maioria das outras plantas, estas se penduravam para secar com as raízes voltadas para baixo e não para cima. Embora apenas mulheres curandeiras tivessem permissão para preparar a bebida, por tradição de longa data só os homens a tomavam.

Segundo uma velha lenda, passada de mãe para filha, ao lado das instruções esotéricas sobre como promover a concentração do componente forte da planta na raiz, a poderosa beberagem em algum tempo no passado fora usada só por mulheres. No entanto, os homens lhes roubaram as cerimônias com os ritos associados à bebida, além de proibirem as mulheres de tomá-la. Só Não conseguiram roubar o segredo do seu preparo. As curandeiras, donas do segredo, evitavam de tal forma revelá-lo - exceção feita às filhas - que ninguém mais sabia desta fórmula, a não ser uma mulher que pudesse reivindicar uma ascendência direta de curandeiras, cuja linhagem se perdia nas profundidades do passado. E, mesmo agora, a bebida jamais era dada, se alguma coisa de valor e qualidade correspondentes não viesse em troca.

Quando a bebida ficou pronta, Iza fez um sinal de cabeça e Goov se aproximou com a bacia de chá de figueira, preparado à maneira como ele usualmente fazia para os homens, só que desta vez seria tomado pelas mulheres. Numa postura solene, as bacias foram trocadas. O Mog-ur, então, pôs-se à frente, e os homens se retiraram para a caverna menor.

Depois de eles saírem, Iza levou a bacia com chá de figueira a cada uma das mulheres. Ela própria, muitas vezes, já havia usado a bebida, mas com outras finalidades, como remédio para dormir ou tirar dor. Como sedativo, ela já tinha ali uma quantidade pronta para dar às crianças, só que preparada de forma especial. As mulheres não ficavam descansadas, enquanto não soubessem que os filhos estavam bem e que não viriam procurá-las. Nas pouquíssimas ocasiões em que se permitiam o luxo de uma cerimônia, Iza tratava de fazer com que a criançada estivesse dormindo um sono seguro e tranquilo.

Em poucos instantes, as mulheres puseram os filhos entorpecidos para dormir e voltaram para a fogueira. Iza, depois de meter Ayla dentro da pele, dirigiu-se para o instrumento que Dorv havia tocado durante a dança da caçada e começou a batê-lo num ritmo vagaroso e firme, alterando o som, ora batendo com o pauzinho na borda, ora mais no centro da caixa de ressonância.

No início, as mulheres permaneceram imóveis. Estavam demasiadamente acostumadas a refrear seus movimentos na frente dos homens. Mas, aos poucos, a bebida foi surtindo efeito e, na certeza de que eles estariam fora de vista, passaram a se mexer dentro da cadência rítmica. Ebra foi a primeira a dar um pulo sobre os pés. Dançava com passos intrincados, rodeando Iza e, à medida que as batidas aceleravam, as outras, estimuladas pelo ritmo, se juntavam. Em pouco tempo, todas dançavam ao lado de Ebra.

Num ritmo sempre mais acelerado e cada vez mais complexo, elas, que em sua vida diária eram de extrema docilidade, passaram a uma dança lasciva, movimentando-se desinibidamente, enquanto arrancavam do corpo as vestes. Nem repararam quando Iza parou e veio também juntar-se a elas. Dançavam inteiramente presas ao ritmo interno de seus próprios corpos. As emoções contidas e tão reprimidas no dia-a-dia se extravasavam em seus movimentos livres de todo constrangimento. Eram tensões convertidas em cartase de liberdade, uma forma de catarse que as ajudava a aceitar as limitações de sua existência. Com corropios, saltos e passadas frenéticas, dançaram até quase o raiar do dia, quando, exaustas,

tombaram no chão e dormiram no lugar mesmo em que haviam caído.

Às primeiras luzes do dia, os homens começaram a sair da caverna. Saltando por cima dos corpos caídos, procuraram os seus lugares de dormir e, em instantes, viram-se embalados por um sono sem sonhos. Neles, a catarse se fazia pela tensão da caça, o que dava a seus ritos diferente dimensão: eram mais contidos, voltados para dentro e estavam mais arraigados ao costume, mas nem por isso menos excitantes.

Quando o sol despontou no oriente, por cima da colina, Creb veio para fora da caverna e olhou a cena a seus pés, formada por uma quantidade de corpos estendidos no chão. Em certa ocasião, observou por curiosidade celebrações das mulheres. Com muita agudeza de espírito, compreendeu a necessidade de liberação. Sabia que os homens tinham curiosidade de saber o que elas faziam que as deixava em tamanho estado de exaustão mas jamais lhes falou sobre isto. Ficariam chocados com aquela soltura de cor tamerito, tanto quanto elas se vissem as fervorosas súplicas que seus estão companheiros dirigiam aos espíritos que participavam de suas existências.

De vez em quando, o Mog-ur pensava se seria ele capaz de conduzir mentes femininas às suas origens. Nelas, a memória era diferente, mas de mesma capacidade para reviver os acontecimentos do passado distante. É possível realizar uma cerimônia em conjunto com homens e mulheres? tinha curiosidade de saber, mas não seria ele que iria descobrir isto e afrontar a ira dos espíritos. O clã seria destruído, se alguma mulher participasse dos sagrados ritos.

Creb se dirigiu ao acampamento e acomodou-se em sua pele de dormir. Uma massa de cabelos dourados na pele de Iza levou-o a reviver toda uma série de acontecimentos ocorridos a partir do instante em que ele saíra da antiga caverna, pouco antes do desabamento. Por que artes teria aquela estranha menina entrado tão depressa em seu coração? Incomodava-o a má vontade latente de Brun para com Ayla e também não lhe passara despercebido os olhares rancorosos que Broud lançara à menina. As desavenças

naquele cerrado clã tinham prejudicado a cerimônia e isto o punha intranquilo.

Broud não ficará só aí, pensou Creb. O rinoceronte é um totem muito apropriado para nosso futuro chefe. Broud pode ser corajoso, mas é também um cabeça-dura e muito orgulhoso. Num momento é calmo, racional, chegando até a ser um rapaz bom e gentil; em outro, por uma bobagem qualquer, é capaz de ficar furioso, cego de raiva. Só espero que não se vire contra a garota.

Não seja idiota, disse consigo mesmo, censurando-se, o filho da companheira de Brun não vai deixar-se abalar por causa de uma simples menina, Broud agora é um homem, irá saber controlar-se.

Por fim, deitou-se, percebendo o quanto estava cansado. Desde o terremoto que a tensão nunca mais o havia largado, e agora podia finalmente relaxar. A caverna lhes pertencia. Os totens estavam lá firmemente estabelecidos e o clã poderia mudar logo que acordasse. Deu, então um bocejo, espreguiçou-se e fechou os olhos.

Capítulo 7

Ao entrar pela primeira vez em seus domínios, um silêncio reverente abateu-se sobre o clã, intimidado pela imensidão daquela catedral esculpida pela natureza. Mas logo foi-se acostumando à nova moradia. A lembrança da velha caverna e a ansiosa busca rapidamente passaram a ser coisas do passado e, quanto mais eles conheciam seus novos domínios, mais contentes ficavam com o achado. Passaram, então a viver a rotina de todos os verões, quentes se não muito prolongados; caça, coleta e armazenamento da comida que os manteria por todo um longo e frio inverno, que já conheciam de experiências anteriores. Eles tinham uma bela variedade à sua disposição.

Trutas prateadas reluzindo nas espumas brancas das saltitantes águas do rio eram apanhadas à mão com infinita paciência, quando, desavisadamente, os peixes ficavam sob as raízes pendentes das margens ou debaixo das pedras. Isto e gigantescos salmões, muitas vezes com um prêmio extra de caviar ou de ovas cor-de-rosa, saracoteavam nas embocaduras do rio, enquanto enormes bagres e bacalhaus moviam-se majestosamente no fundo das águas. Redes de arrastão, feitas de crina animal retorcida, colhiam em seus nós os grandes peixes, quando estes tentavam escapar ao bloqueio de seus perseguidores. Eles estavam sempre fazendo o fácil percurso de cerca de 10 quilômetros até o mar e lá se abastecendo de peixes de água salgada que punham para curtir na fumaça das fogueiras e depois eram guardados para o inverno. Os moluscos e crustáceos eram apanhados tanto por suas carapaças, que lhes serviam de colheres, cuias, conchas e xícaras, como também por suas apetitosas carnes. Nos promontórios alcantilados iam buscar ovos nos ninhos dos mais variados pássaros marítimos, e vez por outra, uma pedra bem atirada vinha aumentar-lhes a festa com alguma gaivota, maçarico ou mergulhão. Raízes, talos e folhas suculentas, abóboras, legumes, amoras, frutas, nozes, sementes, cada coisa era colhida a seu tempo, à medida que o verão avançava. Muitas folhas,

flores e ervas eram postas a secar e usadas depois para chá ou como condimentos, e os torrões de sal, formados na época em que as geleiras do nordeste chupavam a umidade do ar, fazendo recuar o mar, eles os transportavam à caverna, de modo a ter sua comida temperada no inverno.

Os caçadores estavam frequentemente saindo. As planícies próximas, ricas em relvas e ervas, com apenas uns poucos e isolados grupos de árvores atar racadas, abundavam em animais de pastagem e rebanhos dos mais diversos. Gigantescos veados percorriam as estepes com seus fantásticos chifres palmados que chegavam, nos adultos, a ter uma abertura de três metros, ao lado de enormes bisões com os seus chifres de igual dimensão. Os cavalos das estepes raramente iam tão ao sul, mas burros selvagens e onagros (um intermediário de asno e cavalo) estavam sempre cruzando as planícies da península, enquanto seu alentado primo, o cavalo da floresta, vivia à parte, ou em pequenos grupos nos terrenos perto da caverna. Pelas estepes também passavam ocasionalmente pequenos bandos de antiopes saigas, os parentes que alguns caprinos montanheses tinham nas planícies.

Nos terrenos entre a pradaria e as encostas, habitavam os auroques, de cor marrom-escura ou negra, os ancestrais do nosso gado doméstico, de proporções mais delicadas. Os rinocerontes da floresta, parecidos com as espécies herbívoras surgidas posteriormente em terras tropicais, mas adaptados às florestas de clima frio, avançavam um pouco sobre o território de outra variedade de rinoceronte que preferia as pastagens próximas às encostas. Ambos, com seus chifres menores, pontiagudos e eretos, e uma cabeça alinhada horizontalmente, diferiam do rinoceronte lanoso que, junto com os mamutes de pêlo alto, eram visitantes só ocasionais. Esses tinham um comprido chifre inclinado para a frente e uma cabeça voltada para baixo, muito prática para espanar a neve das pastagens durante os invernos. Suas grossas camadas subcutâneas de gordura e um manto formado por uma cabeleira fulva, crescida por cima de uma penugem macia, eram adaptações que os obrigavam a estar confinados às geladas e secas estepes do norte ou às planícies de loesse.

Somente na presença de geleiras formava-se o loesse nas estepes. Uma baixa e constante pressão atmosférica nos vastos lençóis de gelo sugava a umidade do ar, não deixando cair grande quantidade de neve nas regiões periféricas das geleiras e gerando constantes correntezas de vento. A fina poeira calcária, dita loesse, provinha das rochas causticadas na orla das geleiras e era depositada por centenas de quilômetros ao redor. Uma curta primavera derretia a escassa neve e a camada superior do permafrost, o bastante para rápidos enraizamentos e o brotar das ervas. As plantas cresciam e secavam depressa, produzindo milhares e milhares de hectares de feno para alimentar milhões de animais que se haviam adaptado ao gelado frio do continente.

As estepes da península só recebiam os animais de pêlo alto no final do outono. Os verões eram demasiadamente quentes e, no inverno, a neve densa demais para ser posta de lado. Muitos outros, chegando o frio, tomavam rumo norte até as fronteiras das estepes de loesse, mais frias, porém mais secas. A maioria deles, com a volta do verão, estava lá outra vez. Os animais com capacidade para sobreviver de galhos, cascas de árvores ou líquens de plantas permaneciam nas encostas com florestas que lhes ofereciam proteção, mas excluíaam aqueles andando em grandes manadas.

Além dos cavalos e rinocerontes das florestas, porcos selvagens e grandes variedades de veados encontravam abrigo nas paisagens florestais: o veado vermelho, vivendo em pequenas manadas; sozinhos ou então em pequenos grupos, os arredios cervos com seus chifres de três pontas; os gamos, um pouco maiores e malhados de marrom e branco; e os alces, conhecidos mais tarde na América do Norte como moose.

Mais para cima na montanha, os carneiros selvagens de grandes chifres, agarrados aos penhascos e aos floramentos nas rochas, viviam do pastoreio alpestre. Mais para o alto ainda, o ib e o cabrito-montês, e a camurça cabriolavam de precipício em precipício. Pássaros de vôos dardejantes punham música e cor na floresta e muitas vezes também comida. No entanto, tinham presença mais constante nos menus as carnudas ptárgmigas e os galináceos das estepes que podiam ser abatidos com pedradas, ou também os

gansos e patos apanhados em redes, quando vinham pousar nos lagos pantanosos das montanhas. Aves de rapina flutuavam vagarosamente ao sabor dos ventos, vasculhando embaixo as planícies e florestas fartas e dadivosas.

Uma infinidade de animais de tamanho menor - caçados ou caçadores - pululava nas montanhas ou na planície perto da caverna, abastecendo o homem com carne e pele. Dentre os caçadores, contavam-se: visão, lontra, carcaju, arminho, marta, raposa, zibelina, texugos e os felinos de pequeno porte que deram origem à nossa imensa legião de gatos domésticos. E como animais caçados: esquilo, porco-espinho, lebre, coelho, toupeira, rato almiscarado, nútria, castor, zorrilho, rato, arganaz, lemingue, hamsters gigantes e uma multidão de outros que jamais receberam nomes e, atualmente, extintos.

Os carnívoros de dimensões mais avantajadas eram essenciais para enfraquecer as fileiras dos pequenos predadores. Dentre os caninos: os lobos e seus parentes chamados dholes que conseguiam ainda ser mais ferozes do que eles; e dentre os felinos: lince, lobo tigrado, tigres, leopardo e, com o dobro do tamanho de qualquer um desses, o leão da caverna. Os ursos onívoros, de pêlo marrom, também caçavam nas redondezas, mas seus gigantescos primos vegetarianos, os ursos da caverna, já não se encontravam mais lá. E para completar esse quadro da vida selvagem, a onipresente hiena da caverna.

A terra era de riqueza incrível, e o homem, ali, uma insignificante fração das múltiplas formas de vida que habitaram e morreram naquele éden perdido no tempo. Faltando-lhe as experiências inatas, sem nenhum predicado natural superior, exceto o seu bem desenvolvido cérebro, ele era o mais fraco dos caçadores. Embora com toda sua manifesta vulnerabilidade, desprovido de garras e presas, perdendo em velocidade e na força dos saltos, o caçador de duas pernas havia granjeado o respeito de seus competidores de quatro patas. Bastava seu cheiro para que um animal de muitíssimo mais força se desviasse do caminho, onde quer que os dois vivessem muito tempo em estreita proximidade. Os caçadores do clã, experientes e capazes, eram tão bons na defesa

como no ataque e, quando a segurança ou a vida do grupo se achava ameaçada, ou quando desejavam um bom e quente agasalho, punham-se à espreita de seus incautos espreitadores.

Era um dia luminoso, quente, em pleno despontar do verão. As folhas brotadas nas árvores projetavam suas sombras, mas ainda sem a intensidade com que o fariam mais para diante da estação. Insetos zuniam, indolentes, em volta dos ossos sobrados de outras refeições. Uma brisa fresca vinda do mar trazia consigo um vestígio de vida, e a folhagem em movimento desenhava sombras na ensolarada encosta, frente à caverna.

Terminada a luta pela moradia, as obrigações do Mog-ur se tornaram muito poucas. Tudo que se exigia dele era que, vez por outra, celebrasse uma cerimônia de caça e alguns ritos para espantar os maus espíritos e, em caso de doenças ou acidentes, sua interferência espiritual para ajudar a medicina de Iza. Os caçadores haviam partido e, com eles, algumas mulheres. Por muitos dias estariam fora. As mulheres eram levadas para que preparassem as conservas das carnes dos animais abatidos. As caças, depois de já secas, ficavam mais fáceis de ser trazidas e estocadas para o inverno. O sol quente e o constante vento na planície rapidamente curtiavam as carnes cortadas em tiras. A fumaça nas fogueiras de capim e esterco tinha mais o objetivo de afugentar as moscas varejeiras, que deixavam seus ovos na carne fresca, apodrecendo-a. E as mulheres, na volta, carregariam o grosso da carga.

Quase diariamente, depois que se instalaram na caverna, Creb passava um bom tempo com Ayla, tentando ensiná-la a língua deles. Às palavras bastante elementares que usavam - normalmente a parte mais difícil para as crianças dos clã aprenderem - ela pegou com facilidade, mas o intrincado sistema de gestos e sinais estava além de sua compreensão. O feiticeiro tentava fazê-la entender o significado do gesto, mas Não havia uma base comum no método de comunicação dos dois, além de Não existir ninguém ali para explicar ou interpretar. O pobre homem dava tratos à bola, mas não conseguia encontrar um jeito de fazer-se entender. Ayla, igualmente, sentia-se frustrada.

Ela sabia que alguma coisa lhe estava escapando, e desejava com todas as suas forças poder expressar mais do que as suas poucas palavras lhe permitiam. Era evidente para ela que as pessoas no clã se faziam entender através de alguma coisa, diferente das meras palavras que usavam. Só que ela não entendia como era isso. O problema estava no fato de não ver os sinais feitos com as mãos. Parecia-lhe que eram movimentos ao acaso, não intencionais. Simplesmente não fora capaz de penetrar no conceito de uma linguagem gestual, e tal possibilidade jamais lhe poderia ocorrer; estava totalmente fora do âmbito de suas experiências anteriores.

Creb começava a formar uma vaga noção do problema, embora achasse difícil acreditar no que imaginava. Deve ser porque ela não sabe que os movimentos têm significado, dizia consigo.

- Ayla - chamou-a, com um aceno.

O problema deve estar aí, pensou, enquanto iam por um caminho próximo ao riacho. Ou é isto, ou então ela não é suficientemente inteligente para compreender uma linguagem. Mas, pelo que até então ele tinha podido observar, não era falta de inteligência, por mais diferente que Ayla pudesse parecer. No entanto, a menina entendia gestos simples e, com isto, Creb compreendeu que toda a questão se resumia em ampliar-lhe a gesticulação.

De tanto os membros do clã saírem para caçadas, pescarias e coletas de plantas, a relva e os arbustos foram ficando batidos, formando-se uma trilha ao longo da mata. Os dois foram dar num lugar por que Creb tinha especial predileção. Era um espaço aberto, perto de um carvalho com as raízes levantadas, formando um banco sombreado e alto, mais cômodo para Creb sentar-se do que o chão. Para começar a lição, ele apontou na direção de uma árvore com seu cajado.

- Carvalho - respondeu, prontamente, Ayla.

Creb aprovou com a cabeça e mostrou, em seguida, o riacho.

- Água - disse a menina.

Ele tornou a fazer que sim com a cabeça e logo depois fez um gesto ao mesmo tempo em que repetia a palavra dita por Ayla. Significava água correndo, ou seja, rio.

- Água? - disse Ayla, hesitante; espantada por ele ter indicado que sua palavra estava correta e tornado a fazer a pergunta anterior. Ela começava a sentir um frio no estômago. Já havia sido a mesma coisa antes, e percebia que havia qualquer coisa que ele desejava, mas Não o entendia.

Creb fez não com a cabeça. Muitas e muitas vezes, já havia feito o mesmo tipo de exercício. Tentou novamente, agora apontando para os pés.

-Pés - falou Ayla.

- Sim - disse ele, acenando com a cabeça. Tenho de arrumar um jeito que ela também veja e Não só ouça, pensou consigo. Levantou-se, pegou a mão de Ayla e deu com ela alguns passos, deixando seu cajado para trás. Ele fez um gesto e disse a palavra pé. Pés mexendo significa caminhar, era o que tentava transmitir-lhe.

Ela se esforçava para ouvir bem, achando que poderia haver qualquer coisa no som que não estivesse pegando direito.

- Pés - falou Ayla, trêmula, certa de que não era essa a resposta pretendida.

- Não! Não e não! Pés mexendo, igual a caminhar! - repetia, olhando diretamente para ela e exagerando nos gestos. Andava com Ayla, apontando para os pés, desesperançado de que algum dia ela viesse a aprender.

Ayla sentia que as lágrimas lhe brotavam nos olhos. Pés! Pés! Sabia que estava falando a palavra correta. Por que continuava ele abanando a cabeça, sempre dizendo não? Por que não pára de mexer com a mão na frente de meu rosto? O que estou fazendo de errado?

Creb tornou a caminhar com ela; apontava-lhe os pés, mexia com a mão e dizia a palavra. Ela parou e ficou observando-o. Ele fez o gesto novamente,exagerando-o tanto que quase já significava outra coisa e repetiu mais uma vez a palavra. Tinha se curvado para a frente, olhando-a em cheio no rosto e fazendo os gestos bem em frente aos olhos dela.

O que ele quer? O que espera que eu faça? Ayla queria entendê-lo. Sabia que ele estava tentando dizer-lhe qualquer coisa. Por que não pára de mexer a mão?, perguntou-se.

Então, um raiozinho de luz passou-lhe pela cabeça. A mão dele! Ele não pára com a mão.

Hesitante, levantou a sua.

- Sim! Sim! Isso mesmo! - disse ele, com um sim entusiasmado, quase gritado. - Faça o gesto! Mexa o pé - repetiu.

A compreensão começava a fazer-se e ela observava o movimento dele, tentando copiá-lo.

Creb está dizendo sim! É isto que ele quer! O gesto, ele quer que eu faça o mesmo movimento.

A menina tornou a fazer o gesto, repetindo a palavra sem entender o significado, mas pelo menos compreendendo que aquele era o gesto que ele queria que fizesse enquanto pronunciava a palavra. Depois, Creb virou-lhe o corpo e a conduziu de volta ao carvalho, mancando mais do que nunca. Apontando para os pés de Ayla, enquanto andavam, ia fazendo a combinação de gesto com palavra.

De repente, o estalo, e ela fez a conexão. Mexer o pé, igual a caminhar. É isto o que ele quer dizer. Não era só pés. O movimento da mão com a palavra pés significa caminhar. Sua mente havia disparado. Lembrava-se agora dever sempre as pessoas fazendo sinais com as mãos. Via na mente Iza e Creb, os dois de pé, olhando um para o outro, mexendo com as mãos e dizendo poucas palavras. Então eles estavam conversando? É assim que se falam? É por isso que dizem tão pouca coisa? Então eles conversam com as mãos?

Creb se sentou. Ayla de pé, pôs-se na frente dele, tentando acalmar-se.

- Pés - disse ela, apontado para seus próprios pés.

- Sim - fez ele, curioso, com a cabeça.

Ela se virou, caminhou e quando voltou a aproximar-se, fez o gesto e disse a palavra pés.

- Sim, sim! Isso mesmo! A idéia é essa - disse ele. Conseguiu pegar. Acho que entendeu!

Por um instante, Ayla parou quieta no lugar, depois virou-se e saiu correndo. Deu uma corrida pela clareira e voltou, ficando, ofegante, parada na frente dele, esperando.

- Correr - falou ele por gesto, enquanto ela o observava com atenção. Sua gesticulação era parecida com a anterior, mas não totalmente igual.

- Correr - disse ela imitando, hesitante, o gesto.

Ela tinha compreendido!

Creb vibrava. Por enquanto, os movimentos dela eram grosseiros, não chegando nem a ter a sutileza daqueles feitos pelas crianças do clã, a idéia da linguagem, porém, tinha sido entendida. Ele fez um sim entusiasmado e quase foi derrubado do assento, quando Ayla atirou-se sobre ele, abraçando-o em sua alegria por poder comunicar-se.

O velho feiticeiro passou os olhos ao redor, quase instintivamente. Os gestos de afeição não deviam ultrapassar os limites das fogueiras de cada um. Mas estavam sozinhos e ele lhe correspondeu com um afetuoso abraço, pela primeira vez sentindo o que era o prazer de uma terna afeição.

Todo um mundo novo de compreensão abriu-se para Ayla. A menina tinha um natural pendor para representar e um talento especial para imitações que punha inteiro nos arremedos que fazia dos movimentos de Creb. No entanto, Creb tinha gestos de maneta, adaptado às suas condições físicas. Foi Iza quem teve de ensinar os detalhes mais elaborados da linguagem. Ayla aprendia como um bebê que começa primeiro expressando as coisas de que tem necessidade, só que seu aprendizado se fazia muito mais rápido. Tanto tempo se sentira frustrada em suas tentativas para comunicar-se que estava resolvida a recuperar o mais depressa possível o tempo perdido.

Quando começou a compreender melhor, a vida do clã surgiu diante de seus olhos com outras cores. Extasiada, observava, atenta, as pessoas à sua volta comunicando-se, tentando pegar o que umas diziam às outras. No início, o clã se mostrou complacente com aquela intrusão visual e tratava-a com a um bebê. Mas, com o tempo, os olhares de desaprovação lançados em sua direção deixavam bem claro que comportamento tão mal-educado não mais seria tolerado dali por diante. Ficar olhando era tão descortês quanto o ato de escutar às escondidas. A boa educação mandava que se

desviassem os olhos, quando pessoas conversavam em particular. O problema estourou numa certa tarde, quando o verão já ia pela metade.

O clã se achava no interior da caverna, com as famílias reunidas em volta de suas fogueiras, depois da última refeição do dia. O sol havia mergulhado por trás do horizonte e a pálida luz de seus últimos raios delineava os contornos das copas de folhagens escuras, farfalhando com a suave brisa da noite. A fogueira à entrada da caverna, acesa para espantar os maus espíritos e animais rapaces, esquentava a atmosfera, enviando ao ar volutas de fumaça e ondas de calor que faziam as sombras escuras das árvores e arbustos ondularem ao ritmo silencioso das chamas bruxuleantes. Luzes e sombras dançavam nas paredes rochosas da caverna.

Ayla, sentada dentro do setor pertencente a Creb, circundado por pedras, não tirava os olhos da fogueira de Brun. Broud, chateado, descontava em sua mãe e Oga, fazendo valer suas prerrogativas de homem adulto. O dia tinha começado mal para ele e terminado pior.

As longas horas que passara na trilha à espreita de uma raposa foram desperdiçadas quando perdeu o tiro e o animal, cuja pele já havia solenemente prometido a Oga, fundira-se com a mata, prevenido com o zunir da funda. O olhar de compreensão de Oga só fez ferir mais seu orgulho já ferido. Ele é quem deveria perdoar as faltas dela e não o contrário.

Ebra, exasperada com as constantes interrupções, fez um leve sinal para Brun. Estavam todas cansadas de um dia trabalhoso e querendo logo terminar com os afazeres. O chefe via o que se passava, perfeitamente consciente daquelas exigências desmedidas. Era um direito de Broud, mas Brun sentia que ele poderia mostrar-se mais sensível. Não havia necessidade de botar as mulheres correndo pelas menores coisas, quando elas já estavam tão ocupadas e cansadas.

- Broud, deixe as mulheres em paz. Elas já têm muito o que fazer - gesticulou Brun, ralhando em silêncio.

A censura foi a gota d'água, sobretudo vinda de Brun e na frente de Oga. O rapaz saiu pisando duro e foi curtir sua raiva na

outra extremidade da área pertencente a Brun, perto das pedras que faziam limite com a fogueira de Creb. Foi então que deu com Ayla encarando-o diretamente. O que importava não era o fato de Ayla - ainda que não tenha percebido direito - ter presenciado aquela sutil briga doméstica, passada na fogueira do vizinho, mas sim porque o vira sendo censurado, como se faz com uma criança. Foi um golpe mortal no seu já frágil ego. Puxa, não tem nem a delicadeza de desviar os olhos, pensou Broud. Bem, ela não é a única aqui que pode ignorar simples atos de boas maneiras. Todas as frustrações do dia explodiram e, ostensivamente, afrontando as convenções, dirigiu um olhar carregado de ódio na direção da garota que detestava.

Creb tinha consciência das disputas sem importância que ocorriam na fogueira de Brun, bem como de tudo que acontecia no clã. Quase sempre, como um barulho de fundo, as coisas iam filtrando-se a seu conhecimento, mas, quando se tratava de Ayla, ele era todo atenção. Sabia que para Broud ter conseguido vencer o condicionamento de toda uma vida e chegar a olhar para o interior da fogueira de outro homem, isso só poderia ser um ato deliberado de sua parte e carregado de uma intenção extremamente maldosa. A animosidade de Broud em relação a Ayla é muito grande, pensou o feiticeiro. Para o próprio bem da menina, já é tempo de ensiná-la algumas regras de bom comportamento.

- Ayla! - chamou, seco. A garota se sobressaltou com o tom da voz. - Não olhe para as outras pessoas - gesticulou.

Ayla estava espantada.

- Por quê?

- Não olhe. Não encare. As pessoas não gostam - tentou explicar, certo de que Broud os observava com o canto dos olhos, não se dando mesmo o trabalho de esconder o prazer que sentia por estar presenciando Ayla levar um carão. Afinal, ela é muito mimada pelo Mog-ur, pensou Broud. Se vivesse conosco, eu logo iria ensiná-la como uma mulher tem de se comportar.

- Estou olhando para aprender a falar - disse Ayla por meio de gestos, ainda surpresa e um tanto magoada.

Creb sabia muito bem por que Ayla estava espiando, mas ela precisava aprender. Talvez isso diminuísse o ódio de Broud, vendo

que estava sendo repreendida por causa dele.

- Ayla, não encare - disse Creb, com expressão severa. - Responder aos homens é mau.

Olhar a fogueira dos outros é também mau. Mau! Entendeu?

Ele tinha sido ríspido. Queria falar o que tinha a dizer. Percebeu quando Brun chamou Broud e este se levantou, visivelmente em melhor estado de espírito.

Ayla sentia-se arrasada. Jamais Creb havia sido ríspido com ela. Achava justamente o contrário, que ele estava contente por vê-la querendo aprender a língua deles, e o velho agora vinha dizer-lhe que ela era má porque estava espiando as pessoas e com vontade de aprender mais. Confusa, magoada, as lágrimas encheram seus olhos, escorrendo-lhe pelas faces.

- Iza! - chamou Creb, preocupado. - Venha cá! Há alguma coisa errada com os olhos de Ayla.

As pessoas da raça dos clãs não choravam, só se lhes caísse algo dentro dos olhos, ou quando estavam resfriadas ou sofrendo de alguma doença no órgão da visão. Creb nunca vira lágrimas de tristeza. Iza veio correndo.

- Olhe isto! Os olhos dela estão cheios de água. É capaz de ter caído alguma faísca neles. É melhor dar uma olhada - insistiu ele.

Iza também estava preocupada. Levantando as pálpebras de Ayla, olhou de perto dentro dos olhos.

- Estão doendo? - perguntou. Ela não conseguia ver qualquer sinal de inflamação. Não parecia haver nada de errado com os olhos da menina, fora o fato de estarem vertendo água.

- Não. Não estão doendo - disse Ayla, choramingando. Não estava entendendo a preocupação com seus olhos, mas isso serviu para perceber que, mesmo Creb dizendo achá-la má, ambos gostavam dela. - Por que Creb está furioso, Iza? - perguntou, soluçando.

- Você precisa aprender - explicou Iza, séria, olhando para a menina - que não é educado ficar encarando. Não é educado olhar para a fogueira de outro homem e ver o que as pessoas estão dizendo. Ayla precisa aprender que, quando um homem fala, a mulher abaixa os olhos. Assim. - Ela mostrou como. - Quando um

homem fala, a mulher não pergunta. Só as criancinhas fi cam olhando. Os bebês. Ayla é grande e as pessoas ficam zangadas com ela.

- Creb está zangado? Não gosta de mim? - perguntou, derretendo-se outra vez em lágrimas.

Iza se via ainda desorientada com aquele derramar de água dos olhos de Ayla, mas percebeu a confusão em que a garota se achava.

- Creb gosta de Ayla e Iza também. Creb ensina Ayla. Ele quer que Ayla aprenda. Ayla não tem de aprender só a falar. Ela precisa também aprender as maneiras do clã - disse a mulher, tomando Ayla nos braços e segurando-a com brandura, enquanto a menina chorava suas mágoas. Depois, enxugou-lhe os olhos inchados com uma pele macia e olhou dentro deles outra vez para se certificar e se tranquilizar.

- O que há com os olhos dela? - perguntou Creb. - Ela está doente?

- Ela está achando que você não gosta dela e que você está furioso. Deve ter ficado doente por isso. Talvez olhos claros como os dela sejam fracos. Não vi nada de errado com eles e ela diz que não estão doendo. Acho que a tristeza faz os seus olhos se encherem de água, Creb.

- Tristeza? Ficou tão triste assim porque pensou que eu não gostasse dela? Por causa disso ficou doente? Foi o que botou seus olhos cheios de água?

Creb estava estarelecido. Mal podia acreditar e se via atravessado por toda uma série de pensamentos desencontrados. Então Ayla estava adoentada? Mas parecia com saúde, e pessoa alguma já havia ficado doente por achar que ele não gostasse dela. Nunca ninguém, fora Iza, havia gostado dele daquela maneira. Ao contrário, todo mundo tinha medo dele. Temor e respeito foi o que sempre havia despertado e jamais uma pessoa tinha desejado que ele gostasse tanto dela, a ponto de ficar com água nos olhos. Talvez Iza tenha razão. Talvez os olhos dela sejam fracos, mas a visão é ótima, disso ele tinha certeza. De qualquer jeito, tenho de fazer com que ela entenda que é para seu próprio bem que tem de aprender a

comportar-se direito. Se ela não aprender as maneiras do clã, Brun irá expulsá-la. É uma coisa que ele ainda tem direito. Mas isso não significa que eu não goste dela. Pelo contrário, admitiu consigo. Por mais estranha que seja, gosto muito dela.

Ayla, nervosa, veio caminhando na direção dele, olhando, sem jeito, para os pés. Ficou parada na sua frente, depois levantou os olhos, tristes, ainda úmidos.

- Nunca mais vou encarar as pessoas - disse ela, gesticulando.
- Creb não está zangado?

- Não. Não estou zangado, Ayla. Mas agora você faz parte do clã, você pertence a mim. Você tem de aprender a língua, mas também precisa aprender as maneiras da gente. Entende?

- Eu pertenço a Creb? Creb gosta de mim?

- Sim, eu gosto de Ayla.

A menina deu um largo sorriso e abraçou-o; depois, meteu-se no colo dele, aconchegando-se a seu corpo disforme.

Creb sempre se interessou por crianças. Na função de mog-ur, raramente revelava o totem de algum garoto que a mãe logo não o achasse muito apropriado ao filho. O clã atribuía este dom a seus poderes mágicos, mas, na verdade, isto provinha de seu poder de observação e de sua grande perspicácia. Ele tomava conhecimento da criança desde o seu nascimento e estava sempre vendo tanto homens como mulheres igualmente ninando e consolando seus bebês, mas ele próprio jamais conheceu a alegria de embalar uma criança nos braços.

A menininha cansada de tantas emoções caiu no sono. Sentia-se segura com o terrível feiticeiro. Ele veio substituir no seu coração a figura de um homem de quem já não se lembrava mais, exceto em algum canto recôndito do inconsciente. Ao olhar a fisionomia tranquila e confiante daquela estranha menina em seu colo, Creb sentiu por ela um profundo amor brotando-lhe na alma. Não poderia amá-la mais se ela fosse dele de verdade.

- Iza - chamou, muito suavemente.

A mulher veio tomá-la do colo de Creb, não antes de ele tornar a abraçá-la.

- A doença fez com que ficasse cansada - disse ele, depois de Iza ter deitado Ayla. - Faça com que ela descanse amanhã e é melhor que você torne a examinar-lhe os olhos pela manhã.

- Sim - falou Iza, com a cabeça. Adorava aquele seu germano aleijado. Conhecia melhor do que ninguém a alma delicada que existia por trás daquele semblante sombrio. Sentia-se feliz por ver que ele tinha encontrado alguém para amar, alguém que também gostava dele, o que só fazia aumentar seu afeto por Ayla.

Desde os tempos de criança que Iza não se lembrava de ter sido tão feliz. A única coisa a empanar a alegria era o medo de que a criança que carregava na barriga nascesse menino. Se fosse homem, teria de ser criado por um caçador. Era germana de Brun, a mãe deles fora companheira do chefe anterior. Se algo acontecesse a Broud ou se a companheira dele Não tivesse filho, a liderança do clã passaria para o filho dela, Iza, se este nascesse homem. Brun se veria forçado a dar tanto ela como o bebê para um dos caçadores, ou do contrário ele próprio teria de assumi-la. Todos os dias pedia a seu totem para que nascesse uma menina. Contudo, Não conseguia deixar de preocupar-se.

À medida que o verão avançava, graças à serena paciência de Creb e à grande força de vontade de Ayla, esta começou a entender Não só a língua, mas também os costumes da gente que a adotara. Aprender a desviar os olhos - o único jeito possível de as pessoas desfrutarem de alguma privacidade - foi apenas a primeira de muitas outras difíceis lições que teve de reter na cabeça. Mas difícil foi reprimir a curiosidade natural e seus ímpetos cheios de vida para se pôr de acordo com o comportamento sempre dócil das mulheres.

Creb e Iza também estavam aprendendo. Os dois descobriram que, quando Ayla fazia uma certa careta, arreganhando os lábios e mostrando os dentes, em geral seguida de um peculiar som aspirado, isso significava que ela estava feliz e alegre. Mas eles nunca conseguiram dominar seu nervosismo diante daquela estranha doença que fazia os olhos dela se encherem de água, nos momentos de tristeza. Iza acabou concluindo que se tratava de uma deficiência própria de olhos claros e tinha curiosidade de saber se esse era um traço normal nos Outros, ou se só os olhos de Ayla

aguavam. Por precaução, lavava-lhe os olhos com um líquido claro, extraído de uma planta branco-azulada que crescia nos lugares sombrios da mata. No pé, a planta parecia morta; alimentava-se de madeiras podres e de outras matérias orgânicas, já que lhe faltava clorofila, e sua superfície cerosa ficava logo preta quando tocada. Mas Iza Não conhecia melhor remédio para doenças e inflamação nos olhos do que o líquido frio que escorria dos talos quebrados desta planta e o estava sempre aplicando em Ayla, todas as vezes que ela chorava.

Ayla, entretanto, Não chorava muito. Já que as lágrimas imediatamente despertavam a atenção dos outros, a menina fazia a maior força para controlar-se. Não só porque era uma coisa que perturbava duas pessoas de quem gostava muito, como também porque isso a diferenciava e ela desejava estar bem ajustada e ver-se aceita pelo clã. As pessoas, por sua vez, estavam aprendendo a aceitá-la, mas ainda continuavam olhando desconfiadas aquelas suas peculiaridades.

Cada vez mais, Ayla ia conhecendo o clã e aprendendo a tomá-lo tal como ele era. Embora os homens tivessem curiosidade a seu respeito, a dignidade não lhes permitia demonstrar muito interesse por uma menina, por mais fora do comum que ela fosse. Dessa forma, Ayla os ignorava tanto quanto eles fingiam Não percebê-la. Brun era quem demonstrava mais interesse, mas o chefe a amedrontava. Um homem sério demais e Não permitia maiores familiaridades. Muito diferente de Creb. Ela não imaginava que, para o resto do clã, o Mog-ur parecesse uma figura muito mais distante e intocável do que Brun e, por seu lado, todos se achavam espantados com a intimidade que se criara entre a estranhíssima menina e o terrível feiticeiro. De quem ela particularmente desgostava era do rapaz que vivia na fogueira de Brun. Broud sempre lhe parecia mesquinho, quando a olhava.

Foi com as mulheres que se familiarizou primeiro. Passava agora mais tempo na companhia delas. Exceto quando estava na fogueira de Creb ou quando ia com Iza colher plantas medicinais, as duas em geral ficavam quase todo o tempo junto da ala feminina do clã. A princípio, Ayla se limitava a ficar rondando por perto de Iza,

apenas observando os trabalhos: pelar animais, botar couros para curtir, tecer cestas e redes, esticar as tiras que cortavam em espiral numa peça única de couro, esculpir vasilhames de madeira, colher alimentos, preparar comidas, fazer conservas com carnes e vegetais para o inverno e ainda atender os desejos de qualquer homem que ordenasse um serviço. Mas depois que notaram sua vontade de aprender, Não só a ajudaram na língua, como também começaram a ensinar-lhe suas habilidades.

Ayla Não era tão forte como as mulheres e as crianças do clã - sua com pleição mais delicada Não comportava o musculoso arcabouço ósseo da raça clânica - em compensação, era muito jeitosa e flexível. Trabalhos pesados lhe eram difíceis, mas, para sua idade, tecia muito bem cestas e cortava com mão firme as tiras de couro. Em pouco tempo, fez boa amizade com Ika que, com seu temperamento afetuoso, facilmente se fazia gostar. Ika, ao ver o interesse de Ayla por seu bebê, deixava que a menina carregasse Borg e desse passeios com ele por perto. Já Ovrá mostrava-se reservada, mas tanto ela como Yka eram especialmente gentis com Ayla. A dor dessas duas - uma de mãe e outra de germana - pela perda do rapaz morto no desabamento da caverna levou-as a simpatizar com a sorte da criança que perdera toda sua família. Mas, companheiros do sexo masculino, Ayla Não os tinha.

Aquele primeiro despontar de amizade surgido entre ela e Oga havia arrefecido depois da cerimônia da caverna. Oga viu-se dividida entre Ayla e Broud. A menina recém-chegada, apesar de mais moça, poderia ter sido uma boa companhia para Oga, além de que as duas tinham a uni-las um destino parecido, mas os sentimentos de Broud em relação a Ayla Não deixavam margem a dúvidas. Assim, Oga, relutante, preferiu evitar Ayla em deferência ao homem do qual esperava tornar-se companheira. Fora os momentos em que trabalhavam juntas, raramente uma procurava a outra e, depois de Ayla ver repilidas todas as suas tentativas de aproximação, preferiu afastar-se sem fazer outros esforços neste sentido.

Ayla não gostava de brincar com Vom. Mesmo sendo um ano mais moço do que ela, a idéia de Vorn de brincadeira envolvia sempre uma quantidade de ordens para lhe dar, imitando o

comportamento dos homens que Ayla ainda achava difícil de aceitar. Se tentasse rebelar-se, ela se via alvo da raiva tanto dos homens como das mulheres e, especialmente, da de Aga, mãe de Vorn. A mãe achava-se orgulhosa de ver o filho aprendendo a comportar-se como um homem e, tanto ela como o resto do clã, não ignoravam a animosidade que Broud sentia por Ayla. Algum dia, Broud seria o chefe, e Vorn, se continuasse sempre nas boas graças dele, poderia ser escolhido para o posto de segundo em comando. Àga Não perdia oportunidade para fazer seu filho crescer em importância, a ponto de implicar com a menina, quando visse Broud por perto. Também se visse Ayla e Vom juntos, com Broud nas proximidades, imediatamente chamava o filho.

A capacidade de Ayla comunicar-se foi rapidamente melhorando, sobretudo depois da ajuda das mulheres. No entanto, foi por observação própria que aprendeu a exprimir determinada idéia. Sem dar tanto na vista, ela ainda continuava observando as pessoas. Era algo que Não conseguia evitar.

Certa tarde, vendo Ika brincando com Borg, percebeu a mãe fazendo um gesto para o filho, repetidas vezes. Quando os movimentos das mãos do bebê casualmente pareceram imitá-la, ela chamou a atenção das mulheres e se pôs a gabar o filho. Algum tempo depois, Ayla viu Vom correr na direção de Aga e cumprimentá-la com o mesmo gesto. E também Obra fazia o movimento ao começar uma conversa com Ika.

Naquela noite, Ayla timidamente se aproximou de Iza e lhe fez o gesto, quando esta olhou em sua direção. Os olhos de Iza arregalaram-se.

- Creb - disse ela. - Quando você ensinou Ayla a me chamar de mãe?

- Não fui eu quem ensinou, Iza - respondeu o feiticeiro. - Ela deve ter aprendido sozinha.

Iza virou-se para a menina.

- Você aprendeu isto por você mesma?

- Sim, mãe - respondeu Ayla, repetindo o gesto. Ela Não tinha muita certeza do significado daquele movimento de mão, mas fazia uma vaga idéia. Sabia que as crianças gesticulavam daquela maneira

para as mulheres que gostavam delas. Apesar de a mente ter bloqueado a memória de sua mãe, seu coração Não havia esquecido. Iza veio substituir a mulher que já havia amado, mas que perdera.

E Iza, que passara tantos anos sem filhos, ficou emocionada.

- Minha filha - disse ela, abraçando Ayla, num de seus raros momentos de espontaneidade afetiva. - Minha filhinha. Sabia que ela era minha filha desde o primeiro momento, Creb. Eu Não disse? Ela foi dada a mim. Os espíritos destinaram Ayla para ser minha, tenho toda certeza disso.

Creb Não discutiu, talvez ela estivesse certa.

Depois daquela noite, os pesadelos de Ayla diminuíram, embora, vez por outra, ainda fosse acometida por algum. Dois sonhos estavam sempre voltando. Um era com ela escondida numa gruta muito pequena, tentando pôr-se a salvo de uma enorme e afiada garra. O outro, mais vago e perturbador, era a sensação da terra tremendo e um fantástico estrondo seguido de dolorosíssimo sentimento de perda. Ela acordava, gritando na sua estranha língua - cada vez menos usada - e se agarrando a Iza. Logo que chegou, sem perceber, deixava-se levar por sua língua, mas, à medida que foi aprendendo a se expressar à maneira do clã, só em sonhos lhe acontecia isto. Depois de algum tempo, nem mesmo nos sonhos, mas nunca acordava de seus pesadelos sem um profundo sentimento de desolação.

O curto e quente verão passou e agora as ligeiras geadas das manhãs de outono faziam o ar frio e picante, com o verdume da floresta já salpicado por manchas escarlates e cor de âmbar. Algumas neves prematuras, carregadas depois por fortes pancadas de chuva que desnudavam os galhos de seus mantos coloridos, prenunciavam o intenso frio que estava por chegar. Mais tarde no dia, com apenas algumas folhas mais tenazes ainda coladas aos ramos nus das árvores e arbustos, um breve interlúdio de sol brilhante trazia a última lembrança do calor de verão, antes que as ventanias impiedosas e o frio causticante viessem encerrar as actividades ao ar livre.

O clã estava inteiro do lado de fora, gozando o sol. No largo terraço em frente da caverna, as mulheres limpavam cereais trazidos da planície. Um vento fresco jogava para cima quantidade de folhas secas, dando uma imagem de vida ao que ficara do auge do verão. Tirando vantagem da atmosfera ventosa, elas atiravam com uma peneira os grãos para o alto, deixando que o vento carregasse as palhas, antes de tornar a apanhá-los de volta na peneira.

Iza, postada por trás de Ayla, segurava as mãos da menina na peneira, mostrando-lhe como atirar os grãos para cima, sem jogá-los fora junto com as cascas e fiapos de palhas.

Ayla percebia em suas costas o volume duro e grande da barriga de Iza e lhe sentiu a forte contração que a obrigou de repente a parar. Pouco depois, Iza afastou-se e entrou na caverna, seguida por Ebra e Ika. A menina, apreensiva, lançou um olhar ao grupo de homens que havia cessado de conversar para acompanhar com os olhos as mulheres saindo e esperou que eles fossem ralhar com as três por largar o serviço, quando ainda havia muito o que fazer. Mas, inexplicavelmente, os homens se mostraram tolerantes. Ayla resolveu arriscar e foi atrás das outras.

Na caverna, Iza estava descansando na sua pele de dormir, ladeada por Ebra e Ika. Por que está Iza deitada no meio do dia?, perguntava-se Ayla. Será que está doente? Iza viu sua expressão preocupada e lhe fez um sinal, tranquilizando-a, mas que não serviu para diminuir muito a preocupação da menina. E mais preocupada ainda ficou, quando viu o rosto tenso de Iza na contração seguinte.

Ebra e Ika conversavam com Iza sobre coisas banais: a comida que já ti nham armazenado, a mudança de tempo, enfim, o assunto de todos os dias.

Mas Ayla já sabia bastante da língua para ler em suas expressões e posturas a ansiedade que lhes ia por dentro. Alguma coisa estava errada, ela tinha toda a certeza disso. Resolveu que nada a faria sair dali, enquanto não descobrisse o que se passava e se sentou aos pés de Iza, esperando.

Ao entardecer, chegou Ika com Borg, carregado em sua cintura, e Aga com a filha Ona. As duas mulheres sentaram-se fazendo uma visita e trazendo sua solidariedade, enquanto davam

de mamar aos filhos. Oвра e Oga, quando vieram juntar-se ao grupo em torno de Iza, estavam preocupadas, mas cheias de curiosidade. Embora a filha de Ika ainda não tivesse companheiro, ela já era moça e sabia que estava apta para botar uma criança no mundo. Oga dentro em breve também seria mulher e estavam as duas interessadíssimas no desenrolar dos acontecimentos.

Quando Vorn viu Aba ir sentar-se junto da filha, quis saber o que levava todas as mulheres a se juntarem na fogueira do Mog-ur. Ficou rondando por perto, até que veio aboletar-se no colo de Aga, ao lado de sua germana, para ver o que estava acontecendo. Mas Ona ainda mamava, e Aba pegou-o e o botou no colo. Ele nada viu ali de grande interesse, apenas uma curandeira descansando, por isso levantou-se e foi embora outra vez.

Algum tempo depois, as mulheres também saíram para começar a preparar a refeição da noite. Ika permaneceu com Iza, enquanto Ebra e Oga foram cozinhar, mas não deixando de lançar, de vez em quando, um olhar discreto na direção delas. Ebra, primeiro, serviu Creb e Brun; depois, trouxe comida para Ika, Iza e Ayla. Oвра cozinhou para o companheiro de sua mãe, mas ela e Oga logo saíram, quando Grod veio juntar-se a Creb e Brun na fogueira deste. Elas Não queriam perder nada e se puseram sentadas ao lado de Ayla, que não arredara de seu lugar.

Iza apenas tomou um pouco de chá e Ayla também estava sem fome. Só beliscou a comida. Com o nó que sentia na boca do estômago, Não tinha a menor vontade de comer. O que está acontecendo com Iza? Por que não se levantou para fazer a comida de Creb? Por que o feiticeiro não está pedindo aos espíritos para que ela fique boa? Por que ele está com todos os homens na fogueira de Brun?

As contrações de Iza estavam cada vez mais dolorosas. De momento em momento, ela parava para tomar fôlego, com a respiração curta, fazendo força para expelir, enquanto apertava as mãos das duas mulheres a seu lado. A noite avançava, com o clã inteiro de vigília. Os homens amontoavam-se ao redor da fogueira de Brun, aparentemente envolvidos em alguma conversa. Entretanto, vez por outra, um olhar disfarçado traía-lhes o

verdadeiro interesse. As mulheres estavam sempre indo ver Iza, averiguando como ela ia progredindo. Às vezes, lá permaneciam por uns momentos e depois saíam. Todos esperavam, unidos em solidariedade e em ansiosa expectativa, enquanto a curandeira elaborava seu trabalho de parto.

De repente, já muito depois de ter escurecido, começou um rebuliço, dando partida a uma série de intensas actividades. Ebra estendeu um pano de couro, enquanto Ika ajudava Iza a se pôr agachada. Ela, ofegante, comprimia com força o corpo para baixo e gritava de dor. Ayla tremia, sentada entre Ovra e Oga, que, por solidariedade a Iza, também grunhia e fazia os mesmos movimentos. Iza respirou fundo e, com um prolongado esforço, acompanhado de ranger de dentes e fortes contrações musculares, veio para fora a coroa da cabeça, num jorrar de água. Num outro tremendo esforço, desprendeuse a cabeça do bebê. O resto foi mais simples para Iza, que pariu com facilidade um corpinho contorcido e úmido de uma minúscula criança.

Com um último esforço, expeliu um bloco de tecido sangrento. Iza, então, voltou a deitar-se inteiramente exausta, enquanto Ebra pegava o bebê e lhe extraía com o dedo uma secreção mucosa da boca. Depois, botou-o sobre o estômago de Iza e bateu com força na sola de seus pés, quando se ouviu um berro alto anunciando o primeiro sopro de vida do bebê de Iza. Ebra amarrou uma tira no cordão umbilical e Cortou com os dentes a parte que ainda estava ligada à placenta. Em seguida, suspendeu o bebê para que Iza o visse. Acabado o serviço, ela se levantou e se dirigiu à sua fogueira para dar a notícia ao com panheiro e contar-lhe o sexo da criança. Sentou-se à frente de Brun com a cabeça abaixada, e depois, olhou para cima ao sentir uma pancadinha no seu ombro.

Capítulo 8

- Lamento informar - disse Ebra, fazendo o habitual gesto de pesar -

- que Iza teve uma menina.

A notícia, no entanto, não foi recebida com tristeza. Brun sentia-se aliviado, embora jamais fosse confessá-lo. O arranjo de Creb, sustentando a germana, especialmente depois da inclusão de Ayla no clã vinha funcionando às maravilhas, e ele, como chefe, não se mostrava propício a fazer qualquer alteração. O trabalho de educar a garota que o Mog-ur vinha realizando era dos mais louváveis, muito melhor do que ele havia esperado. Ayla estava aprendendo a comunicar-se na língua dos clãs e também a se comportar de acordo com os costumes deles. Quanto a Creb, ele não só se sentia aliviado, como extremamente feliz. Na sua idade avançada, pela primeira vez em toda a vida, estava conhecendo os prazeres de possuir uma família terna e amorosa. E, agora, a filha de Iza vinha garantir a possibilidade de eles permanecerem todos juntos.

Pela primeira vez também, desde que se mudaram para a nova caverna, Iza podia dar um longo suspiro de alívio. Estava feliz por ter tido um parto tão bom, sendo uma mulher de certa idade. Já atendera muitas mulheres que tiveram muitíssimo mais dificuldade do que ela. Houve diversas que quase morreram, algumas de fato morreram, e uns tantos bebês também. Parecia-lhe que as cabeças das crianças eram muito grandes em comparação com as estreitas passagens que tinham que vencer por ocasião do nascimento. Sua preocupação com o parto havia sido quase tão grande como a que tinha com o sexo da criança. Para a gente dos clãs, uma tal insegurança em relação ao futuro era uma sensação insuportável.

Iza reclinou-se na sua pele de dormir, relaxando. Ika enrolou a criança num macio cueiro de pele de coelho e a colocou nos braços da mãe. Ayla até aquele instante não se havia arredado do lugar.

Ansiosa e cheia de curiosidade, olhava para Iza que, ao percebê-la, fez-lhe um aceno.

- Venha cá, Ayla. Você quer ver o bebê?

Ayla se aproximou acanhada.

- Sim - disse com a cabeça.

Iza afastou a cobertura para que ela pudesse ver.

A minúscula réplica de Iza tinha a cabeça coberta por uma penugem marrom e a protuberância óssea atrás ficava mais visível sem a mata densa de cabelos que iria ainda formar-se. De certa maneira, sua cabeça era mais redonda do que a dos adultos, mas, mesmo assim, ainda bastante comprida, e a testa, como os ossos sobre as sobrancelhas, também não se achavam plenamente desenvolvidos, parecendo escorregar direto para trás. Ayla tocou nas suas bochechas fofas, e o bebê instintivamente se virou na direção do dedo dela, fazendo ruídos como se estivesse mamando.

- Ela é linda - gesticulou Ayla, maravilhada com o milagre que acabara de presenciar. - Ela está tentando falar, Iza? - perguntou, quando o bebê agitou no ar suas mãozinhas fechadas.

- Ainda não. Mas logo vai querer falar e você tem de ajudar a ensinar - respondeu Iza.

- Ah, vou sim. Quero ensiná-la a falar do mesmo jeito que você e Creb me ensinaram.

- Sei que vai querer, Ayla - disse Iza, tornando a cobrir o bebê.

Ayla ficou ali vigiando, enquanto Iza descansava. Ebra tinha embrulhado a placenta no pano de couro que estendera embaixo de Iza, na hora do parto, e o havia escondido num canto difícil de ser achado. Ficaria lá até que Iza pudesse ir enterrá-lo em algum lugar onde só ela saberia. Caso a criança tivesse nascido morta, seria enterrada ao mesmo tempo e ninguém poderia mencionar o fato e tampouco a mãe dar grandes mostras de pesar; apenas alguns gestos discretos de simpatia e gentileza seriam externados.

Se tivesse nascido com vida, mas defeituosa, ou se o chefe do clã por qualquer razão, achasse que a criança era inaceitável, a tarefa da mãe era ainda mais pesada. Estaria na obrigação de levar o filho para algum lugar e ali enterrá-lo, ou então deixá-lo à sorte da natureza, o que muito provavelmente significava ser devorado por

animais. Era muito difícil que uma criança defeituosa fosse deixada viver. Se mulher, quase nunca. Homem, especialmente se fosse primogênito, e se o companheiro da mãe desejasse a criança, esta poderia, se gundo o julgamento do chefe, permanecer com a mãe durante os primeiros sete dias de vida, para provar sua capacidade de sobreviver. Qualquer criança que vivesse depois do sétimo dia do nascimento, pela tradição (na prática funcionando como lei), tinha o direito de receber um nome e de ser aceita no clã.

A vida de Creb havia ficado pendente desses seus sete primeiros dias de existência. Sua mãe quase não lhe sobreviveu ao nascimento. O companheiro dela era também o chefe, e a decisão de deixar ou não viver o menino era inteiramente dele. A decisão, no entanto, foi tomada mais em benefício da mulher do que por respeito à vida do bebê, cuja cabeça deformada e membros paralíticos logo evidenciaram as lesões sofridas durante um parto extremamente difícil. A mãe estava muito fraca, perdera grande quantidade de sangue, ficando entre a vida e a morte. O companheiro Não podia exigir que ela se livrasse da criança, Não tinha forças para fazer isso. Em casos assim, ou no da morte da mãe, a tarefa passava à curandeira só que a mãe de Creb era a curandeira do clã. Assim, não houve como se Não deixá-lo na sua companhia, mas ninguém esperava que ele sobrevivesse.

A mãe tinha pouco leite e custava a sair. Quando, a despeito de tudo, o menino se agarrou à vida, uma mulher que amamentava se apiedou do bebê e deu-lhe o primeiro alimento que o susteve para a vida. E foi nestas precárias circunstâncias que começou a vida do Mog-ur, o mais venerado dentre todos os homens venerados e o mais poderoso e hábil feiticeiro de todos os clãs.

E agora ali estava ele, junto do irmão, indo os dois ao encontro de Iza. A um sinal imperioso de Brun, Ayla imediatamente se levantou, afastando-se, mas ficou observando a distância com o rabo dos olhos. Iza se sentou, desenrolou o bebê e o suspendeu na direção de Brun, tendo o cuidado de Não olhar para nenhum deles. Ambos examinaram a criança que, ao sair do calor da mãe e ser exposta ao frio da caverna, pôs-se aos berros. Tanto um como o outro tiveram o mesmo cuidado de não olhar para Iza.

- A criança é normal - anunciou Brun, com um gesto solene. - Ela pode ficar com a mãe Se viver até o dia de receber o nome, será aceita.

Na verdade, Iza Não tinha o menor receio de que Brun fosse rejeitar sua filha, mas mesmo assim não deixou de sentir alívio ao ouvir a declaração for mal do chefe. Restava-lhe apenas uma última pontinha de preocupação Só esperava que a filha Não ficasse infeliz pelo fato de a mãe não ter companheiro. Afinal, conjeturava Iza, ele ainda vivia, quando a feiticeira teve certeza de que estava esperando... mas Creb era como um companheiro, pelo menos garantia o sustento delas. Com isto, Iza afastou o pensamento da cabeça.

Nos próximos sete dias, Iza ficaria isolada, não podendo ultrapassar os limites da fogueira de Creb, a Não ser para fazer suas necessidades. Oficialmente, a existência do bebê de Iza não seria reconhecida enquanto ela estivesse em isolamento, exceção feita para aqueles que compartilhavam com ela da fogueira. Mas as mulheres do clã traziam-lhes comida, para que Iza pudesse repousar. Visitinhas rápidas e olhadelas descompromissadas ao bebê, isso podia. Depois dos sete dias, enquanto ainda estivesse sangrando, não poderia levar uma vida normal. Seus contatos estavam restritos às mulheres, tal como se dava durante os dias de menstruação.

Iza passava o tempo dando de mamar ou cuidando do bebê. Depois que se sentiu mais descansada, começou a pôr em ordem a fogueira, arrumando as diferentes áreas ali. A área de guardar comida, de cozinhar, de dormir e o lugar reservado a seus medicamentos, tudo dentro do espaço circundado por pedras que definiam a fogueira de Creb, os domínios dele dentro da caverna, agora divididos com três mulheres.

Devido à posição única do Mog-ur na hierarquia do clã, sua fogueira se achava num local privilegiado: era suficientemente perto da entrada da caver na para se beneficiar com a luz do dia e o sol do verão e, ao mesmo tempo, não tão perto para que ficasse sujeita aos inconvenientes das correntezas no inverno. A fogueira ainda tinha mais uma característica que Iza muito prezava em nome do bem-estar do Mog-ur. Havia um aforamento da rocha, prolongando-

se do paredão lateral, que lhes dava uma proteção extra contra as ventanias. Mas, mesmo com esta barreira e com um fogo sempre aceso à entrada da caverna, as correntezas geladas chegavam a queimar a pele nos lugares mais expostos. A artrite e o reumatismo do pobre homem sempre pioravam no inverno, agravados pela circunstância de uma caverna fria e úmida. Iza cuidava para que houvesse uma boa camada de palha e capim sob as peles de dormir de Creb, acondicionada numa espécie de trincheira rasa que ficava num canto mais resguardado.

Dos poucos serviços que se tinha pedido aos homens para fazer além de caçar, um foi o de colocar, à entrada da caverna, uma cortina feita de couro, sustentada por estacas fincadas no chão; e outro, o de calçar a área diante da entrada com pedras trazidas do riacho, de modo que as chuvas e a neve derretida não fizessem um lamaçal ali. O chão das fogueiras particulares era de terra, com algumas esteiras espalhadas, onde as pessoas se sentavam, ou se servia comida.

Duas outras pequenas trincheiras forradas de palha e cobertas de pele achavam-se perto da de Creb. A pele que ficava por cima de cada uma delas era a mesma usada como capa pela pessoa que estava dormindo ali. Além do manto de urso de Creb, havia o de antilope saiga de Iza e uma pele branca e nova de leopardo da neve. O animal estava escondido perto da caverna, num ponto muito mais abaixo das áreas normalmente frequentadas por ele, lá nos altos das montanhas. Coube a Goov o mérito de sua caça e ele deu a pele para Creb.

Muitas pessoas no clã usavam as peles ou guardavam um pedaço de cliãre ou algum dente do animal simbolizando seu totem protetor. Creb achou que a pele do leopardo da neve seria apropriada para Ayla. Não era a de seu totem, mas guardava alguma semelhança, e ele sabia que seria muito pouco provável que algum dia os caçadores se pusessem à caça de um leão da caverna. Raramente, esses gigantescos felinos extraviavam-se dos terrenos das estepes e não representavam grande ameaça para o clã instalado numa caverna situada em encostas muito arborizadas. Eles não estavam dispostos a enfrentar uma fera daquelas, a não ser que

tivessem um bom motivo para isto. Ainda durante sua gravidez, Iza havia curtido a pele e feito também um novo calçado para Ayla. A menina achava-se encantada e estava sempre procurando alguma desculpa para sair e poder usar a pele.

Iza fazia para si mesma um chá de erva-de-santa-maria que era bom para ajudar o leite a sair e aliviá-la das dores do útero que se contraía, voltando à forma normal. No princípio do ano, já se precavendo em relação ao nascimento do bebê, Iza havia colhido e posto para secar as folhas compridas e florezinhas esverdeadas dessa planta. Olhou na direção da entrada procurando por Ayla. Tinha acabado de trocar a faixa absorvente de pelica, o material que usava durante as menstruações e, agora, enquanto estivesse sangrando. Queria sair para enterrar o absorvente sujo em algum ponto lá fora, e precisava de Ayla para dar uma olhada no bebê, por alguns minutos.

Ayla, entretanto, não se encontrava em nenhum lugar perto da caverna. Caminhava ao longo do riacho procurando por pedrinhas pequenas e redondas. Iza havia comentado que queria pegar mais pedras de cozinhar, antes que as águas do riacho se congelassem, e Ayla achou que lhe agradaria se levasse algumas. Ajoelhada na praia pedregosa, procurava, perto da beirada da água, pedias que fossem de bom tamanho. Ao levantar os olhos, viu uma bolinha de pêlos brancos debaixo de um arbusto. Afastando os galhos para os lados, deu com um coelho de porte médio deitado de banda. A perna estava quebrada e com crostas de sangue seco.

O animalzinho ferido, ofegando de sede, não podia mexer-se. Olhou apreensivo para a garota, quando ela o tocou, sentindo seu pêlo macio e quente. Foi um filhote de lobo, começando a exercer seus dotes de caçador, que o agarrara, mas o coelho dera um jeito de escapar. Antes que o jovem aprendiz de caçador tivesse tempo de fazer sua segunda investida, a mãe loba lançou seus uivos ao ar, chamando-o. O pequeno lobo, que não estava com muita fome, fez meia-volta e, sem muita pressa, foi atender o chamado urgente. O coelho mergulhara na mata, morto de medo, esperando não ser visto. Quando se sentiu seguro bastante, quis saltar para fora, mas

não conseguiu e teve de ficar caído, a um pulo do riacho, morrendo de sede. Sua vida estava quase indo embora.

Ayla pegou o bichinho felpudo e ficou ninando-o em seus braços. Ela havia segurado o bebê de Iza enrolado numa pele de coelho e, agora, aquele ali lhe dava uma sensação parecida com a do bebê. Sentou-se no chão, embalando-o, quando reparou no sangue e na perna dobrada num estranho ângulo. Pobrezinho, está com a perna machucada, disse consigo mesma. Talvez Iza possa ajeitá-la. Certa vez, ela curou a minha. Esquecida da intenção de pegar pedras de cozinhar, levantou-se e foi com o coelho para a caverna.

Quando Ayla chegou, Iza cochilava, mas acordou com o barulho dos passos. A menina, então, estendeu o coelho em sua direção, mostrando-lhe os ferimentos. Iza também ficava às vezes com pena de animaizinhos e tratava deles, mas nunca havia trazido nenhum para dentro da caverna.

- Ayla, bichos não ficam na caverna - falou ela com as mãos.

Todas as esperanças de Ayla desmoronaram. Aconchegou o coelho contra o corpo e, muito triste, inclinou a cabeça, preparando-se para sair com os olhos já meio cheios de lágrimas.

Iza percebeu-lhe o desapontamento.

- Bom, já que você trouxe, posso bem dar uma olhada nele.

Ayla se iluminou, entregando-lhe o bichinho ferido.

- Esse animal está com sede. Arrume um pouco d'água - gesticulou Iza.

Ayla imediatamente foi buscar água num enorme cantil e trouxe uma cuia cheia até a borda. Iza lascou um pedaço de madeira, fazendo uma tala, e no chão já se achavam tiras de couro para firmar a tala na perna do coelho.

- Vá encher de novo o cantil, pois já estamos quase sem água. Depois, vamos precisar de água quente, vou ter de limpar a ferida - disse, atizando o fogo e botando algumas pedras para esquentar.

Ayla agarrou o cantil e correu até o lago. A água reanimou o coelhinho e, quando a menina voltou, ele estava mordiscando grãos e sementes que Iza lhe dera.

Creb, ao chegar mais tarde, ficou inteiramente pasmo vendo Ayla ninar um coelho no colo, enquanto Iza dava de mamar à filha. O feiticeiro percebeu a tala na perna do bicho e olhou para Iza que o observava, parecendo dizer: o que eu podia fazer? Enquanto Ayla, absorta, ocupava-se com seu boneco de verdade, os dois se puseram a conversar por meio de sinais silenciosos.

- O que deu em Ayla para trazer um coelho para dentro da caverna? - perguntou Creb.

- O bichinho estava machucado e ela trouxe para que eu tratasse dele. Ayla não sabia que nós não botamos animais na caverna. Mas os sentimentos dela não estão errados, Creb. Acho que ela tem jeito para curandeira. - Iza fez uma pausa. - Queria mesmo falar com você sobre isso. Bem, você sabe que ela Não tem muitos atrativos físicos.

Creb olhou na direção de Ayla.

- É uma menina simpática, mas você tem razão. Bonita não é - admitiu ele. - Mas o que tem isso a ver com o coelho?

- Quais as chances que Ayla tem de arrumar um companheiro? Qual quer homem que possua um totem bastante forte para o dela não vai querê-la. Ele poderá escolher a mulher que quiser. Eo que vai acontecer então, quando ficar moça? Se não tiver companheiro, não vai ter posição.

- Eu tenho pensado nisso, mas o que se há de fazer?

- Se Ayla fosse curandeira, ela teria seu próprio status - sugeriu Iza.

- E, afinal, ela é como uma filha para mim.

- Mas ela Não pertence à sua linha, Iza. Ayla não nasceu de você. Sua filha é que vai prosseguir com sua linhagem.

- Eu sei disso. Sei que tenho agora uma filha, mas por que não posso ensinar Ayla também? Ela não estava nos meus braços, quando você lhe deu um nome? E você Não revelou o totem dela na mesma ocasião Isso faz com que ela seja minha filha, ou não é. Ela foi aceita e agora é como se fosse dos clã não é verdade? - Iza se expressava com veemência, falando apressada, com medo de ouvir uma resposta desfavorável de Creb. - Acho que Ayla tem dom inato

para isso. A menina mostra interesse, sempre está fazendo perguntas, quando estou preparando minhas poções curativas.

- Ela faz mais perguntas do que qualquer outra pessoa que já conheci- interpôs Creb. - Pergunta sobre tudo. Precisa aprender que não é de boa educação fazer tantas perguntas.

- Mas repare bem nela, Creb. Encontra um animal ferido e logo deseja tratar dele. Ou isso é um indício de quem tem inclinação para curandeira, ou então já não sei de mais nada.

Creb ficou em silêncio, pensativo. Depois, disse:

- Ser aceita no clã não vai mudar a natureza dela, Iza. Ayla nasceu de uma mulher dos outros, como vai poder aprender tudo o que você sabe? Não se esqueça de que ela não tem as memórias de nossa raça.

- Mas Ayla aprende depressa. Você mesmo viu isto. Veja como aprendeu rápido a falar. Ficaria surpreso se soubesse de tudo que ela já aprendeu. Depois, ela possui umas mãos muito jeitosas para curandeira... um modo delicado de pegar nas coisas. Foi ela quem segurou o coelho, enquanto eu punha a tala. O bichinho parecia confiar nela. - Iza inclinou o corpo para a frente. - Já não estamos mais jovens, Creb. O que vai acontecer com ela, depois que nós dois passarmos para o mundo dos espíritos? Quer que ela fique de fogueira em fogueira, sempre um fardo para todo mundo, sempre uma mulher ocupando a posição mais baixa do clã.

Também Creb estava preocupado com isso, mas como não via nenhuma solução para o problema, ele ia afastando-o do pensamento.

- Você realmente acredita que pode ensiná-la, Iza? - perguntou, ainda duvidando.

- Posso começar com o coelho. Deixo que ela tome conta dele e lhe vou mostrando como. Tenho certeza de que Ayla consegue aprender, Creb, mesmo sem as nossas memórias. Não existem tantos tipos diferentes de doenças e ferimentos. Ela ainda é bastante jovem, tem tempo para aprender. Não precisa ter uma memória para isso.

- Tenho que pensar no assunto, Iza - disse Creb.

Durante todo esse tempo, Ayla ficara embalando e cantarolando baixinho para o coelho. Percebeu que Iza e Creb conversavam e lembrou-se de tê-lo muitas vezes visto fazendo gestos chamando os espíritos para ajudar nas mágicas de curar de Iza. A menina trouxe o bichinho felpudo para o feiticeiro.

- Creb, você quer pedir aos espíritos para curar o coelho? - disse gesticulando e botando o animal aos pés dele.

O Mog-ur olhou para o rostinho ansioso dela. Nunca havia invocado espíritos para ajudar na cura de um animal e se sentia meio tolo fazendo-o, mas não teve forças para recusar. Passou os olhos à sua volta e depois fez uns gestos rápidos.

- Agora, tenho certeza de que ele vai ficar bom - gesticulou a menina. Em seguida, vendo que Iza terminara de amamentar, perguntou: - Posso segurar o bebê? O coelhinho era um substituto amoroso e aconchegante do bebê, mas só quando ela não podia segurar na coisa verdadeira.

- Pode - disse Iza - mas cuidado com ela. Segure como eu lhe mostrei. Ayla, então, pôs-se a ninar e a cantarolar, como havia feito com o coelho.

- Qual o nome que você vai dar para ela, Creb? - indagou a menina.

Iza também estava curiosa, mas nunca perguntaria isso ao germano. Elas viviam na fogueira de Creb, eram sustentadas por ele e era seu o direito de dar nomes às crianças que nasciam em seu domínio.

- Ainda não resolvi. E você tem de aprender a não fazer tantas perguntas, Ayla - falou Creb repreendendo, mas se sentia contente por ela confiar em suas mágicas, ainda que fosse para um coelho. Virou-se, então, para Iza e acrescentou: - Acho que não faz mal se o coelho ficar aqui até que sua perna esteja curada. Ele é um bichinho inofensivo.

Iza fez um gesto de aquiescência, sentindo por dentro um calor de satisfação. Tinha certeza de que Creb não se oporia a que ela preparasse Ayla para curandeira, mesmo sem ter seu consentimento explícito. Tudo o que ela realmente precisava saber era que ele não a interromperia em seu trabalho.

- Gostaria de saber como é que ela faz para tirar este som da garganta - falou Iza, ouvindo o cantarolar de Ayla e querendo mudar de assunto. - Não é desagradável, mas é esquisito.

- Esta é outra diferença entre a gente dos clã e a dos Outros - gesticulou Creb, com o ar de um professor transmitindo um fato de extrema sabedoria a um aluno embasbacado. - Do mesmo modo que a falta de memórias na raça dela. Esses sons estranhos são próprios dos Outros. Mas desde que vem aprendendo a falar direito já deixou de usá-los bastante.

Ovra chegou à fogueira de Creb trazendo a refeição da noite. Seu espanto não foi menor do que o de Creb, quando deu com o coelho lá. E mais espantada ainda ficou quando Iza lhe deu seu bebê para segurar e Ayla pegou no coelho, ninando-o como se este também fosse criança. Ovra lançou um rabo de olho para ver a reação de Creb, mas parecia que ele Não percebia nada. Mal aguentava esperar para contar à mãe. Imagine só, ninar um animal. A garota não deve estar boa da cabeça. Será que ela acha que bicho é gente?

Não muito depois, Brun veio caminhando e fez um sinal para Creb, significando que queria falar-lhe. Creb já esperava por isso. Os dois seguiram juntos na direção da fogueira da entrada, afastada da fogueira de cada um.

- Mog-ur - começou o chefe hesitando.

- Sim.

- Estive pensando, Mog-ur. . que já é tempo de prepararmos uma cerimônia para unir alguns casais aqui. Resolvi dar Ovra a Goov, e Droog concordou em assumir Aga com os filhos e permitiu também que Aga fosse viver com eles - disse Brun, sem saber muito como levantar o assunto do coelho na fogueira de Creb.

- Eu estava mesmo imaginando quando você iria decidir fazer essas uniões - respondeu Creb, sem qualquer comentário sobre o assunto que ele sabia Brun estar querendo discutir.

- Eu quis esperar. A caça estava muito boa. Não me podia dar o luxo de ficar com dois caçadores a menos. Quando você acha que será a melhor ocasião - Brun fazia o possível para não olhar na

direção dos domínios de Creb, que se divertia um pouco com a falta de jeito do outro.

- Em breve vou dar o nome da filha de Iza. Podemos realizar a cerimônia na mesma ocasião.

- Vou falar com eles - disse Brun. Ele ficava, ora sobre um pé, ora sobre outro, olhando para o teto, para o chão para o fundo da caverna, para a entrada, só não olhava para o lugar onde se achava Ayla com o coelho no colo. A educação mandava que não se olhasse para dentro das fogueiras dos outros, mas se ele sabia da existência do coelho, era porque o tinha visto. Tentava pensar numa maneira aceitável de introduzir o assunto. Creb esperava.

- Por que há um coelho em sua fogueira? - disse Brun, através de uma gesticulação rápida. Estava em desvantagem e tinha consciência disso. Creb se virou e olhou de propósito para as pessoas em sua fogueira. Iza sabia perfeitamente bem o que se estava passando. Ela se ocupava com o bebê, só esperando não ter de ir participar da conversa.

Ayla, a causa de todo o rebuliço, achava-se inteiramente alheia à situação.

- É um animal inofensivo, Brun - disse Creb, com evasivas.

- Mas por que um animal dentro da caverna? - insistia Brun.

- Foi Ayla quem trouxe. O animal estava com a perna quebrada e ela queria que Iza fizesse um curativo - respondeu Creb, como se fosse o fato mais normal deste mundo.

- Nunca ninguém antes trouxe um animal para dentro da caverna - argumentou Brun, desapontado por Não conseguir encontrar uma objeção mais contundente.

- Mas que mal há? O bicho não vai ficar aqui por muito tempo, só até a perna ficar boa - retrucou Creb, com bom senso e falando calmamente.

Brun não conseguia achar uma boa razão para continuar a insistir com Creb para que ele expulsasse o animal, já que esta era sua vontade. Afinal, o bicho estava dentro dos domínios dele. Não havia nenhum costume proibindo animais em cavernas, era apenas uma coisa que nunca fora feita antes. Mas a verdadeira razão de seu incômodo Não era essa.

Havia chegado à conclusão de que o problema real estava em Ayla. Desde que Iza a trouxera com eles, começou a haver uma série de incidentes associados com a menina e todos fora do comum. Tudo que lhe dizia respeito era sem precedentes, e isso, agora, quando ela era ainda criança, mais tarde então como seria? O que não teria ele de enfrentar? Brun Não tinha nenhuma experiência daquele tipo de comportamento, nenhuma regra preestabelecida que o pudesse orientar no trato com a garota. E tampouco estava sabendo como externar suas dúvidas a Creb. Este, sentindo a inquietação do irmão tentou dar mais uma razão para que o coelho permanecesse em sua fogueira.

- Brun, a caverna designada para anfitriã de nossas reuniões tem sempre um filhote de urso - lembrou o feiticeiro.

- Mas aqui a coisa é diferente. Trata-se de Ursus. O animal está lá para o festival do urso. Antes de as pessoas habitarem cavernas, os ursos já viviam nelas, mas coelhos nunca moraram em cavernas.

- Só que o filhote é trazido. Ele não estava morando lá.

Brun não tinha nenhuma resposta para dar e o raciocínio de Creb parecia seguir um encadeamento lógico. Mas por que a menina tinha de ser a primeira a meter um bicho numa caverna? Se não fosse por ela, o problema nunca teria existido. Brun sentia que toda a base sólida de sua argumentação lhe escapulia, como se pisasse em terras pouco firmes. Resolveu, então, deixar o assunto morrer.

O dia que antecedeu à cerimônia foi frio mas ensolarado. Tinha havido algumas rajadas fortes de vento e os ossos de Creb, ultimamente, andavam doendo muito. Ele estava certo de que uma tempestade deveria estar a caminho. Antes que a neve começasse a cair para valer, queria gozar dos últimos dias claros daquele inverno e passeava pelo caminho perto do riacho. Ayla estava com ele, estreando os sapatos novos. Iza os havia feito, cortando pedaços circulares de couro de auroque que curtiu com a pelúcia debaixo e com uma camada extra de gordura para que ficassem impermeáveis. Fizera furos ao redor das beiradas, tal como para uma sacola e os uniu em torno dos tornozelos de Ayla, com a parte de pêlo voltada para dentro, de modo a esquentar melhor.

A menina estava feliz com eles e, toda vaidosa, ia jogando os pés para cima, ao lado de Creb. Sobre a roupa, levava a pele de leopardo e uma pele de coelho, macia e peluda, saía-lhe da cabeça, cobrindo as orelhas e amarrando debaixo do queixo com a pele que formara as patas do animal. De vez em quando, disparava à frente e depois voltava para caminhar ao lado de Creb, refreando suas passadas exuberantes para igualar com o andar arrastado dele. Por um momento, fez-se um silêncio agradável entre os dois, cada qual envolvido com seu próprio pensamento.

Gostaria de saber que nome poderia dar à filha de Iza, pensava Creb. Ele adorava sua germana e queria escolher um nome que fosse do agrado dela. Nenhum que possa lembrar qualquer coisa de seu companheiro. O pensamento desse homem fazia-lhe arrepiar a pele.

Os maus-tratos que infligira a Iza deixava-no ainda furioso, mas sua raiva vinha de mais longe. Lembrava-se de como, em criança, o outro escarnecia dele, chamando-o de maricas pelo fato de não poder caçar. Creb imaginava que o ridículo só parou por medo ao seu poder como Mog-ur. Fico alegre por Iza ter tido menina, pensou. Um menino seria muita homenagem para seu companheiro.

Sem aquele espinho encravado na garganta, Creb desfrutava dos prazeres da vida em família, muito mais do que imaginara possível. Ser o patriarca de sua pequena família, o responsável e o provedor dela, tudo isso lhe dava uma sensação de virilidade que jamais conhecera. Percebeu que estava sendo respeitado de maneira diferente pelos homens e se viu, para surpresa sua, interessado nas caçadas, já que tinha direito a um quinhão delas. Antes, sua preocupação centrava-se mais nas cerimônias de caças, mas, agora, tinha outras bocas a alimentar.

Tenho certeza de que Iza também está mais feliz, disse consigo, pensando nas atenções e no afeto que ela lhe dedicava: fazendo sua comida, cuidando dele e prevendo todas as suas necessidades. Em todos os sentidos, menos um, era como se ela fosse sua companheira, aquilo que mais se aproximava da idéia que Creb tinha disso. Ayla, por seu turno, era uma constante alegria.

Encontrava grande interesse nas diferenças naturais que ia descobrindo nela. Educá-la era um desafio, tal como aquele que um professor de verdade sente diante de um aluno inteligente e voluntarioso, mas com suas peculiaridades. E o bebê de Iza também o deixava intrigado. Depois dos primeiros tempos, quando Iza passou a deixar a menina no seu colo e ele pôde dominar o nervosismo, ficava embevecido, observando os movimentos desordenados de suas munhecas e seus olhos perdidos, sem focalizar nada em especial. Como uma coisinha tão minúscula e pouco desenvolvida, pensou ele, poderia dar numa mulher adulta?

Ela vai assegurar a linhagem de Iza. E é uma linha digna da posição que ocupa dentro dos clãs. A mãe deles fora uma das mais renomadas curandeiras de sua época. As pessoas vinham dos outros clãs para tratar-se com ela ou buscar seus remédios. Iza era de igual valor e sua filha tinha tudo para alcançar o mesmo sucesso. Merecia um nome à altura de sua antiga e ilustre estirpe.

Pensando na linhagem de Iza, Creb lembrou-se da mulher que fora mãe da mãe deles. Sempre havia sido boa e gentil com ele. Depois que Brun nascera, ela cuidara mais dele do que sua própria mãe. Suas qualidades como curandeira também eram famosas, chegou até a curar o homem nascido da gente dos Outros, tal como Iza agora fizera com Ayla. Pena que Iza não chegou a conhecê-la. De repente, Creb interrompeu-se em suas divagações.

Pronto, aí está! Vou dar ao bebê o nome dela, disse consigo, cheio de alegria com a feliz inspiração.

Uma vez decidido o nome da criança, Creb voltou o pensamento para a cerimônia de acasalamento. Pensava em Goov, o seu devotado acólito. Uma pessoa sossegada e séria, Creb o estimava. O totem do auroque do rapaz era bastante forte para o de Oвра, que possuía o do castor. Oвра trabalhava com vontade, raramente precisando ser repreendida. Será uma boa companheira para ele. Não há razão para que não lhe dê filhos. Goov, por sua vez, é bom caçador e vai poder sustentá-la bem. Quando se tornar o mog-ur e suas obrigações o impedirem de caçar, será recompensado com o quinhão que lhe é de vido.

Iria ser um mog-ur poderoso?, perguntou-se Creb. Ele fez não com a cabeça. Por mais que gostasse do acólito, chegara à conclusão de que Goov nunca teria as qualidades que sabia ele próprio possuir. Se, por um lado, suas deficiências físicas o impediam para atos normais da vida, como caçar, ter companheira; por outro, proporcionaram-lhe tempo para pôr toda sua capacidade mental no desenvolvimento da força por que se tornara famoso.

Daí ser ele o Mog-ur. A ele cabia dirigir a mente de todos os mog-urs nas reuniões dos clãs, na mais sagrada de todas as cerimônias religiosas. No entanto, se podia realizar a simbiose das mentes dos homens de seu clã, isso já lhe era mais difícil com as mentes treinadas dos outros feiticeiros, que não se comportavam com a mesma fusão de almas. Creb pensou na próxima reunião dos clãs, mas ainda faltava muito para ela. As reuniões se realizavam a cada sete anos, e a última tinha sido no verão que antecedeu ao desmoronamento da caverna. Se viver até lá, pensou subitamente, essa será a minha última.

Creb voltou sua atenção novamente para a cerimônia de acasalamento; agora, a queiria unir Droog a Aga. Droog era um caçador experiente que há muito dera provas de sua capacidade. Sua competência como ferramenteiro ainda era até maior. Um homem tranquilo e sério, tal como Goov, o filho de sua falecida companheira. Os dois tinham o mesmo totem. Sob certos aspectos, inclusive, pareciam-se muito, e Creb não tinha dúvidas de que fora o espírito do totem de Droog que havia criado Goov. Pena a companheira de Droog ter sido chamada para o outro mundo, pensou. Entre o casal existiu uma grande afeição, e isto possivelmente não se dará com Aga. Mas ambos estão precisando de companheiros, e Aga deu provas de ser mais fértil do que a mãe de Goov. É uma união natural esta.

Creb e Ayla foram arrancados de seus pensamentos por um coelho que cruzou o caminho deles. Isso fez a menina lembrar-se do outro, o que estava na caverna, e a trouxe de volta ao que vinha pensando durante todo aquele tempo: o bebê de Iza.

- Creb, como é que o bebê entrou dentro de Iza?

- A mulher engole o espírito do totem de um homem - disse Creb distraído, ainda perdido em seus pensamentos. - Depois, o espírito dele luta contra o espírito do totem dela. Se o do homem vencer, uma parte do seu espírito fica na mulher para criar uma nova vida.

Ayla olhou à sua volta, maravilhada com a onipresença dos espíritos. Não via nenhum, mas, se Creb dissesse que eles estavam ali, ela acreditava.

- O espírito de qualquer homem pode entrar numa mulher? - perguntou, em seguida.

- Pode. Mas ele tem de ser um espírito mais forte para poder vencer o dela. Muitas vezes o totem do homem pede ajuda a outro espírito. Esse outro tem, então licença para deixar sua essência. Mas, em geral, é o espírito do companheiro da mulher aquele que luta mais. Ele é mais concentrado, mas mesmo assim, frequentemente, precisa de auxílio. Se um menino tiver o mesmo totem que o companheiro da mãe isso significa que terá sorte - explicou Creb, cuidadosamente.

- Só as mulheres têm bebês? - perguntou Ayla, excitada com o assunto.

- Sim.

- A mulher só pode ter filho depois que tem companheiro?

- Não. Às vezes, ela engole um espírito antes de ter o companheiro. Mas, se ela não arrumar um até o bebê nascer, seu filho vai ser infeliz.

- Eu posso ter um bebê? - perguntou, esperançosa.

Creb pensou no fortíssimo totem dela. Um princípio vital forte demais. Mesmo com a ajuda de outro espírito, Não era provável que fosse vencido. Mas isto ela vai descobrir daqui a algum tempo, pensou ele.

- Você ainda não tem idade bastante - disse Creb, de modo evasivo.

- Quando vou ter bastante idade?

- Quando você for mulher.

- E quando vou ser mulher?

Creb já começava a achar que aquele interrogatório jamais terminaria.

- Quando o espírito do seu totem entrar em luta pela primeira vez contra outro espírito, você irá sangrar. Isso é um sinal de que ele foi ferido. Al guma coisa da essência do espírito que lutou contra ele foi deixada em você para preparar seu corpo. Seus seios vão crescer e também algumas mudanças vão acontecer. Depois disso, o espírito de seu totem passa regularmente a lutar contra outros espíritos. Se numa ocasião que o sangue deve correr isso não acontecer, significa que o espírito que você engoliu derrotou o seu, e uma nova vida estará começando.

- Mas quando é que vou ser mulher?

- Talvez quando você tiver passado por todos os ciclos das estações umas oito ou nove vezes - respondeu Creb.

- Mas daqui a quanto tempo vai ser isso? - insistiu Ayla.

O velho feiticeiro, pacientemente, soltou um suspiro.

- Venha cá. Vou ver se consigo explicar - disse ele, pegando uma vareta e tirando uma faca de pedra de sua sacola. Duvidava que ela pudesse entender, mas isso poria fim às perguntas.

Calcular representava uma forma de abstração muito difícil para a gente dos clã A maioria não conseguia ir além de três: você, eu e o outro. Não era uma questão de inteligência. Por exemplo, Brun sabia perfeitamente se um dos 22 membros de seu clã estivesse faltando. Ele teria apenas de pensar em cada um deles individualmente e o fazia rápido, de maneira inconsciente. Mas passar do indivíduo concreto para o conceito "um", isso significava uma dificuldade que só poucos conseguiam sobrepujar. Como pode essa pessoa ser um e aquela outra também ao mesmo tempo ser um. Não s essas pessoas diferentes? Essa era a primeira questão que normalmente eles se punham.

A incapacidade das pessoas de sintetizar e abstrair estendia-se a outras áreas da vida. Eles tinham um nome para cada coisa. Conheciam salgueiro, carvalho, pinheiro, mas não possuíam o conceito genérico para isso, ou seja, não tinham no vocabulário a palavra árvore. Cada tipo de terra, rocha e até mesmo as modalidades de neve eram nomeadas diferentemente. Eles

dependiam de sua bela memória e de sua capacidade de aumentá-la. Praticamente, não se esqueciam de nada. Era uma língua repleta de cor e descrição mas desprovida quase na íntegra do pensamento abstrato. A idéia era algo de estranho à natureza, aos costumes e à forma como se desenvolveram. Dependiam do Mog-ur para situá-los em determinadas coisas que envolvessem algum tipo de cálculo: o tempo decorrido entre uma e outra reunião dos clã as idades das pessoas do clã, o tempo de isolamento após a cerimônia de acasalamento, e os primeiros sete dias da vida de uma criança. O fato de o feiticeiro poder realizar essas operações era encarado como uma de suas maiores mágicas.

Depois de sentado, Creb cravou firme a vareta entre seu pé e uma pedra.

- Iza acha que você é um pouco mais velha do que Vorn - começou ele. - Vom viveu o ano do seu nascimento, viveu o ano em que andou, depois outro ano mamando e o ano em que deixou de mamar - explicou Creb, fazendo um talho na vareta para cada ano que mencionava. - Vou fazer uma marca a mais para você. Esta é a idade que você tem atualmente. Se eu pegar os meus dedos e puser cada um em cada marca, vou cobrir todas elas com uma das mãos entende?

Ayla olhava compenetrada para as ranhuras na vareta, segurando os dedos da mão. Então se iluminou.

- Já sei, tenho tantos anos quanto isso! - disse, mostrando a mão com todos os dedos estendidos. - Mas quanto tempo vai levar para eu ter um bebê?- perguntou, mais interessada no problema da reprodução do que no de cálculos.

Creb estava estupefato. Como pôde a menina pegar a idéia da coisa tão rápido? Ela não chegou nem a perguntar quais marcas tinha de cobrir com os dedos ou o que fazer com os anos ali marcados. Isso com Goov teve de ser repetido inúmeras vezes, até que ele conseguisse entender- Creb fez mais três talhos e tapou-os com três dedos. Para ele, que usava só uma das mãos, isso havia sido particularmente difícil na ocasião em que aprendeu. Ayla olhou para sua outra mão e imediatamente suspendeu três dedos, dobrando o polegar e o mindinho.

- Quando eu tiver isso? - perguntou, estendendo oito dedos.

Creb fez um gesto afirmativo. O próximo passo de Ayla pegou-o inteiramente de surpresa. Era um conceito que até ele tinha levado anos para dominar. Ela baixou uma das mãos e suspendeu só três dedos da outra.

- Eu vou ter idade para ter um bebê quando passar esse "muito" de anos - gesticulou, segura, inteiramente confiante em sua dedução.

O espanto do velho feiticeiro não tinha limites. Era impensável que uma criança, ainda por cima menina, pudesse chegar àquela conclusão tão facilmente. Ele se via atordoado demais, mal se lembrando de fazer reparos no prognóstico dela.

- Esta quantidade provavelmente é para a primeira vez. Mas poderá ser este tanto aqui ou, ainda, mais este outro tanto - disse ele, fazendo duas outras riscas na vareta. - Ou talvez até mais. Não há como se saber ao certo.

Ayla franziu um pouco o rosto, suspendeu o indicador e depois o polegar.

- Como posso saber de mais quantidade de anos? - perguntou.

Creb a olhava desconfiado. Estavam penetrando num terreno onde até ele tinha dificuldade. Já começava a lamentar ter deixado o assunto ir tão longe. Brun não ia gostar se soubesse que a menina podia fazer aquelas poderosas mágicas, mágicas reservadas apenas aos mog-urs. Mas sua curiosidade tinha sido aguçada. Seria ela capaz de compreender conhecimentos tão avançados?

- Cubra com suas mãos todas as marcas - disse Creb. Após ela, muito compenetrada, ter botado cada dedo em cada ranhura, Creb fez outro talho e o tapou com o seu dedo mínimo.

- A marca seguinte está coberta pelo meu dedo mínimo. Depois da primeira série, você tem de pensar no primeiro dedo da mão de outra pessoa, e depois no dedo seguinte da mão dessa pessoa. Entende? - perguntou, observando-a com atenção.

Ayla nem pestanejava. Olhou para as suas mãos, depois para a dele, e então fez a careta que Creb já conhecia como sendo uma expressão de sua felicidade. Ela meneou, cheia de entusiasmo, a cabeça, dizendo que entendia. Só que daí ela deu um salto

quantitativo que se achava praticamente além da capacidade de compreensão de Creb.

- E depois disso, as mãos de uma outra pessoa, e depois ainda as de uma outra pessoa, não é assim? - perguntou ela.

O impacto foi forte demais. A cabeça dele dava voltas. Com dificuldade conseguia contar até 20. Além dessa quantidade, os números se confundiam numa imensidão indistinta chamada muito. Em poucas oportunidades, depois de profunda meditação, pôde captar uma vaga idéia do conceito que Ayla entendia com a maior facilidade. O Mog-ur custou a fazer um gesto afirmativo. Subitamente, havia percebido o enorme abismo entre a mente da menina e a dele. Bastante abalado, esforçava-se para recuperar a calma.

- Diga-me, qual o nome disso? - perguntou ele, querendo mudar de assunto e suspendendo o galho que tinha usado para fazer as marcas. Ayla ficou olhando por um instante, lembrando-se.

- Salgueiro... acho que é - disse ela.

- Está certo - respondeu Creb. Colocou a mão sobre o ombro dela e a olhou diretamente nos olhos. - Ayla, seria melhor que você não mencionasse essas coisas para ninguém - disse, mostrando os talhos feitos no galho.

- Está bem, Creb - respondeu, percebendo o quanto isso era importante para ele. A menina aprendera a conhecer seus movimentos e expressões melhor do que qualquer um, à exceção de Iza.

- Já é tempo de voltarmos. - Ele desejava ficar sozinho para pensar.

- Temos mesmo de ir embora? - perguntou Ayla, com voz suplicante.

- Está tão bom aqui fora.

- Sim, nós temos - respondeu Creb, botando-se de pé com a ajuda do seu bordão. - E não é direito, Ayla, questionar um homem depois que ele tomou uma decisão - ralhou, com brandura.

- Está bem, Creb - falou a menina, inclinando a cabeça em sinal de submissão tal como lhe haviam ensinado. Havia começado a caminhar silenciosa ao lado dele, mas logo sua exuberância tomou

conta, e Ayla passou a correr na frente. De vez em quando voltava trazendo galhos e pedras, dizendo os seus nomes para Creb e perguntando sobre aqueles que esquecera. Ele lhe respondia, vago, com dificuldade de prestar atenção, tamanho era o tumulto em sua mente.

As primeiras luzes do alvorecer dissipavam a escuridão envolvendo a caverna e o ar picante e frio cheirava a neve que estava a caminho. Iza, deitada na pele, observava os contornos do teto irem gradualmente desfimindo-se e tomando forma à medida que a luz aumentava. Naquele dia, sua filha iria receber um nome e ser aceita integralmente como membro do clã, o dia em que ela seria reconhecida como um ser vivo e capaz de viver. Iza esperava, ansiosa, ver relaxado o seu período obrigatório de confinamento, apesar de que, enquanto sangrasse, o convívio com as pessoas do clã estaria restrito às mulheres.

Logo que aparecesse a primeira menstruação, exigia-se das meninas que elas passassem o período inteiro das regras longe do clã. Se fosse durante o inverno, a garota era posta numa área separada, no fundo da caverna, mas, na primavera, estaria obrigada a passar o primeiro período menstrual sozinha. E viver sozinha, era algo de assustador e muito perigoso, tratando-se de uma menina, sem armas e acostumada a ter sempre a companhia dos outros e a proteção de todo o clã. Essa era a prova que marcava a entrada da menina na vida da mulher, tal como para o rapaz, era o seu primeiro animal abatido. Só que, no caso da mulher, Não havia cerimônia celebrando-lhe a volta a casa. Não eram tão fora do comum os casos de moças Não voltarem, mesmo dispondo elas de uma fogueira acesa para espantar os animais ferozes. Seus restos eram, em geral, encontrados por algum caçador ou algum grupo de mulheres colhendo plantas. A mãe tinha licença para visitar a filha uma vez por dia. Ela lhe levava comida e consolo. Se a moça, no entanto, desaparecesse ou morresse, a mãe estava impedida de mencionar o fato, enquanto Não houvesse decorrido um certo número de dias.

As batalhas travadas pelos espíritos no interior do corpo da mulher na luta natural pela produção da vida eram vistas pelos homens como profundos mistérios. Enquanto a mulher sangrasse, a

essência do totem dela estava forte, estava em luta e derrotando algum elemento primordial masculino, expulsando-lhe a essência fecundadora. Se uma mulher olhasse, nesse período, para um homem, o espírito dele estaria sendo atraído para uma batalha perdida. Daí, os totem das mulheres precisarem ser menos poderosos do que os dos homens, pois mesmo um totem fraco recebia energias da força da vida que habitava as mulheres. Elas atraíam para si a força da vida, elas eram quem produziam novas vidas. No mundo físico, o homem podia ser maior, mais forte e poderoso do que a mulher, mas, no temível mundo das forças invisíveis, as mulheres estavam potencialmente dotadas de maior força. Os homens acreditavam que a forma física - menor e mais frágil - da mulher, que lhes permitia dominá-la, era o que equilibrava a balança, mas as mulheres jamais poderiam conhecer todo o seu potencial, se não a balança iria pender mais para um lado. Por isso mesmo estavam impedidas de ter uma participação plena na vida espiritual do clã, para se conservar ignorantes da energia que lhes dava a força da vida.

Os rapazes, já na sua cerimônia de passagem, eram avisados das funestas consequências que poderiam advir se alguma mulher presenciasse, ainda que por instantes, os seus ritos esotéricos, e muitas lendas existiam falando do tempo em que as mulheres detinham o controle da magia que possibilitava o contato com o mundo dos espíritos. Muitos rapazes, após tomar conhecimento desses fatos, passavam a olhar as mulheres sob outro prisma. Eles assumiam suas responsabilidades de homem com grande seriedade. A mulher tinha de ser protegida, sustentada e inteiramente dominada. Do contrário, a sensível balança que equilibrava as forças físicas e espirituais seria desestabilizada, ocasionando a destruição dos clãs.

Pelo fato de as forças espirituais estarem muito mais revigoradas durante a menstruação é que a mulher tinha de ser mantida isolada. Seu contato só podia ser com outras mulheres, Não lhe era permitido tocar em alimentos que fossem consumidos por homens e ela passava o tempo fazendo tarefas sem importância, como catar lenha ou curtir couros que seriam usados exclusivamente

por elas. homens Não reconheciam sua existência, ignoravam-na completamente, nem mesmo repreendê-la chegavam. Se, por acaso, seus olhos dessem distraidamente com ela, olhavam como se através de sua pessoa, como se fosse invisível.

Parecia um castigo cruel. O banimento da mulher assemelhava-se com a maldição de morte, a punição máxima que era dada aos membros dos clãs, quando cometiam algum crime grave. Ao chefe, exclusivamente, cabia dar ordens ao mog-ur para que este fizesse baixar os espíritos do clã! e deitasse a maldição de morte. O mog-ur Não podia recusar-se, mesmo que isso fosse perigoso para ele, como feiticeiro e para o clã. Uma vez amaldiçoado, o criminoso passava a Não ser visto por ninguém e nenhuma pessoa lhe dirigia a palavra. Era ignorado, caía em ostracismo, deixava de existir, exatamente como se estivesse morto. O companheiro ou a companheira bem como toda a família choravam sua morte. Nenhuma comida era compartilhada com ele. Alguns abandonavam o clã e nunca mais eram vistos. A maioria, simplesmente, deixava de comer, beber, consumando a maldição na qual também o criminoso acreditava.

Em certos casos, a maldição de morte podia ser imposta por prazo limitado; ainda assim, ela resultava quase sempre na morte do criminoso que abdicava de viver durante o tempo estabelecido para o pagamento de sua pena. Se permanecesse vivo, seria admitido de volta ao clã com todas as suas prerrogativas anteriores, inclusive com o status que possuía antes.

Sua dívida para com o clã fora paga, o seu crime, portanto, estava esquecido. Mas os crimes eram raros e esta forma de punição dificilmente era aplicada. Apesar de que o banimento renegasse a mulher parcial e temporariamente da sociedade, quase todas elas bendiziam essa pausa em suas vidas, quando estariam livres das constantes exigências dos homens e fora da linha de seus olhos eternamente vigilantes.

Iza, no entanto, estava ansiando por um maior contato com a vida, o que teria após a cerimônia do nome da filha. Já estava cansada de ficar dentro dos limites da fogueira de Creb e via, saudosa, os raios de sol que escoavam através da entrada da

caverna, naqueles últimos dias claros, antes de a neve chegar. Esperava com impaciência o sinal de Creb, anunciando que ele estava pronto e o clã já todo reunido. Normalmente, esta era uma cerimônia que se realizava antes da primeira refeição, logo depois de o sol aparecer, quando os totens ainda se achavam por perto, após terem guardado o clã durante a noite. Ao aceno de Creb, Iza se apressou em ir para junto dos outros, postando-se na frente do Mog-ur e, com os olhos abaixados, despiu a filha. Segurava-a no alto, enquanto o feiticeiro olhava por cima de sua cabeça e fazia os gestos de praxe invocando os espíritos para assistir aquela cerimônia.

Em seguida, Creb mergulhou a mão na bacia segurada por Goov e desenhou, com pasta de ocre vermelho, uma listra que saía do ponto onde se juntavam as saliências ósseas por cima das sobrancelhas e vinha até a ponta do nariz.

- Uba, o nome da menina é Uba - falou o Mog-ur. Do ensolarado pórtico frontal, açoitava um vento gelado que fez a menina nua, morta de frio, soltar um saudável berro, abafando os murmúrios de aprovação do clã.

- Uba - repetiu Iza, ninando seu corpinho tremendo em seus braços. É um nome perfeito, pensou, lamentando Não ter conhecido a Uba de quem sua filha o herdara. Os membros do clã foram passando em fila por ela, cada um repetindo o nome, de modo que eles e seus totens se fossem familiarizando com a última aquisição do clã. Iza tinha o cuidado de manter a cabeça abaixada, a fim de Não olhar sem querer os homens que vinham chegando para reconhecer sua filha. Em seguida, envolveu a criança em peles de coelhos e a meteu por dentro da sua roupa, em contato com a pele do corpo. Os berros pararam imediatamente depois que o bebê começou a mamar. Iza voltou, então, a seu lugar, junto das mulheres, deixando o espaço para a celebração dos ritos de acasalamento.

Nesta cerimônia, apenas nesta, usava-se ocre amarelo na fabricação do unguento. Goov entregou a bacia com a pasta amarela ao Mog-ur que a apoiou firme entre seu cotoco de braço e a cintura. Goov Não podia servir de acólito numa cerimônia em que era o

principal protagonista. Foi tomar posição em frente ao Mog-ur e esperou Grod vir com a filha de sua companheira. Ika era um misto de emoções: orgulhosa por sua filha estar fazendo um bom casamento e triste por vê-la sair da fogueira de seu companheiro. Ovrá vestia uma roupa nova, olhava para os pés, enquanto seguia de perto Grod, mas deixando transparecer no rosto, pudicamente abaixado, uma luminosa alegria. Visivelmente, sentia-se feliz com a escolha que fizeram por ela. Sentou-se no chão de pernas cruzadas, de frente para Goov, conservando sempre os olhos abaixados.

Com os gestos ritualísticos e em silêncio, o Mog-ur se dirigiu novamente aos espíritos. Em seguida, mergulhou o dedo médio na pasta amarelada e desenhou o sinal do totem de Ovrá sobre a cicatriz do totem de Goov, simbolizando a união dos dois espíritos. Depois, tormou a meter o dedo na pasta, pintou a marca de Goov em cima da de Ovrá, seguindo o contorno da cicatriz, mas borrando a marca dela, como sinal da supremacia masculina.

- Espírito do Aruroque, Totem de Goov, o seu sinal venceu o Espíri to do Castor, Totem de Ovrá - dizia por gestos o Mog-ur. - Possa o Espírito de Ursus permitir que assim seja para sempre. Goov, você aceita esta mulher?

O rapaz respondeu batendo de leve no ombro de Ovrá e fazendo-lhe sinal para que o seguisse a uma área recentemente delimitada por pedras, onde teriam sua fogueira. Ovrá pulou sobre seus pés e seguiu atrás do companheiro que lhe fora dado. Ela Não tinha escolha, nem mesmo lhe fora perguntado se o aceitava. O casal permaneceria isolado por 14 dias, confinado à área da fogueira e dormindo separados. No fim deste período, os homens realizariam uma cerimônia na caverna menor, para sedimentar a união.

Nos clãs, a união de duas pessoas era um fato exclusivamente de ordem espiritual, começado com uma declaração diante de todo o clã e consumado por rituais secretos destinados só aos homens. Naquela sociedade primitiva, sexo era tão natural e irrestrito quanto o ato de dormir ou de comer. As crianças aprendiam a fazer sexo, tal como ficavam sabendo dos costumes e a executar suas tarefas, ou seja, observando os adultos. Brincavam de fazer amor do mesmo jeito que imitavam qualquer outra actividade dos mais velhos. Não

era raro um menino chegar à puberdade, ainda sem ter abatido o seu primeiro animal e vivendo uma situação de meio adulto meio criança, e penetrar uma menina, antes dela ter passado pela primeira menstruação. Os hímens eram perfurados cedo, apesar de que os rapazes ficassem um pouco amedrontados, se vissem algum derramamento de sangue. Se tal acontecesse, rapidamente largavam a garota.

Todo homem, no momento em que bem entendesse, podia pegar uma mulher para satisfazer os seus desejos, à exceção - e isto fazia parte de velha tradição - da germana. Em geral, depois de o casal estar constituído, guardava-se uma certa fidelidade, apenas por mera cortesia com a propriedade de outro homem. Era muito mais malvisto se um homem deixasse de satisfazer-se do que se pegasse a mulher que estivesse mais à mão. Por seu lado, a mulher não se via impedida de fazer sutis gestos recatados, incentivando o homem e lhe dando a entender que ele a atraía. Para eles, a formação de uma nova vida se fazia graças à onipresença das essências dos totens e tanto as relações sexuais como o nascimento de crianças Não estavam associados à idéia da concepção.

A segunda cerimônia foi para unir Droog a Aga. O novo casal também ficaria em isolamento, mas aqueles que atualmente viviam na fogueira de Droog tinham liberdade para lá entrar e sair, quando assim o quisessem. Após a entrada na caverna do segundo casal, as mulheres vieram rodear Iza e o bebê.

- Iza, sua filha é simplesmente um encanto - grunhiu Ebra. - Devo confessar que fiquei um pouquinho preocupada, quando soube que você depois de tanto tempo havia ficado grávida.

- Os espíritos me protegeram - gesticulou Iza. - Um totem forte quando é vencido ajuda a fazer crianças sadias.

- Tive medo de que o totem da menina pudesse trazer efeitos negativos. Ela tem um jeito tão diferente e seu totem é tão poderoso que podia até fazer a criança nascer com defeito - comentou Aba.

- Ayla traz sorte. Ela me trouxe sorte - contradisse, imediatamente, Iza, olhando para ver se a menina tinha percebido. Ayla observava Oga segurando o bebê, andando de lá para cá, resplandecente de orgulho como se Uba fosse filha dela. Ayla não

percebera o comentário de Aba, mas Iza não gostava de ver pensamentos desse tipo ventilados abertamente. - Na verdade, ela trouxe sorte para todos nós, não é?

- Mas afinal você não teve tanta sorte assim, pois Não nasceu um menino - insistiu Aba, querendo impor sua opinião.

- Mas eu queria ter menina - respondeu Iza.

- Iza! Como pode dizer uma coisa dessas!

As mulheres estavam surpresas, raramente admitiam preferir filhas.

- Ela tem razão - pulou Ika em defesa de Iza. A gente tem um filho, cuida dele, amamenta, cria e depois, mal ele acabou de crescer, desaparece. Se não morrer caçando, morre de uma outra coisa qualquer. A metade deles morre ainda rapaz. Pelo menos Ovrá ainda pode viver alguns anos mais.

Todas se sentiram penalizadas com a mãe que perdera o filho no desabamento da caverna. Sabiam o quanto Ika sofrera. Ebra, diplomaticamente, mudou de assunto.

- Gostaria de saber quantos invernos nós iremos passar nesta caverna.

- As caçadas têm sido boas e nós já guardamos tanta coisa que temos um mundo de comida armazenada. Os homens vão sair hoje para caçar, provavelmente pela última vez. Só espero que haja bastante lugar no depósito, assim vamos poder congelar as coisas - disse Ika. - Parece que os homens estão ficando impacientes. Acho melhor a gente ir fazer qualquer coisa para comer.

As mulheres, relutantes, deixaram Iza e o bebê, e foram preparar a refeição da manhã. Ayla sentou-se ao lado de Iza, e a mulher pôs um braço em redor dos ombros da menina, segurando o bebê com o outro. Iza se sentia bem. Achava-se feliz por estar do lado de fora da caverna naquele dia de início de inverno, ensolarado, frio e animado; feliz porque seu bebê nasceu com saúde e menina, e feliz ainda pela estranha garota loura a seu lado. Olhou para Uba e depois para Ayla. Minhas filhas, disse consigo, as duas são minhas filhas. Todo mundo sabe que Uba será curandeira, mas Ayla também vai ser. Vou providenciar para que isso aconteça. Quem sabe se algum dia não será uma grande curandeira...

Capítulo 9

O Espírito da Neve Seca tomou para companheiro o Espírito da Neve Granular, e depois de algum tempo nasceu a Montanha de Gelo, lá longe, no norte. O Espírito do Sol odiava aquela criança que crescia espalhando-se pela terra. Por isso, o Espírito do Sol guardava seu calor para que nenhuma relva desse lá. Ele estava resolvido a destruir a Montanha de Gelo, mas o Espírito da Nuvem de Tempestade, germana da Neve Granular, descobriu que o Sol queria matar a criança. No verão, quando o Sol é mais poderoso, o Espírito da Nuvem de Tempestade entrava em luta com o Sol para salvar a vida da Montanha de Gelo.

Ayla, sentada com Uba no colo, observava Dorv contar essa velha e muito conhecida lenda de todos eles. Ficava fascinada, apesar de já sabê-la de cor. Era a sua predileta, nunca se cansava de vê-la contada mais uma vez. Mas a irrequieta menininha em seu colo, com um ano e meio e já começando a andar, estava muito mais interessada nos seus longos cabelos louros que agarrava aos punhados. Ayla imediatamente desembaraçava-os da munheca de Uba, sem tirar os olhos do velho que, de pé junto da fogueira, recontava a lenda numa pantomima de grande teatralidade, enquanto todo o clã em suspenso, observava-o.

- Em alguns dias, o Sol vencia a batalha, castigando o gelo duro, transformava-o em água e sugava a vida da Montanha de Gelo. Mas, em outros, a Nuvem de Tempestade vencia, cobrindo a face do Sol, Não deixando seu calor derreter muito a Montanha de Gelo. No verão, a Montanha de Gelo passava fome e ficava toda encolhida, mas, no inverno, sua mãe comendo o alimento trazido por seu companheiro, nutria o filho, devolvendo-lhe a saúde. Todos os verões o Sol lutava para destruir a Montanha de Gelo, mas a Nuvem de Tempestade não deixava que ele derretesse os alimentos que a mãe tinha dado ao filho no inverno passado. A cada vez que começava um novo inverno, a Montanha de Gelo aparecia maior,

mais espalhada e cobrindo todos os anos uma quantidade mais vasta de terra.

“Um frio muito grande sempre chegava antes dela, que surgia cada vez mais desenvolvida. Os ventos uivavam e a neve amontoava-se mais e mais à sua volta. Ia espalhando-se, chegando cada vez mais perto dos lugares onde estavam os clã. As pessoas tremiam de frio e amontoavam-se junto das fogueiras, enquanto a neve caía sobre suas cabeças.

O vento, assoviando através das árvores desfolhadas, contribuía com efeitos de sonoplastia para o clima da história, fazendo correr pela espinha de Ayla um tremor de emoções solidárias.

- Os clã não sabiam o que fazer - continuou Dorv. - Por que os espíritos de nossos totens já não nos protegem mais? O que será que fizemos para que ficassem tão zangados conosco? O mog-ur decidiu, então, ele próprio, partir e ir ao encontro dos espíritos para ter uma conversa com eles. Mas o mog-ur custava a voltar. As pessoas, inquietas, esperavam sua volta, principalmente os mais jovens.

“Durc era quem estava mais impaciente. “O mog-ur nunca irá voltar”, dizia ele. “Nossos totens não gostam de frio, já devem ter ido embora e nós também deveríamos fazer o mesmo.

“Não podemos abandonar nossa casa, dizia o chefe, “Este é o lugar onde a gente dos clãs sempre viveu. É a morada de nossos antepassados. O lar dos espíritos de nossos totens. Eles não devem ter ido embora. Eles estão infelizes ao nosso lado, mas ainda estariam muito mais, se estivessem fora da casa que sempre conheceram. Não podemos partir e removê-los daqui. Depois, para onde a gente iria?”

“Nossos totens já foram embora”, insistia Durc. “Se encontrarmos uma casa melhor, eles voltarão. Podemos ir para o sul, seguindo os pássaros quando fogem do frio no outono, ou, então, em direção ao oriente, para a terra do Sol.”

“Não Temos de esperar pelo mog-ur. Quando ele voltar, dirá o que temos de fazer”, ordenou o chefe. Mas Durc não escutou o sábio

conselho. Discutia, argumentava, e algumas pessoas começaram a vacilar. Por fim, decidiram partir com ele.

“Fiquem”, pediam-lhes os outros. “Esperem até o mog-ur voltar.”

“Mas Durc não lhes prestava atenção “O mog-ur nunca irá encontrar os espíritos. Ele jamais voltará. Vamos embora agora. Venham conosco encontrar um lugar onde a Montanha de Gelo não possa viver.”

“Não respondiam. “Vamos esperar.”

“Mães e seus companheiros choravam muito pelos homens e mulheres que partiam, todos certos de que estariam condenados. Esperavam pelo mog ur, mas os dias iam passando e nada de ele voltar. Já começavam a achar que teria sido melhor se também tivessem partido com Durc.

“Foi então que, certo dia, viram um estranho animal aproximando-se, sem nenhum medo do fogo. As pessoas, apavoradas, olhavam cheias de admiração Nunca haviam visto aquele animal antes. Mas quando ele chegou mais perto, qual não foi a surpresa ao perceberem que aquilo não era nenhum bicho e sim o mog-ur! Ele estava coberto com a pele de um urso aa avema. Finalmente, havia voltado. Contou, então, o que tinha aprendido com Ursus, o espírito do Grande Urso da Caverna.

“Foi com Ursus que as pessoas aprenderam a viver em cavernas, a vestir peles de animais, a caçar e coletar plantas no verão e a guardar comida para o inverno. As gentes dos clã nunca se esqueceram do que Ursus lhes ensinou, e mesmo a Montanha de Gelo tentando, Não conseguiu mais tirá-las de suas casas. Pouco importava o quanto de frio e neve a Montanha de Gelo mandasse, os clãs não se mudariam, não mais deixariam o caminho livre para ela.

“Por fim, a Montanha de Gelo desistiu. Já enfadada, parou de lutar contra o Sol. A Nuvem de Tempestade, furiosa porque ela não queria lutar, dei xou de ajudá-la. A Montanha de Gelo saiu da terra dos clãs e voltou para o seu lugar no norte, levando consigo todo o seu frio. O Sol, exultante com a vitória, foi perseguindo-a durante todo o caminho, até ela instalar-se no norte. Não havia lugar onde a Montanha de Gelo pudesse esconder-se do grande calor do Sol que

a acabou derrotando. Por muitos e muitos anos não houve inverno, só longos dias de verão."Mas a Neve Granular morria de tristeza pela perda da filha, e este grande pesar a foi enfraquecendo. A Neve Seca quis que ela tivesse outro filho e pediu auxílio ao Espírito da Nuvem de Tempestade. Esta ficou com pena de sua germana e ajudou a Neve Seca a trazer alimento para fortalecê-la. Nova mente passou a cobrir a face do Sol, enquanto a Neve Seca espargia seu espírito para a Neve Granular absorver. Ela deu à luz a uma nova Montanha de Gelo, mas as pessoas se lembravam ainda dos ensinamentos de Ursus. A Montanha de Gelo jamais iria arrancar os clãs de suas casas.

"E o que aconteceu com Durc e todos os outros que o seguiram? Alguns dizem que eles foram devorados por lobos e leões; outros, que se afogaram nas vastidões das águas, e ainda há outros que falam que alcançaram a terra do Sol, mas que este teria ficado tão zangado por ver Durc e sua gente querendo sua terra, que mandou do céu uma bola de fogo para devorar todos. Eles desapareceram e ninguém mais tornou a vê-los.

- Você viu, Vorn? - Era Aga falando com seu filho, como sempre acontecia depois de terminada a história de Durc. - Por isso é que você deve sempre atender a sua mãe, Droog, Brun e o Mog-ur. Você nunca deve desobedecer e deixar o clã, você pode desaparecer também.

- Creb - disse Ayla, dirigindo-se a ele, sentado a seu lado - você acha que Durc e seu povo não poderiam ter encontrado um novo lugar para viver? Ele desapareceu, mas ninguém viu mesmo se ele morreu, Não é? Será que ele não conseguiu viver?

- Ninguém viu quando desapareceu, mas caçar é muito difícil, quando se tem só dois ou três homens. Talvez nover pudessem matar alguns bichos pequenos, mas os animais grandes de que iriam precisar para que pudessem ter carne no inverno, esses eram muito mais difíceis e perigosos. E muitos invernos iriam passar até que chegassem à terra do Sol. Os totens gostam de ter um lugar para viver. Provavelmente, eles abandonam aqueles que ficam rondando por aí, sem ter onde morar. Você não gostaria de ser abandonada por seu totem, não é?

Instintivamente, Ayla pegou no seu amuleto.

- Mas meu totem não me abandonou, mesmo eu estando sozinha e sem casa.

- Isso era porque você estava sendo posta à prova por ele, Ayla. Ele achou um lar para você, Não é verdade? O Leão da Caverna é um totem forte, Ayla. Ele a escolheu. Talvez por isso ele tenha resolvido que você ficasse sempre sob sua proteção, mas todos os totens ficam mais felizes, quando possuem uma moradia. Se você cuidar dele, terá sua ajuda. Ele lhe dirá o que é melhor para você.

- E como vou saber, Creb? Nunca vi um Espírito de Leão da Caverna. Como a pessoa sabe quando um totem está lhe contando alguma coisa?

- Você não pode ver o espírito de seu totem, porque ele é parte de você, está dentro de você. Mas mesmo assim, ele fala com você. Apenas você tem de aprender a entendê-lo. Se tiver de tomar uma decisão ele a ajudará. Ele lhe dará um sinal, quando sua escolha for acertada.

- Que tipo de sinal?

- É difícil dizer. Em geral, é alguma coisa muito particular ou fora do comum. Pode ser uma pedra que você nunca tenha visto antes, ou alguma raiz de forma especial que faça sentido para você, coisas assim. É preciso aprender a entendê-lo com o coração e a mente, Não com os olhos e os ouvidos. Só assim você ficará sabendo. E só você pode entender seu próprio totem, ninguém vai ensiná-la como. Mas quando chegar o momento e você encontrar o sinal que seu totem lhe está dando, guarde a coisa em seu amuleto. Isso vai lhe trazer sorte.

- Você tem guardado no seu amuleto sinais mandados por seu totem, Creb? - perguntou a menina olhando para o recheado saquinho de couro que Creb levava pendurado no pescoço. E soltou Uba, que se retorcia em seu colo, querendo sair para caminhar até Iza.

- Tenho - respondeu ele, meneando a cabeça. - Um deles é um dente de urso da caverna que me foi dado, quando fui escolhido para acólito. Ele não estava cravado em nenhuma arcada dentária,

mas a meus pés, por cima de umas pedras. Quando ia sentando num certo lugar, não vi que o dente estava bem ali. Está perfeito, não está nem um pouquinho gasto ou estragado. Foi o sinal usado por Ursus para indicar que minha decisão estava Correta.

- Meu totem também vai me mandar sinais?

- Ninguém sabe. Talvez, quando você tiver importantes decisões a tomar. Só vai ficar sabendo quando chegar o momento. Enquanto conservar o amuleto pendurado no pescoço, seu totem sabe onde encontrá-la. Tome cuidado para nunca perdê-lo, Ayla. Foi dado a você quando seu totem se revelou. Dentro, está parte do seu espírito, que é a coisa que ele identifica. Sem isto, ele não pode encontrar o caminho quando estiver viajando. Ele se perderá e vai procurar sua casa no mundo dos espíritos. Também se você perder seu amuleto e não o achar depressa, você morrerá.

Ayla tremeu, sentindo o saquinho pendurado por um firme cordão de couro em seu pescoço e pensou quando iria ter também um sinal de seu totem.

- Você acha que o totem de Durc lhe deu algum sinal, quando ele resolveu ir procurar a terra do Sol?

- Não se sabe. Isso não faz parte da história.

Acho que Durc foi muito corajoso, querendo buscar uma nova casa para eles.

- Ele pode ter sido corajoso, mas foi tolo - respondeu Creb. - Abandonou seu clã e a casa dos antepassados dele, correndo um grande risco. E para quê? Para achar alguma coisa diferente. Não estava satisfeito onde estava. Há muitos rapazes que acham ter sido Durc corajoso, mas, quando vão ficando mais velhos e sabidos, aprendem que não é bem assim.

- Acho que gosto de Durc porque ele era diferente - disse Ayla.

- Esta é a minha história preferida.

Ayla viu as mulheres levantando-se para começar a fazer a comida da noite e, imediatamente, ergueu-se, indo acompanhá-las. Depois que a menina saiu, Creb abanou a cabeça. Todas as vezes em que começava a acreditar que Ayla já estava aprendendo e aceitando as maneiras de ser das pessoas dos clã ela vinha ou saía com alguma coisa que o deixava pensando. Não que fizesse nada de

mal ou de errado, simplesmente não era o jeito deles. Supunha-se que a lenda fosse para mostrar o erro que existe em querer mudar velhos costumes, mas o que Ayla admirava nela era o estouvamento do rapaz à procura de novidades. Será que algum dia ainda conseguiria pensar como todo mundo?, perguntava-se Creb. No entanto, ela aprende rápido, admitiu consigo mesmo.

À idade de sete ou oito anos, esperava-se que as meninas dos clãs já estivessem bem versadas nas tarefas de uma mulher adulta. Muitas ficavam menstruadas por essa época e, em breve, já teriam companheiros. Quase dois anos depois de terem encontrado Ayla - sozinha, morta de fome, sem saber procurar comida para alimentar-se - ela já havia aprendido não só como encontrar alimentos, mas também como os preparar e conservá-los. Além disso, podia executar muitos outros importantes serviços, senão de forma competente, como as mulheres mais velhas e experientes, pelo menos tão bem quanto as mais jovens.

Ela podia pelar um animal e preparar o couro para fazer roupas, capas e bolsas a serem usadas de várias maneiras. Podia cortar, de uma peça de couro, tiras em espiral de igual largura. As suas cordas, feitas de crina animal, tendões ou fibras vegetais, eram fortes e grossas ou finas e delicadas, dependendo do uso que se lhes quisesse dar. As cestas, esteiras e redes que tecia com gramíneas ou com fibras de raízes ou ainda com cascas de árvores eram de excepcional qualidade. Podia esculpir uma machadinha do nódulo de uma pedra ou fazer uma peça de gume tão afiado que até Droog ficava impressionado. Em toras de madeira talhava bacias que aplanava, num acabamento bem burlado. Sabia produzir fogo, fazendo girar nas palmas das mãos a ponta de um pau contra uma tábua até que, por combustão, o carvão aquecido desprendesse fagulhas de fogo, uma tarefa tediosa que ficava bem mais fácil quando executada por duas pessoas se revezando, de modo a manter uma pressão firme e constante no trabalho de girar o pau. O mais surpreendente, no entanto, é que estava absorvendo os conhecimentos médicos de Iza, para o que parecia ter inclinação natural Iza tinha razão, pensou Creb, ela aprende mesmo sem dispor das memórias.

Ayla cortava inhames em fatias para pôr numa panela de couro que fervia por cima de uma fogueira. Depois de separar os pedaços podres, não sobrara muita coisa de cada legume. O fundo da caverna, onde armazenavam os alimentos, era frio e seco, de modo que, quando ia chegando no final da estação, os vegetais já começavam a ficar podres e sem consistência. A sonhada primavera começou a dar suas primeiras mostras alguns dias antes, quando Ayla viu um fiapo de água por cima do bloco de gelo formado no riacho. Era uma das primeiras indicações de que em breve a água estaria ali escoando livremente. A menina mal aguentava esperar pelos verdes, pelos novos rebentos e pelo mel escorrendo das trincas feitas nos troncos de bordo. O caldo era colhido e fervido por muito tempo em enormes recipientes de pele até que se tornasse num xarope denso e viscoso ou em açúcar cristalizado. Depois, seria guardado em vasilhames feitos de madeira de vidoeiro. Do vidoeiro também escorria uma seiva doce, mas não tanto quanto a do bordo. Ela não era a única dentro da caverna impaciente e aborrecida com o longo inverno. Cedo, naquele dia, o vento havia soprado por algum tempo na direção sul, trazendo o ar quente do mar. A água derretia e pingava das estalactites suspensas no alto da entrada triangular da caverna. A temperatura caindo tornaria a congelar, engrossando os faiscantes pingentes pontudos que, a cada inverno, iam aumentando de volume, quando o vento virava, trazendo de novo do leste as rajadas frias. Mas aquele ar quente respirado pela manhã fez com que todos realmente voltassem seu pensamento para o fim do inverno.

As mulheres tagarelavam e trabalhavam. Enquanto preparavam a comida, as mãos iam conversando com gestos rápidos. No final do inverno, quando os suprimentos começavam a rarear, elas combinavam seus estoques e cozinhavam em conjunto, embora continuassem a comer separadamente, exceto em ocasiões especiais. Esta era uma temporada de muitas festas, e isso ajudava a quebrar a monotonia, apesar de que, chegando o final da estação a comilança já não podia ser tanta. Contudo, tinham bastante comida. A carne fresca de pequenas caças ou de algum velho veado que os caçadores davam um jeito de, entre uma nevasca e outra,

botar dentro da caverna era sempre bem-vinda, apesar de não essencial. Mas contavam ainda com um estoque razoável de alimentos em conserva. As mulheres, ainda envolvidas pelo clima de lendas e histórias, ouviam interessadas uma que Aba contava: mas a criança nasceu deformada. A mãe saiu com ela para a floresta, como o chefe havia ordenado, só que ela não teve coragem de deixar o filho morrer. Subiu, então com o bebê numa árvore muito grande e amarrou a criança nos galhos mais altos de todos, de modo que nenhum animal pudesse pegá-la. Quando foi embora, o bebê se pôs a chorar e, de noite, tinha tanta fome que uivava como um lobo. Ninguém conseguia dormir. Mas, enquanto o menino estivesse chorando e soltando uivos, sua mãe sabia que continuava vivo.

“No dia da cerimônia de dar nome, a mãe, bem cedo de manhã subiu outra vez na árvore. E lá estava o filho, Não só vivo, como também sem nenhum dos defeitos de nascença. Ela um menino normal e cheio de saúde. O chefe Não desejava o garoto no clã, mas, já que estava vivo, o menino teria de ser aceito e teria de ter um nome. Mais tarde, depois de já crescido, o menino tornou-se o chefe do clã e nunca deixou de agradecer à mãe por lhe ter salvo a vida. Mesmo depois que ele teve companheira, jamais deixava de trazer para a mãe parte de suas caças. Também nem sequer uma vez bateu ou zangou com ela. Sempre tratou a mãe com veneração e respeito - terminou de contar Aba.

- Que criança aguentaria passar sete dias sem alimento? - perguntou Oga, olhando para Brac, seu filho, uma criança saudável que estava ali por perto dormindo. - E como o filho dela poderia tornar-se o chefe, se sua mãe não era companheira do chefe e nem pertencia a alguém que poderia chegar a esse posto?

Oga sentia-se orgulhosa de seu filho, e Broud ainda mais por ter ela dado à luz, pouco tempo depois da cerimônia deles de acasalamento. Até mesmo Brun relaxava sua postura estóica, quando o bebê estava por perto e, com os olhos eternecidos, segurava a criança que daria continuidade à sua estirpe, formada por uma longa linhagem de chefes de clã.

- Quem seria o próximo chefe, se você não tivesse Brac, Oga? - perguntou Ogra. - O que aconteceria se você Não tivesse filhos, mas

só filhas? Talvez o companheiro da mãe fosse o segundo em comando, porque alguma coisa aconteceu com o chefe. - Ela estava um pouco invejosa da outra. Ainda não tivera filho, apesar de ter ficado moça e se unido a Goov antes que Broud houvesse tomado Oga.

- Mas, de qualquer modo, como um bebê que nasceu deformado de repente fica normal e cheio de saúde? - rebateu Oga.

- Imagino que essa história foi inventada por uma mulher que desejava ter tanto um filho normal que esse acabou nascendo defeituoso - disse Iza.

- Mas essa é uma velha lenda, Iza, que há muitas e muitas gerações vem sendo contada. Talvez, em tempos muito distantes, as coisas aconteciam de uma maneira que já não é mais possível. Como a gente pode saber? - falou Aba, defendendo sua história.

- Certas coisas podem ter sido diferentes em outros tempos, Aba, mas penso que Oga está certa. Um bebê que nasce deformado não pode, de repente, aparecer normal e também é muito pouco provável que ele conseguisse viver sem qualquer alimento até o dia de receber seu nome. Bom, mas essa é uma história antiga, quem sabe, talvez haja alguma coisa de verdade nela - condescendeu Iza.

Quando a comida ficou pronta, Iza levou-a para a fogueira de Creb, enquanto Ayla ia atrás fazendo perguntas à contadora de lorotas. Iza estava mais magra, Não tão forte quanto antes e era Ayla quem, na maioria das vezes, carregava Uba. As duas estavam muito ligadas. Uba seguia Ayla por toda parte e esta, por seu lado, jamais parecia aborrecer-se com a garota.

Depois da comida, Uba procurou a mãe para mamar, mas logo começou a ficar agitada. Iza tossia, incomodando a criança. Por fim, entregou Uba, irrequieta e chorosa para Ayla.

- Pegue a menina. Veja se Oga ou Aga pode dar de mamar a ela - disse Iza, irritada, dando uma série de tossidas secas.

- Você está bem, Iza? - perguntou Ayla, com olhar preocupado.

- Não passo de uma mulher velha. Velha demais para ter tido um bebê. Meu leite está secando. É só isso. Da última vez foi Aga quem deu de mamar a Uba, mas acho que agora já deu o peito para Ona e Não deve ter sobrado muito leite. Oga diz que tem leite de

sobra. Esta noite leve Uba para ela. - Iza percebeu que Creb a observava com atenção e olhou na direção em que Ayla ia com Uba.

Ayla, ao aproximar-se da fogueira de Broud, passou a caminhar com cuidado, mantendo a cabeça abaixada, em atitude apropriada. À menor infração Broud faria despejar toda sua cólera em cima dela. Tinha certeza de que ele estava sempre procurando motivos para repreendê-la e ela não queria que ele lhe ordenasse levar Uba de volta por qualquer coisa que pudesse fazer. Oga se sentia feliz por dar de mamar à filha de Iza, mas, com Broud observando, não dava para conversar. Quando Uba ficou satisfeita, Ayla levou-a de volta e sentou-se com ela, ninando-a de lá para cá, cantarolando baixinho. Isso sempre parecia acalmar o bebê, enquanto ele não caísse no sono. Há muito Ayla tinha esquecido a língua que falava quando chegou ao clã mas ainda cantava para ninar Uba.

- Eu sou apenas uma mulher velha e ranzinza, Ayla - disse Iza, depois que a menina deitou Uba. - Já estava muito velha para ter tido essa criança. Meu leite está começando a secar e Uba ainda não está no tempo de ser desmamada. Ainda não passou nem pelo seu ano de aprender a caminhar. Mas pode-se dar um jeito nisso. Amanhã vou mostrar para você como se fazem comidas para bebê. Se eu puder evitar, não darei a minha filha para uma outra mulher.

- Dar Uba para outra mulher? Como você pode dar Uba para outra pessoa, ela pertence à gente!

- Ayla, também não quero dar Uba, mas ela precisa comer e não tenho o que dar. Simplesmente não podemos ficar levando a menina de uma mulher para outra, porque não tenho leite bastante. O filho de Oga ainda é bebê, por isso é que ela tem tanto leite. Mas quando Brac ficar maior, ela vai ter só para as necessidades dele. Do mesmo jeito que acontece com Aga agora. O leite de la não vai sobrar, a não ser que tenha sempre um bebê mamando nela - explicou Iza.

- Gostaria de poder dar de mamar a Uba.

- Ayla, você pode ser quase tão alta quanto as outras, mas ainda não é mulher. E nem está mostrando sinais de que tão cedo será. Só depois que se fica mulher é que se pode ser mãe e só depois de ser mãe é que se tem leite. Vamos começar a dar comida

normal para Uba e ver como ela reage, mas queria que você soubesse o que terá de fazer. Comidas de bebês têm de ser preparadas de maneira especial. Tudo deve ser bastante macio. Os dentes de leite ainda não conseguem mastigar muito bem. As sementes têm de ser moídas muito finas, antes de ser cozinhadas, a carne-seca tem de ser esmigalhada até virar farinha e cozida com um pouco de água para fazer uma pasta, a carne fresca não pode ser fibrosa, e os legumes têm de ser amassados. Ainda sobraram algumas bolotas de carvalho?

- Até a última vez que olhei, havia uma pilha, mas os ratos e os esquilos roubaram uma porção e muitas estão estragadas - respondeu Ayla.

- Arrume o que você conseguir. Primeiro a gente tira o amargor delas e depois mói para misturar com a carne. Inhame também é bom para ela. Você sabe onde andam aqueles mexilhões pequeninos? São tão pequenos que se ajustam com o tamanho da boca de Uba. Ela precisa aprender a comê-los na própria concha. Estou contente por o inverno estar acabando, na primavera existe mais variedade de tudo.

Iza percebeu o rosto de Ayla, preocupado e ansioso. Mais de uma vez, principalmente neste último inverno, ela dera graças por poder contar com a ajuda sempre prestimosa da menina. Às vezes, imaginava se Ayla não lhe teria sido dada, quando ela estava ainda grávida, para que fosse a segunda mãe da criança que havia chegado tão tarde em sua vida. Mas Não era apenas a idade avançada que estava exaurindo as forças de Iza. Mesmo não admitindo que se falasse de sua saúde e nunca mencionasse a dor no peito e o sangue que ocasionalmente cuspiu após acessos de tosse mais fortes, tinha certeza de que Creb estava percebendo seu verdadeiro estado de saúde. Ele também está ficando velho, pensou. Este inverno foi duro também para ele. Ficou muito tempo sentado na pequena caverna, só com uma tocha para esquentá-lo.

A cabeleira hirsuta do velho feiticeiro estava cheia de raias prateadas. A artrite, associada ao aleijão da perna, fazia do ato de andar verdadeiro martírio. Seus dentes, usados anos seguidos para segurar coisas em substituição à mão que faltava, estavam

enfraquecidos e doíam. Mas Creb há muito havia aprendido a conviver com a dor e o sofrimento. Sua mente continuava tão poderosa e perceptiva como sempre o fora, e ele se preocupava com Iza. Viu quando a mulher conversava sobre comida de criança com Ayla e também reparara como o físico dela, antes forte e robusto, achava-se agora diminuído. Iza tinha o corpo descarnado e os olhos muito encovados, o que ressaltava ainda mais as saliências ósseas sobre os supercílios. Os braços estavam finos e os cabelos começavam a ficar grisalhos, mas o que o incomodava mais era a tosse persistente. Vou ficar feliz quando este inverno acabar de uma vez, disse consigo. Ela está precisando de calor e sol.

O inverno, por fim, soltou a terra de suas garras geladas, mas os dias quentes da primavera chegaram com chuvas torrenciais. Muito tempo depois de o gelo e a neve terem desaparecido das encostas, massas de gelo ainda continuavam despencando dos altos da montanha sobre o riacho transbordante. Lá derretiam, e o acúmulo de água fazia do terreno saturado em frente da caverna um charco escorregadio de lama sempre renovada. Somente as pedras forrando o chão da entrada mantinham a caverna relativamente seca, enquanto a água brotava de dentro da terra.

Mas não seria esse sorvedouro de lama que iria prender o clã à caverna. Depois do longo confinamento, as pessoas saíam em debandada ao encontro dos primeiros raios quentes de sol e das suaves brisas marinhas. Antes que as neves tivessem derretido completamente, elas já estavam descalças, patinando pela lama ou caminhando pesadamente com botas empapadas. O couro dos calçados era esfregado com camadas extras de gordura, mas nem assim se mantinha seco. Naqueles dias, Iza esteve mais ocupada, tratando de gripes e resfriados, do que durante todo o inverno.

À medida que a estação avançava e o sol chupava a umidade, a paz foi voltando a reinar na vida do clã. O vagaroso e sossegado inverno, passado em tão contando-se histórias, fabricando-se utensílios, armas e outras ocupações sedentárias, mais para matar o tempo, foi substituído por uma primavera buliçosa, cheia de afazeres e actividades febris. As mulheres saíam para colher os primeiros

brotos e rebentos, e os homens se exercitavam, preparando-se para a primeira grande caçada da temporada.

Uba resplandecia com a nova alimentação mamando agora mais por hábito, ou apenas para gozar ainda um pouco do calor materno. Iza tossia menos, embora estivesse fraca e sem forças para grandes incursões pelo campo. Creb, com seus passos rastejantes, retomou as caminhadas ao longo do riacho com Ayla. Ela adorava a primavera mais do que qualquer outra estação.

Já que Iza quase nunca podia afastar-se da caverna, Ayla criou o hábito de vagar pelas colinas procurando plantas para reabastecer a farmácia de Iza. Isso deixava Iza preocupada, pois as outras mulheres estavam catando plantas alimentícias que nem sempre davam no mesmo lugar que as medicinais. De vez em quando, Iza saía com Ayla, principalmente para introduzi-la no conhecimento de novas plantas ou para que aprendesse a identificar as já conhecidas no seu estágio de formação e pudesse, mais tarde, saber onde procurá-las. Apesar de Ayla carregar Uba, as poucas saídas de Iza lhe eram muito cansativas e, relutante, viu-se obrigada a permitir que Ayla cada vez mais saísse sozinha. Ayla descobriu que adorava suas explorações solitárias. Estar fora da constante vigilância do clã dava-lhe uma sensação de imensa liberdade. Isso Não queria dizer que Não saísse com as mulheres, mas, sempre que dava um jeito, corria com seu serviço, de modo a lhe sobrar tempo para fazer suas incursões sozinha pela mata. Trazia Não só plantas já conhecidas, mas outras que desconhecia para que Iza as identificasse.

Brun Não se opunha de forma declarada. Compreendia a necessidade de alguém buscar as plantas para Iza preparar suas mágicas curativas. Também a ele Não passou despercebida a doença dela. Mas a pressa de Ayla em ver-se sozinha o desconcertava. Nenhuma mulher do clã sentia prazer em estar só. Iza, por exemplo, todas as vezes que saía para procurar alguma coisa mais especial, ela o fazia com certas precauções e um tanto medrosa, sempre voltando o mais rapidamente possível, se estivesse sozinha. Ayla, no entanto, jamais fugia às suas responsabilidades, sempre se comportando de forma adequada, de modo a Não haver nada que Brun pudesse apontar como errado. Era mais um sentimento - algo

na atitude, na maneira de encarar as coisas, no modo de pensar, Não que fosse propriamente errado, mas diferente - que fazia Brun ficar tenso em relação a ela. Todas as vezes em que saía, voltava sempre com as dobras da roupa e as cestas cheias de plantas e, uma vez que essas coletas eram necessárias, o chefe não podia reclamar.

Veza por outra, Ayla trazia mais do que simples plantas. Aquela sua excentricidade inicial, que tanto tinha surpreendido o clã, tornara-se num hábito. Apesar de que já se estivessem acostumando, as pessoas ainda se espantavam quando ela chegava com algum animal ferido ou doente para ser tratado na caverna, O coelho que encontrara pouco depois do nascimento de Uba foi apenas o primeiro de uma série de animais. A garota tinha um jeito especial para lidar com bichos. Parecia que eles sabiam que ela queria ajudá-los. E, já que estava estabelecido o precedente, Brun não se mostrava mais inclinado a modificar tal comportamento. Só uma vez não deixaram. Foi quando ela chegou com um filhote de lobo. Animais carnívoros, isso já era demais, pois eles competiam com os caçadores. Já ocorrera diversas ocasiões, quando estavam no rastro de algum animal, às vezes já ferido e pronto para ser apanhado, no último instante, surgir um carnívoro esperto arrebatando-lhes a presa. Brun não poderia permitir que Ayla tratasse de um animal que, talvez algum dia, fosse roubar caças de seu clã.

Certa vez, quando Ayla, de joelhos, escavava uma raiz, um coelho, com uma das patas traseiras ligeiramente torta, saltou do mato e veio farejar-lhe os pés. Primeiro, ela ficou muito quieta, em seguida, sem qualquer movimento brusco, estendeu a mão para acariciá-lo. Você é o coelhinho que eu ninei? E agora virou este coelhão grande e forte? Será que ainda Não aprendeu a tomar cuidado com as pessoas? Olhe que escapou por um triz. Um dia pode acabar em cima de uma fogueira, dizia, enquanto lhe alisava os pêlos macios. Alguma coisa fez assustar o coelho e ele pulou, voando numa determinada direção depois, mudando de opinião saltou para o lado de onde viera.

- Você anda tão rápido, não entendo como as pessoas conseguem pegá-lo. Como consegue dar essas viradas tão depressa?, disse Ayla, rindo, depois de o coelho haver ido embora. De repente, deu-se conta de que era a primeira vez, depois de muito tempo, que ria em voz alta. Raramente o fazia, quando se achava em meio ao clã, isso sempre atraía olhares de reprovação. Naquele dia, muitas outras coisas engraçadas ela ainda ia encontrar.

- Ayla, esta casca de cerejeira está velha. Já não presta mais - gesticulou Iza, certa manhã ainda bem cedo. - Quando você sair hoje, veja se arruma algumas que estejam novas. Há uma quantidade de cerejeiras perto da clareira atravessando o riacho. Sabe onde é? Pegue as cascas de dentro. Esta é a melhor época do ano para isso.

- Sim, mãe. Sei onde ficam - respondeu a menina.

Era uma bela manhã de primavera. O vermelho e o branco dos últimos açafrões aninhavam-se ao lado dos pés altos e graciosos dos primeiros junquinhos amarelos claros. Um tapete ralo de relva, apenas começando a brotar, era uma leve camada esverdeada de minúsculas folhinhas sobre a terra escura e úmida das clareiras e montes. Pontinhos verdes salpicavam os galhos nus dos arbustos, e as árvores, com os primeiros rebentos, retomavam sua luta pela vida, enquanto outras, de pontas brancas, eram os salgueiros botando para fora sua falsa pelúcia. Um sol suave encorajava a mais outro renascer.

Logo que se via fora da vista do clã, o andar rígido e a postura séria de Ayla se relaxavam e ela passava a caminhar com o balanço normal de seu corpo. Enquanto deslizava por uma pequena encosta e subia por outro lado, levava nos lábios um sorriso inconsciente, refletindo-lhe a liberdade dos movimentos espontâneos. Vasculhava a vegetação enquanto ia passando com aparente indiferença, mas na verdade com a cabeça trabalhando ativamente na classificação e memorização das plantas, para futuras referências.

Lá estão as ervas-do-cancro crescendo, disse consigo, enquanto passava por um vale pantanoso, onde colhera as frutinhas vermelhas desta planta no último outono. Na volta, pego suas raízes. Iza diz que são boas para o reumatismo de Creb. Tomara que as

cascas de cerejeira façam bem para a tosse dela. Acho que Iza já está melhorando, mas ainda está muito magra. Uba está ficando grande e pesada, Iza não deve mais carregá-la. Se puder, talvez eu traga Uba na próxima vez. Estou muito contente porque não tivemos de dar Uba para Oga. Ela realmente está começando a falar agora. Vai ser divertido quando crescer um pouco mais e nós duas pudermos sair juntas. Olhe aqueles salgueiros! Engraçado como as folhas novas parecem com uma penugem de ver dade, mas depois ficam verdes, O céu está tão azul hoje! Posso sentir o cheiro do mar no vento. Gostaria de saber quando a gente irá pescar. Dentro de pouco tempo, a água já vai estar bastante quente para isso. Por que será que ninguém mais gosta de nadar? O mar tem gosto salgado, é diferente do riacho e nas águas do mar eu me sinto tão leve... estou doida para ir pescar. Acho que gosto mais dos peixes de água salgada, mas também gosto muito dos ovos. E adoro subir nos penhascos para pegá-los. O vento é tão gostoso lá no alto. Olhe um esquilo! Como sobe rápido numa árvore. Queria subir igual a ele.

Durante toda a metade da manhã, Ayla ficou rondando os bosques das encostas. De repente, dando-se conta de que estava ficando tarde, tomou a direção da clareira para buscar as cascas de cerejeiras pedidas por Iza. Ao aproximar-se, ouviu barulho de movimentos e, vez por outra, o som de alguma voz. Eram os homens que se encontravam na clareira e ela deu uma rápida olhada neles. Começava a voltar, mas se lembrou das cascas de cerejeiras, ficando por um momento indecisa. Os homens não vão gostar de me ver por aqui, pensou consigo. Brun pode ficar zangado e nunca mais me deixar sair sozinha. Mas Iza precisa das cascas de cerejeira. Talvez, eles vão logo embora. Mas o que será que estão fazendo? Pisando muito de leve, ela se aproximou mais e se escondeu atrás de uma grande árvore, pondo-se a espiar por entre o emaranhado da galhada sem folhas.

Os homens achavam-se ali praticando com as armas, preparando-se para uma caçada. Lembrou-se de tê-los visto fazendo suas novas lanças. Eles cortavam árvores novas, de troncos delgados, flexíveis e retos. Retiravam-lhes os galhos, faziam pontas numa das extremidades, queimando-as no fogo e, de pois, com um

resistente raspador de pedra, davam o acabamento final. O calor endurecia a madeira, impedindo as pontas de partirem ou lascarem facilmente. Ela ainda se encolhia toda à lembrança da confusão que arrumara por ter tocado numa daquelas lanças.

Mulheres não tocam em armas, disseram-lhe então. Nem mesmo nos instrumentos usados para fabricar as armas. Se bem que ela não via a menor diferença na faca que cortava tiras num pedaço de couro para fazer fundas e a que cortava uma capa. A lança em que ela encostara a mão foi queimada, sob os olhares irritadíssimos do caçador que a tinha feito. Creb e Iza submeteram-na a uma longa preleção gesticulada, de modo que ficasse bem gravado em sua mente o ato abominável que praticara. As mulheres ficaram horrorizadas de ela ter pensado em fazer tal coisa e o brilho no olhar de Brun não deixava dúvida sobre o que estava pensando a respeito. Mais do que tudo, porém, odiou o prazer que viu estampado no rosto de Broud, enquanto as recriminações iam chovendo sobre ela. O rapaz simplesmente exultava.

Meio assustada, de trás da cortina de galhos, ficou observando-os no campo de treinamento. Além das lanças, havia outros tipos de armas. Num ponto mais afastado, Dorv, Grod e Crug discutiam os méritos das lanças versus as maças. Os outros estavam quase todos treinando com fundas e bolea deiras. Vorn achava-se com eles. Brun resolveu que já era tempo de lhe ensinar os primeiros manejos da funda e Zoug explicava ao garoto.

Desde os cinco anos que os homens, vez ou outra, começaram a trazer Vorn com eles para o campo de treinamento. O garoto passava a maior parte do tempo se exercitando com uma miniatura de lança que fincava na terra fofa ou em algum toco podre de madeira, só para ir começando a pegar o jeito da arma. Aquela era a primeira vez que iam ensinar-lhe a difícil arte da funda. Um poste fora cravado no chão e, não muito longe, achava-se uma pilha de pedras arredondadas, apanhadas ao longo das margens do riacho.

Zoug mostrava a Vorn como segurar juntas as duas pontas da tira de couro e como colocar a pedra na pequena bolsa no centro da correia. Era uma funda já bastante gasta que Zoug ia botar fora, quando Brun lhe pediu para começar a treinar o garoto. O velho

achou que ela ainda podia servir, se ele a encurtasse um pouco para adaptá-la ao tamanho de Vom.

Ayla observava e se viu interessada na lição. Estava tão concentrada nas explicações e demonstrações de Zoug quanto o menino. Em sua primeira tentativa, Vom emaranhou a funda e a pedra lhe caiu aos pés. Era difícil para ele pegar o jeito de fazer girar a arma até que esta desenvolvesse a força centrífuga necessária para arremessar a pedra. O menino sempre deixava cair a pedra antes de ter conseguido imprimir velocidade suficiente para mantê-la segura no bojo da correia.

Broud achava-se perto, observando. Vorn era o seu protegido, e Broud, por sua vez, era objeto de admiração do menino. Fora o jovem quem fizera a pequena lança que Vom carregava por toda parte, até mesmo para a cama, e fora também o rapaz quem lhe mostrara como segurar a arma, discutindo com ele o equilíbrio e as estocadas, como se Vorn fosse um igual. E agora o menino dirigia toda sua admiração para o velho caçador, fazendo Broud sentir-se afastado de suas atenções. Queria ser ele sozinho a ensinar tudo a Vorn e ficara furioso quando Brun pedira a Zoug para instruir o menino no uso da funda. Depois de diversas tentativas malsucedidas de Vom, Broud interrompeu a lição.

- Olhe, deixe eu mostrar como se faz isso - gesticulou Broud, pondo o velho caçador de lado.

Zoug deu um passo para trás, lançando um olhar penetrante ao rapaz. Todo mundo parou para ver. Brun fuzilava com os olhos. Não gostava nem um pouco do tratamento arrogante que Broud estava dando ao melhor atirador do clã. Havia pedido a Zoug, não a Broud, para treinar o menino. Uma coisa é mostrar interesse por Vom e, outra, é levar o assunto tão longe assim. O menino devia aprender com o melhor, e Broud sabia perfeitamente que esta não era sua arma por excelência. Precisava entender que um bom chefe tem de saber reconhecer a competência de cada um. E nisso, Zoug é o que tem mais capacidade, além do que terá tempo de ensinar ao menino, enquanto estivermos caçando. Broud está ficando muito dominador, orgulhoso demais. Como vou poder promovê-lo de posto, se não pode mostrar bom senso? Tem de aprender que não é tão

importante só porque chegará a ser chefe, e não o será, se for só por isso.

Broud pegou a funda de Vom e apanhou uma pedra. Ineriu-a no bojo da tira e a atirou na direção do marco. A pedra caiu a uma pequena distância do poste. Este era o problema mais comum que os homens do clã tinham com a funda. Precisavam aprender a compensar suas limitações físicas que lhes impediam de fazer um arco completo com os braços. Broud estava furioso por ter perdido o tiro e se sentia um pouco tolo. Pegou outra pedra, lançando-a apressadamente, querendo provar que poderia fazer a coisa. Sabia que estava sendo observado por todos. A funda era mais curta do que as outras com que estava acostumado e a pedra saiu, desviando-se à esquerda, ainda sem atingir o poste.

- Você está querendo ensinar Vom ou está pretendendo ter algumas aulas, Broud? - gesticulou Zoug, com ar de troça. - Se quiser, ponho o poste mais perto. Broud se esforçava por dominar seu gênio. Não gostava de se ver objeto das zombarias de Zoug e estava furioso de perder os tiros, depois de toda a discussão que armara. Atirou outra pedra e, desta vez, para compensar a pequena distância das outras anteriores, botou força demais, lançando-a para além do marco.

- Se esperar até terminar a aula do garoto, tenho, o maior prazer em lhe dar uma lição, Broud - gesticulou Zoug, numa postura que expressava um sarcasmo dos mais ferinos. - Parece que está precisando. - O orgulhoso velho se sentia vingado.

- Como Vorn pode aprender com uma funda velha e estragada como essa? - esbravejou Broud, defendendo-se e atirando com desprezo ao chão a tira de couro. - Ninguém conseguiria atirar uma pedra com esse trapo velho. Vorn, vou fazer uma funda nova para você. Não pense que vai aprender atirando com este lixo velho. Ele já nem mais caçar pode.

Desta vez, Zoug zangou-se de verdade. Sair das fileiras dos caçadores na ativa era como uma punhalada no orgulho de todo homem, e Zoug, para guar dar uma certa medida dos feitos passados, dera duro, aperfeiçoando-se no tiro com funda. Ele já fora

o segundo em comando, tal como o filho de sua companheira, e seu orgulho era particularmente melindroso.

- É melhor ser um homem velho do que um garoto que se julga homem - replicou Zoug, pegando a funda nos pés de Broud.

A alusão pondo em dúvida sua virilidade era demais para o rapaz. Foi a gota d'água. Ele não se aguentou mais e deu um soco no velho. Zoug, surpreendido em sua guarda, desequilibrou-se e caiu pesadamente no chão. Ficou sentado no mesmo lugar em que caiu, com as pernas estendidas, olhando, espantado, para cima. Era a última coisa que esperava.

Os caçadores dos clãs nunca agrediam fisicamente uns aos outros. Este era um castigo reservado às mulheres que não tinham inteligência para compreender reprimendas mais sutis. As energias dos jovens eram canalizadas para lutas corporais arbitradas, competições de corridas com estocadas de lanças ou disputas de caçadores com fundas e boleadeiras, o que lhes servia também para aperfeiçoar o manejo das armas de caça. A competência na caçada e a autodisciplina eram a medida de virilidade dos clãs, que dependiam da cooperação para sua sobrevivência. Broud se viu quase tão surpreso quanto Zoug com a impulsividade do gesto e, logo que compreendeu o que fizera, seu rosto ficou rubro de vergonha.

- Broud! - A palavra havia saído da boca do chefe, num som parecido a um ronco tirado do fundo do peito. Broud olhou para cima e se encolheu. Nunca tinha visto Brun tão furioso. O chefe se aproximou, pisando duro, com gestos rigorosamente controlados e se expressando de forma abreviada.

- Esta demonstração infantil de falta de controle é indesculpável. Se seu posto como caçador já não fosse o mais baixo de todos, era para onde você iria agora. Em primeiro lugar, quem lhe disse para interferir na aula do garoto? Por acaso, eu ou Zoug lhe dissemos para treinar Vorn? - Os olhos de Brun flamejavam de cólera. - Você se diz caçador? Nem homem pode dizer que é! Vorn sabe controlar-se melhor do que você. Até uma mulher tem mais autodisciplina. Você é um futuro chefe, é assim que irá conduzir os homens? Espera controlar um clã, quando nem se controlar pode?

Não esteja tão seguro de seu futuro, Broud. Zoug tem razão. Você é uma criança que pensa que é homem.

Broud estava mortificado. Nunca fora humilhado de modo tão arrasador e, ainda por cima, à vista dos caçadores e de Vom. Sua vontade era correr e sumir. Jamais iria recuperar-se dessa humilhação. Antes enfrentar um leão da caverna do que a fúria de Brun. Sobretudo de Brun, que dificilmente, deixava transparecer sua raiva e poucas vezes tinha necessidade de fazê-lo. Um só olhar penetrante do chefe, o digno e capaz comandante, aquele que era senhor de uma autodisciplina inquebrantável, bastava para que todos - homens e mulheres - imediatamente se pusessem às suas ordens. Broud, submisso, curvou a cabeça.

Brun olhou na direção do sol e fez o sinal para partir. Os caçadores, que se sentiam pouco à vontade testemunhando aquele sermão duríssimo, deram graças por poder ir embora. Puseram-se atrás do chefe que, com passadas largas, voltou à caverna. Broud foi para a retaguarda com o rosto ainda pegando fogo.

Ayla agachou-se, completamente imóvel, presa ao chão, quase sem respirar. O medo de ser vista paralisava-a. Sabia ter presenciado uma cena a que nenhuma mulher poderia assistir. Broud jamais teria sido castigado daquela maneira na frente de uma mulher. Os homens, seja lá por que motivo fosse, mantinham sua confraria e estavam sempre solidários quando elas se achavam por perto. O episódio, no entanto, mostrou a Ayla um lado que nunca imaginou existir. Os homens, afinal, não eram os agentes supremos e livres que reinavam impunemente sobre tudo, como ela pensara. Também eles tinham de seguir regras e podiam ser repreendidos. Somente Brun parecia ser uma figura onipotente, pairando acima de todas as coisas. Ela não entendeu que Brun, mais do que qualquer outro, achava-se submetido a uma série de obrigações: às tradições e aos costumes, a seu senso de responsabilidade e aos insondáveis vaticínios dos espíritos que controlavam as forças da natureza.

Por muito tempo depois de os homens terem partido, Ayla ainda permaneceu em seu esconderijo, com medo de que eles voltassem. E foi apreensiva, quando, por fim, ousou sair de detrás da árvore. Apesar de não ter entendido perfeitamente aquela nova

faceta que surpreendera nos homens do clã, uma coisa pelo menos compreendeu: vira Broud tão submisso quanto qualquer mulher e isso a enchia de prazer. Havia aprendido a odiar aquele arrogante rapaz que, impiedosamente, a agredia, ralhando por pequenos nada, pudesse ela ter razão ou não, e que a fazia com frequência ostentar no corpo as marcas de seu gênio explosivo. Por mais que tentasse, jamais conseguia satisfazê-lo.

Pensando no incidente, Ayla se pôs a caminhar pela clareira, quando viu próximo ao marco de tiro a funda que Broud no seu rompante de fúria atirara ao chão. Ninguém se lembrara de levá-la. Olhou-a com receio de tocá-la. Era uma arma, e o medo de Brun fê-la tremer diante do pensamento de praticar qualquer coisa que o pusesse tão furioso com ela quanto ficara com Broud. Sua mente ia repassando a série de incidentes que acabara de presenciar e a visão da tira de couro trazia-lhe à lembrança as instruções de Zoug a Vorn e da dificuldade do garoto para pegar o manejo da arma. Seria tão difícil assim? Será que, se Zoug me ensinasse, eu Conseguiria?

Só em pensar nisso ficou apavorada e olhou em derredor para se certificar de que estava realmente sozinha e de que não havia ninguém ali vendo-a e lendo seus pensamentos. Nem Broud tinha conseguido, recordava-se. À lembrança de Broud tentando atingir o poste e dos gestos depreciativos de Zoug, a menina deu um leve sorriso.

Ele não ficaria furioso se eu fizesse uma coisa que ele não consegue? Agradava-lhe o pensamento de poder superar Broud em algo. Passou mais uma vista de olhos à sua volta, olhou receosa para a funda, depois agachou-se e a pegou. Sentiu nas mãos a maciez do couro muito manuseado e, de repente, pensou no castigo que receberia, se alguém a visse com uma funda na mão. Quase a largou outra vez, quando deu uma rápida olhada pela clareira, na direção em que os homens haviam saído. Seus olhos deram com a pilha de pedras.

Será que consigo? Brun ficaria enlouquecido se me visse. Nem sei o que faria. E Creb diria que sou muito má. Só por tocar nesta funda eu já sou má. Mas que mal pode haver em tocar num pedaço de couro? Só porque é usada para atirar pedras? Será que Brun me

bateria? Broud, tenho certeza que sim. Ficaria feliz em me ver pegar nessa coisa, teria assim uma desculpa para me bater. Mas também ficaria louco da vida, se soubesse que eu vi o que aconteceu aqui. Todos eles ficariam furiosos. Será que poderiam ficar com mais raiva ainda, se eu tentasse atirar? O mal é um só, não é? Será que eu conseguiria atingir o poste com uma pedra?

Ela se dividia entre a vontade de experimentar sua pontaria e a certeza de que estava fazendo algo proibido. Ela estava errada, disso sabia. A vontade, porém, era grande. Mais uma ou menos uma Coisa má, que diferença faz?

Ninguém vai ficar sabendo, aqui não existe outra pessoa só eu. Outra vez, com os olhos culposos, deu uma olhada à sua volta. Em seguida, dirigiu-se para o monte de pedras.

Pegou uma, tentando lembrar-se das instruções de Zoug. Com cuidado, juntou as duas extremidades da correia, segurando-as firmemente. O couro fazia uma alça bamba, pendurada. Sentia-se desajeitada e sem muita certeza de como colocar a pedra no meio da velha tira de couro. Por diversas vezes, a pedra caiu no momento em que a menina começava a rodar a funda. Concentrava-se, procurando visualizar as demonstrações de Zoug. Tentou novamente, quase conseguindo dar partida, mas a funda tornou a ficar pendurada e a pedra voltou a cair.

Na vez seguinte, Ayla conseguiu dar algum impulso e a pedra foi lançada a uma certa distância. Animada, pegou outra. Depois de mais algumas partidas erradas, conseguiu lançar uma segunda pedra. As três tentativas seguintes fracassaram, mas então uma voou, caindo afastada, e já não tão longe do poste. Começava a pegar o jeito.

Quando a pilha de pedras terminou, ela tornou a juntá-las e, depois, por mais uma terceira vez. Na quarta pilha, já era capaz de atirar a maioria das pedras, deixando cair muito poucas. Olhou para o chão, havia três pedras. Pegou uma, colocou-a na funda, girou a arma sobre a cabeça e a pedra partiu como uma bala. Ouvia, então, um tilintar no poste, a pedra sendo ricocheteada, e um salto no ar extravasou as emoções da vitória.

Consegui! Acertei no poste! Foi por pura sorte, um feliz acaso, mas isso não diminuía sua alegria. A pedra seguinte voou longe, passando muito além do marco e a última caiu pouco adiante dela. Mas não importava, havia conseguido uma vez, e tinha certeza de que poderia repetir o feito.

Estava catando as pedras para empilhar novamente, quando reparou no sol já perto do horizonte. De repente, lembrou-se de que deveria estar pegando cascas de cerejeira para Iza. Como pôde o tempo passar tão depressa? Será que fiquei a tarde inteira aqui? Iza e Creb devem estar preocupados. Rapidamente, meteu a funda numa dobra da roupa e correu para os pés de cerejeira. Com a faca, retirou as cascas de cima dos troncos e raspou as camadas mais internas, até conseguir soltar umas lascas finas e compridas. Voltou para a caverna o mais depressa que pôde, só diminuindo o passo perto do riacho, quando reassumiu a postura circunspecta, própria das mulheres. Tinha medo de que fossem arrumar confusão com ela por ter passado tanto tempo fora. Não desejava dar motivos para que as pessoas se pusessem ainda mais raivosas.

- Ayla, onde você andou? Estava morrendo de preocupação. Pensei até que você tivesse sido atacada por um bicho. Já ia pedir a Creb para mandar Brun procurá-la - era Iza ralhando com ela, logo que a viu chegando.

- Estava dando uma olhada por aí, para ver se havia alguma coisa nova, lá perto da clareira - respondeu Ayla, sentindo-se culpada. - Não percebi que já estava tão tarde. - Isso era verdade, mas só pela metade. - Aqui estão as cascas de cerejeira... as ervas-do-cancro estão nascendo no lugar onde deram no ano passado. Você não me disse que as raízes dessa planta são boas também para o reumatismo de Creb?

- Disse. Mas você tem de pôr a raiz de molho e fazer compressas para aliviar a dor. Com as frutas se faz chá, e o suco que se espreme delas é bom para tumores e inchações - estava Iza respondendo automaticamente, quando de repente interrompeu. - Ayla, você está querendo me distrair com essas perguntas sobre remédios? Sabe perfeitamente que não deve ficar fora tanto tempo e me deixar preocupada dessa maneira. - Sua raiva, depois de ter

visto a menina, tinha passado, mas queria ter certeza de que ela não iria mais ficar tanto tempo fora sozinha. Nunca deixava de ficar preocupada quando Ayla saía.

- Não vou tornar a fazer isso outra vez, sem avisar antes, Iza. É que ficou tarde e eu não percebi.

Ao entrarem na caverna, Uba, que passara o dia procurando por Ayla, estava lá vigiando a entrada. Com suas perninhas rechonchudas e curvas, foi correndo na direção dela, mas tropeçou no momento em que ia alcançá-la. Ayla conseguiu ainda pegá-la antes que caísse, suspendendo-a e rodando com a menininha no ar.

- Será que um dia desses vou poder levar Uba comigo, Iza? Eu não ficaria muito tempo fora. Já posso ir começando a mostrar algumas coisas para ela.

- Uba é ainda muito pequena para entender. Só agora é que está começando a falar - disse Iza. Mas, vendo como as duas ficavam felizes juntas, acrescentou: - Se você não for longe, acho que de vez em quando pode levar Uba com você.

- Ah, que bom! - falou Ayla, dando um abraço em Iza, com a menina ainda no colo.

Suspendeu a garotinha, rindo em voz alta. Uba olhava-a com olhos brilhantes, cheios de adoração. - Não vai ser divertido, Uba? - disse, depois de botá-la no chão. - Mamãe deixou que você viesse comigo.

O que deu nessa menina?, pensou Iza. Há muito tempo que não a vejo tão excitada. Hoje, parece que o ar está cheio de estranhos espíritos. Primeiro, os homens voltam cedo e não fazem a roda de conversa como de costume. Cada um vai para sua fogueira e nem presta atenção nas mulheres. Não vi nenhuma recebendo pito, hoje. Até Broud chegou quase a ser delicado comigo. Agora é Ayla. Passa o dia inteiro fora e volta, excitada, abraçando todo mundo. Positivamente, não estou entendendo.

Capítulo 10

- Ah, você? O que deseja? - gesticulou Zoug, com impaciência. Fazia

- um calor fora do comum, pois o verão apenas estava começando.

Zoug tinha sede, sentia-se desconfortável, suava debaixo do sol quente, e o raspador com que trabalhava um enorme couro de veado estava cego. Cheio de azedume, não queria ser interrompido, sobretudo por aquela garota feia de cara achatada que se sentava de cabeça baixa, ali perto, à espera de que ele tomasse conhecimento de sua presença.

- Zoug gostaria de beber um pouco d'água? - gesticulou Ayla, depois de respeitosamente reparar na pancadinha dada em seu ombro. - Esta menina estava junto da fonte e viu o caçador trabalhando debaixo do sol. Esta menina achou que o caçador talvez estivesse com sede. Ela não desejava interromper - continuou Ayla, usando o tratamento cerimonioso devido a um caçador. Estendeu-lhe uma caia feita de vidoeiro, enquanto segurava um odre gotejando água fresca, o qual era feito do estômago de um cabrito-montês.

Zoug grunhiu afirmativamente, escondendo sua surpresa diante de tanta solicitude, enquanto Ayla despejava água na cuia para lhe dar. Ele não havia conseguido captar o olhar de nenhuma mulher e não estava querendo largar o serviço no ponto em que este se encontrava. O couro achava-se quase seco. Para que o material ficasse flexível e macio, como ele desejava, era importante que não interrompesse o trabalho naquele instante. Seu olhar se guiou a menina, enquanto ela foi botar o cantil com água sob uma sombra e, em seguida, voltando com um feixe de palhas e algumas raízes embebidas em água para tecer um cesto.

Apesar de que Ika sempre se mostrasse respeitosa e respondesse a seus chamados prontamente, desde que ele havia mudado para a fogueira do filho de sua companheira, poucas vezes ela procurava adivinhar-lhe os desejos como o fazia sua

companheira quando ainda vivia. A primeira atenção de Ika era sempre para Grod, e Zoug sentia falta dos pequenos cuidados que só uma devotada companheira sabe dar. Vez por outra, Zoug lançava um olhar à garota sentada perto dele. Estava silenciosa, concentrada no trabalho. O Mog ur educou-a bem, pensou ele. Não reparava que ela o vigiava com o canto dos olhos, enquanto ele ia puxando, esticando e raspando o couro umedecido. Mais tarde naquele dia, Zoug foi sentar-se sozinho em frente da caverna, com os olhos parados, perdidos na distancia. Os caçadores haviam saído. Ika e mais duas outras mulheres tinham ido com eles. Zoug comera na fogueira de Goov e Oвра. Vendo Oвра, mulher feita e com companheiro, quando há bem pouco tempo não passava de uma garotinha nos braços de Ika, ele ficou pensando na passagem dos anos que havia levado suas forças, impedindo-o de acompanhar os caçadores. Saiu quase imediatamente depois de ter comido e estava lá em meio às suas divagações, quando reparou na menina encaminhando-se para ele, trazendo na mão uma cesta de vime.

- Esta menina apanhou mais framboesas do que podemos comer - falou, depois de ele ter indicado que a estava vendo. - Gostaria o caçador de comê-las para que não sejam desperdiçadas?

Zoug aceitou a cesta oferecida com um prazer que mal conseguia disfarçar. Ayla foi sentar-se em silêncio, a uma distância respeitosa, esperando Zoug saborear as doces e suculentas framboesas. Depois que terminou, ele lhe devolveu a cesta, e Ayla rapidamente se retirou. Não sei por que Broud diz que ela é insolente, pensou, observando-a ir embora. Não vejo nada de errado nela, fora o fato de ser extraordinariamente feia.

No dia seguinte, ela trouxe novamente água fresca da fonte, enquanto Zoug trabalhava e arrumou perto dele o material da cesta que estava fazendo.

Mais tarde, quando Zoug estava acabando de esfregar gordura no couro, o Mog-ur veio caminhando em sua direção.

- É um serviço duro esse de curtir couro no sol - gesticulou o Mog-ur.

- Estou fazendo novas fundas para os homens e prometi dar uma nova para Vorn. O couro para fabricar fundas tem de ficar

flexível, por isso não se pode parar com o trabalho enquanto ele está secando, e a gordura também precisa ser completamente absorvida. É melhor fazer isso no sol.

- Tenho certeza de que os caçadores vão ficar satisfeitos em ter novas fundas - observou o Mog-ur. - Todos sabem que em matéria de funda você é um grande especialista. Tenho observado Vorn e você juntos. Ele tem sorte de poder contar com um professor como você. É uma técnica difícil de dominar e deve ser também uma arte fazer fundas.

Zoug curvou a cabeça, agradecendo os elogios do feiticeiro.

- Amanhã, vou cortá-las, O tamanho dos homens, eu sei qual é, agora o de Vorn tem de ser ajustado para ele. Para se obter melhor pontaria e mais força no tiro, a funda precisa ser feita de acordo com o tamanho do braço.

- Iza e Ayla estão preparando a codorna que você nos trouxe outro dia, como a parte devida ao Mog-ur. Iza está ensinando a menina a fazer do jeito que eu gosto. Gostaria de comer esta noite na fogueira do Mog-ur? Ayla me pediu para convidá-lo e eu teria grande prazer com sua companhia. Às vezes, um homem gosta de falar com outro, e na minha fogueira só há mulheres.

- Zoug comerá com o Mog-ur - respondeu o velho, visivelmente feliz.

Embora festas em comum fossem frequentes e muitas vezes duas famílias se reunissem para comer juntas, principalmente no caso de parentes, era difícil o Mog-ur convidar alguém para sua fogueira. Ainda era um tanto novidade para ele ter um lugar que de fato lhe pertencia e, por outro lado, sentia prazer em poder ficar à vontade na companhia das mulheres de sua fogueira. Mas ele conhecia Zoug desde os tempos de menino e sempre o havia respeitado e gostado dele. O prazer que vira no seu rosto fê-lo pensar que já deveria ter feito isso há mais tempo. Estava contente por Ayla haver lembrado. E afinal de contas, foi Zoug quem tinha dado a codorna.

Iza não estava acostumada a companhias. Ficava preocupada, aflita, ir ritando-se por nada. Seus conhecimentos de ervas eram aplicados tanto a remédios como a temperos. Sabia como combiná-

las apropriadamente e como dar um toque sutil de modo a realçar o sabor dos alimentos. A refeição ficou deliciosa e Ayla mostrava-se especialmente atenciosa, mas de forma discreta, e o Mog-ur se sentia satisfeito com as duas. Depois de os dois homens estarem bem fartos, Ayla serviu-lhes um suave chá de camomila e menta, que Iza disse ser bom para ajudar a digestão. Com duas mulheres sempre prontas para adivinhar-lhes os desejos e um bebê rechonchudo e alegre que se arrastava para os seus colos, puxando-lhes as barbas, os dois se sentiram jovens outra vez, muito à vontade, conversando sobre os velhos tempos. Zoug estava reconhecido pelo convite e também um pouco invejoso daquele lar feliz do velho feiticeiro, e este, por sua vez, sentia que sua vida não poderia ser mais agradável.

No dia seguinte, Ayla observou como Zoug mediu uma tira de couro para Vorn, prestando muita atenção enquanto ele explicava por que as extremidades tinham de ser mais estreitas e por que uma funda não podia ser nem muito curta nem muito comprida. Em seguida, viu-o meter, na correia dobrada pelo meio, uma pedra molhada, fazendo o couro esticar, formando uma espécie de bolsa no centro. Depois de ter cortado diversas outras fundas, ele estava ajuntando os retalhos, quando a menina chegou trazendo-lhe água para beber.

- Teria Zoug outros usos para estes pedaços que sobraram? O couro parece tão macio! - gesticulou Ayla.

Zoug viu-se expansivo com aquela sua admiradora tão prestativa.

- Não me vão servir para nada. Você gostaria de ficar com eles?

- Esta menina muito agradecerá. Acho que alguns pedaços estão bastante largos e podem ser aproveitados - falou, mantendo a cabeça sempre abaixada.

No outro dia, Zoug quase sentiu falta de Ayla trabalhando a seu lado e lhe trazendo água. Mas sua tarefa já se achava terminada, as armas estavam prontas. Ele a viu dirigir para os bosques, com a nova cesta de colher presa às costas e o pau de cavar na mão. Deve ter ido pegar plantas para Iza, pensou. Não

entendo Broud. Ele não gostava muito do rapaz, e ainda não se esquecera da agressão sofrida no princípio do verão. Por que está sempre ralhando com ela? É uma garota que trabalha bem, respeitadora, e que é uma honra para o Mog-ur. Ele é um homem feliz por ter Iza e Ayla. Lembrava-se da agradável noite passada com o grande feiticeiro e, embora sem mencionar, não se esquecera de que tinha sido Ayla quem havia pedido para convidá-lo a comer com eles. Ficou observando a garota, alta, de pernas retas, ir se afastando. Pena que seja tão feia, poderia dar algum dia uma boa companheira para qualquer homem.

Depois de ter feito uma funda com os retalhos de Zoug, para substituir a velha que por fim acabara de vez, Ayla resolveu procurar um lugar longe da caverna, onde pudesse praticar à vontade. Estava sempre com medo de alguém surpreendê-la. Pôs-se a acompanhar o curso do riacho que corria perto da caverna e depois começou a subir a montanha, seguindo um afluente do riacho, forçando a passagem através de um denso matagal.

Foi interrompida no caminho por uma íngreme parede de rocha onde as águas do riacho tributário despencavam numa nuvem de cascatas. Os rochedos salientes - cujos contornos extremamente acidentados eram suavizados por grosso e viçoso colch de musgo - dividiam as águas da cachoeira, saltando de rocha em rocha e criando diversos córregos, longos e estreitos que esparrinhavam para o alto véus de neblina. A água era coletada num lago espumoso, formado na depressão rochosa existente no pé do paredão antes de prosseguir seu caminho para encontrar o curso maior. O paredão se mostrava como uma barreira que seguia paralelamente ao riacho, mas, à medida que Ayla avançava, acompanhando-lhe a base, o rochedo, quase a prumo, inclinava-se, fazendo uma subida que, embora íngreme, era possível de ser escalada. No topo, o terreno se nivelava e ela foi dar com o curso das águas do riacho tributário, passando a segui-lo novamente rio acima.

O líquenão orvalhado punha um tom verde-acinzentado nos pinheiros e abetos que dominavam a área. Esquilos subiam velozes as altas árvores, e o musgo variegado, revestindo a camada de

turfa, atapetava terra, pedras e troncos caídos, como uma cobertura contínua que ia desde o amarelo ao verde-escuro. Mais adiante, a garota pôde ver os raios de sol filtrando-se através das árvores perenes. Enquanto acompanhava o curso d'água, foi vendo as árvores rareando-se, entremeadas de algumas outras, velhas, reduzidas ao tamanho de arbustos, quando, então o terreno abria-se numa clareira. Era um pequeno campo, cujo fundo chocava-se contra a rocha cinza-escura da montanha, adornada nas partes mais elevadas por algumas plantas trepadeiras.

O riacho que serpenteava num lado da clareira tinha sua nascente numa grande fonte jorrando do paredão de rocha perto de um grupo de grandes avelaneiras. A cadeia de montanhas era perfurada em suas camadas internas com muitas fendas e escoadouros filtrando as águas das geleiras que brotavam como nascentes claras e espumosas.

Ayla atravessou a clareira e foi tomar um grande gole de água fresca. Em seguida, passou a examinar os cachos de avelãs que davam aos pares ou em trincas. Encerradas dentro das carapaças verdes e espinhosas, ainda estavam por amadurecer. Ela pegou um dos cachos, tirou a parte externa e partiu com os dentes a casca dura de dentro, fazendo aparecer a frutinha branca, apenas meio desenvolvida. Sempre gostou de avelãs verdes, mais do que quando estavam maduras, caídas no chão. O gosto atiçou-lhe o apetite e ela se pôs a colher os cachos e jogá-los dentro da cesta. Nisso, atrás da folhagem espessa, percebeu um buraco escuro.

Com cuidado, afastou os galhos e deu com uma pequena caverna disfarçada pela folhagem das avelaneiras. Forçou os ramos para o lado, olhando com atenção para dentro. Depois entrou, deixando a ramagem voltar ao lugar. O sol fazia um desenho de luzes e sombras na parede, iluminando fracamente o interior. Era uma gruta com uns três metros de comprimento e a metade disso de largura. Com os braços esticados, dava quase para que ela alcançasse o teto da entrada que depois ficava numa altura correspondente mais ou menos à metade do comprimento, quando se inclinava abruptamente para encontrar o chão de terra seca no fundo.

Era apenas um pequeno buraco no paredão da montanha, mas bastante grande para que ela se locomovesse com facilidade dentro dele. Lá, achava-se escondido um punhado de avelãs estragadas e, na entrada, viu algumas titicas de esquilos, concluindo que o lugar jamais fora usado por qualquer coisa maior do que esses bichinhos. Ayla, encantada, bailava dando voltas, feliz com seu achado. A gruta parecia feita sob medida para ela.

Saiu da gruta e deu uma olhada pela clareira. Dirigiu-se, então a um pequeno caminho que subia pela rocha nua e se pôs a avançar por uma estreita passagem, serpenteando pelo aforamento na montanha. Ao longe, avistou entre a fenda formada por duas colinas as águas cintilantes do mar interno. Em baixo, pôde distinguir nitidamente uma minúscula silhueta perto da estreita faixa prateada de um riacho. Achava-se praticamente em cima da caverna do clã Descendo de volta, ela contornou o perímetro da clareira.

É perfeita, disse consigo. Dá para treinar, existe água perto para beber e, se chover, entro na gruta. E posso esconder nela minha funda. Não preciso ficar mais com medo de Iza e Creb achá-la. Até avelãs há; mais tarde posso, inclusive, colher algumas para o inverno. Os homens nunca caçam em lugares tão altos assim. Isso aqui será só meu. Correu, então, até o riacho e começou a procurar por pedras lisas e arredondadas para experimentar sua nova funda.

Sempre que podia, Ayla subia a seu esconderijo. Depois, encontrou um caminho mais íngreme, porém mais curto. Quase sempre surpreendia carneiros e cabritos monteses, ou alguma corça arredia pastando por lá. Mas logo os bichos se acostumaram com sua presença e, quando ela aparecia, dignavam-se apenas a afastar-se para os cantos da clareira.

Quando atingir o poste com uma pedra deixou de ser desafio e passou a dominar melhor a funda, a garota foi estabelecendo metas mais difíceis de ser alcançadas. Observava Zoug ensinando Vorn e aplicava depois os seus conselhos e técnicas, quando ia treinar sozinha. Era como um jogo, alguma coisa divertida e, para aumentar o interesse, começou a comparar seus progressos com os de Vorn. A funda não era a arma predileta do garoto. Cheirava a alguma invenção só para uso de gente velha. Estava mais interessado em

lanças, a primitiva arma dos caçadores, e já conseguira matar alguns bichos pequenos: cobras e porcos-espinhos. Na verdade, ele não punha tanto empenho como Ayla, além de que sua dificuldade fosse muito maior do que a dela. Ao verificar que estava melhor do que Vom, ela ficou orgulhosa de si, com uma sensação de superioridade que provocou uma ligeira mudança em sua atitude, mudança que não passou despercebida por Broud.

Das mulheres, esperava-se que fossem dóceis, subservientes, despretensiosas e humildes. O fato de ela não demonstrar medo quando ele se achava por perto foi tomado como afronta pessoal. Era uma ameaça à sua masculinidade. Ele a observava, tentando descobrir o que havia nela de diferente, e prontamente acertava-lhe socos só para surpreender-lhe alguma expressão de medo, ou fazê-la encolher-se.

Ayla procurava servi-lo com correção, executando tudo que ele ordenasse o mais rapidamente possível. Ela não sabia que seu andar exalava liberdade, uma desenvoltura que, inconscientemente, trazia de suas andanças pelos campos e florestas; e o orgulho, advindo do fato de ter aprendido algo difícil e poder fazê-lo melhor do que ninguém, que estava no seu porte e a autoconfiança cada vez mais transparecendo no rosto. Ignorava os motivos que o levavam a implicar mais com ela do que com as outras. Ele próprio não sabia por que Ayla o incomodava tanto. Era alguma coisa de indefinível, e a garota tinha tanta possibilidade de alterar a situação quanto a de modificar a cor de seus olhos. Uma das razões era certamente porque ainda se lembrava de Ayla haver usurpado os seus momentos de glória nos rituais de passagem, mas a causa verdadeira estava no fato de ela não ser da raça dos clã. Em Ayla, Não havia a subserviência criada através de incontáveis gerações. Ela vinha dos Outros. Uma raça mais jovem, original, onde tudo se fazia de forma mais dinâmica, vital e não controlada por rígidas tradições de cérebros praticamente constituídos só de memórias. O dela seguia rumos diferentes. Sua testa alta, bem desenvolvida, abrigando lóbulos frontais com capacidade de projeção dava-lhe uma compreensão inteiramente diversa. Podia aceitar o novo, modelá-lo à sua vontade, forjá-lo em idéias nem de leve suspeitadas

pelos clã e pelos desígnios da natureza, a sua espécie estava destinada a suplantando a velha e agonizante raça.

Ao nível do inconsciente, Broud sentia os destinos opostos dos dois. Ayla não ameaçava só sua masculinidade. Ela representava uma ameaça à própria existência dele. O ódio por ela era o ódio que o velho tem pelo novo, que a tradição devota ao inovador, e o que está agonizando nutre pelo que está nascendo. A raça de Broud era demasiado estática, de uma imutabilidade sem esperança. Já havia alcançado o auge do desenvolvimento, não tinha mais como expandir-se. Ayla não, ela fazia parte de um novo experimento da natureza. Apesar de tentar moldar-se às mulheres do clã isso era apenas uma tintura, uma atitude astuta assumida em nome de sua sobrevivência. Ela já começava a encontrar saídas em resposta a uma profunda necessidade que buscava um meio de expressão. Mesmo procurando agradar Broud em sua tirania, fazendo tudo o que podia, ela internamente começava a rebelar-se.

Em certa manhã particularmente penosa, Ayla se dirigiu ao lago para beber. Os homens achavam-se reunidos do lado oposto da entrada da caverna, fazendo planos para a próxima caçada. Ela se sentia feliz, isso significava que Broud estaria fora por algum tempo. Sentou-se junto da água com a cunja na mão, perdida em seus pensamentos. Por que será que ele é tão mesquinho comigo? Por que está sempre me criticando? Trabalho tanto quanto qualquer outra. Faço tudo o que ele quer. De que adianta pelear tanto? Nenhum dos outros homens implica assim comigo. A única coisa que queria é que ele me deixasse em paz.

- Aiii! - gritou ela, sem querer, com o pesado soco que Broud lhe deu de surpresa.

Todos pararam e olharam na direção dela, para imediatamente depois desviar os olhos. Não era próprio de uma menina já quase moça gritar em voz alta só porque levou o soco de um homem. Ela se virou para seu torturador com o rosto vermelho de vergonha.

- Você fica aí olhando para o ar, sentada à toa sem fazer nada, garota preguiçosa! - gesticulou Broud. - Eu lhe disse para trazer chá e você não fez caso. Será que sempre preciso falar com você duas vezes?

Uma onda de raiva fez o rosto dela ficar ainda mais vermelho. Sentia-se humilhada com o grito em voz alta, com muita vergonha do clã, todo presente ali, e furiosa com Broud, o causador de tudo. Levantou-se para obedecer-lhe, mas sem a devida pressa. Devagar, com insolência, pôs-se de pé e lançou a Broud um olhar de frio desprezo, antes de ir buscar o chá. As pessoas observando pararam de respirar. Que ousadia. Como pode ser tão atrevida!

Broud explodiu. Lançou-se sobre ela, girando-lhe o corpo e dando um soco em sua cara com a mão fechada. Ela caiu no chão a seus pés e ele prosseguiu com outro soco violento. Ayla se encolhia, tentando proteger-se com os braços, enquanto ele continuava a lhe bater sem parar. Ela lutava para Não gritar, embora não se esperasse silêncio diante de tamanha agressão. A raiva de Broud crescia junto com sua violência. Queria ouvi-la gritar e, na fúria incontrolada, ia despejando um murro atrás do Outro. Ela apertava os dentes, resistindo à dor, firme na recusa de não lhe dar tal satisfação. Depois de certo tempo, já não estava em condições de gritar.

Difusamente, vendo tudo através de uma neblina vermelha, sentiu que os socos tinham parado. Percebeu que Iza a levantava e, com o corpo apoiado nela, foi cambaleando para a caverna, quase inconsciente. No seu meio torpor, sentia pontadas terríveis de dores. Tinha apenas a vaga consciência dos curativos frios que estavam sendo postos sobre sua pele, e de Iza apoiando-lhe a cabeça para que pudesse tomar um chá de gosto amargo. Depois disso, mergulhou no sono à custa da droga.

Ao acordar, os primeiros raios do amanhecer, ajudados pela luz melancólica das últimas brasas na fogueira, deixavam entrever o contorno dos objetos familiares da caverna. Ela tentou levantar-se. Todos os ossos e músculos do corpo recusavam-se a obedecê-la. Um gemido escapou-lhe dos lábios, e logo depois Iza estava a seu lado. Os olhos da mulher falavam por ela, cheios de preocupação e pena. Nunca havia visto ninguém apanhar tão brutalmente. Nem mesmo seu companheiro nos piores momentos lhe havia batido de modo tão duro. Tinha certeza de que Broud a teria matado, se não tivesse sido obrigado a parar. Uma cena que pensou jamais presenciar e esperava nunca tornar a ver.

Quando pôde recordar-se do acontecido, Ayla foi tomada de ódio e medo ao mesmo tempo. Sabia que não deveria ter sido tão insolente, mas não podia esperar uma reação tão violenta. O que será que tinha para arrastá-lo a ataques de tamanha fúria?

Brun estava furioso. Era uma raiva fria e contida que fazia com que todo o clã caminhasse nas pontas dos pés, evitando-o tanto quanto possível. Ele desaprovava o atrevimento de Ayla, mas a reação de Broud o havia chocado. É certo que a menina poderia ser castigada, só que Broud não poderia exceder-se daquela maneira. Nem mesmo quando Brun ordenara que parasse, Broud obedeceu. Foi preciso que ele, o chefe, o arrastasse para o lado. E o pior, perder o controle por causa de uma mulher. Broud se deixara levar pela provocação de uma menina, descontrolando-se e dando um espetáculo de histeria verdadeiramente feminina.

Depois do acesso de raiva que Broud teve no campo de treinamento, Brun estava certo de que o rapaz nunca mais iria deixar-se levar por seu gênio.

No entanto, ele agora tinha sido dominado por outro acesso de cólera, pior até do que o de uma criança. Sim, porque Broud já tinha a força e o corpo de um homem adulto. Pela primeira vez, Brun começou a ter sérias dúvidas sobre a prudência de fazer de Broud o chefe do clã, e isso o feria mais do que gostaria de admitir. Broud era mais do que o filho de sua companheira e o filho de seu coração. Brun não duvidava de que tinha sido seu espírito que o criara e amava Broud mais do que a própria vida. O fracasso do rapaz era como uma punhalada nele. O erro deveria ser seu. Em alguma coisa falhara, provavelmente não o tinha educado direito, nem ensinado devidamente. Havia sido condescendente demais.

Brun esperou vários dias antes de falar com Broud. Queria dar-se tempo para pensar com mais clareza. Broud, ansioso, sempre sobressaltado, pouco saía de sua fogueira e foi quase com alívio que, por fim, viu Brun acenar-lhe, apesar de o coração bater forte, enquanto seguia atrás do chefe. Não havia na da no mundo que temesse tanto quanto a raiva de Brun, mas foi justamente a ausência de raiva que tocou sua razão.

Com gestos simples e postura comedida, Brun falou exatamente o que Broud vinha pensando. Brun se culpou pelos erros de Broud, fazendo-o sentir-se mais envergonhado do que nunca. O rapaz pôde compreender todo o amor de Brun e sua angústia, de uma maneira como nunca supusera. Ali, não se achava o orgulhoso chefe a quem sempre temera, mas um homem que o amava e que se via muito desapontado por sua causa. Broud era só remorsos.

Percebeu, então, uma expressão dura e resoluta no olhar de Brun. Era algo que devia partir-lhe o coração, mas os interesses do clã vinham em primeiro lugar.

- Mais um desses rompantes, Broud, só mais um, por menor que seja, e você já não será mais o filho de minha companheira. É direito seu me substituir como chefe, mas antes de confiar a direção do clã a um homem que não tem autodomínio, prefiro renegá-lo e lançar sobre ele a maldição de morte. - Brun falava mantendo o rosto impassível. - Enquanto não vir um sinal que me faça crer que de fato você se tornou um homem, sua capacidade para chefiar o clã está sendo posta em dúvida. Eu o estarei observando, Broud. Mas estarei observando também os outros caçadores. E não são apenas demonstrações públicas de descontrole que estarei vendo; tenho de ter certeza de que você é realmente um homem em todos os sentidos. Se tiver de escolher algum outro para chefe, você pode ficar sabendo que seu status será para sempre o mais baixo de todos na hierarquia do clã. Será que me fiz entender?

Broud não conseguia acreditar. Renegado? Amaldiçoado à morte? Um outro escolhido para chefe? Para sempre ocupando a posição mais baixa entre os homens? Não. Brun não podia estar falando sério. Mas as mandíbulas fortemente cerradas do chefe não deixavam margens a dúvidas.

- Sim, Brun - falou Broud com a cabeça. Ele estava da cor de um cadáver.

- Os outros não precisam ficar sabendo de nada disso. Uma mudança dessas será difícil para eles aceitarem e não quero causar nenhuma preocupação desnecessária. Mas não tenha a menor dúvida de que farei o que estou dizendo. Um chefe tem de pôr os interesses do clã sempre diante dos dele. Esta é a primeira coisa que

ocês tem de aprender. Por isso, ter o auto- controle das ações é tão essencial a um chefe. A sobrevivência do clã é da responsabilidade dele. Um chefe tem menos liberdade do que uma mulher, Broud. Às vezes, ele é obrigado a fazer muitas coisas que não quer. Se necessário, até mesmo renegar o filho de sua companheira. Entendeu?

- Sim, Brun - respondeu Broud, não muito certo de que realmente tinha compreendido. Como um chefe tem menos liberdade do que uma mulher? Era a única pessoa que podia fazer tudo que quisesse. Que mandava em todo mundo, tanto nos homens como nas mulheres.

- Agora vá, Broud. Quero ficar sozinho.

Muitos dias se passaram antes de Ayla poder levantar-se, e muitos outros mais, até que as marcas arroxeadas em seu corpo passassem para um tom amarelado e por fim sumissem. No princípio, estava tão apreensiva e com tanto medo de Broud que, cada vez que o via, dava um pulo, assustada. Mas depois que sarou por completo, começou a perceber a mudança na atitude dele. Broud tinha deixado de implicar com ela e censurá-la por tudo e, sem dúvida alguma, a evitava. Depois que ela se esqueceu da dor, chegou quase a acreditar que a surra tinha valido a pena. Desde então, Broud resolvera deixá-la em paz e isso claramente ela percebia.

Livre das hostilidades constantes do rapaz, a vida ficou bem mais fácil para Ayla. Só então é que percebeu o estado de tensão em que vinha vivendo. Comparativamente, sentia como se dispusesse de enorme liberdade, embora sua vida continuasse tão limitada quanto a de qualquer outra mulher do clã. Caminhava cheia de entusiasmo, às vezes disparando em correrias e saltos alegres. A cabeça ia erguida e os braços balançavam livremente. Até risadas em voz alta ela dava. Seu sentimento de liberdade traduzia-se em movimentos. Iza sabia que ela estava feliz, mas era um comportamento incomum e despertava olhares reprovadores. Exuberância demais era algo impróprio.

Também para o clã ficou evidente que Broud a evitava, o que dava muito assunto para especulações e conjeturas. Ayla, juntando

alguns gestos e pedaços surpreendidos de conversas, chegou à conclusão de que Brun ameaçara Broud de consequências terríveis, caso ele tomasse a bater nela, e disso ficou convencida depois que viu o rapaz ignorá-la, mesmo quando provocado. A princípio, mostrou-se apenas um tanto descuidada, dando largas a seu temperamento naturalmente expansivo, mas depois passou a fazer uma campanha sistemática, baseada em sutis gestos de insolência. Não o desrespeito atrevido que motivara a surra, mas coisinhas insignificantes, pequenas artimanhas expressamente calculadas para aborrecê-lo. Ela o odiava, queria vingar-se dele e se sentia protegida por Brun.

Era um clã pequeno, e por mais que o rapaz tentasse evitá-la, na vida diária, sempre surgiam ocasiões em que ele se via forçado a dirigir-se a ela. Mas Ayla tomou como norma de conduta nunca atendê-lo prontamente. Se sou besse que ninguém estava vendo, levantava os olhos e, com um tipo de careta de que só ela era capaz, encarava-o, deliciando-se com o esforço que o via fazer para controlar-se. Se houvesse gente por perto, principalmente Brun, ela tratava de ser mais cuidadosa. Não tinha nenhum desejo de provocar a cólera do chefe, mas passou a desdenhar a raiva de Broud e, à medida que o verão avançava, foi cada vez se opondo a ele mais abertamente.

Somente quando ela surpreendia o olhar dele carregado de ódio e peçonha é que se punha a duvidar se realmente estaria agindo com prudência. Os olhares estavam de tal maneira impregnados de maldade que valiam quase como uma bofetada física. Broud a culpava inteiramente por aquela sua posição insustentável. Se Ayla não tivesse sido tão insolente, pensava consigo, ele não se teria posto com tanta raiva. E agora, por causa dela, tinha até uma maldição de morte pesando sobre sua vida. Mesmo se controlando, a felicidade exuberante de Ayla o irritava. Era mais do que evidente que a garota tinha um comportamento escandalosamente indecoroso. Por que os outros homens não enxergavam isso? Por que deixavam que ela passasse impune? Seu ódio era ainda maior do que antes, mas tinha cuidado para não demonstrá-lo, se Brun estivesse por perto.

A batalha entre eles se fazia nos bastidores, e cada vez disputada com mais ardor, só que a menina não era tão sutil quanto o imaginava. O clã inteiro não compreendia por que Brun permitia a coisa ir avante. Mas, seguindo o exemplo do chefe, eles também não interferiam e até permitiam à garota um certo tipo de liberdade que normalmente não admitiriam. No entanto, isso os deixava constrangidos, homens e mulheres. Brun tampouco aprovava o comportamento de Ayla. Nenhum daqueles estratagemas que ela considerava como altamente sutis lhe passava despercebido e muito menos estava gostando de ver Broud deixando a garota passar sem castigo. Insolência e insubordinação eram duas coisas inadmissíveis, sobretudo tratando-se de mulheres. Ficava chocado de ver uma menina opondo sua vontade à de um homem. Nenhuma mulher do clã chegaria a cogitar de tal coisa. Estavam todas satisfeitas em seus lugares, pois a maneira de pensar delas não era uma tintura cultural, fazia parte de sua própria condição de mulher. Por instinto, sabiam da importância que tinham para a existência dos clãs. Nem os homens estariam habilitados a fazer seus serviços como também elas. Não tinham a menor possibilidade de aprender a caçar. Suas memórias não lhes permitiam isso. Por que iria uma mulher esforçar-se e lutar para mudar uma condição que era nela natural? Seria o mesmo que tentar lutar para não comer ou respirar. Se Brun não estivesse absolutamente certo de Ayla ser mulher, pensaria, pelo modo de ela agir, que era homem. Não obstante, Ayla aprendera os afazeres femininos, chegando, inclusive, a mostrar vocação para curandeira.

Por mais que isso o perturbasse, Brun se impedia de interferir, pois que estava vendo o esforço que Broud vinha fazendo para aprender a controlar-se. A atitude desafiadora de Ayla ajudava Broud a dominar seu gênio, coisa essencial num futuro chefe. Apesar disso, tinha pensado seriamente em procurar um outro sucessor para ele; por outro lado, porém, Brun se mostrava indulgente no que tocava ao filho de sua companheira. Broud era um caçador destemido e o chefe sentia orgulho de sua coragem. Se conseguir vencer essa sua falha, a única que se nota, dará um bom chefe, dizia consigo.

Ayla Não tinha muita consciência da atmosfera de tensão em torno dela. Não se lembrava de época mais feliz em sua vida do que aquele verão. Aproveitava de sua maior liberdade para dar seus passeios solitários, colher ervas e treinar com a funda. Não se furtava de fazer nenhuma das tarefas que lhe eram exigidas - disso Não podia eximir-se - e uma dessas era trazer plantas para Iza, o que lhe dava boa desculpa para ausentar-se. Iza nunca mais havia recuperado a saúde integralmente, embora, com o calor do verão, sua tosse houvesse diminuído. Tanto ela quanto Creb estavam preocupados com Ayla. Iza principalmente tinha certeza de que as coisas Não podiam continuar como estavam e resolveu, numa das saídas para coleta de plantas, ir com Ayla e aproveitar a oportunidade para ter uma conversa com a garota.

- Uba, venha, a mãe já está pronta - disse Ayla, pegando na garotinha e firmando-a sobre seu quadril com a capa.

Elas desceram a encosta, atravessaram o riacho e foram pela mata por uma trilha de animais que se alargara um pouco depois que as pessoas passaram a usá-la como caminho. Ao baterem numa clareira, Iza olhou a seu redor e se dirigiu para um grupo de árvores altas, de flores amarelas, lembrando ásteres.

- Isso aqui são ênulas, Ayla - disse ela. - Normalmente só dão nos campos e em lugares abertos. As folhas são grandes, ovais e pontudas na extremidade. Por cima, têm a cor verde-escura e, embaixo, são peludas. Está vendo? - Iza estava ajoelhada, segurando uma folha enquanto explicava. - Os veios no meio são grossos e carnudos. - E partiu uma para mostrar.

- Estou vendo, mãe.

- Mas o que se usa desta planta são as raízes. Elas brotam uma vez por ano, mas é melhor colher no segundo ano, quando a raiz está firme e macia. Corte em pedaços e ferva um punhado numa pequena cuja de osso, uma quantidade que dê para encher um pouco mais da metade da cuja. Espera-se esfriar e tomam duas cuias por dia. Serve para acalmar e é muito bom para doenças do pulmão que fazem cuspir sangue.

Também ajuda a suar e urinar. - Iza estava sentada no chão escavando a raiz com um pau, as mãos movendo-se rápidas,

enquanto ia falando. - Pode-se também botar as raízes para secar e depois esmigalhá-las fazendo um pó. - Retirou da terra uma certa quantidade das plantas, metendo-as dentro de sua cesta.

Foram, então andando por um pequeno elevado no terreno, quando Iza tomou a parar. Uba adormecera, sentindo-se confortavelmente segura junto do corpo de Ayla.

- Está vendo aquela plantinha de flores amarelas com o centro vermelho, parecendo um funil? - disse Iza, apontando numa direção.

- Esta? - perguntou Ayla, tocando a pétala da flor.

- Sim. isso se chama mamendro negro. É uma planta muito boa, mas só as curandeiras podem usar. Não serve como alimento. Possui um veneno muito perigoso.

- Qual a parte que se usa? A raíz?

- Quase tudo. Raíz, folhas e sementes. As folhas são maiores do que as flores. Nascem alternadas no caule. Preste bem atenção Ayla. As folhas são verdes-claras e dentadas nas beiradas. Você está vendo estes pelos que passam pelo meio? - Iza encostou o dedo na penugem fina e Ayla veio olhar de perto. Ela pegou, então, uma folha e deu para a menina cheirar. - Cheire.

Era um odor extremamente narcotizante.

- Esse cheiro se conserva mesmo depois das folhas secas - continuou a explicar Iza. - Daqui a algum tempo vão estar dando uma porção de sementinhas marrons. - Cavou a terra e botou para fora uma raiz de cor castanha, grossa e enrugada, parecendo inhame. No ponto em que foi partida, surgiu seu interior branco. - Cada parte da planta tem um uso diferente. Mas todas servem para fazer remédios contra dor. Podem ser usadas para fazer chá. Mas é muito forte, não se deve abusar. Podem ser usadas também como loção para aplicar diretamente sobre a pele. Acaba com espasmos musculares, acainia, relaxa e faz dormir.

Iza colheu uma boa quantidade e se encaminhou para um lugar perto, onde cresciam malvas. Apanhou um monte de flores brotando de caules lisos. Eram rosa, vermelhas, brancas e amarelas.

- As malvas servem para aliviar irritações de pele, machucados, feridas e inflamações de garganta. As flores tiram dores, mas fazem

dormir. As raízes são boas para pôr em feridas. Na sua perna, eu usei raiz de malva, Ayla.

A menina passou a mão pela coxa, sentindo a cicatriz, pensando de repente no que teria sido dela, se não fosse Iza. Ficaram, então andando por algum tempo em silêncio, gozando o calor do sol e o prazer da companhia. Mas os olhos de Iza não paravam de vasculhar o terreno. A pastagem, batendo à altura do peito, estava dourada e cheia de espigas. Iza olhou para o campo com as plantas vergando-se ao peso das espigas maduras e ondulando suavemente com a brisa quente. Vendo algo que lhe interessava, foi caminhando direto, entre os caules, até chegar a uma área de centeio, cujas espigas estavam numa cor roxa, quase preta.

- Ay - disse, apontando para um dos pés - normalmente o centeio não é assim. As espigas estão doentes, mas tivemos sorte de achá-las. Quando estão dessa maneira, a gente diz que estão com cravagem. Cheire para sentir.

Que cheiro horrível, parece peixe podre.

- Mas nessas espigas doentes existe uma mágica especial para mulher grávida. Quando o parto está custando muito, o remédio feito delas faz o bebê nascer mais depressa. Provoca contrações e serve para dar início ao trabalho de parto. Além disso, têm poder para fazer abortar. O que é muito importante, no caso de mulheres que já tiveram problemas com gravidez ou que ainda estão amamentando. A mulher Não deve ter um filho atrás do outro. É muito duro para ela. Principalmente, se acabar o leite, quem vai dar de mamar ao filho dela? Uma quantidade de crianças morre ao nascer ou no primeiro ano de vida. A mãe tem de cuidar mais daqueles que já estão vivos e com maior chance de ser criados. Existem plantas que fazem a mãe perder o bebê, se ela precisar. A cravagem ou o azevém espigado é apenas uma delas. Serve também para depois do parto. Ajuda a expulsar o sangue velho e a voltar os órgãos para o lugar. Tem gosto ruim mas não tão ruim quanto o cheiro e pode ser muito útil, quando usado com prudência. Em quantidade, pode provocar dores de barriga muito fortes, vômitos e até a morte.

- É como o meimendo. Tanto pode fazer mal como bem - comentou Ayla.

- Isso quase sempre é verdade. Às vezes, as plantas mais venenosas são as que produzem os remédios mais fortes e melhores, se você souber usá-las.

No caminho de volta ao riacho, Ayla parou e apontou para uma plantinha de flores num tom vermelho-azulado, mais ou menos de 30 centímetros de altura.

- Ali estão alguns hissopos. O chá deles é bom para tosse quando se está gripado, não é?

- Sim. E serve também para dar um sabor muito perfumado a outros chás... Por que não pega um pouco?

Ayla pegou um punhado, arrancando pelas raízes, e foi retirando as folhas miúdas enquanto caminhava.

- Ayla - falou Iza - essas plantas tornam a brotar todos os anos. Se você tirar com as raízes, no próximo verão não haverá mais delas nesse lugar. Quando não se precisa das raízes, o melhor é apanhar só as folhas.

- Não tinha pensado nisso disse Ayla, arrependida. - Daqui por diante não vou fazer mais.

- Mesmo quando se precisa das raízes, não se deve apanhar todas num único lugar. Sempre devem sobrar algumas para brotar novamente.

Elas seguiram por um outro caminho que levava também ao riacho, mas, ao chegarem numa área pantanosa, Iza apontou para mais uma variedade de plantas.

- Aquelas lá são juncos doces. Parecem um pouco com íris, mas não têm nada a ver. A loção feita com suas raízes serve para aliviar dor de queimaduras, e mastigá-las, às vezes, também ajuda na dor de dente. Mas você tem de ter muito cuidado quando for dar para uma mulher grávida. Sei de casos de mulheres que perderam filhos porque engoliram o caldo dessa planta. Se bem que uma vez eu dei de propósito e não adiantou nada. Podem também ajudar em problemas intestinais, principalmente de prisão de ventre. É fácil você ver a diferença entre uma e outra. Veja a batata que ela tem,

parecendo um bulbo - disse Iza, apontando. - O cheiro dela também é muito mais forte do que o da íris.

As duas pararam e descansaram à sombra de um bordo. Ayla pegou uma das enormes folhas da árvore, enrolou-a no feitio de uma cornucópia, em brulhando a parte de baixo no polegar e tomando nela um gole de água fresca do riacho. Antes de botar fora o seu arremedo de copo, trouxe um gole para Iza.

- Ayla - começou Iza a falar, depois que acabou de beber. - Bem, você sabe, Broud é homem. Ele tem direito de mandar em você e você devia fazer tudo o que ele ordenar.

- Mas eu faço tudo que ele manda - respondeu, defendendo-se.

Iza fez que não com a cabeça.

- Mas você não faz do jeito que deveria. Você provoca, desafia. Chegará o tempo em que vai arrepender-se, Ayla. Um dia, ele será o chefe do clã. Você é obrigada a fazer o que os homens mandam. Todos eles. Você é mulher, não tem escolha.

- Por que os homens têm direito de mandar nas mulheres? O que eles têm de melhor? Nem bebês podem ter! - gesticulou ela, com amargura e espírito de rebeldia.

- Porque é assim que é. Sempre foi assim nos clãs e você agora faz parte de um, Ayla. Você é minha filha. Deve comportar-se como uma menina do clã.

Ayla baixou a cabeça, sentindo-se culpada. Iza tinha razão. Ela provocava Broud. O que teria acontecido, se Iza não a tivesse encontrado? Se Brun não tivesse permitido que ela ficasse? Se Creb não fizesse dela um membro do clã. Olhava para Iza, a única mãe de quem se lembrava. A mulher tinha envelhecido. Estava magra e cansada. A carne de seus braços, outrora musculosos, pendia dos ossos, e os cabelos, antes castanhos, estavam praticamente brancos. Creb que, no princípio, parecia tão mais velho do que ela, na verdade, pouco mudara. Era Iza quem parecia velha, mais ainda do que Creb. Ayla se preocupava com ela. Mas sempre que falava qualquer coisa neste sentido, Iza desconversava.

- Você tem razão. Não tenho tratado Broud como devia. Vou fazer tudo para agradá-lo.

Nesse instante, Uba, que se achava no colo de Ayla, começou a contorcer-se.

- Uba tem fome - falou com gestos, metendo a munheca rechonchuda na boca.

Iza olhou para o céu.

- Está ficando tarde e Uba precisa comer. É melhor começarmos a voltar.

Seria bom se Iza estivesse bem de saúde para sair comigo mais vezes, pensou Ayla, enquanto caminhavam, apressadas, de volta à caverna. Só assim poderíamos passar mais tempo uma com a outra, e quando ela vem eu aprendo muito mais.

Embora Ayla tivesse vontade de manter seu propósito de agradar Broud, isso se mostrou difícil de ser cumprido. Ela já se habituara a não lhe prestar atenção, sabendo que, se não corresse prontamente para servi-lo, ele mesmo faria o que queria ou então procuraria por outra mulher. Seus olhares rancorosos não lhe metiam medo, sentia-se a salvo de sua cólera. Já não o provocava mais de propósito, mas a impertinência tornara-se nela um hábito. Há muito que o olhava diretamente, ao invés de baixar a cabeça; que o ignorava, ao invés de correr para cumprir suas ordens. O comportamento já fora automatizado. Seu desdém por ele o irritava mais do que as investidas provocativas. O rapaz percebia que ela não o respeitava mais. No entanto, não era o respeito que Ayla havia perdido, mas sim o medo.

A época em que os ventos frios e as pesadas nevascas forçavam o clã a ficar dentro da caverna estava de novo por chegar. Ayla detestava ver as folhas começando a mudar de cor, mas o brilhante espetáculo do Outono sempre a deixava fascinada, com suas belas colheitas de frutas e de nozes que mantinham as mulheres constantemente ocupadas. Na correria para armazenar as colheitas do final do outono, ela não teve muito tempo para subir a seu esconderijo. O tempo passara tão rapidamente que só foi perceber quando já estava próximo do fim da estação.

Por fim, a tranquilidade foi voltando, a garota, certo dia, atou sua cesta às costas, passou a mão no pau de cavar e subiu novamente até sua clareira secreta, pensando em colher aveias.

Logo que chegou, encolheu os ombros, dei xando a cesta escorregar, e foi buscar a funda guardada na gruta. Havia aparelhado sua casa de brinquedo com alguns instrumentos que fabricara e lá botou também uma velha pele de dormir. Pegou uma cuia de vidoeiro que estava sobre uma tábua tosca apoiada sobre duas grandes pedras, onde também havia algumas conchas servindo de pratos, uma faca de pedra e umas pedras menores que usava para quebrar nozes. Em seguida, retirou a funda de uma cesta de vime tampada. Depois de tomar um gole de água na nascente, foi caminhando ao longo do riacho, à procura de pedras arredondadas.

Fez alguns arremessos treinando a pontaria. Vorn não acerta tanto no alvo quanto eu, pensou, satisfeita, ao ver as pedras atingirem os lugares mirados. Depois de certo tempo, cansou-se do esporte, botou a funda e as pedras para o lado e se pôs a catar as avelãs espalhadas pelo chão, sob os espessos arbustos, velhos e nododos. Pensava no quanto a vida podia ser maravilhosa. Uba crescia, forte e saudável. Iza parecia bem melhor. O sofrimento e as dores de Creb diminuíram bastante, e ela adorava os seus passeios com ele, capengando a seu lado, ao longo do riacho. A funda era outra coisa que adorava e se tinha tornado uma exímia atiradora. Acertar o poste, ou as pedras e galhos que mirava como alvo, ficara quase fácil demais; no entanto, o fato de a arma ser proibida ainda continuava fazendo dela um esporte excitante. E o melhor de tudo, Broud nunca mais voltara a incomodá-la. Enquanto enchia a cesta de aveias, achava que nada no mundo poderia vir estragar sua felicidade.

As folhas secas e marrons, apanhadas pelos ventos, se soltavam das árvores e volteavam no ar com seus parceiros invisíveis para depois cair suavemente no chão. Cobriam as nozes ainda espalhadas sob as árvores de onde haviam despencado maduras. As frutas que Não eram apanhadas para ir encher os estoques de inverno pendiam pesadas e polpudas nos galhos nus. As estepes a leste eram um mar dourado de espigas ondulando ao vento numa imitação das ondas espumosas das águas cinzentas ao sul. E as últimas ameixas e uvas, regurgitando de caldo, pediam para ser colhidas.

Os homens se achavam numa de suas reuniões usuais, planejando uma das últimas caçadas da estação. Discutiam os tipos de jornadas possíveis desde manhã cedo, e Broud, em certo momento, foi mandado para dar ordem a alguma mulher de lhes trazer água. Ele viu Ayla sentada perto da entrada da caverna, com paus e pedaços de couro espalhados a seu redor. Ela construía engradados para pendurar cachos de uva que ficariam secando até se transformarem em passas.

- Ayla! Traga água - ordenou Broud, por meio de sinais e pronto para voltar.

Ela estava num momento crítico da amarração, apoiando o engradado no colo. Se se mexesse naquele instante, o trabalho desmontaria e seria obrigada a começar tudo de novo. Ela hesitou, olhando para ver se havia alguma outra mulher por perto. Em seguida, com um suspiro, relutante, levantou-se devagar e foi procurar um odre.

O rapaz lutava contra a raiva que logo se apossara dele, vendo-a visivelmente relutante em obedecê-lo. Tentava dominar a fúria, enquanto olhava à procura de alguma outra mulher que lhe atendesse o pedido com a presteza exigida. De repente, mudou de idéia. Estreitando os olhos, encarou Ayla que acabava de sair. Quem lhe deu o direito de ser insolente? Será que Não sou um homem? Não é dever dela obedecer-me? Brun nunca me disse que eu tinha de aguentar falta de respeito. Ele Não me pode lançar a maldição de morte, só por obrigar esta menina a fazer o que se espera dela. Que espécie de chefe é esse que deixa uma mulher desafiá-lo? Alguma coisa estalava dentro dele. Ela fora longe demais no seu descaramento! Dessa vez, Não vai passar impunemente. Terá de obedecer de qualquer jeito!

Todos esses pensamentos passaram em sua cabeça na fração de segundo que ele levou para alcançá-la. No momento em que ela se ergueu, a sua pesada munheca pegou-a de surpresa, batendo-lhe em cheio. O olhar dela, atônito, imediatamente encheu-se de ódio. Ela olhou ao redor, viu que Brun observava, mas algo em seu rosto impassível lhe dizia para Não contar com qualquer assistência da parte dele. A cólera nos olhos de Broud transformara a raiva dela em

medo, mas ele também lhe havia surpreendido aquele instante de raiva que fez ressurgir seu ódio desmedido por ela. Como ousava desafiá-lo!

Rapidamente, Ayla arrastou-se para o lado, fugindo do próximo soco e correndo à caverna para buscar o odre. Broud, com as mãos fechadas, seguiu-a com os olhos, lutando para manter a fúria dentro de limites controláveis. Olhou na direção dos homens, vendo Brun impassível. Nele, Não havia encorajamento, mas também Não se percebia reprovação. Ayla correu ao lago, encheu a sacola de água e a suspendeu às costas, enquanto Broud a observava, sem deixar de notar-lhe a presteza e a expressão medrosa, temendo receber novo soco. Com isso, pôde controlar melhor a raiva. Tenho sido muito mole com ela, pensou o rapaz.

Ao passar por ele, curvada com o peso da sacola, recebeu outro murro que por pouco Não a derrubou novamente. O rosto dela ficou rubro de raiva. Ela endireitou o corpo, lançou-lhe um rápido olhar carregado de ódio e diminuiu o passo. Ele foi atrás dela. Um murro no ombro obrigou-a a encolher o corpo. O clã agora observava. Ayla olhou na direção dos homens. A expressão dura de Brun preocupava-a mais do que os punhos cerrados de Broud.

- Mas faço tudo o que ele quer. Nunca deixo de cumprir as ordens

Ela correu, cobrindo o pequeno espaço que a separava deles. Ajoelhou-se e começou a despejar água numa cova, conservando sempre a cabeça abaixada. Broud vinha atrás, sem pressa, receoso da reação de Brun.

- Crug dizia que viu uma manada indo para o norte, Broud - mencionou Brun com ar negligente, depois de o rapaz se ter juntado ao grupo.

Tudo certo, Brun não estava zangado com ele! Claro, por que iria estar? Tinha feito o que devia. Não tinha por que falar, era apenas o caso de um homem disciplinando uma mulher que estava precisando de uma lição. Seu suspiro de alívio quase chegou a ser ouvido.

Depois de os homens terem acabado de beber, Ayla voltou à caverna. A maioria das pessoas havia voltado para o que estavam

fazendo, menos Creb que, de pé na entrada, observava-a.

- Creb! Broud quase me surrou outra vez - gesticulou ela, correndo em sua direção Mas o sorriso que tinha no rosto desapareceu ao levantar os olhos e vê-lo com uma expressão que nunca vira antes.

- Você recebeu apenas o que merecia - disse ele, com a cara sombria e franzida. O olhar era duríssimo. Depois, deu-lhe as costas e se encaminhou para sua fogueira. Por que Creb está furioso comigo?, perguntou-se Ayla.

Mais tarde naquele dia, timidamente Ayla aproximou-se do velho feiticeiro com os braços estendidos, prontos para abraçá-lo. Um gesto que até então nunca deixara de tocá-lo no coração Só que desta vez Não houve a menor correspondência. Nem mesmo um encolher de ombros ele se deu o trabalho de fazer. Apenas ficou olhando a distância, frio, inteiramente arredo. Ela, então, retraiu-se.

- Não me aborreça. Vá procurar alguma coisa para fazer, menina. O Mog-ur está meditando. Ele não tem tempo para perder com mulheres insolentes - disse ele, com gestos ríspidos e impacientes.

Os olhos dela encheram-se de lágrimas. Ela estava magoada e, de repente, sentiu medo do feiticeiro. Aquele Não era o velho Creb que conhecia e amava. Ali estava o Mog-ur.

Pela primeira vez, desde que fora viver com o clã, entendeu por que todos se mantinham a distância, num medo reverente ao grande Mog-ur. Ele se afastou dela. Bastou um só olhar e uns tantos gestos para lhe dar a entender o quanto a reprovava, fazendo-a sentir rejeitada de uma maneira como nunca pudera imaginar. Ele Não gostava mais dela e tudo o que queria era abraçá-lo e lhe dizer que o amava, mas tinha medo. Foi então arrastando-se na direção de Iza.

- Por que Creb está tão zangado comigo?

- Você foi avisada, Ayla, eu lhe disse que fizesse tudo o que Broud mandasse. Ele é homem. Tem direito de mandar em você - respondeu Iza, com brandura dele.

- Mas você reage. Você o desafia. Bem sabe que está sendo insolente com ele. Não se comporta com uma menina bem-educada.

E isto reflete sobre mim e Creb. Ele se sente como se não a tivesse educado direito, achando que por ter dado a você muita liberdade e deixá-la agir com ele de uma determinada maneira, você acabou pensando que tinha o direito de fazer o mesmo com as outras pessoas. Brun também não está nada satisfeito com você, e Creb sabe disso. Você corre o tempo todo. Só crianças é que correm, não meninas do tamanho de uma mulher. Você faz esses barulhos na garganta. Você não se mexe rápido quando lhe mandam fazer uma coisa. Todo mundo está reprovando seu comportamento, Ayla. Você envergonhou Creb.

- Eu não sabia que era tão má assim, Iza - gesticulou Ayla. - Não estava querendo ser má, simplesmente não tinha pensado nessas coisas.

- Mas deveria. Está muito grande para se portar como criança.

- É que Broud se mostra sempre tão mesquinho comigo e ele me bateu com muita força daquela vez.

- Pouco importa se ele é ou não mesquinho. Ele pode ser mesquinho o quanto quiser. Está no seu direito. É homem. Pode bater em você quando quiser e do jeito que bem entender. Algum dia será o chefe do clã, e você deve obedecê-lo, tem de fazer exatamente o que ele diz e no momento em que ele mandar. Não há outro jeito, você não tem escolha - explicou Iza. A garota olhou para Ayla que tinha o rosto arrasado. Por que será tão difícil para ela?, perguntava-se. Sentia pena e ao mesmo tempo simpatia pela menina, com toda aquela dificuldade para aceitar simples fatos da vida. - Já está ficando tarde, Ayla. Vá para a cama.

A menina foi para o seu lugar de dormir, mas levou muito tempo até conseguir pegar no sono. Mexia-se e se virava de um lado para outro, dormindo mal, até que por fim acabou vencida por um sono profundo. Acordou cedo, pegou a cesta e o pau de cavar, saindo antes da primeira refeição. Queria ficar sozinha para pensar. Subiu ao esconderijo na clareira e pegou a funda, mas não estava com muito espírito para treinar.

Tudo é culpa de Broud, pensou. Por que tem ele de ficar sempre implicando comigo? O que foi que lhe fiz? Nunca gostou de mim. E daí em ser homem, que importância há? Por que os homens

são melhores? Pouco estou ligando se vai ser ou não chefe do clã. Nem tão superior ele é. Não chega nem a ser tão bom na funda quanto Zoug. Posso ser tão boa quanto ele. Já sou até melhor do que Vorn que perde muito mais tiros do que eu, e Broud, provavelmente, também deve perder de mim. Errou todos os arremessos quando foi exhibir-se para Vorn.

Furiosa, pôs-se a atirar pedras com a funda. Uma foi bater numa moita, obrigando um sonolento porco-espinho a sair de seu buraco. Esse pequeno animal noturno raramente era apanhado. Todo mundo havia feito o maior espalhafato quando Vorn matou um, lembrou-se Ayla. Se eu quisesse também poderia fazer a mesma coisa. O animal subia por uma colina arenosa perto do riacho com os seus espinhos todos eriçados. Ayla ajustou uma pedra na funda, fez a pontaria e atirou. O porco-espinho no seu passo vagaroso era um alvo fácil e tombou no chão.

Ela, satisfeita consigo, correu em sua direção. Entretanto, ao tocá-lo, viu que o animal Não estava morto, apenas tonto. Sentiu-lhe o coração ainda batendo e o sangue escorrendo do ferimento na cabeça. Seu primeiro impulso foi o de levá-lo para a caverna, como fizera com tantos outros bichos. Já Não estava sentindo nenhuma satisfação, ao contrário, sentia-se horrível. Por que fui feri-lo? Eu Não queria fazer isso. Não posso levá-lo para a caverna, Iza iria logo perceber que foi alvejado com uma pedra. Já cansou de ver animais mortos por pedras atiradas com fundas.

Ficou com os olhos parados no animal. Nunca vou poder caçar, concluiu. Mesmo que matasse um animal, jamais vou poder levá-lo para casa. De que adiantou treinar tanto? Se Creb já está furioso comigo, quanto mais então se soubesse disso. E Brun, o que faria? Se Não posso nem tocar numa arma, pior ainda seria usá-la. Será que Brun me expulsará?

Ayla se via inteiramente vencida pela culpa e o medo. Para onde eu iria? Nunca vou conseguir deixar Iza, Creb e Uba. E quem tomaria conta de mim? Não quero ir embora, pensou, rompendo em lágrimas.

- Tenho sido uma menina má. Muito má mesmo, e Creb está com muita raiva de mim. Mas eu gosto dele, Não quero que fique

me odiando. Oh, por que está tão furioso assim? Lágrimas rolavam por seu rostinho infeliz. Deitou-se no chão chorando todas as suas mágoas. Depois de chorar tudo que tinha para lamentar, sentou-se, enxugou o nariz com as costas da mão, enquanto os ombros se sacudiam com os soluços que de vez em quando voltavam. Nunca mais vou ser má. Quero ser boa. Vou fazer tudo que Broud quiser, seja lá o que for. E nunca mais vou tocar numa funda. Para reforçar o propósito, atirou a arma para o meio de uns arbustos e correu a pegar a cesta, descendo de volta à caverna. Iza que, andava procurando por ela, imediatamente viu sua chegada.

- Onde você esteve? Passou a manhã inteira fora e volta com a cesta vazia?

- Estive pensando, mãe - respondeu, olhando para Iza, séria, com ar convicto. - Você tem razão. Tenho sido uma menina muito má, mas daqui por diante Não serei mais. Vou fazer tudo que Broud quiser. E também vou comportar-me direito. Não correr mais e aquelas outras coisas que você falou. Acha que Creb vai voltar a gostar de mim, se eu ficar muito, muito boa mesmo?

- Tenho certeza de que vai - respondeu Iza, fazendo um carinho nela. Pobrezinha, todas as vezes que acha que Creb não gosta mais dela, fica com aquela doença que faz os olhos aguarem, pensava Iza, olhando para Ayla, ainda com o rosto riscado de lágrimas e os olhos vermelhos e inchados. Seu coração sofria pela menina. Deve ser muito difícil para Ayla, sua espécie é diferente; mas, talvez daqui para a frente, ela vá melhorar.

Capítulo 11

Inacreditável a mudança processada em Ayla. Era outra pessoa. Estava arrependida, dócil e pronta no atendimento das ordens de Broud. Os homens estavam convencidos de que a transformação se devia a uma boa disciplina. Com ar de quem sabia o que diziam, punham-se a acenar com as cabeças afirmativamente. Ali se achava a prova viva do que sempre afirmaram: tolerância demais só serve para fazer as mulheres preguiçosas e insolentes. A mulher precisa de um pulso forte para guiá-la com firmeza. São seres fracos, voluntariosos, sem o autodomínio dos homens. Por isso, necessitavam deles para comandá-las e mantê-las sob controle, de modo a ser membros produtivos do clã e contribuir para sua sobrevivência.

Pouco importava o fato de Ayla Não passar de uma menina e nem ser genuinamente do clã. Já tinha praticamente idade para ser mulher, era mais alta do que qualquer um, e ainda por cima fêmea. Quando os homens levavam muito a sério suas idéias, eram as mulheres que sofriam as consequências. Os homens do clã Não desejavam ser culpados de negligência.

Broud, entretanto, por vingança, adotou em cheio a filosofia masculina. Embora o controle exercido sobre Oga fosse extremamente rígido, esse Não era nada em comparação com as agressões sofridas por Ayla. Se já era duro antes, agora tornara-se duas vezes mais duro. Sempre a estava castigando, perseguindo, importunando-a com todo tipo de serviços insignificantes que a obrigavam a largar imediatamente o que estivesse fazendo para atender suas exigências. O menor - ou nenhum - deslize era punido com murros, e ele sentia prazer nisso. A garota havia ameaçado a virilidade dele e agora pagava por seu delito. Foram tantas as vezes que ela lhe resistira, desafiara-o, e tantas as que ele se viu obrigado a conter-se para Não lhe bater. Agora chegara sua vez. Ele conseguira dobrá-la à sua vontade e iria mantê-la sempre assim.

Ayla fazia o possível para agradá-lo. Tentava até mesmo adivinhar-lhe os desejos, mas o tiro saía pela culatra, e era castigada por querer supor coisas que ele desejava. No momento em que a menina punha os pés para fora das fronteiras de Creb, ele já estava esperando e ela Não podia, sem uma boa razão, permanecer encerrada nos domínios privados do feiticeiro. Estavam na última arrancada dos preparativos para o inverno. Havia muita coisa ainda a ser feita para pôr o clã a salvo do frio que rapidamente vinha se aproximando. O estoque medicinal de Iza estava basicamente formado, de modo que Não havia muita desculpa para Ayla afastar-se dos arredores da caverna. Broud cansava-a o dia inteiro e ela, de noite, caía exausta na cama.

Iza estava certa de que a mudança tinha muito menos a ver com Broud do que esse imaginava. Na verdade, achava-se ligada ao amor que Ayla devotava a Creb e Não ao medo que sentia por Broud. Iza contara a seu germano que Ayla voltara a sofrer daquela sua particularíssima doença que lhe vinha quando imaginava que ele Não gostava mais dela.

- Bom, Iza, você sabe, ela foi longe demais. Era preciso fazer com que sentisse isso. Se Broud Não tivesse voltado a lhe impor disciplina, Brun o teria feito. E poderia ser muito pior. A única coisa que Broud pode fazer é tornar a vida dela infeliz, já Brun pode expulsá-la - respondeu Creb. Mas a conversa fez com que ele se pusesse a especular sobre a força do amor, um poder mais forte do que o medo, e esse foi tema de suas meditações por vários dias. Quase imediatamente, abrandou sua atitude em relação à garota. Era tudo o que podia fazer para preservar um pouco daquele comportamento distante e indiferente que vinha mantendo até então.

As primeiras neves a cair eram desfeitas por aguaceiros que, nas frias temperaturas do entardecer, transformavam-se em chuvas geladas, às vezes misturadas com um pouco de neve. A luz da manhã encontrava as poças de água espelhadas com estilhaços de gelo - prenunciando um frio ainda mais intenso- que só iriam derreter, se os caprichos do vento o levassem a soprar do sul e o sol decidisse impor sua autoridade. Durante todo esse indeciso período

de transição, dos últimos dias de Outono aos primeiros do inverno, Ayla nunca faltou com a devida obediência feminina. Condescendia em fazer qualquer dos absurdos que desse na veneta de Broud, corria a seu primeiro chamado, baixava a cabeça submissamente, Não ria, nem mesmo chegava a sorrir, mostrando-se de uma passividade total, mas isso Não lhe era fácil. Apesar de resistir, tentava convencer-se de que estava errada e forçava-se, inclusive, a ser mais dócil, só que começou a desabar sob o peso de tamanha submissão.

Emagreceu, perdeu o apetite, sempre silenciosa e submissa até mesmo quando se achava na fogueira de Creb. Nem Uba conseguia alegrá-la, em bora quase nunca deixasse de pegar a garotinha nos braços, quando à noite voltava a casa, ficando com ela, até que as duas caíssem no sono. Iza estava preocupada e, numa manhã de sol brilhante, após uma véspera chuvosa e fria, ela resolveu que já era tempo de proporcionar a Ayla uma folga antes que o inverno fechasse totalmente seu cerco.

- Ayla - disse Iza em voz alta, logo que puseram os pés do lado de fora da caverna, antes de Broud ter oportunidade de aparecer com algumas de suas exigências - estava fazendo uma vistoria nos meus medicamentos e vi que Não existe nenhum galho de amora branca que é muito bom para dor de barriga. Não vai ser difícil de você reconhecer a planta. Ela é do tipo arbusto e os galhos estão sem folhas e cobertos por amoras brancas.

O que Iza Não disse é que tinha muitos outros remédios armazenados que também serviam para dor de barriga. Broud franziu a cara ao ver Ayla entrar na caverna e pegar sua cesta de colher. Mas ele nada podia fazer, apanhar plantas para iza era bem mais importante do que botar Ayla trazendo-lhe água, chá, pedaços de carne, as pemeiras de pele que propositadamente esquecia de enrolar nas pernas, o capuz para a cabeça, alguma fruta e até pedras do riacho para quebrar nozes, pois Não simpatizava com as que estavam à mão. Enfim, qualquer bobagem inconsequente que lhe ocorresse mandá-la fazer. O rapaz se afastou num passo muito empertigado ao ver Ayla saindo da caverna com a cesta e o pau de cavar.

Ayla imediatamente foi para a floresta, agradecendo a Iza aquela chance de poder ficar sozinha. Ia mirando ao redor, enquanto caminhava, com a cabeça longe das amoras brancas. Não prestava a mínima atenção no caminho e nem percebeu que seus passos a levavam ao longo do pequeno riacho, subindo para os altiplanos musgosos, onde as águas despencavam em meio a um véu de neblina. Sem se dar conta, subia a encosta íngreme até que se encontrou na clareira no alto da montanha, por cima da caverna. Nunca voltara lá, desde que ferira o porco-espinho.

Perdida em pensamento, sentou-se na margem do riacho, atirando pedrinhas na água. Fazia frio. Nos lugares mais elevados, a chuva do dia anterior veio na forma de neve. Um espesso tapete branco cobria o terreno da clareira e das passagens entre as árvores, manchadas de neve. A atmosfera parada resplandecia na claridade que conjugava o brilho da neve com milhares de minúsculos cristais refletindo o sol luminoso num céu tão azul que quase parecia vermelho. Mas Ayla Não tinha olhos para a serena beleza da paisagem invernal nos seus primeiros esplendores. Essa só fazia lembrá-la de que, em breve, o clã estaria confinado à caverna e de que, até a primavera, ela não teria jeito de escapar de Broud. À medida que o sol subia no céu, blocos de neve iam despenhando inesperada e ruidosamente no chão sob as árvores.

O longo e frio inverno assomava lugubrememente à frente, com Broud caçando-a dia após dia. Simplesmente nunca vou satisfazê-lo, pensou. Pouco importa o que eu fizer ou quanto eu tentar, nada vai adiantar. O que posso fazer mais do que já faço? Seus olhos casualmente bateram num caminho limpo de neve, lá estava uma couraça meio esfarrapada e alguns espinhos espalhados, era tudo o que restara do porco-espinho. Uma hiena deve tê-lo encontrado, disse consigo- Ou então um carcaju. Com uma pontada de remorso, lembrou-se do dia em que o acertara. Nunca devia ter aprendido a atirar com funda. Foi errado. Creb ficaria furioso e Broud... bem, Broud Não ficaria furioso e sim alegre se soubesse. Esta seria uma boa desculpa para me bater. Iria adorar se soubesse. Só que Não sabe e nunca irá descobrir. O pensamento lhe deu algum prazer. Era algo que ela fizera escondido de Broud e que lhe daria bons motivos

para castigá-la. Sentiu vontade de fazer alguma coisa, como atirar com a funda, algo que concretizasse seu frustrado sonho de rebeldia.

Lembrou-se de ter jogado a funda debaixo de uma moita de plantas e foi procurá-la. Encontrou-a sob uns arbustos. Estava úmida, mas mesmo exposta ao tempo Não ficou estragada. Acariciava-a, gostando da sensação do couro macio e liso. Pensou na primeira vez em que havia segurado numa, sorrindo à lembrança de Broud todo encolhido diante da raiva de Brun por ele ter metido a mão em Zoug. Ela Não era a única a provocar a fúria de Broud.

Mas só comigo pode fazer o que quer, pensou, com amargura. Simplesmente porque sou mulher. Brun ficou com raiva quando ele acertou Zoug, mas em mim Broud pode bater quando e como quiser que ele pouco está ligando. Não, isso Não é de todo verdade, admitiu. Iza disse que foi Brun quem arrastou Broud para o lado para que ele parasse de me espancar. E quando Brun está por perto, ele Não me bate muito. Se ele só batesse, mas me deixasse em paz de vez em quando, eu nem me importava.

Ela continuava atirando pedrinhas à água e viu, sem perceber, que tinha posto uma na funda. Sorriu, olhando para uma folha murcha e sozinha, pendurando-se na ponta de um pequeno galho. Fez a pontaria e atirou. Satisfeita e orgulhosa, viu que a pedra arrancara a folha da árvore. Apanhou, então, mais pedras, levantou-se e se dirigiu para o meio da clareira e deu alguns tiros. Ainda posso acertar no que quero, mas e daí? Nunca cheguei nem a atirar em alguma coisa movendo-se. O porco-espinho Não conta. Estava quase parado. Não sei nem se conseguiria e nem se sou capaz de aprender a caçar... caçar de verdade. Mas de que adiantaria? Não poderia mesmo levar nada para a caverna. Tudo o que faço é facilitar o serviço para hienas, lobos e carcajus, logo para esses que roubam tanta comida nossa.

A caça e qualquer bicho que matavam eram tão importantes para o clã que as pessoas estavam sempre em guarda contra os animais predadores. Não apenas contra os grandes felinos, mas também contra manadas de lobos e de hienas que, às vezes, arrebatavam repentinamente o animal das mãos dos caça dores.

Além disso, existiam tipos de hienas sorradeiras ou traiçoeiros carcajus que estavam sempre rondando por perto das carnes postas para secar, ou tentando penetrar nos depósitos de comida. Ayla Não podia aceitar a idéia de contribuir para a sobrevivência de seus competidores.

Nem mesmo ferido, Brun deixou que eu levasse para a caverna um filhote de lobo e os caçadores estão sempre matando os comedores de carne, mesmo que a gente Não tenha necessidade de suas peles. Esses bichos estão sempre nos dando trabalho. O pensamento ficou gravado nela, enquanto outra idéia começava a ganhar forma. Com exceção daqueles que são muito grandes, todos os comedores de carne podem ser mortos com funda. Lembro de que Zoug disse a Vorn que era melhor usar a funda em certas ocasiões do que chegar perto do animal.

Ayla se lembrava bem do dia em que viu Zoug exaltando as virtudes da arma, na qual era exímio atirador. É verdade que com uma funda, o caçador não precisa chegar perto de garras e presas afiadas, só que Zoug se esqueceu de dizer que, quando o caçador perde o tiro, ele, às vezes, está frente a frente com um lobo ou com um lince, sem nenhuma outra arma para apoiá-lo. Mas Zoug também deixou bem claro que seria uma imprudência aventurar-se com animais grandes.

E se eu caçasse só comedores de carne? Nunca comemos esses animais, assim não seria desperdício, mesmo que depois a carniça ficasse para os abutres. Os caçadores estão cansados de fazer isso.

Mas o que estou pensando? Ela balançou a cabeça, como para espantar um pensamento vergonhoso. Sou mulher, não me é permitido caçar. Se nem mesmo encostar amão numa arma eu posso, quanto mais isso! Mas já usei uma funda, apesar de não ser permitido, pensou, cheia de ousadia. Se matasse um carcaju, uma raposa ou qualquer outra coisa para que nunca mais venha nos roubar, estaria fazendo um benefício ao clã. Essas hienas horrorosas... é bem possível que eu mate uma delas qualquer dia desses. Imagine só o que iria acontecer. Ayla já se via caçando todos aqueles predadores cheios de ardis e manhas.

Havia treinado o tiro com funda durante todo o verão. Apesar de que fosse, então, só um esporte para ela, compreendia e respeitava qualquer arma para saber que seu verdadeiro propósito estava não em exercícios de tiro ao alvo, mas na caça em si mesma. Sentia que, se não houvesse maiores desafios, bem depressa deixaria de existir graça em atingir postes, galhos ou pedras. Ademais, o sentido da competição pela competição só apareceu no mundo depois que a Terra já estava dominada por civilizações que há muito não precisavam mais da caça como meio de subsistência. A competição no pensamento dos clãs tinha o propósito exclusivo de aprimorar um tipo de destreza ligado à sobrevivência. Embora sem se dar conta, parte de sua amargura era devida ao fato de ser obrigada a abandonar uma coisa que conseguira com o próprio esforço e que estava no ponto de desenvolver-se muito mais. Havia sentido prazer em aperfeiçoar sua técnica, em exercitar a coordenação dos olhos com as mãos e estava orgulhosa de ter aprendido tudo sozinha. Agora, pedia por maiores desafios, o desafio da caçada, mas precisava justificar-se.

Desde o começo, quando tudo era apenas brincadeira, imaginava-se caçando e depois entrando na caverna carregada de caça, sob os olhares admirados e contentes das pessoas. O porco-espinho trouxe-lhe a razão. Um sonho impossível de realizar-se. Era mulher e, como tal, proibida de caçar. A idéia de exterminar os animais que competiam com o clã deu-lhe o vago sentimento de que, se suas caças não fossem apreciadas, pelo menos lhe ficariam reconhecidos. Era uma boa justificativa para caçar.

Quanto mais pensava, mais se via convencida de que caçar carnívoros, ainda que às escondidas, seria sua solução, embora não conseguisse sobrepujar inteiramente o sentimento de culpa.

Lutava contra sua consciência. Creb e Iza lhe haviam falado muito de que era errado mulheres botarem a mão em armas, mas já fui muito mais longe do que simplesmente tocar numa arma, dizia consigo. Seria ainda pior se caçasse com uma? A menina olhou para a funda na mão e, de repente, decidiu-se, esforçando-se para vencer seu sentimento de estar fazendo uma coisa errada.

- Está decidido! Aprenderei a caçar! Mas só vou matar comedores de carne, dizia consigo, fazendo gestos enfatizando sua determinação. Cheia de entusiasmo, correu ao riacho para buscar mais pedras.

Enquanto procurava por pedras de bom tamanho, seus olhos bateram num objeto de forma bastante particular. Parecia uma pedra, mas parecia também a concha de algum molusco, possível de ser encontrada à beira-mar. Ela pegou e examinou com atenção. Era uma pedra, mas uma pedra com formato de concha.

- Que pedra estranha, falou. Nunca vi uma assim antes. Lembrou-se, então, de algo que Creb lhe dissera e, súbito, deu o estalo em sua cabeça. A idéia era tão perturbadora que sentiu o sangue correndo e um frio perpassar-lhe pela espinha. Os joelhos se dobravam e ela tremia tanto que teve de se sentar. Empalmando a pedra que era apenas o fóssil de um gastrópode, ficou com os olhos fixos nela, inteiramente absorta.

Creb tinha dito, lembrava-se ela, que, quando uma decisão importante está para ser tomada, o totem da pessoa a ajuda. Se a decisão estiver certa, o totem manda um aviso qualquer. Ele disse também que sempre é uma coisa muito fora do comum e que ninguém sabe dizer se aquilo é de fato ou não um aviso. Só a pessoa, com sua mente e seu coração, entende o que o totem, dentro dela, está-lhe dizendo.

Ó Poderoso Leão da Caverna, isso é um aviso mandado por você? Ela se expressava em silêncio, na forma da linguagem ritualística usada para se diri gir aos totens. Está você me revelando que tomei a decisão certa? Que mesmo que eu seja uma menina, não é errado caçar?

Sentou-se quieta, com os olhos sempre presos na pedra, tentando as sumir a postura meditativa que via em Creb. Não ignorava que ela própria era considerada fora do comum por ter como totem o leão da caverna, mas nunca dera muita importância ao fato. Enfiou a mão por baixo da roupa, sentindo na coxa os quatro riscos paralelos de sua cicatriz. Mas, por que fui escolhida pelo leão da Caverna? É um totem forte demais, um totem de homem. Por que teria escolhido uma menina? Deve haver um motivo

por trás disso tudo Pensou, então, na funda e como aprendera a usá-la. que será que fui apanhar a velha funda que Broud tinha jogado fora? Nenhuma mulher tocara naquilo. O que foi que me fez fazer isso? Será que fui guiada por meu totem? Que ele estava querendo que eu aprendesse a caçar? Só os homens caçam e meu totem é de homem. Claro! Deve ser isso! Tenho um totem masculino, por isso ele quer que eu cace.

Ó Poderoso leão da Caverna. os caminhos usados pelos espíritos são desconhecidos para mim. Não sei por que você quer que eu cace, mas estou feliz por me ter enviado este aviso.

Ayla revirava a pedra na mão, até que pegou o amuleto do pescoço, desatou o nó que fechava o saquinho e pôs o fóssil dentro, junto do torrão de ocre vermelho. Amarrou novamente bem apertado e tornou a passá-lo pela cabeça, sentindo agora a diferença do peso pendurado em seu pescoço. Era como se seu totem desse sua aprovação, emprestando peso à sua decisão.

Todo o sentimento de culpa desapareceu. Estava subentendido que ela deveria caçar, o seu totem assim o desejava. Não importava o fato de ser mulher. Sou como Durc, pensou, ele abandonou seu clã, apesar de todos dizerem que estava errado. Acho que ele encontrou um bom lugar, onde a Montanha de Gelo nunca chegou e que ele formou um novo clã. Durc também deve ter tido um totem poderoso. Creb diz que a vida é muito difícil para aqueles que têm totens fortes e que estes testam antes a pessoa para saber se ela é digna de receber o que eles vão dar. Foi por isso, disse ele também, que quase morri, antes de Iza me achar. Gostaria de saber se Durc foi posto à prova por seu totem. Será que meu leão da Caverna ainda vai me testar outra vez?

Mas, às vezes, um teste pode ser muito difícil. E se eu não for digna? Como vou ficar sabendo se estou sendo testada? Qual será a coisa difícil que meu totem vai querer que eu faça? Pensou, então, naquilo que era mais difícil em sua vida, e a resposta foi quase instantânea.

Broud! Broud é o meu teste, disse, gesticulando. Que coisa poderia ser mais difícil do que ter Broud pela frente um inverno

inteiro? Mas se eu for digna, vou conseguir, e meu totem me deixará caçar.

Ao entrar na caverna, havia qualquer coisa diferente no andar de Ayla que logo foi observado por Iza, embora a curandeira não soubesse definir exatamente o que fosse. Nada de impróprio apenas Ayla parecia mais à vontade, menos tensa e com um ar de aceitação que viu no seu rosto, quando Broud se aproximou. Não era de resignação, ela parecia, antes, cordata. Foi Creb, no entanto, que reparou no maior volume do amuleto da garota.

Quando o inverno chegou de fato, ele e Iza ficaram felizes por vê-la voltar ao normal, a despeito de todas as exigências de Broud. Ayla estava quase sempre cansada, mas brincava com Uba, e os sorrisos e até mesmo os risos haviam voltado. Creb imaginava que ela tivesse tomado alguma decisão e que encontrara um aviso do seu totem. Foi com alívio que ele a viu aceitando melhor sua vida no clã. Estava a par da luta que Ayla travava dentro de si, mas achava necessário Broud dobrá-la à vontade dele. Era preciso que a garota deixasse de resistir. Também ela tinha de aprender a controlar-se. Durante o inverno que marcou seu oitavo aniversário, Ayla se transformou em mulher. Não fisicamente. Seu corpo ainda continuava reto, com as formas próprias de uma menina e ainda sem aparentar nenhum vestígio das mudanças que estavam por vir. Mas foi durante essa ocasião que Ayla abandonou definitivamente sua fase infantil.

Algumas vezes, a vida lhe parecia tão insuportável que pensava se não seria melhor interrompê-la. Certas manhãs, quando abria os olhos, dando com os contornos familiares da rocha nua sobre sua cabeça, desejava voltar a dormir e nunca mais acordar. Quando, porém, achava que não iria aguentar mais, apertava o amuleto e a sensação do volume da pedra dava-lhe, de certo modo, paciência para enfrentar mais outro dia. E cada dia vivido trazia-a para mais perto do tempo em que as neves altas no chão e as rajadas geladas seriam trocadas por relvados verdes e brisas marinhas, quando ela, novamente em liberdade, poderia vagar pelos campos e florestas.

Tal como o rinoceronte lanoso, cujo espírito era o seu totem, Broud podia ser tão teimoso quanto de uma maldade imprevisível. A

teimosia, por sinal, era um traço da raça; uma vez estabelecido determinado curso de ação, persistia-se neste da forma mais obstinada possível e Broud estava inteiramente dedicado a manter Ayla na linha. A provação diária dela - cascudos, imprecações, socos e constantes hostilidades - era claramente sentida por todos no clã. Muitos eram de opinião de que ela realmente estava precisando ser disciplinada e merecendo levar alguns castigos, mas poucos estavam de acordo com os extremos a que o rapaz chegara.

Brun continuava ainda preocupado com o fato de Broud ter permitido Ayla provocá-lo demasiadamente, mas já que o rapaz vinha conseguindo controlar seus ataques de fúria, considerava isso como já sendo um bom indicio de progresso. Esperava só que ele moderasse mais a maneira de tratar do assunto e, nesse meio tempo, achou que o melhor seria dar livre curso à situação. À medida que o inverno avançava, mesmo contra a vontade, viu-se respeitando cada vez mais a estranha menina; era o mesmo tipo de respeito que sentia por sua germana, ao tempo que Iza se sujeitava com resignação às surras que o companheiro lhe dava.

Tal como Iza, Ayla estava dando um belo exemplo de comportamento feminino. Aguentava tudo sem queixas, como uma mulher devia sempre fazer. Quando, às vezes, ela parava por instantes para segurar em seu amuleto, Brun e os outros viam nisso um gesto reverente às forças espirituais, tão importantes às suas vidas. Isso só fazia engrandecê-la como mulher.

O amuleto deu-lhe alguma coisa em que acreditar. Ela reverenciava as forças espirituais à maneira como as entendia. Seu totem a estava testando. Se provasse ser digna, poderia caçar. Quanto mais Broud a atormentava, maior era sua determinação de aprender a caçar quando chegasse a primavera. Seria melhor do que Broud, melhor ainda do que Zoug. O melhor caçador com funda de todo o clã, mesmo que ninguém ficasse sabendo a não ser ela. Este era o pensamento a que se agarrava e que se petrificara em sua mente, tal como as imensas agulhas de gelo que se formavam ao alto da entrada da caverna, onde o ar quente das fogueiras subia para encontrar as temperaturas geladas do exterior, e ali

permanecendo como uma pesada cortina transideida durante todo o inverno.

Sem o saber, já estava se exercitando. Apesar de que isso a pusesse em maior contato com Broud, seu interesse por caçadas a arrastava para junto dos homens, quando os via sentados passando longas horas revivendo antigas caçadas ou fazendo planos para futuras. Sempre dava um jeito de ficar por perto trabalhando, principalmente quando percebia ser Dorv ou Zoug que estavam contando histórias de seus feitos com fundas. Ressuscitou seu antigo interesse por Zoug e procurava satisfazer seus desejos, acabando por criar uma sincera afeição pelo velho caçador. De certo modo, ele lhe lembrava Creb: orgulhoso, sério, sentindo-se feliz com aquela atenção e carinho, ainda que viesse da parte de uma estranha e feia menina.

Zoug não deixava de perceber o interesse dela por suas passadas glórias, ao tempo em que era o segundo em comando, tal como Grod agora. Tinha nela uma ouvinte atenta, silenciosa, sempre mantendo uma atitude de respeito, e discreta. Muitas vezes, Zoug catava Vorn para explicar-lhe alguma técnica de pegar os rastros de animais ou expor seus conhecimentos de caça, sabendo que, podendo, a menina viria sentar-se por perto, mas ele fingia não percebê-la. Se Ayla tinha prazer com suas histórias, que mal poderia haver nisso?

Se fosse mais jovem, pensava Zoug, e ainda pudesse sustentar alguém, eu tomaria a menina como companheira, quando ela ficasse mulher. Algum dia vai precisar de um homem e, feia como é, vai ter certa dificuldade para arranjar alguém. Mas é jovem, forte e respeitadora. Tenho parentes em outros clãs e, se ainda tiver forças para comparecer à próxima reunião, vou falar por ela. Não deve querer ficar aqui, quando Broud for o chefe,

Não que tenha importância o fato de ela querer ou Não, mas nisso eu lhe dou razão. Só espero já ter ido para o outro mundo, quando tal suceder. Ele nunca se esquecera da agressão de Broud e Não gostava nada do filho da companheira de Brun. Achava que o rapaz era estúpido com a menina por quem criara bastante amizade. É certo que ela precisava ser disciplinada, mas tudo tem limites, e

Broud fora muito além destes. Com Zoug, a garota jamais faltara com o respeito e era obrigação de um homem, mais velho e experimentado, saber como lidar com mulheres. Sim, vou falar por ela. Se na puder ir, envio uma mensagem. Mas, se ao menos ela Não fosse tão feia.

Por mais difícil que fosse para Ayla, nem tudo se mostrava tão ruim. A lida diária transcorria com mais calma, sem muitos serviços domésticos. Até mesmo Broud, depois de tudo arrumado, Não encontrava muita coisa para poder dar suas ordens. Com o tempo, ele foi se cansando, já Não havia o menor desafio nela, de modo que suas hostilidades diminuíram um pouco. Uma outra coisa também veio contribuir para que a vida de Ayla, naquele inverno, não fosse tão insuportável.

No princípio, tentando achar razões válidas para conservar Ayla dentro dos limites da fogueira de Creb, Iza resolveu treiná-la no preparo e uso das ervas e plantas que tinham sido colhidas. Ayla estava fascinada com a arte de curar. Com tanto interesse demonstrado, Iza passou a dar-lhe aulas regularmente, inclusive achando - depois que percebeu o quanto era diferente a maneira da cabeça de sua filha adotiva funcionar - que deveria ter começado há mais tempo as lições.

Se Ayla fosse sua filha de verdade, iza teria apenas de fazê-la recordar daquilo que estava armazenado em seu cérebro, de modo a acostumá-la a fazer uso de um conhecimento que já possuía. Como Não era, Ayla tinha de esforçar-se para memorizar coisas que, em Uba, eram inatas. Iza precisava exercitar Ayla, repassar muitas vezes a mesma matéria e estar constantemente pondo-a à prova para ver se havia realmente aprendido direito. Iza extraía informações tanto da memória com que nascera, como de sua experiência, e ela própria se via surpreendida com o volume de conhecimentos que possuía. Nunca pensara sobre isso antes, simplesmente o conhecimento estava ali, pronto para quando ela precisasse. Havia momentos em que Iza se desesperava, achando que jamais iria conseguir ensinar Ayla o que sabia ou fazer dela uma boa curandeira. A garota, no entanto, nunca esmorecia, e Iza estava

firme no seu intento de assegurar uma posição no clã para sua filha adotiva. As lições prosseguiram diariamente.

- O que é bom para queimaduras, Ayla?

- Deixe-me pensar. Flores de hissopos misturadas com flores de virga áureas e pinhas. Põe-se para secar e se mistura o pó em partes iguais. Faz-se então um curativo com o pó umedecido. Quando estiver seco, torna-se a jogar água fria por cima do cataplasma - respondeu sem pestanejar. Em seguida, fez uma pausa, pensando. - Também é bom, folhas e flores de hortelã-da água. Molham-se as duas e se põe diariamente sobre a queimadura. A loção feita de capim também serve para queimaduras.

- Muito bem, tem mais alguma coisa para dizer?

Ayla procurava lembrar-se.

- Hissopos gigantes também. Esmigalham-Se as folhas e os talos frescos para fazer cataplasmas ou então as folhas secas umedecidas. E... ah sim, as flores amarelas do cardo. Elas são fervidas, deixa-se esfriar e se usa como loção.

- Isso é bom também para feridas na pele, Ayla. E não se esqueça de que cinzas de cavalinha misturadas com gordura da um bom unguento para queimaduras.

Também sob a direção de Iza, Ayla começou a aprender a cozinhar. Logo assumiu o encargo do preparo de quase todos os alimentos de Creb. A garota tinha o maior trabalho em moer bem fino tudo que fosse semente antes de botar para cozinhar para que ele, com seus dentes estragados, Não tivesse muita dificuldade de engolir. Até as nozes lhe eram servidas esmigalhadas. Iza ensinou-lhe também como preparar seus remédios de tirar dor e os cataplasmas para aliviar o reumatismo. Ayla tornou-se especialista nos medicamentos desse mal que atacava as pessoas mais velhas do clã, cujo sofrimento sempre aumentava muito quando eles se viam confinados entre as frias paredes de pedra da caverna. Naquele inverno, a garota se tornou a assistente da curandeira e seu primeiro paciente foi Creb.O inverno ia pela metade. A neve subia alguns metros de altura à entrada da caverna, fazendo uma barreira isolante que ajudava a manter o calor provindo das fogueiras no interior, mas as ventanias continuavam assoviando através do

espaço deixado entre o teto e o monte de neve. Creb estava de uma rabugice fora do comum, ora silencioso, ora resmungando mal-humorado, de pois arrependido novamente, pedindo desculpas e pondo-se de novo em silêncio. Seu humor desconcertava Ayla, mas Iza imaginava saber a causa. Era uma dor de dente particularmente dolorosa.

- Creb, você Não quer que eu dê só uma olhada em seu dente?
- perguntava Iza.

- Não é nada. Apenas uma dor de dente incomodando um pouco. Você acha que Não consigo aguentar uma dorzinha? Pensa que nunca senti dor antes, mulher? - respondeu ele, com impertinência.

- Sim, Creb - falou Iza, de cabeça baixa.

Imediatamente, ele se mostrou arrependido.

- Iza, sei que você está só querendo ajudar.

- Se você me deixasse dar uma olhada, talvez eu lhe pudesse dar alguma coisa. Como posso saber o que receitar, se você Não me deixa olhar?

- O que há aí para olhar? - gesticulou ele. - Um dente doente é igual a todos os outros. A única coisa que quero é que me faça um chá de casca de salgueiro - rosnou o feiticeiro, indo em seguida sentar-se em sua pele de dormir, ficando a olhar para o vazio.

Iza abanou a cabeça e foi preparar o chá.

- Mulher! - gritou Creb, poucos instantes depois. - Onde está esse chá? Por que está demorando tanto? Como posso meditar? Não consigo me concentrar - falou, com impaciência.

Iza apressava-se com uma cuia de osso, fazendo sinal a Ayla para que a acompanhasse.

- Já estou indo, Creb, mas Não acredito que chá de salgueiro vá adiantar muito. Deixe pelo menos que eu dê uma olhada.

- Está bom, está bom, Iza. Dê essa olhada de uma vez. - Abriu a boca, apontando para o dente que doía.

- Você vê, Ayla, como esse buraco preto no dente vai lá no fundo? A gengiva está inchada, o dente está completamente estragado. Acho que vai ter de ser arrancado, Creb.

- Arrancado! Você me disse que queria só dar uma olhada para poder receitar alguma coisa. Você Não tinha falado de tirar dente. Bom, me dá qualquer coisa para melhorar isso, mulher!

- Sim, Creb, aqui está seu chá de salgueiro.

Ayla observava, surpresa, a mudança.

- Pensei que você disse que chá de salgueiro Não ia adiantar muito.

- Nada vai adiantar muito. Posso dar um pedaço de raíz de capim-limão para ele mastigar, talvez melhore um pouco, mas duvido.

- Ah, curandeiras, que nem curar uma dor de dente sabem! - resmungou Creb.

- Posso tentar extrair a dor - falou Iza, com toda a naturalidade.

- Vou mastigar as raízes - disse Creb, retraindo o corpo.

No dia seguinte, aquela cara com uma horrível cicatriz e um olho vazado amanheceu inchada, conseguindo ter um aspecto ainda mais pavoroso. Ele não dormira e o olho estava vermelho.

- Iza - gemeu - faça algo para parar essa dor.

- Se você tivesse deixado eu extrair o dente ontem, hoje já estaria sem dor - respondeu ela, voltando logo a mexer as sementes que torrava numa panela, observando o espoucar fazendo os característicos ruídos de poc, poc.

- Mulher! Será que você não tem coração? Não dormi a noite inteira!

- Eu sei, Creb, você me deixou acordada o tempo todo.

- Bem, faça alguma coisa! - explodiu.

- Vou fazer, Creb. Mas agora só vou poder extrair depois que desaparecer a inchação.

- Será que só sabe pensar nisso? Extrair dente?

- Posso experimentar outra coisa, mas Não acredito que vá salvar o dente - gesticulou ela, com ar compreensivo. - Ayla, traga aquele pacote com as lascas chamuscadas da árvore que foi apanhada por um raio no verão passado. Vamos ter de furar a gengiva para diminuir a inchação antes de arrancar o dente. E vamos ver também se acabamos com essa dor de uma vez.

Creb tremia ouvindo as instruções dadas a Ayla. Depois, encolheu os ombros, afinal não podia ser muito pior do que a dor que estava sentindo, pensou ele.

Iza separou as lascas e escolheu duas.

- Ayla, quero que você esquite a ponta dessa aqui, até que fique como carvão mas não muito. Tem de ficar dura o suficiente para não partir. Pegue uma brasa na fogueira e segure a lasca junto do fogo até a madeira começar a soltar fumaça. Mas antes quero que você veja como se fura a gengiva. Se gure para mim os lábios dele para trás.

Ayla fazia como Iza lhe mandava, olhando dentro da boca escancarada de Creb as duas fileiras de dentão podres.

- Com a ponta bem fina de uma lasca, nós furamos a gengiva embaixo do dente, até começar a sangrar - disse, antes de demonstrar praticamente.

Creb tinha sua mão fechada com força, mas Não emitia nenhum som.

- Agora, enquanto o sangue fica saindo, pegue a outra lasca quente.

Ayla correu à fogueira, voltando imediatamente com uma brasa viva encostada na ponta carbonizada da lasca. Iza pegou, examinando-a com atenção Fez que sim com a cabeça e gesticulou dando ordens a Ayla para que tornasse a segurar os lábios dele para trás. Inseriu, então a ponta quente na cavidade do dente. Ayla sentiu Creb dar uma sacudidela, ouvindo um leve chiado, ao mesmo tempo em que saía um filete de fumaça do enorme buraco no dente.

- Pronto. Agora vamos esperar para ver se a dor vai passar. Se não, o dente vai ter de ser arrancado - disse Iza, depois de esfregar na gengiva de Creb uma mistura de pó de gerânio com pó de nardo.

- Pena que eu não tenha nenhum daqueles cogumelos tão bons para dor de dente. O nervo fica adormecido e quase sempre é posto para fora. Nesse caso, eu não iria precisar arrancar o dente. Frescos são melhores, mas seco também funcionam. Devem ser colhidos no fim do verão. Se encontrar algum no ano que vem, vou mostrar para você, Ayla.

No dia seguinte, iza perguntou:

- Seu dente ainda está doendo, Creb?
- Está melhor, Iza - respondeu ele, esperançoso.
- Mas ainda dói? Se a dor não passou completamente vai inchar outra vez - insistiu Iza.

- Bem... sim, ainda dói - admitiu. - Mas não muito. Realmente não é muito mesmo. Por que não esperar mais um ou dois dias? Estou usando uma fórmula mágica poderosíssima. Tenho pedido a Ursus para destruir o mau espírito que está provocando a dor.

- Mas você já não pediu muitas vezes a Ursus para livrá-lo dessa dor? Acho que Ursus quer que você sacrifique seu dente, para depois ele fazer parar a dor, Mog-ur - falou Iza.

- O que você entende do Grande Ursus, mulher? - disse Creb, irritado.

- Esta mulher foi presunçosa. Esta mulher nada sabe dos caminhos usados pelos espíritos - respondeu Iza, com a cabeça baixa. Depois, olhando para o germano, falou: - Mas uma curandeira entende a dor de dente. A dor não vai sumir enquanto o dente não for extraído disse com firmeza, gesticulando.

Creb deu as costas e saiu capengando. Sentou-se na pele de dormir com os olhos cerrados.

- Iza? - chamou ele, depois de alguns minutos.

- O que é, Creb?

- Você tem razão Ursus quer que eu me livre do dente. Vá em frente, acabe logo com isso.

- Pegue isso, Creb. Beba - disse Iza, encaminhando-se para ele. - Faz com que não doa tanto. Ayla, há um pequeno pino perto do pacote de lascas e um rolo comprido de barbante. Traga aqui.

- Como é que você sabia que já devia ter a bebida preparada? - perguntou Creb.

- Eu sei, Mog-ur, que é muito difícil sacrificar um dente, mas se Ursus assim o deseja, sei que o Mog-ur o atenderá. Esse não é o sacrifício mais difícil que o Mog-ur já fez em intenção de Ursus. Sei que é muito duro viver com um totem poderoso, mas Ursus Não o teria escolhido, se você não fosse digno dele.

Creb fez que sim com a cabeça e tomou a bebida. É feito da mesma planta que uso para incentivar as memórias nos homens,

pensou. Mas acho que vi Iza botando água para ferver, ela cozinha as plantas ao invés de fazer uma infusão. Fica mais forte, quando são apenas maceradas. A datura tem muitos usos, deve ser uma planta dada por Ursus. Já começava a sentir os efeitos do narcótico.

Iza disse a Ayla para manter a boca do feiticeiro aberta, enquanto, cui dadosamente, com o pino abalava os alicerces do dente dolorido. Creb teve um sobressalto, mas não doeu tanto quanto havia imaginado. Em seguida, Iza amarrou em volta do dente amolecido o barbante e mandou que Ayla atasse a outra ponta num pau fincado no chão o qual pertencia ao engradado onde se penduravam plantas para secar.

- Ayla, ponha a cabeça dele para trás, até que o cordão fique bem esticado. - Com um só movimento rápido e brusco, ela puxou o barbante. - Aqui está - disse, retirando o cordão com um enorme molar pendurado. Borrifou, então, o buraco sangrando com raiz de gerânio, passando depois um bálsamo, preparado com cascas de eucalipto e outras variedades de folhas secas. Por fim, enrolou o rosto dele com uma faixa de couro úmida.

- Tome o seu dente, Mog-ur - falou Iza, botando o molar cariado na mão de Creb. Este ainda estava inteiramente aturdido. - Terminou.

Ele pegou o dente, mas, ao se deitar, deixou-o cair.

- É para ser dado a Ursus - murmurou, embriagado.

O clã depois de Ayla ter ajudado a curandeira na cirurgia dentária de Creb, pôs-se de vigia para saber como ele ia passando. Quando viram que melhorava, sem qualquer complicação, passaram a convencer-se de que a menina não afugentava os bons espíritos. Isso veio predispô-los a favor de Ayla, quando esta aparecia com Iza para ajudá-los em suas doenças. À medida que o inverno progredia, Ayla foi aprendendo a tratar de queimaduras, machucados, feridas, gripes, infecções de garganta, problemas de estômago, dores de ouvido e diversos outros tipos de moléstias e machucados sem gravidade, que surgiam no curso normal da vida. Com o tempo, para pequenos problemas de saúde, passaram a recorrer a Ayla com a mesma facilidade que buscavam Iza. Sabiam que a menina coletava plantas e viam Iza ensinando-a. Afinal, Iza estava envelhecendo, não

se achava bem de saúde e Uba ainda era muito criança. O clã começava a acostumar-se com a presença daquela estranha menina em seu meio e a aceitar a idéia de que alguém dos Outros pudesse algum dia tornar-se a curandeira do clã.

Foi durante a época mais fria do ano, depois do solstício de inverno e antes das primeiras chuvas da primavera que Ovrá entrou em trabalho de parto.

- Ainda está muito cedo - falou Iza para Ayla. - O bebê só deveria nascer na primavera. De uns tempos para cá, ela não sente nenhum movimento na barriga. Estou com medo de que o parto não corra bem e de que o bebê tenha morrido.

- Ovrá queria tanto esse filho, Iza. Ficou tão feliz quando soube que estava grávida. Será que você Não pode fazer nada? - perguntou Ayla.

- Bem, a gente vai fazer o que puder, mas há coisas que estão fora do nosso alcance.

O clã inteiro estava preocupado com o trabalho de parto prematuro da companheira de Goov. As mulheres tentavam levar seu apoio moral, enquanto os homens, nervosos, esperavam rondando por perto. O clã havia perdido muitos de seus membros durante o terremoto, de modo que todo nascimento era aguardado com ansiedade. Crianças significavam mais bocas para os caçadores de Brun e mais trabalho para as mulheres; por outro lado, depois de crescidas, seriam elas quem os sustentariam em suas velhices. A continuação e sobrevivência do clã estava na dependência da sobrevivência individual. Eles precisavam uns dos outros e estavam realmente tristes com o fato de que o bebê de Ovrá pudesse nascer morto.

Goov estava mais preocupado com sua companheira do que com a criança e desejava poder fazer alguma coisa. Não gostava de vê-la sofrendo, especialmente quando eram poucas as chances de um desenlace feliz. Ovrá desejava muito aquele bebê, sentia-se inferiorizada em ser a única mulher no clã sem filhos. Até mesmo a curandeira, com toda a sua idade, dera à luz. Ovrá ficara exultante quando soube estar grávida e Goov gostaria de poder pensar em alguma coisa que a consolasse de sua possível perda.

Droog parecia compreender o rapaz melhor do que ninguém. Ele também já se sentira de forma parecida em relação à mãe de Goov, se bem que essa teve a felicidade de ter tido um filho. No entanto, era obrigado a admitir que, depois que se acostumou, estava tendo grande prazer com a sua nova família. Esperava, inclusive, que Vorn passasse a se interessar por ferramentas, e quanto a Ona, era a alegria de sua vida, sobretudo agora que deixara de mamar e começava, ao jeito das crianças, a imitar os adultos. Droog nunca tivera uma menina em sua fogueira e Ona era tão bebê, quando ele tomou Aga para companheira, que a garotinha era como se tivesse nascido em sua casa.

Ebra e Ika, solidárias, achavam-se sentadas ao lado de Ovra, enquanto Iza preparava os medicamentos. Ika também queria muito aquele bebê e se gurava, ansiosa, a mão da filha, sofrendo com as contrações. Oga saíra para preparar a refeição da noite que iria servir a Brun, Grod e Broud. Goov foi convidado; e Ika se ofereceu para ajudar, mas, como Goov não aceitou, Oga disse não haver necessidade. Faria tudo sozinha. Goov estava sem fome e foi fazer uma visita à fogueira de Droog, onde Aba o convenceu a engolir algo. Oga estava distraída, preocupada com Ovra, e lamentando não ter aceito o oferecimento de Ika. Ela não soube como aconteceu, só viu que tropeçara enquanto servia sopa quente aos homens e que deixara o caldo fervendo cair no ombro e no braço de Brun.

- Aiii! - gritou Brun ao sentir o líquido esaldando escorrer sobre ele. Pôs-se a dar saltos ao redor, cerrando firme a boca para não gritar de dor. Com a respiração suspensa, todas as cabeças se viraram em sua direção. O silêncio foi quebrado por Broud.- Oga! Sua estúpida desajeitada! - disse gesticulando muito, tentando disfarçar seu embaraço por ter sido sua companheira a responsável pelo acidente.

- Ayla, vá atender. Não posso sair agora - disse Iza, por meio de sinais.

Broud avançou para Oga com os punhos cerrados, prontos para bater.

- Não Broud - falou Brun estendendo o braço, impedindo-o. Agordura da sopa ainda se colava em sua pele e ele se esforçava

para Não demonstrar dor. - Foi sem querer. Bater não vai adiantar nada.

Oga encolhia-se enroscada aos pés de Broud, tremendo de medo e vergonha.

Ayla estava apreensiva. Nunca tratara do chefe do clã e tinha um medo dele fora do comum. Correu à fogueira de Creb para pegar uma bacia de madeira. De lá, dirigiu-se à entrada da caverna, onde apanhou uma porção de neve, indo depois para a fogueira de Brun e se pondo de joelhos na frente dele.

- Iza me mandou. Ela não pode largar Oвра agora. Permitiria o chefe que esta menina cuidasse dele? - perguntou, depois de Brun ter tomado conhecimento de sua presença.

Brun acedeu com a cabeça. Ayla, como curandeira do clã, era algo que ele ainda não acreditava muito, mas, dadas as circunstâncias, não lhe restava senso aceitar. Nervosa, ela pôs a neve sobre o local queimado. Estava vermelho e inflamado. A neve aliviou a dor e ela sentiu que os nervos tensos de Brun começaram a relaxar um pouco. Voltou à fogueira de Creb onde despejou água fervendo sobre folhas secas de hortelã-d'água.

Depois de bem embebidas, jogou na vasilha um pouco de neve para esfriar rápido e retornou a seu paciente. Com a mão aplicou-lhe a loção calmante, enquanto percebia a tensão ir deixando aquele musculoso corpo, que parecia talhado em pedra. Brun já respirava com mais facilidade. A queimadura ainda doía, mas já estava mais suportável. Ele fez um sinal aprovando e a menina se pôs um pouco mais à vontade.

Parece que está aprendendo as mágicas de Iza, pensou Brun. E também está aprendendo a se comportar como uma mulher deve fazê-lo. Talvez o que lhe estivesse faltando era só um pouco de maturidade. Se acontecesse qualquer coisa a Iza antes de Uba crescer, nós estaríamos sem curandeira. Acho que Iza acertou em querer treinar a garota.

Não muito depois, Ebra chegou para anunciar a seu companheiro que o filho de Oвра havia nascido morto. Brun olhou na sua direção dando a entender que compreendera e depois abanou, pesaroso, a cabeça. Logo um menino, pensou. Ela deve estar com o

coração partido, todos sabem o quanto desejava este filho. Tomara que não tenha muita dificuldade para engravidar outra vez. Quem diria que um totem de castor fosse lutar tanto? Apesar de estar com muita pena de Oвра, Brun nada comentou, pois ninguém deveria mencionar a tragédia. Oвра, porém, entendeu o motivo que levou Brun à fogueira de Goov, alguns dias depois, para dizer-lhe que tirasse o tempo que quisesse para se recuperar de sua “doença”. Embora Brun fosse muito visitado em sua fogueira pelos homens, ele quase nunca aparecia na dos outros e, se fosse, dificilmente se dirigia às mulheres. Oвра ficou-lhe agradecida pela demonstração de apreço, mas não havia nada que pudesse aliviar sua dor.

Iza insistiu para que Ayla continuasse a tratar de Brun e, depois que a queimadura sarou, o clã passou a aceitar Ayla ainda mais. Ela, por sua vez, começou a sentir-se mais à vontade na presença do chefe. Afinal, ele era um homem como qualquer outro.

Capítulo 12

Quando o longo inverno terminou, o ritmo de vida do clã se acelerou, de modo a se pôr de acordo com a velocidade do despertar da vida naquele mundo de terra generosa. O tempo frio não só forçava uma verdadeira hibernação como também alterava o regime metabólico das pessoas devido à redução de actividades. No inverno, ficavam mais preguiçosas, dormiam e comiam mais, criando uma camada protetora de gordura subcutânea para que pudessem resistir melhor ao frio. Com a subida da temperatura a tendência se invertia: o clã se mostrava irrequieto, ansioso para estar ao ar livre, em grande actividade. A mudança nos hábitos exigia os cuidados médicos de Iza que ministrava a todos - desde as crianças aos velhos - seu tônico de primavera um composto de folhas secas de spérula, pó de labaca (uma raíz rica em ferro) e outra raíz que colhia logo no início da primavera, parecida com a do centeio. Com o vigor renovado, o clã irrompia para fora da caverna, pronto para dar partida a um novo ciclo de estações.

O terceiro inverno na caverna não chegou a ser muito penoso. A única morte ocorrida foi a do filho de Ovra e, assim mesmo, esta não contava, pois a criança não chegou a receber nome e nem foi reconhecida oficialmente. Iza, então livre da obrigação de amamentar um bebê guloso, igualmente resistiu bem ao inverno. Creb não passou pior do que o costume.

Tanto Aga como Uka estavam novamente grávidas e, pelo fato de as duas terem sido bem-sucedidas em seus partos anteriores, o clã via esperançoso esse aumento no número de seus membros. Os primeiros legumes, rebentos e brotos estavam sendo colhidos, e se projetava a primeira grande caçada da estação, aquela que os abasteceria de carne fresca para a festa da primavera em honra aos espíritos que despertavam a vida na natureza e também para dar graças a seus totens protetores por tê-los amparado em mais um inverno.

Ayla se sentia como se tivesse motivos especiais para agradecer a seu totem. O inverno fora penoso, mas emocionante. Seu ódio por Broud era ainda até maior, mas havia aprendido a lidar com o rapaz. Ainda que ele fizesse o pior, ela suportava tudo com calma e resignação. Havia um limite que nem mesmo Broud conseguia transpor. Para isso, contribuiu também o interesse da menina pela medicina de lia. A garota adorava suas lições. Quanto mais aprendia, maior era sua vontade de saber. Estava ansiosa para sair em busca de plantas medicinais, agora que tinha uma melhor compreensão de seus usos e também porque esse era um meio de poder escapar e estar sozinha. Enquanto sopravam os ventos cortantes e caíam as pesadas nevascas, Ayla esperou pacientemente, mas, aos primeiros indícios de mudança, ela começou a se sentir inquieta, em estado de expectativa. Aguardava aquela primavera como nunca até então esperara por uma outra. Estava na ocasião de aprender a caçar.

Tão logo o tempo permitiu, a garota começou a escapar para os campos e florestas. Já não mantinha mais a funda escondida na pequena gruta, perto do seu campo de treinamento. Trazia-a com ela, metida numa dobra de roupa, ou em sua cesta de colher, debaixo das camadas de folhas. Aprender a caçar por si, sem ninguém para orientá-la, não foi tarefa fácil. Os animais eram esquivos e velozes e os alvos em movimento muito mais difíceis de ser atingidos. Quando colhiam, as mulheres sempre faziam barulho para espantar bichos que poderiam estar à espreita e esse era um hábito difícil de romper. Muitas vezes, Ayla, ao dar com uma corrida rápida que se ia camuflar numa moita, via-se furiosa consigo, pois alertara o animal de sua presença. Mas estava no firme propósito de aprender, e a prática iria ensiná-la.

Através de tentativas e erros foi começando a aprender a pegar o rastro de animais e também a entender e aplicar técnicas de caçar que conseguira filtrar dos bocados das conversas ouvidas dos homens. Seus olhos já estavam treinados em plantas, aguçados na percepção de pequenos detalhes que diferenciavam um vegetal do outro. Agora, era só uma questão de estender esse conhecimento aos animais, de saber como interpretar o excremento denunciador

de um bicho, uma leve marca deixada no terreno, alguma haste tombada mais para um lado ou um pequeno galho partido. Ayla aprendeu a diferenciar os diversos rastros de animais, tornando-se uma boa conhecedora de seus hábitos e habitats. Apesar de não desprezar as espécies herbívoras, seu interesse estava principalmente concentrado nos carnívoros, e estes se constituíam na sua caça por excelência.

Observava sempre que direção os homens tomavam quando saíam para caçar. No entanto, não era Brun com os seus caçadores que a preocupava. Quase sempre estes escolhiam as estepes como o terreno de suas caçadas e ela nem de longe pensava em querer caçar nas planícies, onde estaria a descoberto. Era dos dois velhos do clã que tinha mais medo. Já havia acontecido algumas vezes de dar com Zoug e Dorv, durante as suas coletas de plantas para Iza, e seriam eles os que mais probabilidade a garota tinha de encontrar caçando em seu terreno. Precisava estar alerta para poder evitá-los. Mesmo tomando direção oposta à deles não significava estar a salvo, haveria sempre a possibilidade de os dois mudarem de rumo e surpreendê-la com a funda na mão.

Depois que pôde locomover-Se silenciosamente, ela algumas vezes os se guia para observar e aprender. Nessas ocasiões, usava de extrema cautela. Era mais perigoso ir no rastro deles do que seguir a trilha dos bichos que caçavam. Mas era um bom treino e, nessas perseguições - fosse perseguindo o rastro de homem, fosse o de animal - ela acabou aprendendo a mover-se sem fazer ruído e a fundir-Se com a sombra, quando acontecia de os dois olharem em sua direção.

Quando se tornou perita em pegar rastros. aprendeu a mover-se fortuita mente e a ter os olhos educados, capazes de distinguir uma forma dentro de um bem camuflado esconderijo; houve muitas ocasiões em que tinha certeza de que poderia atingir um pequeno animal. Sentia-se tentada, mas como não era carnívoro, deixava passar. Sua decisão de caçar referia-Se apenas aos predadores e somente para estes tinha permissão de seu totem. Os botões se transformaram em flores, as folhagens brotaram, as flores caíram e

vieram os frutos, pendurando-se verdes, ainda pequenos nas árvores, mas Ayla ainda não havia matado seu primeiro animal.

- Sai Xõ, xõ! Passa!

Ayla veio para fora da caverna, querendo saber o porquê do rebuliço. Um bando de mulheres agitava os braços tocando para fora um animal pelu do, baixote e atarracado. O carcaju ia dirigir-se para a caverna, mas, ao dar com Ayla, soltou um rosnado, mudando de direção. Esquivando por entre as pernas das mulheres, o animal conseguiu escapar com um pedaço de carne entre os dentes.

- Miserável de bicho esganado! Eu tinha acabado de botar a carne para secar - gesticulou Oga desolada e furiosa. - Mal tinha virado as costas e lá estava ele. Este bicho tem rondado por aqui desde o princípio do verão e cada dia que passa está mais bravo. Só queria que Zoug acertasse nele! Foi bom que você tivesse aparecido, Ayla, ele estava em tempo de entrar na caverna. Pense só no fedor que ia deixar, se tivesse conseguido meter-se em algum canto lá dentro!

- Acho que ele é ela, Oga, e os filhotes não devem andar muito longe daqui. A esta altura já devem ser uns bichinhoS famintos e bem grandes.

- Só faltava esta! Um bando deles. - Oga falava intercalando os gestos com expressões de raiva. - Zoug e Dorv pegaram Vorn para sair com eles bem cedo esta manhã.

Preferia que, ao invés de trazerem codorna e hamsters para casa, eles pegassem esse carcaju. Esses esganados não servem para nada.

- Para uma coisa servem, Oga. As peles não deixam que seu bafo congele no inverno. Elas dão bons capuzes e gorros para a cabeça.

- Era melhor que esse danado já fosse uma pele.

Ayla tornou a entrar. Não havia nada que pudesse fazer e Iza tinha dito que começavam a faltar algumas coisas em seu estoque de remédios. A garota estava decidida a procurar a toca do carcaju. Sorriu consigo, apressou o passo e pouco depois já estava saindo da caverna com sua cesta e se encaminhando para a floresta, na direção em que o animal desaparecera.

Vasculhando o chão, percebeu a marca de uma pata com garras compridas e afiladas e, um pouco mais adiante, uma planta com o caule vergado. Estava no rastro do animal. Passados alguns segundos, ouviu o som de algo correndo apressado. Era surpreendentemente perto da caverna. Foi avançando, maciamente, quase sem tirar uma folha do lugar e surpreendeu o carcaju e quatro filhotes, já meio crescidos, disputando com muitos rosnados o pedaço da carne roubada. Com cuidado, tirou a funda de dentro da roupa e ajustou uma pedra na saliência da correia.

Esperou, aguardando o momento certo para o tiro. Uma mudança na direção do vento levou seu cheiro até o animal que levantou a cabeça farejando o ar, já alertado para possíveis perigos. Era o momento por que Ayla esperava. Rápida, antes que o bicho tivesse tempo de fazer qualquer movimento, ela arremessou a pedra. O carcaju tombou no chão, enquanto os filhotes pulavam, assustados pelo ricochete da pedra.

Ela saiu de trás do arbusto que a encobria e foi examinar o animal de perto. Parecia um urso. Tinha mais ou menos um metro de comprimento, contando do focinho à ponta de sua cauda cabeluda e era coberto por um pêlo duro, longo, de tom marrom escuro. Os carcajus eram animais necrófagos, ousados e agressivos, bastante ferozes para afugentar outros predadores maiores do que eles, suficientemente audaciosos para roubar as carnes-secas ou qualquer coisa que desse para carregar com os dentes e tão matreiros que eram capazes de se meter nos depósitos de comida do clã. Possuíam glândulas almiscaradas que deixavam atrás de si um odor parecido com o das fuinhas, e para o clã representavam uma praga ainda pior do que as hienas que, embora necrófagas e predadoras, não dependiam das caças dos outros.

A pedra da funda de Ayla pegou justo acima do olho, no ponto e onde mirara. Aí está um carcaju que nunca mais nos vai roubar, disse ela consigo, cheia de satisfação, quase exultando. Era o primeiro animal que podia considerar como sua primeira caça. Acho que vou dar a pele para Oga, pensou, já pegando a faca para retirar a pele do bicho. Ela vai ficar feliz por saber que este nunca mais vai incomodar. De repente, parou.

Mas o que estou fazendo? Impossível dar a pele para Oga. Não posso dá-la para ninguém, e nem mesmo guardá-la comigo. Não sou permitida de caçar. Se alguém descobrir que matei este carcaju, não sei o que poderão fazer. Ayla sentou-se ao lado do animal, com os dedos enfiados por dentro da juba espessa e alta. A alegria desaparecera.

Havia conseguido sua primeira caça, que podia não ser um bisão mortopela ponta de uma pesada lança, mas era bem mais do que o porco-espinho de Vorn. Mas não haveria nenhuma solenidade para ela, comemorado sua entrada nas fileiras dos caçadores, nenhuma festa em sua honra, nem mesmo os olhares elogiosos e as congratulações que Vorn recebeu, quando orgulhosamente exibiu sua insignificante caça. Se fosse para a caverna levando o carcaju, tudo o que poderia esperar seriam olhares escandalizados e um bom castigo. Pouco importava o fato de ela querer ajudar o clã, de ela ter dado provas de ser capaz e de que ali estivesse uma promissora caçadora. Mulheres Não caçavam. Não matavam animais. Só os homens o faziam. Eu sabia, sempre soube durante todo esse tempo, pensou, soltando um suspiro. Já sabia antes de começar a caçar, antes até de ter pegado uma funda. Estava farta de saber que não tinha permissão para fazer tal coisa. Nisso, o mais valente dos filhotes da carcaju morta saiu de seu esconderijo e veio, curioso, farejar o cadáver. Todos esses aí vão nos dar tanto trabalho quanto a mãe disse consigo. Já estão bem crescidos, pelo menos uns dois vão sobreviver. É melhor que eu dê um fim a esta carcaça. Se arrastá-la para longe, talvez os filhos sigam o faro. Ayla se levantou e começou a puxar pelo rabo o corpo para dentro da mata. Isso feito, pôs-se a procurar plantas para colher.

O carcaju foi apenas o primeiro de uma longa série de predadores e necrófagos a tombar com as pedras de sua funda. Martas, furões, minks, lontras, doninhas, arminhos, texugos, raposas e os pequenos felinos de pele malhada com riscas pretas e cinzentas tornaram-se belos alvos de suas fulminantes pedradas. A decisão de apanhar apenas predadores teve, sem que ela o soubesse, consequências da maior importância, pois, com isso, ela apressou seu processo de aprendizagem e pôde muito mais aprimorar sua

técnica do que se tivesse caçando animais herbívoros, sempre bem mais dóceis e fáceis de ser apanhados. Os carnívoros, ao contrário, eram dotados de maior inteligência, astúcia, velocidade, além de ser ainda muito mais perigosos.

Rapidamente superou Vorn na funda, a arma que escolhera para ser a sua. Não se tratava apenas do fato de o rapaz encarar a funda como coisa própria de velho e de não se empenhar muito para chegar a ter um bom domínio da arma; é que a dificuldade de Vorn era muito maior. Faltava-lhe a constituição física de Ayla, cujos braços com maior liberdade de movimentos eram mais adaptados a arremessos. A energia de seus impulsos e o aprimoramento da coordenação motora com a visão acabaram por lhe dar velocidade, força e precisão. Há muito, já deixara de comparar-se a Vorn. Em seu pensamento, agora era Zoug que desafiava e, rapidamente, aproximava-se da mestria do velho caçador, aliás, rapidamente, estava ficando extremamente confiante.

O verão ia chegando ao fim com toda a sua carga de calor e uma super abundância de colheitas castigadas pelas tempestades. Era um dia de extremo calor, insuportavelmente quente. Nem uma leve brisa ventilava a atmosferaparada. A tempestade da noite anterior, com uma fantástica exibição de raios caindo sobre as cristas das montanhas e granizos que eram verdadeiras pedras, havia feito o clã correr para dentro da caverna. A floresta, normalmente fria e enevoadada, estava úmida e abafada. Moscas e mosquitos zuniam sem parar junto ao lamaçal viscoso dos regatos pelo abaixamento do nível das águas e transformados em poças estagnadas e charcos cobertos de algas.

Ayla seguia a pista de uma raposa vermelha. Caminhava silenciosa pela mata, próxima a uma pequena clareira. Tinha calor e suava. Não se mostrava particularmente interessada na raposa e já pensava em desistir e voltar para tomar um banho no riacho perto da caverna. Depois de cruzar um córrego com seu leite pedregoso à mostra, a garota parou para tomar um gole num lugar onde as águas ainda corriam livres entre duas enormes rochas que obrigavam o curso a se desviar para uma poça com água à altura do tornozelo.

Ao erguer-se e olhar para a frente, sua respiração ficou em suspenso. Acocorado sobre a pedra, bem perto dela, estava um lince. Ela, apreensiva, olhava para aquela cabeça de forma única, com suas inconfundíveis orelhas projetando-se com dois tufos de pêlos. O animal, por sua vez, olhava-a desconfiado, batendo o cotoco de rabo de lá para cá.

Menor do que a maioria dos felinos, o Lynce pardinus, de corpo com prido e pernas curtas, tal como os seus primos que surgiram posteriormente em latitudes mais ao norte, eram capazes de saltar distâncias superiores a quatro metros. Alimentava-se principalmente de lebres, coelhos, esquilos de porte grande e outras espécies de roedores. Se quisesse, porém, podia abater pequenos veados, e uma menina de oito anos estava perfeitamente dentro de seu alcance. Contudo, aquele era um dia quente e os humanos não faziam muito o seu gosto. Provavelmente, teria deixado a menina passar, sem opor qualquer resistência.

Enquanto encarava o bicho imóvel, também olhando fixo para ela, a pontada inicial de medo foi-se transformando em alegria e excitação. Zoug não dissera a Vorn que se podia matar um lince com funda? O caçador disse que não se devia pensar em animais grandes, mas falou que uma pedra atirada com funda podia perfeitamente matar hienas, lobos e lince. Lembrou-me bem que ele falou em lince, dizia consigo. Até então ela ainda não tinha caçado nenhum predador de porte médio, mas sua pretensão era a de ser a melhor caçadora com funda do clã. Se Zoug podia matar um lince, ela também podia repetir a mesma façanha, e ali, bem à sua frente, havia um se constituindo num perfeito alvo. Num impulso, resolveu que já era tempo de pegar caças maiores.

Devagar, sem tirar os olhos do animal, meteu a mão dentro da dobra de seu traje de verão, procurando pela maior pedra. As palmas das mãos estavam molhadas de suor. Ayla pegou nas duas extremidades da correia, juntou-as bem apertadas, ao mesmo tempo que punha a pedra na bolsa. Então rápido, antes que perdesse a calma, mirou entre os olhos e atirou. Mas, ao levantar o braço, o lince percebeu-lhe o movimento e mexeu a cabeça no momento preciso em que ela fazia o arremesso. A pedra pegou

raspando a cabeça do animal num dos lados, provocando apenas uma pontada de dor no alvo pretendido.

Antes que tivesse tempo de pegar outra pedra, viu que os músculos do animal se retesavam. Foi por puro reflexo que se atirou para o lado, no momento em que o lince, irritado, saltou para dar o bote. Ela foi aterrar na lama perto do córrego, dando com a mão num pesado galho encharcado de água, que de tão batido pelas enxurradas ficara limpo das folhas e ramos. Agarrou o pau e o ajeitou na mão no instante mesmo em que o lince, com as presas à mostra, saltava novamente. Brandindo o pau às cegas, com toda a força que o medo lhe dava, acertou o golpe em cheio, pondo o animal meio grogue. Es tonteado, o lince deu umas voltas, agachou-se por um momento e sacudiu a cabeça. Em seguida, sem fazer ruído, dirigiu-se para a floresta. Já tinha tido uma boa dose de pancadas na cabeça naquele dia.

Ayla, ofegante, sentou-se tremendo. Quando se levantou para ir buscar a funda era como se seus joelhos fossem de água e ela teve de sentar-se outra vez. Zoug nunca havia imaginado que alguém fosse querer caçar um perigoso animal com uma simples funda, sem nenhum outro caçador ou arma para garantir. Mas a muito que Ayla praticamente acertava todos os seus tiros, e ficara confiante demais, não se dando ao trabalho de pensar no que poderia acontecer, no caso de errar. Estava em tal estado de choque que, enquanto caminhava de volta à caverna, quase se esqueceu de apanhar a cesta de colher no lugar em que a escondera, antes de começar a seguir o rastro da raposa.

- Ayla! O que aconteceu com você? Está toda enlameada! - falou Iza, logo que a viu chegar, notando a palidez mortal do rosto da garota. Alguma coisa deve ter assustado essa menina, pensou a mulher.

Ayla não respondeu. Simplesmente abanou a cabeça e entrou na caverna. Iza sentiu que havia algo que a garota Não lhe queria dizer. Pensou em pressioná-la mas depois mudou de idéia, esperando que Ayla voluntariamente viesse contar. Ela, por seu lado, não estava bem certa se gostaria de saber.

Incomodava-lhe o fato de Ayla sair sozinha, mas alguém tinha de colher suas plantas. Isso era absolutamente necessário. Ela não podia ir. Uba ainda estava muito pequena e nenhuma das outras mulheres sabia o que procurar e nem tinha vontade de aprender. Ela se via forçada a deixar Ayla ir, mas, se a menina viesse contar-lhe algum incidente ruim, iria ainda ficar mais preocupada.

Naquela noite, Ayla mostrou-se submissa e foi para cama cedo, mas não conseguiu dormir. Ficou deitada de olhos abertos, pensando no incidente com o lince e, na imaginação a cena lhe parecia ainda mais assustadora. Só quando já estava para amanhecer é que pôde pegar no sono.

Acordou aos gritos.

- Ayla, Ayla - ouviu Iza chamando e sacudindo seu corpo com brandura para trazê-la de volta à realidade. - O que está acontecendo?

- Sonhei que estava dentro de uma pequena caverna e que um enorme leão queria me pegar. Mas já está tudo bem, Iza.

- Há muito tempo que você não tinha desses sonhos ruins. Por que iriam voltar agora? Alguma coisa hoje botou medo em você?

Ayla respondeu que sim, baixando a cabeça, sem dar outras explicações. A escuridão da caverna iluminada apenas pelo pálido brilho das brasas não deixava ver sua expressão de culpa. Desde que encontrara o aviso enviado por seu totem que nunca mais se sentira culpada por caçar. E agora estava pensando se realmente aquilo havia sido um aviso. Talvez ela pensasse que fosse e não era. Talvez não devesse, de forma alguma, caçar. Sobretudo, animais perigosos. O que deu nela para achar que uma menina poderia caçar lince?

- Nunca gostei da idéia de você sair sozinha, Ayla. Você sempre fica muito tempo fora. Sei que gosta às vezes de sair sozinha, mas isso me preocupa. Não é natural que meninas queiram tanto ficar sozinhas. A floresta pode ser um lugar muito perigoso.

- Você tem razão Iza. A floresta pode ser perigosa -. gesticulou Ayla.

- Talvez da próxima vez eu leve Uba comigo ou então é capaz de Ika gostar de ir.

Iza ficou aliviada, vendo que Ayla parecia levar seus conselhos a sério. Agora, estava sempre por perto da caverna e, quando saía para buscar plantas medicinais, algum tempo depois já estava de volta. E se não arrumasse alguém para acompanhá-la, ficava nervosa. Ayla estava sempre na expectativa de dar com algum animal escondido, pronto para saltar. Começou a compreender por que as mulheres não gostavam de sair sozinhas para colher alimentos e por que a sua ânsia de sair desacompanhada causava tanto espanto. Quando era menor, não tinha consciência dos perigos. A maioria das mulheres, pelo menos uma vez, já se tinha sentido ameaçada, e apenas um ataque foi o suficiente para fazer a garota olhar o meio ambiente que a cercava com mais respeito. Mesmo os animais não predadores podiam ser perigosos. Javalis de afiados caninos, cavalos de cascos duros, veados de galhadas colossais, bodes e carneiros selvagens com suas chifradas mortais, todos, se provocados, eram capazes de fazer sérios estragos. Ayla não sabia como ousara pensar em querer caçar. Estava com medo de fazê-lo novamente.

Não havia ninguém com quem pudesse conversar, ninguém para lhe dizer que um pouco de medo faz aguçar os sentidos, sobretudo quando se está à espreita de caças perigosas, e ninguém para encorajá-la a sair outra vez, antes que o medo acabasse por inibi-la. Os homens compreendiam o medo. não falavam disso, mas todos, diversas vezes em suas vidas, já o haviam conhecido de perto, a começar com a primeira grande caçada que os elevava à condição de homens. Animais pequenos eram apenas para exercícios, para ganhar destreza com as armas, mas o status de adulto só lhes vinha depois de ter conhecido e superado o medo.

Para a mulher, o tempo que passava sozinha, sem contar com a proteção do clã, não deixava igualmente de ser uma prova de coragem, embora mais sutil. Sob certos aspectos, exigia-se até mais coragem para enfrentar aqueles dias e noites, quando ela se via sozinha, sabendo que, acontecesse o que acontecesse, só contava consigo. Desde que nascia, a menina sempre estava rodeada de pessoas protegendo-a. E ela não tinha nem armas para se defender e nem machos bem armados para salvá-la durante seus ritos de

passagem. Tanto meminos como meninas não se transformavam em adultos enquanto não houvessem enfrentado e vencido o medo.

Durante os primeiros dias, Ayla não tinha a menor vontade de afastar-se das redondezas da caverna, mas, depois de algum tempo, começou a ficar irrequieta. No inverno, não havia outra alternativa, era obrigada, como todos os outros, a aceitar o confinamento, mas, fazendo tempo bom, sentia falta de suas caminhadas em liberdade. A ambivalência a atormentava. Se estivesse sozinha na floresta, longe da segurança do clã, ficava inquieta, apreensiva, e se perto, sentia saudade da solidão e do sentimento de liberdade que a floresta lhe dava.

Certa vez em que se achava sozinha, sua coleta de plantas levou-a na direção de seu retiro secreto e ela resolveu subir até a clareira no alto da montanha. O lugar tinha o poder de acalmá-la. Era o seu mundo particular, com sua caverna e seu prado, e até o pequeno rebanho de cabritos monteses que frequentemente pastava por lá, sentia-o como seu. Os bichos haviam ficado tão dóceis que ela quase chegava a tocar neles, antes que, aos pinotes, eles se pusessem fora do alcance. Aquele espaço aberto lhe dava a sensação de segurança que, agora, faltava à floresta, com os animais perigosamente emboscados. Havia passado o verão inteiro sem voltar lá e as lembranças tomaram conta de seu pensamento. Fora naquele lugar que aprendera por ela mesma a usar a funda, onde havia alvejado o porco-espinho e onde encontrara o aviso de seu totem.

A funda estava com ela, não ousava deixá-la na caverna, onde Iza poderia encontrá-la. Depois de algum tempo, catou algumas pedras e deu uns tan tos tiros para exercitar-se. Mas isso havia ficado demasiadamente insípido para prender sua atenção por mais tempo. Seu pensamento voltou para o incidente com o lince.

Se, naquele momento, eu tivesse uma outra pedra, dizia consigo, eu poderia ter acertado nele, logo depois que errei o primeiro tiro. Poderia tê-lo apanhado antes que ele tivesse chance de saltar. Olhou para as duas pedras que tinha na mão. Se houvesse um jeito de atirar uma depois da outra. - . Mas Zoug não falou qualquer coisa assim para Vorn? Ela remexia nas lembranças. Bem,

se falou, deve ter sido quando eu não estava perto. Ficou a considerar a idéia. Se eu não parasse depois do primeiro tiro, talvez pudesse meter uma outra pedra na bolsa durante o movimento de descida e, logo em seguida, voltaria a pegar o impulso para dar o segundo tiro. Será que daria certo?

Pôs-se a fazer algumas tentativas, sentindo-se tão desajeitada como no tempo de seus primeiros arremessos. Depois, começou a desenvolver o ritmo: atirava a primeira pedra, fazendo subir rapidamente a funda quando essa abai xava, já com a outra pedra pronta, metida na bolsa com a arma ainda em movimento e dava o segundo tiro. As pedras estavam sempre caindo e mesmo de pois que conseguiu lançá-las perdera um pouco da pontaria, tanto no primeiro como no segundo tiro. Mas sentiu-se satisfeita, vendo que a coisa era possível. Depois disso, passou a treinar diariamente. Ainda se sentia apreensiva com o fato de caçar, mas a nova técnica representava outro desafio que veio renovar seu interesse pela arma.

Na virada da estação, quando as encostas das montanhas pareciam pegar fogo, sua pontaria era tão boa com duas pedras como antes o havia sido com uma. De pé, no meio do campo, atirando pedras num outro poste que fincara no chão sentia a grata sensação detarefa cumprida, sempre que ouvia o duplo tilintar das duas pedras atingindo o maro. Jamais ninguém lhe dissera que era impossível o metralhar de duas pedras com funda, simplesmente porque nunca a coisa fora feita antes, e já que ninguém lhe tinha contado, ela não podia sabê-lo, por isso o fez.

Num belo dia de final de outono, quase um ano depois de haver tomado sua decisão de caçar, Ayla resolveu subir à clareira para colher as avelãs maduras que se espalhavam pelo chão. Enquanto se aproximava do topo, ouvia o cacarejar e os berros fanhosos de uma hiena. Chegando ao terreno da clareira, deu com o hediondo animal, meio enterrado nas entranhas sangrando de um velho veado.

A cena deixou-a louca de raiva. Como ousava aquele bicho infecto em porcalhar sua clareira, atacar seu veado? Ia começar a correr na direção do animal para espantá-lo, mas pensou melhor.

Também as hienas eram animais predadores, possuíam mandíbulas tão fortes que eram capazes de partir com os dentes os ossos duros da perna de muitos animais de cascos. Além disso, não largavam muito facilmente suas presas. Ela, rápido, retirou a cesta das costas, pegando a funda ali escondida. Enquanto ia na direção de um afloramento perto da pared de pedra, procurava no chão por pedras. O velho veado já estava meio devorado e o movimento dela despertou a atenção do bicho com os seus pelos desgrenhados e sujos de sangue. Era quase do tamanho do lince. O animal levantou a cabeça, farejando o ar, e se virou na direção da garota.

Ayla estava pronta. Depressa, saiu de detrás da rocha e arremessou a pedra, seguida logo de outra. Ela não sabia que a segunda era desnecessária, bastava uma para fazer o serviço. Em todo caso, era sempre bom estar prevenida. Aprendera bem a lição. Já tinha uma terceira pedra ajustada na funda e uma quarta na mão, preparada para outra série de tiros, se fosse necessário. A enor me hiena caiu no lugar mesmo em que se achava, sem fazer qualquer outro movimento. Ayla olhou em derredor, certificando-se de que não havia nenhuma mais por ali. Com cuidado, sempre com a funda na mão, encaminhou-se para o animal. No caminho, pegou a tíbia de uma perna dianteira, ainda com farrapos de carne sangrando colados ao osso. Segurou-a firme e deu uma pancada para arrebentar o crânio da hiena. Aquela ali nunca mais iria levantar.

Olhou o animal morto a seus pés e deixou cair no chão o porrete. A consciência do que havia feito foi chegando aos poucos. Matei uma hiena, disse consigo, ainda sob o impacto do acontecido. Matei uma hiena com a minha funda, não um animalzinho qualquer, mas uma hiena, um animal que me poderia ter matado. Isso não significa que já sou uma caçadora? Uma caçadora de verdade? Não era alegria o que sentia, nem as emoções de uma primeira caçada ou a satisfação por ter vencido um animal ferocíssimo, dotado de grande força. Era qualquer coisa de mais profundo e humilde. Era a consciência de que havia triunfado sobre si mesma. Chegou-lhe como uma revelação espi ri tual, como uma compreensão mística do seu eu mais profundo e, muito comovida, com toda a reverência

devida, dirigiu-se ao espírito de seu totem, expressando-se na velha linguagem formal do clã.

Sou apenas uma menina, Ó Grande Leão da Caverna, e os caminhos dos espíritos são estranhos para mim. Mas acho que agora já compreendo um pouco mais. O lince foi um teste para mim, até mais difícil do que o de Broud. Creb sempre diz que é difícil viver com totens fortes, mas nunca disse que as melhores dádivas que estes nos proporcionam, nós as achamos dentro de nós. Jamais me falou daquilo que sentimos quando finalmente conseguimos compreender. Sou agradecida por me ter escolhido, Grande Leão da Caverna. Espero continuar sempre digna de você.

Foi somente quando a luminosa policromia outonal perdeu seu fulgor, já com as folhas murchas caindo dos galhos à mostra, é que Ayla voltou à floresta. Ela pegava a trilha dos animais que escolhia para caçar, estudando-lhes os hábitos, mas, agora, tratando-os com mais respeito, como seres vivos e também como temíveis adversários. Muitas vezes, avançando de rastos, chegando perto de sua presa e já pronta para atirar, ela se refreava, limitando-se apenas a observar. Passara a ter profundo amor pela vida, percebendo a inutilidade da morte de um animal que não representava ameaça ao clã e cuja pele não poderia usar. Mantinha-se, entretanto, em sua firme decisão de tornar-se no melhor caçador do clã. Ela não sabia que já o era. A única maneira de aperfeiçoar sua técnica seria caçando. E ela o fazia.

Os resultados começaram a se fazer notados, deixando os homens bastante inquietos.

- Encontrei outro carcaju, ou melhor, o que sobrou deste. Não muito longe do campo de treinamento - falou Crug.

- E havia uns pedaços de pele que pareciam ser as de um lobo. Estavam a meio caminho, depois que se começa a subida da colina - informou Goov, por sua vez.

- São sempre comedores de carne e animais ferozes. Nunca totem de mulheres - disse Broud. - Grod acha que devemos falar com o Mog-ur.

- E sempre também de tamanho pequeno ou médio, não gatos grandes. Veados, cavalos, carneiros, cabras, até mesmo javalis

costumam ser apanhados pelas hienas, lobos e onças, mas que coisa é essa que está matando esses comedores de carne? Nunca vi tantos deles mortos - observou Crug.

- Isso é o que eu gostaria de saber. Por que será que estão morrendo? não que eu me importe de ter menos alguns lobos e hienas rondando por aqui, mas é que se não somos nós... Grod, vai falar com o Mog-ur, não é? Vocês acham que pode ser algum espírito? - falou Broud, reprimindo um tremor no corpo.

- E se for um espírito, será um bom espírito que está querendo ajudar-nos ou algum espírito furioso com nossos totens? - perguntou Goov.

- Isso é com você, Goov. Você é quem levantou a questão. Como acólito do Mog-ur, o que você acha? - respondeu Crug, com outra pergunta.

- Acho que a pergunta só pode ser respondida depois de muita meditação e depois de haver uma consulta aos espíritos.

- Você até parece o Mog-ur falando, Goov. Nunca dá uma resposta direta - disse Broud, ironizando.

- Bem, Broud, qual seria a sua resposta? - contrapôs Goov. - Será que consegue dar uma mão direta? O que está matando os animais?

- Não sou o Mog-ur e nem estou sendo educado para tal função. Por isso não me pergunte.

Ayla, que se achava trabalhando nas proximidades, reprimiu um sorriso. Com que então agora virei um espírito, só que não conseguem chegar a uma Conclusão se sou um bom ou mau espírito.

O Mog-ur aproximou-se sem que eles o percebessem. Ele havia acompanhado a discussão.

- Ainda não tenho a resposta, Broud - disse o feiticeiro. - Isso precisa ser meditado. O que posso dizer é que este não é um caminho normal usado pelos espíritos, quando eles desejam comunicar-se.

Espíritos, pôs-se a pensar o Mog-ur, podem tornar o tempo muito quente ou muito frio, mandar nevar ou chover em grande quantidade espantar os rebanhos, enviar doenças e ordenar raios,

trovões ou terremotos, mas normalmente não são responsáveis pela morte de determinados animais. Nesse mistério, deve haver algum dedo humano. Nesse momento, Ayla se levantou e foi para a caverna. O feiticeiro, pensativo, ficou observando-a. Há qualquer coisa diferente nela, está mudada. Reparou que Broud também a acompanhou com os olhos- Era um olhar frustrado, carregado de rancor. Broud também percebe a diferença, pensou Creb. Talvez seja porque Ayla não é genuinamente dos clã e este andar seja pelo fato de estar crescendo. Alguma coisa, entretanto, o incomodava por dentro, fazendo-o sentir que aquela não era bem a resposta.

Ayla havia mudado. Quanto mais se aprimorava como caçadora, mais emanava de sua pessoa um ar de confiança e uma graça imponente, inexistente nas mulheres do clã. A garota tinha o andar silencioso de um experiente caçador, o rígido controle dos músculos de seu jovem corpo, a plena confiança em seus reflexos e uma expressão sagaz nos olhos que inaperceptivelmente se toldavam sempre que Broud vinha importuná-la. Era como se não o estivesse vendo. Obedecia-o prontamente mas não havia medo nela, ainda que o rapaz a cobrisse de pancadas.

Sua serenidade, essa confiança em si mesma eram muito mais intangíveis do que a declarada rebelião de outros tempos, mas, nem por isso, menos percebida por Broud. Era como se ela condescendesse em obedecê-lo, como se soubesse de algo que ele ignorava. Broud a observava, tentando captar algum desvio sutil, alguma coisa por que pudesse castigá-la, mas aquilo lhe escapava.

Ele não podia entender como ela o conseguia, mas o fato era que todas as vezes em que tentava fazer valer sua superioridade, Ayla o fazia sentir-se por baixo e inferior a ela. Isso o deixava frustrado, furioso, e quanto mais ele a perseguia, maior era sua sensação de não poder dominá-la. Odiava-a por isso. Mas, com o tempo, foi aos poucos deixando de importuná-la, inclusive procurando certo distanciamento dela, e fazendo-se lembrar só ocasionalmente para impor suas prerrogativas. Quando o outono terminou, seu ódio por ela fora redobrado. Algum dia iria demoli-la. Faria com que pagasse por todo o mal que causara a seu orgulho de homem. Ah sim, algum dia ela ainda iria arrepender-se.

Capítulo 13

O inverno chegou e com ele o decréscimo de actividades que ligavam o clã a todas as coisas vivas que acompanhavam o ciclo das estações. A vida ainda pulsava, mas em ritmo vagaroso. Pela primeira vez, Ay la se viu esperando com impaciência a entrada do inverno. A actividade intensa e a correria com os trabalhos próprios das outras estações deixavam pouco tempo para que Iza prosseguisse com suas aulas. À chegada das primeiras neves, as lições foram retomadas. O padrão de vida no interior da caverna se repetia com o mínimo de variações e, aos poucos, o inverno foi-se extinguindo novamente.

A primavera chegou atrasada e chuvosa, O degelo nas montanhas, secundado por chuvas torrenciais, encheu o riacho que, em ondas turbulentas, extravasava pelas margens e arrastava, no seu percurso para o mar, árvores e arbustos inteiros. As correntezas bloqueadas desviaram a rota normal das águas e engoliram parte do caminho feito pelo clã ao longo do riacho. Ao final da primavera, uma breve pausa de calor, suficiente apenas para um tímido desabrochar de flores nas árvores frutíferas, foi abortada pelas chuvas de granizo que saquearam os delicados botões das árvores, pondo fim às esperanças de uma boa colheita. Então, como se a natureza, arrependida, quisesse reparar pela perda dos frutos negados, as primeiras safras do verão foram fartas e generosas em verduras, raízes, abóboras e legumes.

O clã achava-se saudosos de suas idas na primavera à orla marítima, e foi com grande alegria que viram Brun anunciar que estavam de saída para a pesca do esturjão e do bacalhau. Apesar de eles estarem frequentemente fazendo o percurso de 16 quilômetros até o mar para pegar moluscos e ovos da infinidade de pássaros que se aninhava nos penhascos, a pescaria dos peixes grandes era das poucas actividades que exigia o esforço conjunto de homens e mulheres.

Droog tinha razões especiais para querer ir. As pesadas enxurradas da primavera haviam arrastado os nódulos de pedras dos depósitos de greda nas ele vações do terreno, levando-os para as partes planas alagadas, onde ficaram encalhados. Ele já havia feito uma inspeção antes e vira diversos depósitos de aluvino. A pescaria lhe daria boa oportunidade para se reabastecer de novas ferramentas, feitas com pedra de altíssima qualidade. Era mais fácil britar a rocha no local do que transportar os pesados blocos para a caverna. Já fazia algum tempo que Droog não abastecia o clã, e as pessoas tinham de se arranjar com instrumentos grosseiros pois os bons de que gostavam eram feitos com pedras frágeis que se partiam facilmente. Todos eram capazes de fabricar ferramentas, mas poucas destas podiam ser comparadas com as feitas por Droog.

Havia um alegre clima de feriado, enquanto se faziam os preparativos. Não era sempre que o clã inteiro largava de uma só vez a caverna, e a novidade de poder acampar na praia era algo de extremamente excitante, sobretudo para as crianças. Brun havia estabelecido que um ou dois homens diariamente viriam à caverna certificar-se de que nada na ausência deles saíra do lugar. Até Creb esperava ansioso pela mudança de cenário. Raramente os seus passeios o levavam para longe da caverna.

As mulheres trabalhavam na rede, reforçando os fios que estavam enfraquecidos e fazendo uma parte nova onde utilizavam cordas feitas de fibras de trepadeiras e de cascas de árvores, gramíneas resistentes e compridas crinas de animal para dar elasticidade ao tecido. Embora fosse material firme e resistente, nervos e tendões aqui não eram usados. Tal como o couro, depois de molhados, ficavam duros e tesos, além de que também não absorviam a gordura usada para amaciar a trama.

O esturjão, um maciço peixe, atingindo muitas vezes três metros e meio de comprimento e pesando cerca de uma tonelada, emigrava do mar, onde passava a maior parte do ano, para as águas frescas dos rios e canais, quando desovava no princípio do verão. Os tentáculos carnosos, sob as laterais de sua boca desdentada, davam a esse velho peixe, parecido ao tubarão, uma aparência assustadora, embora sua alimentação consistisse de invertebrados e pequenos

peixes, apanhados nas profundidades dos oceanos. O bacalhau, um peixe de menor tamanho, em geral nunca pesando mais de 12 quilos, mas, em casos extremos, chegando a mais de 90, fazia sua migração sazonal no verão para águas de menor profundidade. Normalmente, ia buscar seus alimentos no fundo dos mares. Contudo, costumava, às vezes, nadar perto da superfície e nos canais de águas limpas, quando emigravam ou estavam à busca de comida.

Durante os 14 dias de verão em que os esturjões faziam sua desova, as desembocaduras dos rios e canais estavam sempre cheias. Apesar de que os peixes que escolhessem os cursos d'água menores nunca chegassem a ter o tamanho dos esturjões gigantes que subiam pelos grandes rios, aqueles que iam cair nas malhas da rede do clã já eram bastante pesados na hora de trazê-los para a praia. Quando começava a se aproximar o tempo de migrações, Brun enviava todos os dias alguém até a costa. O primeiro dos esturjões brancos havia justamente acabado de aflorar nas águas do rio, quando ele anunciou a próxima excursão. Partiram na manhã seguinte.

Ayla acordou excitada. Já antes de fazer a primeira refeição tinha sua pele de dormir enrolada, a comida e os utensílios de cozinha embalados dentro de sua cesta de colher e, por cima de tudo, um grande pano de couro que seria usado para armar uma espécie de barraca. Iza nunca saía da caverna sem sua sacola de medicamentos e ainda a arrumava, quando Ayla foi para fora, querendo ver se já estavam todos prontos para partir.

- Depressa - disse Ayla correndo de volta, incentivando Iza a andar rápido.

- Calma, menina. O mar não vai desaparecer - respondeu Iza, depois de puxar o cordão e amarrar, apertada, a sacola.

Ayla botou sua cesta às costas e pegou Uba. Iza seguiu atrás, mas, antes de sair, ainda se virou para dar uma última olhada, tentando lembrar-se se não se esquecera de nada. Todas as vezes que ia a algum lugar, sentia como se tivesse esquecido de alguma coisa. Bom, se for importante, Ayla pode vir aqui, pensou. O clã já estava quase todo do lado de fora e pouco depois que Iza tomou

seu lugar, Brun deu o sinal de partida. Mal se tinham posto em caminho, Uba começou a contorcer-se querendo descer.

- Uba não é bebê! Quer andar também - gesticulou, tocada nos seus brios de criança. Com três anos e meio, Uba começava a imitar os adultos e as crianças mais velhas, já rejeitando os mimos dispensados aos bebês. Estava crescendo. Dentro de quatro anos, provavelmente, seria mulher, tinha, por tanto, muito o que aprender num curtíssimo período, e, através de um processo interno de sua maturação já começava a preparar-se para outras responsabilidades com que muito brevemente teria de arcar.

- Está bem, Uba - disse Ayla, pondo-a no chão. - Mas, fique perto de mim.

Seguiam pelo lado da montanha que margeava o riacho - desviado de seu rumo - ao longo do novo caminho que já se formara, próximo ao ponto onde as águas foram bloqueadas em seu curso. Era uma caminhada fácil e, antes do entardecer, já tinham chegado a um trecho da praia. A volta iria exigir-lhes maiores esforços. Usando pedaços de madeira e paus lançados à praia pelas ondas, armaram as cabanas, provisoriamente, num sítio fora do alcance da maré cheia. As fogueiras começaram a ser acesas e a rede mais uma vez foi vistoriada. Começariam a pescaria na manhã seguinte. Depois de estarem acampados, Ayla se dirigiu ao mar.

- Vou até a água, mãe - disse ela.

- Por que essa sua mania de ir para água, Ayla? É perigoso e você sempre vai muito lá para fora.

- É delicioso, Iza. Vou ter cuidado.

Isso acontecia sempre. Todas as vezes que Ayla ia nadar, Iza se preocupava. Ayla era a única no clã que gostava de nadar e também a única que podia fazê-lo. Para as pessoas dos clãs, com seu pesado arcabouço ósseo, nadar era difícil. Não boiavam com facilidade e tinham pavor de entrar em lugares onde não dava pé. Iam na água para apanhar peixes, mas não gostavam de passar além do nível da altura do peito. Sentiam-se intranquilos. O gosto de Ayla pela água era visto como mais uma de suas peculiaridades. Havia outras.

Aos nove anos, Ayla estava mais alta do que qualquer mulher e já do tamanho de alguns dos homens, contudo não mostrava ainda

qualquer sinal de estar-se aproximando da fase adulta. Iza, às vezes, perguntava-Se se ela algum dia iria parar de crescer. Sua altura e o atraso na menstruaçãO eram motivos de especulação em certos meios, já se aventando, inclusive, a possibilidade de que o forte totem dela não iria deixá-la sangrar. Muitos achavam que talvez ela fosse passar pela vida como um tipo neutro, nem homem nem totalmente mulher.

Creb aproximou-se de Iza, enquanto ela observava Ayla caminhando na direção do mar. O corpo rijo e magro, uma musculatura flexível, sem relevos na pele e as pernas longas e lépidas faziam dela uma figura desajeitada e deselegante, mas seus movimentos ágeis desmentiam a aparente falta de graça e jeito. Embora tentasse imitar a postura subserviente das mulheres do clã, faltava-lhe as pernas curtas e tortas. Por mais que tentasse andar com passos miúdos, suas pernas compridas a levavam longe, em passadas quase masculinas.

Mas não eram apenas as pernas longas que a tornavam diferente. Ayla irradiava uma confiança em si que jamais alguma mulher dos clãs possuiu. É que era uma caçadora. Nenhum homem podia comparar-se a ela em sua arma, e agora ela já sabia disso. não podia fingir submissão a uma maior superioridade masculina que não sentia. Carecia do compromisso de uma fé cega que se constituía num dos atrativos das mulheres dos clãs. Aos olhos dos homens - com seu corpo alto e liso, desprovido de todo atributo feminino e uma atitude inconsciente de segurança, diminuindo ainda mais sua já duvidosa beleza - Ayla, além de feia, não era feminina.

- Creb - gesticulou Iza.

- Aba e Aga dizem que ela nunca vai ficar mulher. Acham que o totem de Ayla é forte demais.

- Claro que ela vai ficar mulher, Iza. Por acaso você acha que os Outros não têm filhos? Só por ter sido aceite no clã, isso não muda sua natureza. Provavelmente, é normal nas mulheres da raça dela amadurecerem mais tarde. Até mesmo algumas meninas dos clãs só se tornam mulheres depois dos 10 anos. Você não acha que as pessoas deveriam dar pelo menos esse prazo a ela antes de

começar a imaginar anormalidades dessa ordem? Isso é ridículo! - falou ele, bufando e aborrecido.

Iza ficou mais tranquila, mas mesmo assim preferia que sua filha adotiva já estivesse dando os primeiros sinais de feminilidade. Ela via Ayla caminhar do com a água pela cintura e depois começando a bater os pés, dirigindo-se com braçadas seguras para fora.

Ayla adorava boiar na água salgada e adorava também a sensação de liberdade que o mar lhe dava. não se lembrava de como aprendera a nadar, parecia que era uma coisa que sempre soube fazer. O banco de areia sob a água, após uns tantos metros, caía de repente, mas a cor mais escura e a temperatura mais fria da água lhe davam a indicação desse ponto. Virou-se de costas e pôs-se a boiar preguiçosamente, embalada pelo movimento das ondas. Depois, cuspiendo um bocado de água que lhe bateu no rosto, virou o corpo, voltando para a praia. A maré estava baixando e ela fora arrastada para a desembocadura do riacho. A força das diferentes correntes a obrigava a nadar com mais energia. Com esforço, alcançou o lugar em que dava pé e caminhou de volta à praia. Antes, lavou-se na água doce do rio, sentindo a correnteza puxá-la pelas pernas e a areia do fundo escorregando-lhe sob os pés. Cansada mas refrescada, deixou-se cair perto da fogueira do lado de fora da barraca.

Depois de todos alimentados, Ayla, numa expressão sonhadora, olhava a distância, pensando no que poderia haver para além das águas. Acima da arrebentação, os pássaros, grasnando e gritando, revoavam em roda, ou fazendo vertiginosos mergulhos. As carcaças descoloridas daquilo que uma vez se constituiu em viçosas árvores quebravam, com os seus contornos retorcidos, a uniformidade da praia, enquanto a vastidão azul-acinzentada cintilava sob os raios do entardecer. A cena lhe deixava um sentimento vago e irreal de algo de outro mundo. Aos poucos, o madeirame contorcido foi-se transformando em grotescas silhuetas, para por fim desaparecer na escuridão da noite sem lua.

Iza levou Uba para dentro da barraca e depois veio sentar-se perto de Ayla e Creb, junto da fogueira botando volutas de fumaça

no céu estrelado.

- O que elas são, Creb? - perguntou Ayla, com voz calma, apontando para o alto.

- Fogueiras no céu. Cada uma é a casa do espírito de alguém no outro mundo.

- Existe tanta gente assim?

- São as fogueiras de todos aqueles que foram para o mundo dos espíritos e de todos os que ainda não nasceram. São as fogueiras também dos espíritos, mas a maioria dos totens possui mais de uma. Vê aquelas ali? - disse Creb, apontando. - É a casa do Grande Ursus. E aquelas lá? - Apontou em outra direção. - É a casa de seu totem, Ayla. O Leão da Caverna.

- Gostaria de dormir do lado de fora para ficar olhando as fogueiras no céu - disse Ayla.

- Mas não é uma boa coisa, quando está ventando e a neve caindo - interpôs Iza.

- Uba gosta também das fogueiras pequeninas - gesticulava a menina, aparecendo junto deles, no círculo de luz feito pela fogueira.

- Pensei que estivesse dormindo, Uba - falou Creb.

- Não Uba quer também ficar olhando para as pequeninas fogueiras. Igual Creb e Ayla.

- Chegou o momento de todos irem dormir - gesticulou Iza. - Amanhã vai ser um dia cheio.

Bem cedo no dia seguinte, o clã estendeu a rede através do canal. Bexigas nadatórias guardadas de outras pescarias de esturjão, cuidadosamente lavadas e secas até se tornarem resistentes balões de gelatina, serviam de bóias para a rede, e pedras amarradas no centro funcionavam como pesos. Brun e Droog pegaram uma das extremidades e foram para a margem oposta. Em seguida, ao sinal do chefe, adultos e crianças começaram a entrar na água. Uba os seguiu.

- Não Uba - gesticulou Iza. - Você fica. Ainda não tem idade para isso.

- Mas Ona está ajudando disse, implorando.

- Só que Ona é mais velha. Depois, você ajuda quando tivermos trazido os peixes. Por enquanto é muito perigoso para você. Até Creb ficou na praia. Fique aqui.

- Sim, mãe - respondeu a menina, visivelmente desapontada.

Vagarosamente, de modo a agitar o menos possível a água, eles foram andando, abrindo-se em leque, até formar um semicírculo. Depois pararam, esperando que a areia levantada com os movimentos voltasse a assentar. Ayla tinha os pés separados, firmando o corpo contra a forte correnteza que ondeava ao redor de suas pernas e, com os olhos presos em Brun, aguardava o sinal. Estava no meio do canal, equidistante das duas margens e no ponto mais próximo do mar. "Viu quando uma mancha escura passou deslizando a uma pequena distância dela. Os esturjões vinham a caminho. Brun levantou o braço. As respirações estavam todas suspensas. Súbito, ele o abaixou e o clã se pôs a gritar e a bater na água fazendo salpicá-la espumosamente. O que parecia ser um caos desordenado de barulhos e levantar de espumas logo se mostrou com propósito definido. O clã ia fechando o círculo e, simultaneamente, arreba nhando os peixes para a rede. Da outra margem, saíram Brun e Droog segurando uma das pontas da rede, enquanto a barafunda armada na água impedia os peixes de voltarem ao mar. A rede ia fechando e se juntando cada vez num menor espaço, com uma massa prateada de peixes lutando desesperadamente. Alguns tentavam fazer pressão sobre as malhas, ameaçando passar pelos buracos, mas um número de mãos cada vez maior de pessoas ia segurando na rede empurrando-a para a margem, onde estavam também outras puxando, todas empenhadas na luta para encalhar na praia dezenas de peixes contorcendo-se convulsivamente.

Ayla levantou os olhos e viu Uba enterrada até os joelhos em meio aos peixes saltitantes, tentando alcançá-la do outro lado da rede.

- Uba! Afaste-se! - disse a garota por sinais.

- Ayla, Ayla! - gritou a menina, apontando para o mar. - Veja! Ona!

Ayla se virou e pôde ainda ver de relance uma cabeça negra sendo levantada pelas águas e depois desaparecer. A menina, um ano e pouco mais velha do que Uba, havia perdido o pé e estava sendo arrastada para o mar. Na confusão de puxar a rede, ela fora esquecida. Apenas Uba, da praia, cheia de admiração por sua companheira de brincadeiras, percebeu a situação de apuro em que Ona se achava e tentava desesperadamente chamar a atenção dos outros.

Ayla mergulhou de volta nas águas turvas e revolvidas do riacho. Nunca nadara tão depressa na vida. A correnteza puxando para o mar ajudava-a, mas ao mesmo tempo arrastava com a mesma força a menina na direção do lugar onde o banco de areia desaparecia repentinamente. Ayla viu-lhe mais uma vez a cabeça despontando na superfície e redobrou o esforço. Estava-se aproximando, mas tinha medo de que não desse tempo. Se Ona chegasse no ponto onde havia o desnivelamento do fundo das águas, antes que ela pudesse alcançá-la, a ressaca ali a enviaria para o alto-mar.

A água já começava a ficar salgada. Ayla podia sentir seu gosto. A cabecinha preta mais uma vez levantou-se a uns poucos metros e depois tornou a sumir de vista. Numa arremetida desesperada, Ayla mergulhou para agarrar a cabeça desaparecendo, sentindo que a temperatura da água esfriara. Percebeu então os cabelos flutuando da menina e os apertou firmemente na mão.

Ayla tinha a impressão de que seus pulmões iam estourar - não tivera tempo de pegar fôlego para dar o mergulho - e quando conseguiu chegar à superfície, trazendo sua preciosa carga, estava meio tonta. A menina achava-se inconsciente, mas ela deu um jeito para que a cabeça de Ona ficasse por cima da água. Ayla nunca experimentara nadar carregando outra pessoa, mas tinha de levar Ona à praia o quanto antes, mantendo sempre sua cabeça na superfície. Com um dos braços, Ayla apertou a menina contra o corpo, enquanto com o outro acertou a batida para nadar.

Quando chegou num ponto em que dava pé, viu que o clã inteiro se me tera na água para esperá-la. Ela suspendeu o corpo de Ona, desfalecida, e o entregou a Droog, só então percebendo o

quanto estava exausta. Creb achava-se a seu lado e com surpresa viu que do outro se encontrava Brun, ajudando-a a chegar à praia. Droog ia à frente e quando ela, por fim, caiu na areia, Iza já havia espichado sobre a areia o corpinho de Ona e bombeava a água de seus pulmões.

Não era a primeira vez que alguém do clã esteve em tempo de morrer afogado. Iza sabia, portanto, o que fazer. E houve também aqueles que ficaram para sempre perdidos nas geladas profundezas das águas, só que, desta vez, o mar saíra logrado, ficando sem sua vítima. Ona começou a tossir e a balbuciar, enquanto a água lhe fluía da boca. As pálpebras tremeram.

- Minha filha! Minha filhinha! - gritou Aga, atirando-se ao chão. Inteiramente desvairada, segurou-a. - Pensei que estivesse morta. Estava certa de que tivesse ido embora. Oh, meu bebê, minha única filhinha!

Droog tirou Ona do colo da mãe e a segurou bem junto a seu corpo, levando-a para o acampamento. Contrariando os costumes, Aga seguia a seu lado, acariciando a filha que pensava ter perdido.

Quando Ayla se levantou e caminhou, as pessoas a olhavam, admiradas, apontando em sua direção. Jamais alguém arrastado pelas águas havia sido, até então, salvo. Era um milagre Ona estar viva. E nunca mais também um membro do clã de Brun olharia para Ayla zombeteiramente, quando ela se deixasse levar por alguma de suas idiosincrasias. É a sorte dela., diziam. Ela sempre nos trouxe sorte. não foi ela quem encontrou a caverna?

Os peixes continuavam ainda contorcendo-se espasmodicamente na margem. Alguns deram jeito de voltar às águas do canal, quando o clã, percebendo o que estava acontecendo, largou tudo para ir ao encontro de Ayla e Ona semimorta. A maioria, entretanto, continuava emaranhada na rede. O clã voltou ao serviço de puxá-los para a praia e, em seguida, matá-los com pauladas para que as mulheres pudessem começar a limpá-los.

- Uma fêmea! - gritou Ebra, depois de abrir a barriga de um belo espécime de esturjão. Todos correram para o enorme peixe.

- Veja só isto! - gesticulou Vorn estendendo a mão, querendo pegar um punhado das ovinhas negras. Caviar fresco era sempre uma festa. Quando aparecia a primeira fêmea, cada um corria para agarrar uma boa porção das ovas e depois ir saboreá-las sozinho. As outras encontradas seriam salgadas e postas em conserva para usos futuros, mas nunca eram tão gostosas quando na hora, saindo frescas do mar. Ebra barrou o garoto e fez sinal para Ayla.

Esta olhou em derredor, embaraçada por se ver como centro das atenções.

- Sim, Ayla, você pega primeiro - gesticulou Ebra.

Ayla levantou os olhos para Brun. Ele fez que sim com a cabeça. Timi damente, ela deu uns passos à frente e pegou um punhado do caviar reluzindo em seu negrume. Depois, endireitou o corpo e deu uma provada. Ebra fez, então, um gesto e cada um foi buscar sua porção, ficando, ali, felizes, ao redor do peixe. Havia sido poupados de uma tragédia e o alívio que sentiam dava um clima de festa à ocasião.

Devagar, Ayla se encaminhou para sua cabana. Sabia que fora homena geada e, com pequenas mordidas, ia saboreando o rico caviar e a boa sensação de se ver aceita. Um sentimento de que ela para sempre iria lembrar-se.

Depois de ter trazido à terra e matado os peixes, os homens se puseram de lá para mais uma de suas inevitáveis reuniões de bate-papo, deixando a limpeza e o trabalho de conserva para as mulheres. Além das afiadas facas de pedra para abrir os peixes e cortar em filé a carne dos maiores, elas dispunham de um instrumento especial para o serviço de escamação. Era uma faca cega para poder ser empunhada com mais facilidade e com um entalhe na ponta, onde se colocava o indicador, de modo a controlar a pressão e permitir raspar as escamas sem danificar a pele do peixe.

Além de esturjões, a rede do clã colheu bacalhaus, carpas, algumas belas trutas e mesmo uma certa quantidade de crustáceos vinha como parte do arrastão. Os pássaros, atraídos pelo cheiro dos peixes, rondavam por perto, esperando regalar-se com as entranhas e, se possível, roubar alguns filés. Depois de os pescados serem

postos para secar ao ar livre ou sobre a fumaça das fogueiras, a rede era esticada por cima destas. Com isso, não só ela secava, como punha à mostra os pontos onde precisava de consertos. Além, ainda, de impedir os pássaros de roubarem aquilo que havia sido duramente ganho.

Antes de o tempo da pescaria terminar, já estariam fartos do gosto e do cheiro de peixe, mas a primeira noite era sempre um acontecimento bem-vindo que festejavam juntos. Os peixes reservados à comemoração - sobre tudo bacalhaus de cuja carne branca e delicada particularmente gostavam de comer ainda fresca - eram arrumados em ninhos de ervas e depois de enrolados em grandes folhas verdes, eram postos sobre as brasas. Embora nada fosse explicitamente dito, Ayla sabia que a festa daquela noite era em sua honra. Via-se como destinatária dos melhores pedaços e partes das carnes que as mulheres lhe ofereciam insistentes, e um filé inteiro lhe tinha sido preparado com especiais cuidados por Aga.

O sol já desaparecera e as pessoas se dispersaram, cada qual buscando sua barraca. Iza e Aba conversavam perto da grande fogueira com as brasas extinguindo-se sob as cinzas, enquanto Ayla e Aga, sentadas em silêncio, observavam Ona e Uba brincarem. Groob, o filho de um ano de Aga, dormia em paz nos seus braços, satisfeito com o leite generoso da mãe.

- Ayla - começou Aga a dizer, hesitando. - Queria que você soubesse uma coisa. Nem sempre tenho sido boa com você.

- Aga, que bobagem, você sempre se mostrou atenciosa comigo - interrompeu Ayla.

- Isso não é a mesma coisa que boa - disse Aga. - Já falei com Droog você sabe, ele passou a gostar muito de minha filha, apesar de ela ter nascido quando eu estava com o meu primeiro companheiro. Droog nunca tinha tido na fogueira dele uma menina. Ele diz que agora você irá carregar para sempre uma parte do espírito de Ona. Não entendo a maneira de os espíritos agirem, mas Droog diz que, quando um caçador salva a vida de outro, ele fica com um pedaço do espírito do homem que salvou. Os dois ficam algo assim como germanos, como se fossem irmãos. Fico feliz por você compartilhar do espírito de Ona, Ayla. Estou contente de ela

estar aqui e dividir uma parte do seu espírito com você. Se eu tiver bastante sorte para ter outro filho e se nascer menina, Droog prometeu que daria a ela o seu nome.

Ayla estava espantada. Não sabia o que responder.

- Aga, isso é uma grande honra. Mas Ayla não é nome de pessoas dos clãs. - Daqui por diante, ficará sendo. - Ela se levantou, fez sinal para Ona e já ia sair, quando se voltou para dizer: - Já estou indo embora.

Os gestos expressando a frase eram os que mais se aproximavam do sentido de "até logo". Quase nunca eram usados. As pessoas simplesmente saíam sem nada dizer. A língua igualmente não possuía nenhum termo para expressar "obrigado". Entendiam o que fosse a gratidão, mas com diferente conotação geralmente no sentido do dever que alguém de status inferior tinha para com um outro de posição social mais elevada. Ajudavam-se uns aos outros, porque este era o modo de viver, uma obrigação de todos, necessária à sobrevivência e nenhum agradecimento era esperado ou devido. Favores especiais e recompensas comportavam o ônus da obrigação de retribuir algo de igual valor. Isso estava implícito e nenhum agradecimento se fazia necessário. Enquanto Ona vivesse, ela ou a mãe - até que a filha se tornasse maior - estaria em dívida com Ayla, a não ser que surgisse alguma ocasião, quando uma ou outra pudesse retribuir com um favor igual, de modo a guardar, por sua vez, uma parte do espírito de Ayla. O oferecimento de Aga não tinha, pois, o sentido de retribuição significava ainda mais do que isso e era a sua maneira de dizer obrigado.

Aba se levantou para sair pouco depois de a filha ter ido.

- Iza sempre diz que você traz sorte - gesticulou a velha ao passar por Ayla. - Agora, eu acredito.

Ayla veio sentar-se junto de Iza, depois de Aba ter ido embora.

- Iza, Aga me disse que vou carregar para sempre comigo uma parte do espírito de Ona, mas a única coisa que fiz foi trazê-la para a praia. E se ela respirou outra vez foi por sua causa. Você salvou a vida dela tanto quanto eu. Você também não carrega uma parte do espírito de Ona? Você deve carregar um pouco dos espíritos de todas as pessoas que já salvou, não é assim?

- Por que você acha que uma curandeira tem um status que ninguém mais tem? É justamente porque ela carrega uma parte dos espíritos de todas as pessoas de seu clã. Dos homens e das mulheres. E através do clã dela, de todos os outros clã. É a curandeira quem ajuda a botar as pessoas no mundo e quem cuida delas pela vida afora. Quando uma mulher se torna curandeira, recebe uma parte do espírito de cada um, mesmo daqueles cuja vida ainda não salvou, porque nunca se sabe quando isto vai acontecer.

“Quando uma pessoa morre - prosseguiu Iza - passando para o mundo dos espíritos, a curandeira perde uma parte de seu espírito. Há gente que acredita que isto obriga a curandeira a botar mais empenho no seu trabalho, mas, seja como for, a maioria de nós procura sempre fazer o melhor que pode. Nem toda mulher pode ser curandeira e nem toda filha de curandeira também pode. Precisa haver uma coisa dentro da pessoa que faz com que ela queira ajudar os outros. Você tem isso, Ayla. Foi por essa razão que eu quis treiná-la. Percebi quando você quis ajudar o coelho... foi pouco depois de Uba nascer. E agora quando você foi atrás de Ona, a única coisa em que pensou foi em salvar a vida dela, sem se importar com o perigo que você mesma estava correndo. As curandeiras de minha linha são as que possuem status mais alto. Quando for curandeira, Ayla, você será da minha linha.

- Mas não sou sua filha de verdade, Iza. Você é apenas a única mãe que me lembro de ter tido. Mas não nasci de você. Como vou poder ser de sua linha? não tenho as suas memórias. Nem sei direito o que quer dizer essa coisa de memórias.

- As curandeiras de minha linha possuem o mais alto status, porque sempre foram as melhores. Minha mãe, a mãe de minha mãe e todas as outras de quem me posso lembrar sempre foram as melhores. Cada uma foi passando para a outra o que já sabiam e o que iam aprendendo. Você pertence aos clãs, Ayla. É a minha filha treinada por mim. Você saberá tudo o que eu conseguir ensiná-la. Talvez, não tudo que eu saiba, mas nem mesmo eu sei o quanto de conhecimentos tenho em minha cabeça. Mas essa quantidade que você tiver já basta, porque existe uma coisa a mais. É o dom que

você tem, Ayla. Acho que você também deve vir de uma linha de curandeiras. Algum dia você também será muito boa.

“Você não tem as memórias, mas possui uma maneira de pensar e de compreender o que está fazendo os outros sofrerem. Quando se sabe o que está machucando uma pessoa, é possível ajudá-la, e sempre se encontra um meio de saber como ajudar. Nunca lhe ensinei botar neve no braço de Brun quando Oga o queimou. Talvez eu tivesse feito a mesma coisa, mas não fui eu quem lhe disse isso. É o dom que você tem, o seu talento, o que talvez valha tanto quanto as memórias... talvez, até mais. É isso que é importante. Você pertencerá à minha linha, porque será uma boa curandeira. Será digna do status que terá. Será uma das melhores.

O clã entrou numa rotina regular. Pescavam só uma vez por dia, mas já era o bastante para manter as mulheres ocupadas até o entardecer. Nada pior tornou a acontecer. Ona, no entanto, não voltou mais a ajudar no trabalho de atrair os peixes para a rede. Droog achou que ela ainda estava muito pequena, que podia esperar pelo ano seguinte. Mais para o fim do período das desovas, a quantidade de peixes diminuiu, deixando algum tempo livre para as mulheres no fim da tarde. Já havia mais do que o suficiente. Ainda ia levar algum tempo para que as carnes dos peixes secassem e, cada dia que passava, as fileiras de engradados na praia ficavam maiores.

Droog havia esquadrinhado as terras inundadas pelo riacho, buscando os nódulos de pedras arrastados das montanhas e conseguira arranjar uma certa quantidade que levou para o acampamento na praia. Durante muitas tardes, ele podia ser visto britando pedras. Certa vez, antes de estar programada a volta, Ayla viu quando Droog carregava uma trouxa da barraca para um tronco nas imediações, que ele usava como mesa de trabalho. A garota gostava de observá-lo e seguiu-o. Sentou-se de cabeça baixa na sua frente, esperando.

- Esta menina gostaria de ficar observando, se o ferramenteiro não se importar - gesticulou, depois de Droog tomar conhecimento de sua presença.

Ele grunhiu qualquer coisa, enquanto assentia com a cabeça.

A garota arrumou um lugar no tronco para acomodar-se e ficou ali em silêncio, apenas vendo.

A menina já o havia observado antes. Droog sabia que Ayla tinha realmente interesse por seu trabalho e que não atrapalhava sua concentração. Quem dera que Vom mostrasse o mesmo interesse, pensou consigo. Nenhum dos jovens do clã tinha realmente talento para aquele tipo de artesanato, e Droog, como todo bom profissional gostava de participar com alguém de seus conhecimentos e passá-los adiante.

Talvez Groob venha interessar-se, pensou ele. Estava feliz por sua com panheira ter tido um filho logo após Ona ter sido desmamada. Nunca havia tido uma fogueira tão cheia, mas não se arrependia de ter assumido Aga e as duas crianças. Inclusive a velha. Não era de todo mal ter Aba por perto. Ela sempre o atendia, quando Aga estava ocupada com o bebê.

Aga não tinha a mesma compreensão que a mãe de Goov e, no começo, ele teve algum trabalho para botá-la em seu lugar. Mas Aga era jovem, tinha saúde e produziu um filho, um garoto no qual Droog depositava grandes esperanças, pensando torná-lo ainda um bom ferramenteiro. Droog aprendera a cortar pedra com o companheiro de sua mãe e compreendia, agora, o prazer que deve ter dado ao velho, quando, ainda menino, mostrou vontade de aperfeiçoar-se naquela arte.

Ayla, desde que viera para o clã, frequentemente ficava observando-o e ele já vira algumas ferramentas feitas por ela. Possuía mãos jeitosas e boa técnica. As mulheres tinham direito de fazer instrumentos, desde que não fossem usados como armas ou para fabricá-las. Não valia muito a pena ensinar uma menina, ela nunca seria perita, no verdadeiro sentido da palavra. Mas, em todo caso, Ayla levava certo jeito, fazia algumas ferramentas úteis e era melhor ter uma aprendiz mulher do que nenhum. Droog já lhe dera antes algumas explicações sobre a técnica.

O artesão abriu a trouxa, estendendo o lençol de couro que embrulhava os seus instrumentos de trabalho. Olhou para Ayla, resolvendo que ela poderia ter naquele dia algum conhecimento sobre pedras. Pegou uma peça que pusera fora na véspera. Através

de longos anos de tentativas e erros, os antepassados de Droog o haviam ensinado que uma pedra dá bons instrumentos quando ela possui uma combinação certa de determinadas propriedades.

Ayla o observava com viva atenção, enquanto ele ia explicando. Em primeiro lugar, a pedra precisava ser suficientemente dura, de modo a servir para cortar, raspar e rasgar, tanto matéria vegetal como animal. Muitos dos sílcios da família dos quartzos possuíam a dureza necessária, mas o sílex tinha uma qualidade que a maioria dos outros - e também uma quantidade de pedras compostas de minérios mais moles - não tinha. O sílex era frágil e se quebrava com a pressão ou se se chocasse contra alguma coisa. Ayla deu um salto para trás assustada, quando Droog, para demonstrar, bateu a pedra jaçada contra uma outra, quebrando-a em dois pedaços e pondo à mostra o interior de diferente natureza, num tom cinza-escuro.

Droog não sabia direito como explicar a terceira propriedade. Era um conhecimento que estava profundamente entranhado nele e que fora adquirido ao longo de anos de trabalho. A propriedade que tornava possível seu tipo de artesanato estava na maneira de a pedra partir, cuja diferença era dada pela homogeneidade do sílex.

A maioria dos minerais se partia ao longo das superfícies planas, em linha paralela às estruturas dos cristais, o que significava que fraturavam sempre em determinadas direções. O sílex, por essa razão, não podia ser modelado para casos específicos. Ao se descobrir isso, o melhor era usar a obsidiana, uma lava vulcânica preta, de aspecto vítreo, embora menos resistente do que outros minerais. Por não ter uma estrutura cristalina bem definida, a obsidiana podia ser quebrada facilmente, de forma homogênea na direção pretendida...

A estrutura cristalina do sílex, apesar de bem definida, era tão ínfima que praticamente se podia considerá-la também como homogênea. Tudo dependia da habilidade daquele que a modelava e para isso não faltava talento a Droog. não obstante, os instrumentos de sílex tinham dureza suficiente para cortar grossos panos de couro, plantas extremamente fibrosas e, por ou tro lado, eram bastante moles para se fazer neles um fio tão afiado quanto o de um caco de vidro. Para demonstrar, Droog apanhou um pedaço de pedra

com defeito e lhe fez um fio. Ayla não precisou tocar para saber que estava afiadíssimo. Muitas vezes, ela própria já usara facas tão amoladas quanto aquela.

Ele atirou fora a peça quebrada e estendeu sobre o colo o lençol de couro. Naquele instante, pensava nos anos de prática que tinha levado para aprimorar os conhecimentos recebidos de seus ancestrais. A ciência de um bom cortador de pedras deve começar pela seleção. Era preciso prática para distinguir as mínimas variações de cor na parte exterior da greda, aquilo que indicava o teor de qualidade e de cristalização do sílex. Levava-se tempo para aprender que os nódulos das pedras de um determinado lugar podiam ser melhores, mais novos e menos sujeitos a ter no seu interior corpos estranhos do que a mesma pedra, tirada de uma localidade diferente. Talvez ele algum dia ainda tivesse um aprendiz de verdade que possuísse gosto para apreciar esses detalhes de maior sutileza.

Ayla achava que Droog houvesse esquecido dela, enquanto arranjava seus instrumentos e examinava com atenção as pedras. Depois, sentou-se em si lêncio, de olhos fechados, segurando o amuleto. Ela chegou a surpreender-se, quando ele voltou a falar por meio de gestos mudos.

- Os instrumentos que vou fabricar são muito importantes. Brun resolveu que faremos uma caçada de mamute. No outono, depois que as folhas ti verem caído, faremos uma viagem longa, em direção ao norte para encontrar as manadas de mamute. Vamos precisar de muita sorte nesta caçada. Os espíritos precisam estar do nosso lado. Vou fazer facas que serão usadas como ar mas e também ferramentas para serem utilizadas só na fabricação das armas da caçada. O Mog-ur usará uma poderosa mágica para dar sorte à caçada, mas primeiro as armas têm de ser feitas. Se elas ficarem boas, já é bom sinal.

Ayla não tinha certeza se Droog falava com ela ou se estava apenas expondo certos fatos, de modo a ter tudo bem claro em sua mente antes de começar o trabalho. Isso lembrou-a de que deveria ficar muito quieta, sem fazer nada que pudesse perturbar Droog, enquanto trabalhasse. Já estava quase achando que ele a mandaria

embora, agora que ela sabia da importância dos instrumentos que seriam fabricados.

O que Ayla ignorava era que, desde a ocasião em que ela mostrara a Brun a caverna, Droog acreditava que a garota dava sorte e o fato de salvar Ona veio reforçar mais ainda tal convicção. Ele via a estranha menina como um tipo de pedra rara ou como um daqueles dentes que as pessoas recebem de seus totens e põem dentro dos amuletos para trazer sorte. Ele não tinha muita certeza se ela própria seria alguém de sorte, sabia apenas que Ayla dava sorte. E agora, o pedido para observá-lo justamente nesta ocasião, ele considerava como algo de extremamente promissor. Droog viu com o canto dos olhos que ela também pegara no seu amuleto, no momento em que ele apanhou o primeiro nódulo. Apesar de não saber precisar direito o seu pensamento sentia que a menina estava chamando a sorte de seu poderoso totem para assisti-lo em seu trabalho e a agradecia por isso.

Droog achava-se sentado no chão, com um pano de couro estendido sobre o colo e segurando um nódulo de sílex com a mão esquerda. Ele pegou uma pedra de forma ovalada e a remexeu na mão até encontrar o jeito certo de segurá-la. Por muito tempo, havia procurado por um martelo de pedra que tivesse exatamente o toque e a resistência daquele e fazia anos que já o possuía. Suas inúmeras ranhuras atestavam o muito que já fora usado. Com o martelo, Droog foi quebrando a parte exterior cinza da greda, deixando exposta a camada mais escura do sílex. Parou para examinar a qualidade do nódulo. A cristalização e a cor eram boas, também não havia jaças. Começou, então, a delinear a forma básica de uma machadinha. As lascas grossas que iam saindo tinham gumes afiados e muitas seriam aproveitadas como instrumentos de corte, do jeito mesmo como saíam. A extremidade de cada lasca fazia, no ponto onde o martelo acercava o nódulo, uma forma abaulada que se estreitava com um corte transversal na outra extremidade e marcando a parte interna do sílex com uma cicatriz áspera e funda.

Droog botou de lado o martelo de pedra e pegou um instrumento de osso. Mirando com cuidado, ele batia no centro do sílex, bem junto da beirada aguçada e áspera. O martelo de isso,

bastante delicado e maleável, tirava lascas mais finas, não tão abauladas e com as beiradas mais retas, além ainda de não encrespar tanto a pedra nos gumes finos e afiados.

Em poucos minutos, Droog estava com o novo instrumento pronto. Tinha uns 12 centímetros, com uma extremidade pontuda, gumes retos e cortantes, e era trabalhado em corte transversal, relativamente fino e com faces lisas, só um pouco marchetadas nos pontos de onde haviam saído as lascas. Um instrumento para ser empunhado e usado no corte de madeiras, tal como um machado ou como uma enxó para escavar gamelas em troncos, podendo ainda ser utilizado para cortar marfim de mamutes, partir ossos e tudo quanto fosse uso que se pudesse dar a um instrumento afiado e bom para martelar.

Era uma antiquíssima ferramenta. Machadinhas semelhantes àquela vinham sendo produzidas já há séculos pelos ancestrais de Droog. Uma forma das mais simples, das primeiras a ser imaginadas, e que continuava sempre útil. Ele revirava a pilha de lascas, separando aquelas com gumes largos e retos. Poderiam ser usadas como cutelos para destrinchar animais e cortar peças de couro duro. A machadinha fora apenas um exercício inicial de aquecimento. A atenção de Droog dirigia-se agora para outro nódulo de sílex, um que fora selecionado por sua cristalização particularmente boa. Este merecia uma técnica mais elaborada e difícil.

O ferramenteiro estava mais à vontade, não tão nervoso e pronto a enfrentar o próximo trabalho. Ele pôs entre as pernas um osso de pé de elefante para usar como bigorna. Sobre a parte plana deste, ele assentou o nódulo de pedra, segurando-o firmemente. Em seguida, pegou o martelo de pedra. Desta vez, enquanto lascava a parte externa da greda, ele, com muita atenção, ia modelando a pedra de modo a dar ao núcleo remanescente do sílex uma forma toscamente ovalada e chata. Depois, virando uma das bandas e trocando para o martelo de osso, desbastou o topo, trabalhando na direção da beirada para o centro, fazendo toda a volta. Quando terminou, a pedra tinha um segundo oval esculpido sobre a base do primeiro.

Droog, então, parou por um instante. Envolveu o amuleto na mão, ficando de olhos fechados. Sorte e destreza eram necessárias aos decisivos passos seguintes. Espichou os braços, flexionou os dedos e pegou o martelo de osso. Ayla tinha a respiração suspensa. Ele queria remover uma pequena lâmina de uma das extremidades do topo ovalado e chato, de modo a deixar um dente com superfície perpendicular à lasca que ele queria remover. Uma plataforma de talhamento era necessária para isso, a fim de que a lasca saísse sem falhas e com os gumes afiados. Observou as duas extremidades da superfície oval, escolheu a que usaria, mirou bem e vibrou um golpe certo, respirando aliviado ao ver desprender-se a pequena lâmina. Droog segurou firme o núcleo em forma de disco sobre a bigorna e, avaliando com precisão a distância e o ponto de impacto, usou o martelo de osso para golpear o pequeno dente ali feito. Saiu do núcleo uma lasca perfeita. Tinha uma longa forma oval, bordos afiados, com uma das faces um tanto achatada e a outra, lisa, bulbóide; era ligeiramente mais grossa na extremidade martelada, afinando-se em direção à extremidade oposta.

Droog tornou a olhar o núcleo, girou-o e dele extraiu mais uma pequena lâmina para formar uma plataforma, voltada para a extremidade da plataforma de talhamento anterior, e em seguida removeu uma segunda lasca pré-formada. Em poucos minutos, Droog havia talhado seis lascas e jogara fora o que sobrara do núcleo do sílex. Todas tinham uma forma oval alongada com tendência a estreitar-se na extremidade mais fina até tornar-se uma ponta. Examinou as lascas cuidadosamente e as dispôs em fila, prontas para receber o acabamento final que faria delas as ferramentas pretendidas. De uma pedra, quase do mesmo tamanho que aquela usada para fazer uma única machadinha, ele conseguira com a nova técnica, seis instrumentos de corte, podendo variar seu formato para atender às finalidades mais diversas.

Com um pequeno instrumento de pedra redondo, ligeiramente achatado, Droog cortou, num dos lados, o gume afiado da primeira lasca, não só para definir as pontas, mas sobretudo para tirar-lhe o fio, de modo a - um cabo que não cortasse a pessoa que fosse segurá-la. Era um acabamento, não para afiar o já fino e bem

amolado gume; ao contrário, visava cegar a lasca, para que a peça pudesse ser manuseada com segurança. Ele fez uma avaliação crítica do trabalho, aparou algumas lasquínhas mais e, satisfeito, botou a faca de lado para pegar outra das lascas. Pelo mesmo processo, - uma segunda faca.

A lasca seguinte escolhida por Droog era a maior e aquela provinda da parte mais próxima ao núcleo de forma ovalada. Um dos gumes era quase reto. Firmando a lasca contra a bigorna e fazendo pressão com um pequeno osso, Droog foi extraindo diversos pedacinhos da borda da lâmina, deixando nela uma série de incisões na forma de V. Cegou o lado oposto ao dentado, deu uma olhada final ao seu minisserrote, meneou a cabeça em sinal de aprovação e o botou também de lado.

Usando a mesma peça de osso, Droog retocou todo o lado cego de uma lasca menor e mais arredondada, a que deu uma forma acentuadamente convexa. Era um instrumento forte, quase cego para não quebrar facilmente com a pressão feita na raspagem de madeiras ou cantos, além de não danificar também as peles. Em outra lasca, ele fez uma profunda incisão em forma de V, no lado do fio. Esta seria especialmente útil para moldar pontas de lanças de madeira. Por fim, na última lasca - que apresentava uma ponta aguda na extremidade fina, mas com os bordos um tanto cegos e ondulados - apenas tirou-lhe todo o corte e lhe deixou a ponta. O instrumento poderia ser utilizado como soveia para furar couros ou como verruma; nesse caso, para fazer furos em madeira ou osso. Todos os instrumentos de Droog eram fabricados de modo a ser empunhados com segurança.

O artesão deu mais uma olhada na direção das ferramentas que acabara de fazer e, depois, fez um sinal a Ayla, que observava atentamente, mal ousando respirar. Ele lhe deu o raspador e uma das largas lascas afiadas que sobraram da fabricação da machadinha.

- Você pode ficar com essas. Elas podem ter alguma utilidade, se você vier conosco na caçada do mamute - gesticulou Droog.

Os olhos de Ayla brilharam. Ela pegou as ferramentas, como se fossem os presentes mais preciosos desse mundo. E eram. Será que

vou ser escolhida para ir com os caçadores nessa caçada?, perguntou-se, sonhando. Ayla ainda não era mulher e, em geral, somente mulheres e crianças ainda mamando acompanhavam os caçadores. Mas Ayla tinha o tamanho de uma mulher feita e já fora em algumas pequenas caçadas no verão passado. Talvez eles me escolham, tomara que isso aconteça, disse consigo.

- Esta menina vai guardar as ferramentas até a caçada do mamute. Se ela for escolhida para acompanhar os caçadores, irá então usá-las pela primeira vez no mamute que matarão - falou Ayla.

Droog fez um grunhido e, depois, sacudiu os pedacinhos e escamas de pedra que ficaram agarrados no couro que lhe cobria o colo. Sobre este, dispôs o martelo de pedra e o de osso, a bigorna de pé de elefante, o osso e todas as ferramentas de pedra que usava para burilar. Enrolou o couro e o amarrou apertado com uma corda. Finalmente, reuniu os novos instrumentos e encaminhou-se para a cabana que dividia com as pessoas que habitavam sua fogueira. Por aquele dia chegava, embora a tarde ainda estivesse pelo meio. Em pouco tempo, produzira ferramentas de excelente qualidade e seria melhor não tentar muito a sorte.

- Iza, iza! Olhe o que Droog me deu. E ele até me deixou ficar observando, enquanto trabalhava - disse Ayla correndo na direção da curandeira, carregando numa das mãos as ferramentas e com a outra fazendo os gestos que Creb empregava para poder exprimir-se com um braço só. - Ele disse que os caçadores vão caçar um mamute no outono, por isso está fabricando as ferramentas que servem para fazer as armas especiais que vão ser usadas nessa caçada. Você acha que vou ser escolhida para ir com eles?

- Talvez, Ayla. Mas não sei por que você está tão excitada. Isso só significa muito trabalho. É uma quantidade de gordura que se tem de botar para derreter e quase toda a carne é aproveitada e posta para secar. E você não faz idéia do quanto de gordura e carne existe num mamute. Você vai ter de andar uma distância enorme e na volta carregar todas essas coisas.

- Oh, não me importo com o trabalho. Nunca vi um mamute, a não ser de longe, uma vez que estava no alto do morro. Eu tenho

vontade de ir. Oh, Iza, tomara que eu vá.

- Os mamutes nunca andam muito para o sul. Eles gostam de frio. O verão aqui é quente demais e, no inverno, não podem pastar porque há muita neve. Mas há muito tempo que não como uma boa e suculenta carne de mamute. Não existe nada melhor. Além disso, a gordura serve para ser usada em muitas coisas.

- Você acha que vão me levar, mãe? - gesticulou Ayla, animada.

- Brun não me falou de seus planos. Eu nem sabia que eles estavam indo. Você sabe mais do que eu, Ayla - disse Iza. - Mas se Droog falou é porque deve existir alguma possibilidade. Acho que ele está agradecido por você não ter deixado Ona morrer afogada, e a notícia e as ferramentas que lhe deu são uma maneira de dizer isso. Droog é ótima pessoa. Você tem sorte, Ayla. Ele acha que você merece seus presentes.

- Vou guardar as ferramentas até a caçada. Eu disse a ele que só iria usá-las nessa ocasião.- Boa idéia, e você disse a coisa que devia.

Capítulo 14

A caçada do mamute planejada para o princípio do outono, quando os colossais animais de pele lanosa emigravam para o sul, mantinha o clã inteiro excitado. Todo mundo que fosse forte e robusto seria incluído na expedição ao norte, no extremo da península, próximo ao ponto em que esta se ligava ao continente. Durante o tempo em que estivessem fora, estariam excluídas todas as actividades correlacionadas com caças que não fossem o trabalho de esquartejar o animal e lhe preparar a carne e a gordura para serem trazidas à caverna. Não havia a menor segurança de que, chegando ao local, fossem encontrar mamutes e, no caso de achar, de que eles fossem ser bem-sucedidos. Apenas o fato de que, se tivessem sucesso, contariam com um gigantesco animal que lhes daria uma quantidade de carne suficiente para sustentá-los por meses e uma bela provisão de gordura, tão essencial à existência, fazia com que considerassem vantajosa a idéia.

No princípio do verão, os caçadores conseguiram uma provisão de caças muito maior do que a usual, de modo que havia carne suficiente para alimentar o clã por todo o inverno, isto é, se fossem parcimoniosos. não poderiam dar-se o luxo de uma caçada de mamute, se não estivessem bem abastecidos para a próxima estação de frio. No entanto, a reunião de clãs se realizaria dentro de dois anos e, naquele verão, praticamente não se caçava. Estariam viajando durante toda a estação. Primeiro, para a caverna do clã hospedeiro, onde se daria o importante acontecimento, lá permanecendo por algum tempo, participando do grande festival e, depois, a viagem de volta. A longa história desses encontros lembrou Brun de que ele devia botar por antecipação o clã armazenando os alimentos e fazendo os suprimentos que os manteriam no inverno seguinte à reunião. Foi essa a razão que o levou a decidir favoravelmente sobre a caçada do mamute. Um bom estoque para o próximo inverno, somado a uma bem-sucedida caçada os poriam na dianteira. Carne- seca, legumes, frutas e

cereais, quando estocados de forma correta, poderiam facilmente aguentar dois anos.

O clima de excitação não era apenas pela caçada, havia também pairando no ar o sentimento latente, quase palpável, do medo ao sobrenatural. O sucesso da caçada dependia muito do fator sorte, e sinais de bom ou mau agouro eram vistos nas ocorrências mais banais. Todos se mostravam extremamente cuidadosos em seus atos e, sobretudo, sérios em relação a tudo que dizia respeito, ainda que muito remotamente, aos espíritos. Ninguém queria ser responsável pelo azar provocado por algum espírito zangado. As mulheres chegavam ainda a ser mais cuidadosas do que os homens. Se uma comida queimasse, isso era certamente sinal de mau agouro.

Cada fase do planejamento era acompanhada por cerimônias religiosas, com os homens em ardorosas súplicas para conquistar as boas graças das forças invisíveis que os rodeavam, e o Mog-ur andava ocupadíssimo, decifrando a sorte e fazendo poderosos feitiços. Tudo que saísse bem era tomado como bom sinal, e qualquer obstáculo com que se deparassem era motivo para preocupação. O clã inteiro estava com os nervos à flor da pele, e Brun, desde a sua decisão, podia-se dizer que nunca mais tivera uma boa noite de sono, chegando algumas vezes quase a desejar jamais ter pensado nessa caçada.

Brun convocou uma reunião dos homens para discutir quem iria e quem ficaria. A proteção da caverna era outra importante questão a resolver.

- Estive pensando na idéia de deixar aqui um dos caçadores - começou o chefe a dizer. - Ficaremos fora pelo menos durante todo um ciclo da lua, talvez até dois. Isso é muito tempo para deixar a caverna desprotegida.

Os caçadores evitavam olhar para ele. Ninguém queria ser excluído da caçada. Todos tinham receio de dar de encontro com o olhar do chefe e, com isso, ser a pessoa escolhida para ficar.

- Brun, você vai precisar de todos os seus caçadores - gesticulou Zoug. Minhas pernas podem já não ser bastante rápidas para caçar um mamute, mas meus braços ainda têm força para

empunhar uma lança. A funda não é a única arma que posso usar. A visão de Dorv está falhando, mas seus músculos não estão fracos e ele ainda não está cego. Só para proteger a caverna, a maça e a lança dele ainda servem. Enquanto nossa fogueira estiver ardendo, nenhum animal vai chegar muito perto. Você não precisa preocupar-se com a caverna. Nós podemos guardá-la perfeitamente. Você já tem muito em que pensar só com a caçada do mamute. A decisão é claro, não pode ser minha, mas acho que você deveria levar todos os caçadores.

- Concordo, Brun - acrescentou Dorv, inclinando-se para a frente e apertando um pouco os olhos. - Zoug e eu podemos proteger a caverna, enquanto vocês estiverem fora.

Brun olhou primeiro para Zoug e depois para Dorv e, em seguida, para Zoug novamente. Ele não queria deixar nenhum dos caçadores. não gostaria que nada pusesse em risco o sucesso da caçada.

- Você tem razão Zoug - gesticulou Brun, por fim. - O fato de você e Dorv não poderem caçar mamutes não significa que não tenham força bastante para proteger a caverna. O clã tem sorte de que os dois sejam ainda homens muito capazes e eu também tenho sorte, Zoug, que o segundo em comando do chefe que me antecedeu ainda esteja conosco para que eu aproveite de seus bons conselhos. - Não fazia mal que de vez em quando o velho sentisse que ainda era útil e apreciado.

A tensão foi relaxada. Ninguém seria deixado de fora. Sentiam pena de Zoug e Dorv que não poderiam compartilhar com eles da grande honra, mas, ao mesmo tempo, agradecidos aos dois velhos por ficarem guardando a caverna. Estava subentendido que o Mogur também não iria na excursão. Ele não era caçador, mas Brun certa vez já vira o velho aleijado brandindo com força seu pesado bordão para defender-se e, mentalmente, acrescentou o feiticeiro na lista dos guardiães da caverna. Sem dúvida, os três podiam fazer tão bem o serviço quanto um único caçador.

- Bem, agora sobre as mulheres. - Quais levaremos conosco? - perguntou Brun. - Ebra irá - acrescentou logo em seguida.

- Ika também - falou Grod. - Ela é forte, tem prática e não há crianças pequenas para cuidar.

- É, Ika é uma boa escolha - aprovou Brun. - E quanto a Oba - perguntou, olhando para Goov.

O acólito concordou com a cabeça.

- Que tal Oga? - indagou, por sua vez, Broud. - Brac já anda e, daqui a pouco tempo, estará desmamado. Ele não vai tomar muito o tempo dela.

Brun pensou por um momento.

- Não vejo por que não. As outras mulheres podem olhar o garoto, e Oga é boa de serviço. Nós podemos usá-la.

Broud mostrava-se feliz. Ele gostava de saber que o chefe tinha sua com panheira em boa conta. Isso era um elogio à educação que ele dava à mulher.

- Algumas mulheres têm de ficar para cuidar das crianças - gesticulou Brun. - Que tal Aga e Ika? Groob e Igra ainda são muito pequenos para fazer uma viagem tão longe.

- Aba e Iza podem ficar cuidando deles - opinou Crug. - Igra não dá muito trabalho para Uka.

A maioria dos homens queria ter as companheiras por perto, nas caçadas que se prolongavam por muito tempo; assim, não precisavam depender da companheira dos outros para servi-los.

- Sobre Ika, eu não sei dizer - comentou Droog. - Mas quanto a Aga, acho que ela gostaria de ficar desta vez. Ela tem três crianças e mesmo que leve Groob, eu sei que Ona vai sentir sua falta. Mas Vorn gostaria de vir conosco.

- Acho que Ága e Ika devem ficar - resolveu Brun. - E Vom também. Ele não vai ter nada para fazer. Ainda não tem idade para caçar e, por outro lado, não vai querer ajudar as mulheres, principalmente sem a mãe por perto para ralhar com ele. Ainda haverá outras caçadas de mamute para Vorn.

O Mog-ur, que até então se tinha conservado calado, achou que chegara sua vez de falar.

- Iza está muito fraca para ir. Além disso, precisa ficar para cuidar de Uba, mas não há razão para Ayla não ir.

- Ela nem mulher ainda é - interpôs Broud. - E depois os espíritos podem não gostar de uma estranha nos acompanhando.

- Ela é forte e maior do que qualquer mulher - contrapôs Droog. - E também é boa para trabalhar, jeitosa com as mãos e os espíritos estão do lado dela. E a caverna? E Ona?

Acho que ela traz sorte para nós.

- Droog tem razão Ayla é rápida no serviço e tem tanta força quanto qualquer mulher. Ela não tem criança para se preocupar e já possui uma certa prática como curandeira. Isso pode nos ser útil. Se bem que, se Iza estivesse mais forte, eu iria preferi-la. Mas Ayla vem conosco - gesticulou Brun, dando a questão por encerrada.

Quando soube que também iria, Ayla ficou tão excitada que não conseguia parar quieta. Enchia Iza de perguntas sobre o que deveria ou não levar, e nos últimos dias antes de marcarem a data da partida, por diversas vezes fez e refez sua cesta.

- Você não precisa levar muita coisa, Ayla. Se a caçada sair bem, você vai ter muito mais peso para carregar na volta. Mas tenho aqui uma coisa para você que eu acho que vai gostar de levar. Acabei de fazer.

Lágrimas de alegria subiram aos olhos de Ayla, quando viu Iza estendendo a mão para lhe entregar uma sacola. Era feita com a pele inteira de uma lontra curtida com os seus pelos e na qual haviam sido deixados intatos os pés, o rabo e a cabeça. Iza tinha pedido a Zoug para arranjar-lhe uma e ela a havia mantido escondida na fogueira de Droog, inclusive na ignorância de Aga e Aba.

- Iza, uma sacola de medicamentos só para mim! - exclamou Ayla, abraçando-a.

Imediatamente, sentou-se para arrumar em fila todos os pequenos saquinhos e embrulhos, tal como vira Iza fazer muitas vezes. Ela abria cada um, cheirava seu conteúdo e voltava a amarrá-lo com o mesmo tipo de nó que tinha antes.

Era difícil diferenciar as muitas qualidades de ervas e raízes secas só pelo cheiro, por isso aquelas particularmente perigosas vinham, em geral, misturadas com uma erva inócua, mas de cheiro bem forte, a fim de evitar acidentes por distração. O verdadeiro

sistema de classificação se fazia através do tipo de cordão ou tira de couro que amarrava os pequenos sacos, e por uma intrincada combinação de nós. Certas classes de medicamentos eram amarradas com cordas feitas de crina de cavalo, outras com as de bisão, ou então cordões tecidos com pêlos de diferentes cores e texturas. Havia também os que eram amarrados com nervos, cordas vegetais e tiras de couro. Fazia parte da memorização dos usos de uma determinada planta saber reconhecer o tipo de cordão e o sistema de nós empregado na amarração do saco ou embrulho que a guardava.

Ayla meteu os saquinhos na sacola grande e a amarrou na sua cintura, pondo-se a admirá-la. Depois, tirou-a e a botou ao lado de sua cesta de colher, junto com as sacas que seriam usadas para trazer a carne do mamute. Estava tudo pronto. O único problema preocupando era o que fazer com a funda. Ela não tinha por que levá-la e, por outro lado, deixando-a, estaria correndo o risco de Iza ou Creb encontrá-la. Pensou em esconder na floresta, mas, ficando exposta ao tempo, poderia estragar-se ou ser apanhada por algum animal. Por fim, resolveu levá-la, bem escondida numa dobra da roupa.

Na data da partida, o clã se levantou com o dia ainda escuro e se pôs em marcha quando o céu começava a clarear, mostrando as cores das folhas nas árvores. Mas já passando o morro a leste da caverna, os clarões do sol nascendo tingiam de vermelho o horizonte, pondo um forte brilho dourado no feno crescido da extensa planície embaixo. O grupo alcançou as estepes ainda com o sol baixo no céu. Brun ia a passos largos, quase tão rapidamente como quando saía só com homens. As cargas das mulheres estavam leves, mas ainda desacostumadas com os rigores da jornada, elas tinham de apressar seus passos para poder acompanhar o ritmo da marcha.

Caminhavam do nascer ao pôr-do-sol, cobrindo uma distância muito maior do que aquela que faziam quando todo o clã estava à procura da caverna. Não cozinhavam, afora ferver água para chá e, com isso, não se exigia muito das mulheres. Nenhum animal foi abatido durante o caminho. Ingeriam uma comida preparada para a

viagem, a mesma que os homens costumavam levar em suas caçadas: um pequeno bolo feito de carne-seca (moída como uma farinha grossa) misturada com gordura derretida e frutas secas. Era uma comida altamente concentrada, mais do que suficiente para suprir suas necessidades alimentícias.

Fazia frio nos campos abertos e desprotegidos dos ventos, e mais frio foi ficando, à medida que caminhavam rumo ao norte. Contudo, pouco de pois de terem saído pela manhã, começavam a tirar algumas camadas de suas vestimentas. A marcha logo os esquentava, e só quando paravam, para pequenos descansos, sentiam a temperatura fria. Os músculos doloridos dos primeiros dias, sobretudo os das mulheres, deixaram de incomodar após elas acertarem o passo e educarem as pernas, segundo o ritmo da viagem.

O terreno da parte norte da península era bastante acidentado. Vastos platôs subitamente desapareciam em íngremes despenhadeiros ou iam limitar-se com penhascos quase perpendiculares, formados pelos retumbantes cataclismos na violenta terra dos primeiros tempos, sacudindo sua amarração calcária. Estreitas gargantas eram paredões rochosos de superfícies dentadas: alguns, morrendo no ponto de convergência dos penhascos e outros, dando em áreas cheias de pedregulhos saídos dos pontudos blocos de pedra no chão, que se haviam partido das muralhas nos arredores. De vez em quando, surgia um curso d'água, variando desde os riachos pequeninos e sazonais até os rios de águas caudalosas. Somente perto destes, quebrando a monotonia das estepes, cresciam alguns pinheiros retorcidos pelos ventos e uns tantos lanços e abetos, sufocados pelos salgueiros e vidoeiros que mais pareciam arbustos. Nos raros exemplos de gargantas que iam dar em vales férteis de águas, abrigados das constantes ventanias e supridos com bastante umidade, é que as coníferas e as velhas árvores de pequenas folhagens se aproximavam de suas verdadeiras dimensões.

A jornada transcorria rotineiramente calma. Por 10 dias haviam continuado com passo rápido e firme, quando então Brun começou a despachar seus homens para explorar as redondezas, e o grupo, por

alguns dias, passou a progredir mais lentamente em sua marcha. Eles estavam próximos do istmo da península. Se tivessem de encontrar mamutes, dentro de pouco tempo já deveriam começar a vê-los.

Pararam junto a um pequeno rio. Brun tinha enviado Broud e Goov no princípio da tarde, e o chefe, um pouco afastado dos outros, olhava na direção em que os dois haviam partido. Teria de decidir se acampariam ali, ao lado do rio, ou se seguiriam avante, só parando quando fosse hora de dormir. As sombras da tarde já começavam a estender-se e, se os dois rapazes não voltassem logo, a decisão seria tomada por ele. Com os olhos estreitados, encarava diretamente o vento cortante que açoitava sua longa capa de couro, enroscando-a entre suas pernas e achatando no rosto a barba forte e cerrada.

Pensou ver muito a distância um movimento e, enquanto esperava, as figuras dos dois homens correndo foram aparecendo mais distintamente. Sentiu uma pontada de emoção. Talvez fosse só intuição ou talvez o sentimento de estar bem afinado com a maneira de as pessoas de seu clã se locomoverem. Eles também viram sua figura solitária e se apressaram ainda mais na corrida, agitando os braços. Brun já sabia o que lhe diziam.

- Mamute, mamute! - gritavam enquanto corriam na direção do grupo.

Todos se amontoaram em torno dos dois rapazes exultantes de alegria.

- Uma imensa manada, seguindo para leste - gesticulou Broud, excitado.

- A que distância? - perguntou Brun.

Goov apontou o braço reto para cima e depois fez com ele um meio arco. A umas poucas horas era o que o gesto queria dizer.

- Mostrem o caminho - gesticulou Brun, fazendo depois sinal para que os outros o seguissem.

Ainda havia algumas horas de dia claro e eles poderiam aproveitá-las para aproximar-se mais.

O sol já descia no horizonte, quando viram a distância uma mancha indistinta em movimento. É uma manada das grandes,

pensou Brun, ordenando, então alto. Tinham de arranjar-se com a água que trouxeram da última parada; estava muito escuro para procurar por algum córrego ou riacho. No dia seguinte, arrumariam um lugar melhor para acampar. O mais importante é que os mamutes foram encontrados. Agora a coisa era com os caçadores.

Depois que o grupo se mudou para o novo acampamento junto de um riacho delimitado por uma dupla fileira de arbustos de tamanhos diversos ao longo das duas margens, Brun pegou os caçadores e foram examinar de perto as possibilidades. Um mamute não era nenhum bisão ou animal que caísse com pedras de boleadeiras. Para sua caça, tinha-se de imaginar outras táticas. Brun e seus homens foram fazer uma inspeção nas gargantas e desfiladeiros existentes na área. O chefe procurava por um certo tipo especial de formação uma garganta com uma só saída, tendo o outro extremo obstruído por rochas do mesmo tipo das que formavam as paredes laterais e não muito distante da manada que se locomovia vagarosamente.

Cedo, na manhã do dia seguinte, Oga, nervosa, sentou-se de cabeça baixa na frente de Brun, enquanto Ovrá e Ayla esperavam, ansiosas, atrás dela.

- O que você quer, Oga? - perguntou Brun, dando-lhe um tapinha no ombro.

- Esta mulher quer fazer um pedido - começou ela, hesitando.

- E qual?

- Esta mulher nunca viu um mamute. Nem Ovrá, nem Ayla também. Nosso chefe permitiria que nos aproximássemos um pouco para ver melhor os bichos?

- E Ebra e Ika também querem ver os mamutes?

- Antes que viéssemos aqui pedir, elas falaram que já viram muitos mamutes em suas vidas e que não tinham vontade de ir - respondeu Oga.

- Elas são mulheres de juízo. Mas, enfim, as duas já viram muitos mamutes antes. Bom, como estamos a favor do vento, se vocês não perturbarem os animais e não chegarem muito perto e não andarem em volta deles...

- Nós na vamos chegar muito perto - prometeu Oga.

- É, acho que não vão mesmo. Depois que botarem os olhos neles não vão querer chegar muito perto. Bem, podem ir - decidiu Brun.

Não fazia mal que as mulheres dessem um passeio, pensou ele. Por enquanto não há muito o que fazer e vão estar muito ocupadas dentro em pouco... se os espíritos nos ajudarem.

As três ficaram excitadas com a perspectiva da aventura. Foi Ayla quem tinha conseguido convencer Oga a pedir, embora todas tivessem conversado longamente sobre o assunto. A viagem fez com que ficassem mais íntimas, dando-lhes oportunidade para se conhecerem melhor. Ogra que, por natureza, era uma moça tranquila e reservada, havia sempre considerado Ayla como fazendo parte do grupo das crianças e não procurava sua companhia. Oga, por sua vez, não encorajava maiores aproximações, sabendo como Broud se sentia em relação a Ayla e, para concluir, nem Oga nem Ogra achavam que tinham muita coisa em comum com a estranha garota. Elas eram mulheres, vivendo com seus companheiros, adultas e donas das fogueiras de seus homens. Ayla não passava de uma criança e não tinha as mesmas responsabilidades delas.

Foi somente naquele verão, quando Ayla assumiu a condição de quase-adulta e que começou a ser levada nas excursões de caça, é que as mulheres passaram a considerá-la como alguma coisa mais do que criança e, sobretudo, na caçada agora do mamute. Ayla era mais alta do que qualquer mulher, o que lhe dava uma aparência adulta e, sob muitos aspectos, era tratada como mulher pelos caçadores. Principalmente Droog e Crug estavam sempre utilizando os seus serviços. Suas companheiras haviam ficado na caverna e Ayla era sozinha, desse modo os seus pedidos eram dirigidos diretamente a ela, sem precisar da permissão de um outro homem, o que, embora informalmente, costumava-se fazer. Com o interesse comum da caçada, uma relação de maior camaradagem começou a formar-se entre as três. Até então foram Iza, Creb e Uba as pessoas com quem Ayla sempre havia mantido contato mais íntimo, e agora estava tendo grande prazer com suas novas amigas.

Pouco depois de os homens haverem saído pela manhã, Oga deixou Brac com Ebra e Ika, e as três saíram para o passeio. Era

uma caminhada agradável. Logo estavam conversando animadamente, fazendo rápidos movimentos com as mãos misturados com sons para enfatizar os gestos. Quando começaram a se aproximar dos mamutes, a conversa foi decaindo, até que ficaram completamente mudas. Pararam olhando de boca aberta os animais, cada um deles com um corpanzil colossal.

O mamute, com sua pele coberta de lã estava bem adaptado ao duro clima periglacial de seu meio ambiente. Tinha um couro grosso revestido por uma camada de pêlos densos e macios, à qual se sobrepunha uma cabeleira la nuda, num tom marrom-avermelhado, de mais de 50 centímetros de comprimento. Para maior proteção, possuía ainda uma camada subcutânea de gordura com cerca de oito centímetros de espessura. O frio havia provocado também modificações em sua estrutura física. Era um animal compacto em relação aos outros de sua espécie e media em média três metros de altura, a contar da cernelha. Possuía volumosa cabeça, proporcionalmente grande em relação à altura global - chegando a ter mais da metade do comprimento da tromba - e que se erguia dos ombros numa curvatura extremamente pronunciada. Tinha orelhas pequenas, rabo curto e uma tromba relativamente também pequena, com dois dedos na extremidade, um deles pouco mais acima do que o outro. De perfil, mostrava uma profunda reentrância na nuca de forma abaulada e a corcova de gordura sobre a cernelha. As costas formavam uma descida forte até a pelve e as pernas traseiras, mais curtas do que as dianteiras. Mas o que tinha de realmente impressionante eram as presas longas e recurvas.

- Olhe aquele ali! - disse Oga, apontando para um velho macho. As presas de marfim, nascendo uma junto da outra, desciam abrindo-se numa grande curva para subir outra vez, cruzando-se na frente dele, medindo em total uns Cinco metros.

O mamute ceifava com sua tromba um montão de ervas e capim, uma forragem dura e seca que metia de uma só vez na boca e quebrava como se ele possuísse uma possante grossa para triturar. Um outro, mais jovem, cujas presas não eram tão longas, por isso

ainda úteis, arrancou um pé de lanço e se pôs a dismantelar os pequenos galhos e a casca.

- São muito grandes - gesticulou Ovrá, tendo um estremeamento - Nunca pensei que um animal pudesse ser desse tamanho. Como vão conseguir matar um deles? não podem nem mesmo atingi-los com uma lança.

- Não sei - respondeu Oga, igualmente apreensiva.

- Chego quase a desejar que a gente não tivesse vindo - falou Ovrá. - Vai ser uma caçada perigosa. Alguém pode sair ferido. O que vou fazer, se alguma coisa acontecer a Goov?

- Brun deve ter algum plano - disse Ayla. - Imagino que ele nunca iria tentar uma coisa dessas, se não achasse que os homens pudessem fazer. Gostaria de poder ficar vendo - acrescentou ela, com ar pensativo.

- Eu não - falou Oga. - Nem perto quero estar. Simplesmente vou ficar feliz quando tudo isso acabar. - Lembrou-se de que o companheiro de sua mãe morrera num acidente de caça, pouco antes de o terremoto levar-lhe a mãe. Por melhor que fossem os planejamentos, ela estava bem consciente dos perigos.

- Acho que deveríamos voltar - disse Ovrá. - Brun não queria que agente chegasse tão perto. Estamos bem mais perto do que eu pretendia.

As três se viraram para ir embora. Ayla ainda deu algumas olhadas por cima do ombro enquanto se afastavam. No caminho de volta, estavam mais si lenciosas, cada uma perdida em seu pensamento, sem muito ânimo para conversas.

Quando os homens voltaram, Brun deu ordem às mulheres que levantassem o acampamento e se mudassem após os caçadores haverem saído na manhã do dia seguinte. Elas teriam de ir para algum ponto, fora do campo de ação deles. Na véspera, ele vira o desfiladeiro que procurava. Era o lugar ideal, embora longe dos mamutes. A manada, no entanto, caminhava vagarosamente na direção sudoeste e ele viu nisso um sinal de bom presságio, pois, ao fim do segundo dia, os animais estariam suficientemente perto do lugar, tornando-o exequível para o que tinha em vista.

Uma neve fina e seca açoitada pelas rajadas de ventos do leste saudou o bando de caçadores quando eles, saídos de suas aconchegantes peles, meteram os narizes do lado de fora das pequeninas tendas. O céu cinza e melancólico não conseguiu arrefecer os ânimos excitados pela expectativa. Naquele dia, iriam à caça do mamute. As mulheres se apressavam em fazer o chá. Como todo bom atleta se preparando para o embate final, eles também não comeriam nada. Exercitavam-se caminhando em círculo com passadas firmes e fortes, e davam estocadas no ar com suas lanças, para esticar e relaxar os músculos. A tensão que exalavam era sentida na atmosfera.

Grod pegou uma brasa acesa da fogueira e meteu-a dentro do chifre do auroque atado à sua cintura. Goov pegou outra. As peles estavam enroladas bem seguras em seus corpos. Não as pesadas mantas costumeiras, mas uma vestimenta mais leve que não lhes restringisse os movimentos. Ninguém sentia frio. Estavam superexcitados. Brun, pela última vez, passou rapidamente em revista o plano.

Cada um fechava os olhos, segurava no amuleto, pegava uma tocha apagada, preparada na véspera, e depois saía. Ayla observava com vontade de ter coragem bastante para segui-los. Depois, foi juntar-se às outras mulheres que, antes de levantar o acampamento, foram catar capim seco, esterco e madeira para as fogueiras.

Os homens logo alcançaram a manada. Os mamutes, após o descanso da noite, já haviam começado sua lenta marcha. Os caçadores se puseram agachados em meio à relva crescida, enquanto Brun fazia uma estimativa dos animais passando. Ele reparou no velho macho com suas imensas presas recurvas. Este seria um belo animal, disse consigo, mas depois abandonou a idéia. Eles tinham um longo caminho de volta e os marfins iriam pesar desnecessariamente. Um que fosse mais jovem, além de ter a carne mais tenra, possuía também presas mais fáceis de ser transportadas. Isso era mais importante do que a glória de ostentar presas colossais.

No entanto, os jovens machos eram mais perigosos. Suas presas não só serviam para escavar árvores, como também se

constituíam em poderosas armas. Brun esperava pacientemente. não havia feito todos aqueles preparativos e uma longa viagem para, no último momento, precipitar-se idiotamente. Sabia exatamente o que procurava, e antes voltar no dia seguinte do que pôr em risco suas chances de sucesso. Os outros caçadores também esperavam, nem todos com a mesma paciência.

O sol surgiu, espalhando as nuvens e pondo um pouco de vida no céu, antes sombrio e melancólico. A neve havia parado, deixando ver a luz brilhante nos espaços abertos.

- Quando Brun vai dar o sinal? - gesticulou Broud para Goov. - Veja como o sol já vai alto. De que adiantou sair tão cedo para ficar aqui parado? O que ele está esperando?

Grod viu os gestos de Broud.

- Brum está esperando pelo momento certo. O que você prefere, voltar de mãos vazias ou esperar um pouco mais? Seja mais paciente e aprenda, Broud. Algum dia será sua vez de decidir sobre o momento de dar o sinal. Brun é bom chefe e bom caçador. Você tem sorte de ter um homem como ele para ensiná-lo. Coragem só não basta para ser chefe.

Broud não gostou muito do sermão de Grod. Este, quando eu for o chefe, pensou o rapaz, nunca irá ser o meu segundo em comando. Além do mais, está ficando muito velho. Broud mudou de posição teve um arrepio sentindo o vento frio e se ajeitou para esperar.

O sol já estava alto no céu, quando Brun finalmente fez o sinal: Preparem-se! Todos os caçadores sentiram uma pontada por dentro. Uma fêmea, pesada e com uma cria na barriga, estava na periferia da manada e se afastando do bolo. Era bastante nova, mas pelo comprimento das presas aquela não deveria ser sua primeira gravidez. Já estava muito adiantada nos meses e por isso muito pesada. Iria faltar-lhe agilidade e rapidez, além de que a carne do feto seria também um belo prêmio extra.

A fêmea buscava uma grande moita de capim que os outros animais ainda não tinham visto. Por um instante, ficou sozinha, longe da proteção da manada. Era um momento por que Brun esperava. Deu o sinal.

Grod já estava com a brasa do lado de fora e a tocha a postos. No momento em que viu o sinal de Brun, segurou a tocha junto da brasa e se pôs a soprar até formar as labaredas. Droog acendeu nesta primeira duas outras, dando uma a Brun. Os três caçadores mais jovens, no instante do sinal, haviam corrido na direção do desfiladeiro. Seriam postos em jogo mais tarde. Logo que as tochas se acenderam, Brun e Grod correram atrás da fêmea e tocaram fogo no capim seco.

Os mamutes, depois de adultos - fora o homem - não tinham inimigos naturais. Só os muito pequenos e muito velhos podiam cair nas garras de algum predador. Mas tinham medo do fogo. Os incêndios nos campos, devi dos a causas naturais, às vezes alastravam-se de forma incontrollável, fazendo durante dias estragos incomensuráveis. E aqueles provocados pelo homem não eram menos devastadores. No instante que percebeu o perigo, a manada instintivamente se juntou. O fogo teria de alastrar-se rápido para que a fêmea não pudesse juntar-se aos demais. Brun e Grod achavam-se entre ela e a manada.

Poderiam correr numa ou noutra direção, ou ser apanhados por um monstruoso estouro. O cheiro da fumaça transformou aqueles animais sempre mansos e por excelência herbívoros numa massa infernal de barrito enlouquecidos. A fêmea se virou na direção da manada, mas era tarde demais. Tinha uma parede de fogo a separá-la. Ela clamava por socorro, mas o vento do leste havia aberto um leque de chamas convergindo sobre os pobres animais. Já iam em debandada, rumo a oeste, tentando deixar para trás as chamas que rapidamente tomavam conta do terreno. Os incêndios nas pradarias eram incontrollável mas isso, para os homens, não se constituía motivo de grandes preocupações. Os ventos se encarregariam de levar as chamas para bem longe do lugar que pretendiam ir.

A elefanta, berrando de medo, ia aos trambolhões na direção leste. Droog esperou que as chamas se espalhassem para então agir. Quando percebeu que o animal se dispunha a investir, ele correu em sua direção, aos gritos e agitando a tocha, fazendo-o virar-se para sudoeste.

Crug, Broud e Goov, mais jovens e rápidos, iam em disparada na frente. Tinham medo de que, mesmo com a dianteira que levavam, a elefanta, em sua fúria, pudesse ultrapassá-los. Brun, Grod e Droog corriam atrás, tentando manter a distância que os separava e esperando que ela não mudasse de rumo. Mas, uma vez dada a partida, o animal correu sempre em frente, inteiramente às cegas.

Os rapazes chegaram à garganta que iria servir de alçapão. Crug entrou nela. Broud e Groov pararam junto ao paredão sul. Nervosos e sem fôlego, Goov pegou o chifre de amoque, fazendo uma prece muda para que o carvão estivesse aceso. Estava. Mas nenhum dos dois tinha bastante fôlego para soprar a brasa na tocha. O vento ajudou. Acenderam duas tochas e cada um pegou uma, dirigindo-se em seguida para o paredão, tentando antecipar-se ao mamute. não tiveram de esperar muito. Rezando a seus totens, partiram, agitando as tochas, para cercar pela frente o gigantesco animal que, berrando aterrorizado, vinha para cima deles. Era uma tarefa difícil e perigosa a de dirigi-lo para o interior da garganta.

A elefanta, que em pânico já vinha fugindo do fogo numa corrida alucinada, ao sentir o cheiro de fumaça na sua frente, desviou-se, avançando pesadamente na direção da garganta, com Broud e Goov em seu encalço. Soltando berros de medo, ela foi atravessando o terreno-que se estreitava adiante dela, até que teve seu caminho barrado. Sem poder avançar ou girar o enorme corpanzil no reduzido espaço, ela urrou toda a sua frustração.

Broud e Good corriam a todo fôlego. Na mão, Broud levava uma faca, daquelas cuidadosamente esculpidas por Droog e enfeitada pelo Mog-Ur e, com presteza e coragem, apanhou a pata esquerda traseira, cortando-lhe os tendões. Um estridente grito de dor varou o ar. O animal não podia ir para a frente, não podia fazer a volta e, agora, também não podia mais andar para trás. Goov seguiu Broud, aleijando a outra pata. O enorme mamute caiu sobre os joelhos.

Crug saltou, então, de trás de um bloco de pedra e enfiou diretamente sua comprida lança pela boca do animal que urrava de dor com o corpo oscilando. Vomitando sangue sobre Crug, agora

desarmado, instintivamente, a elefanta ainda tentou esboçar um ataque. Mas Crug não ficou por muito tempo desprotegido. Outras lanças haviam sido escondidas atrás das rochas e, quando Crug pegou uma delas, Brun, Grod e Droog já haviam alcançado a garganta em sua extremidade bloqueada. Pulando sobre as pedras, os três foram ladeando o animal ferido e lançando quase simultaneamente suas lanças sobre ele. A de Brun penetrou num dos olhos, provocando um esguicho de sangue rubro e quente. O animal cambaleava. Num último assomo de vida, soltou um berro desafiador e depois tombou definitivamente.

A compreensão se fez aos poucos. De repente, abateu-se um silêncio. Os homens, exaustos, limitavam-se a olhar uns para os outros. Os corações batiam apressados, mas agora por outras emoções. Uma força indistinta, primitiva, saída das profundezas de seus seres, foi em crescendo até explodir na forma do grito de vitória. Eles o haviam conseguido! Tinham matado o todo-poderoso mamute!

Seis homens, comparativamente fracos e insignificantes, valendo-se de destreza, inteligência, coragem e espírito de cooperação haviam matado um gigantesco animal, fora do alcance de qualquer outro predador. Pouco importava o quanto fossem mais velozes, fortes ou manhosos, nenhum caçador de quatro patas jamais conseguiria igualar-se a eles. Broud pulou para cima da pedra onde se achava Brun, saltando em seguida sobre o animal. Num instante, Brun veio ficar a seu lado, dando-lhe calorosas palmadas sobre o ombro. Depois, arrancou sua lança do olho do mamute, segurando-a bem para o alto. Os outros quatro vieram, rápidos, juntar-se a eles e, ao ritmo das batidas de seus corações pulavam de alegria, dançando em cima do dorso colossal do mamute vencido.

Brun, por fim, saltou e andou em roda do animal, que praticamente ocupava todo o espaço. Nenhum homem ferido. Nem sequer um arranhão. Uma caçada realmente de sorte. Os totens deveriam estar contentes com eles.

- Devemos deixar que os espíritos saibam que estamos agradecidos - falou. - Quando voltarmos, o Mog-ur vai celebrar uma cerimônia especial. Bem, agora vamos tirar o fígado e cada homem

terá o seu pedaço e levaremos também um pedaço para Zoug, Dorv e o Mog-ur. O resto será dado ao espírito do mamute. Foi o que o Mog-ur me disse para fazer. Vamos enterrar aqui, no lugar onde ela caiu, e também o fígado do filho que está em sua barriga. O Mog-ur disse para não tocarmos no cérebro, que deve ser deixado onde se encontra a fim de que seu espírito possa guardá-lo. Quem acertou o primeiro golpe, Broud ou Goov?

- Broud - respondeu Goov.

- Então cabe a ele o primeiro pedaço do fígado. Mas a caça é mérito de todos.

Broud e Goov foram enviados para buscar as mulheres. Dando uma virada final, os homens terminaram sua tarefa. Daqui por diante, seria com as mulheres. A elas, caberia o tedioso serviço de esquartejar o animal e trabalhar as carnes para serem conservadas. Enquanto esperavam, eles retiraram as vísceras e o feto, quase totalmente formado. Quando as mulheres chegaram, eles ainda as ajudaram a remover a pele. O animal era grande demais, exigindo o esforço de todos. As partes principais e preferidas seriam guardadas nos esconderijos sob as pedras para aí congelarem. O resto das carnes seria colocado ao redor das fogueiras, não só para impedir que se congelasse, como também para afastar os animais que poderiam vir atraídos pelo cheiro do sangue e da carne crua.

Cansados, mas felizes, foram dormir aquela noite sobre suas aconchegantes peles, satisfeitos de comer carne fresca pela primeira vez, desde que haviam saído da caverna. Pela manhã, enquanto as mulheres trabalhavam, os homens se reuniram para reviver as emoções da caçada e admirar cada um a coragem do outro. Havia um riacho perto, mas a uma certa distância da garganta, o que dificultava o trabalho. Entretanto, uma vez que os quartos do animal estivessem separados, eles se mudariam, deixando somente alguns ossos com uns poucos pedaços de carne agarrados para os predadores que rondavam tanto no céu como nas áreas próximas.

O clã aproveitava quase todas as partes do animal. Do couro, poderiam fazer-se calçados, muito mais resistentes e duradouros do que aqueles feitos da pele de outros animais; cortina para quebrar o vento na entrada da caverna, vasilhames de cozinha, tiras fortes

para amarrar e barracas. A macia camada lanosa podia ser transformada numa espécie de feltro, usado para enchimento de travesseiros, colchões e até mesmo como absorventes, forrando os cueiros dos bebês. Da crina comprida, dos tendões e dos músculos faziam-se resistentes cordas. A bexiga, o estômago e os intestinos poderiam ser usados como recipientes de água, vasilhas para sopa, sacos para armazenar comida e até mesmo como um impermeável para ser usado nos dias de chuva. Pouca coisa se perdia. Mas além da carne e das outras partes, a gordura era particularmente fundamental à vida deles. A gordura reconstituía o equilíbrio das calorias necessárias para alimentar suas exigências energéticas, tanto para mantê-los aquecidos no inverno, como para sustentar suas intensas actividades do verão. Além disso, era usada na curtição de couros, já que vários animais que caçavam - cavalos, veados, coelhos, pássaros e auroques ou bisões, todos animais herbívoros - eram essencialmente magros; servia de combustível para lamparinas de pedra que iluminavam e aqueciam os ambientes; tinha emprego nas impermeabilizações; funcionava como veículo para pomadas, unguentos e emolientes; ajudava a lenha molhada a pegar fogo e a manter as tochas acesas, servindo como combustível na ausência de outros materiais incandescentes. Os usos da gordura eram, portanto, diversos.

Todos os dias, enquanto as mulheres trabalhavam, os homens ficavam observando o céu. Se o tempo se mantivesse claro, a carne dentro de uns sete dias estaria seca, para o que concorriam também os ventos soprando ininterruptamente. Não havia necessidade da fumaça das fogueiras, fazia frio e as varejeiras não viriam estragar a carne. Como estava, ia tudo muito bem. O combustível lá era muito mais difícil do que nas encostas, cobertas de mata ou mesmo nas planícies ao sul, mais quentes e com maior quantidade de árvores. Se o céu estivesse sombrio, com nuvens intermitentes e chuvas, as finas tiras de carne levariam três vezes mais tempo para secar. Uma ligeira neve pulverenta batida pelas rajadas de vento não se constituía em grande problema. O ruim seria tempo úmido com um calor extemporâneo; então sim, o trabalho praticamente parava.

Precisavam de tempo seco, claro e frio. A única maneira de transportar a montanha de carne que possuíam era com ela seca.

A pesada e cabeluda pele era limpa de sua grossa camada de gordura e dos vasos sanguíneos, nervos e folículos. Grossas placas de gordura endurecida eram postas sobre as fogueiras em grandes vasilhames de couro e aí se derretiam para ser despejadas dentro das tripas já limpas, que depois de amarradas ficavam como gordas salchichas. O couro ainda com o pêlo era dividido em pedaços com os quais se faziam rolos portáteis, deixados ao tempo para endurecer. Mais tarde, durante o inverno, depois de retirados os pêlos, seria posto para curtir. As presas foram partidas e orgulhosamente exibidas pelo acampamento. Também seriam levadas com eles.

Durante o dia, enquanto as mulheres trabalhavam, os homens, ou saíam para trazer pequenas caças, ou se deixavam ficar por ali, observando vagamente. A mudança para a vizinhança do rio se, por um lado, lhes foi conveniente, por outro, trouxe um problema mais difícil de ser remediado. Os animais, atraídos pela carne fresca, os haviam seguido até o novo local. As tiras de carnes penduradas nas cordas e correias de couro precisavam de vigilância constante, principalmente contra uma enorme hiena sarapintada que era de uma persistência fora do comum. Diversas vezes fora escorraçada, mas teimava em ficar rondando pela periferia do acampamento e escapando das tentativas para matá-la, levadas sem grande empenho. Era astuto bastante para conseguir abocanhar muitas vezes por dia bons nacos de carne. Representava um constante prejuízo.

Ebra e Oga, atarefadas, cortavam em tiras os últimos pedaços de carne que iriam ser postos a secar. Ika e Oвра despejavam gordura dentro das tripas e Ayla estava no riacho lavando outras tantas. Uma crosta de gelo já se havia formado nas margens, mas a água continuava correndo. Os homens, num grupo, discutiam se iriam ou não sair com suas fundas para caçar alguns pequenos roedores.

Brac achava-se sentado perto da mãe e de Ebra, brincando com algumas pedrinhas; depois, cansado, levantou-Se procurando

algo mais interessante para fazer. As mulheres, inteiramente concentradas no trabalho, não viram quando ele se afastou, mas outros olhos o estavam vigiando.

De repente, todas as cabeças se voltaram na direção do grito agudo e aterrorizado do menino.

- Meu filho! - gritou Oga. - A hiena pegou o meu filho!

Aquela repulsiva criatura, sempre pronta a atacar jovens incautos e velhos indefesos, havia apanhado Brac pelo braço e rapidamente batia em retirada arrastando consigo a pequenina criança.

- Brac! Brac! - gritou Broud correndo atrás, seguido dos outros homens. Estava longe demais para usar a lança. O rapaz pegou sua funda e se agachou procurando às pressas uma pedra, antes que o animal saísse do alcance.

- Oh, não não - gritou desesperado, quando viu a pedra cair a uma pequena distância do alvo pretendido e a hiena ir-se afastando.

- Brac! Braaac!

Subitamente, partido de outra direção o barulho de duas pedras atiradas uma atrás da outra. Os projéteis pegaram em cheio a cabeça do animal que tombou no chão.

Broud, que estava estupefato, de boca aberta, mais ainda ficou ao ver Ayla sair correndo na direção de Brac, que gemia de dor. A garota tinha a funda na mão e mais duas pedras prontas para ser atiradas. A hiena era, por excelência, a sua presa. Ela havia estudado esses animais, conhecia-lhes os hábitos e seus pontos fracos, e tanto se esmerara na sua caça que esta se convertera numa segunda natureza para ela. Quando ouviu o grito de Brac, não mediu as consequências, muito naturalmente pegou na funda e em duas pedras para atirar. A única coisa que pensou foi em impedir a hiena de arrastar Brac para longe. Só depois que retirou a criança das garras do animal morto e que virou o rosto, vendo os olhares de assombro, é que ela sentiu o impacto do gesto. O segredo fora revelado. Ela mesma se entregara. Agora, sabiam que a garota podia caçar. Uma onda de medo correu-lhe pelo corpo. O que será que vão fazer comigo?, perguntou-se.

Ayla pôs o menino no colo e, evitando os olhares que pareciam não acreditar no que viam, dirigiu-se ao acampamento. Oga foi a primeira a se recuperar do choque. Saiu correndo com os braços estendidos e, agradecida, pegou o filho do colo da garota que o salvara. Logo que chegaram ao acampamento, Ayla pôs-se a examinar a criança, não só para não ter de enfrentar os olhares das pessoas, como também para ver a extensão do ferimento. O ombro e a parte superior de um dos braços ficaram muito machucados, mas parecia ser uma fratura simples.

Ela nunca havia posto um braço no lugar, mas já vira Iza fazê-lo, e esta lhe tinha explicado como agir em casos de emergência. Iza, entro, pensava estar-se referindo aos caçadores, jamais poderia ocorrer-lhe que alguma coisa pudesse acontecer com o menino. Ayla atiçou o fogo, começou a botar água para ferver e foi buscar sua sacola de medicamentos.

Os homens continuavam em silêncio, ainda atônitos, sem poder ou querer aceitar o que haviam presenciado. Pela primeira vez na vida, Broud sentiu-se grato a Ayla. Seu pensamento, entretanto, não ia além da sensação de alívio pelo fato de o filho de sua companheira ter sido salvo de uma morte certa e pavorosa. Mas o de Brun enxergava mais longe.

Ele cedo percebeu as implicações do ato de Ayla, vendo-se de repente diante de uma decisão impossível. Pela tradição - que na prática tinha o valor de lei - o castigo para qualquer mulher que usasse armas seria nada menos do que sua condenação à morte. Isso estava bem explícito. não havia qualquer atenuante para atender circunstâncias extraordinárias. Um costume tão antigo e tão aceito que, pelo que se podia lembrar, há muitas gerações não era aplicado. As lendas a que se referiam essa tradição estavam associadas àquelas do tempo em que as mulheres detinham o controle de acesso ao mundo dos espíritos, antes de os homens assumirem o poder.

O costume era uma das forças que marcava bem a diferença entre os homens e as mulheres dos clã já que uma mulher com gosto pela caça, coisa essencialmente masculina, não poderia viver. Há séculos que somente as mulheres com atitudes e comportamento

nitidamente femininos é que tinham direito a viver. Em consequência, a faculdade de adaptação - aquilo de que verdadeiramente dependia a sobrevivência - se viu diminuída. Mas tal era o costume ou lei vigorando nos clã apesar de que nunca mais tivesse existido um comportamento feminino desviante. Só que Ayla não era genuinamente filha dos clã.

Brun adorava o filho da companheira de Broud. Apenas junto de Brac, abria um pouco sua rígida guarda. O bebê podia fazer o que quisesse; puxava-lhe a barba, metia os dedos curiosos em seus olhos, às vezes até chegava a vomitar sobre ele. Nada tinha importância. Jamais Brun se mostrava tão complacente como quando o garotinho adormecia em paz, confiante na segurança dos braços do orgulhoso chefe. Ele não tinha dúvida de que Brac não estaria vivo, se não fosse por Ayla. Como poderia condenar à morte a menina que tinha salvo a vida de Brac? Eo salvou com a arma que agora era a causa de sua condenação à morte.

Como teria ela conseguido? perguntava-se, curioso. O animal estava fora do alcance e ela ainda se achava mais distante do bicho do que os homens. Ele foi até onde a hiena jazia morta e tocou no sangue que corria dos ferimentos. Mas, o que é isso? Dois ferimentos? Então os seus olhos não o haviam enganado? Ele realmente no momento achara ter visto duas pedras sendo disparadas. Como teria ela conseguido aprender a manejar a funda com aquela mestria? Nem Zoug ou ninguém de quem soubesse era capaz de atirar duas pedras com tanta rapidez e com tanta pontaria e força. Uma força capaz de matar uma hiena daquela distância!

Além disso, ninguém jamais usara funda para matar hienas. Logo que viu a tentativa de Broud, sabia que seria um gesto inútil. Zoug sempre afirmara que aquilo poderia ser feito, mas Brun particularmente tinha suas dúvidas. Ele nunca contradizia Zoug que continuava sendo um bem muito precioso para o clã e nem por sombra seria o caso de desacreditá-lo. Bem, Zoug provou agora que estava certo. E será que uma funda podia também matar um lobo ou um lince como Zoug atestava com tanta convicção Brun fazia suas conjeturas. De repente, arregalou os olhos e os estreitou em seguida. Um lobo? Um lince? Ou um carcaju, um texugo, um furão,

uma onça ou uma hiena? A cabeça de Brun trabalhava depressa. Ou todos aqueles predadores que ultimamente eram encontrados mortos?

Claro! Ele fazia gestos enfatizando o pensamento. Foi ela quem fez aquilo tudo! Ayla já vem caçando há muito tempo. Se não como teria arrumado uma pontaria destas? No entanto, ela aprendeu todos os serviços que uma mulher faz com muita facilidade, como então conseguiu aprender a caçar? E por que predadores? E por que logo os perigosos? E por que tudo isso?

Se ela fosse homem, seria a inveja de todo caçador. Só que não é homem. É mulher, usou uma arma e por isso deve morrer; do contrário, os espíritos ficarão furiosos. Mas se ela está caçando há tanto tempo, por que ainda não ficaram furiosos? Justamente o que eles não têm no momento é raiva. Acabamos de matar um mamute numa caçada tão perfeita que nem um só homem saiu ferido. Os espíritos estão contentes conosco e não furiosos.

Brun, confuso, balançou a cabeça sem compreender. Espíritos! Nunca vou entendê-los. Só desejava que o Mog-ur estivesse aqui. Droog diz que ela nos traz sorte. Quase chego a acreditar que ele tem razão. As coisas nunca andaram tão bem para nós como desde que a menina foi encontrada. Mas, se eles estão de seu lado, será que não ficariam desgostosos, se ela fosse condenada à morte? Ele se desesperava. Por que tinha ela de ser achada logo pelo meu clã? Ayla pode significar sorte, mas já me deu mais dores de cabeça do que todo mundo junto. Não posso tomar qualquer decisão antes de falar com o Mog-ur. Não tenho nada a fazer, sem esperar até a volta à caverna.

Brun retornou ao acampamento. Ayla dera ao garoto um remédio contra a dor que o fez dormir. Em seguida, limpou os machucados, botou o braço no lugar e fez uma tala com cascas úmidas de vidoeiro. Quando secassem, ficariam duras e tesas, firmando os ossos no lugar. Mas teria de ficar sob observação para o caso de o braço inchar demais. Viu quando Brun voltou, depois de examinar a hiena, e tremeu de medo. Mas o chefe passou por ela sem fazer o menor sinal, ignorando-a completamente. A garota

percebeu que não ficaria sabendo de seu destino, enquanto não voltassem à caverna.

Capítulo 15

Enquanto o bando de caçadores caminhava para o sul, parecia que as estações do ano estavam andando de trás para a frente. Nuvens ameaçadoras e o cheiro de neve haviam apressado a partida. Eles não tinham o menor desejo de ser apanhados pela primeira nevasca de inverno no norte da península. O tempo mais quente na extremidade sul dava a falsa sensação de primavera se aproximando, trazendo uma certa distorção mental. Só que ao invés de rebentos e flores silvestres desabrochando, as planícies revolviavam-se em ondas douradas, e as árvores da floresta temperada ao lado das coníferas faziam um mosaico vermelho, âmbar e verde. No entanto, a vista a distância era enganadora. A maioria das velhas árvores já havia perdido suas folhas, e o inverno, em toda a sua fúria, estava às costas.

Levou muito mais tempo na volta do que na ida até atingirem o local da caçada. As passadas largas que rapidamente devoravam distâncias eram agora impossíveis com o volume da carga trazida. Mas Ayla não se curvava apenas ao peso da carga que transportava. Culpa, ansiedade e depressão eram fardos ainda mais pesados. Ninguém falava do incidente, mas ele não fora esquecido. Diversas vezes seu olhar cruzava com o de outra pessoa que, surpreendida, rapidamente desviava os olhos. Ninguém falava com ela a não ser o necessário. Sentia-se isolada, desamparada e com medo. Pelo pouco das conversas que lhe chegaram, ficou sabendo qual era a pena para seu crime.

Na caverna, as pessoas vigiavam o retorno dos caçadores. Desde que chegou a ocasião prevista para a volta, alguém ficava de vigia, junto do pequeno morro, de onde se tinha uma boa visão da planície. Quase sempre era uma das crianças.

Quando Vorn assumia o posto pela manhã ele começava sempre pondo atenção no panorama a distância, mas depois se aborrecia. Não gostava de ficar sozinho ali, onde nem mesmo a companhia de Borg tinha para brincar. Punha-se, então a fantasiar

caçadas, e tantas foram as estocadas dadas no chão com a sua pequena lança que a ponta, apesar de endurecida no fogo, desgastara-se. Foi por puro acaso que ele viu o bando de caçadores aparecendo ao longe.

- Presas! Presas! - gritava correndo em direção à caverna.

- Presas? - perguntou Aga. - O que você quer dizer com isso?

- Eles estão de volta - gesticulou Vorn, excitado. - Brun e Droog e todo o resto. Eles estão trazendo as presas!

Todos desceram até a planície para saudar os caçadores. Ao encontrá-los, porém, era visível que alguma coisa saíra errada. A caçada havia sido um sucesso, não havia por que não estarem felicíssimos. Ao contrário, caminhavam pesadamente, de uma maneira contida.

Brun estava soturno, e Iza, com um único olhar para Ayla, percebeu que alguma coisa de terrível relacionado com sua filha deveria ter ocorrido.

Enquanto os componentes da caçada passavam um pouco da carga para aqueles que haviam ficado, a razão do sombrio silêncio foi aparecendo. Ayla, abatida, subia de cabeça baixa a colina, inteiramente distraída dos olhares que lhe eram lançados. Iza estava estarrecida. Se sempre se preocupara com as atitudes pouco ortodoxas de sua filha adotiva, isso não era nada era comparação com o medo paralisante que agora sentia por ela.

Ao chegarem à caverna, Oga e Ebra trouxeram a criança ferida para Iza. Ela retirou a tala e examinou a lesão.

- O braço vai ficar do jeito que era antes. Ficarà com uma cicatriz, mas os ferimentos já estão sarando e o braço está bem encanado. Mas é melhor continuar com a tala. Vou botar uma nova.

Oga e Ebra respiraram aliviadas. Sabiam que Ayla não possuía prática, mas não tiveram outro remédio sem deixá-la tratar de Brac. Estavam as duas muito preocupadas. Um caçador precisava ter dois bons braços fortes. Se Brac perdesse um deles, jamais poderia almejar a se tornar o chefe do clã, para o que estava predestinado. E sem poder caçar, nem mesmo homem ele se tornaria, levaria a vida naquela espécie de limbo em que viviam os meninos já

crescidos, mas que ainda não passaram pela primeira caçada consagrada do status adulto.

Brun e Broud também se sentiram aliviados. No entanto, no caso de Brun, a notícia foi recebida com um misto de emoção. Sua decisão ficara ainda mais difícil. Ayla não tinha apenas salvo a vida de Brac, ela lhe assegurara uma existência útil e normal. O assunto já estava sendo protelado demais. O chefe chamou o Mog-ur, e os dois se puseram a caminhar juntos.

A história, como Brun a explicou, deixou Creb profundamente perturbado. A responsabilidade de educar e ensinar Ayla era sua e, sem dúvida, ele falhara. Havia, no entanto, uma coisa ainda que o deixava mais inquieto. Quando soube dos animais achados mortos, sentiu na ocasião que aquilo não tinha nada a ver com espíritos. Chegou até a imaginar se Zoug ou um dos outros não estaria fazendo algum tipo de brincadeira com o clã. Isso parecia improvável, mas sua intuição lhe dizia que naquelas mortes deveria haver o dedo de alguém, e bem humano. Além disso, não lhe passaram despercebidas as mudanças em Ayla, que ele, agora, pensando melhor, podia perfeitamente identificar. As mulheres nunca caminham com aquele andar silencioso e furtivo dos caçadores. Estão sempre fazendo barulho, e com boa razão para isso. Mais de uma vez, Ayla o havia surpreendido. Aproximava tão silenciosamente que Creb nem percebeu sua chegada. Havia também outras coisas, certos pequeninos detalhes que poderiam ter levantado suas suspeitas.

Mas, estava cego por seu amor por ela. Nem de leve podia imaginar que Ayla estivesse caçando, as consequências disso eram conhecidas demais. O velho feiticeiro se questionava sobre sua própria integridades sobre sua capacidade de exercer sua função. Ele pusera os seus sentimentos pela menina na frente da guarda espiritual do clã. Será que ainda merecia a confiança dos outros? Poderia, com justiça, continuar como mog-ur?

Creb assumiu toda a culpa das ações de Ayla. Ele deveria ter indagado dela; não podia tê-la deixado rondar pelas matas com tanta liberdade; sua disciplina também não fora suficientemente severa. Mas, toda a angústia que sentia pelo que deveria ter feito e

não fez não alterava em nada o que ainda teria de fazer. A decisão era de Brun, mas cabia ao Mog-ur pô-la em execução: o dever de matar a menina que ele adorava.

- Por enquanto é só uma conjeturas mas parece que foi ela quem andou matando os animais - disse Brun. - Nós precisamos interrogá-la. Agora, o fato é que a menina tinha uma funda na mão, com a qual matou uma hiena. E para fazer isso, deve ter treinado antes em alguma coisa, do contrário não se explicaria a técnica incrível que possui. Ela chega a ser melhor do que Zoug, Mog-ur, e é mulher! Como teria aprendido? Já pensei até que talvez exista uma parte masculina nela, e não sou o único a imaginar tal coisa. Ela é alta como um homem, e nem mulher ainda é. Você acha que pode haver alguma verdade no que andam dizendo... que ela nunca será mulher?

- Ayla é uma menina, Brun, e algum dia ficará mulher, igual a qualquer outra garota... ou ficaria. Trata-Se apenas de uma mulher com uma arma na mão. - Havia em Creb um ar de determinação, não iria deixar-se levar por falsas ilusões.

- Bem, eu ainda gostaria de saber há quanto tempo ela vem caçando. Mas isso pode esperar até amanhã. Hoje, estamos todos muito cansados, a viagem foi muito comprida. Diga a Ayla que amanhã vamos interrogá-la.

Creb voltou à caverna e parou na sua fogueira só para dizer a Iza que avisasse a Ayla de que ela seria interrogada no dia seguinte. Depois, foi para sua pequena gruta e lá passou toda a noite.

As mulheres, em silêncio, seguiram com os olhos os homens se dirigindo para a mata e Ayla caminhando atrás. Estavam todos perplexos e os sentimentos eram os mais variados. A própria Ayla sentia-se confusa. Ela podia desconhecer a gravidade de seu crime, mas sempre soube que caçar era errado. Será que faria alguma diferença se eu soubesse? perguntou-se naquele instante. Não. Eu queria caçar e teria caçado do mesmo jeito. Mas não queria que os maus espíritos me perseguissem até o outro mundo. O pensamento fê-la estremecer.

Tinha tanto medo das invisíveis forças malignas quanto acreditava no poder dos totens protetores. Agora, nem mesmo o

Espírito do Leão da Caverna poderia protegê-la contra eles, ou será que podia? Devo ter me equivocado, pensou. Meu totem não iria mandar um aviso para que eu caçasse, sabendo que isso me levaria à morte. Talvez ele me tenha abandonado, quando peguei na funda pela primeira vez. A menina não gostava de pensar sobre isso.

Os homens foram para uma clareira e lá se ajeitaram sobre troncos e pedras, ladeando Brun. Ayla deixou-se cair aos pés do chefe. Este bateu-lhe no ombro, permitindo que ela o olhasse e imediatamente abordou o assunto sem qualquer preâmbulo.

- Foi você, Ayla, quem matou os comedores de carne que os caçadores encontraram?

- Foi - respondeu com a cabeça. não era o caso de esconder mais nada. Seu segredo estava descoberto e eles perceberiam, se procurasse desviar-se das perguntas. Tal como todas as pessoas do clã, ela também não podia mentir.

- Como aprendeu a usar uma funda?

- Aprendi com Zoug.

- Com Zoug? - repetiu Brun. Todas as cabeças se viraram, indignadas, para o velho.

- Nunca ensinei a menina a atirar com funda - gesticulou Zoug, defendendo-se.

- Zoug não sabia que eu estava aprendendo com ele - falou a menina, correndo depressa em defesa do velho caçador. - Eu apenas ficava observando quando ele ensinava Vom.

- Há quanto tempo você caça - foi a próxima pergunta de Brun.

- Agora, faz dois verões. Mas, no primeiro verão, eu não cacei, só treinei.

- É o tempo que Vom vem treinando - comentou Zoug.

- Eu sei - disse Ayla. - Foi no mesmo dia em que ele começou.

- Como você sabe exatamente quando Vorn começou, Ayla? - perguntou Brun, curioso com o fato de ela estar tão certa.

- Eu estava lá observando.

- O que você quer dizer com lá? Lá é onde?

No campo de treinamento. Iza havia me mandado buscar algumas cascas de cerejeira, mas, quando cheguei, vocês já estavam na clareira - explicou ela. - Iza precisava das cascas e eu

não sabia quanto tempo iriam demorar. Então fui ficando. Zoug dava a Vorn sua primeira lição.

- Você assistiu a Zoug dando a primeira lição a Vorn? - interpôs Broud. - Tem certeza de que era a primeira? - Broud se recordava muito bem daquele dia. Era uma lembrança que ainda o fazia corar de vergonha.

- Tenho, Broud. Estou muito certa disso.

- E o que mais você viu? - Seus olhos se estreitaram e o rapaz se exprimia atrapalhando-Se nos gestos.

Brun também de repente se lembrou do que acontecera no campo de treinamento no dia em que Zoug deu início às aulas de Vorn e não se sentia nem um pouco satisfeito com o fato de uma mulher haver testemunhado o incidente.

Ayla hesitou.

- Vi também outros homens treinando - respondeu, tentando desviar-se da questão. O rosto de Brun, nesse ponto, assumiu uma expressão dura. - E vi também Broud jogando Zong ao chão, e você furioso com ele, Brun.

- Você viu isso! Você viu tudo? perguntou Broud. Estava lívido de raiva e era um constrangimento só. Dentre todo mundo, dentre todas as pessoas do clã, tinha de ser exatamente ela a presenciar a cena! Quanto mais pensava na coisa, mais acabrunhado se sentia e ao mesmo tempo com mais raiva. Aquele fora o cargo mais duro que já recebera de Brun e ela o havia presenciado. Recordou-se, inclusive, de como errara feio os seus tiros e, subitamente lembrou-se também de que errara o tiro na hiena. A hiena que ela matou. Uma mulher, e justamente aquela mulher é que tinha de expor sua vergonha.

Qualquer pensamento mais favorável a ela ou algum laivo de gratidão que já tivera desapareceram naquele instante. Vou ficar feliz quando ela morrer, disse o rapaz consigo. Ela merece a morte. não podia suportar a idéia de Ayla viver, tendo presenciado o supremo momento de vergonha de sua vida.

Brun o observava e, pelas expressões do seu rosto, quase podia ler-lhe o pensamento. Pena, pensou, justamente agora que havia uma chance de terminar a animosidade entre ambos. Bem,

mas isto não tem mais importância. E prosseguiu com o interrogatório.

- Você disse que começou a treinar no mesmo dia que Vorn. Fale mais sobre isso.

- Depois que vocês foram embora, atravessei o campo e vi a funda que Broud tinha atirado no chão. Todo mundo se esqueceu dela, quando você ficou furioso com Broud. não sei por que, mas tive curiosidade de saber se conseguiria atirar. Comecei a lembrar da lição de Zoug e passei a tentar. não era fácil, mas fiquei treinando toda a tarde. Cheguei até a me esquecer de que o tempo estava passando. Acertei no poste uma vez, acho que por puro acaso, mas isso me fez pensar que eu poderia conseguir, se me esforçasse. e, assim, guardei a funda.

- Imagino que aprendeu também com Zoug a fazer a arma.

- Sim, foi com ele.

- E você treinou naquele verão?

- Sim.

- E, desse modo, resolveu caçar. Mas por que comedores de carne? São os mais difíceis e perigosos. Já encontramos lobos mortos e até lince. Zoug sempre afirmou que esses bichos poderiam ser mortos com funda e você provou que ele tinha razão, mas por que justamente estes?

- Bem, eu sabia que não podia trazer nada para o clã, sabia que não tinha o direito de tocar numa arma, mas queria caçar, ou pelo menos tentar. Os comedores de carne estão sempre roubando nossa comida. Achei que, se atirasse neles, estaria ajudando. E também não seria um desperdício, já que não comemos esses animais. Foi por isso que resolvi caçá-los.

Isso satisfaz a curiosidade de Brun no que dizia respeito às mortes dos predadores, mas ele ainda continuava sem compreender o porquê de ela querer caçar. Era uma mulher e jamais alguma havia tido vontade de caçar.

- Você sabe que é muito perigoso tentar matar uma hiena de grande distância, e se você tivesse acertado em Brac? - falou Brun, querendo testá-la. Ele mesmo esteve a ponto de usar as boleadeiras, apesar de que a chance de matar o garoto com uma pedrada fosse

muito grande. Mas uma morte instantânea causada por uma fratura de crânio era preferível à que aguardava o menino e, assim pelo menos, eles teriam o corpo para enterrar, dando a Brac a oportunidade de trilhar seu caminho para o mundo dos espíritos, com todos os rituais devidos. Com sorte, teriam encontrado alguns ossinhos dispersos, se a hiena tivesse levado a melhor.

- Mas eu nunca acertaria em Brac - respondeu Ayla, com simplicidade.

Como podia ter tanta certeza? A hiena estava fora do alcance.

Não do meu. Já havia acertado em animais daquela distância. Quase nunca erro.

- Achei ter visto a marca de duas pedras - gesticulou Brun.

- Atirei duas pedras - confirmou Ayla. - Aprendi a fazer isso depois que fui atacada por um lince.

- Você? Atacada por um lince? - pressionou Brun.

- Fui - confirmou Ayla, com a cabeça. Em seguida, contou o aperto de que se livrara.

- De que distância você consegue acertar? - perguntou Brun. não me precisa dizer. Mostre. Sua funda está com você?

Ayla balançou a cabeça afirmativamente e se levantou. Todos se encaminharam para o ponto extremo da clareira, onde havia um pequeno riacho correndo sobre um leito pedregoso. A garota escolheu algumas pedras de for mato e tamanho convenientes. As redondas eram as que davam melhor pontaria, maior distanciamento, mas pedras dentadas e pontiagudas também serviam.

- Vou acertar naquela pequena pedra branca, junto da grandona, lá do outro lado - falou ela.

Brun fez que sim com a cabeça. Era bem mais de uma distância e meia que qualquer um deles poderia atirar. Ayla mirou cuidadosamente, meteu uma pedra na funda e, no instante seguinte, uma outra já estava na funda e varan do o ar. Zoug saiu correndo para confirmar a pontaria.

- Duas lascas foram arrancadas da pedra branca. Ela acertou no alvo duas vezes seguidas - anunciou ele, voltando um tanto assombrado e com uma pontinha de orgulho.

Ela era mulher, nunca deveria ter encostado a mão numa funda. A tradição a respeito era muito clara, mas... a menina era boa. Com ou sem o seu conhecimento, cabia a ele o mérito de tê-la ensinado, ela mesma o dissera. E essa técnica de duas pedradas, pensou, era um truque que ele gostaria de aprender. O orgulho de Zoug era aquele de um bom professor pelo aluno que depois o ultrapassa; um bom aluno atento que aprendeu bem as lições e superou o mestre. E a menina provou que ele estava certo no que dizia.

O olho de Brun percebeu algo se movendo na clareira.

- Ayla! - gritou. - Um coelho, pegue!

Ela olhou na direção em que ele apontava, viu o animalzinho atravessando o campo aos saltos e o derrubou. Não foi preciso averiguar a pontaria. Brun olhava-a com admiração.

Ela é rápida, disse consigo. A idéia de uma mulher caçando ofendia-lhe o sentido de propriedade. Para ele, em primeiro lugar vinha sempre o clã ou seja, a segurança e prosperidade deste acima de tudo. No entanto, lá no fundo, sentia que grande vantagem seria para o clã, se pudesse contar com Ayla. não Isso é impossível, falou consigo. contra toda a tradição Algo que foge completamente a nossos costumes.

Creb já não via os talentos de Ayla com a mesma admiração Se ainda subsistia alguma dúvida em seu espírito, a demonstração dela acabou por convencê-lo. Ayla realmente vinha caçando.

- Antes de mais nada, por que você teve de pegar na funda? - gesticulou o Mog-ur, com expressão fria e soturna.

- Não sei - disse ela, baixando a cabeça e olhando para o chão Mais do que tudo, odiava causar desgostos a Creb.

- Você fez mais do que simplesmente tocar numa arma. Você caçou e matou com ela, quando sabia que esta era uma coisa proibida.

- Recebi um aviso de meu totem, Creb. Pelo menos achei que era um aviso. - Desatou o laço de seu amuleto. - Resolvi caçar depois que encontrei isso - falou, estendendo o fóssil na direção do Mog-ur.

Um aviso? Seu totem lhe mandou um aviso? Agora, eles se sentiam consternados por ela. A revelação deu uma reviravolta na situação Mas por que resolveu ela caçar? Este era o ponto.

O feiticeiro examinou o fóssil com atenção. Era uma pedra de fato fora do comum. Tinha a forma de um bicho do mar mas, sem dúvida alguma, era pedra. Podia ser um sinal ou aviso, mas não provava nada. Os sinais eram uma coisa que existia só entre a pessoa e seu totem. Ninguém podia entender o aviso dado a um outro. O Mog-ur devolveu-o à menina.

- Creb - implorou ela. - Achei que meu totem estava me botando à prova. Achei que a maneira como Broud me tratava era um teste e que, se eu aprendesse a aceitar isso, meu totem me permitiria caçar. - Os olhares cheios de ironia convergiram na direção de Broud para ver a reação dele. Será que ela pensava mesmo que Broud estava sendo usado pelo totem para pô-la à prova? O rapaz parecia embaraçado. - Achei também que, quando o lince me atacou, isso era outro teste. Então, quase que deixei de caçar, estava com medo. Foi aí que tive a idéia de experimentar com duas pedras. Cheguei mesmo a pensar que foi o totem que me deu tal idéia.

- Estou entendendo - disse o feiticeiro. - Gostaria de ter algum tempo para meditar sobre isso tudo, Brun.

- Talvez todos nós precisemos de tempo para pensar sobre isso. Vamos nos reunir amanhã de manhã - anunciou ele. - Sem a menina.

- O que há mais para pensar? - objetou Broud. - Todos sabemos qual o castigo que ela merece.

- Seu castigo poderá ser perigoso para o clã inteiro, Broud. Antes de condenar, tenho de ter absoluta certeza de que nada foi deixado de lado. Voltaremos a nos reunir amanhã.

Enquanto voltavam à caverna, iam conversando entre eles.

- Nunca soube de uma mulher que quisesse caçar - dizia Droog. - Será que isso tem alguma coisa a ver com o totem dela? Afinal, é totem de homem.

- Jamais quis botar em dúvida o juízo do Mog-ur na ocasião - falou Zoug. - Mas sempre fiquei intrigado, com esse seu Leão da

Caverna, mesmo com a marca na perna dela. Agora, não há mais dúvida. Ele estava certo, aliás, sempre está.

- Ela é meio homem? - perguntou Crug. - Comenta-se isso por aí.

- E explicaria esse seu jeito pouco feminino - acrescentou Dorv.

- Não ela é mulher mesmo, não resta a menor dúvida e por isso deve morrer. Todo mundo sabe disso - cortou Broud.

- Talvez você esteja certo, Broud - disse Crug.

- Mesmo que ela seja meio homem, não gosto da idéia de uma mulher caçando - comentou Dorv, com dureza. - não gosto nem mesmo da idéia de ela fazer parte do nosso clã. Ela é diferente demais da gente.

- Você sabe que esta sempre foi a minha opinião Dorv - concordou Broud. - não sei por que Brun insiste ainda em falar sobre o assunto. Se eu fosse o chefe, a coisa já estaria feita e acabada.

- Não é uma decisão que se possa tomar correndo, Broud - falou Grod.

- Por que tanta pressa? Um dia a mais não faz a menor diferença.

Broud apressou o passo sem se dar o trabalho de responder. Este velho tem sempre de vir com seus discursos defendendo Brun, pensou. Por que Brun não pode tomar a decisão de uma vez? Já tomei a minha. Para que tanta falação Talvez ele já esteja ficando velho, velho demais para continuar sen do chefe.

Ayla, confusa, seguiu atrás dos homens. Foi direto para a fogueira de Creb na caverna, lá ficando sentada sobre sua pele de dormir, com os olhos perdidos no ar. Iza tentou fazê-la comer, mas a garota simplesmente abanou a cabeça recusando. Uba não entendia direito o que se passava, mas via que algo não ia bem com a garota alta e maravilhosa, a sua muito especial amiga por quem tinha verdadeira adoração. Dirigiu-se a Ayla, aconchegando-se em seu colo. A jovem, em silêncio, pôs-se a embalá-la. De certa maneira, Uba sentia ser um consolo para ela. não se contorceu nem uma vez pedindo para descer, deixando-se ficar quieta e ser ninada. Por fim, adormeceu. Iza veio pegar a filha e a levou para a cama. Depois, a curandeira também foi para a dela, mas não dormiu. Seu coração

estava demasiadamente amargurado pela estranha garota a que chamava de filha, ali sentada, olhando fixamente para as brasas já quase extintas da fogueira.

O dia amanheceu claro e frio. O gelo formava-se nas beiradas do riacho e uma película fina de água cristalizava-se no lago, alimentado pelo córrego junto da entrada da caverna. Mais tarde, quando o sol estivesse alto no céu, normalmente se derretia. Dentro de muito pouco tempo, o clã estaria confinado à caverna para mais outro de seus invernos.

Iza não sabia se Ayla havia dormido. Quando acordou, a menina ainda se achava sentada sobre a pele, silenciosa, perdida em seu mundo, mal se dando conta do que ia por sua cabeça. Ela simplesmente esperava. Creb, pela segunda noite, não fora para sua fogueira. Iza o vira, arrastando os pés na direção da fenda escura que levava a seu santuário. Só saiu de lá pela manhã. Depois de os homens haverem partido, Iza levou um pouco de chá para Ayla, fazendo-lhe algumas perguntas solícitas, mas nenhuma resposta obteve da menina. Quando voltou mais tarde, o chá ainda estava no mesmo lugar, intocado e frio. Como se já estivesse morta, pensou Iza. Sua respiração ficou presa na garganta, sentindo como se garras de ferro lhe comprimissem o coração. Era mais do que podia aguentar.

Brun levou os homens para um lugar que ficava sob uma enorme rocha, protegido contra as frias rajadas de vento. Ali, mandou que se acendesse uma fogueira, antes de dar início à sessão. O desconforto de estarem sentados ao ar livre poderia levá-los a tomar decisões precipitadas e ele queria avaliar o assunto em toda sua dimensão, sabendo dos sentimentos e opiniões de seus comandados. Quando começou, foi por meio dos símbolos silenciosos empregados para dirigir-se aos espíritos, dizendo, então que não se tratava de uma reunião ordinária, mas de uma sessão oficial.

- A menina Ayla, membro de nosso clã usou uma funda para matar a hiena que atacou Brac. Há três anos já vem usando essa arma. Ayla é mulher e, pela tradição que rege os clã a mulher que fizer uso de armas deve morrer. Alguém tem alguma coisa a dizer?

- Droog gostaria de falar, Brun.

- Que fale, Droog.

- Quando a curandeira encontrou a garota, nós estávamos procurando uma caverna. Os espíritos haviam ficado zangados conosco e enviado um ter remoto para destruir nossa moradia. Talvez até não estivessem tão zangados e quisessem apenas um lugar melhor para viver. Ou talvez, quem sabe, que nós encontrássemos a menina. Ela é estranha, fora do comum, como se fosse um sinal enviado por algum totem. Desde que foi encontrada, nós só tivemos sorte. Acho que ela traz sorte e que esta vem de seu totem. "Já faz parte de sua estranheza o fato de ser escolhida pelo grande Leão da Caverna. Achávamos que ela era diferente por gostar de entrar na água do mar, mas, se não fosse por essa sua particularidade, Ona estaria agora caminhando no mundo dos espíritos. Ona é apenas uma menina e nem mesmo nasceu na minha fogueira, mas passei a amá-la. Teria sentido muito se tivesse desaparecido, sou grato por não ter morrido afogada.

"Para nós, ela é estranha, mas sabemos muito pouco sobre os Outros. Agora, ela faz parte do clã, mas não nasceu de nossa gente. não entendo por que quis caçar nas mulheres do clã isso é errado. Só que talvez, nas mulheres da raça dela, não seja assim. Bom, pouco importa, continua sendo errado do mesmo jeito. Entretanto, se ela não tivesse aprendido a atirar com funda, Brac estaria morto também. E não é nada agradável pensar na morte que teria. Um caçador morto por um comedor de carne é uma coisa, mas Brac é um bebê.

"A morte dele seria uma perda para todo o clã, Brun. Não só para você e Broud. Se ele tivesse morrido, nós não estaríamos aqui sentados nesse momento, tentando decidir o que fazer com a garota que salvou sua vida. Estaríamos de luto pelo menino que algum dia será o chefe desse clã. Acho que a menina tem de ser castigada, mas como condená-la à morte? Bom, eu tenho dito.

- Zoug gostaria de falar, Brun.

- Que fale, Zoug.

- O que Droog diz é verdade. Como pode você condenar a menina que salvou a vida de Brac? Ela é diferente, não nasceu de

gente de nossa raça e talvez não pense como deveria uma mulher, mas fora essa questão da funda, ela se comporta como uma boa mulher do clã. Tem sido um modelo de mulher. Obediente, respeitosa.

- Isso não é verdade. Ela é rebelde e insolente - interpôs Broud.

- Sou eu quem estou falando agora, Broud - retrucou Zoug, com raiva.

Broud lançou a Broud um olhar reprovador, e o rapaz teve de conter-se.

- É verdade - prosseguiu Zoug - que, quando a menina era menor, foi insolente com você, Broud. Mas a culpa foi sua que se deixou levar. não seria de estranhar que você, agindo como criança, não fosse tratado como homem, não é verdade? Comigo, ela sempre se mostrou obediente e respeitosa. E também com os outros homens nunca foi insolente.

Broud fuzilou o velho caçador com os olhos, mas refreou-se.

- Ainda que fosse verdade - continuou Zoug - nunca vi ninguém atirar tão bem quanto ela. A menina diz que aprendeu comigo. Nunca soube disso, mas digo francamente a vocês: teria o maior prazer em ter um aluno tão bem-dotado assim, e confesso que hoje só tenho a aprender com ela. A menina quis caçar para ajudar o clã e, como não pôde, procurou um outro modo de nos ajudar. Ela pode ter nascido dos Outros, mas o seu coração está no clã. Sempre pôs os nossos interesses acima dos seus. Ela não pensou no risco que corria, quando foi atrás de Ona. É verdade que consegue movimentar-se dentro d'água, mas eu vi como estava cansada, quando chegou com Ona na margem. O mar poderia tê-la levado também. Ela sabia que era errado caçar e guardou este segredo durante três anos, mas não hesitou um instante quando a vida de Brac estava em perigo.

"Ela tem um bom manejo da arma. É melhor do que qualquer atirador que já conheci em minha vida. Seria uma pena não aproveitarmos esse seu dom. Eu diria que ela se constitui num bem para o clã, que se deveria deixá-la caçar e...

- Não! Não! Não! - exclamou Broud, furioso. - Ela é mulher e não se permite que mulheres cacem.

- Broud - disse o velho e orgulhoso caçador. - Ainda não terminei. Você poderá falar, quando eu tiver acabado.

Deixe que Zoug termine, Broud - advertiu Brun. - Se você não souber se comportar numa sessão de caráter oficial, que se retire!

Broud sentou-se, fazendo força para controlar-se.

- A funda não é uma arma importante. Só comecei a desenvolver minha técnica depois que fiquei velho demais para caçar com lança. As verdadeiras armas do homem são outras. E digo que lhe seja permitido caçar, mas que use somente a funda. Que a funda seja daqui por diante a arma dos velhos e das mulheres, ou que pelo menos seja a desta menina. Pronto, eu tenho dito.

- Zoug, você sabe tanto quanto eu que é mais difícil usar uma funda do que uma lança e que, muitas vezes, é você quem nos abastece de carne, quando uma caçada fracassa. Não se subestime para favorecer a menina. Para caçar com lanças, basta ter força nos braços - falou Brun.

- E força nas pernas e no coração. Bons pulmões e um bocado de coragem - replicou Zoug.

- O que me pergunto é o quanto de coragem se precisa para enfrentar um lince depois de já ter sofrido o ataque de uma fera dessas... e sozinha, só com uma funda - comentou Droog. - não tenho nada a objetar à sugestão de Zoug, se ela continuar sempre caçando só com funda. Os espíritos também parecem não ter nada contra isso. Ayla continua a nos trazer sorte como sempre trouxe. E a caçada do mamute, vocês estão esquecidos?

- Não tenho muita certeza se é esta a decisão que devemos tomar - disse Brun. - Se já não consigo ver nenhuma saída para deixá-la continuar vivendo, caçar então muito menos. Você conhece nossas tradições Zoug. É uma coisa que nunca se fez antes. Será que realmente os espíritos estão de acordo? Afinal, como uma coisa dessas pode passar por sua cabeça? As mulheres dos clãs não caçam.

- É verdade. As mulheres dos clãs não caçam, mas essa mulher sim. Isso nunca teria passado por minha cabeça, se eu não tivesse

visto que ela consegue caçar. Tudo o que digo é que deixem a garota fazer o que já vinha fazendo.

- O que você diz, Mog-ur? - perguntou Brun.

- O que você espera que ele diga? Ela vive na fogueira dele! - aparteou Broud, cheio de amargor.

- Broud! - explodiu Brun. - Você está acusando o Mog-ur de botar seus sentimentos e interesses acima dos do clã? não é ele Mog-ur? O Mog-ur? Você por acaso acha que ele não sabe o que é direito e o que é certo?

- Não, Brun. Broud disse algo sensato. Todo mundo conhece bem os meus sentimentos em relação a Ayla. não é fácil esquecer que gosto muito dela. Acho que vocês deviam saber que, apesar disso, tenho procurado botar meus sentimentos de lado. não sei se vou conseguir. Desde que vocês voltaram que venho meditando e estou de jejum. Na noite passada, encontrei um caminho nas memórias que ainda não havia explorado. Talvez porque nunca tivesse procurado por ele.

"Há muito tempo atrás, muito antes de vivermos em clãs, as mulheres ajudavam os homens a caçar. - As expressões se mostravam incrédulas. - É verdade. Nós faremos uma cerimônia, e vou conduzi-los até lá. Quando estávamos aprendendo a fazer armas e ferramentas e que ainda nascíamos com um tipo de conhecimento não propriamente como as memórias, tanto os homens como as mulheres matavam animais para comer. Nem sempre, nessa época, eram os homens que sustentavam as mulheres. Tal como a mãe urso, a mulher caçava para ela e os filhos.

"Foi muito mais tarde que o homem começou a caçar para a companheira e os filhos dela. E só muito depois que as mulheres com os filhos eram deixados em casa. Quando os homens começaram a cuidar das crianças e a sustentá-las, foi no início da formação dos clã e isto os ajudou a desenvolver-se. Se a mãe morresse durante uma caçada, seu filho também morreria. Mas somente quando as pessoas pararam de lutar entre si, quando aprenderam a cooperar umas com as outras e que os homens passaram a caçar em bando é que os clãs realmente se formaram. Até nessa ocasião algumas mulheres caçavam, no tempo em que

eram elas as que detinham o privilégio de comunicar-se com os espíritos.

“Brun, você disse que isso nunca tinha sido feito antes mas, como vê, estava enganado. As mulheres dos clã já caçaram. Os espíritos, então não tinham nada contra, mas aqueles eram velhos espíritos, diferentes dos de hoje, não os dos nossos totens. Espíritos poderosos que há muito tempo estão descansando desse mundo. Não tenho muita certeza se eles poderiam legitimamente ser considerados como espíritos dos clã. Não porque não fossem honrados e venerados. Eram mais do que isso, temidos principalmente. Contudo, não eram espíritos maus, diria antes, poderosos.

Estavam todos abismados. O Mog-ur falava de épocas tão remotas, tão pouco lembradas que lhes chegavam a parecer quase como uma novidade. Mas a simples menção desses tempos já foi bastante para lhes evocar o medo na lembrança e alguns então deixaram de estremecer naquele instante.

- Duvido que as mulheres dos clã atualmente mostrem desejo de caçar- prosseguiu o Mog-ur. - Nem sei se conseguiriam. Isso foi há muitíssimo tempo, e tanto as mulheres como os homens mudaram muito desde então Mas Ayla é diferente e os Outros também. Muito mais diferentes do que supomos. Não acredito que o fato de deixá-la caçar vá afetar nossas mulheres. A caçada dela e o seu desejo de caçar foram uma surpresa tão grande para elas quanto para nós. Bem, era só o que tinha a dizer.

- Alguém mais tem o que falar? - perguntou Brun. Se bem que não sabia se teria fôlego para muito mais. Sentia-se confuso, era novidade demais para um dia só.

- Goov gostaria de falar, Brun.

- Que fale, Goov.

- Eu sou apenas um acólito e não sei tanto quanto o Mog-ur, mas acho que ele deixou passar um fato importante. Talvez por querer tanto que os seus sentimentos por Ayla não interferissem em seu julgamento, talvez por medo de que o seu amor por ela falasse mais alto do que sua razão, ele se esqueceu do totem dela.

“Alguém aqui já pensou por que razão iria um poderoso totem masculino escolher uma menina? - Ele mesmo respondeu à sua pergunta de efeito apenas retórico. - Tirando Ursus, o Leão da Caverna é o mais poderoso dos totens. Mais poderoso ainda do que o do mamute. Ele caça o mamute. Mesmo que sejam só os filhotes ou os velhos, ele caça. O Leão da Caverna já não caça mamutes.

- Você não está fazendo sentido, Goov. Primeiro, diz que o Leão da Caverna caça mamute e depois diz que não caça, como é isso? - gesticulou Brun.

- Ele Não, mas ela caça. Nós nos esquecemos disso quando examinamos a questão dos totens protetores; inclusive, o leão da caverna, o macho é o protetor. Mas quem caça? O mais forte dos carnívoros, o mais forte dos caçadores é a leoa! A fêmea! Não é verdade que é ela quem leva a caça para seu companheiro? Ele pode matar, mas sua função propriamente é a de proteger, enquanto ela estiver caçando.

“Não é estranho que um Leão da Caverna tenha escolhido uma menina? Alguém aqui já pensou que talvez o seu totem não seja o leão, mas a leoa? A fêmea? A caçadora? não poderia isso explicar a razão de a menina querer caçar? Por que foi dado a ela um sinal?

Talvez tivesse sido a leoa quem lhe enviou o aviso. Talvez por isso sua marca esteja na perna esquerda. Para ela, caçar seria mais extraordinário do que possuir um totem deste? Não sei se o que estou dizendo é verdade, mas temos de admitir que existe uma lógica muito grande nisso. Que seja o seu totem o leão ou a leoa da caverna, o fato é que não podemos negar que estava predestinada a caçar. Ou será que podemos negar seu poderoso totem? E seria possível que nos atrevêssemos a condená-la por fazer o que o seu totem deseja? Bom, eu tenho dito.

A cabeça de Brun dava voltas. As idéias lhe chegavam aos supetões. Precisava de tempo para pensar, para ordenar tudo o que fora dito. Claro que é a leoa quem caça, mas quando já se ouviu falar de um totem feminino? Os espíritos, as suas essências protetoras, foram sempre masculinos, ou não Somente aqueles que passam dias em elucubrações a respeito dos desígnios dos espíritos poderiam chegar à conclusão de que o totem da menina era o

caçador da espécie incorporado no seu totem. Brun, entretanto, preferia que Goov não tivesse levantado a idéia de que eles estariam deixando de atender os desejos de um totem tão poderoso.

Todo o conceito de uma mulher caçadora era tão ímpar, tão perturbador em sua concepção, que muitos ali se sentiram abalados, a ponto de dar um pequeno passo alargando as fronteiras de seu mundo seguro, confortável e bem definido. Cada homem falara de seu ponto de vista daquilo que lhe dizia respeito ou segundo sua área de interesse, e cada um alargara apenas sua fronteira, aquela de seu pequenino e restrito campo de conhecimento. Brun, porém, teria de abarcar todos os domínios e isso era demais, quase impossível. Sentia-se obrigado a examinar cada um dos aspectos, antes de emitir o seu juízo, e gostaria de dispor de tempo para poder mastigar bem as questões. Mas a decisão já não podia ser postergada por muito mais tempo.

- Alguém ainda deseja expressar sua opinião?

- Broud gostaria de falar.

- Que fale Broud.

- Todas essas idéias são interessantes e podem nos fornecer assunto para discutirmos durante os dias frios de inverno, mas as tradições a respeito são muito claras. Nascida ou não dos Outros, a menina pertence aos clã e as nossas mulheres não caçam. não se lhes permite nem tocar em armas e nem também nas ferramentas usadas para fabricá-las. Todos sabemos qual é o castigo. A menina deve morrer. Pouco importa se em épocas passadas mulheres caçavam. O fato de uma urso ou uma leoa caçar não significa que uma mulher possa fazer o mesmo. não somos nem ursos nem leões. não faz a menor diferença também, se ela tem ou não um totem poderoso ou se ela traz ou não sorte para nós. Iguamente não faz diferença que ela seja uma exímia atiradora e que tenha salvado a vida do filho de minha companheira. Claro que lhe sou grato por isso... todos viram que, no caminho de volta, tive ocasião de me externar muitas vezes neste sentido, mas continuo dizendo que tudo isso não faz a menor diferença. As tradições dos clã não permitem concessões. Uma mulher que usa arma deve morrer. Não podemos alterar o fato. Assim rezam os nossos costumes. Toda essa reunião é

uma perda de tempo. Não existe qualquer outra decisão a tomar, Brun. E tenho dito.

- Broud tem razão - disse Dorv. - não compete a nós mudar as tradições dos clã Uma exceção leva a outra. Em breve, não teremos mais nada em que nos apoiar. O castigo é a morte, logo a menina deve morrer.

Algumas cabeças acenaram em assentimento. Brun não respondeu imediatamente. Broud está certo, pensou. Qual outra decisão posso tomar? Ela salvou a vida de Brac, mas, para fazer isso, usou uma arma. Brun estava tão capaz de tomar uma decisão agora como no dia em que Ayla passou a mão numa funda e matou a hiena.

- Antes de tomar minha decisão, levarei em consideração a opinião de todos aqui. Mas quero que cada um neste instante expresse sua resposta de forma objetiva - disse, por fim, o chefe.

Os homens sentavam-se em círculo ao redor da fogueira. Todos mantinham os punhos cerrados em frente do peito. Um movimento para cima e para baixo significava resposta afirmativa e, para o lado, valia como não.

- Grod - falou Brun, iniciando com o segundo em comando - você acha que a menina Ayla deve morrer?

Grod hesitava, estava solidário com seu chefe, vivendo o mesmo dilema. Há anos era o segundo em comando de Brun e quase podia ler os pensamentos de seu chefe e, com o passar dos anos, foi aprendendo a respeitá-lo cada vez mais. Ele não via qualquer outra saída. Levantou a mão fechada para cima e depois para baixo.

- Que outra coisa poderia fazer, Brun - acrescentou.

- Grod diz sim. E você, Droog? - indagou Brun, virando-se na direção do ferramenteiro.

Droog não hesitou, seu punho cerrado fez um movimento atravessando o peito.

- Droog diz não. Crug, e você?

Crug olhou para Brun, depois para o Mog-ur e finalmente para Broud. Ele foi com a mão para cima.

- Crug diz sim. Que a menina deve morrer - confirmou Brun. - Goov?

O jovem acólito respondeu imediatamente cruzando o peito com sua mão cerrada.

- Goov é da opinião que não deve. Broud?

Broud, antes mesmo de Brun dizer o seu nome, já tinha o punho suspenso para cima. Brun passou logo adiante, era uma resposta mais do que sabida.

- Sim, Zoug?

O velho mestre atirador, cheio de altivez, endireitou o corpo e riscou o peito com seu punho nos dois sentidos, enfaticamente, de modo a não deixar a mais leve sombra de dúvida.

- Zoug é da opinião de que a menina não deve morrer. E você, Dorv, o que acha?

O velho suspendeu sua mão fechada e, antes mesmo que a tivesse abaixado, todos já se haviam voltado na direção do Mog-ur.

- Dorv diz que sim. Mog-ur, qual é a sua opinião? - Perguntou Brun. A respeito dos outros, ele sabia por antecipação o que diriam, mas com relação ao velho feiticeiro não estava muito certo.

Creb se via na maior agonia. Sabia o que rezava a tradição. Culpava-se pelo crime de Ayla, por lhe ter dado demasiada liberdade. Sentia-se também culpado por gostar tanto dela, temendo que isso obscurecesse seu raciocínio, que pudesse pensar primeiro nela, botando seus deveres para com o clã em segundo plano. Pela lógica, decidira que ela devia morrer. Mas antes que se pusesse a fazer o movimento, sua mão foi empurrada para o lado, como se alguém a tivesse agarrado e a movesse por ele. Era-lhe impossível condená-la, se bem que, uma vez a decisão tomada, faria aquilo que era de sua competência. Ele não tinha escolha, isso agora era exclusivamente com Brun e com mais ninguém.

- As opiniões estão igualmente divididas - anunciou o chefe. - De qualquer o modo, a decisão seria mesmo minha. Eu apenas quis saber o que pensavam. Vou precisar de algum tempo para ver com mais clareza o que foi dito aqui hoje. O Mog-ur anunciou uma cerimônia para esta noite. Isso é bom. Estou precisando da ajuda dos espíritos, e todos nós temos necessidade da proteção deles.

Vocês saberão da minha decisão amanhã pela manhã. Ayla também saberá. Agora, vocês podem ir e se preparem para a cerimônia.

Brun, sozinho, permaneceu junto da fogueira. As nuvens, trazidas pelos ventos gelados, corriam pelo céu fazendo cair pesados e intermitentes aguaceiros. Brun, entretando, estava alheio à chuva, do mesmo jeito que também não percebia as últimas brasas faiscando na fogueira. Já era quase noite, quando a custo se levantou e foi-se arrastando para a caverna. Viu Ayla ainda sentada no mesmo lugar em que a deixara ao sair pela manhã. Ela espera o pior, disse consigo. Mas que outra coisa poderia esperar?

Capítulo 16

O clã, cedo, reuniu-se do lado de fora da caverna. Do leste vinha um vento frio, prenunciando rajadas mais geladas ainda, mas o céu estava claro com o sol da manhã brilhando por cima do morro, contrastando com os ânimos sombrios das pessoas. Elas evitavam olhar umas para as outras. Na falta de conversa, vinham com os braços caídos arrastando-se até os seus lugares. Naquela manhã, saberiam do destino da estranha menina que haviam adotado em seu meio.

Uba sentia sua mãe tremendo e lhe apertando a mão com tanta força que chegava a doer. A menina percebia que o tremor não era pelo vento frio. Havia algo mais. Creb estava de pé, parado à entrada da caverna. Nunca sua figura esteve tão intimidadora, com seu rosto disforme parecendo esculpido em granito e o único olho mostrando-se impenetrável como uma pedra opaca. A um sinal de Brun, foi coxeando para o interior da caverna, lenta e cansadamente, sucumbido pelo peso de um fardo monstruoso. Ele se dirigiu à sua fogueira e olhou para a menina sentada sobre a pele de dormir. Fazendo um supremo esforço sobre si, obrigou-se a ir para junto dela.

- Ayla, Ayla - disse, com brandura. A menina levantou os olhos. - Chegou o momento. Você deve vir agora. - Ayla tinha o olhar mortício, parecendo não compreender. - Você precisa vir, Ayla. Brun espera - repetiu Creb.

Ayla acenou com a cabeça, dizendo que compreendera e se levantou com esforço de seu lugar. As pernas estavam duras de tanto tempo ficar sentada, mas ela mal notou. Em silêncio, seguiu Creb, olhando para a terra no chão, marcada por aqueles que haviam passado ali antes: marcas de calcanhar, impressões de dedos, contornos imprecisos de pés envolvidos por couro, a ponta redonda do cajado de Creb e os sulcos deixados por suas passadas trôpegas. Parou, ao dar com uns calçados cobertos de poeira. Eram os de Brun. Ela se deixou, então, cair por terra. A uma pequena

pancadinha em seu ombro, procurou forças dentro de si para poder levantar os olhos e olhar a face do chefe do clã.

O impacto lhe devolveu a consciência, despertando um medo indefinido. Era a figura de sempre - fronte baixa, deslizando para trás, sobrancelhas cerradas, nariz adunco e a barba grisalha - mas o olhar orgulhoso, duro e severo desaparecera, substituído por uma franca expressão de pesar e compaixão.

- Ayla - disse alto, para depois prosseguir por meio de gestos formais, usados só em ocasiões solenes - menina dos clã são antigas as nossas tradições. Vivemos conforme estas, praticamente desde que os clãs existem. Você não nasceu de nossa gente, mas é uma de nós e deve viver ou morrer segundo os nossos costumes. Quando estávamos no norte, caçando o mamute, você foi vista usando uma arma e, antes disso, também já a havia usado. Nossas mulheres não podem usar armas, essa é uma de nossas tradições. O castigo também faz parte das tradições. Tais são os nossos costumes e estes não devem ser alterados.

Brun se inclinou para a frente e olhou para Ayla, dentro de seus olhos azuis amedrontados, e então prosseguiu:

- Eu sei por que você usou a funda, Ayla, se bem que até agora não entendo os motivos que a levaram a querer usar uma arma. Brac não estaria vivo, se não fosse você. - Ele endireitou a postura e, com gestos extremamente medidos para que todos pudessem ver, acrescentou: - O chefe deste clã agradece a esta menina por ter salvo a vida do filho da companheira do filho da minha companheira.

Algumas pessoas se entreolharam. Raramente se fazia um reconhecimento como aquele publicamente e mais raro ainda era um chefe admitir sua gratidão uma simples menina.

- Entretanto, as nossas tradições não admitem exceções. - Nesse ponto, ele fez um sinal para o Mog-ur que se dirigiu para a caverna. - E eu não posso agir de outra maneira, Ayla. O Mog-ur neste instante está armando os ossos e dizendo em voz alta os nomes daqueles que não se podem pronunciar, nomes que apenas os mog-urs conhecem. Depois que ele terminar, você morrerá. Ayla, menina dos clã você está amaldiçoada com a maldição de morte.

Ayla sentiu que o sangue lhe fugia do rosto. Iza soltou um grito, prolongado num som agudo e lamentoso, pranteando a morte de sua filha. Ela foi interrompida por Brun, que tinha a sua mão suspensa.

- Ainda não terminei - gesticulou o chefe.

Fez-se súbito silêncio. Os olhares se entrecruzaram rapidamente, todos, curiosos, aguardando o que estava por acontecer. O que mais teria Brun a dizer?

- As tradições dos clã são claras e, como chefe, sou obrigado a seguir nossos costumes. Uma mulher que usa arma deve ter pesando sobre ela a maldição de morte. Entretanto, nenhum costume estabelece por quanto tempo deve durar o castigo. Ayla, sua maldição de morte deve ser por todo o período de uma lua. Se os espíritos concederem a você a graça de voltar do outro mundo, após a lua haver feito todo o seu ciclo, quando novamente estiver na fase em que se encontra agora, você poderá tornar a viver conosco.

Houve um rebuliço geral. Era totalmente inesperado.

- É verdade - gesticulou Zoug. - não existe nada dizendo que a maldição tenha de ser para sempre.

- Mas que diferença faz? Como alguém que ficou morto por tanto tempo pode voltar a viver? Alguns dias ainda vai, mas durante toda uma fase de lua? - perguntou Droog.

- Se a maldição fosse só por alguns dias, não sei se satisfaria as condições do castigo - disse Goov. - Alguns mog-urs acreditam que o espírito não atinge o outro mundo, se a maldição for por prazo curto. Ele fica simplesmente pairando por aí, esperando o tempo passar para regressar, caso consiga fazê-lo. Se o espírito ficar por perto, os malignos também ficarão. Essa é uma maldição de morte limitada, mas é tão prolongada que chega quase a valer como uma definitiva. Ela satisfaz perfeitamente as exigências de nossos costumes.

- Então, por que simplesmente ele não lançou a maldição e deu a coisa por encerrada - gesticulou Broud, com raiva. - Nada em nossas tradições fala de maldição de morte temporária para esse tipo de crime. Ela deveria morrer, e a maldição de morte era para ser o seu fim.

- E você acha que não será, Broud? Acredita realmente que ela possa voltar? - perguntou Goov.

- Não acho nada. Só queria saber por que Brun não lançou simplesmente a maldição Será que já não consegue mais tomar uma simples decisão. Broud se sentiu confuso com o sentido subentendido na pergunta de Goov. Ela punha a descoberto aquilo que todos no seu íntimo estavam pensando. Teria Brun imposto uma maldição de morte temporária, se não soubesse que haveria alguma chance, ainda que muito remotamente, de a menina voltar da morte?

Brun passara a noite toda lutando com seu dilema. Ayla salvara a vida do bebê. não era justo que ela morresse por isso. Ele amava a criança e se sentia profundamente grato à moça, mas a questão ultrapassava seus sentimentos pessoais. As tradições exigiam que a menina morresse. Por outro lado, havia outros costumes: o costume da obrigação aquele que rezava que uma vida se paga com outra vida. Ayla trazia consigo uma parte do espírito de Brac. Ela merecia e lhe era devida uma coisa de igual valor. A ela, estava-se devendo a vida.

Somente quando começou a clarear o dia, conseguira encontrar uma solução. Algumas almas mais fortes haviam voltado depois de uma maldição de morte temporária. Era uma chance longínqua, praticamente nenhuma, apenas uma levíssima esperança. Em troca da vida do bebê, ele lhe dava a única coisa que estava dentro de seu alcance oferecer: uma ínfima possibilidade de viver. Não era o suficiente; mais, entretanto, não lhe era possível, e isso era melhor do que nada.

Subitamente, abateu-se um silêncio mortal. O Mog-ur, de pé na entrada da caverna, era a própria personificação da morte: velho e encarquilhado. não foi preciso que ele anunciasse que estava tudo acabado. O Mog-ur havia cumprido o seu dever. Ayla estava morta.

Os lamentos de Iza vaiavam o ar. Em seguida, vieram os de Oga e Ebra. Depois, todas as mulheres juntaram suas vozes à de Iza, em pranto solidário. Ao ver a mulher que amava sucumbida pela dor, Ayla correu para consolá-la- Mas no momento em que ia envolvê-la nos braços, Iza, a única mãe de quem se lembrava,

afastou-se, evitando o abraço. Era como se Iza não a visse. A menina se achou confusa. Olhou para Ebra inquirindo, mas Ebra olhava como se através dela. Foi para Aga, depois para Ovrá, ninguém a via. Quando ela se aproximava, ou se viravam, ou se punham de lado. Não propositadamente para lhe dar caminho, mas como se todos houvessem planejado sair antes que ela pudesse chegar. Ayla correu na direção de Oga.

- Sou eu! Ayla! Estou aqui na sua frente. Você não me vê?

Os olhos de Oga estavam vidrados. Ela deu as costas, afastando-se sem responder, sem fazer qualquer sinal de reconhecê-la; era como se Ayla fosse invisível.

Ayla viu Creb caminhando na direção de Iza. Ela correu para ele.

- Creb! Sou Ayla! Estou aqui - gesticulou, inteiramente fora de si. O velho feiticeiro seguiu seu caminho, afastando-se apenas o suficiente para evitar Ayla, jogada a seus pés, como se ela fosse uma pedra em seu caminho. - Creb - dissera, gemendo. - Por que você não me pode ver? - Levantou-se e correu outra vez para Iza.

- Mãe! mãe Olhe para mim! OLHE PARA MIM! - gesticulou com as mãos na frente dos olhos de Iza, que novamente começou no seu agudo lamento.

- Minha filha, minha filhinha. A minha Ayla está morta. Ela foi embora. Minha pobrezinha. Pobre Ayla. Ela não está mais viva.

Ayla viu Uba, cheia de medo e confusa, abraçada na perna da mãe. Ajoelhou-se na frente da garotinha.

- Você me vê, não é, Uba? Eu estou bem aqui. - Ayla percebeu nos olhos da menina um sinal de reconhecimento, mas, no mesmo momento, Ebra chegou e carregou-a dali.

- Eu quero Ayla - gesticulou Uba, contorcendo-se para descer do colo.

- Ayla está morta, Uba. Ela foi embora. Essa não é Ayla. É só o espírito dela querendo encontrar seu caminho para o outro mundo. Se você tentar falar com ele, se você enxergá-lo, o espírito vai tentar levá-la junto. Não olhe para ele. Dá azar enxergar o espírito. Você não quer ter azar, não é, Uba?

Ayla se deixou abater no chão Ela não sabia o que significava a maldição de morte e imaginara todas as espécies de horrores, mas a realidade era muito pior.

Para o clã, ela deixara de existir. O que faziam não era uma farsa ou encenação para assustá-la. Ayla simplesmente passou a não mais existir. Ela era um espírito que, por alguma razão qualquer, estava visível, continuando a dar uma aparência de vida a seu corpo, mas ela mesma estava morta. Segundo a crença do clã a morte era uma mudança de estado, uma jornada para um outro plano da existência. A força vital se fazia através de um espírito invisível, isso era evidente. Alguém poderia num momento estar vivo e, no outro, morto, sem qualquer mudança visível, fora o fato de que o movimento, a respiração e o que causava a vida tinham desaparecido. A essência da verdadeira Ayla já não fazia mais parte do mundo deles; ela se vira obrigada a passar ao outro. O fato de a parte física que ficara neste mundo estar fria e sem movimento, ou ao contrário, quente e animada, não tinha a menor importância.

Este era apenas um passo a ser dado na expulsão da essência da vida. Se o corpo de Ayla ainda não sabia, muito brevemente compreenderia. Ninguém, na verdade, acreditava que ela voltasse, nem mesmo Brun. Seu corpo, uma concha vazia, jamais poderia ser novamente viável, a não ser que seu espírito fosse autorizado a voltar. Sem o espírito vital, o corpo, não podendo comer nem beber, logo estaria deteriorado. Uma vez acreditando firmemente nesta teoria e os entes queridos não reconhecendo a existência, não havia mais existência e, portanto, nenhuma razão para comer, beber ou viver.

No entanto, enquanto permanecesse o espírito perto da caverna, animando o corpo do qual já não fazia mais parte, as forças que o haviam expulsado continuavam também pairando nas vizinhanças. Essas podiam fazer mal aos vivos e tentar levar consigo alguma vida. Sabia-se de pessoas que receberam a maldição de morte que tiveram companheiros ou familiares mortos pouco tempo depois de haverem sido amaldiçoadas. Ao clã não importava se o espírito levasse consigo o corpo ou se a concha vazia permanecesse

no mundo, o que desejavam é que o espírito desaparecesse o mais rapidamente possível.

Ayla observava à sua volta todas aquelas pessoas que lhe eram tão familiares. Elas se afastavam para retomar seus afazeres diários, embora a atmosfera estivesse tensa. Creb e Iza entraram na caverna. Ayla se levantou e os seguiu. Ninguém tentou impedi-la, apenas Uba foi mantida afastada. Acreditava-se que as crianças tivessem proteção especial, mas era melhor não tentar demasiadamente a sorte. Iza reuniu todos os pertences de Ayla, inclusive as peles e as palhas secas que haviam forrado seu lugar de dormir, e levou tudo para fora da caverna. Creb foi com ela e pegou uma brasa da fogueira na entrada da caverna. Depois de depositar as coisas ao lado de uma fogueira apagada que Ayla ainda não havia percebido, Iza voltou para dentro, enquanto Creb tocava fogo na lenha. Em seguida, silenciosamente, ele fez por cima dos objetos e da fogueira uma série de gestos que eram desconhecidos de Ayla.

Com horror cada vez maior, ela via Creb lançando às chamas cada uma de suas coisas. Para Ayla, não haveria cerimônia fúnebre, isto também fazia parte do castigo e da maldição. Mas todo vestígio de sua pessoa tinha de ser destruído, nada que pudesse prendê-la ali deveria restar. A garota viu o seu pau de cavar pegando fogo, depois a cesta de colher, o acolchoado de palhas secas, as roupas, tudo ia sendo atirado ao fogo. Percebeu que as mãos de Creb tremeram, quando pegou sua capa de pele. Por um instante, ele a apertou contra o peito, depois a atirou também ao fogo. Os olhos dela transbordavam de lágrimas.

- Oh, Creb eu gosto tanto de você - disse, gesticulando.

Mas os olhos dele pareciam não ver. Com profundo terror, viu-o pegar sua sacola de remédios, a que Iza fizera pouco antes da malfadada caçada de mamute, e atirá-la também ao fogo.

- Não Creb, não Minha sacola de remédios, não - implorou. Tarde demais, já começara a pegar fogo.

A garota não pôde suportar mais. Chorando sua angústia e solidão pôs-se a correr às tontas, descendo a colina e entrando na mata. não via por onde ia e nem se importava. Os galhos lhe atravessavam o caminho, mas passava por eles sem ver os

arranhões que iam ficando nos braços e nas pernas e, patinam do pela água gelada, não se dava conta dos pés empapados e já dormentes. Por fim, tropeçou num tronco, esborrachando-se no chão. Deixou-se ficar estendida sobre a terra fria e molhada, desejando que a morte chegasse depressa, livrando-a daquele sofrimento atroz. não tinha nada: família, clã, motivo para viver. Estava morta. Eles mesmos o haviam dito.

Seu desejo não estava muito longe de tornar-se realidade. Desde o regresso da caçada, há dois dias que, perdida no seu mundo de mágoas e medos, não comia nem bebia. Seus trajes eram leves e os pés doíam com o frio. Fraca e desidratada, era candidata certa a morrer de frio. Havia, entretanto, dentro dela algo que era mais forte do que o desejo da morte, a mesma coisa que já a havia sustentado antes, quando um terremoto devastador deixou uma menina de cinco anos sem amor, família e proteção. Uma inquebrantável vontade de viver, um obstinado instinto de sobrevivência não a deixavam entregar-se, enquanto respirasse e houvesse vida pela frente.

A parada deixou-a mais calma e ela se sentou, tremendo de frio, com os ferimentos sangrando. Quando caíra batera com o rosto contra algumas folhas molhadas e agora lambia os lábios, procurando umedecê-los. Estava sedenta. não se lembrava de ter tido tanta sede na vida. O barulho de uma água próxima colocou-a sobre os pés. Depois de um longo e prolongado gole, já saciada, pôs-se a caminho. O tremor era tanto que ouvia o barulho dos dentes batendo, e os pés gelados e doídos faziam do seu caminhar um penoso sacrifício. Sentia-se enjoada e tonta. O movimento a aqueceu um pouco, mas a baixa temperatura do corpo estava produzindo seus efeitos.

Não sabia direito onde se encontrava, não tinha nenhum destino em mente, mas os pés seguiam um trajeto que de tantas vezes feito e repetido lhe ficara gravado no cérebro. O tempo perdera o significado, ignorava desde quando estava caminhando. Subia margeando a base de um íngreme paredão que ia para além de uma nebulosa cachoeira. Foi então que lhe veio o sentimento de um terreno já conhecido. Saindo de um pequeno bosque de

coníferas entremeadas por alguns pés atarracados de vidoeiros e salgueiros, viu-se em sua solitária clareira no alto da montanha. Há quanto tempo, perguntava-se ela, não aparecia por ali. Depois que começara a caçar, a não ser na época em que treinava a técnica dos dois arremessos, raramente fora lá. Sempre havia sido um lugar para treinar, nunca para caçar. Será que durante o verão não cheguei a vir nem uma vez? não se lembrava. Pondo para o lado o denso emaranhado de galhos que, mesmo sem folhas, ocultava a entrada, Ayla entrou na pequena caverna.

Pareceu-lhe menor do que imaginava. Lá está a velha pele de dormir, disse consigo, lembrando-se da época em que a trouxera. Havia sido há muito tempo. Alguns esquilos tinham feito ninhos dela, mas quando ela a trouxe para fora e a sacudiu, reparou que não estava muito estragada. Ficara só um pouco dura com o tempo. O interior seco da caverna ajudara a conservá-la. Ayla se enrolou na pele, dando graças por tê-la e tornou a entrar no pequeno abrigo.

Havia uma peça de couro, uma velha capa que trouxera para botar por cima de palhas e fazer um acolchoado. Gostaria de saber se ainda existe aquela faca, pensou consigo. A prateleira improvisada caiu, mas ela deve estar por perto... ah, aqui está, disse retirando do meio da terra uma faca que, de pois de limpa, usou para cortar a velha capa de couro. Tirou então dos pés os calçados molhados e enfiou uma tira pelos buracos que fez em cada um dos dois círculos cortados do couro. Envolveu os pés no novo calçado, forrando-o antes com palhas secas achadas sob a peça de couro. Estendeu os outros calçados para secar e, em seguida, pôs-se a fazer o inventário da caverna.

Preciso de uma fogueira. A palha seca servirá para ajudar o fogo a pegar. Empurrou-a, fazendo um monte junto da parede. A prateleira está seca, posso também tirar umas lascas nela para fazer fogo e vai servir como base para girar o pau. Agora, preciso encontrar um... ah, ali está a minha cuja devidoeiro, também poderia queimá-la. Não vou precisar dela para guardar água. Esta cesta está toda roída. O que é isso dentro? A minha velha funda. não sabia que tinha ficado aqui. Devo ter feito uma outra. Ela a suspendeu examinando. É muito pequena e os ratos deram nela.

Vou precisar de uma nova. Ela parou olhando para a tira de couro que tinha na mão.

Fui amaldiçoada por causa disso. Agora, estou morta. Mas como posso estar aqui pensando em fogueiras e fundas? Eu estou morta. Só que não me sinto morta... O que estou sentindo é muito frio e fome. Pode uma pessoa morta ter fome e frio? O que um morto sente? Será que sou o meu espírito no outro mundo? Mas nem sei o que é o meu espírito. Nunca vi um em toda a minha vida. Creb diz que não se pode ver espíritos, mas ele conversa com eles. Por que não me pôde ver? E por que ninguém mais pôde? Devo estar morta. Então por que penso em fogueiras e fundas? Ora, por que tenho fome!

Será que posso usar uma funda para arranjar comida? Por que não? Já estou amaldiçoada mesmo, eles não podem me fazer mais nada. Mas essa aqui não está boa. O que eu poderia usar para fazer uma outra? A capa? não O couro está muito duro, ficou muito tempo aqui dentro. Preciso achar um couro macio. Ela passou os olhos pela caverna. Sem uma funda para matar um animal, não posso fabricar outra. Onde será que posso encontrar um couro macio? Ela dava voltas na cabeça, procurando por uma solução e acabou sentando-se no chão desesperada.

Ali ficou olhando para as mãos caídas sobre o colo. De repente, viu onde elas estavam apoiadas. Claro, a minha roupa! Posso tirar um pedaço dela. Criou então alma nova, pondo-se outra vez a olhar a caverna, cheia de entusiasmo. Ah, aqui está o meu velho pau de cavar. não me lembrava de o ter deixado aqui. E também alguns pratos. Isso sim, me lembro de quando trouxe essas conchas para cá. Estou morta de fome. Queria que existisse alguma coisa para comer por aqui. Mas espere! Há sim. Este ano, não catei as avelãs, elas devem estar espalhadas pelo chão lá fora.

Ayla ainda não se dera conta, mas começara a viver outra vez. Colheu as avelãs trouxe-as para dentro da caverna e comeu tantas quanto permitiu o seu estômago encolhido pela falta de comida. Em seguida, retirou a roupa e cortou dela um pedaço para fazer a funda. A correia não tinha a bolsa para ajustar as pedras, mas achava que dava para funcionar.

Até então, nunca havia caçado animais para comer, e o coelho era rápido, mas não o bastante para ela. Lembrou-se de haver passado pela casa de um castor na beira da água. Conseguiu pegar o bicho no momento exato em que ele ia esconder-se sob as águas. No caminho de volta, viu uma pequena pedra cinza perto do riacho. Isso é sílex. Tenho certeza de que é. Pegou o nódulo e levou consigo. Meteu o castor e o coelho dentro da caverna e voltou para catar madeira e uma pedra para martelar.

Preciso de um pau para fazer fogo. Ele tem que estar perfeito e seco. Essa madeira está muito molhada. Reparou no pau de cavar. Isso deve servir. Era difícil fazer fogo sem a ajuda de outra pessoa. Estava acostumada a revezar com outra mulher no trabalho de girar o pau sem parar, comprimindo-o contra uma superfície. Depois de muito esforço e concentração uma faísca saiu da combustão da superfície, passando para o monte de acendalhas. Com muito cuidado, foi soprando até que por fim se viu recompensada com pequenas línguas de fogo. Começou, então, a jogar, uma por uma, as lascas de madeira seca para depois botar pedaços maiores tirados da prateleira. Quando o fogo pegou de vez, botou por cima a madeira que havia apanhado do lado de fora e uma alegre fogueira se fez dentro da pequenina caverna.

Vou ter de arrumar uma panela para cozinhar, pensou, enquanto fazia um espeto com o coelho já sem a pele e punha por cima o rabo do castor para enriquecer com sua gordura a carne magra do coelho. Vou precisar também de um novo pau de cavar e de outra cesta. Creb queimou a minha. Queimou tudo, até mesmo a minha sacola de remédios. Por que ele teve de fazer isso? Os olhos se encheram de lágrimas que rolavam pelo rosto. Iza disse que estou morta. Por que ela não conseguia ver que eu estava ali? Ali, bem na frente dela. Por alguns momentos, ficou chorando, depois se sentou endireitando o corpo e enxugou as lágrimas. Se vou ter de fazer um outro pau de cavar, precisarei de uma machadinha, disse, cheia de resoluções.

Enquanto o coelho assava, fabricou o machado à maneira como viu Droog fazendo e com ele cortou um galho verde para servir de pau de cavar. Em seguida, foi apanhar mais lenha que

empilhou dentro da caverna. Mal aguentava esperar a carne ficar pronta. O cheiro lhe enchia a boca de água e seu estômago vazio não parava de roncar. A primeira mordida lhe deu a sensação de nunca ter comido nada tão gostoso na vida.

Quando terminou, já estava escuro e ela se sentia feliz com sua fogueira. Botou, então mais lenha por cima, abafando um pouco o fogo para ter certeza de que não apagaria até o dia seguinte e, enrolando-se na velha pele, deitou-se, mas o sono não veio. Olhava as chamas enquanto lhe iam desfilando pela cabeça, numa monstruosa sequência, os horríveis acontecimentos do dia. Nem notava as lágrimas escorrendo pelo rosto. Tinha medo e, ainda por cima, via-se só. Nunca mais passara uma noite sozinha, desde que Iza a encontrara. Por fim, exausta, os olhos se fecharam, mas foi um sono perturbado por pesadelos. Gritava chamando Iza e chamando também, numa língua inteiramente esquecida, por uma outra mulher. Mas ninguém se achava lá para consolar a menina perdida em sua dolorosa solidão.

Os dias de Ayla transcorriam ativos, com ela ocupada nas coisas que lhe garantiriam a sobrevivência. Há muito deixara de ser a garotinha de cinco anos, inexperiente e ignorante. Os anos passados na companhia do clã foram de trabalho duro, mas tinha aprendido bastante durante esse tempo. Teceu cestas impermeáveis, uma outra para colher plantas, curtiu o couro dos animais que caçava, fez forros de pele de coelho para botar dentro dos calçados, arrumou perneiras que amarrava com cordas e luvas que cortava num feitio semelhante aos calçados: pedaços redondos de pele que atava ao redor do pulso, tal como uma bolsa, só que nesta fazia uma fenda para deixar o polegar passar. Fabricou ainda ferramentas de sílex e catou capim para tornar mais macio o seu lugar de dormir.

A clareira também lhe supria com alimentos. O pasto lá estava alto, carregado de sementes e cereais. E num terreno próximo havia nozes, arandos, uvas-de-urso, maçãzinhas verdes, tubérculos e samambaias comestíveis. Ficou feliz por encontrar astrágalos, em sua variedade não venenosa, cujas vagens verdes encerravam fileiras de pequenas sementes arredondadas que muito apreciava. Chegou, inclusive, a moer as duras sementes dos quenopódios secos

para juntar com os cereais que cozinhava fazendo uma espécie de mingau. Os terrenos na vizinhança davam, portanto, para satisfazer perfeitamente suas necessidades.

Pouco tempo depois de estar lá, resolveu que precisava de uma nova vestimenta de pele. O inverno ainda não havia mostrado sua verdadeira face, mas já estava bem frio e ela sabia que a neve não tardaria a chegar. O primeiro pensamento foi para uma pele de lince, um animal que tinha especial significado para ela. Mas a carne era incomível, pelo menos para seu gosto. A comida tinha a mesma importância que a pele. Enquanto pudesse caçar, não lhe custava muito satisfazer suas necessidades imediatas, mas precisava armazenar para o futuro, quando a neve iria confiná-la na caverna. A comida, naquele momento, era uma razão para caçar.

Odiava a idéia de ter de matar um daqueles animais tão mansos que por tanto tempo havia dividido com ela o refúgio nas montanhas; além disso, não tinha muita certeza se conseguiria abater um veado com a funda. Ficou surpresa de ver um pequeno bando ainda usando os pastos lá em cima e resolveu que seria melhor aproveitar logo a oportunidade, antes que os animais fossem para terrenos mais baixos. Uma pedra lançada com força a pequena distância pegou numa corça e uma forte paulada na cabeça fez o serviço final.

A pele era grossa e macia - a natureza preparara bem o animal para os rigores do inverno - e o assado, em fogo lento, constituiu-se numa bela ceia. Um carcaju de maus bofes, atraído pelo cheiro de carne crua aproximou-se, mas foi recebido por uma pedrada certa que a fez lembrar-se do primeiro animal que abatera na vida, o outro carcaju que rondava a caverna do clã para roubar-lhe a comida. Os carcajus para alguma coisa servem disse ela então a Oga. Os bafos frios de nossa respiração não congelam nas peles do carcaju e são essas as que dão melhores capuzes. Desta vez vou fazer um para mim, disse consigo, arrastando o corpo do animal para a caverna.

Armou fogueiras em volta das cordas em que pendurou as carnes para secar, com isso mantendo os carnívoros a distância e apressando o processo de secagem e, além disso, a carne defumada

tinha um sabor de que particularmente gostava. No fundo da caverna cavou um buraco raso - era pequena a camada de terra naquele ponto onde se formara a fenda na montanha - forrou-o com pedras trazidas do riacho e armazenou ali os alimentos que cobriu com pedras maiores.

Sua nova pele curtida junto com a carne tinha cheiro de fumo, mas ela a esquentava e a velha serviu para tornar seu lugar de dormir mais aconchegante. Da corça, ainda aproveitou o estômago que, depois de bem lavado, usou como cantil de água, os tendões, que foram usados como cordas, e da corcova sobre o rabo, onde o animal armazenava suas reservas para o inverno, Ayla retirou gordura. Sua preocupação de todos os dias, enquanto a carne secava, era com a neve, e ela dormia do lado de fora, dentro do círculo de fogueiras para poder mantê-las acesas durante a noite. Por fim, ao ver tudo guardado e em segurança, pôde sentir-se mais aliviada e tranquila.

Quando o céu se cobriu com pesadas nuvens escondendo a lua, sua preocupação passou a ser com a contagem do tempo. Lembrava-se exatamente do que Brun dissera: "Se os espíritos concederem a você a graça de voltar do outro mundo, após a lua haver feito todo o seu ciclo, quando novamente estiver na fase em que se encontra agora, você poderá tornar a viver conosco." Ela não sabia se estava ou não no "outro mundo", só sabia que mais do que tudo desejava voltar. Também não tinha muita certeza se poderia, ou se voltasse, as pessoas iriam enxergá-la. Brun, no entanto, dissera que ela podia e eram a estas palavras que se apegava. Mas, como saber quando voltar, se as nuvens cobrissem a lua?

Recordou-se que, há muitos anos, Creb lhe mostrara um processo de fazer marcas sobre um pau. Supunha que uma porção de varas com ranhuras que ele guardava num canto da fogueira deles na caverna fosse para contar a quantidade de tempo entre um e outro acontecimento significativo. Certa vez, por curiosidade, ela resolveu também informar-se sobre determinada coisa à maneira como ele fazia, e já que a lua passava sempre por ciclos repetitivos, interessou-se em ver quantas marcas seriam necessárias para se ter um ciclo completo da lua. Creb descobriu e lhe passou um bom

cargo. A repreensão serviu para que Ayla guardasse bem na memória que aquela era uma coisa que jamais deveria voltar a fazer, mas, por isso mesmo, nunca se esqueceu da ocasião. Passou um dia inteiro preocupada, sem saber como calcular a época em que deveria estar de volta, até que se lembrou desse fato de tempos atrás e teve a idéia de fazer, todas as noites, uma marca sobre um pau.

Por mais que se esforçasse, as lágrimas lhe vinham sempre aos olhos ao final do dia, quando mais uma marca era acrescentada.

As lágrimas estavam constantemente subindo a seus olhos. Pequenas coisas traziam-lhe à lembrança detalhes envolvendo momentos de amor e ternura. Um coelho assustado atravessando o caminho fazia-a recordar de suas longas caminhadas com Creb. Adorava seu velho rosto, rude, com um só olho e cheio de cicatrizes. A lembrança dele inundava os seus olhos de lágrimas. Alguma planta medicinal que via punha a garota chorando, cheia de lembranças de Iza, explicando-lhe como usá-la, e a visão de Creb queimando a sacola de remédios provocava outro derramamento de lágrimas. De noite, ainda era pior.

Acostumara-se a ficar sozinha durante o dia em suas andanças pelas matas, colhendo plantas ou caçando, mas, à noite, sempre teve pessoas por perto. Sentada na solidão de sua pequena caverna, com os olhos parados nas chamas refletindo suas sombras dançantes na parede, chorava com saudade daqueles que amava. Sob certos aspectos, era Uba que mais lhe fazia falta. Muitas vezes, abraçada com as peles, punha-se a niná-las e cantar baixinho, tal como fazia com a menina. A natureza satisfazia as exigências de seu corpo, mas não as da alma.

A primeira nevada chegou silenciosamente durante a noite. Ao sair da caverna pela manhã, Ayla exclamou cheia de alegria. Uma brancura ancestral suavizava os contornos da paisagem familiar, criando formas fantásticas e plantas míticas numa terra de sonhos e magia. Os arbustos viam-se enchapelados pela neve macia, as coníferas engalanavam-se com novos trajes brancos e os galhos desfolhados cobriam-se com roupagens brilhantes que desenhavam cada um dos seus ramos contra o azul forte do céu. A garota olhou

para as marcas deixadas por seus pés quebrando a uniformidade daquele macio manto luminosamente branco e se pôs a correr cruzando as suas passadas umas sobre as outras, querendo formar um desenho complicado, cujo plano original se perdeu na execução. Começou, então, a seguir a trilha deixada por um pequeno animal, mas de repente mudou de idéia e subiu pelo estreito afloramento na rocha, onde o vento havia varrido a neve.

Por trás dela, a cadeia de montanhas subia formando uma série de majestosos picos cobertos por um branco anilado que faiscava ao sol tal como gigantesca jóia brilhante. A vista, estendendo-se à frente, mostrava até onde alcançara a nevada. O mar verde puxando para o azul, visto por entre as fendas das colinas brancas, revolvia-se em ondas espumosas, mas o terreno na planície do lado leste continuava ainda limpo de neve. Ayla viu diminutas figuras movendo-se pela vastidão branca a seus pés. Havia também nevado na caverna do clã. Uma das silhuetas, lá embaixo, pareceu-lhe arrastar-se num passo coxo e lento. Subitamente, o clima de magia se desvaneceu e ela tornou a descer.

A segunda nevada chegou sem qualquer encantamento. A temperatura baixou bruscamente. Sempre que saía da caverna, os ventos cortantes penetravam-lhe na pele do rosto como afiadas farpas. A tempestade durou quatro dias, amontoando tal quantidade de neve junto à parede da caverna que a entrada praticamente ficou bloqueada. Ela, com as mãos e, às vezes, com o osso do quadril da corça, cavou um túnel e passou todo um dia catando lenha. A secagem da carne consumira inteiramente a madeira que existia caída nos arredores e o andar pesado na neve alta deixou-a exausta. Quanto à comida, não tinha dúvida de que possuía o bastante para mantê-la, mas já não fora tão precavida no que se referia à madeira. Não tinha certeza se haveria o suficiente e, se a neve continuasse por muito mais tempo, sua caverna seria soterrada, tornando-lhe impossível a saída.

Pela primeira vez, desde que se encontrava ali, a jovem temeu pela vida. A clareira estava num ponto muito elevado da montanha. Se ficasse prisioneira, não conseguiria sobreviver ao inverno. Não tivera tempo de preparar-se para a estação inteira. Voltou aquela

tarde à caverna, prometendo-se que pegaria mais madeira no dia seguinte.

A manhã surgiu com outra tempestade que uivava toda sua força, deixando a entrada completamente bloqueada. Sentia-se enclausurada, como se presa numa armadilha e com muito medo. Ficava a imaginar debaixo de quanta neve estaria enterrada. Conseguindo uma vara comprida, meteu-a através dos galhos dos pés de avelã esboroando a neve para dentro da caverna. Sentiu uma certa aragem e olhou, pelo buraco, a neve que caía horizontalmente, açoitada pela força do vento. Deixou a vara mantendo o buraco e veio para junto da fogueira.

Foi uma sorte ter tido a idéia de medir a altura da neve. O furo mantido aberto pela vara permitia o ar entrar no seu diminuto espaço, pois tanto ela como o fogo precisavam de oxigênio. Sem tal providência, poderia ter adormecido e caído num sono do qual nunca mais teria acordado. O perigo era muito maior do que poderia imaginar.

A garota descobriu que não precisava de uma fogueira muito grande para manter a caverna aquecida. A neve, encerrando diminutas partículas de ar entre os seus cristais gelados, era bom isolante. O calor de seu próprio corpo já era quase suficiente para esquentar o ambiente. Mas precisava de água, e o fogo passou a ser mais importante para derreter gelo do que para aquecer.

Sozinha na caverna, iluminada por uma pequena fogueira, diferenciava o dia da noite apenas pela fraca luz filtrada através do buraco de ar, e todas as tardes, quando a luz começava a diminuir, tinha o cuidado de fazer a ranhura no pau.

Sem ter o que fazer, a não ser pensar, passava o tempo contemplando o fogo. Ele era quente, tinha movimento e, fechado naquele mundo mais parecido a um túmulo, foi ganhando vida própria. Via-o devorando cada pedaço de lenha até que restasse apenas o resíduo das cinzas. Será que o fogo também tinha espírito?, perguntava-se. Para onde irá o seu espírito depois da morte? Creb diz que quando uma pessoa morre, seu espírito vai para o outro mundo. E eu já não estaria no outro mundo? Não sinto nada diferente. Só me sinto sozinha e nada mais. Seria possível meu

espírito estar em outro lugar? Mas como saber? não me dá a impressão que esteja. Bem, pode ser. Acho que meu espírito está com Creb, Iza e Uba. Mas se estou amaldiçoada, devo estar morta.

Por que teria o meu totem me enviado um aviso, sabendo que eu seria amaldiçoada? Por que imaginei que ele me mandou o aviso, se não foi isto o que aconteceu? Achei que ele estava me testando. Talvez este seja outro teste. Ou será que ele me abandonou? Mas, então, por que fui escolhida para depois ser abandonada? Pode ser que não tenha me abandonado. Talvez ele tenha ido para o mundo dos espíritos no meu lugar. Pode até ser que esteja lutando contra os maus espíritos. Ele faria isto melhor do que eu. Talvez me tenha enviado para cá, só para esperar. Será que ele ainda está me protegendo? Mas, se não estou morta, como estou? Sozinha, é como estou, e queria não estar me sentindo tão sozinha.

O fogo está com fome outra vez, está querendo comer mais. Acho que também vou comer alguma coisa. Pegou um pedaço de lenha de sua minguada reserva e alimentou a fogueira. Em seguida, foi checar a passagem de ar. Já está escurecendo, é melhor botar outra marca no pau. Será que essa tempestade vai durar todo o inverno? Pegou o pau, botou a marca e, em seguida cobriu as ranhuras com os dedos. Primeiro, com uma das mãos, depois com os dedos da outra, novamente com os dedos da primeira mão e assim foi fazendo até cobrir todas as marcas. Ontem, seria o último dia. Agora, já posso voltar. Mas como, com essa tempestade? Foi outra vez verificar a passagem de ar. Dava apenas para ver, na escuridão cada vez maior, a neve caindo ainda horizontalmente. Abanou a cabeça e voltou para junto do fogo.

Ao acordar no dia seguinte, a primeira coisa que fez foi ir checar o buraco de ar. A ventania continuava soprando com toda a fúria. Será que nunca vai parar? não pode continuar assim a vida toda. Quero voltar. E se Brun tornar a minha maldição para sempre? E se eu não puder voltar, mesmo que a tempestade pare? Se ainda não estou morta, certamente vou morrer. não houve tempo, só pude abastecer-me para durar uma lua. Jamais iria aguentar o inverno inteiro. não sei por que Brun deu uma maldição de morte limitada. Eu não esperava isso. Será que, ao invés do meu totem, tivesse sido

eu quem fosse para o mundo dos espíritos, teria eu voltado? Como posso saber que meu espírito não foi? Talvez meu totem esteja aqui protegendo meu corpo, enquanto meu espírito está em outro lugar. não sei. Simplesmente não tenho noção. A única coisa que sei é que, se Brun não tivesse feito uma maldição temporária, eu nunca teria uma chance.

Uma chance? Será que Brun pensou em me dar uma chance? De repente, tudo se encaixava numa nova e profunda compreensão que revelava sua maior maturidade. Acho que realmente Brun quis dizer isto, quando falou estar agradecido por eu ter salvo a vida de Brac. Ele era, ainda que não quisesse, obrigado a me amaldiçoar por ser esse o costume dos clã Sim, ele quis me dar uma chance. não sei se estou morta. Será que as pessoas mortas comem, dormem e respiram? Ela estremeceu, mas não de frio. Acho que a maioria das pessoas simplesmente não deseja morrer e agora eu sei por quê.

O que me fez, então, escolher viver? Teria sido tão fácil morrer. Bastava ter ficado no lugar onde caí, depois que deixei a caverna. Se Brun não me tivesse dito que eu poderia voltar, será que me teria levantado? Se não soubesse que havia alguma chance, teria feito tanto esforço? Brun disse que: "Se os espíritos concederem a você a graça..." Mas que espíritos? Alguma coisa me fez querer continuar vivendo. Talvez fosse o meu totem protegendo-me ou, quem sabe, talvez porque eu soubesse que tinha uma chance... ou as duas coisas. Acho que as duas coisas.

Levou algum tempo até que Ayla compreendesse que estava acordada e mesmo assim teve que tocar nos olhos para perceber que estavam abertos. Ela abafou um grito sufocante na escuridão da caverna. Estou morta! Brun me amaldiçoou e eu agora estou morta! Jamais sairei daqui. Nunca voltarei à caverna, é tarde demais. Os maus espíritos me tapearam. Eles me fizeram pensar que estava viva e salva, quando estou morta. Ficaram com raiva por não ter seguido com eles e agora estão me castigando. Eles me levaram a acreditar que estava viva e, na realidade, tenho estado morta durante todo esse tempo. Ela tremia apavorada, encolhida sob a pele, com medo até de mexer-se.

Dormira mal. Acordando a cada instante com sonhos monstruosos, povoados de horrendos espíritos malignos, em meio a terremotos, lincos que a atacavam e se transformavam em leões da caverna, e uma neve que caía infundavelmente. A caverna tinha um peculiar cheiro de umidade, mas esse odor foi a primeira coisa que a fez compreender que seus sentidos, além da visão, estavam funcionando. A segunda foi quando, em pânico, deu um salto e bateu com a cabeça contra a parede de pedra.

Onde está o pau?, perguntava, por gestos, na escuridão. Já está de noite e tenho de botar a marca. Ela ia de gatinhas pelo escuro procurando pelo pau como se este fosse a coisa mais importante do mundo. Deveria marcá-lo todas as noites, mas como vou poder fazer isso, se não posso encontrá-lo? Será que eu já pus a marca? Sem o pau, como vou saber quando ir para casa? Não. não é bem isso. Ela abanou a cabeça, querendo clarear as idéias. Eu já posso voltar, o tempo está esgotado. Só que estou morta e a neve não quer parar. Vai continuar sempre nevando, nevando e nevando. Ah, outro pau, onde está o outro pau? Preciso ver a neve. Como vou ver a neve na escuridão?

Arrastando-se às cegas pela caverna, trombando com as coisas, chegou até à entrada e viu um brilho, fraco, emaciado no alto. O pau tem de estar ali em cima. Ela subiu pelos galhos que entravam um pouco para o interior da caverna, sentiu a extremidade de um mais comprido e o puxou. Quando conseguiu arrancá-lo, a neve caiu por cima dela, abrindo a passagem de ar. Ela foi saudada por um bafo de ar fresco e um pedaço de céu azul forte. Finalmente, a tempestade tinha cedido e o vento parara de soprar, mas as últimas neves haviam tampado o buraco.

O ar fresco serviu para clarear suas idéias. Acabou! Parou de nevar! Até que enfim! Agora posso voltar para casa. Mas como vou sair daqui? Com o galho, ela passou a remexer a neve dando cutucadas, querendo alargar a passagem. Um grande torrão da abertura se despreendeu e despencou dentro da caverna, cobrindo-a de neve. Preciso ter cuidado, do contrário acabo enterrada. Tenho de pensar direito como fazer a coisa. Tornou a subir nos galhos e sorriu na direção da luz escoando pelo buraco já mais largo. Estava

excitada, louca para sair, mas se forçou a ficar calma e a pensar com mais calma.

Que bom seria se o fogo não se tivesse apagado, gostaria de tomar um pouco de chá. Mas ainda tenho água na sacola. Isso é bom, disse consigo, enquanto tomava um bom gole. Não vou poder cozinhar nada para comer, mas não é por uma refeição a menos que vou morrer. De qualquer maneira, sempre posso comer um pedaço de carne-seca. Isso não precisa ser cozinhado. Deu uma corrida outra vez até a entrada da caverna para se certificar de que o céu continuava azul. Bem, agora o que devo levar comigo? Com comida, não tenho que me preocupar, há uma boa quantidade estocada, principalmente depois da caçada do mamute.

De repente, todos os acontecimentos passaram num átimo por sua cabeça: a caçada de mamute, a hiena, a maldição de morte. Será que eles vão mesmo me aceitar de volta? E se não quiserem? Para onde eu vou? Mas Brun disse que eu poderia voltar. Ele falou isso. Ayla aferrava-se a essa idéia.

Bem, a funda, é claro que não vou levar. E a minha cesta de colher? Creb queimou a outra. Não Só vou precisar dela quando chegar o verão e até lá posso fazer uma. As minhas roupas, vou carregar todas. Vou ter que usá-las e talvez leve também algumas ferramentas. Reuniu tudo quanto tinha que levar e começou a vestir-se. Pôs os dois calçados forrados de pele de coelho, vestindo um sobre o outro, botou as perneiras de couro, meteu as ferramentas nas dobras da roupa que amarrou bem segura, enfiou na cabeça o capuz de carcaju, calçou as luvas forradas de pele e se dirigiu para o buraco. Voltou-se para dar uma última olhada no lugar que fora sua casa por todo um ciclo da lua, mas, então retirou as luvas e voltou.

Não sabia por que, mas era importante para ela deixar a caverna em ordem, isso lhe dava um sentimento de conclusão como se fossem coisas que se guardam depois de usadas. Ayla, por ela mesma, já tinha um sentido muito grande de ordem que Iza veio fortalecer ainda mais com as arrumações sistemáticas de seus depósitos de medicamentos. Rapidamente, pôs tudo em ordem, calçou de novo as luvas e se dirigiu com ar resolutivo para a entrada

bloqueada. Ia sair, ainda não sabia como, mas estava de volta à caverna do clã.

É melhor tentar passar por cima, nunca vou conseguir abrir um túnel, pensou consigo. Subiu no pé de avelã usando o galho que servira para manter aberta a passagem de ar. Pondo-se nos galhos mais altos que, devido à neve, pouco vergavam com o peso de seu corpo, ela meteu a cabeça para fora do buraco, levando um susto com o que viu. Sua clareira na montanha estava irreconhecível. Do lugar onde se achava via a neve descendo numa suave rampa que se perdia a distância. não conseguia identificar nenhum ponto de referência. Tudo era neve. Como vou poder atravessar isto? Está muito alta. Estava quase se dando por vencida.

Olhando em derredor, começou a determinar sua posição. Aqueles videiros perto do pinheiro alto não são muito maiores do que eu. Por ali, a camada não deve ser muito profunda, mas como chegar até lá? Procurou passar de gatinhas pelo buraco, enquanto ia socando a neve para formar uma base mais firme. Ao subir numa saliência, caiu de bruços sobre uma superfície maior, mas o peso se distribuiu por igual, impedindo-a de afundar.

Com muito cuidado, pôs-se primeiro de joelhos e depois de pé, percebendo que o nível da neve nos arredores não era muito profundo. Deu algumas passadas curtas, calcando sempre bem os pés. Seus calçados eram circunferências de couro franzido não muito apertado ao redor dos tornozelos e o segundo que levava por cima fazia o efeito de uma bola de ar, dando-lhe um andar extremamente desajeitado. Embora não fossem exatamente o que conhecemos como sapatos próprios para neve, eles distribuía o peso sobre uma área maior, impedindo que ela chafurdasse muito na neve fofa.

A marcha, entretanto, era difícil. Sempre socando a neve com os pés, dando passadas pequenas, de vez em quando se afundando até a altura dos quadris, ela foi na direção do lugar onde existira o riacho. A neve que cobria a água gelada não era muito profunda. O vento havia acumulado uma grande quantidade contra a parede da caverna, mas a varrera de outras áreas que pra ticamente estavam limpas. Deteve-se ali, tentando resolver se seguiria o riacho até seu encontro com o outro de que era afluente e, daí, fazendo um longo

percurso para chegar à caverna, ou se pegaria o caminho mais difícil, porém mais curto. Estava aflita, mal aguentando esperar pela volta. Decidiu-se pelo mais curto. Só que não imaginava o quanto este era mais perigoso.

Com muita cautela, pôs-se a andar, mas o caminho da descida era difícil. O sol já ia alto no céu e ela praticamente ainda se achava na metade do trecho, coisa que no verão fazia no tempo transcorrido entre as primeiras sombras do crepúsculo e a noite. Estava frio, mas o sol de meio-dia aquecia a neve e a garota começava a ficar cansada e um pouco descuidada.

Estava indo pela crista de um morro inteiramente desguarnecido que dava para uma encosta íngreme e coberta de neve, quando escorregou num determinado trecho. O cascalho solto desprende uma pedra maior que se balançou em seu lugar, fazendo vibrar, enquanto Ayla achava-se caída, a base instável de um monte de neve. Num segundo, ela se viu rolando pela encosta, despencando-se em meio a uma cascata de neve e ouvindo o rugir trovejante da avalanche.

Creb estava deitado de olho aberto quando Iza, silenciosamente, chegou trazendo-lhe uma concha de chá quente.

- Sabia que estava acordado, Creb. Achei que gostaria de tomar alguma coisa quente, antes de se levantar. A tempestade parou durante essa noite.

- Eu sei, daqui posso ver um pedaço do céu azul.

Os dois se sentaram para tomar chá. Ultimamente ficavam muitas vezes sentados juntos, sem nada dizer. A fogueira parecia vazia sem Ayla. Era difícil de acreditar que uma menina pudesse deixar um vazio tão grande. Creb e Iza tentavam preenchê-lo, procurando a companhia um do outro, querendo consolar-se mutuamente, mas o consolo era pequeno. Uba estava tristonha e rabugenta. Ninguém conseguia convencê-la de que Ayla estava morta. Continuava sempre perguntando por ela. Remexia a comida que desperdiçava quase toda, atirando ou cuspidando no chão. Depois, emburrada, pedia por outra, levando Iza à loucura, até que acabava perdendo a paciência e ralhava, para no momento seguinte estar

arrependida. A tosse de Iza havia voltado, mantendo-a acordada boa parte da noite.

Parecia impossível que Creb tivesse envelhecido tanto em tão pouco tempo. Ele nunca mais voltara à sua pequenina caverna, desde que lá arrumara os ossos do urso da caverna em duas fileiras paralelas, com a da esquerda penetrando pela base da caveira e saindo pela cavidade do olho esquerdo. Nessa ocasião, balbuciou alto com sua voz áspera as sílabas dos nomes dos espíritos maus, naqueles instantes reconhecidos e recebendo plenos poderes. Ele não teve coragem de voltar lá para olhar aqueles ossos e nem tinha vontade de comungar com os bons espíritos, através de seus belos e fluidos gestos. Havia pensado seriamente em renunciar e passar suas funções a Goov. Brun, ao tomar conhecimento, tentou convencê-lo a reconsiderar sua decisão.

- O que você irá fazer, Mog-ur?

- E o que faz um homem depois que se aposenta? Estou ficando muito velho para ficar sentado naquela caverna fria. Meu reumatismo está pior.

- Não se precipite, Creb - gesticulara Brun, pedindo calma. - Pense mais um pouco.

Creb pensara e já estava quase decidido a dar a notícia naquele mesmo dia.

- Acho que vou deixar Goov ser o mog-ur, Iza - gesticulou ele para Iza, sentada a seu lado.

- Esta é uma decisão que só pode ser sua, Creb. - Ela não pensava em dissuadi-lo. Sabia que Creb, desde que amaldiçoara Ayla, perdera o gosto para a função apesar de que isso representasse toda a sua vida. - Já passou do prazo, não é, Creb?

- Sim, já passou, Iza.

- E como ela vai saber que já está esgotado? Com aquela tempestade, ninguém podia ver a lua.

Creb se lembrou de quando mostrou para uma garotinha a maneira como ela poderia saber quantos anos levariam ainda para que ela pudesse ter um bebê e também de quando, já mais velha, por ela mesma, contava a duração do ciclo da lua.

- Se estiver viva saberá, Iza.

- Mas a tempestade estava muito forte, Creb. Ninguém iria conseguir sair com um tempo daqueles.

- Não pense mais nisso, Iza. Ayla está morta.

- Eu sei, Creb - falou Iza, com gestos desesperançados.

Creb olhou para sua germana pensando na dor dela, desejando poder fazer alguma coisa, pelo menos um gesto de consolo.

- Não devia dizer isso, Iza, mas tanto o espírito dela, como os dos outros, que são maus, já foram embora deste mundo. O perigo deixou de existir. O espírito dela falou comigo antes de partir. Ele disse que me amava. Era tão real que eu quase me deixei levar naquele instante. O espírito mais perigoso é o do amaldiçoado. Ele procura enganar a pessoa, fazendo com que ela acredite na sua existência para levá-la consigo. Chego quase a desejar ter ido com ela.

- Eu sei, Creb. Quando o espírito dela me chamou di mãe, eu... eu... Iza levantou as mãos não conseguindo continuar.

- O espírito dela implorou para que eu não queimasse a sacola de remédios, Iza. Seus olhos se encheram de água, igual como acontecia com ela viva. Foi o pior momento. Acho que, se já não tivesse atirado a sacola no fogo, eu a teria entregue a ela. Esse foi o último truque; depois disso, o espírito desapareceu.

Creb se levantou, enrolou-se em sua capa e pegou o cajado. Iza o observava. Raramente ele saía da fogueira. O Mog-ur caminhou para a entrada da caverna e lá ficou de pé, olhando, durante muito tempo, o brilho branco da neve. Voltou quando Iza mandou Uba avisá-lo para vir comer. Em seguida, foi para seu posto habitual. Mais tarde, Iza foi juntar-se a ele.

- Está frio aqui, Creb. Você não deve ficar tão exposto assim ao vento

- gesticulou ela.

- É a primeira vez depois de muitos dias que faz céu claro. É um alívio ver uma coisa diferente da tempestade, com seus eternos uivos.

- Pode ser, mas de vez em quando vá para junto do fogo se esquentar um pouco.

Creb ficou indo e vindo da fogueira para a entrada, onde ficava longo tempo contemplando a paisagem de inverno. Mas, à medida que o dia foi avançando, passou a sair cada vez menos da fogueira. Enquanto jantavam, com o dia já quase escuro, ele gesticulou na direção de Iza, dizendo:

- Depois de comermos, darei uma passada na fogueira de Brun. Vou lhe dizer que Goov daqui por diante será o mog-ur.

- Sim, Creb - falou Iza, com a cabeça baixa. Já não havia mais esperança. Agora ela tinha certeza disso.

Creb se levantou, enquanto Iza retirava a comida. De repente, um grito aterrorizado saiu da fogueira de Brun. Iza levantou os olhos. Na entrada da caverna estava uma estranha aparição inteiramente coberta de neve e batendo com os pés no chão para esquentá-los.

- Creb - gritou Iza. - O que é aquilo?

Creb ficou por um instante olhando, já se pondo em guarda contra algum espírito desconhecido dele. Mas, então, seu olho se arregalou.

- É Ayla - gritou, correndo na direção dela, esquecendo cajado, dignidade e o bom-tom proibindo demonstrações públicas de sentimentos, para envolvê-la nos braços e apertá-la contra o peito.

Capítulo 17

- Ayla? É realmente Ayla, Creb? não é o seu espírito? - perguntou Iza, - enquanto o velho conduzia a garota à fogueira. A mulher tinha medo de acreditar, medo de que aquele corpo tão real pudesse transformar-se em miragem.

- Ayla - gesticulou Creb. - O prazo terminou. Ela venceu os maus espíritos e voltou para nós.

- Ayla! - exclamou Iza, correndo de braços abertos e envolvendo-a com neve e tudo o mais num forte abraço cheio de amor. Estava molhada, mas não só de neve. Ayla derramava abundantes lágrimas de alegria por todos. Enquanto isso, Uba dava puxões nas vestes de Ayla.

- Ayla, Ayla voltou! Uba sabia que ela não tinha morrido - afirmou a garotinha, com a convicção de quem sabe que, desde o princípio, estava com a razão.

Ayla pegou-a, segurando-a tão apertada que a menina se contorceu, querendo soltar-se para poder respirar.

- Você está molhada! - gesticulou Uba, quando pôde ter os braços livres.

- Ayla, tire essas roupas molhadas! - falou Iza, apressando-se em botar mais lenha na fogueira e achando alguma coisa para a menina vestir. Com isso, dissimulando suas emoções, ao mesmo tempo em que expressava seus cuidados maternos. - Vai acabar morrendo de frio.

Iza, embaraçada, olhou para ela. Subitamente, dera-se conta do que tinha dito. A menina deu um sorriso.

- Tem razão, mãe. Vou acabar pegando uma gripe. - Retirou o capuz e a roupa. Em seguida, sentou-se, lutando para desatar os cordões empapados dos calçados. - Estou morta de fome. Há alguma coisa para comer? não comi o dia inteiro - disse a garota, depois de se ter metido nas velhas roupas de Iza. Estavam muito curtas e um pouco apertadas. - Era para ter chegado mais cedo, mas fui apanhada por uma avalanche enquanto descia a montanha.

Tive sorte de não ficar enterrada debaixo de um montão de neve, mas gastei um bocado de tempo até conseguir cavar uma saída.

O espanto de Iza durou só um minuto. Se Ayla dissesse que havia caminhando por entre labaredas, teria acreditado do mesmo jeito. A volta em si já era prova bastante de sua invencibilidade. O que significava uma simples avalanche para ela? Iza começou a estender as mãos para pegar as roupas de Ayla e pendurá-las para secar, mas, de repente, suspendeu o gesto no ar, olhando para o couro de veado que não conhecia.

- Onde você conseguiu essa roupa, Ayla?

- Fui eu quem fiz.

- Ela é... é desse mundo? - indagou, apreensiva.

Ayla tornou a sorrir.

- É. Ela é bem desse mundo. Você se esqueceu? Eu sei caçar.

- Não diga isso, Ayla! - exclamou Iza, nervosa. Virou-se de costas para que o clã, que ela sabia estar observando, não a visse, passando então a gesticular muito discretamente.

- Você não tem nenhuma funda, não é?

- Não Ela não veio comigo. Mas isso não faz qualquer diferença agora. Todo mundo já sabe, Iza. Eu precisava fazer qualquer coisa depois que Creb queimou tudo que era meu. O único jeito de conseguir uma roupa seria caçando. Peles não crescem em salgueiros ou em cima de pinheiros.

Creb observava em silêncio, sem querer acreditar que ela estava realmente de volta. Havia casos de pessoas que voltavam depois de uma maldição de morte, mas até então ele não achava que fosse possível. Há alguma coisa diferente nela. Está mudada. Parece mais adulta, mais confiante. Não é de admirar, depois de tudo o que passou. E ela se lembra também do que aconteceu. Sabe que queimei as suas coisas. Tinha curiosidade de saber do que mais ela se recorda. Como será no mundo dos espíritos?

- Espíritos! - gesticulou ele, subitamente, lembrando-se de que os ossos ainda estavam armados. Tenho de desmanchar a maldição. Correu, então, para desfazer a figura feita com os ossos de urso, ainda colocados na posição da maldição de morte. Pegou a tocha que ardia do lado de fora da abertura na parede e entrou pela

estreita passagem. Chegando ao pequenino recinto, mal pôde respirar, tamanho o seu assombro. A caveira do urso se havia mexido, tirando do lugar o osso comprido que antes saía pela cavidade ocular. A figura estava desmanchada.

Uma quantidade de pequenos roedores, atraídos pelo calor e a comida, dividiam a caverna com o clã. Um desses, possivelmente, havia passado por ali, tirando a caveira de sua posição original. Creb sentiu um calafrio e, fazendo um sinal para se proteger contra os maus espíritos, levou os ossos para uma pilha junto da parede do fundo. Quando saiu, deu com Brun, esperando por ele.

- Brun - gesticulou o Mog-ur - não posso acreditar. Você sabe que nunca mais estive aqui desde que pronunciei a maldição E ninguém mais também esteve. Eu ia desmanchar a maldição mas, quando cheguei, ela já estava desfeita. - Sua expressão era tanto de assombro como de terror.

- O que você acha que aconteceu?

- Deve ter sido o totem dela. Como acabou o prazo, talvez ele tenha desfeito a maldição para que ela pudesse voltar - respondeu o Mog-ur.

- Você deve ter razão. - Brun ia fazer um gesto para prosseguir, mas hesitava.

- Estava querendo falar comigo, Brun?

- Queria falar com você em particular. - O chefe continuava hesitante.

- Desculpe minha intrusão mas não pude deixar de olhar para sua fogueira. A volta da menina foi uma surpresa.

Não era só ele. Todos haviam desrespeitado o costume de não se olhar para a fogueira do vizinho. Era impossível não fazê-lo. Nunca tinham visto ninguém que houvesse voltado do mundo dos mortos.

- Em tais circunstâncias, isso é muito compreensível. não se preocupe- respondeu o Mog-ur, já pronto para ir embora.

- Não foi por isso que vim procurá-lo - disse Brun, detendo Creb. - Queria perguntar a você algumas coisas sobre cerimônias. - O feiticeiro esperava, olhando para Brun, enquanto este procurava

pelas palavras. - É sobre uma cerimônia... agora que ela está de volta.

- Nenhuma cerimônia será necessária. O perigo não existe mais. Os maus espíritos foram embora. Não há necessidade de pedir por proteção.

- Não estou me referindo a este tipo de cerimônia.

De que tipo então?

Brun continuava hesitando. Resolveu então abordar o assunto por outro lado.

- Observei a menina enquanto ela conversava com você e Iza. Você notou alguma diferença nela, Mog-ur?

- O que você quer dizer com alguma diferença? - gesticulou o Mog-ur, cauteloso, sem atinar com o que Brun estava pretendendo.

- Ela tem um forte totem. Droog sempre diz que a menina traz sorte e que seu totem também traz sorte para nós. Pode ser que ele tenha razão. Ela nunca teria voltado, se não tivesse sorte e também uma forte proteção. Acho que agora ela sabe disso. É nesse sentido que estou falando de diferença.

- Acho que também notei esse tipo de diferença. Mas ainda estou sem entender o que isso tem a ver com cerimônias.

- Lembra-se da reunião que tivemos depois da caçada do mamute?

- Quando você lhe fez as perguntas?

- Na da outra. Quando ela não estava presente. Desde aquela época que venho pensando nessa reunião. Acreditava que a menina não fosse voltar, mas que, isso acontecendo, seria por causa da força de seu totem, uma força muito mais poderosa do que a que imaginamos.

Pensei muito no que deveríamos fazer, caso ela voltasse.

- Mas por quê? não temos necessidade de fazer nada. Os maus espíritos foram embora, Brun. Ela está de volta, igual ao que sempre foi. É a mesma menina, nada mudou nela.

- E se eu quiser promover alguma mudança? Há alguma cerimônia para isso?

O Mog-ur estava inteiramente aturdido.

- Uma cerimônia para quê? Você não precisa de cerimônias para modificar sua maneira de agir em relação a ela. Mas, de que mudança está falando? não posso discutir sobre cerimônias com você, se não sei com que intenção elas vão ser realizadas.

- O totem dela é também um totem do clã não é? não é nossa obrigação fazer com que todos os totens estejam felizes? Eu queria que você celebrasse uma cerimônia, Mog-ur.

Mas queria saber antes se essa cerimônia seria possível.

- Brun, você não está fazendo sentido.

Brun atirou as mãos para cima, desistindo de fazer-se entender. Enquanto Ayla estava fora, Brun tivera tempo para ruminar muitas das idéias que foram expostas pelos homens durante a reunião, daí resultando uma série de preocupações que agora ficava remoendo em sua cabeça.

- Se a coisa toda não faz sentido, como vou poder explicar? Afinal, quem esperava que ela fosse voltar? não entendo e nunca entendi de espíritos. não sei o que eles querem e é para isso que você está aqui. Só que não está ajudando muito! Bem, de qualquer modo, era uma idéia ridícula. É melhor eu pensar um pouco mais na coisa.

Girou sobre os calcanhares, deixando Creb parado no lugar, inteiramente sem saber o que pensar. Mas, depois de dar alguns passos, o chefe voltou.

- Diga à garota que quero vê-la. - E dizendo isso, Brun se dirigiu para sua fogueira.

Creb, muito confuso, voltou meneando a cabeça.

- Brun quer ver Ayla - falou, ao chegar na sua fogueira.

- Ele disse que quer vê-la imediatamente? - perguntou Iza, botando mais comida na frente de Ayla. - Ou ela, primeiro, pode acabar de comer?

-Já acabei, mãe. não aguento mais nada. Eu vou agora.

Ayla foi para a fogueira vizinha e se sentou de cabeça baixa aos pés do chefe do clã. Ele estava com os calçados que ela já conhecia, empoeirados e gastos nos mesmos lugares. A última vez que vira aqueles pés, a garota estava aterrorizada. Há muito deixara de sentir-se assim. Para sua surpresa, não se via nem um pouco

com medo de Brun, mas seu respeito por ele crescera. Ela aguardava. A espera para seu reconhecimento parecia interminável.

Por fim, ela sentiu a batidinha no ombro e levantou os olhos.

- Vejo que está de volta, Ayla - começou ele, claudicante.

- Sim, Brun.

- Estou surpreso de vê-la. Não esperava.

- Esta menina também não esperava estar de volta.

Brun se via inteiramente perdido. Queria conversar com ela, mas não sabia o que dizer e nem como terminar com aquela entrevista que ele próprio solicitara. Ayla esperava.

Finalmente, fez um gesto pedindo a palavra.

- Esta menina queria falar, Brun.

- Pode falar.

Também ela hesitava, tentando encontrar palavras que exprimissem exatamente o que gostaria de dizer.

- Esta menina se sente feliz por estar de volta. Mais de uma vez, ela teve medo e mais de uma vez chegou a estar certa de que nunca voltaria.

Brun grunhiu qualquer coisa. Disso, eu não duvido, pensou ele.

- Foi difícil, mas acho que meu totem me protegeu. No princípio, havia muito trabalho e eu não tinha muito tempo para pensar. Mas depois fiquei presa sem ter o que fazer.

Hem? Trabalho? Presa? Que espécie de mundo de espíritos é esse? Ele ia perguntar, mas depois mudou de idéia. Na verdade, ele não estava querendo saber.

- Acho que então comecei a entender uma coisa.

Ela se interrompeu, buscando ainda pelas palavras certas. Queria transmitir-lhe uma espécie de sentimento próximo ao da gratidão, mas não aquele normalmente sentido, o da gratidão ligada a uma obrigação ou aquele que toda mulher deve ao homem. Ela queria apenas dizer muito obrigada. Obrigada por me dar uma chance, só que não sabia como.

- Brun... esta menina se sente agradecida. Você já disse isso para mim. Disse que estava agradecido pela vida de Brac e estou agradecida a você pela minha.

Brun inclinou-se para trás, estudando a menina. Alta, cara chata, olhos azuis. A última coisa que esperava dela era gratidão. Ele a havia amaldiçoado. Mas ela não disse que estava agradecida por isso, e sim por sua vida. Será que compreendera que ele não tinha outra alternativa? Que entendera que aquela oportunidade para viver era a única coisa que estava a seu alcance oferecer? Teria esta estranha menina entendido isto melhor do que os seus caçadores? Melhor até do que o Mog-ur? Sim, concluiu consigo, ela entendera. Sentiu por Ayla algo que nenhuma mulher já havia despertado nele. Por um momento, desejou que ela fosse homem. Não tinha mais necessidade de pensar no que queria perguntar ao Mog-ur. Já o sabia.

- Não sei o que eles estão tramando e nem sei se o resto dos caçadores sabe - falou Ebra. - Tudo que posso dizer é que nunca vi Brun tão nervoso. As mulheres estavam todas sentadas juntas, preparando a comida para uma festa.

Ignoravam o que iriam comemorar. Brun apenas lhes dissera para preparar um banquete para aquela noite, e elas agora crivavam Iza e Ebra de perguntas, querendo descobrir alguma pista.

- O Mog-ur passou o dia inteiro e a metade da noite na gruta dos espíritos. Deve ser alguma cerimônia. Enquanto Ayla esteve fora, ele nem perto passava daquele lugar e agora não sai de lá - comentou Iza. - Quando está metido com essas coisas, fica tão distraído que não se lembra nem de comer. Às vezes, durante as refeições, se esquece até de botar a comida na boca.

- Mas se eles vão fazer uma cerimônia, por que Brun passou a metade do dia limpando o fundo da caverna? - falou Ebra. - Quando me ofereci para fazer o serviço, ele me expulsou. Se existe um lugar deles para cerimônias, por que iria Brun fazer trabalho de limpeza igual a uma mulher?

- Mas que outra coisa poderia ser? - perguntou Iza. - Quando olho para Brun e o Mog-ur, parece que os dois têm a cabeça na mesma coisa. E se me percebem por perto, param de falar e ficam com ar de culpa. O que será que poderiam estar planejando? E por que a festa desta noite? O Mog-ur passa o tempo todo indo no lugar que Brun está limpando e às vezes entra na gruta dos espíritos para

sair logo depois. Acho que ele está carregando alguma coisa, mas é tão escuro lá no fundo que não dá para ver.

Ayla se limitava simplesmente a gozar a companhia das outras. Já passara cinco dias, desde que voltara, e ainda quase não acreditava que estivesse novamente na caverna do clã, sentada junto das mulheres e preparando comida, como se nunca tivesse saído de lá. Mas alguma coisa mudara. As mulheres não se sentiam muito à vontade perto dela. Achavam que estivera morta. Seu retorno à vida era visto como um milagre. Elas não sabiam o que conversar com alguém que fora e voltara do mundo dos espíritos. Ayla não se importava, tudo que sabia é que se sentia feliz em estar de volta e isso lhe bastava. Naquele momento, observava Brac querendo subir na mãe para mamar.

- Como está o braço de Brac? - perguntou Ayla a Oga, sentada junto dela.

- Veja por você mesma, Ayla. - E abriu a roupa de Brac, mostrando-lhe o braço e o ombro. - Iza retirou a tala um dia antes de você chegar. O braço está muito bem, a não ser um pouco mais fino do que o outro. Segundo Iza, à medida que o menino for fazendo mais movimentos, o braço vai se fortalecendo.

Ayla examinou as feridas já curadas e apalpou delicadamente o osso, enquanto o menino, com seus olhos muito grandes e uma expressão séria, a olhava. As mulheres tinham o cuidado de evitar qualquer assunto relacionado, ainda que remotamente, com a maldição dela. Muitas vezes, alguma começava uma conversa e depois baixava as mãos no meio da frase, percebendo para onde o assunto se estava encaminhando. Isso retirava a espontaneidade que marcava a prosa delas, quando reunidas para trabalhar.

- As cicatrizes ainda estão vermelhas, mas com o tempo vão esbranquiçando - disse Ayla. - Você é um garoto forte, Brac? - perguntou, olhando para o menino.

Ele fez que sim com a cabeça.

- Mostre o quanto. Será que consegue abaixar meu braço? - disse ela, esticando o braço para a frente. - não com essa mão. Com a outra - corrigiu, ao ver que o menino ia usar o braço bom. Brac trocou de mão e puxou o braço de Ayla para baixo. Ela resistiu só o

necessário para sentir qual era a força dele; depois, deixou o braço cair. - Você é um garoto muito forte, Brac. Algum dia vai ser um caçador tão corajoso quanto Broud.

Ela estendeu as mãos na direção dele, querendo ver se o menino viria em seu colo. A primeira reação foi a de afastar-se, mas depois ele mudou de idéia e deixou que Ayla o segurasse. A garota suspendeu-o no ar, colocando-o em seguida no colo.

- Brac é um menino muito grande... é forte e pesado.

Ele ficou quieto por uns momentos, mas, ao descobrir que ela não tinha nada para dar-lhe, contorceu-se, pedindo para voltar ao colo da mãe, onde buscou o seio e se pôs a mamar com os olhos arregalados para Ayla.

- Você tem muita sorte, Oga. Ele é um lindo bebê.

- Não teria essa sorte, se não fosse você, Ayla. - Oga finalmente tocara no assunto que as outras faziam o possível para evitar. - Eu nunca disse o quanto lhe sou agradecida. No princípio, eu estava tão preocupada com ele que nem sabia o que dizer. Você também parecia não querer falar muito e então você já não estava mais aqui. Ainda não sei o que dizer. Nunca esperei que fosse vê-la novamente. É difícil acreditar que esteja de volta. Você fez mal em usar uma arma e nem entendo por que desejou caçar, mas estou feliz por ter feito isso. não tenho palavras para dizer o quanto. Eu me senti tão mal quando... quando você teve de partir, mas estou contente por estar de volta.

- Eu também - acrescentou Ebra.

E todas as outras mulheres balançaram a cabeça confirmando.

Ayla, extremamente comovida por se ver integralmente aceita, esforçava-se por conter as lágrimas que gostavam de correr com a maior facilidade. Tinha receio de que as mulheres ficassem constrangidas, se seus olhos aguassem.

- Estou feliz por estar de volta - gesticulou, com as lágrimas escapando a seu controle.

Iza, por esse tempo, já sabia que os olhos dela aguavam sempre que alguma coisa lhe tocava muito profundamente e não por se achar doente. As outras mulheres também já estavam acostumadas com essa particularidade e conheciam o significado de

suas lágrimas; por isso, simplesmente menearam a cabeça em sinal de compreensão.

- Como foi, Ayla? - perguntou Oga, com expressão embaraçada e ao mesmo tempo sentindo pena.

Ayla pensou por um instante.

- Triste. Uma grande solidão. Tinha saudades de todos. - Os olhos das mulheres estavam cheios de piedade e ela sentiu que precisava dizer algo para levantar o ânimo delas. - Cheguei até a sentir saudade de Broud - acrescentou.

- Huumm - fez Aga. - Devia ser muito triste mesmo. - Olhou, então um pouco embaraçada para Oga.

- Eu sei que ele às vezes é bem difícil - admitiu Oga. - Mas Broud é meu companheiro. Para mim, ele não é muito mau.

- Oga, não precisa desculpá-lo - falou Ayla, delicadamente. - Todos sabemos que Broud gosta de você. Deve ter orgulho de ser sua companheira. Um dia, ele será o chefe.

Broud é um caçador corajoso e foi, inclusive, quem feriu o mamute em primeiro lugar. Você não tem culpa se ele não gosta de mim. Em parte, sou um pouco culpada disso. Nem sempre me comportei com Broud como devia. não sei como tudo começou e nem sei como vai terminar. Se eu pudesse, faria alguma coisa, mas você não tem de se preocupar, Oga.

- Ele sempre teve um gênio ruim - comentou Ebra. - não se parece com Brun. Sabia que o Mog-ur estava certo ao anunciar que o totem de Broud era o rinoceronte lanoso.

Acho que, de certo modo, Ayla, você ensinou Broud a controlar um pouco mais seu gênio.

Isso o ajudará a ser um bom chefe.

- Não sei - falou Ayla, abanando a cabeça. - Acho que quando não estou por perto, ele se controla melhor. Sou eu que faço aparecer seu lado ruim.

Seguiu-se, então, um silêncio constrangedor. Em geral, as mulheres não expunham tão abertamente os defeitos de seus homens, mas a conversa servira para aliviar a atmosfera de tensão que cercava Ayla. Iza, muito sabiamente, viu que era o momento para mudar de assunto.

- Será que alguém sabe onde estão os inhames?
- Acho que estavam no lugar que Brun limpou - respondeu Ebra. - Enquanto o verão não chegar, não vamos conseguir encontrar nenhum inhame.

Broud vira Ayla sentada junto das mulheres e franzira o cenho quando ela pôs Brac no colo. Isso o lembrou de que Ayla salvara a vida do menino, mas também o fez recordar de que ela havia presenciado seu grande momento de humilhação. Como todo mundo, ele também estava abismado com o retorno. O primeiro dia, olhava-a com pavor e certa apreensão. A mudança que Creb interpretou como maior maturidade e que Brun viu como uma tomada de consciência da sorte que possuía, Broud, nisso, só enxergou ostensiva insolência. Durante seu período de provação na neve, Ayla não só passara a ter confiança em sua capacidade de sobrevivência, como também aprendera a aceitar com serenidade os fatos desagradáveis da vida. Vencido esse período, quando sua luta foi de vida ou morte, nada tão insignificante como reprimendas, que de tão usadas acabaram por não surtir mais efeito, seria capaz de arranhar sua plácida quietude.

Ayla sentira falta de Broud. Naquele seu completo isolamento, até mesmo a Implicância dele era preferível ao perfeito vazio que se formou com a total ausência das pessoas que amava. Nos dois primeiros dias, ela inegavelmente se comprazia com sua vigilância cerrada, inclusive ostensiva. Ele não se contentava apenas em olhá-la, via cada um dos movimentos que Ayla fazia.

No terceiro dia depois da volta, os velhos padrões de comportamento se restabeleceram por si mesmos, mas com uma diferença. Ayla já não precisava lutar consigo para curvar-se à vontade dele, em suas respostas, já não havia nem mesmo aquele sentido latente de condescendência com que outrora o tratava. Ela realmente não se abalava. Nada que ele pudesse fazer a atingia. Podia bater, praguejar e se deixar levar até o ponto de explodir toda sua violência. Nada surtia efeito. Com paciência, ela condescendia em satisfazer as suas mais absurdas exigências. Embora não intencionalmente e guardando as devidas proporções, relegava Broud ao ostracismo que lhe haviam imposto. O rapaz não conseguia

provocar-lhe qualquer reação. A mais violenta de suas fúrias, controladas a custo de enorme desgaste, causava menos impacto do que uma picada de mosquito, essa pelo menos ainda coçava. Isso era o pior que ela podia fazer-lhe, deixando-o fora de si.

Ver-se centro de atenções era tudo que Broud almejava, isso o revigorava, sendo uma verdadeira necessidade nele. Nada o frustrava mais do que sentir indiferença no outro.

Pouco lhe importava se a reação das pessoas fosse boa ou má, contanto que houvesse. Estava certo de que a falta de respeito por sua autoridade e a indiferença de Ayla se deviam ao fato de ela o ter visto num momento de vergonha e fracasso. Em parte, ele tinha razão. Ela conhecia os limites do controle que ele podia ter sobre sua pessoa, e também havia posto à prova o valor e a força de seu espírito. Achava as duas coisas insuficientes para merecer-lhe o respeito. Entretanto, não era só o fato de ela não o respeitar ou lhe ser indiferente; Ayla roubava a atenção que ele gostaria de ter.

Já pela própria aparência, ela chamava atenção e tudo nela atraía atenção. Tinha um poderoso totem, vivia na fogueira do maior dos feiticeiros, que lhe dedicava enorme afeição, estava sendo educada para curandeira, havia salvo a vida de Ona, era exímia na funda, fora ela quem matara a hiena, salvando a vida de Brac e, agora, esse seu retorno do mundo dos espíritos. Sempre que ele dava mostras de sua grande coragem e que se via justo merecedor da admiração, respeito e atenção do clã, ela surgia, relegando-o a segundo plano.

Broud, a distância, fuzilava Ayla com os olhos. Por que teve de voltar? Todo mundo só fala dela, não param um instante de comentar. Quando matei minha primeira caça e me fiz homem, todos falavam desse totem idiota que ela tem. Foi por acaso ela quem enfrentou o ataque do mamute? Quem cortou os tendões do gigantesco animal? Quem quase morreu esmagado debaixo de uma pata? Não. Tudo que fez foi atirar duas pedrinhas com uma funda e só por isso não param de pensar nela. Brun com essas suas reuniões, tudo por sua causa. E nem direito ele soube fazer a coisa. Agora, está ela aí de volta e todo mundo outra vez só falando nela. Por que será que Ayla tem sempre de estragar tudo?

- Creb, por que você está tão agitado assim? Nunca o vi tão nervoso. Parece um rapazola indo ao encontro da primeira companheira. Quer que eu faça um chá para acalmar seus nervos? - indagou Iza, depois de vê-lo pela terceira vez correndo para sair e mudando de idéia para voltar a sentar-se novamente.

- Por que você acha que estou nervoso? Apenas estou tentando lembrar-me das coisas e meditando um pouco - respondeu ele, encabulado.

- O que você está precisando lembrar? Há anos que você é Mog-ur, Creb. Pode celebrar de olhos fechados qualquer cerimônia e nunca vi ninguém que meditasse sentando e levantando sem parar. Por que não me deixa fazer um chá?

- Não estou precisando de nenhum chá. Onde está Ayla?

- Está lá adiante, depois da última fogueira, vendo se encontra alguns inhames. Por quê?

- Só queria saber - respondeu Creb, recostando-se no assento.

Pouco depois, apareceu Brun fazendo-lhe sinal. O Mog-ur se levantou e foram os dois se encaminhando para o fundo da caverna. O que será que está acontecendo com eles?, perguntou-se Iza, espantada e balançando a cabeça sem compreender.

- Já está quase chegando o momento, não é? - indagou Brun, quando chegaram ao lugar que ele havia limpado. - Está tudo arranjado?

- Os preparativos estão prontos, mas acho que o sol tem de estar mais baixo no céu.

- Você acha! Será que não sabe? Pensei ter visto alguém dizer que sabia fazer tudo. Você não disse que havia meditado e encontrado a cerimônia? É necessário que tudo saia absolutamente certo. Como pode falar que acha? - disse Brun, num tom brusco.

- Mas eu meditei - replicou o Mog-ur, defendendo-se. - Só que tudo se passou num lugar diferente e há muito tempo. Não havia nem sinal de neve. Acho que nem mesmo no inverno nevava. É difícil de determinar exatamente qual o momento certo. Só sei dizer que o sol já estava baixo.

- Você não me disse isto! Como é que vai ter certeza de que é o momento certo? Talvez seja melhor esquecermos isso tudo. De

qualquer forma, a idéia parece ridícula.

- Já falei com os espíritos. As pedras já estão assentadas. Eles estão nos esperando.

- Não gosto também dessa idéia de mexer nas pedras. Talvez fosse melhor que a cerimônia se realizasse na caverna dos espíritos. Tem certeza de que eles não estão aborrecidos por terem sido tirados de seu lugar, Mog-ur?

- Nós já conversamos sobre isso, Brun. Ficou resolvido que seria melhor mudar as pedras do que levar os velhos espíritos à caverna dos totens. Os mais velhos depois de verem o lugar poderiam não querer mais sair de lá.

- Se eles estão acordados, como você vai saber que foram embora outra vez. É muito perigoso, Mog-ur. Talvez seja melhor cancelarmos.

- Eles podem ficar por algum tempo - reconheceu o feiticeiro. - Mas, depois que tudo estiver arranjado, como era antes, vão ver que não há lugar para eles e ir embora. Mas você é quem resolve; se quiser mudar de idéia, posso tentar apaziguá-los. Pelo fato de que estão esperando a cerimônia, isso não quer dizer que somos obrigados a realizá-la.

- Não Você está certo. É melhor levarmos a coisa adiante, eles já estão esperando. Mas talvez sejam os homens que não vão gostar muito dessa história.

- Quem é o chefe, Brun? Uma vez que entendam, vai dar tudo certo, irão acostumando-se com o fato.

- Você acha, Mog-ur? Será mesmo? Foi há tanto tempo. não estou me referindo agora aos homens. Será que nossos totens aceitariam? Temos tido tanta sorte que chega quase a ser sorte demais. Não consigo deixar de pensar que alguma coisa terrível está por acontecer. Não quero fazer nada que possa deixá-los aborrecidos. Quero fazer só o que desejam. Minha intenção é conservá-los sempre felizes.

- Isso é o que estamos fazendo, Brun - disse o Mog-ur, calmamente. - Tentar fazer o que eles desejam. Satisfazer o desejo de todos eles.

- Mas você acha que os outros vão entender Se alguns foram agradados, os outros não poderio sentir-se menosprezados?

- Não Brun. Tenho certeza de que entenderão. - O feiticeiro sentia a aflição e o estado de tensão por que o chefe estava passando. Sabia como de via ser difícil para ele. - Bom, certeza absoluta, ninguém pode ter. Somos apenas humanos. Mesmo o Mogur não passa de um simples homem. O que podemos fazer é tentar. Mas foi você mesmo quem disse que temos tido sorte. Isso deve significar que os espíritos de todos os totens estão felizes. Se estivessem lutando uns contra os outros, você acha que estaríamos tendo toda essa sorte?

Quantas caçadas de mamute já aconteceram, sem que ninguém saísse ferido? Alguma coisa poderia ter dado errado. Como, por exemplo, ter feito essa longa viagem para nada e estaria perdida uma das melhores épocas para caçar. Você arriscou e ganhou, Brun.

O chefe olhou o rosto grave do feiticeiro. Então se pôs de pé com o corpo ereto, e um ar resoluto substituiu a expressão indecisa de antes.

- Vou reunir os homens - gesticulou Brun.

As mulheres haviam recebido ordem para se manter afastadas do fundo da caverna e nem mesmo olhar para lá. Iza reparou que Brun convocou os homens, mas ela ignorava o motivo. Seja lá o que estivessem fazendo, isso era com eles. Alguma coisa, entretanto, fé-la levantar os olhos no momento em que dois deles, com as caras pintadas de ocre vermelho, passavam apressados na direção de Ayla. Iza tremeu. O que poderiam estar querendo com ela?

Ayla não havia nem mesmo percebido que os homens se achavam todos com Brun. Ela procurava inhame, revistando um monte de cestas e recipientes de couro cru empilhados desordenadamente atrás da fogueira que ficava mais ao fundo da caverna. Ao ver a cara pintada de vermelho do chefe aparecer subitamente na sua frente, o susto foi tanto que perdeu a respiração.

- Não reaja. não faça qualquer barulho - gesticulou Brun.

No princípio, ela não teve medo; só depois, quando lhe puseram uma venda nos olhos e que se sentiu arrastada, meio

suspensa no ar.

Quando viram Brun e Goov chegando com Ayla, os homens ficaram apreensivos.

Sabiam tanto quanto as mulheres sobre a cerimônia que Brun e o Mog-ur andavam planejando, só que, no caso deles, a curiosidade no fim acabava sendo satisfeita. O Mog-ur apenas os advertira, depois de já sentados em círculo atrás das pedras trazidas da pequena caverna, para que não fizessem qualquer gesto ou som. Mas a advertência passou a ter especial significação quando o feiticeiro deu a cada um deles para segurar, na forma de X, dois ossos saídos do esqueleto do urso da caverna. Se eles precisavam de proteção tão extrema, era porque o perigo deveria ser grande. E, ao verem Ayla, passaram a ter uma vaga idéia de qual poderia ser o perigo.

Brun forçou a menina a sentar-se no meio do círculo, de frente para o Mog-ur, e depois foi sentar-se atrás dela. A um sinal do feiticeiro, o chefe retirou a venda. Ayla piscou, querendo clarear a visão. À luz das tochas, viu o Mog-ur sentado atrás de uma caveira de urso, enquanto cada um dos homens tinha nas mãos dois ossos cruzados. Ela se encolheu de medo, com vontade de afundar-se no chão.

O que será que eu fiz? não usei nenhuma funda, pensou, tentando lembrar se cometera algum crime que justificasse sua presença ali. não conseguiu recordar de nenhuma coisa errada nos últimos tempos.

- Não fação qualquer movimento ou som - tornou a avisar o Mog-ur.

Mesmo que quisesse, ela não conseguiria fazê-lo. Com os olhos arregalados, viu o Mog-ur se levantar, deixando o cajado no chão, e começar certos movimentos ritualísticos suplicando a Ursus e aos espíritos totêmicos para assistí-los. Muitos dos gestos eram desconhecidos para Ayla, o que não impediu que ela observasse extasiada tudo aquilo, não tanto pelo significado da simbologia contida nos gestos, mas principalmente pela figura do velho feiticeiro.

Ela conhecia Creb demasiadamente bem. Um velho aleijado que coxeava, desajeitado, apoiando-se pesadamente sobre um cajado. Era a caricatura assimétrica de um homem: um dos lados anancados, com atrofia dos músculos por falta de uso; o outro, superdesenvolvido, para compensar a paralisia que o obrigava a uma dependência extrema de sua metade boa. Ayla já havia reparado, em outras cerimônias públicas, na graça dos seus movimentos, quando usados na linguagem ritualística, abreviada devido à falta do braço, mas plena de sutilezas e complexidades, e carregada de significados. Contudo, os movimentos do homem ali de pé, postado atrás da caveira, revelavam uma face do feiticeiro que ela nunca soube que existisse.

Nem de leve percebiam-se aquelas maneiras desengonçadas, tão absorvidos estavam numa gesticulação de comovedor ritmo hipnótico que fluía com facilidade e obrigava todos os olhares a se concentrarem na pessoa dele. Apesar de que pudessem ser tomados como tais, os movimentos de mão e os sutis efeitos de posturas nada tinham que lembrasse alguma dança de caráter gracioso. O Mog-ur era antes de tudo um orador dotado de uma força persuasiva que Ayla ainda não conhecia, e ele nunca se mostrava tão expressivo como quando se dirigia a seu auditório invisível, às vezes mais real do que os homens sentados à frente dele. E mais de si ainda deu, quando começou a dirigir sua atenção para os venerabilíssimos espíritos que desejava convocar para aquela cerimônia, única na vida do clã.

Ó espíritos mais velhos dentre os mais velhos, 6 espíritos não invocados desde os nossos nebulosos primórdios, venham neste momento assistir-nos. Nós os conclamamos.

Queremos render-lhes nossas homenagens e pedir ajuda e proteção Ó grandes espíritos cujos nomes tão venerados são uma sombra em nossas memórias, acordem de seu sono profundo e permitam que os honremos. Temos para vocês uma oferenda, um sacrifício para abrandar seus velhos corações Precisamos que nos dêem sua sanção. Ouçam os seus nomes aqui pronunciados.

- Espíritos dos Ventos, Oooha!

Ayla sentiu um frio na espinha ao ouvir o nome dito em voz alta.

- Espírito das Chuvas, Zheena! Espírito das Neblinas, Eeasha! Atendam os nossos chamados. Vejam-nos com benevolência. Alguém de vocês está conosco. Alguém que caminhou entre as suas sombras e voltou. Voltou pela vontade do Grande Leão da Caverna!

Ele está falando de mim, pensou Ayla, subitamente compreendendo. Isso é uma cerimônia.

E o que estou fazendo no meio de uma cerimônia? Quem são esses espíritos? Nunca ouvi seus nomes sendo mencionados antes. E todos nomes de mulheres. Pensei que os espíritos protetores fossem Sempre masculinos. Ela tremia de medo, mas estava curiosa. Os outros que se achavam lá, todos sentados duros como pedras, também ouviam os nomes pela primeira vez, se bem que a eles não parecessem de todo desconhecidos. Ao escutá-los, qualquer coisa acendeu-se lá no fundo de suas mentes, onde armazenavam uma memória tão antiga como aqueles nomes.

- Veneráveis dentre os mais veneráveis! Os caminhos dos espíritos são mistérios para nós.

Somos simples mortais, ignoramos o motivo que fez essa mulher ser escolhida por espírito tão poderoso, como também não sabemos a razão por que ele a fez trilhar por caminhos tão antigos, mas não podemos ir contra sua vontade. Por ela, ele lutou no mundo das trevas, derrotando os espíritos do mal e enviando-a de volta para que seus desejos fossem conhecidos e para que soubéssemos que não nos podemos opor a ele. O Poderosos Espíritos do Passado, suas vias já foram as mesmas que as dos clã hoje não o são mais. No entanto, devem tornar a sê-lo em nome desta que aqui se acha sentada conosco. Rogamo-lhes, antigos espíritos, que a façam digna dos seus caninhos. Aceitem-na. Protejam-na e dêem também sua proteção ao clã a que ela pertence. - O Mog-ur se virou na direção de Ayla -

Traga a mulher à frente- ordenou.

Ayla se sentiu suspensa do chão pelos braços fortes de Brun e sendo posta de pé na frente do Mog-ur. Com a respiração suspensa, viu que Brun pegava um punhado de seus longos cabelos louros, ao

mesmo tempo que lhe em purrava a cabeça para trás. Olhando debaixo para cima, enxergou o Mog-ur tirar uma faca afiada de sua sacola e levantá-la bem ao alto, por cima da cabeçadele. Aterrorizada, olhou para o rosto que se avultava para perto do seu e para a faca empunhada para cima, quando ele, com um súbito movimento, trouxe a faca para junto de sua garganta descoberta.

A garota sentiu uma dor aguda, mas o medo era tanto que não a deixou gritar. O Mog-ur fizera apenas um leve talho na parte inferior da garganta dela.

O fio de sangue que escorreu foi rapidamente chupado por um chumaço de pele de coelho. O feiticeiro esperou primeiro que se empapasse completamente o chumaço, para depois pegar, de uma bacia segurada por Goov, um líquido que ela sentiu arder, mas que enxugou o corte. Brun, então soltou-a.

Fascinada, Ayla viu o Mog-ur botar o chumaço sujo de sangue numa vasilha rasa de pedra, parcialmente cheia de óleo. O acólito entregou uma pequena tocha ao feiticeiro que a usou para tocar fogo no óleo. Ficou, em seguida, em silêncio, observando a pele de coelho queimar, até virar um torrão escuro e quebradiço, cheirando fortemente a azedo. Depois que o fogo se extinguiu, Brun afastou para o lado a roupa dela, deixando-lhe descoberta a coxa esquerda. O Mog-ur mergulhou o dedo no resíduo que ficara na vasilha de pedra e riscou de preto as quatro linhas de sua cicatriz. Ela olhava espantada. Era como a marca de um totem feita durante os ritos de passagem de um rapaz. Sentiu que a levavam para trás. O Mog-ur agora voltara a se dirigir aos espíritos e ela ficou observando-o.

- Aceitem este sacrifício de sangue, Venerabilíssimos Espíritos. Saibam que foi o seu totem, o Espírito do Leão da Caverna quem a escolheu para trilhar os seus antigos caminhos.

Saibam que desejamos honrá-los e lhes render homenagens. Concedam-nos sua graça e voltem ao profundo sono do qual foram acordados, certos de que seus caminhos não foram esquecidos.

Terminou, disse Ayla consigo, soltando um suspiro de alívio ao ver o Mog-ur se sentando novamente. Ainda ignorava por que a fizeram participar de uma cerimônia fora dos padrões usuais. Mas eles ainda não haviam terminado com ela. Brun foi para frente e lhe

fez sinal para que se levantasse. Rápido, ela se pôs de pé. Ele meteu a mão dentro de uma dobra da roupa e retirou um pequeno objeto ovalado, tingido de vermelho. Era um pedaço de marfim serrado pouco acima da ponta da presa de um mamute.

- Ayla, por esta única vez, enquanto nos achamos sob a proteção de antiquíssimos espíritos, você está em pé de igualdade com os homens. - Ela não estava muito certa se entendera direito. - Mas tão logo sair deste lugar, nunca mais deverá pensar em você como uma igual a nós. Você é e sempre será uma mulher.

Ayla acenou com a cabeça concordando. Claro que sabia que era mulher, achava-se espantadíssima com tudo.

- Este marfim saiu da presa do mamute que matamos. Foi uma caçada muito feliz. Conseguimos derrubar aquele imenso animal sem que nenhum homem ficasse ferido. Este pedaço aqui está santificado por Ursus e tingido pelo Mog-ur na sagrada cor vermelha. É o poderoso talismã de um caçador. Todos os homens do clã carregam um idêntico dentro de seu amuleto e todo caçador deve trazê-lo consigo.

"Ayla, nenhum menino fica adulto enquanto não mata seu primeiro animal, mas uma vez que tenha matado, já não pode mais voltar à condição de criança. Em épocas muito distantes, nos tempos dos espíritos que hoje nos atenderam, as mulheres dos clã caçavam. Não sabemos por que seu totem a conduziu por caminhos tão distantes no tempo, mas não podemos deixar de reconhecer a vontade do Espírito do Leão da Caverna. Temos, portanto, que permiti-lo. Ayla, você já matou seu primeiro animal, por isso agora deve assumir as responsabilidades de um adulto. Entretanto, você é mulher e não homem e, em todos os sentidos, menos um, continuará como tal. A única arma que poderá usar é a funda, Ayla, mas, doravante, será a Mulher Caçadora.

Ayla sentiu uma onda de sangue subindo-lhe pelo rosto. Seria verdade? Teria realmente entendido as palavras de Brun? Justamente por usar uma funda fora obrigada a passar por uma prova da qual não esperava sair com vida e, agora, permitiam-lhe usar essa arma?

Poderia mesmo caçar? E tudo aberta mente? Mal conseguia acreditar.

- Este talismã é para você. Ponha-o dentro de seu amuleto.

A garota retirou do pescoço o saquinho e, atabalhoadamente, procurou desatar os nós. Em seguida, pegou da mão de Brun o objeto ovalado de cor vermelha, meteu-o junto do torrão de ocre e do fóssil e tornou a fechar a bolsinha de couro, pendurando-a novamente no pescoço.

- Por enquanto não diga nada a ninguém. Darei a notícia antes da festa de hoje à noite.

Esta será em sua honra, Ayla. Em honra do primeiro animal que você matou - falou Brun.

- Espero que o próximo seja mais saboroso do que uma hiena - acrescentou, com uma piscadela bem-humorada. - Agora, vire-se de costas.

Ela fez o que ele lhe mandava e sentiu os olhos novamente sendo vendados. Dois homens a conduziram de volta e, depois, retiraram-lhe a venda. Viu que Brun e Goov retornavam ao círculo dos homens. Será que estou sonhando? Passou a mão na garganta sentindo arder a ferida feita pelo Mog-ur. Depois, pegou o amuleto tateando os três objetos lá dentro. Afastou a roupa para o lado e olhou as linhas de sua cicatriz besuntadas de graxa preta. Uma caçadora! Sou então uma caçadora! Uma caçadora para o clã. Disseram que foi meu totem quem assim desejou e que não podiam negar a vontade dele. Apertou o amuleto entre os dedos, passando a fazer os gestos próprios da linguagem ritualística.

- Ó Grande Leão da Caverna, por que fui duvidar de você? A maldição de morte foi uma dura prova, a pior de todas até agora, mas, para tão grande graça, assim teria de ser. Sou imensamente agradecida por me achar digna. Sei que Creb está certo. Minha vida nunca será fácil, tendo o Grande Leão da Caverna como totem, mas sempre será digna de ser vivida.

A cerimônia fora suficientemente impressionante para convencer os homens de que se deveria deixar Ayla caçar, isto é, impressionante para todos menos um. Broud estava furioso. Se não houvesse ficado tão assustado com a advertência do Mog-ur, teria se

levantado e ido embora. não desejava participar de qualquer coisa que concedesse favores especiais àquela mulher. Olhava sombriamente para o Mog-ur, mas sua maior raiva era dirigida a Brun, um ódio que não conseguia passar-lhe pela garganta.

É ele o culpado, pensou Broud consigo. Está sempre protegendo a garota, sempre lhe concedendo privilégios. Imagine que me ameaçou com a maldição de morte, porque eu a castiguei por sua insolência. Logo eu, o filho de sua companheira, e ela merecia o castigo.

O que ele deveria ter feito era puni-la corretamente com uma maldição para sempre. E agora essa: deixá-la caçar. Caçar como se fosse um homem. Como pôde ele fazer uma coisa dessas? Brun está ficando velho. não irá ser chefe para sempre. Algum dia desses, quem vai ser chefe sou eu, e então veremos.

Nessa altura, ela não vai ter ninguém para protegê-la. Vamos ver como vai conseguir seus privilégios. Que trate então de engolir suas insolências.

Capítulo 18

No inverno que marcou seu décimo aniversário, a Mulher Caçadora entrou em plena posse de seu título. Iza sentia-se intimamente satisfeita e aliviada por ver Ayla passando pelas transformações que prenunciavam sua próxima menstruação. O alargamento das cadeiras e o maior volume dos seios, mudando os contornos do corpo reto e infantil de Ayla, deram a Iza a certeza de que, afinal, aquela sua muito particular filha não estava destinada a viver eternamente na infância. Aos mamilos inchados e uma ligeira penugem na região púbica e sob os braços, seguiu o fluxo menstrual de Ayla. Era, então, a primeira luta que seu totem travava com o espírito de um outro.

Ayla, a estas alturas, já compreendera que seria muito pouco provável que algum dia tivesse filho. Seu totem era forte demais. Ela desejava ter um bebê. Desde o nascimento de Uba que tinha vontade de ter um filho para amar e cuidar, mas aceitava as penas e restrições impostas pelo poderoso Leão da Caverna. Sempre gostara de cuidar das crianças do clã, quando as mães estavam ocupadas, e ficava sentida ao vê-las saírem de seu colo para mamar em uma outra. Mas pelo menos agora, ela deixara de ser aquela enorme criança, mais alta do que qualquer mulher do clã.

Ela, por empatia, identificava-se com Ovra que, depois do primeiro aborto, tivera diversos outros, embora estes ocorridos no princípio da gravidez e sem maiores complicações. O totem de Ovra, o Castor, era, por sua vez, um pouco feroz demais. Parecia que ela estava fadada a uma existência sem filhos. Desde a caçada do mamute e, sobretudo, agora que Ayla ficara adulta, as duas frequentemente eram vistas juntas. Ovra era uma mulher tranquila que não falava muito, naturalmente reservada e o oposto de Ika, de temperamento franco e expansivo. Entretanto, entre Ayla e Ovra foi-se fazendo aos poucos um bom entendimento, que se transformou numa amizade íntima que passou também a incluir Goov. A afeição que ligava o acólito à sua companheira era um fato sabido de todos,

e isso fazia com que Ovrá fosse objeto de piedade ainda maior. Sabiam que, por ter um companheiro generoso e compreensivo com a incapacidade dela de produzir filhos, Ovrá por isso mesmo ainda desejava mais sua maternidade.

Oga estava novamente esperando, para o grande prazer de Broud. Ficara grávida logo depois de Brac ter sido desmamado aos três anos. Tudo levava a crer que ela seria tão fértil quanto Aga e fica. Droog, depois que viu certo dia o filho de dois anos de Aga martelando uma pedra, estava seguro de que a criança seria o ferramenteiro por que ele tanto esperara.

Arrumou um pequeno martelo de pedra de acordo com as mãos rechonchudas de Groob e o deixava por perto enquanto trabalhava, e o menino brincava com uns pedaços de sílex, imitando-lhe os gestos. Igra, a filha de dois anos de Ika, era uma garotinha gorducha, muito dada e alegre, que fazia o encanto de todos no clã e prometia ter o mesmo bom gênio da mãe.

O clã de Brun estava crescendo.

No princípio da primavera, Ayla recebeu a maldição devida à sua condição de mulher e passou alguns dias afastada do clã em seu refúgio no alto da montanha. Depois da maldição de morte, de longe muito mais traumatizante, esta agora parecia quase umas férias.

Aproveitou o tempo para botar as idéias em ordem e para aperfeiçoar seus lançamentos com a funda, depois de haver passado um longo inverno sem atirar, embora a todo instante ainda precisasse lembrar-se de que já não era mais necessário fazer isto em segredo. Seria fácil para ela arrumar comida. Contudo, aguardava, ansiosa, as visitas diárias de Iza num lugar previamente combinado, perto da caverna do clã. Iza lhe levava mais comida do que ela aguentava comer, mas sua companhia é que era o principal. Ainda era difícil para Ayla passar as noites sozinha, mas o fato de saber que aquele seria um isolamento limitado, apenas de poucos dias, tornava a coisa mais suportável.

Quase sempre as duas ficavam juntas até anoitecer e Ayla precisava valer-se de uma tocha para iluminar o caminho de volta. Iza nunca venceu sua desconfiança quanto à pele de veado que Ayla curtira para usar enquanto estava "morta", de modo que resolveu

guardá-la na pequena caverna. Como toda moça, Ayla também aprendeu com sua mãe tudo aquilo que era necessário uma mulher saber. Iza lhe deu faixas absorventes para serem presas numa correia amarrada na cintura e lhe explicou os símbolos apropriados que deveriam ser feitos quando fosse enterrar na terra os absorventes sujos de sangue. Falou-lhe das posições adequadas que deveria assumir caso algum homem desejasse aliviar suas necessidades nela, dos movimentos que deveriam ser feitos e como depois fazer sua higiene. Ayla era agora uma mulher. Poderia ser solicitada para desempenhar qualquer função exigida de toda mulher adulta do clã. As duas conversaram sobre muitas coisas de interesse feminino, embora algumas, devido à educação para curandeira, já fossem do conhecimento de Ayla.

Trocaram idéias sobre gravidez, amamentação e remédios para cólicas. Iza deu-lhe instruções sobre as posições e movimentos que eram considerados como sedutores e a maneira como uma mulher poderia encorajar o homem e excitá-lo para que ele tivesse vontade de aliviar suas necessidades. Falaram ainda das responsabilidades que competiam a uma companheira. Iza lhe disse tudo quanto sua mãe lhe contara, mas, no íntimo, perguntava-se se Ayla, tão pouco atraente como era, iria precisar de todas essas informações.

Apenas um assunto Iza deixou de abordar. A maioria das meninas, quando estavam próximas de se tornar mulheres, em geral, mostrava interesse por algum rapaz em particular. Apesar de que nem mãe nem filha pudessem opinar sobre a matéria, a mãe se tivesse bom relacionamento com o companheiro, poderia transmitir-lhe as preferências da filha. O companheiro, por sua vez, querendo, poderia fazer chegar o desejo da garota ao chefe que tinha a decisão final. Não havendo nenhuma outra consideração e, sobretudo, se o rapaz em questão mostrasse também interesse pela menina, o chefe poderia fazer prevalecer a vontade da mulher.

Nem sempre tal acontecia e certamente esse não foi o caso de Iza. De qualquer forma, o assunto não surgiu nas conversas entre as duas, embora fosse, na maioria das vezes, aquele que suscitava maior interesse. No momento, todos os rapazes no clã tinham

companheiras, e Iza estava certa de que, mesmo que existissem homens disponíveis, haveria tanta possibilidade de quererem Ayla como a de alguém mostrar-se interessado nela, Iza, para segunda mulher. Ayla, por seu turno, não estava interessada em nenhum deles, inclusive se Iza não tivesse abordado o assunto sobre as responsabilidades da mulher, a jovem nem teria pensado nisso. Mas depois pensou.

Numa manhã ensolarada de primavera, algum tempo depois de haver voltado, Ayla foi encher o cantil no lago alimentado pelo riacho, perto da caverna. Ninguém ainda havia saído. Ela se ajoelhou, curvou o corpo, pronta para mergulhar o cantil dentro, quando subitamente parou. Os raios do sol batiam inclinados sobre a água parada fazendo da superfície um espelho. Ayla ficou com os olhos parados no estranho rosto que a olhava de dentro do lago. Nunca até então vira sua imagem refletida. Quase toda a água existente perto da caverna era a de rios e canais sempre em movimento e, em geral, ela só olhava para dentro do lago depois de já ter mergulhado o recipiente que queria encher, quando a superfície já estava remexida.

Estudou seu rosto. Era algo quadrado, com mandíbulas bem definidas, mas suavizadas por bochechas de adolescente, pômulos altos e pescoço fino e comprido. O queixo se mostrava ligeiramente partido, lábios carnudos e nariz reto, perfeitamente esculpido. Olhos claros, azuis-acinzentados e contornados por pestanas mais escuras do que os cabelos dourados que caíam bem para baixo dos ombros em ondas fartas e suaves, brilhando com os reflexos do sol. Sobrancelhas no mesmo tom que os cílios, arqueadas por cima dos olhos e assentadas sobre uma fronte acetinada, alta e reta, sem qualquer saliência na altura dos supercílios. Ayla se ergueu e foi correndo para a caverna.

- Ayla, o que aconteceu? - gesticulou Iza. Era visível que havia algo perturbando a moça.

- Mãe, acabei de me ver no lago. Eu sou feia! Oh, mãe, por que sou tão feia? - perguntou, exaltada, caindo aos prantos nos braços de Iza. Tanto quanto podia lembrar-se, somente conhecia pessoas da raça dos clã não tinha qualquer termo de comparação O

clã se acostumara com ela, mas ela mesma na Via-se diferente de todos, anormalmente diferente.

- Ayla, Ayla - falou Iza abraçando-a, acalmando-a no seu choro.

- Eu não sabia que era tão feia, mãe. Eu não sabia. Que homem vai me querer? Nunca vou ter um companheiro. Nunca vou ter um bebê. Nunca vou ter ninguém. Por que eu tinha de ser tão feia?

- Não sei se você é realmente feia, Ayla. Você é diferente.

- Não Eu sou feia. Feia! - falou, abanando a cabeça e recusando qualquer consolo. -

Olhe para mim! Sou grande demais. Sou mais alta do que Broud ou Goov. Sou quase tão alta quanto Brun! E sou feia. Sou grande, feia e nunca vou ter um companheiro - gesticulou, começando outra vez a chorar.

- Ayla! Pare com isso! - ordenou Iza, sacudindo-a pelos ombros. - Você não tem culpa por parecer como é. Você não nasceu de gente dos clã e sim de gente dos Outros. Seu aspecto é o deles. É uma coisa que você não pode mudar. Tem de se conformar. É verdade que talvez nunca venha a ter com panheiro e, quanto a isso, não podemos fazer nada. Você tem de aprender a aceitar o fato. Mas não é certo, nada é sem esperança. Em breve você será uma curandeira. Uma curandeira da minha linhagem. Mesmo que não tenha com panheiro, nunca será uma mulher sem status ou insignificante.

"No próximo verão, haverá a reunião de clã. Muitos clã estarA lá. O nosso não é o único que existe. Você poderá encontrar um companheiro que venha de outro clã Talvez não seja um rapazinho ou alguém de status elevado, mas de qualquer forma será um companheiro.

Zoug a tem em alta conta. Pode-se considerar feliz por ele ter tão boa opinião sobre você.

Ele já deu a Creb uma mensagem para levar à reunião. Zoug tem parentes em outro clã. Disse a Creb para falar lá da estima que ele tem por você. Acha que você dará uma boa companheira e deseja que eles pensem em seu caso. Inclusive chegou a dizer que ele a tomaria como companheira, se fosse mais jovem. Lembre-se

disso. Este não é o único clã e os homens daqui não são os únicos sobre a ter.

- Zoug disse isso? Mesmo eu sendo feia desse jeito? - gesticulou Ayla, com um brilho de esperança no olhar.

- Disse. Foi exatamente o que Zoug falou. Com a recomendação dele e o meu status, tenho certeza de que algum homem irá querer tomá-la, mesmo com esse seu jeito diferente.

O sorriso que Ayla timidamente esboçava desapareceu.

- Mas isso quer dizer que vou ter de ir embora, não é? De ir para algum outro lugar, não é assim? não quero deixar Creb, você e Uba.

- Ayla, estou velha e Creb também já não é nenhum rapazinho. Dentro de poucos anos, Uba será mulher e vai ter o seu companheiro. E o que você fará então - gesticulou Iza. -

Qualquer dia desses Brun vai passar o comando do clã para Broud, e acho que você não deveria viver mais aqui depois que ele for o chefe. Em minha opinião o melhor seria se você se mudasse e a reunião dos clãs poderá ser boa oportunidade para isso.

- Sim, você deve ter razão. Acho que não vou querer viver aqui quando Broud for o chefe, mas é horrível ter de deixá-la - disse, com o rosto franzido. Depois, animou-se. - Mas até o verão que vem, ainda há um ano inteiro pela frente. Até lá não preciso preocupar-me.

Um ano inteiro, disse Iza consigo, ah, minha filha, minha filha, você vai precisar ficar mais velha para saber como passa rápido um ano. Você não me quer deixar? não sabe quanta falta vou sentir de você. Se ao menos houvesse um homem neste clã para tomar conta de você. E se ao menos não fosse Broud o futuro chefe.

Seus pensamentos, entretanto, não chegavam nem de leve a transparecer enquanto Ayla enxugava os olhos e voltava para buscar água. Desta vez, evitando olhar para dentro do lago parado.

Durante a tarde naquele dia, Ayla, saindo da mata, ficou por algum tempo olhando através das folhagens para a caverna do clã. Diversas pessoas estavam do lado de fora trabalhando ou apenas conversando. Ajeitou os dois coelhos que pendurara no ombro, olhou para sua funda enfiada na correia da cintura e a camuflou

numa dobra da roupa. Depois, mudou de idéia e voltou a enfiar a funda na correia, deixando-a à mostra. Tornou a olhar para a caverna e foi caminhando, nervosa, para lá.

Brun disse que eu podia, falava consigo. Fizeram uma cerimônia para isso. Sou uma caçadora... a Mulher Caçadora. Botou, então, o queixo para cima e saiu de detrás da cortina de folhagens que a escondia.

Houve um enorme silêncio gelado, com todos parados, olhando para a garota que vinha na direção deles, trazendo dois coelhos pendurados no om bro. Logo que se recuperaram do choque e que perceberam estar em atitudes inconvenientes, desviaram os olhos para outro lado. Ayla tinha o rosto queimando, mas caminhava em frente, com ar decidido, ignorando os olhares com o rabo dos olhos para ela. Sentiu-se aliviada ao entrar na caverna, depois de passar pelo meio de uma fila dupla de olhares escandalizados, dando graças por a caverna ter seu interior fresco e escuro. Lá dentro, era mais fácil ignorar os olhares das pessoas.

Os olhos de Iza também se arregalaram quando Ayla chegou à fogueira de Creb, mas ela rapidamente se refez do choque e olhou em outra direção sem fazer qualquer menção aos coelhos. Ela não sabia o que dizer. Creb, sentado em sua pele de urso, aparentemente meditava, parecendo nada perceber. Ele vira quando Ayla entrara na caverna e tratou de disfarçar a expressão do rosto no momento em que ela chegou.

Ninguém disse uma palavra, quando Ayla botou os bichos perto do lugar onde estava acesa a fogueira. Instantes depois, entrou Uba correndo e dizendo:

- Você caçou mesmo esses dois coelhos, Ayla?
- Sim - fez Ayla com a cabeça.
- Estão muito bonitos e gordos. É o que vamos comer hoje à noite,
- Bem... acho que sim - respondeu Iza, ainda embaraçada e incerta.
- Vou tirar a pele deles - falou depressa Ayla, pegando sua faca. Por um momento, Iza ficou observando, depois veio e retirou a faca da mão dela.

- Não, Ayla. Você caçou e eu preparo.

Ayla afastou-se para dar lugar a Iza que, rapidamente, tirou as peles dos coelhos e os atravessou com espeto, botando-os para assar sobre o fogo. Ayla se via tão encabulada quanto Iza.

- A comida estava muito boa, Iza - disse mais tarde Creb, ainda evitando qualquer comentário direto sobre os dois coelhos. Uba, entretanto, não teve os mesmos escrúpulos.

- Os coelhos estavam bons, Ayla. Mas da próxima vez por que não vê se pega umas perdizes? - Ela, como Creb, tinha a mesma predileção por essas aves de patas cobertas de penas.

Na vez seguinte em que Ayla trouxe caça para a caverna, já não houve tanto escândalo e, dentro de pouco tempo, suas caçadas passaram a ser encaradas com a maior naturalidade.

Agora, com um caçador na sua fogueira, Creb pôde reduzir a quota que apanhava com os outros caçadores, a não ser quando fossem animais grandes, caçados só por homens.

Ayla esteve ocupadíssima naquela primavera. O fato de caçar não diminuiu seu trabalho junto das mulheres, além de que havia a coleta de plantas para Iza. Mas adorava tudo. Estava cheia de energia, mais feliz do que nunca. Feliz por poder caçar abertamente, feliz por estar vivendo outra vez com o clã, feliz por ter finalmente ficado mulher e também porque agora estava mantendo uma relação de amizade muito mais estreita com as outras mulheres.

Ebra e Ika, as duas mais velhas do grupo, embora não esquecendo de todas as peculiaridades de Ayla, a aceitavam. Ika sempre se mostrara amiga, e Aga, sua mãe, havia mudado completamente de atitude, desde que Ayla salvara Ona de morrer afogada. Ovrá se tornara uma confidente, e Oga se afeiçoara a ela apesar de Broud. Sua paixão adolescente por Broud acabou transformando-se ao longo dos anos em hábito e indiferença, esfriada pelas imprevisíveis explosões de temperamento do companheiro. Em compensação o ódio vingativo de Broud por Ayla tornou-se ainda maior depois de ela ter sido aceita como caçadora. Continuava sempre procurando meios para infernizá-la e fazê-la reagir às suas provocações. No entanto, as implicâncias dele

passaram a fazer parte de um cotidiano com o qual ela aprendera a conviver e nada a tirava de sua tranquilidade.

A primavera ia em plena floração quando Ayla resolveu caçar algumas perdizes para que fosse preparado o prato favorito de Creb. Pensou que, enquanto andasse pelos campos, poderia ao mesmo tempo ir dando uma olhada nas plantas crescendo para começar a refazer a farmácia de Iza. Passou a manhã explorando os terrenos próximos e depois se dirigiu para uma extensa campina já nas proximidades das estepes. Ali, fez dois pássaros alçarem vôo para abatê-los no ar com suas pedradas. Em seguida, saiu à procura dos ninhos em meio à relva crescida, na esperança de encontrar os ovos. Creb adorava comer as aves com recheios feitos de seus próprios ovos misturados com ervas e legumes. Soltando uma exclamação de alegria, a moça conseguiu achar o ninho e, com muito cuidado, enrolou os ovos numa camada macia de musgo, metendo-os dentro de uma dobra profunda da roupa. Estava feliz consigo mesma. Por pura alegria, disparou a correr pelo campo, só parando quando chegou, já sem fôlego, no topo de um morro coberto de relva recém-brotada.

Deixou-se cair no chão, deu uma olhada nos ovos para ver se estavam inteiros e depois pegou um pedaço de carne-seca para almoçar. Pôs-se a observar uma cotovia que lançava gloriosamente seu canto do alto de um galho, para depois bater as asas e ir com seu canto pelos ares. Dois pardais de cucurutos dourados, revoando por entre os galhos das amoreiras na fronteira da planície e, gorjeavam uma canção sombria de notas descendentes. Outro casal de passarinhos com penachos pretos e mantos cinzas, reconhecidos pelo seu piado característico (tic-a-di-di), entrava e saía como flechas dos buracos de seus ninhos num pinheiro perto do riacho, que serpenteava pela densa vegetação no pé do morro. Pequenas e vivazes cambaxirras marrons espantavam os outros pássaros, enquanto carregavam ramos e musgos secos para um ninho feito na cavidade do tronco retorcido de uma velha macieira que ainda provava sua fecundidade com flocos de flores rosadas.

Ayla adorava esses momentos de solidão. Aquecendo-se ao sol, feliz e relaxada, não pensava nada em particular, exceto na beleza

do dia e de quanto feliz se achava.

Encontrava-se inteiramente inconsciente de que alguém pudesse estar por perto, até que viu uma sombra cruzando o chão à sua frente. Assustada, levantou os olhos, dando com a cara amarrada de Broud.

Como nenhuma caçada fora programada para aquele dia, ele resolvera caçar sozinho. Mas não estava muito empenhado na coisa, fora mais um pretexto para poder dar um passeio num dia quente de primavera do que propriamente visando buscar uma carne de que realmente não estava precisando. Vira Ayla descansando no alto do morro e não iria deixar passar aquela oportunidade de ralhar com ela por causa de sua preguiça, surpreendida ali, absolutamente à toa, sem fazer nada.

Ayla logo que o enxergou pulou sobre os pés, mas isso o aborreceu. Ela era mais alta e ele não gostava de suspender a cabeça para olhar para uma mulher. Fez sinal para que ela se sentasse novamente, já preparado para passar uma boa descompostura. Submissa, com uma expressão de indiferença vidrando-lhe os olhos, ela se abaixou e isso o deixou ainda mais irritado. Ele queria pensar em alguma coisa que arrancasse uma reação dela. Se estivesse na caverna, poderia mandá-la fazer qualquer coisa e a veria saltando, apressada, para atender sua ordem.

Broud olhou ao redor e depois para a mulher sentada a seus pés, esperando imperturbável que ele passasse logo o cargo que tinha de passar e seguisse seu caminho. Depois de ter ficado com a mulher, está pior do que nunca, pensou ele. Bali, Mulher Caçadora... como Brun pôde fazer uma coisa dessas? Viu as perdizes e lembrou que suas mãos estavam vazias. Até o olhar nessa sua cara feia é insolente. Está tripudiando de mim, porque conseguiu pegar alguma coisa e eu Não. O que poderia fazer com ela? não existe nada por aqui que eu possa mandá-la buscar? Espere. . - agora ela é mulher, não é? Há uma coisa que posso mandar que ela faça.

Broud fez-lhe um sinal e os olhos de Ayla se arregalaram. Aquilo era inesperado. Iza lhe dissera que os homens só queriam essa coisa com mulheres que consideravam atraentes.

Sabia que Broud a achava feia. Ele percebeu que ela ficara surpresa e escandalizada. A reação o animou. Fez novamente o mesmo sinal, categoricamente, para que ela assumisse a postura própria às relações sexuais e ele pudesse aliviar suas necessidades. Ayla sabia o que se esperava dela. não só porque Iza lhe explicara, como também por já ter visto muitas vezes os membros adultos do clã entregues a essa actividade, inclusive todas as crianças também viam. não existia qualquer restrição ou artificialismo na prática do sexo. As crianças aprendiam o comportamento adulto copiando os pais, e o sexo era apenas uma dentre as muitas actividades que imitavam. Isso sempre intrigara Ayla e ela se perguntava qual seria a razão daquela prática, mas não se perturbava quando via algum garoto se remexendo inocentemente por cima de uma menina, numa imitação consciente dos adultos.

Às vezes, não era só imitação. Muitas meninas eram defloradas por garotos que, enquanto aguardavam sua primeira caçada, ficavam arrastando suas existências naquela fase de "quase-homem" e não raro também algum homem se deixava levar pela coqueteria de uma "quase-mulher". A maioria dos rapazes, porém, considerava indigno fazer sexo com suas antigas companheiras de folgedos.

À exceção de Vom, Ayla não tinha companheiros que fossem mais ou menos de sua idade.

Além disso, nunca houve maior aproximação entre eles, desde os tempos em que Aga desencorajava a amizade dos dois. Por seu lado, Ayla não tinha qualquer estima particular por Vorn, que imitava Broud na maneira de tratá-la. Mesmo depois do incidente ocorrido no campo de treinamento, o garoto prosseguiu com sua idolatria por Broud. E Vorn, por sua vez, não tinha a menor vontade de brincar de companheiro com Ayla. Como não restasse mais ninguém, ela nunca se empenhou naquele comportamento imitativo. Assim, dentro de uma sociedade que encarava o sexo com a mesma naturalidade que o ato de respirar, Ayla havia conseguido sobreviver virgem até aquela data.

Sentia-se desajeitada, sabendo que era obrigada a consentir, e Broud se comprazia com sua perturbação. Estava feliz por haver lembrado da coisa. Finalmente, conseguira romper-lhe as defesas. A

confusão e o embaraço dela excitavam os seus desejos. Aproximou-se ao vê-la levantar-se. Depois, ela se pôs de joelhos. Ayla não estava acostumada a ter homens tão perto dela. A respiração pesada de Broud a assustava. Ela hesitava.

Ele ficou impaciente, empurrou-a ao chão e pôs para o lado a roupa, deixando seu órgão grosso, latejante, à mostra. O que ela está esperando? É tão feia! Deveria sentir-se honrada, nenhum outro homem iria querê-la, pensou com raiva, agarrando-lhe a vestimenta e removendo-a, sentindo-se cada vez mais excitado.

Mas quando ele estava pronto para desfechar o ataque, alguma coisa se passou nela. não podia fazer aquilo! Simplesmente era impossível. Não enxergava mais nada. Pouco importava se tinha ou não de obedecê-lo. Conseguiu pôr-se de pé e começou a correr.

Broud era mais rápido do que ela. Ele a agarrou, derrubou-a, dando um soco com a mão fechada que lhe partiu os lábios. Estava começando a ter prazer com a coisa. Quantas vezes ele havia tido vontade de bater nela e fora obrigado a conter-se e, agora, não existia ninguém ali para impedi-lo. Além disso, havia uma boa razão para fazê-lo. Ela o estava desobedecendo, e de uma forma concreta.

Ayla estava enlouquecida. Tentou levantar-se e ele tornou a bater nela. Conseguiu uma reação da parte dela que nunca esperara, e isso lhe acendia ainda mais o desejo. Iria dobrar aquela fêmea insolente. Foi dando-lhe socos um atrás do outro, feliz ao ver que a cada vez que suspendia a mão ela encolhia o corpo.

Ayla sentia a cabeça zumbindo, com o sangue escorrendo pelo nariz e de um canto da boca. Tentava levantar-se, mas ele a mantinha presa no chão. Ela lutava, dando-lhe murros no peito que pareciam não produzir nenhum efeito sobre seu corpo musculoso. A resistência dela, no entanto, levava-o ao auge da excitação. Nunca se sentira tão estimulado. A violência aumentava sua paixão e o desejo punha força nos seus socos. Comprazendo-se com aquela resistência, prosseguia sem parar com os murros.

Ela estava quase inconsciente, quando ele a soltou. Sofregamente, arrancou-lhe a roupa e abriu as pernas dela. Numa investida brutal penetrou-a profundamente. O grito de dor que ouviu aumentou seu prazer e ele fez nova arremetida, arrancando-lhe

outro doloroso grito, e depois, mais outro, e mais outro e outro... O grau de excitação o instigava, levando-o rapidamente ao ponto de saturação . Na última estocada que arrancou o derradeiro grito de agonia, ele expulsou todo o calor que acumulara.

Por um momento, ficou estendido sobre ela, desprovido de toda energia. Em seguida, ainda ofegante, afastou-se. Ayla soluçava incoerentemente. O sal das lágrimas ardia nas feridas abertas em seu rosto lambuzado de sangue. Um dos olhos estava inchado e já ficando preto.

As coxas estavam manchadas de sangue e ela se sentia toda machucada por dentro. Broud se levantou e a olhou do alto. Sentia-se ótimo. Nunca gostara tanto de nenetrar uma mulher.

Pegou suas armas e se dirigiu à caverna.

Depois de ter parado de soluçar, Ayla permaneceu ainda muito tempo deitada com a cara voltada para a terra. Por fim, levantou-se. Tocou na boca sentindo-lhe a inchação e olhou para o sangue nos dedos. Todo o corpo doía. Por dentro e por fora. V o sangue entre as coxas e algumas manchas na relva. Será que meu totem está novamente lutando?, perguntou-se. Acho que não Ainda não está na época. Broud deve ter me ferido. não sabia que ele me podia bater também por dentro. Mas, as outras mulheres não ficam machucadas, por que o órgão de Broud me deixou tão ferida? Será que há alguma coisa errada comigo?

Vagarosamente, levantou-se e foi até o riacho, sofrendo com cada passo que dava. Lavou-se, mas não adiantou muito, a dor era fortíssima e a cabeça se achava num turbilhão Por que Broud quis que eu fizesse isso? Iza me falou que os homens só querem aliviar suas necessidades com as mulheres que acham atraentes. Eu sou feia. Por que um homem iria ferir uma mulher de quem ele gosta? Mas as mulheres também gostam de fazer isso, sen por que iriam fazer gestos para excitar os homens? Como podem gostar disso? Oga não se importa quando Broud faz com ela e ele faz todos os dias. Às vezes, até mais.

De repente, ela ficou em pânico. Oh, Não! E se Broud me quiser para uma segunda vez? Eu Não vou voltar para o clã. não posso voltar. Mas para onde iria? Minha pequena caverna? não Lá é

muito perto e não posso passar um inverno inteiro presa nela. Vou ter de voltar de qualquer maneira. Não posso viver sozinha. Para que outro lugar poderia ir? E além disso, não posso deixar Iza, Creb e Uba. O que vou fazer? Se Broud quiser, eu não vou poder recusar. As outras mulheres não ousariam nem tentar. O que há de errado comigo? Ele nunca quis isto quando eu era menina. Por que tive de ficar mulher? Estava tão feliz por causa disso e agora não me importaria se ficasse menina para o resto da vida. De qualquer jeito, nunca vou ter um bebê. Para que serve ser mulher, se ela não terá um bebê? Principalmente se um homem pode obrigar a gente a fazer coisas desse tipo. De que adianta? Para quê?

O sol já estava baixo no céu, quando Ayla foi a custo descendo pelo morro para procurar por suas perdizes. Os ovos acondicionados tão cuidadosamente haviam quebrado e sujado sua roupa na frente. Olhou na direção do riacho lembrando-se de como se sentia feliz quando observava os passarinhos cantando. Parecia ter sido há séculos. Um outro tempo, um outro lugar. Foi-se arrastando de volta à caverna, com medo de cada passo que dava.

Quando Iza viu o sol desaparecer atrás das árvores do lado oeste, sua ansiedade aumentou. Ela foi por tudo quanto era caminho que existia nas matas por perto e subiu no morro para vasculhar o lado da encosta que descia até a planície. Uma mulher não deve ficar sozinha.

Não gosto de ver Ayla saindo para caçar, pensava consigo. E se ela foi atacada por algum animal? Será que está ferida? Creb também estava preocupado, embora tentasse não o demonstrar. Até mesmo Brun passou a ficar incomodado, quando começou a escurecer.

Foi Iza quem do alto do morro, viu primeiro Ayla. Já estava pronta para começar a ralhar com a moça, mas parou no seu gesto.

- Ayla! Você está ferida! O que aconteceu?
- Broud me bateu - respondeu com a cara sombria.
- Mas por quê?
- Porque eu o desobedeci - gesticulou, enquanto caminhava para a caverna seguindo direto para a fogueira de Creb.

O que será que aconteceu?, perguntou-se Iza. Há anos que Ayla não desobedece Broud. Por que iria rebelar-se contra ele agora? E por que ele não me disse que a tinha visto? Ele sabia que eu estava preocupada. Ao meio-dia, ele já estava aqui e por que Ayla só chegou agora?

Iza lançou um rápido olhar na direção da fogueira do rapaz e viu que ele estava olhando para Ayla por cima do cercado de pedras. Havia nele uma expressão de superioridade e prazer.

Nada passara despercebido a Creb: o rosto ferido e inchado de Ayla, sua extrema desolação, e Broud, com expressão arrogante e escamecedora, observando-a desde o momento em que ela entrara. Ele sabia que o ódio de Broud crescera com o passar dos anos e que a obediência passiva de Ayla o atingia mais do que a rebelião dos tempos de criança. mas alguma coisa havia acontecido que estava dando a Broud uma sensação de poder sobre ela. Por mais perceptivo que Creb fosse, ele não atinou com a causa.

No dia seguinte, Ayla estava com medo de ultrapassar os limites da fogueira e prolongou tanto quanto podia a refeição da manhã. Broud estava esperando por ela. Só em pensar na sua excitação da véspera deixou-o estimulado e ele já estava pronto. Quando ele lhe fez o sinal, por pouco ela não saiu correndo, mas se forçou a fazer a posição. Tentava reprimir os gritos, mas a dor sentida arrancava-os de seus lábios, provocando olhares curiosos daqueles que estavam por perto. não podiam entender aqueles gritos de dor nem as razões do súbito interesse de Broud por ela.

Broud comprazia-se ao máximo com a nova maneira que descobriu para do miná-la e usava Ayla frequentemente, embora as pessoas se perguntassem o que o fazia preferir uma mulher feia, de quem tinha ódio, a Oga, sua graciosa companheira. Passado algum tempo, já não doía mais. Ayla, no entanto, continuava detestando o ato. E era justamente seu ódio que dava prazer a Broud. Ele a havia posto no seu lugar, granjeara a tão almejada superioridade sobre ela e acabou por fim fazendo com que Ayla lhe reagisse. Pouco importava se aquela era uma reação negativa, preferia até que o fosse. Queria vê-la acovardada, sentindo medo e obrigando-se a esta submissão que lhe era odiosa. Só o pensamento disto já era

bastante para excitá-lo. Seus impulsos sexuais sempre foram fortes e, agora, estava mais sexualmente ativo do que nunca. Todas as manhãs em que não saía para caçar, ficava esperando por ela. Geralmente, forçava-a outra vez na parte da tarde e às vezes também no meio do dia. Até mesmo de noite, surpreendia-se tendo uma ereção e, neste caso, usava a companheira para aliviar-se. Ele era jovem e saudável, no auge das proezas sexuais, e quanto mais intenso era o ódio de Ayla, mais prazer ele obtinha.

Ayla perdeu o brilho. Estava desanimada, mal-humorada, nada parecia afetá-la. A única coisa que sentia era um ódio mortal por Broud e aquele estupro diário. Tal como uma geleira que se apodera de toda a umidade da terra ao redor, o ódio e a frustração de Ayla anulavam os outros sentimentos.

Ela sempre se conservara limpa, tomando banho e lavando os cabelos no riacho, de modo a evitar piolhos, chegando até a trazer imensas bacias cheias de neve que punha para derreter ao lado da fogueira para poder ter água durante o inverno. Agora, seus cabelos caíam sem vida, cheios de nós gordurentos e dia após dia estava com a mesma roupa, sem se incomodar de lavar os lugares sujos ou botá-la para arejar. Estava relaxada nos serviços domésticos a ponto de que homens que nunca antes haviam ralhado com ela passassem agora a lhe chamar a atenção. Perdera o interesse pela medicina de Iza, nunca falava, a não ser para responder alguma coisa que lhe perguntassem diretamente, quase nunca saía para caçar, e quando o fazia voltava quase sem perguntas e de mãos vazias. Seu desalento contaminava todos que compartilhavam com ela da fogueira de Creb.

A preocupação de Iza deixava-a inteiramente fora de si. Não conseguia entender aquela drástica mudança de Ayla. Sabia que tinha a ver com o inexplicável interesse de Broud por ela, mas por que, realmente, não conseguia compreender. Ela estava sempre rondando Ayla, observando-a e, quando a moça começou a ter enjôos pela manhã, ficou com medo de que o espírito maligno que havia entrado na menina já estivesse firmemente estabelecido dentro dela.

Iza, no entanto, era uma curandeira experiente. Foi a primeira a notar que Ayla não guardava o isolamento exigido às mulheres nos dias em que seus totens entravam em luta e, a partir daí, passou a vigiá-la ainda mais de perto. Era-lhe difícil acreditar no que pensava. Mas quando viu que mais uma lua havia passado e que o verão estava expandindo todo o seu calor, já não teve mais dúvida. Certa tarde em que Creb não se encontrava na fogueira, ela acenou para Ayla.

- Quero falar com você.

- Sim, Iza - respondeu Ayla, levantando-se com esforço de sua pele e se deixando cair no chão perto de Iza.

- Qual foi a última vez que seu totem lutou, Ayla?

- Não sei.

- Ayla, quero que você pense direito sobre isso. Os espíritos lutaram dentro de você, depois de ter havido a primeira batalha?

Ayla procurava lembrar-se.

- Não tenho muita certeza. Talvez uma vez.

- Foi o que pensei. Você está tendo enjôos todas as manhãs, não é?

- Estou - respondeu Ayla, com a cabeça. Achava que a causa de seus enjôos fosse Broud que, quando não saía para caçar, estava firme esperando-a, e ela, por odiar tanto a coisa, vomitava a primeira refeição e algumas vezes também a da noite.

- Seus seios estão doloridos?

- Um pouco.

- E também estão aumentando de tamanho, não é?

- Acho que sim. Por que está querendo saber? Para que todas essas perguntas? Iza, séria, olhou para ela.

- Ayla, não sei como aconteceu. Quase não consigo acreditar, mas tenho certeza de que só pode ser uma coisa.

- Que coisa?

- O seu totem foi derrotado. Você vai ter um bebê.

Um bebê? Eu? Meu totem é forte demais, não pode ser - protestou

- Eu sei. Por isso não entendo, mas você vai ter um bebê - repetiu Iza.

Nos olhos indiferentes de Ayla apareceu uma expressão de surpresa.

- Será possível? Será que pode ser verdade? Verdade mesmo? Eu, ter um bebê? Oh, mãe, que maravilha!

- Ayla, você não tem companheiro. não creio que haja um só homem neste clã para tomá-la, nem mesmo como segunda mulher. Você na pode ter um filho sem companheiro, isso poderia trazer infelicidade - gesticulou Iza, aflita. - Seria melhor se você tomasse alguma coisa para perder a criança. Acho que um bom remédio seria chá de visco. Você conhece, é aquela planta com frutinhas brancas que cresce no alto dos pés de carvalho. É um remédio que sempre dá resultado, e se for preparado direito não é muito perigoso. Vou fazer para você um chá com as folhas, usando só umas poucas frutinhas. Vai ajudar seu totem a expulsar essa vida nova que se está formando dentro de você. O remédio dá um pouco de enjoô, mas...

- Não não! - balançou Ayla a cabeça com firmeza. - Iza, Não! não quero tomar chá de visco. não quero tomar nenhum remédio que faça perder o bebê. Eu quero o meu filho, mãe. Desde que Uba nasceu, sempre quis ter um bebê. Nunca pensei que isso um dia pudesse acontecer.

- Mas, Ayla, e se o bebê for infeliz? Pode até nascer deformado.

- Ele não vai ser infeliz. não vou deixar. Prometo que vou cuidar de mim para que ele seja sadio. não foi você mesma quem disse que os totens fortes ajudam a fazer bebês sadios, depois que são vencidos? E vou também cuidar muito do bebê, quando tiver nascido.

Não quero que nada aconteça, Iza. Preciso ter esse filho, você não compreende? Talvez meu totem nunca mais venha a ser derrotado. Pode ser que essa seja minha única chance.

Iza olhava os olhos suplicantes de Ayla. Era a primeira vez que via um brilho de vida nela, desde o dia em que Broud lhe batera quando estavam fora, caçando. Sabia que devia insistir com Ayla para que tomasse o remédio. Não seria bom deixar uma mulher sem companheiro ter filho, quando se podia fazer algo a respeito. Mas

Ayla queria a criança desesperadamente, e seu estado de depressão poderia agravar-se ainda mais, se fosse induzida a desistir do bebê. Sim, talvez Ayla tivesse razão talvez essa fosse sua única chance.

- Está bem, Ayla - concordou Iza. - Se você quer tanto assim. Mas seria melhor por enquanto que não se falasse disso para ninguém. Daqui a pouco, todo mundo ficará sabendo.

- Que bom, Iza - disse Ayla, abraçando-a. À medida que ia conscientizando o milagre daquela impossível gravidez, um leve sorriso começou a esboçar em seu rosto. A moça deu um salto, cheia de energia. não aguentava ficar sentada ali parada, tinha de fazer qualquer coisa.

- Mãe, o que você vai cozinhar para hoje à noite? Deixe que eu ajude.

- Ensopado de auroque - respondeu Iza, espantada com aquela súbita transformação. - Se quiser, pode ir cortando a carne.

Enquanto trabalhavam, Iza ia pensando na alegria que era Ayla, e ela quase já havia esquecido de como poderia ser sua filha. As mãos circulavam pelo ar, conversando e trabalhando ao mesmo tempo. O interesse de Ayla pela medicina voltara.

- Eu não sabia dessa qualidade do visco, mãe - observou Ayla. - Conhecia os esporões de centeio e o capim-cheiroso, mas o visco, eu não sabia que era uma planta que servia para abortar.

- Sempre haverá coisas que eu ainda não falei, Ayla, mas você vai acabar sabendo o suficiente. Além disso, você sabe como fazer o teste, poderá ir aprendendo por sua própria conta. O tanaceto também serve para isso, mas é mais perigoso do que o visco. No caso dessa planta, usa-se tudo. Põe-se para ferver as flores, folhas e raízes. Se você encher de água até aqui - Iza apontou para uma marca feita numa de suas cuias de remédio - e deixar ferver até que fique na quantidade desta outra cuja - ela pegou numa vasilha de osso e mostrou - estará mais ou menos na dose certa. Quase sempre uma cuja é o suficiente. Algumas vezes, as flores de crisântemos também dão resultado. Não são tão perigosas quanto o visco e o tanaceto, mas nem sempre funcionam.

- Eu sei. Elas seriam melhor para mulheres que têm tendência para perder os bebês com facilidade. Quando dão certo, sempre se

devem usar coisas mais suaves e menos perigosas.

- Isso mesmo. Ayla... há uma outra coisa que eu também queria que você soubesse. - Iza deu uma olhada à sua volta para ver se Creb estava por perto. - Veja bem, nenhum homem pode saber disso. Este é um segredo conhecido só pelas curandeiras e, mesmo assim, nem por todas. não se deve contar nem mesmo para uma outra mulher, porque, se o companheiro perguntar, ela está na obrigação de lhe responder. Para a curandeira, ninguém faz perguntas. Se um homem descobrir, ele proíbe. Entende o que estou dizendo?

- Sim, mãe - respondeu Ayla balançando a cabeça, surpresa e curiosa com o segredo de Iza.

- Acho que não irá precisar saber disso para você mesma, mas como curandeira não pode ignorar. Às vezes, nos casos de mulheres que têm partos muito difíceis, é melhor que elas nunca mais voltem a esperar filhos. A curandeira pode dar um remédio para uma mulher, sem que ela saiba para que serve. E há outros motivos que fazem com que uma mulher possa não querer um filho. Algumas plantas têm poderes especiais, Ayla. Elas fortalecem o totem da mulher. Fortalecem tanto que impedem até de a vida começar.

- Você conhece alguma mágica para impedir a gravidez, Iza? Será que o totem fraco de uma mulher pode tornar-se forte? Qualquer totem? Mesmo que o Mog-ur faça um feitiço para fortalecer o totem do homem?

- Conheço. Mas um homem jamais deve saber disso. Quando eu tinha companheiro, usei a mágica em mim. Queria que ele me desse para um outro homem.

Achava que, se eu não tivesse filho, ele não iria querer me conservar- confessou Iza.

- Mas você teve. E Uba?

- Acho que depois de muito tempo de uso, a mágica foi perdendo a força. Talvez meu totem não quisesse mais lutar, ou talvez ele quisesse que eu tivesse um bebê. Não sei. Nada funciona por toda a vida. Existem forças que são mais fortes do que as mágicas, mas, comigo, funcionou por muitos anos. Ninguém entende os espíritos completamente, nem mesmo o Mog-ur. Quem

iria achar que seu totem fosse ser vencido, Ayla? - A curandeira passou rapidamente os olhos em derredor. - Escute aqui, antes que Creb volte. Você conhece aquela trepadeira de folhinhas minúsculas e flores amarelas, não é?

- Está falando do cipó-chumbo?

- Isso mesmo. Às vezes, é conhecido também como Cipó-estrangulador porque essa planta mata a outra onde ela cresce. Você, primeiro, põe a planta para secar, depois esmigalha uma certa quantidade na palma da mão e leva então para ferver com uma cuia de osso de água até que o cozimento fique numa cor de palha. Tome dois goles nos dias em que seu totem não está lutando.

- Essa planta também serve para pôr nos curativos usados em mordidas e picadas de bichos, não é?

- Também. Isso lhe dá um bom motivo para ter a planta por perto. Só que os curativos, você põe sobre a pele, do lado de fora do corpo, e no outro caso, para o fortalecimento do totem, você bebe. Há outra coisa que você deve também tomar nos dias em que seu totem está lutando. É raiz de absinto. Pode ser usada seca ou fresca. Ferva e tome uma cuja nos dias em que você estiver em isolamento.

- Não é aquela planta de folhas dentadas que serve para a artrite de Creb?

- Essa mesma. Conheço ainda outra, mas eu mesma nunca fiz uso dela. É mágica de outra curandeira. Ela me deu quando estávamos trocando algumas idéias. Existe um certo tipo de inhame que não dá por aqui. Mas vou lhe mostrar as diferenças dele em relação aos outros.

Corte em pedaços, ferva e esmigalhe para fazer uma pasta. Em seguida, deixe secar e soque até virar pó. É preciso uma boa quantidade, uma meia cuia de pó misturado com água para fazer novamente uma pasta, nos dias em que você não estiver isolada, quando os espíritos não estejam em luta.

Creb entrou na caverna e viu as duas envolvidas numa longa conversa. Imediatamente percebeu a diferença em Ayla. Estava animada, prestando atenção e sorridente. Parece que a garota conseguiu reagir, pensou ele, enquanto se dirigia para sua fogueira.

- Iza! - disse em voz alta para chamar a atenção das duas. - Será que um homem precisa passar fome na sua própria casa?

Iza deu um salto, com ar meio culposo, mas Creb não percebeu. Estava tão contente de ver Ayla trabalhando com entusiasmo e novamente conversando que nem olhou para Iza.

- Agora mesmo fica pronto, Creb - gesticulou Ayla, sorrindo e correndo para abraçá-lo. Ele sentiu uma alegria que há muito tempo não tinha. Depois que estava sentado em sua esteira, Uba entrou correndo na caverna.

- Estou com fome - gesticulou a garotinha.

- Você está sempre com fome, Uba - falou Ayla rindo, ao mesmo tempo em que a suspendia para dar um volteio com ela pelo ar. Uba estava encantada. Naquele verão, era a primeira vez que Ayla se achava com espírito para brincadeiras.

Mais tarde, depois da comida, Uba foi aboletar-se no colo de Creb, enquanto Ayla, cantarolando, ajudava Iza na limpeza. Creb suspirou feliz. Sentia-se verdadeiramente em casa. Os meninos são importantes, pensou consigo, mas as meninas são melhores. Elas não precisam ser fortes e corajosas o tempo todo e não têm preconceitos de ser ninadas no colo.

Quase chego a desejar que Ayla não tivesse crescido.

No dia seguinte, Ayla acordou envolvida por um clima de radiosa expectativa. Vou ter um bebê, disse consigo. Ela se abraçou, deitada entre as cobertas de sua pele de dormir. De repente, ficou com vontade de se levantar rápido. Acho que vou descer até o riacho esta manhã. Meus cabelos estão precisando de uma boa lavada. Pulou para fora das cobertas, mas foi atingida por uma onda de náusea. Talvez seja melhor que eu coma alguma coisa sólida, para ver se a comida fica no meu estômago. Se eu quiser um bebê sadio, tenho de comer. A comida, porém, voltou. Depois de algum tempo, tornou a comer e então já se sentiu melhor. Ainda pensando no milagre de sua gravidez, veio para fora da caverna, dirigindo-se para os lados do riacho.

- Ayla! - Era Broud que, com ar escarnekedor, vinha caminhando com toda a arrogância.

Ele lhe fez o sinal.

A moça se assustou. Havia se esquecido completamente de Broud. Tinha coisas mais importantes para pensar como no aconchego dos bebês amamentando, no bebê que daqui a uns meses estaria aninhado junto a seu seio. Ele bem que podia acabar logo com isso, pensou já fazendo a posição para que Broud aliviasse suas necessidades. Tomara que faça depressa, tenho de ir ao riacho lavar meus cabelos.

Broud ficou murcho. Estava faltando alguma coisa. Não havia qualquer reação nela. A excitação estava em forçá-la contra sua vontade e ele sentia a falta disso. O ódio transbordante e a amarga frustração que ela nunca conseguira dissimular haviam desaparecido. Já não lutava mais. Agia como se elenão estivesse lá, como se nada sentisse. E realmente ela não sentia. Sua cabeça estava em outras esferas. Percebia tanto aquela penetração como as suas reprimendas ou a violência de seus socos. Aquilo era apenas uma coisa que a jovem tinha de aceitar e se resignar. A calma e o autodomínio haviam voltado.

O prazer de Broud estava em dominá-la e não propriamente no ato sexual. Percebeu que já não havia mais estímulo nela. Estava sendo difícil para ele manter a ereção. Depois de algum tempo sem atingir nenhum clímax, ele se retraiu e por fim desistiu completamente. Era humilhante demais. Entre ela e uma pedra dá tudo no mesmo, pensou ele. Também é tão feia que tanto faz, já gastei muito tempo com ela. Não soube nem perceber que honra era ter o interesse do futuro chefe do clã.

Oga, prazerosa, recebeu-o de volta. Sentia-se aliviada, parecia que a inexplicável atração por Ayla fora superada. Ela não ficara com ciúmes, não havia motivos para isso. Broud era o seu companheiro, e ele não dera a menor indicação de que estava disposto a abandoná-la.

Qualquer homem podia aliviar-se com a mulher que bem entendesse, não havia nada de extraordinário no fato. Só não podia entender por que ele dava tanta atenção a Ayla, quando, por alguma estranha razão, a jovem visivelmente não tinha o menor prazer na coisa.

Por mais que quisesse convencer-se do contrário, Broud estava morto de raiva com a súbita indiferença de Ayla. Havia acreditado que por fim encontrara o jeito de romper de uma vez por todas as defesas dela e descobrira que tinha grande prazer nisso. Agora, mais do que nunca, estava na firme determinação de achar novamente outra maneira de atingi-la.

Capítulo 19

A gravidez de Ayla deixou o clã inteiro boquiaberto. Parecia impossível que uma mulher com um totem tão poderoso como o dela pudesse conceber vida. Havia conjeturas de toda ordem sobre a qual dos homens pertenceria o espírito do totem que lograra vencer o todo-poderoso Leão da Caverna, e todos eles gostariam de reivindicar a glória para si. Era algo que reforçava o prestígio. Alguns pensavam que deveria ser uma combinação das diversas essências totêmicas, talvez de toda a população masculina, mas a maioria das opiniões estava dividida em dois campos que se formaram de acordo com a idade das pessoas.

A convivência de perto com a mulher era o fator predominante, aquele que levava praticamente todos os homens a acreditarem que os filhos de suas companheiras resultassem do espírito de seus totens. Inevitavelmente, o homem com quem a mulher passava mais tempo era o dono da fogueira onde ela vivia. A oportunidade de engolir o espírito deste, portanto, era muito maior. Apesar de que o totem de um homem pudesse pedir ajuda ao de outro durante a batalha que se travaria ou mesmo receber auxílio de algum espírito que casualmente estivesse por perto na ocasião, a força vital do primeiro totem era a que tinha a primazia na reivindicação. Ao espírito auxiliar poderia caber a honra de iniciar a nova vida, mas essa se fizera por vontade do totem que pedira ajuda. Os dois homens que tiveram maior contato com Ayla desde que ela ficara mulher foram o Mog-ur e Broud.

- Eu digo que é o do Mog-ur - afirmou Zoug. - Ele é o único com um totem mais forte do que o Leão da Caverna. E afinal de quem é a fogueira onde ela vive?

- Ursus nunca iria permitir que uma mulher engolisse a essência dele - contrapôs Crug.

O Urso da Caverna escolhe aqueles que protege, tal como fez com o Mog-ur. Você acha que um Cabrito poderia derrotar um Leão da Caverna?

- Com a ajuda de Ursus, sim. não se esqueçam de que o Mog-ur tem dois totens. O Cabrito não precisaria ir muito longe para buscar ajuda. Ninguém está dizendo que o Urso deixou nela o espírito dele. Estou apenas dizendo que ele ajudou - respondeu Zoug, acalorado.

- Então por que ela não engravidou no último inverno? Ela já vivia nessa época na fogueira dele. Foi só quando Broud passou a ter esse capricho por ela e não me pergunte o que ele viu na garota. Reparem bem que a vida nova começou depois que ele passou a ficar muito perto dela. O Rinoceronte Lanoso também é um poderoso totem. Com a ajuda de um Outro, poderia vencer o Leão da Caverna - argumentava Crug.

- Acho que é o totem de todos - interpôs Dorv. - Mas a questão principal é quem quer tomá-la para companheira. Todo mundo quer ter a glória, mas quem quer a mulher? Brun já perguntou se alguém vai querê-la? Se ela não tiver companheiro, seu filho será infeliz.

Estou velho demais, embora, neste caso, não lamente muito minha velhice.

- Bem, eu ficaria com ela, se ainda tivesse uma fogueira só minha - gesticulou Zoug. - Ela é feia, mas é boa de serviço e muito respeitadora. Sabe como cuidar de um homem. Isso, no final das contas, é mais importante do que carinha bonita.

- Para mim não - disse Crug, abanando a cabeça. - Na minha fogueira, não quero uma Mulher Caçadora. Isso está bom para o Mog-ur que não caça e também não se importa. Mas imagine voltar de uma caçada de mãos abanando e comer carne trazida pela companheira. Além disso, na minha fogueira já existe gente demais. Já basta Ika, Borg e Igra, o novo bebê. Já me dou por feliz só com Dorv que ainda pode contribuir. E quem sabe? Ika ainda é muito jovem, é bem capaz de ainda ter mais filhos.

- Já pensei sobre isso - falou Droog. - Só que a minha fogueira está muito cheia. Já estão vivendo lá Aga e Aba, Vorn, Ona e Groob. O que eu iria fazer com mais uma mulher e outra criança? E você, Grod, o que diz?

- Não. A não ser que Brun ordene - respondeu Grod, laconicamente. O segundo em comando nunca conseguiu vencer um

certo mal-estar quando se achava perto de Ayla, uma mulher nascida fora do clã. não tinha nada contra, apenas ela o deixava pouco à vontade.

- E quanto ao próprio Brun? - indagou Crug. - Foi ele o primeiro a aceitá-la no clã.

- Algumas vezes a prudência manda que se leve em consideração a primeira mulher, antes que se tome uma segunda - comentou Goov. - Vocês sabem como Ebra se sente em relação ao status da curandeira. Iza vem treinando Ayla e se ela se transformar numa curandeira de sua linha, vocês acham que Ebra gostaria de dividir a fogueira com uma mulher mais moça, uma segunda companheira que tem mais status do que ela? Eu por mim tomaria Ayla. Quando for o mog-ur, não vou poder caçar muito. não me importo se ela chegar em casa trazendo alguns coelhos ou uns hamsters, afinal são bichinhos pequenos. E também Oвра não se importaria de ter uma segunda mulher na fogueira com mais status do que ela. As duas se dão muito bem. O único problema é que Oвра quer um filho e deve ser difícil para ela estar dividindo a casa com uma mulher e um bebê recém-nascido. Sobretudo, porque ninguém esperava que Ayla fosse ser mãe. Acho que foi o espírito de Broud que começou a vida. É pena ele não gostar dela, seria a pessoa indicada para tomá-la.

- Não tenho tanta certeza se foi o de Broud - disse Droog. - E o Mog-ur? não poderia tomá-la para companheira?

O velho feiticeiro observava em silêncio a discussão, como frequentemente o fazia.

- Eu venho pensando no assunto. Não creio que haja sido Ursus ou o Cabrito que tenham começado o bebê de Ayla. E nem tenho muita certeza se foi o totem de Broud também. O totem dela sempre foi um enigma. Ninguém pode dizer ao certo o que ocorreu. Mas ela precisa de um companheiro. Não só porque o bebê poderá ser infeliz, mas porque alguém tem de responsabilizar-se por Ayla e mantê-la. Já estou muito velho e se nascer um menino Não vou poder ensiná-lo a caçar. E nem Ayla, ela só caça com funda. Além do mais, não posso ser o seu companheiro. Seria como se Grod tomasse Oвра para companheira, com Ika na qualidade de primeira

mulher na fogueira. Para mim, Ayla é como a filha da companheira de alguém, uma criança de outra fogueira, não uma mulher que eu possa ter como minha.

- Mas isso já tem acontecido - disse Dorv. - A única mulher que um homem não pode tomar é a germana dele.

- Não é proibido, mas não é uma coisa bem vista. Além do que, a maioria dos homens não gosta. E depois, nunca tive companheira, já estou muito velho para começar agora. Iza cuida de mim e isso é mais do que suficiente. Eu me sinto confortável com ela. Espera-se que, de vez em quando, os homens aliviem suas necessidades com suas companheiras e há muitos anos que não tenho mais esse tipo de necessidade. Faz tempo que aprendi a controlá-la. Não daria um bom companheiro para uma mulher jovem. Mas talvez Ayla não vá precisar de ninguém. Iza disse que ela pode ter uma gravidez difícil, inclusive já está tendo problemas e talvez não chegue ao término da gestação. Sei que Ayla quer o bebê, mas seria melhor para todo mundo, se ela perdesse a criança.

Tal como foi relatado aos homens pelo Mog-ur, a gravidez de Ayla não ia bem. Iza tinha medo de que as coisas estivessem correndo erradas com o bebê. Muitos abortos se deviam a fetos malformados e, na opinião da curandeira, era melhor perder a criança do que deixá-la nascer e depois a mãe ser obrigada a dispor do filho. O enjôo matinal de Ayla ultrapassou o primeiro trimestre e até mesmo no final do outono, quando já tinha o ventre abaulado, continuava tendo problemas para reter os alimentos. Ela, então começou a sangrar, expelindo coágulos, e Iza teve de pedir permissão a Brun para dispensá-la das atividades normais, de modo que pudesse ficar repousando na cama. Os problemas de gravidez de Ayla foram cada vez se tornando mais difíceis e com mais medo Iza foi ficando. Estava convencida de que Ayla deveria desistir da criança e não tinha dúvida de que a expulsão seria fácil, apesar de que o tamanho da barriga demonstrasse que o bebê continuava se desenvolvendo. Ela temia mais por Ayla. O bebê estava exigindo demasiado dela. Os braços e as pernas afinaram, contrastando com o volume do corpo. Não tinha apetite e era com esforço que engolia os alimentos que Iza lhe preparava especialmente. Dois círculos

pretos formaram-se ao redor dos olhos e sua abundante e lustrosa cabeleira perdeu todo o viço. Tinha sempre frio, estava sem reservas para manter o calor do corpo e passava grande parte do tempo encolhida, junto da fogueira, enrolada em peles. Quando, entretanto, Iza sugeriu-lhe tomar um remédio para pôr fim à gravidez, ela recusou.

- Iza, quero o meu filho. Ajude-me - implorou. - Eu sei que você pode ajudar, sei que pode. Farei qualquer coisa que você disser, mas me ajude a ter o bebê.

Iza não pôde recusar. Já há algum tempo ela dependia de Ayla para trazer-lhe as plantas de que precisava, raramente ela mesmo saindo para colhê-las. Exercícios mais puxados lhe provocavam acessos violentos de tosse e vinha se mantendo à base de uma medicação forte que escondia sua tuberculose, agravada a cada inverno. Mas, por Ayla, fazia qualquer coisa, e saíria para procurar por determinada raiz preventiva contra aborto.

Certa manhã, deixou a caverna bem cedo e foi procurar pela raiz nas matas no alto da montanha onde havia charnechas escuras e úmidas. Quando saiu, o sol brilhava num céu claro. Iza pensava que seria um daqueles dias quentes que costumava fazer no final do outono, achando que não seria necessário munir-se de uma quantidade extra de roupas.

Além disso, contava estar de volta antes do meio-dia. Pegou, primeiro, o caminho que levava à floresta e depois seguiu por um atalho margeando um córrego, pondo-se, então a subir pela encosta íngreme. Estava mais fraca do que supunha. Com a respiração curta, precisava a todo instante parar para descansar ou esperar que passasse um acesso de tosse que a fazia sacudir-se violentamente. Quando a manhã ia pela metade, o tempo mudou. Do lado este, trazidas por ventos gelados, foram aparecendo pesadas nuvens que, ao atingir o sopé da colina, despencaram na forma de forte aguaceiro misturado com neve. Em poucos momentos, Iza ficou empapada.

A chuva diminuíra, quando conseguiu encontrar a variedade de pinheiro e as plantas por que procurava. Tremendo de frio, sob a chuvazinha fina, cavou o chão para desenterrar as raízes da terra

molhada. A tosse durante a volta piorara, sacudindo-lhe o corpo a todo instante e trazendo um sangue espumoso aos lábios. O terreno por onde passava lhe era desconhecido, diferente daquele da antiga caverna que habitavam. Viu-se desorientada, seguindo o córrego errado e sendo obrigada a retornar no caminho para buscar o outro. Já estava perto de escurecer quando, inteiramente molhada e morta de frio, conseguiu achar a trilha que levava à caverna.

- Mãe onde você esteve? - perguntou Ayla. - Está empapada e tremendo de frio. Venha para perto do fogo. Deixe que eu pegue umas roupas secas para você.

- Achei algumas raízes de prenanto, Ayla. Lave e mastigue... - Iza foi obrigada a interromper para tossir, tinha os olhos febris e o rosto vermelho.

- Mastigue as raízes cruas. Isso ajuda a conservar o bebê na barriga.

- Você não saiu debaixo desta chuva só para pegar raízes para mim, não é? Será que não sabe que prefiro perder o bebê do que você? Iza, você sabe que está doente, não pode sair com um tempo deste.

Ayla não ignorava que já há alguns anos Iza não vinha muito bem de saúde, mas até aquela data não havia percebido o quanto realmente a mulher estava doente. A partir daí, Ayla deixou de pensar em sua gravidez, já nem ligava se estava ou na sangrando; esquecia-se de comer, recusando-se a sair da cabeceira de Iza e dormindo numa pele ao lado dela. Uba também mantinha vigilância constante.

Era bastante traumatizante para a menininha esse primeiro contato com uma moléstia grave e justamente numa pessoa que ela amava. Observava tudo que Ayla fazia, ajudava, e com isso foi surgindo a compreensão de seu destino e do conhecimento que herdara. Uba não era a única a observar Ayla. Todo o clã estava preocupado com a nova curandeira e um pouco desconfiado com sua competência. Ayla, no entanto, mantinha-se alheia a essa apreensão. Toda a sua atenção estava dirigida para a mulher a quem chamava de mãe.

Ela rebuscava em sua cabeça tudo quanto fosse remédio de que Iza lhe falara, indagava de Uba, procurando informar-se com ela sobre os conhecimentos que a menina tinha armazenados em sua memória infantil e aplicava um certo raciocínio lógico que lhe era peculiar. O especial talento que Iza notara nela, a capacidade para descobrir e tratar o problema real da doença era o ponto forte de Ayla. Era boa para diagnosticar. Partindo de pequenos sintomas, era capaz de reconstituir o quadro, tal como um quebra-cabeça, onde preenchia as lacunas com o seu poder de dedução e uma grande intuição. Era uma capacidade à qual somente o seu cérebro estava adequado. A crise de Iza serviu para estimular e aprimorar esse talento que lhe era Inato.

Aplicava todos os remédios que Iza lhe ensinara empregando técnicas novas sugeridas por outros casos, às vezes completamente diferentes. Seja lá como for, se pela força de sua dedicação, se pelos medicamentos, ou se pela vontade de viver de Iza - ou talvez tudo isso junto - o fato é que, quando os ventos gelados de inverno empilharam a neve contra as barreiras à entrada da caverna, Iza já estava suficientemente forte para ocupar-se outra vez com a gravidez de Ayla.

O esforço despendido na recuperação de Iza teve suas consequências. Durante o resto do inverno, Ayla passou perdendo sangue constantemente e com uma dor nas costas que não alargava. No meio da noite, acordava sentindo dor nas pernas e continuava vomitando com frequência. Iza esperava que a qualquer momento ela perdesse a criança. Não compreendia como Ayla ainda conseguia retê-la, e como o bebê, apesar de toda a fraqueza da mãe, podia prosseguir em seu desenvolvimento. A barriga crescia em proporções nunca vistas, e o bebê, dentro, dava tantos pontapés e tão fortes que Ayla mal conseguia dormir. Iza jamais vira uma mulher sofrer tanto com a gravidez.

Ayla nunca se queixava. Tinha medo de que Iza pudesse pensar que ela se achasse disposta a renunciar ao bebê, embora a gravidez já estivesse adiantada demais para que a curandeira considerasse tal possibilidade. E nem ela também a considerava. Seu

sofrimento só lhe aumentava a convicção de que, se perdesse esse filho, jamais teria outro.

De sua cama, Ayla via as chuvas de primavera varrerem a neve e a primeira flor de açafreão lhe foi trazida por Uba. Iza não a deixava sair da caverna. Os salgueiros brancos haviam já perdido suas penugens e começando a ter os primeiros brotos, anunciando o verde das folhagens, num dia triste e úmido de princípio de primavera, quando Ayla, aos 11 anos de idade, entrou em trabalho de parto.

As contrações iniciais foram fáceis. Ayla tomava chá de casca de salgueiro, enquanto conversava com Iza e Uba, cheia de animação e feliz por ter finalmente chegado o momento. Tinha certeza de que, no dia seguinte, estaria com o bebê nos braços. Iza tinha as suas dúvidas, mas procurava não as deixar transparecer. A conversa entre Iza e as filhas, como frequentemente vinha acontecendo nos últimos tempos, descambou para assuntos ligados a remédios.

- Mãe, que raiz era aquela que você me trouxe no dia em que saiu e ficou doente? - gesticulou Ayla.

- Chama-se prenanto. não é muito usada porque deve ser mastigada crua e só é encontrada no final do outono. É muito boa para impedir abortos. Mas quantas mulheres correm o perigo de abortar somente nesta época? E seca já perde muito de seu valor.

- Como ela é? - perguntou Uba. A doença de Iza despertara nela o interesse pelas plantas medicinais que algum dia teria de usar com seus pacientes, e tanto Iza como Ayla lhe estavam ensinando. Mas treinar Uba não era a mesma coisa que ensinar Ayla. Para conseguir o pleno rendimento de seu cérebro, Uba tinha apenas de ser lembrada daquilo que já sabia e ver como esses seus conhecimentos poderiam ser postos em prática.

- Na verdade, são duas plantas, uma é macho e a outra fêmea. Elas têm um caule comprido que sai de uma penca de folhas dando perto do chão e pequeninas flores na parte de cima que descem até a metade do caule. As flores "lo macho são brancas. As raízes provêm da planta fêmea que tem flores menores e verdes.

- Você disse que dão nas florestas de pinheiros? - gesticulou Ayla.

- Só naquelas com bastante umidade. É uma planta que gosta de lugares frios. Nos pântanos, em clareiras úmidas e quase sempre em terrenos altos.

- Você nunca deveria ter saído naquele dia, Iza. Fiquei tão preocupada... Ei, espere. Está começando outra contração!

A curandeira estudava Ayla. Tentava avaliar a duração das dores. Falta ainda muito, pensou consigo.

- Mas não estava chovendo quando saí - falou Iza. - Achava que seria um dia quente. Errei. O tempo no outono é sempre imprevisível. Eu estava mesmo para perguntar uma coisa, Ayla. Fiquei delirando durante um bom tempo, mas tive a impressão de que você fez um cataplasma para botar no meu peito com as plantas que uso no reumatismo de Creb.

-E fiz.

- Eu não lhe ensinei isso.

- Eu sei. Você tossia tanto e cuspiam também tanto sangue que achei que seria bom lhe dar alguma coisa para acalmar os espasmos e que ao mesmo tempo servisse para ajudá-la a botar o catarro para fora, sem ter que fazer muita força. Esse remédio de Creb para reumatismo faz com que o calor penetre profundamente e estimula o sangue. Assim, achei que ele poderia servir também para soltar o catarro, diminuindo seu esforço para expelir, mas, enquanto isso, eu continuava lhe dando os cozimentos para acalmar os espasmos.

Parece que deu certo.

- É. Parece que sim.

Quando Ayla acabou de dar suas explicações, estas pareciam ter um encaminhamento lógico, mas Iza ficou imaginando se lhe teria ocorrido tal procedimento. Eu tinha razão, disse consigo. Ayla é boa curandeira e ainda vai poder melhorar muito mais. Merece o status das curandeiras de minha linha. Preciso falar isso com Creb. Pode ser que eu não fique muito mais tempo neste mundo. Agora Ayla é mulher, poderia já ser uma curandeira... se é que vai sobreviver a este parto.

Depois da refeição da manhã, Oga chegou com Grev, o seu segundo filho e ficou sentada junto de Ayla, dando de mamar à criança. Ova, pouco depois, veio juntar-se a elas. As três, entre uma contração e outra, tagarelavam animadas, embora não se falasse do parto iminente. Por toda a manhã, enquanto Ayla estava no primeiro estágio do trabalho, as mulheres vinham visitá-la na fogueira de Creb. Algumas ficavam por instantes, só para dar algum apoio moral com suas presenças e outras se sentavam, demorando-se mais. Havia sempre alguma mulher ao redor de Ayla, mas Creb não se achava lá. Ele ficava entrando e saindo da caverna, parando de vez em quando para trocar alguns gestos com os homens, reunidos na fogueira de Brun, incapaz de permanecer num só lugar por mais tempo. A caçada planejada para aquele dia fora transferida. Brun dera desculpa de que ainda estava muito úmido para sair, mas todos sabiam qual era a verdadeira razão.

Pelo final da tarde, as dores de Ayla ficaram bem mais fortes. Iza deu-lhe um tipo de inhame cozido que era bom para aliviar as dores de parto. À medida que escurecia, as contrações foram ficando mais fortes e mais próximas uma da outra. Ayla conservava-se deitada na cama, empapada de suor e agarrada na mão de Iza. Tentava sufocar os gritos de dor, mas quando o sol baixou atrás do horizonte, a jovem contorcia-se de dor e gritava a cada contração que lhe sacudia todo o corpo. As mulheres já então não aguentaram ficar mais por perto e, exceto Ebra, todas voltaram para suas respectivas fogueiras. Acharam algum serviço para fazer, levantando os olhos na direção de Ayla, sempre que ouviam seus gritos agoniados. A conversa também parou na fogueira de Brun. Os homens, com expressão negligente, sentavam-se olhando para o chão. Qualquer tentativa de conversa era logo cortada pelos gritos de Ayla.

- As cadeiras dela são muito estreitas - gesticulou Iza. - Impedem a dilatação do canal que não chega a ter uma abertura suficiente.

- Será que, se a bolsa d'água furasse, não adiantaria um pouco o trabalho? Às vezes ajuda - sugeriu Ebra.

- Já tinha pensado nisso, mas não quero fazer logo. Seria difícil para ela aguentar um parto seco. Esperava que a bolsa se rompesse sozinha. Talvez seja melhor fazer isso agora.

Você quer me passar aquele pauzinho de olmo. Ela está começando uma contração, depois eu furo quando terminar.

Ayla arqueou as costas e agarrou a mão das duas mulheres, enquanto de seus lábios saiu um grito em crescendo.

- Ayla, vou tentar ajudá-la - gesticulou Iza, depois que a contração passou. - Você está me ouvindo?

A parturiente silenciosamente confirmou.

- Vou romper a bolsa e depois quero que você fique agachada. Isso aju dará a puxar o bebê para baixo. Será que vai conseguir ficar assim?

- Vou tentar - gesticulou Ayla sem forças.

Iza inseriu a vareta fazendo verter a água da bolsa e provocando nova Contração.

- Agora levante, Ayla - gesticulou a curandeira. Ela e Ebra levantaram Ayla, ajudando-a a ficar agachada sobre um pedaço de couro, preparado para ser colocado embaixo da mulher durante o parto.

- Agora, Ayla. Faça força para baixo.

A moça comprimia os músculos, fazendo força na contração seguinte.

- Ela está muito fraca - observou Ebra. - não consegue fazer bastante força.

- Ayla, você tem de empurrar com mais força - ordenou Iza.

- Não posso - gesticulou Ayla.

- Pode. Tem de poder ou seu bebê vai morrer - falou Iza, sem dizer que também ela poderia morrer. Iza via os músculos se juntando para a próxima contração.

- Agora, Ayla! Agora! Empurre! Empurre com toda a força que puder- dizia, instigando.

Não posso deixar meu bebê morrer. Não posso. Nunca vou ter outro se este morrer, pensou Ayla, querendo arrebanhar suas últimas forças em alguma reserva desconhecida de seu corpo. À

medida que a dor aumentava, respirava fundo, agarrada à mão de Iza para apoiar-se.

A força para expelir a criança punha-lhe gotas de suor na testa. Sentia-se tonta, com a cabeça girando. Os ossos pareciam estar partindo, como se estivesse expulsando todas as suas entranhas.

- Ótimo, Ayla! Ótimo! - encorajou Iza. - Acabeçajá está começando a aparecer. Mais um empurrão igual a este!

Ayla inspirou outra golfada de ar e tornou a fazer força. Sentia a pele e os músculos sendo dilacerados, mas continuou fazendo força para a expulsão. Em meio a um jato de sangue encorpado, a cabeça do bebê forçou sua passagem pelo estreito canal de nascimento. Iza segurou-a, retirando-a para fora. O pior havia passado.

- Só um pouquinho mais, Ayla. Só um pouquinho para a placenta.

Ayla fez novamente força, sentindo sua cabeça girar e tudo ficar preto à sua volta, quando perdeu, então, a consciência e desmaiou.

Iza amarrou um pedaço de fibra em volta do cordão umbilical e cortou o resto com os dentes.

Em seguida, pôs-se a dar tapas na sola dos pés da criança até que o choro parecido a um miado se tornasse um berro forte. O bebê está vivo, pensou ela com alívio. Começou, então a limpá-lo. Nisso, seu coração parou. Depois de tanto sofrimento, depois de tudo quanto ela aguentou, por que isso? Ela queria tanto esse bebê. Iza envolveu a criança numa macia pele de coelho e, em seguida, fixou com uma tira de couro uma compressa de raízes trituradas em Ayla, fazendo-a abrir os olhos e soltar um gemido.

- O meu bebê, Iza, é menino ou menina? - perguntou.

- Menino - falou Iza. Depois, foi logo dizendo, querendo cortar de uma vez as esperanças de Ayla. - Mas é deformado.

O sorriso que começara a esboçar-se no rosto de Ayla transformou-se numa expressão de horror.

- Não, não pode ser! Deixe-me vê-lo.

Iza trouxe-lhe a criança.

- Tinha medo de que isso acontecesse. Frequentemente ocorre quando a mulher tem uma gravidez difícil. Desculpe, Ayla.

Ayla abriu a coberta, olhando para seu minúsculo filho. Os braços e pernas eram mais finos do que os de Uba quando nasceu e também mais com pridos, mas possuía o número correto de dedos e situados nos lugares devidos. O seu pequeno pênis e testículos definiam-lhe o sexo. A cabeça, entretanto, era, sem sombra de dúvida, anormal. De um tamanho fora do comum, justamente o que motivara a dificuldade do parto e se achava um tanto deformada devido à sua angustiante entrada nesse mundo. Isso por si só, porém, não era razão para alarme. Iza sabia que era decorrência da pressão sofrida no momento do nascimento e que rapidamente se corrigiria. Era a forma, na sua configuração básica - algo inalterável - que nascera anormal e também o pescoço fino, descarnado, sem possibilidade de aguentar com o volume da cabeça.

O bebê de Ayla tinha, como as pessoas da raça dos clã os supercílios muito acentuados, mas a cabeça, ao invés de escorregar diretamente para trás, elevava-se alta e reta em cima das sobrancelhas, abaulando-se, tal como Iza a via, até chegar ao alto, para depois escorrer para trás num formato alongado e cheio. A parte posterior, entretanto, não era tão comprida quanto deveria ser. Parecia que o crânio fora empurrado para a frente, a fim de formar a testa abaulada e o alto da cabeça, tornando mais curto e arredondado o lado de trás. A protuberância occipital, aí, existia apenas simbolicamente e as feições da criança mostravam-se alteradas de forma inusual. Tinha olhos grandes e arredondados, mas o nariz era menor do que o normal. Boca grande, mandíbulas não tão acentuadas quanto as das pessoas dos clã e, na parte inferior, uma protuberância óssea desfigurando o rosto, vale dizer, um queixo bem desenvolvido, coisa inexistente na raça dos clã. Quando Iza segurou-o pela primeira vez, a cabeça foi para trás e ela automaticamente apoiou-a com a mão. Ela abanou a própria cabeça, que era assentada sobre um pescoço curto e grosso. Duvidava de que algum dia aquela criança fosse firmar a dela e conseguir mantê-la erguida.

Enquanto Ayla tinha o bebê nos braços, ele procurou seu corpo, buscando-lhe o calor, já parecendo querer mamar, como se não fora bem alimentado antes de nascer. A mãe ajudou-o a encontrar o seio.

- Você não devia, Ayla - disse Iza, com brandura. Você não deve aumentar sua vida, quando logo vão tirá-la. Isso só vai tornar as coisas mais difíceis para você, no momento em que tiver de livrar-se dele.

- livrar-me dele? - Ayla olhou aflita. - Como me livrar dele? Éo meu bebê, o meu filho.

- Você não tem outra coisa a fazer, Ayla. É esse o regulamento. A mãe está na obrigação de se desfazer do filho deformado que ela botou no mundo. É melhor você fazer isso imediatamente, antes que Brun ordene.

- Mas Creb é deformado e permitiram que ele vivesse - protestou Ayla.

- A mãe dele era a companheira do chefe do clã que foi quem permitiu isso. Você não tem companheiro, nenhum homem vai interceder por seu filho. Desde o começo que eu avisei que seu filho poderia não ter sorte, se nascesse antes de você ter companheiro. E esse defeito de nascença veio comprovar o que eu já tinha dito, não é? É melhor terminar de uma vez agora - explicou Iza.

Com lágrimas escorrendo, relutante, Ayla afastou o filho do seio.

- Oh, Iza, eu queria tanto um bebê. Um bebê que fosse só meu, como as outras mulheres têm. Nunca pensei que fosse ter um. Eu me sentia tão feliz, nem me importava se estava doente, tudo o que eu queria era o meu bebê. Foi muito difícil, achava que ele nunca iria nascer, mas quando você disse que o bebê poderia morrer, eu dei tudo de mim. E se ele iria ter de morrer de qualquer jeito, por que, então, teve de ser tudo tão difícil? Mãe, quero o meu filho, não obrigue a me desfazer dele.

- Eu sei que não é fácil, Ayla, mas isso terá de ser feito. - Iza morria de pena dela. O bebê procurava o seio que bruscamente lhe tinha sido arrancado, buscando proteger-se e satisfazer sua necessidade de sugar. Ela ainda não tinha leite para lhe dar, isso

ainda levaria um ou dois dias, por enquanto só havia o fluido leitoso e grosso que passa ao bebê as imunidades maternas, protegendo-o contra doenças nos seus primeiros meses de vida. O recém-nascido começou a choramingar e logo aprontou um berreiro, agi tando os braços e dando pontapés na coberta. O choro encheu a caverna com a insistente exigência de um bebê vermelho de raiva. Ayla não aguentou. Ela lhe deu o peito novamente.

- Não posso fazer isso - gesticulou - e nem vou fazer! Meu filho está vivo e respirando. Ele pode ser deformado, mas é forte. Escutou seu choro? Já ouviu um bebê chorar assim?

Viu os pontapés que ele dá? Veja como mama! Quero meu filho, Iza. Não vou livrar-me dele. Antes de matá-lo, eu vou embora. Eu posso caçar, posso achar comida. Eu mesma cuidarei dele.

Iza empalideceu.

- Ayla, você não pode dizer isso. Onde você iria? Está muito fraca, perdeu uma grande quantidade de sangue.

- Não sei, mãe! Para algum lugar, em qualquer parte. Mas não vou abandonar o bebê. - Falava obstinada, cheia de determinação. Iza não tinha dúvida de que Ayla faria o que dizia. Mas estava muito fraca para ir a qualquer parte. Nãorreria, se tentasse salvar o bebê. Iza via-se assombrada com o desdém de Ayla pelos regulamentos dos clãs e estava certa de que ela cumpriria o que ameaçava fazer.

- Ayla, não fale assim - implorava. - Entregue o bebê para mim. Se você não puder, eu faço por você. Digo a Brun que está muito fraca. Só esse motivo já basta. - Estendeu os braços para pegar a criança. - Deixe-me levá-lo. Depois que ele for embora, fica mais fácil esquecê-lo.

- Não é não, Iza! - falou Ayla, abanando a cabeça cheia de convicção e apertando a pequenina trouxa que tinha nos braços. Inclina-se para a frente, protegendo a criança com o corpo e falando apenas com uma das mãos na linguagem abreviada de Creb. - Vou ficar com ele. De alguma maneira e seja lá como for. Se para ficar com o bebê for preciso ir embora, eu vou.

Uba achava-se ali, ignorada, observando as duas. Havia visto toda a dificuldade do parto de Ayla e também já vira outras mulheres tendo filhos. Nenhum segredo da vida ou da morte era

escondido das crianças. Estas participavam tanto quanto os mais velhos do destino do clã. Uba adorava a menina de cabelos dourados que para ela era uma companheira de brinquedos, amiga, mãe e irmã. O parto doloroso e difícil a havia assustado, mas a conversa sobre ir embora deixava a menina ainda com mais medo. Isso a fez lembrar-se da outra vez que Ayla tinha partido, quando todos diziam que nunca mais voltaria. Uba agora tinha certeza de que Ayla iria embora para nunca mais voltar e ela nunca mais tornaria a vê-la.

- Não vá, Ayla - disse, com gestos ansiosos e pondo-se de pé. - Mãe, você não pode deixar Ayla ir embora. não faça isso outra vez, Ayla.

- Não quero ir, Uba. Mas não posso deixar o bebê morrer - falou Ayla.

- Você não pode botá-lo em cima de uma árvore como fez a mãe da história de Aba? Se ele viver sete dias, Brun terá de deixar que você fique com ele - falou Uba.

- A história de Aba não passa de uma lenda - explicou Iza. - Nenhum bebê consegue viver do lado de fora, no frio e sem ter o que comer.

Ayla não prestava atenção ao que Iza dizia. A sugestão de Uba lhe dera uma idéia.- Mãe, uma parte da lenda é verdadeira.

- O que você quer dizer?

- Se meu filho estiver vivo daqui a sete dias, Brun será obrigado a acei tá-lo, não é? - perguntou Ayla, ansiosa.

- O que você está pensando fazer, Ayla? Você não pode botá-lo do lado de fora da caverna e esperar encontrar o bebê com vida daqui a sete dias. Você sabe que isso é impossível.

- Não deixar o bebê sozinho do lado de fora, mas ir com ele. Sei de um lugar onde posso me esconder, Iza. Posso ir com meu filho para lá e voltar no dia em que ele irá receber seu nome. Brun seria, então obrigado a deixar que eu ficasse com ele. Existe uma pequena caverna...

- Não, Ayla! não diga essas coisas. Isso é errado. Seria uma desobediência. não posso dar minha aprovação Uma coisa inteiramente contrária aos regulamentos dos clã .Brun ficaria furioso. Ele iria procurar, e você seria achada e trazida de volta. Isso não é

correto, Ayla - advertiu Iza. Levantou-Se e ia encaminhar-Se na direção da fogueira mas voltou depois de dar alguns passos.

- E se você for, ele irá me perguntar para onde foi.

Nunca em sua vida, Iza fizera qualquer coisa contra os costumes dos clãs ou contra os desejos de Brun. A idéia em si era estarrecedora. Até mesmo o segredo de seus contraceptivos tinha a sanção das gerações passadas de curandeiras e era uma parte de sua herança cultural. Manter este segredo não se constituía numa desobediência. Nenhuma tradição ou costume proibia seu uso. Ela apenas evitava mencioná-lo. Já o plano de Ayla era simplesmente um ato de rebelião, uma desobediência que nem em sonhos imaginava fazer. não poderia dar sua aprovação.

Por outro lado, sabia o quanto Ayla queria o filho. Doía-lhe o coração pensar no sofrimento de Ayla durante sua longa e penosa gravidez e, agora, só o medo de perder o bebê havia bastado para que ela fosse buscar forças que lhe salvaram a própria vida. Ayla está certa, pensou Iza, olhando para o recém-nascido. Ele é deformado, mas é uma criança forte e sadia. Creb nasceu também deformado e hoje é o Nãog-ur. Além disso, o filho dela é o primogênito, se tivesse companheiro, talvez fosse deixado viver. Não. não iriam deixar, disse consigo, mudando de idéia. Ela não conseguia mentir nem para si nem para os outros.

Mas, podia calar.

Pensou em ir falar com Creb ou com Brun, e sabia que era esse o seu dever, mas não conseguiu resolver-se. não podia aprovar o plano de Ayla, mas podia guardá-lo em segredo. Conscientemente, foi a pior coisa que já fizera em toda a vida.

Ela pôs algumas pedras quentes numa bacia com água para fazer um chá de esporões de centeio. Quando chegou trazendo o remédio, Ayla dormia com o bebê nos braços. Iza sacudiu-a com brandura.

- Tome isto, Ayla. Já embrulhei a placenta... está ali naquele canto. Esta noite, você pode descansar, mas a placenta tem de ser enterrada amanhã. Brun já sabe. Ebra lhe contou e ele preferia não ter de examinar o bebê e dar a ordem oficialmente. Brun espera que você mesma se encarregue de tudo, quando for esconder os

vestígios desse nascimento. - Com isso, Iza avisava Ayla de quanto tempo ela dispunha para levar adiante seu plano.

Depois de Iza sair, Ayla ficou deitada de olhos abertos, pensando no que deveria levar consigo. Vou precisar de minha pele de dormir, peles de coelho para o bebê, plumas de pássaros, umas das mantas extras para trocar. Tiras absorventes para mim, minha funda e algumas facas. Ah, sim, comida também. É melhor levar alguma e também um cantil para água. Se sair depois que o sol estiver alto no céu, dará tempo para que eu esteja com tudo arrumado.

Na manhã seguinte, Iza cozinhou uma quantidade de comida muito maior do que a necessária para uma refeição matinal de quatro pessoas. Creb voltara tarde para a fogueira quando foi dormir. Queria evitar qualquer possibilidade de conversa com Ayla. Não sabia o que lhe dizer. O totem dela é forte demais, nunca será completamente vencido, pensou consigo. Foi por isso que sangrou tanto durante a gravidez e também porque o bebê nasceu deformado. Que tristeza, ela queria tanto esse filho.

- Iza, aqui tem comida para alimentar todo o clã - observou Creb. - Como você acha que vamos dar conta disso tudo?

- É para Ayla - disse, rápido, baixando a cabeça.

Iza devia ter tido um batalhão de filhos, pensou ele. Ela fica muito boba só com essas duas.

Mas Ayla precisa recuperar suas forças. Vai levar ainda muito tempo até que consiga superar tudo isso. O que me pergunto é se ela algum dia irá ter um filho normal.

Quando se levantou, Ayla sentiu sua cabeça rodando e uma quantidade de sangue quente escorrendo. Doía quando caminhava, mesmo dando só alguns passos e para se curvar era um verdadeiro sacrifício. Estava mais fraca do que imaginara e quase entrando em pânico.

Como vou subir até a caverna? Mas tenho de conseguir. Se não fizer isso, Iza pega meu filho e dá fim nele. O que farei se perder meu bebê?

Não vou perdê-lo, disse consigo, cheia de determinação fazendo força para acalmar-se. Subirei lá de qualquer jeito, nem que

tenha de ir me arrasando por todo o caminho.

Chuviscava, quando ela saiu da caverna. No fundo da cesta de colher, meteu umas tantas coisas que cobriu com um embrulho malcheiroso, contendo a placenta, e o resto escondeu sob a capa de pele que usava por cima da roupa. O bebê ia seguramente preso contra seu peito por uma manta própria para carregar criança. Logo que se pôs a andar pelo interior da mata, a tonteira passou, mas a náusea ainda persistia. Afastou-se do caminho e penetrou na floresta, onde fez uma parada. Era difícil fazer um buraco com seu pau de cavar. Ela estava muito fraca, mas assim mesmo enterrou o embrulho bem profundamente, tal como Iza lhe recomendara e, em seguida, fez a gesticulação adequada à ocasião. Olhou, então para o filho que dormia um sono profundo, na segurança de seu aconchego. Ninguém vai botá-lo num buraco desses, falou consigo. Depois, começou a subir a íngreme encosta, alheia de que alguém pudesse estar observando-a.

Pouco depois de Ayla ter saído da caverna, Uba saiu de mansinho atrás dela. O inverno que passou aprendendo com a doença da mãe deu-lhe consciência do perigo que Ayla corria. Sabia o quanto ela se achava enfraquecida e tinha medo de que a moça pudesse desmaiar e se tornar uma presa fácil para algum carnívoro atraído pelo cheiro de seu sangue. Uba quase correu de volta para avisar Iza, mas não queria deixar Ayla sozinha, e assim continuou sempre a segui-la. Quando Ayla deixou o caminho, Uba perdeu-a de vista, mas depois voltou a vê-la escalando um lado onde a encosta era desmatada.

Ayla ia subindo, com o corpo pesadamente apoiado sobre seu pau de cavar que lhe servia de cajado. Volta e meia parava para aspirar uma golfada de ar e reprimir a náusea, lutando para não se deixar levar pela tonteira que ameaçava fazê-la perder os sentidos. Sentia o sangue escorrendo pelas pernas, mas não parou para trocar a tira absorvente. Lembrou-se do tempo em que subia por aquela encosta sem parar uma única vez para tomar fôlego. Agora, mal podia acreditar como ainda estava longe da clareira no alto da montanha. As distâncias separando os pontos de referência eram imensas. Fazia o corpo render o máximo e, quando estava no ponto

de desmaiar, esforçava-se para manter-se consciente para, então, descansar e prosseguir novamente.

No final da tarde, o bebê começou a chorar e ela o via indistintamente através de uma neblina em seus olhos. Não parou por causa dele, apenas lutava para continuar sempre subindo. Em sua mente, havia só um pensamento: preciso alcançar a clareira, tenho de chegar à caverna. Nem sabia mais exatamente o por quê disso.

Uba a seguia de longe, não querendo que ela a visse. Não sabia que Ay la quase não conseguia enxergar além do próximo passo. Por fim, quando viu surgir a clareira no alto da montanha, a jovem tinha a cabeça girando, com a vista toldada por uma névoa vermelha.

Um pouco mais, disse consigo, só um pouquinho mais. Foi-se arrastando pelo campo, mal conseguindo forças para pôr de lado os galhos e entrou cambaleando para dentro da caverna que, por tantas vezes, já lhe servira de refúgio. Caiu sobre a pele de veado, sem se importar com a roupa molhada no corpo ou se lembrar de dar o peito para o bebê que chorava, sucumbindo finalmente ao peso da exaustão.

Foi uma sorte Uba ter chegado à clareira no momento em que Ayla desaparecia na caverna. Do contrário, pensaria que ela tinha evaporado no ar. A pesada moita de avelaneiras com sua profusão de galhos camuflava completamente o buraco na montanha, mesmo quando estava sem a folhagem do verão. Uba correu de volta. Fora mais longe do que esperava. Ayla demorara muito mais para chegar à pequena caverna do que a menina havia suposto. Tinha medo de que Iza estivesse preocupada e fosse ralhar. Iza, entretanto, não fez caso de seu atraso. Vira quando a filha saiu às escondidas atrás de Ayla, percebendo-lhe a intenção mas preferiu guardar sua dúvida.

- Ela já não devia estar de volta, Iza? - perguntou Creb. O feiticeiro passara toda a tarde entrando e saindo da caverna.

Iza, nervosa, disse que sim com a cabeça, sem tirar os olhos de um quarto de veado que cortava depois de já cozido e frio.

- Ai! - gritou de repente, quando a faca fez um talho no seu dedo. Creb levantou os olhos, não só surpreso com o corte como

também com a espontaneidade do grito. Iza usava as facas de pedra com tanta perícia que ele não se lembrava de já tê-la visto cortando-se. Pobre Iza, ando tão preocupado comigo mesmo que me esqueço de como ela também deve estar-se sentindo, pensou, ralhando consigo. Não é de estranhar que esteja nervosa, ela também está preocupada.

- Falei há pouco com Brun, Iza - gesticulou Creb. - Ele ainda acha cedo para ir procurá-la. Ninguém deve saber onde uma mulher se desfaz.

- Bem, onde ela se acha neste momento. Você sabe quanta desgraça poderia advir para um homem, se ele pusesse os olhos em cima dela. Mas Ayla está tão fraca, ela talvez esteja por aí na chuva, caída no chão. Você poderia ir procurá-la, Iza. Você é uma curandeira. Ela não deve ter ido longe. não se preocupe em cozinhar para mim. Eu posso esperar. Por que não sai logo? Daqui a pouco vai ficar escuro.

- Não posso - gesticulou Iza, botando o dedo ferido na boca.

- O que você quer dizer com não pode? - Creb estava espantado.

- Não posso encontrá-la.

- Como sabe que não pode encontrá-la, se ainda não procurou? - O velho feiticeiro se via completamente atordoado. Por que Iza não quer procurar por Ayla? Aliás, pensando nisso, por que ela já não teria saído há muito tempo para procurar? A essa altura, Iza deveria estar vasculhando as matas, revirando as pedras para achar Ayla. E ao invés disso, deixa-se ficar aí nervosíssima. Deve estar acontecendo algo errado.

- Iza, por que você não quer procurar Ayla? - perguntou ele.

- Não iria adiantar. não poderia encontrá-la.

- Por quê? - pressionou Creb.

Os olhos de Iza estavam cheios de ansiedade e medo.

- Ela está se escondendo - confessou.

- Escondendo! De que ela está se escondendo?

- De todo mundo. De mim, de Brun, de você, de todo o clã.

Creb não sabia o que pensar, e as respostas enigmáticas de Iza só pioravam as coisas- Iza, será que você pode explicar-se melhor?

Por que Ayla está se escondendo do clã, de mim ou de você? Principalmente de você, de quem neste momento ela deve estar precisando muitíssimo.

- Ela quer ficar com o filho, Creb - gesticulou Iza, passando a explicar rapidamente, com os olhos suplicantes, pedindo que ele compreendesse. - Eu disse a ela que toda mãe tem obrigação de se desfazer de um filho que nasce deformado, mas ela se recusou a fazer isso.

Você sabe o quanto Ayla queria esse bebê. Falou que iria levá-lo e ficar escondida com ele até chegar o dia de lhe dar nome, desse modo Brun será obrigado a aceitar a criança.

Creb olhava para Iza com uma expressão dura. Num relance, percebeu todas as consequências que poderiam advir da teimosia de Ayla.

- É verdade, Iza Brun se verá forçado a aceitar o filho dela, mas depois irá amaldiçoá-la por um ato deliberado de desobediência, e dessa vez será para sempre. Você não sabe que, quando uma mulher força um homem contra sua vontade, ele está se rebaixando? Brun Não pode permitir isso. Os homens perderiam para sempre o respeito por ele. Mesmo que amaldiçoasse Ayla, ele ficaria desprestigiado e a reunião dos clã é já neste próximo verão.

Acha que Brun depois disso poderia enfrentar os outros clãs? Todo o nosso clã também será desprestigiado por causa de Ayla - gesticulou Creb, com raiva. - O que deu nela para pensar em fazer uma coisa dessas?

- Foi uma das histórias de Aba sobre a mãe que pôs o filho deformado no alto de uma árvore - respondeu Iza, profundamente perturbada, sem saber o que dizer. Por que não pensara mais sobre tudo isso?

- Ora, histórias de velhotas que não têm o que fazer! - falou Creb, com ar de nojo. - Aba faria melhor se não ficasse enchendo a cabeça de uma moça com essas bobagens.

- Mas não foi só Aba, Creb. Você também.

- Eu? Quando contei histórias desse tipo?

- Você não precisou contar nenhuma história para ela. Você nasceu deformado e lhe foi permitido viver. Hoje é o Mog-ur.

As palavras de Iza atingiram Creb em cheio. Ele conhecia toda a série de acontecimentos fortuitos que haviam possibilitado sua aceitação. Só a sorte tinha preservado a vida do mais sagrado de todos os homens dentre todos os clãs. A mãe de sua mãe certa vez lhe dissera que sua existência simplesmente se devia a um milagre. Será que Ayla está querendo provocar um milagre para seu filho por causa dele? Mas isto nunca dará certo. Jamais conseguirá forçar

Brun a aceitar seu filho. Isso teria de partir dele, tinha de ser uma decisão sua, exclusivamente sua e de mais ninguém.

- E você, Iza? Será que não disse a ela que era uma coisa errada?

- Pedi a Ayla que não fosse. Disse que eu me encarregaria de dar fim no bebê, se ela não pudesse fazê-lo. Mas, depois disso, Ayla não me deixou mais chegar perto da criança. Ah, Creb, ela sofreu tanto para ter esse filho.

- E por isso você deixou que ela fosse embora, esperando que o plano desse certo. Por que Não contou nada para mim ou Brun?

Iza simplesmente meneou a cabeça. Creb tinha razão eu deveria ter contado a ele. Agora não só o bebê vai morrer, mas Ayla também, pensou consigo.

- Para onde ela foi, Iza? - Creb tinha um olhar de pedra.

- Não sei. Falou qualquer coisa sobre uma pequena caverna - respondeu Iza, com o coração apertado.

O feiticeiro deu as costas abruptamente e se dirigiu para a fogueira de Brun.

Capítulo 20

O choro do bebê acabou por fim acordando Ayla de seu sono exausto. Já havia escurecido e a caverna pequenina, sem a fogueira, estava úmida e fria. Ela foi até o fundo para aliviar-se. O líquido quente e amoniacado ardia em sua carne dilacerada, fazendo-a estremecer de dor. Na escuridão tateou dentro da cesta de colher procurando um absorvente limpo e uma manta seca para enrolar o bebê molhado e sujo. Depois que bebeu um pouco d'água, enrolou-se junto com a criança em sua pele e se recostou para dar de mamar. Quando tornou a acordar, a parede da caverna estava banhada pela luz do sol que se filtrava pelo emaranhado dos galhos das avelaneiras escondendo a entrada. Enquanto o bebê mamava, foi comendo um pouco de comida fria.

O repouso e a comida a reanimaram e ela se sentou com o bebê no colo, pondo-se a pensar meio distraída. Vou precisar arrumar alguma lenha e a comida que tenho não vai durar muito. Tenho de conseguir um pouco mais. A alfafa deve estar brotando, e ela vai ajudar a fortalecer meu sangue. Os trevos novos e os rebentos nos pés de afarroba com certeza também estão no ponto. A seiva deve estar começando a vir à tona nas cascas das árvores, principalmente na do bordo. não O bordo não cresce nessas alturas, mas há videiros e abetos. Vejamos, por aqui deve dar bardana, tussilagem, folhas novas de dente-de-leão e samambaias comestíveis, mas a maioria dessas ainda deve estar fechada. Ah, eu tenho também a minha funda... há uma quantidade de esquilos, castores e coelhos.

Ayla sonhava, vendo à sua frente as delícias que o verão lhe iria propor cionar, mas, quando tentou levantar-se, sentiu um jato de sangue escorrendo, acompanhado de uma vertigem. As pernas estavam empastadas de sangue seco que lhe manchava também os sapatos e a roupa; isso a sacudiu, fazendo-a tomar maior consciência de sua situação desesperadora.

Passada a tonteira, resolveu ir limpar-se e arranjar um pouco de lenha, mas não sabia o que fazer com o bebê. Estava entre levá-lo ou deixá-lo contínuar dormindo onde estava. As mulheres do clã nunca deixavam bebês sozinhos, eles sempre ficavam sob as vistas de alguém, e Ayla não gostava da idéia de largar o seu ali, inteiramente abandonado. Mas tinha de limpar-se e arrumar mais água. Sem o bebê, poderia também carregar maior quantidade de lenha.

Antes de sair, espiou por entre os galhos desfolhados, querendo ter certeza de que não havia ninguém por lá. Botou, então os galhos de lado e veio para fora da caverna, O chão estava encharcado. Nas proximidades do riacho, o terreno era um pântano de lama escorregadia. Nesgas de neve ainda persistiam nos trechos mais sombrios. Tiritando de frio com o vento que soprava do leste, trazendo mais nuvens de chuva, ela se despiu e entrou na água gelada. Depois, esfregou os lugares nas roupas onde havia manchas de sangue. O couro molhado e pegajoso não ajudava muito a esquentá-la, quando tornou a vesti-lo.

Dirigiu-se ao bosque que cercava a clareira e deu alguns puxões nos galhos secos da parte de baixo de um abeto. Nisso, sentiu que a vertigem apoderava-se dela, os joelhos se dobraram e ela viu-se obrigada a amparar-se numa árvore. A cabeça martelava por dentro, e a moça procurava respirar fundo para não vomitar, enquanto a fraqueza tomava conta de todo o seu corpo. Todas as idéias de caçar e colher plantas desapareceram. Uma gravidez depalperante, um parto devastador e aquela subida extenuante fizeram consideráveis estragos em seu organismo e pouca força lhe havia sobrado.

O bebê chorava quando a jovem mãe entrou de volta na caverna. Lá estava frio e úmido e ele sentia falta da proximidade do calor da mãe. Ayla segurou-o e se lembrou de que deixara o cantil junto do riacho. Precisava de água. Pôs a criança no chão e saiu novamente. Estava começando a chover. Quando voltou, exausta, deixou-se cair e puxou a pele úmida e pesada, cobrindo-se junto com o filho. O sono venceu-a, estava cansada demais para darse conta de que o medo procurava acertá-la com suas farpas.

- Eu não disse que ela era insolente e teimosa? - gesticulou Broud, cheio de si. - Alguém então acreditou em mim? Não. Todos tomaram o seu partido, arrumaram desculpas, deixaram que ela fizesse o que bem entendesse, até mesmo caçar. Pouco estou me importando com o totem forte dela, o que sei é que mulheres não podem caçar. não foi o Leão da Caverna que a levou a fazer isso, trata-se simplesmente de um ato de desobediência. Agora estão vendo o que acontece, quando se dá muita liberdade a uma mulher, não é? Ela está achando que pode forçar o clã a aceitar seu filho deformado. Desta vez, ninguém pode arrumar desculpas. Ela, deliberadamente, foi contra os nossos costumes. Isso é indesculpável.

Finalmente, Broud encontrara uma boa justificativa para os seus atos e não perdia a oportunidade de vangloriar-se com um "eu não disse?". A insistência era feita com tamanho sentimento de vingança que o chefe acabou franzindo a cara, contrariado. Brun não gostava de se ver desprestigiado e o filho de sua companheira não lhe estava facilitando as coisas.

- Broud, você já disse o que tinha a dizer - falou Brun. - Não há necessidade de ficar repisando sempre a mesma coisa. Quando Ayla voltar, cuidarei dela. Nunca uma mulher irá me forçar a fazer o que não quero e depois sair impunemente. E nenhuma vai começar com isso agora. Amanhã, quando formos procurá-la outra vez - prosseguiu Brun, explicando os motivos por que convocara aquela reunião. - acho que devemos revistar os lugares onde não vamos muito. Iza disse que Ayla sabe da existência de uma pequena caverna. Alguém já viu alguma aqui por perto? não deve ficar muito longe, ela estava fraca demais para andar grandes distâncias. Vamos esquecer a planície ou a floresta e procurar cavernas nos lugares mais prováveis. Com essa chuva, o rastro dela deve ter desaparecido, mas pode ser que haja algumas marcas de pé. Custe o que custar, quero achá-la.

Iza esperava ansiosa pelo fim da reunião. Havia precisado de ganhar coragem para falar com Brun e resolvera que aquela seria a ocasião. Quando viu que os homens tinham saído, dirigiu-se de cabeça baixa para a fogueira dele, sentando-se a seus pés.

- O que você quer, Iza? - perguntou Brun, depois de lhe dar o tapinha no ombro.

- Esta mulher indigna deseja falar com o chefe - começou Iza.

- Pode falar.

- Esta mulher errou ao deixar de procurar o chefe, quando soube dos planos da jovem mulher. - À medida que as emoções tomavam conta dela, Iza foi deixando de usar a linguagem protocolar. - Mas, Brun, ela queria tanto um bebê. Ninguém acreditava que Ayla fosse conceber e muito menos ela própria. Como pensar que o espírito do Leão da Caverna poderia ser vencido? Ela estava muito feliz com isso. Mesmo que sofresse, não se queixava. Quase morreu durante o parto, Brun. Apenas o pensamento de não deixar o bebê morrer é que lhe deu forças para chegar até o final. Ela não pôde suportar a idéia de se desfazer do bebê, mesmo ele sendo deformado. Tinha certeza de que este seria o único filho que teria na vida, O choque e a dor fizeram com que perdesse a cabeça, ela não estava raciocinando bem. Brun, sei que não tenho direito de pedir, mas eu suplico, deixe Ayla viver.

- Por que você não me procurou antes, Iza? Se pensou que agora eu poderia atender seu pedido para poupar a vida dela, por que então não veio logo a mim? Tenho sido, por acaso, tão mau para ela? Eu estava vendo o seu sofrimento.

Pode-se desviar os olhos para não se olhar dentro da fogueira dos outros, mas não se pode fechar os ouvidos. Não há ninguém neste clã que ignore o sofrimento de Ayla, quando estava tendo o filho. Você me acha tão insensível assim, Iza? Se tivesse me procurado, tivesse dito como ela estava se sentindo e o que planejava fazer, você acha que eu não levaria em consideração a vida do bebê? Poderia ter encarado essa ameaça dela de fugir e esconder-se como coisa de uma mulher fora de seu juízo. Eu teria examinado a criança. Mesmo sem um companheiro, se a deformidade não fosse muito flagrante, talvez eu tivesse deixado o bebê viver. Mas você não me deu a menor oportunidade, já imaginando por antecipação o que eu faria. Isso não é de seu feitio, Iza.

“Nunca a vi faltar com os seus deveres - continuou Brun. - Sempre foi um exemplo para as outras mulheres. Só posso atribuir este seu procedimento à sua doença. Sei que está doente, apesar de você tentar esconder. Em respeito a seus desejos, jamais toquei no assunto, mas, no outono passado, não tinha a menor dúvida de que você estava a ponto de passar para o mundo dos espíritos. Também tinha perfeita consciência de que Ayla imaginava ser essa a sua única chance de ter um filho. Imagino que ela tenha razão Apesar disso, vi como Ayla se esqueceu inteiramente dela para tratar só de você, Iza. não sei como conseguiu isso. Talvez até tenha sido o Mogur que tenha aplacado os espíritos que queriam levá-la para junto deles, conseguindo convencê-los a deixá-la ficar. Mas isso não foi obra somente do Moog-ur.

“Eu já estava pronto a atender o seu pedido de deixar Ayla como curandeira. Passei a ter tanto respeito por ela quanto já tive por você, Iza. Ayla, apesar do filho de minha companheira, tem sido uma mulher admirável, um modelo de obediência e de submissão. Isso mesmo, Iza, estou perfeitamente sabendo o modo cruel de Broud tratá-la. Inclusive, sei que aquela sua falta no princípio do verão passado foi de certo modo provocada por ele, embora não entenda muito os motivos dessa coisa. É uma indignidade essa competição de Broud com ela. Afinal, ele é um caçador corajoso e forte e não há nenhuma razão para sentir que sua virilidade esteja sendo ameaçada por uma mulher. Mas talvez ele tenha percebido alguma coisa que desprezei. Talvez ele esteja certo, e eu, durante esse tempo todo, tenha estado cego. Se você tivesse realmente vindo a mim antes, Iza, eu poderia levar em consideração seu pedido... poderia ter deixado que o filho de Ayla vivesse. Agora, é tarde demais. Quando ela voltar, no dia de seu filho receber o nome, todos os dois irão morrer, Ayla e o filho.

No dia seguinte, Ayla tentou fazer uma fogueira. Havia ainda alguns paus secos que sobraram de sua última estada. Ajovem pegou um deles e começou agirá-lo entre as palmas da mão sobre um pedaço de madeira, mas não teve forças suficientes para fazê-lo pegar fogo, o que foi uma sorte. Enquanto ela e o bebê dormiam, Droog e Crug encontraram o seu caminho para a clareira na

montanha. Certamente os dois iriam sentir o cheiro da fogueira ou o que sobrara de alguma e a teriam achado. Eles chegaram tão perto da caverna que, na situação em que estavam, se o bebê tivesse choramingado em seu sono, teriam ouvido. Mas a entrada do pequeno buraco na rocha estava bem escondida pela pesada moita de avelaneira que eles passaram por ali sem perceber.

A sorte veio sorrir-lhe ainda mais uma vez. As chuvas de primavera, cain do tristemente de um céu cor de chumbo, transformando a margem do pequeno riacho num charco de lama e o chão da clareira num verdadeiro pantanal, podiam deixá-la deprimida, mas, por outro lado, apagaram todos os vestígios de sua presença ali. Os caçadores eram tão hábeis em pegar rastros que podiam identificar as marcas dos pés de cada uma das pessoas do clã e tinham os olhos tão aguçados que facilmente veriam, caso ela estivesse colhendo alimentos, os lugares onde tinha sido partido algum broto ou os pontos onde a terra fora remexida para desenterrar alguma raíz ou bulbo. Graças à sua fraqueza, ela não foi descoberta.

Ao sair mais tarde e ver as pisadas dos homens na lama perto da nascente do riacho, onde haviam parado para tomar um gole d'água, Ayla teve um choque. A partir daí, ficou com medo de deixar a caverna. Levava susto cada vez que o vento sacudia as ramagens em frente da entrada e estava sempre apurando os ouvidos esperando escutar os sons que imaginava estar ou vindo.

A comida que trouxera já havia quase terminado. Deu uma busca nas cestas que fizera para armazenar comida durante sua longa e solitária estada na maldição de morte. Tudo que achou foi algumas nozes estragadas e alguns excrementos de pequenos roedores, denunciando que seu estoque fora descoberto e há muito já não existia. Encontrou também os restos secos e também estragados da comida que Iza lhe trazia durante a sua maldição de mulher, e estavam inservíveis.

Lembrou-se, então, do esconderijo no fundo da caverna, o buraco de pedra onde pusera a carne-seca do veado que tinha matado para fazer com a pele uma roupa quente. Achou o pequeno monte de pedras e as removeu. A carne em conserva estava intata,

mas sua alegria durou pouco. Os galhos no buraco da entrada se moveram fazendo seu coração disparar.

- Uba! - gesticulou, surpresa, quando a garota entrou na caverna. - Como você me encontrou?

- Eu a segui de longe no dia em que veio para cá. Tinha medo de que alguma coisa lhe pudesse acontecer. Eu trouxe alguma comida e um pouco de chá para fazer seu leite correr.

Foi a mãe quem preparou.

- Iza sabe onde estou?

- Não. Mas ela sabe que eu sei. Acho que a mãe não quer saber porque sen vai ter de contar a Brun. Ayla, Brun está furioso com você. Os homens todos os dias saem à sua procura.

- Eu vi as pegadas deles perto da nascente, mas eles não conseguiram achar a caverna.

- Broud agora está contando vantagem dizendo que ele sempre soube quem era você.

Desde que você saiu, quase nunca vejo Creb. Ele passa o dia inteiro na gruta dos espíritos e a mãe está muito aflita. Ela quis que eu dissesse a você para não voltar - falou Uba com os olhos arregalados, cheios de medo por Ayla.

- Se iza não falou de mim com você, como é que ela está mandando recado? - perguntou Ayla.

- Ontem de noite e hoje de manhã, ela fez mais comida do que era preciso. não muita... acho que ficou com medo de Creb adivinhar que era para você. E também não comeu a parte dela. Mais tarde, fez o chá e começou a gemer, como se falasse sozinha soltando lamentos por sua causa. Ela está sempre se lamentando desde que você foi embora, mas desta vez olhava diretamente para mim, dizendo: se alguém pudesse dizer a Ayla para não voltar. Minha pobre menina, pobrezinha da minha filha, está tão fraca e sem comida. Ela precisa ter leite para dar ao bebê. E ficou ainda dizendo outras coisas desse tipo. Depois, saiu da fogueira e eu vi que este saco de água estava bem junto do chá e a comida toda embrulhada.

"Ela deve ter visto quando fui atrás de você - prosseguiu Uba. - Imaginei isto porque mamãe não ralhou comigo por eu ter ficado tanto tempo fora. Brun e Creb estão furiosos com ela por não lhes

ter contado que você ia esconder-se. Se souberem que ela tem alguma idéia de onde você está e não conta, nem sei o que farão com a mãe. A mim, ninguém vai perguntar. Ninguém presta muita atenção em crianças, principalmente em meninas.

Ayla, sei que devia contar a Creb onde você está, mas não quero que você seja amaldiçoada outra vez por Brun. não quero que você morra, Ayla.

Ayla escutava as batidas de seu coração. O que foi que eu fui fazer? Quando ela ameaçou deixar o clã, não podia imaginar o quanto se achava enfraquecida e como seria difícil sobreviver sozinha com um recém-nascido. Havia contado em poder voltar no dia do seu filho receber o nome. E, agora, o que vou fazer? Tomou o bebê nos braços, segurando-o muito apertado contra o corpo. Mas eu não podia deixar que você morresse, não é?

Uba olhou com pena para Ayla que parecia ter esquecido de sua presença.

- Ayla - disse, hesitando - posso ver o bebê? Ainda não tinha tido oportunidade de dar uma espiada nele.

- Mas claro, Uba - gesticulou Ayla, envergonhada por haver ignorado a garota tanto tempo, principalmente depois de ela haver feito aquela enorme caminhada para lhe trazer o recado de Iza. Se descobrissem que Uba sabia onde ela se encontrava e não contava, seu castigo seria terrível, poderia até ter a vida arruinada.

- Você quer segurá-lo?

- Posso?

Ayla pôs o bebê no colo dela. Uba ia começar a desenrolar a coberta, mas levantou antes os olhos pedindo permissão. Ayla fez que sim com a cabeça.

- A aparência dele não é tão ruim assim, Ayla. É menos aleijado do que Creb. Ele está meio descamado. A cabeça é que parece um pouco diferente. Mas não muito diferente da sua. Você não se parece com ninguém do clã.

- Isso é porque eu não nasci de gente dos clãs. Iza me encontrou, quando eu ainda era pequena. Ela diz que nasci dos Outros. Mas agora eu sou dos clãs - disse com orgulho; logo,

entretanto, sobreveio uma expressão de abatimento. - Mas não por muito tempo.

- Você sente falta de sua mãe? Quero dizer, de sua mãe verdadeira, não de Iza? - perguntou Uba.

- Não me lembro de outra mãe que não fosse Iza. não me lembro de nada do que aconteceu antes de vir morar no clã. - De repente, ela ficou pálida. - Uba, para onde irei, se não puder voltar? Com quem vou viver? Nunca voltarei novamente a ver Iza ou Creb. Esta é a última vez que irei vê-la. Mas eu não sabia que outra coisa poderia fazer, não podia deixar meu bebê morrer.

- Não sei, Ayla. Mamãe diz que Brun se rebaixaria, se aceitasse seu filho. Por isso é que ele está tão zangado. Ela diz que quando uma mulher obriga um homem a fazer o que ele não quer, o homem nunca mais volta a ter o respeito dos outros. Mesmo que ele venha a amaldiçoá-la, Brun se veria desprestigiado porque foi obrigado a fazer uma coisa contra sua vontade. não quero que você vá embora, Ayla, mas se voltar, morrerá.

Ayla olhou para o rosto angustiado de Uba sem saber que o seu, com as lágrimas escorrendo, tinha a mesma expressão. Às duas caíram ao mesmo tempo uma nos braços da outra.

- É melhor você ir agora, Uba, antes que as coisas piorem.

A garota devolveu o bebê para a mãe e se levantou.

- Uba - chamou Ayla, quando a menina estava na entrada, pondo os galhos de lado - estou contente por ter vindo me ver, pelo menos ainda pude falar com você mais uma vez.

Diga a Iza... diga a minha mãe que eu a amo. - As lágrimas escorriam outra vez. - Diga isso também a Creb.

- Eu vou dizer, Ayla. - Uba se deteve por um instante. - Bom, já vou- falou, saindo rapidamente da caverna.

Depois de Uba ter ido embora, Ayla desempacotou a comida. não havia muita, mas, somada à carne-seca do veado, duraria alguns dias. Mas, e depois? Estava incapaz de pensar, sua cabeça era um torvelinho de confusões que a levava para um buraco escuro, sem qualquer esperança. Todo seu plano tinha dado para trás. não só a vida do filho, mas também a sua estava em risco. Comeu sem sentir o gosto, tomou um pouco do chá e tornou a se deitar com o

filho, passando a dormir um sono que lhe apagou tudo da mente. Seu corpo tinha exigências e pedia por descanso.

Era noite, quando voltou a acordar. Tomou mais um pouco do chá e resolveu buscar água.

Na escuridão havia menos chance de ser vista pelos homens que estavam à sua caça. Tateava procurando pelo cantil e, em meio ao completo negrume da caverna, perdeu o sentido de direção entrando por instantes em pânico. As ramagens camuflando a entrada, fazendo uma lúgubre silhueta contra um fundo menos escuro, tornou a orientá-la e imediatamente veio engatinhando para fora.

A lua crescente, brincando de esconde-esconde com as nuvens, esparramava pouca luz, mas o suficiente para que seus olhos muito dilatados pela forte escuridão do interior da caverna percebessem os contornos fantasmagóricos das árvores. O murmúrio das águas na nascente, batendo sobre as pedras, fazia uma cachoeira em miniatura, refletindo os salpicos brilhantes na pálida iridescência. Ayla ainda se achava fraca, mas já não ficava mais tonta quando se punha de pé e caminhava também com mais facilidade. Nenhum homem do clã viu quando ela, protegida pela noite, abaixou-se perto da nascente, mas outros olhos mais afeitos à luz do luar a espreitavam. Alguns predadores noturnos e os bichos que eram as suas presas tomavam água da mesma fonte que ela. Ayla, desde a ocasião em que uma garotinha nua, de cinco anos de idade, ficou perambulando sozinha, nunca estivera tão vulnerável como agora. Não tanto devido à fraqueza, mas porque já não estava pensando em termos de sobrevivência. Deixara de estar em guarda contra o exterior, passando a ter os pensamentos voltados para dentro de si. Seria fácil presa para qualquer animal que, atraído pelos seus odores, lhe ficasse à espreita. Ela, no entanto, havia imposto sua presença naquele ambiente. Suas pedradas rápidas, nem sempre mortais, mas dolorosas, tinham deixado marcas. Os carnívoros, cujo território incluía a caverna, preferiam manter uma certa distância. Isso lhe dava uma vantagem, constituindo-se num fator de segurança, numa espécie de fundo de reserva do qual ela passara agora a valer-se seguidamente.

- Deve haver algum sinal dela - gesticulou Brun, furioso. - Mesmo que tivesse levado comida, essa não pode durar para sempre. Logo vai ter de sair do esconderijo onde se meteu. Quero que tornem a revistar todos os lugares que já procuraram antes. Se estiver morta, quero saber. Algum animal a encontraria, deixando uma prova disso. Quero que ela seja achada antes do dia de seu filho receber nome. Só irei à reunião dos clãs se ela for encontrada.

- Agora, ela nos vai impedir de ir à reunião de clãs - disse Broud, escarnecendo. - Mas por que, antes de mais nada, ela foi aceita neste clã? Nem mesmo pertence à nossa gente. Se e fosse o chefe, nunca a teria aceito. Jamais teria deixado Iza ficar com ela esse tempo todo. Nem mesmo apanhá-la no meio do caminho, eu teria permitido. Por que ninguém conseguiu ver o que ela realmente era? Vocês sabem, esta não é a primeira vez que ela desobedece. Sempre desprezou nossos costumes e sempre saiu impune. Será que alguém pensou em impedi-la de trazer animais para dentro da caverna? Será que alguém se preocupou com o fato de ela andar por aí sozinha, como nenhuma mulher do clã sequer pensaria em fazer? não é de estranhar que nos espionasse, enquanto estávamos treinando.

E o que aconteceu quando foi apanhada usando uma funda? Apenas uma maldição de morte temporária. E quando voltou? Imagine, recebeu licença para caçar! Sabem o que os outros clãs iriam pensar disso? não me surpreende se não pudermos ir à reunião. É de admirar então que ela tenha pensado que nos poderia forçar a aceitar seu filho?

- Broud, já ouvimos isso antes - gesticulou Brun, farto. - Sua desobediência não passará sem castigo desta vez. Prometo.

A insistência de Broud, sempre batendo na mesma tecla, não estava apenas cansando os nervos de Brun, estava também surtindo efeito. O chefe começara a questionar o seu julgamento, um julgamento que se baseava no apego às tradições e aos costumes de longa data e os quais deixavam pouca margem para desvios. No entanto, tal como Broud estava lembrando constante mente, Ayla vinha praticando, sempre impunemente, uma série de transgressões cada vez mais graves, que agora culminava com este deliberado e

indesculpável ato de desafio. Tinha sido demasiadamente tolerante com aquela estranha, nascida sem o sentido de retidão inerente à raça clânica... complacente demais. Aproveitara-se dele. Broud tinha razão, ele devia ter sido mais rígido, deveria tê-la obrigado a se submeter às regras, talvez nunca devesse ter permitido a Iza trazê-la com eles. Mas, por que tinha o filho de sua companheira de ficar sempre repisando a mesma coisa?

Os constantes sermões de Broud acabaram também por surtir efeito sobre os outros homens. Quase todos começaram a convencer-se de que haviam, de certo modo, visto Ayla através de uma cortina de fumaça e que só Broud a enxergava tal como era. Quando Brun não estava por perto, Broud punha-se a denegri-lo, insinuando que ele já estava muito velho para chefiá-los. O desprestígio de Brun foi um duro golpe à confiança que ele tinha em si mesmo. Sentia como, aos poucos, os homens lhe iam perdendo respeito e não podia suportar a idéia de enfrentar uma reunião de clã em tais circunstâncias.

Ayla permanecia dentro da caverna, vivendo só de água. Enrolada em peles, conseguia manter-se aquecida mesmo sem uma fogueira. A comida trazida por Uba, ajudada pela velha carne do veado - que, embora tesa como couro e dura de mastigar, tinha alto valor nutritivo - e mais o tempero de sua fome permitiram que ela pudesse sobreviver sem caçar ou colher alimentos. Isso lhe proporcionou o tempo de que estava precisando para descansar. Não tendo mais que se exaurir para satisfazer as exigências de um feto quase anormal, seu corpo, jovem e saudável, fortalecido por anos de duros exercícios, começou a recuperar-se. Ela não precisava dormir tanto, mas, de certo modo, o sono ajudava. A confusão de seus pensamentos era um tormento constante. Pelo menos, dormindo, estava livre da ansiedade.

Sentada perto da entrada da caverna, observava o filho dormindo em seus braços. Um fluido branco e aguado escorrendo do canto da boca do bebê e pingando do outro seio, estimulado pela amamentação indicava que o leite havia começado a correr. O sol da tarde, de vez em quando escondido pelas nuvens passando velozes no céu, aquecia a terra, botando manchas de luz na entrada. Ayla

olhava a respiração regular de seu filho, às vezes interrompida por um crisar de pálpebras e pequenos sobressaltos que o levavam a fazer movimentos de sugar, para depois voltar a acalmar-se novamente. Ela o observou mais de perto, virando sua cabeça para ver o perfil.

Uba disse que você não tem uma aparência muito ruim, disse consigo. Também acho. É só um pouco diferente, foi o que Uba falou. Você parece diferente, mas não tanto quanto eu.

Subitamente, ela se lembrou de seu rosto refletido no lago de águas tranquilas. Ele não é tão diferente quanto eu!

A moça examinava o rosto do bebê, tentando lembrar-se de seu reflexo. Minha testa é igual à sua, pensou, levando a mão ao rosto. E esse osso debaixo da boca, eu também tenho um.

Mas ele tem supercílios salientes e eu não. As pessoas dos clã é que têm assim. Se sou diferente, por que meu bebê também não seria? Ele deveria parecer-se comigo, não é? E parece um pouco, mas também se assemelha aos bebês do clã. Ele parece dos dois jeitos.

Não nasci num clã, mas meu filho sim. É como se fosse uma mistura deles comigo.

Acho que você não é nem um pouco deformado, meu filho. Se você nasceu de mim e da gente dos clãs, tinha de parecer dos dois modos. Se os espíritos se misturaram, você não teria de parecer com essa mistura? E é assim que você é e como deveria parecer. Mas qual totem teria começado sua vida? Seja lá qual for esse totem, ele deve ter tido alguma ajuda. Nenhum homem tem um totem mais forte do que o meu, exceto Creb. Será que foi o Urso da Caverna que começou sua vida, meu filhinho Eu moro na fogueira de Creb. Não! não pode ser. Creb diz que Ursus jamais deixaria que seu espírito fosse engolido por uma mulher. Ursus sempre escolhe. Bom, se não foi o de Creb, de quem mais eu me aproximei?

De repente, surgiu a imagem de Broud esvoaçando diante dos olhos dela. não Abanava a cabeça, sem querer aceitar a idéia. Broud não Não foi ele quem começou meu bebê. A lembrança do futuro chefe fê-la estremecer de nojo, recordando-se de como ele a forçava a submeter-se a seus desejos. Tenho ódio dele. Odiei todas as vezes

que ele chegou perto de mim. Estou feliz por ele não poder mais me incomodar. Espero que ele nunca, nunca mais vá querer outra vez aliviar suas necessidades em mim. Como é que Oga pode suportar isso? E as outras mulheres, como aguentam? Por que será que os homens têm necessidades desse tipo? Por que gostam de botar seus órgão no lugar por onde saem os bebês? Este lugar devia ser só para os bebês nascerem e não para que os órgãos dos homens fizessem aquele melado lá dentro. Os órgãos dos homens nada têm a ver com os bebês, pensou, cheia de indignação.

A incongruência daquele ato que lhe parecia sem sentido lhe ficou no pensamento. Em seguida, outra estranha idéia foi se infiltrando. Ou será que têm? Seria possível o órgão de um homem ter alguma relação com os bebês? Só mulheres podem ter crianças, mas elas têm filhos e filhas, conjecturava consigo. Fico pensando se, quando um homem mete o órgão no lugar por onde saem os bebês, ele não estaria nesse momento começando a vida de um.

E se não for o espírito do totem de um homem e sim o órgão quem começa o bebê? Isso significaria que o bebê pertenceria a ele também? Talvez seja por este motivo que os homens têm essa necessidade, porque desejam começar a vida de um bebê. Talvez seja por isso também que as mulheres gostam. Nunca vi uma mulher engolindo um espírito, mas já vi muitas vezes os homens metendo seus órgãos nas mulheres. Ninguém imaginou que eu fosse ter um filho por causa desse meu totem extremamente forte, mas eu tive, e o bebê começou mais ou menos na ocasião em que Broud estava aliviando suas necessidades em mim.

Não Não é verdade! Isso significaria que meu bebê pertenceria também a Broud, pensou ela com horror. Creb está certo. Ele sempre está. Engoli um espírito que lutou e derrotou meu totem. Talvez eu tenha engolido mais de um, talvez até de todos eles. Abraçou o filho muito apertado, como se quisesse que ele fosse só dela. Você é meu bebê e não de Broud.

E nem é também do espírito do totem de Broud. O bebê se assustou com o movimento inesperado e começou a chorar. Ela se pôs a niná-lo ternamente até que, por fim, ele voltou a ficar quieto.

Talvez meu totem soubesse o quanto eu queria um bebê e por isso se deixou derrotar. Mas por que meu totem me deixou ter um bebê sabendo que ele teria de morrer? Um bebê que tem uma parte minha e outra da gente dos clãs irá sempre parecer diferente. Eles vão sempre dizer que meus filhos são deformados. Mesmo se eu tivesse companheiro, meus bebês não iriam ter uma aparência direita. Nunca vou poder ficar com filho algum. Todos terão de morrer. Mas que diferença faz? De qualquer jeito, eu vou morrer. Nós dois vamos morrer, meu filinho.

Ayla ficou embalando o bebê, apertado no seu colo, enquanto cantarolava baixinho e as lágrimas, sem que percebesse, escorriam-lhe pelas faces. O que vou fazer, meu filhinho? O que vou fazer? Se voltar no dia de você receber nome, Brun vai me amaldiçoar. Iza disse que eu não voltasse, mas para onde poderei ir? Ainda não estou bastante forte para caçar e, mesmo que estivesse, o que eu faria com você? Eu não poderia levá-lo comigo. Como iria caçar com um bebê do lado? Se você chorasse, espantaria os bichos; e ficar sozinho, também não poderia. Talvez eu pudesse ficar sem caçar e a comida eu encontraria. Mas vamos precisar de outras coisas... roupas, peles, capas e calçados.

E onde vamos encontrar uma caverna para morar? Nessa, não podemos. Há muita neve aqui no inverno e ela fica muito perto do clã. Acabariam nos encontrando. Poderia ir embora, mas talvez não achasse uma caverna, além de que os homens poderiam seguir minha pista e me trariam de volta. Mesmo que conseguisse encontrar uma caverna, conseguisse guardar bastante comida para o inverno e pudesse caçar um pouco, nós iríamos ficar muito sozinhos. Você tem de ter outras companhias além de mim. Com quem você iria brincar? Quem o ensinaria a caçar? E se acontecesse alguma coisa a mim? Quem tomaria conta de você? Estaria sozinho, como eu, antes de Iza me encontrar.

Não quero que você fique sozinho e nem eu também quero estar sozinha. Quero voltar para casa, soluçava, enterrando a cabeça na manta que enrolava o bebê. Quero voltar e ver Uba e Creb. Quero a minha mãe. Mas não posso voltar. Brun está furioso comigo. Fiz com que ele se desprestigiasse e por isso tem agora de me

amaldiçoar. Eu não sabia que ele iria perder o respeito dos outros por causa disso, apenas desejei que você não morresse. Brun não é má pessoa. Ele me deixou caçar. E se eu não o tivesse forçado? Se tivesse simplesmente lhe pedido que deixasse meu filho viver, como seria? Se eu voltasse agora, ele não ficaria desprestigiado. Ainda há tempo. Está faltando ainda dois dedos para chegar o dia de você receber nome. Talvez assim ele não ficasse tão zangado.

E se ficar? E se disser não? E se o tirar de mim? Se eles me separarem de você agora, não quero continuar vivendo. Se você tiver de morrer, eu quero morrer junto. Se eu voltar e Brun disser que você tem de morrer, peço para que ele me amaldiçoe. Nãoorrerei também.

Não quero que você volte para o mundo dos espíritos sozinho, meu bebê. Vou retornar nesse instante e pedir a Brun para me deixar ficar com você. Que outra coisa posso fazer?

Ayla começou a atirar suas coisas para dentro da cesta de colher, enrolou o bebê na manta de carregar, cobriu ambos com a capa usada por fora e empurrou para o lado os ramos que escondiam a pequena caverna. Quando estava saindo, seus olhos bateram numa coisa brilhando ao sol. Uma pedra cinzenta cintilava a seus pés. Ela apanhou. não era uma simples pedra, mas três nódulos de pinta de ferro, colados juntos. Ela a revirou na mão observando o "ouro dos trouxas". Durante vários anos, inumeras vezes entrara e saíra por aquela abertura e nunca vira uma pedra tão fora do comum naquele lugar.

Ayla fechou-a na mão e cerrou os olhos. Será que isso é um sinal? Um sinal de meu totem?

- Ó Grande Leão da Caverna - gesticulou. - Será que tomei a decisão certa? Você está me dizendo que devo voltar agora? Ó Leão da Caverna, permita que isso seja um sinal seu.

Permita que seja esta pedra um aviso expressando que você me achou digna e que esta foi mais uma prova por que tive de passar. Que seja este um sinal de que meu bebê irá viver.

Os dedos tremiam enquanto desamarravam os nós do saquinho de couro que usava pendurado no pescoço. E a pedra brilhante, de estranho formato, foi juntar-se ao ovo de marfim

tingido de vermelho, ao fóssil de gastrópode e ao torrão de ocre. Cheia de medo, com o coração batendo forte e uma louca esperança, começou a descer para a caverna do clã.

Capítulo 21

Uba entrou na caverna, gesticulando tumultuadamente.

- Mãe, mãe! Ayla está de volta! Iza ficou lívida.

- Não! não pode ser. O bebê está com ela? Uba, você foi vê-la? Você disse a ela?

- Fui mãe. Eu vi Ayla. Conteí como Brun estava zangado e disse para que não voltasse - gesticulou a menina.

Iza correu para a entrada da caverna e viu Ayla caminhando vagarosamente na direção de Brun. A moça agachou-se a seus pés, com o corpo se curvando sobre o filho para protegê-lo.

- Está adiantada. Deve ter calculado mal o tempo - gesticulou Brun para o feiticeiro, que vinha capengando a toda pressa para fora da caverna.

- Ela não calculou mal, Brun. Ela sabe que está adiantada. Veio por que quis - falou o Mog-ur.

Brun olhou para o velho, sem compreender como ele poderia ter tanta certeza. Em seguida, baixou os olhos na direção de Ayla e voltou a olhar um tanto apreensivo para o Mog-ur.

- Tem certeza de que o feitiço que fez para nos proteger vai funcionar? Ela devia estar isolada. O tempo de sua maldição de mulher ainda não acabou. Sempre custa muito mais depois do parto.

- Os feitiços foram fortes, Brun. Feitos com os ossos de Ursus. Você está protegido. Pode olhar para ela - respondeu o mog-ur.

Brun se virou, olhando para a jovem, que, tremendo de medo, curvava-se sobre o filho.

Devia amaldiçoá-la nesse instante, pensou ele com raiva. Mas ainda não é o dia de a criança receber nome. Se o Mog-ur tiver razão, por que teria ela voltado mais cedo? E com o bebê?

Ele ainda deve estar vivo, do contrário não estaria com ela. Essa desobediência é indesculpável, mas por que teria voltado antes? A curiosidade era grande e ele não aguentou. Deu-lhe o tapinha no ombro.

- Esta indigna mulher tem sido desobediente - gesticulou Ayla, usando a linguagem protocolar silenciosa- Ela sabia que não deveria estar falando com um homem, que deveria estar isolada, mas ele lhe dera licença com a pancadinha no ombro. - Esta mulher gostaria de falar com o chefe, se lhe for permitido.

- Você não merece falar, mulher. Mas o Mog-ur invocou proteção para o seu caso. Se eu quiser que você fale, os espíritos permitirão. Você tem razão. Tem sido muito desobediente, o que tem a dizer em seu favor?

- Esta mulher está agradecida. Esta mulher conhece os costumes que regem os clã Ela deveria desfazer-se da criança, tal como a curandeira falou, mas, ao invés disso, fugiu. Esta mulher ia voltar no dia de seu filho receber no me para que o chefe tivesse de aceitá-lo no clã.

- Você voltou cedo demais - gesticulou Brun, triunfante. - Ainda não chegou o dia de ele receber nome. Posso ordenar à curandeira tirá-lo de você nesse instante. - Enquanto falava, percebeu que a tensão que vinha sentindo nas costas desde que Ayla partira havia relaxado, ao mesmo tempo que fazia o apanhado da situação: pelos costumes dos clãs, só se a criança vivesse sete dias é que ele estaria na obrigação de aceitá-la. O prazo ainda não se extinguiu, ele não precisava aceitá-la, não perdera ainda o prestígio, estava outra vez em pleno comando.

Ayla, involuntariamente, apertou mais o bebê contra o peito, amarrado a seu corpo por uma cinta e, então, prosseguiu:

- Esta mulher sabe que ainda não chegou o dia de seu filho receber nome. Esta mulher compreendeu que era errado tentar fazer o chefe aceitar a criança. não compete à mulher decidir se seu filho deve morrer ou viver. Só o chefe pode ter essa decisão. Foi por isso que esta mulher voltou.

Brun olhou para o rosto ansioso de Ayla. Pelo menos tomou juízo ainda em tempo, pensou consigo.

- Se você conhecia os nossos costumes, por que voltou então com essa criança deformada? Iza disse que você não seria capaz de cumprir com o seu dever de mãe. Será que já está preparada para desistir do filho? Você quer que a curandeira faça isso por você?

Ayla hesitou, imóvel, curvada sobre o filho.

- Esta mulher desistirá de seu filho se o chefe ordenar. - Ela gesticulava devagar, dolorosamente, fazendo enorme esforço sobre si, como se uma faca estivesse sendo cravada em seu coração. - Mas esta mulher prometeu a seu filho que não o deixaria ir sozinho para o mundo dos espíritos. Se o chefe decidir que o bebê não poderá viver, ela pede para ser amaldiçoada - dizendo isso, abandonou a linguagem protocolar. - Eu imploro, Brun, deixe meu filho viver. Se ele tiver de morrer, eu não quero mais viver.

A súplica ardorosa de Ayla surpreendeu Brun. Ele sabia de casos de algumas mulheres que, apesar de os filhos terem nascido deformados e com defeitos físicos graves, queriam conservá-los, a maioria, entretanto, sentia-se aliviada em se desfazer das crianças o quanto antes e o mais discretamente possível. Um filho deformado estigmatizava a mãe. Apregoava sua incompetência e a incapacidade para produzir crianças perfeitas. Um fato desses tornava a mulher menos desejável. Ainda que a deformidade fosse pequena e não se constituísse num problema de maior gravidade, havia considerações de ordem de status e de futuros companheiros. Além disso, poderia ser difícil para as mães, se seus filhos ou os companheiros de suas filhas não fossem capazes de mantê-las na velhice. Embora nunca fossem morrer de fome, a vida delas poderia ser bem desgraçada. O pedido de Ayla não tinha precedentes. Amor de mãe é forte, mas tanto assim, a ponto de querer seguir junto com o filho para o outro mundo?

- Você quer morrer junto com seu filho deformado? Por quê? - perguntou Brun.

- Meu filho não é deformado - respondeu Ayla, sem qualquer tom de desafio. - Ele é apenas diferente. Eu sou diferente. Eu não pareço com as pessoas da raça dos clãs E meu filho também. Todo bebê que eu tiver vai parecer com este, caso meu totem seja novamente derrotado. Nunca permitirão um filho meu viver. Se todos os meus filhos terão de morrer, eu não quero viver.

Brun olhou na direção do Mog-ur.

- Se uma mulher engolir o espírito do totem de um homem, o bebê não deveria se parecer com ele?

- Deveria, mas não se esqueça de que ela também tem um totem de homem. Talvez seja esse o motivo por que ele tenha lutado tanto. O Leão da Caverna pode ter desejado participar da nova vida. Pode ser que exista qualquer coisa assim como ela diz. Eu teria de meditar sobre isso.

- Mas a criança seria ainda considerada deformada?

- Isso muitas vezes acontece, quando o totem de uma mulher nega a submeter-se completamente. A gravidez dela torna-se difícil e deforma o bebê respondeu o Mog-ur. - Nesse caso, o que mais me surpreende é o fato de a criança ter nascido homem. Quando o totem de uma mulher trava uma batalha muito violenta, normalmente nasce uma criança do sexo feminino. Mas nós ainda não vimos o bebê, Brun. Talvez devêssemos examiná-lo.

Deveria me incomodar com isso?, perguntou-se Brun. Por que não amaldiçoá-la de uma vez, e nos desfazemos logo da criança? A volta antes do tempo e a humildade de Ayla, cheia de arrependimento, fizeram bem ao orgulho ferido do chefe, mas ele ainda estava longe de amolecer. Estivera a ponto de perder sua autoridade por causa dela, e esse não era o primeiro problema que Ayla lhe trazia. Havia voltado, mas o que iria aprontar da próxima vez? Além disso, havia a reunião dos clãs, como Broud não se cansava de avisá-lo.

Uma coisa era deixar Iza pegar uma estranha criança e levá-la para o seu clã, e outra bem diferente era a impressão que causaria nos demais clãs, ele chegando à reunião com uma mulher nascida dos Outros. Agora, olhando retrospectivamente, perguntava-se como tinha podido tomar tantas decisões tão pouco ortodoxas. Cada uma delas, a seu tempo, não parecia tão despropositada. Mesmo deixar uma mulher caçar teve sua lógica na época. Mas, todas somadas e encaradas do ponto de vista de alguém de fora, o efeito era de uma total derrocada dos costumes. Ayla fora desobediente, merecia ser punida, e amaldiçoá-la significava acabar com todos os seus problemas.

Mas uma maldição de morte representava séria ameaça ao clã e ele, já uma vez por causa dela, os havia deixado expostos aos maus espíritos. A volta voluntária impedira que ele caísse em

desgraça... Iza provavelmente tinha razão. Ayla, abalada com o parto e a dor, devia ter perdido a cabeça. Ele dissera a Iza que teria levado em consideração um pedido para deixar o bebê viver, caso isso tivesse sido feito. Bom, agora ela estava pedindo. Tinha voltado perfeitamente consciente da falta que cometera, consciente e querendo arcar com a culpa, pedindo pela vida do filho. Brun podia, pelo menos, examinar a criança. Ele não gostava de tomar decisões apressadas. De repente, fez um gesto para Ayla, indicando a fogueira de Creb, e se afastou.

Ayla correu para os braços de Iza que a esperava. Se nada mais fosse possível, teria, quando muito, visto pela última vez a mulher que era a única mãe que conhecera na vida.

- Vocês todos tiveram oportunidade de examinar a criança - disse Brun. - Em circunstâncias normais, não iria incomodá-los. Esta seria uma decisão simples. Mas desejo conhecer a opinião de vocês. A maldição de morte é uma possibilidade a ser seriamente encarada e eu não quero tornar a deixar o clã exposto aos maus espíritos. Se acharem que a criança é aceitável, dificilmente poderei amaldiçoar a mãe. Ela não estando aqui, uma outra mulher teria de tomar o menino que irá viver com qualquer um de vocês que tenha no momento a companheira amamentando. No caso de se permitir ao bebê viver, a punição de Ayla seria menos severa. Amanhã será o dia em que a criança deveria receber o nome. Preciso tomar rapidamente uma decisão e o Mog-ur precisa de algum tempo para preparar a maldição se este for o castigo. Tudo isto tem de ser feito antes do despontar do sol amanhã.

- Não é só a cabeça, Brun - começou Crug a falar. Ika ainda estava amamentando o filho mais novo e Crug não tinha o menor desejo de ter o bebê de Ayla em sua fogueira.

Coisa improvável, mas sempre uma possibilidade. - Ela é bastante defeituosa e ele não consegue mantê-la erguida, porque também está faltando um suporte para aguentá-la. O que será dele quando for homem? Como vai caçar? Nunca conseguirá se sustentar, será um fardo para todo o clã.

- Você acha que existe alguma chance de o pescoço se fortalecer? - perguntou Droog. -

Se Ayla morrer, ela levará consigo uma parte do espírito de Ona. Aga deve isto a Ayla... embora eu não creia que realmente ela deseje ter um bebê deformado. Mas se Aga estiver disposta, acho que eu aceitaria, naturalmente se ele não for um fardo para todo o clã.

- O pescoço é tão comprido e magro e a cabeça tão grande que me dá a impressão de que nunca se fortalecerá o suficiente - comentou Crug.

- Na minha fogueira, eu não quero esse menino por nada. Nem vou dar-me ao trabalho de perguntar a Oga o que ela acha disso. Ele não serve para ser germano dos filhos dela. Isso faria do menino irmão de Brac e Grev, coisa que eu jamais permitiria. Brac irá sobreviver ainda que ela carregue um pedacinho de seu espírito. Nem sei por que você está perdendo tempo em discutir este assunto, Brun. Você já estava pronto para amaldiçoá-la. Só porque ela chegou um pouquinho mais cedo, já está disposto a recebê-la de volta e falando em assumir seu filho deformado - gesticulou Broud, cheio de fel.

"Ela o desafiou quando fugiu, o fato de voltar não diminui sua falta. O que há aqui para ser discutido? O bebê é deformado e ela tem de ser amaldiçoada, fora disso não há o que falar.

Por que você está sempre nos fazendo perder tempo com essas reuniões discutindo problemas dela? Se eu fosse chefe, essa mulher já estaria amaldiçoada há muito tempo. É desobediente, insolente e má influência para as outras. Como explicar essa atitude agora de Iza?

- A raiva de Broud ia aumentando e seus gestos cada vez ficavam mais exaltados. - Ela merece ser amaldiçoada, Brun. Como consegue pensar em outra coisa, fora desta possibilidade? Como não pode ver esse fato? Você está cego? Ela nunca prestou. Se eu fosse chefe, antes de mais nada, ela não teria sido aceita neste clã. Se eu fosse chefe.

- Mas você ainda não é, Broud - retrucou Brun, com frieza. - E tal vez nunca seja, se não conseguir controlar-se melhor. Ela é apenas uma mulher, Broud, por que você se sente tão ameaçado por Ayla? O que ela lhe poderia fazer? É obrigada a obedecê-lo. não tem

outra alternativa sengo esta. Se você fosse chefe, se você fosse chefe, é tudo quanto sabe dizer? Que chefe é esse que é capaz de pôr em risco todo um clã só porque está com pressa de matar uma mulher? - Brun, por sua vez, estava a ponto de perder o controle. Já aguentara tudo o que podia do filho de sua companheira.

Os homens se sentiam incomodados e ao mesmo tempo escandalizados. Aquela guerra declarada entre o presente e o futuro chefe era um fato lastimável. Broud, certamente, havia passado dos limites, mas eles já estavam acostumados com os seus rompantes. A aflição era por causa de Brun, nunca haviam visto o chefe naquele estado, a ponto de perder o seu controle. E jamais também Brun tinha questionado publicamente as qualificações para chefe do filho de sua companheira. Durante um momento de tensão os dois ficaram se olhando numa guerra de nervos. Broud baixou os olhos primeiro. Já não tendo mais sua autoridade ameaçada, Brun estava novamente firme no comando. Ele era o chefe e ainda não estava preparado para aposentar-se. Isso botou Broud de sobreaviso, suas bases não estavam tão firmes quanto imaginava.

Tratou de dominar o sentimento de impotência e de amarga frustração que se avolumava em seu peito. Ele continua favorecendo-a, pensou Broud. Como é que pode? Eu sou o filho da companheira dele e ela não passa de uma mulher feia. O rapaz lutava para manter a calma e engolir o ressentimento que lhe envenenava a alma.

- Este homem lamenta ter dado motivos para que o chefe interpretasse mal suas palavras - falou Broud, por meio de gestos protocolares. - A preocupação deste homem é em relação aos caçadores que um dia ele irá conduzir, se o chefe atual julgar que este homem tem capacidade para tanto. Mas como alguém que tem uma cabeça que não consegue equilibrar sobre o pescoço poderá caçar?

Brun, furioso, encarava Broud com olhar duro. Os gestos da linguagem formal tinham um sentido de inconsistência que Broud inconscientemente deixava transparecer nas suas expressões e posturas. O sarcasmo contido nas respostas extremamente polidas irritava mais o chefe do que se houvesse, entre os dois, uma disputa

franca e aberta. Broud tentava esconder seus sentimentos, e Brun o percebia. Mas o chefe estava envergonhado consigo por ter perdido a calma. Tinha consciência de que Broud com suas observações cada vez mais depreciativas fazia com que se pusesse em dúvida o seu julgamento. Seu orgulho fora tocado num ponto sensível, mas isso não era suficiente desculpa para fazê-lo perder o controle, a ponto de desacreditar na frente de todos o filho de sua companheira.

- Você já disse o que tinha a dizer, Broud - gesticulou Brun, secamente. - Posso imaginar que o menino ao crescer se constituirá num fardo para o chefe que me sucederá e para o outro que virá depois desse, mas a decisão ainda continua sendo minha. Farei o que achar melhor. Eu não disse que o bebê será aceito, Broud, ou que a mulher não será amaldiçoada. Minha preocupação é com o clã não com ela ou com a criança. Uma maldição de morte pode pôr todos nós em perigo. Há espíritos malignos que custam a ir embora, depois de soltos, e isto pode nos trazer azar. Acho que a criança é muito deformada para viver, mas Ayla está inteiramente cega. Ela não consegue ver a deformidade do filho. Talvez o enorme desejo de ter um bebê haja afetado sua cabeça. Quando voltou, pediu-me para amaldiçoá-la, se o filho não fosse aceito. Pedi a opinião de vocês, porque queria saber se alguém mais viu qualquer coisa na criança que eu não percebi. Uma maldição de morte, seja para punir ou atender seu desejo, continua sendo uma decisão que não se pode tomar levemente.

Broud já não se sentia tão frustrado. Afinal, Brun talvez não a estivesse favorecendo, pensou ele.

- Você está certo, Brun - disse o rapaz, com ar arrependido. - Um chefe precisa sempre pensar nos riscos que podem advir para o clã. Este homem está agradecido por poder contar com um chefe sábio para instruí-lo.

Brun sentiu sua tensão diluir. Nunca pensou seriamente em substituir Broud. Ele continuava sendo o filho de sua companheira, o filho de seu coração. Ter o autodomínio nem sempre é coisa fácil, disse Brun consigo, lembrando-se de sua própria irritação de

minutos antes. Broud tem apenas um pouco mais de dificuldade que os outros, mas ele está melhorando.

- Alegra-me ver que compreendeu, Broud. Quando você for o chefe, será responsável pela segurança e o bem-estar do clã. - O comentário de Brun serviu para Broud saber que ainda continuava como herdeiro e também para aliviar a tensão dos caçadores. Dava-lhes segurança saber que os tradicionais critérios que presidiam a hierarquia do clã estavam sendo mantidos. Nada os perturbava mais do que a incerteza em relação ao futuro.

- É no bem-estar do clã que estou pensando, Brun - gesticulou Broud. - não desejo um homem em meu clã que não possa caçar. Para que vai servir o filho de Ayla? A desobediência dela merece um severo castigo e se ela deseja ser amaldiçoada, estamos satisfazendo seu desejo. Estaremos bem melhor sem esses dois aqui. Ayla deliberadamente desafiou nossas tradições portanto, não merece viver, e seu filho é tão deformado que também não merece.

Todos se entreolharam concordando com a cabeça. Brun notou um quê de insinceridade na argumentação extremamente racionalizada de Broud, mas deixou a coisa passar. A animosidade entre os dois desaparecera e ele não queria provocar novamente mais atritos.

Travar uma luta aberta contra o filho de sua companheira perturbava tanto Brun como os outros.

Brun sentiu que devia juntar-se aos outros na concordância, mas alguma coisa o fazia hesitar. É o que se tem a fazer, pensou. Desde o princípio ela se constituiu num problema para todos nós. Naturalmente Iza vai ficar aborrecida, mas não prometi poupar nenhum dos dois. Só disse que ia pensar no assunto. Nem mesmo cheguei a dizer que olharia o bebê, se ela voltasse. E quem, afinal, esperava que fosse voltar? Justamente aí é que reside o problema com ela, nunca se pode prever o que acontecerá. Se a tristeza de Iza deixá-la muito abatida, bom, ainda temos Uba. Afinal de contas, é Uba que realmente pertence à linhagem, e a menina poderá aprender um pouco mais com as outras curandeiras durante a próxima reunião de clãs.

Se uma parte do espírito de Brac morrer com Ayla, será que ele está perdendo um pedaço muito grande do espírito? Mas se Broud não está se importando com isso, por que eu me deveria preocupar? Ele tem razão, ela merece o maior dos castigos. E esse amor tão grande por um bebê não é normal. O que provam essas histórias de mulheres velhas? Ela não consegue nem enxergar que o filho é deformado... deve estar mesmo fora de seu juízo. Será que dói tanto para ter um filho? Os homens passam por piores coisas. Muitos de nós somos obrigados a caminhar feridos, morrendo de dor depois de uma caçada. Claro, ela não passa de uma mulher, não se pode esperar que aguente muita dor. Gostaria de saber até onde ela foi. A caverna de que falou não pode estar muito longe daqui, ou pode? Ela quase morreu para ter a criança, estava fraca demais para andar uma distância muito grande, mas por que será que não encontramos o lugar?

E depois, se eu deixar que ela viva, vou ter que levá-la à reunião de clã O que irão pensar os outros? Pior ainda seria se eu deixasse o filho viver. O certo é fazer isso, todos são dessa opinião e, talvez, já não houvesse tantos problemas com Broud. Pode ser que ela não estando mais aqui, ele aprenda a controlar-se melhor. Broud é um caçador corajoso e dará um bom chefe. Era só ter um pouquinho mais de senso de responsabilidade e um pouquinho mais de controle sobre si. Para o bem de Broud, talvez eu faça isso. Em benefício do filho de minha companheira, seria melhor que ela fosse embora. Sim. isto que é o certo, realmente é. É o que se tem a fazer, não é?

- Cheguei à decisão que tinha de tomar - gesticulou Brun. - Amanhã é o dia de a criança receber nome. Às primeiras luzes, antes do sol romper...

- Brun! - interrompeu o Mog-ur.

Ele se tinha mantido fora da discussão e desde o nascimento do filho de Ayla que as pessoas pouco o viam. Passava a maior parte do tempo na pequena caverna, procurando na sua alma uma explicação para o comportamento de Ayla. Sabia como havia sido dura para Ayla sua luta para aceitar os costumes dos clãs e achara que ela havia conseguido superar suas dificuldades. Estava

convencido de que existia alguma coisa mais, alguma coisa que ele não percebeu e que a levou a ato tão extremo.

- Antes que você se comprometa, o Mog-ur pede a palavra.

Brun olhou para o feiticeiro. A expressão era enigmática como sempre. O chefe nunca fora capaz de ler no rosto do Mog-ur. O que terá ele a dizer que eu ainda não saiba? Já estou resolvido a amaldiçoá-la e ele sabia disso.

- Que fale o Mog-ur.

- Ayla não tem companheiro, mas ela sempre foi sustentada por mim. Sou o seu responsável. Se você permitir, falarei na qualidade de companheiro dela.

- Fale, se assim o desejar, Mog-ur. Mas que outra coisa tem a acrescentar? Já pensei no grande amor que Ayla tem pela criança e na dor e sofrimento por que teve de passar para ter o filho. Compreendo como deve ser difícil para Iza. Sei também que isso vai abatê-la muitíssimo. Já pensei em todas as razões possíveis para desculpar as ações de Ayla, mas os fatos permanecem. Ela desafiou os costumes dos clã Seu bebê é inaceitável segundo os homens. Broud já deixou bem claro, nenhum dos dois merece viver.

O Mog-ur se pôs de pé, jogando o cajado para o lado. Envolvido pela pesada capa de pele de urso era uma figura imponente. Só os mais velhos e Brun o conheciam como algo que não era o Mog-ur. Ali estava o mais sagrado de todos os homens dentre aqueles que tinham acesso ao mundo dos espíritos, o mais poderoso feiticeiro de todos os clã Quando se deixava levar pela eloquência durante uma cerimônia, era um guardião carismático que inspirava antes de tudo temor. Alguém que afrontava forças invisíveis, muitíssimo mais assustadoras do que qualquer ataque de animal e capazes de transformar o mais corajoso dos caçadores num miserável covarde tremendo de medo. Todos ali sentiam-se seguros por tê-lo como o feiticeiro do clã e não havia nenhum que não tivesse, em algum momento da vida, sentido medo de seu poder e de seus feitiços. Apenas um, Goov, ousava pensar em ocupar seu lugar.

Somente o Mog-ur se punha entre o humano e o terrível desconhecido do qual tornara-se parte por sua aliança com este.

Isso o imbuía de uma aura sutil que o acompanhava na vida secular. Mesmo quando dentro dos limites de sua fogueira e cercado por suas mulheres, Não se pensava nele como um homem. Era alguma coisa mais, algo diferente. Ele era o Mog-ur.

Enquanto seu olho sinistro percorria um por um dos que se achavam lá, todos, inclusive Broud, estremeceram no fundo de seus seres, ao se darem conta de repente de que a mulher que estavam condenando à morte vivia em sua fogueira. Raramente, ele fazia valer o peso de sua presença fora de suas funções, mas desta vez usava-a a seu favor, O último que encarou foi Brun.

- O companheiro de uma mulher tem o direito de interceder pela vida de uma criança deformada. Estou-lhes pedindo para poupar a vida do filho de Ayla e, em benefício dele, a vida dela também.

Todas as razões que Brun poucos minutos antes se dera para poupar a vida de Ayla pareceram agora ganhar peso e consistência, e os argumentos contrários mostravam-se insignificantes. Ele quase concordou, baseando-se exclusivamente na força do pedido do Mog-ur, mas para poder provar também a força de seu próprio caráter não o fez. não podia capitular tão facilmente na frente de seus homens; assim, a despeito do enorme desejo de entregar-se à magia daquela poderosa figura, manteve-se firme.

Ao perceber que passara aquele instante de indecisão de Brun e que seu rosto voltara a assumir um ar de firme decisão o Mog-ur se transfigurou diante dos olhos do chefe. Seu caráter sobrenatural desapareceu. Transformou-se na figura de um pobre velho aleijado que vestia uma capa de pele de urso e tentava firmar-se o melhor que podia sobre a perna, sem a ajuda do cajado.

Quando falou, foi por meio de gestos normais, pontuados por algumas palavras grunhidas da fala cotidiana. No rosto, um ar resoluto, mas curiosamente Vulnerável.

- Brun, desde que Ayla foi encontrada que ela vem vivendo na minha fogueira. Creio que todos concordarão comigo que as mulheres e as crianças vêm no homem da casa a figura-padrão do homem do clã. Ele é o modelo, o exemplo daquilo que o homem

deveria ser. Eu sou o exemplo de Ayla e passo aos olhos dela como o padrão de homem.

“Eu sou deformado, Brun. Você acha tão estranho assim que uma mulher que cresceu tendo como modelo a figura de um homem deformado tivesse tanta dificuldade em perceber a deformidade de seu filho? A mim, falta-me um olho e um braço e a metade do meu corpo é ressequida e imprestável. Sou um homem pela metade, apesar de que Ayla, desde o início, tenha me visto como alguém perfeito. O físico de seu filho se mostra inteiro.

Ele tem dois olhos, dois braços e duas pernas. Como esperar que ela encontrasse alguma deformidade nele?

“Coube a mim a responsabilidade de educá-la. Devo assumir a culpa por suas falhas. Passei por cima de seus pequenos desvios em relação aos nossos costumes. Cheguei inclusive a convencê-lo, Brun, de aceitá-los. Eu sou o Mog-ur. Você confia em mim para interpretar os desejos dos espíritos e passou também a confiar no meu julgamento para outros aspectos da vida. Acho que não erramos tanto assim. Algumas vezes foi muito difícil para Ayla, mas eu achava que ela se tinha tornado uma boa mulher conforme os padrões do clã. Imagino agora que fui muito indulgente. Não lhe fiz ver claramente suas responsabilidades. Poucas vezes ralhei com ela e jamais lhe bati. Quase sempre deixava que seguisse seus impulsos. Agora, ela deve pagar por minhas faltas. Mas, Brun, nunca pude ser mais severo com Ayla.

“Jamais tomei uma companheira. Poderia ter escolhido uma mulher e ela teria de viver comigo, mas não o fiz. Sabe por quê? Seria você, Brun, capaz de imaginar como as mulheres olham para mim? O modo como me evitam? Quando jovem, como qualquer Outro homem, também tive a mesma necessidade de aliviar-me, mas aprendi a controlar isso depois que percebi que as mulheres viravam de costas, de modo a não ver os meus sinais. Eu não iria impor, forçar meu corpo disforme e aleijado a uma mulher que fugia de mim, que se virava com nojo de olhar para mim.

“Mas Ayla nunca me deu as costas. Desde o primeiro momento, estendeu a mão querendo tocar-me. Não tinha medo,

nem repugnância de meu aleijão. Espontaneamente deu-me sua afeição e me abraçou. Como poderia, Brun, eu me zangar com ela?

“Desde que nasci, vivo neste clã, mas nunca aprendi a caçar. Como pode um aleijado, com um único braço caçar? Fui um fardo, objeto de troças e já me chamaram de maricas. Agora, sou o Mog-ur e ninguém me ridiculariza, mas nenhuma cerimônia de passagem foi realizada em minha honra, Brun. Nem homem pela metade eu posso dizer que sou. Não sou homem nenhum. Só Ayla me respeitou e amou, como homem e como um ser integral. E eu a amo como se ela fosse a filha da companheira que não tive.

Creb encolheu o corpo, deixando escorregar a capa que usava para tapar seu físico assimétrico, com um dos lados mal formado e imprestável, e esticou o coto de braço que sempre mantinha escondido.

- Brun, este é o homem que Ayla vê como um todo perfeito. Aquele que estabeleceu para ela um padrão de homem. Este é o homem que ela ama e compara com seu filho. Olhe para mim, meu irmão! Mereço eu viver? O filho de Ayla merece menos a vida do que eu?

O clã começou a reunir-se do lado de fora da caverna à meia penumbra, antes do alvorecer. Uma chuva fina e brumosa, que punha nas pedras e árvores uma luz cintilante, amontoava-se em diminutas gotículas nas barbas e cabelos das pessoas. Tênuas nesgas da neblina que maciçamente cobriam a montanha desciam, coleantes, acumulando-se nas reentrâncias por onde passavam, enquanto massas mais densas de ruço tudo obscureciam, deixando visível só os objetos mais próximos. De forma indistinta, na meia escuridão erguia-se do mar de neblina o morro do lado este, ondulando nos limites da visibilidade.

Na sombra da caverna, Ayla, deitada sobre suas peles, observava Iza e Uba se movendo silenciosamente, alimentando o fogo e fervendo água para preparar o chá matinal. O bebê, a seu lado, fazia em sonhos ruídos de estar mamando. Ela não dormira a noite toda. A primeira alegria de rever Iza rapidamente degenerou num clima de ansiedade e tristeza. As tentativas iniciais de conversa logo esmoreceram, e as três mulheres passaram aquele longo dia,

depois da chegada de Ayla, confinadas dentro da fogueira de Creb, compartilhando seus desesperos através de olhares angustiados.

Creb não havia posto os pés em seus domínios, mas Ayla surpreendeu uma vez seu olhar, quando ele saía da gruta para se juntar aos homens na reunião convocada por Brun.

Rapidamente, ele desviou os olhos de seu rosto suplicante, mas não antes de ela ver seu olhar líquido e doce cheio de amor e piedade. Quando, outra vez, ele entrou apressado na gruta, depois da conversa com Brun realizada num ponto retirado da caverna e os dois falando com gestos comedidos, ela e Iza trocaram olhares assustados e comoventes. Brun havia tomado sua decisão e Creb estava indo preparar a parte que lhe competia para sua efetivação. não voltaram, depois disso, a ver o feiticeiro.

Iza trouxe o chá na velha cuja que por muitos anos pertencera a Ayla e se sentou em silêncio a seu lado, enquanto a jovem bebia. Uba veio juntar-se às outras, mas apenas tinha sua presença para oferecer como consolo.

- Quase todos já saíram. É melhor irmos também - gesticulou Iza, pegando a cuia da mão de Ayla.

A moça fez que sim com a cabeça, levantou e enrolou o filho na manta de carregar. Depois, apanhou a pele da cama e atirou sobre os ombros. Com os olhos brilhando e as lágrimas já prontas para correr, olhou primeiro para Iza, e depois para Uba. Soltando um grito de dor, atirou-se nos braços das duas. Por um instante, as três ficaram abraçadas. Em seguida, num passo arrastado e com o coração pesado, Ayla saiu da caverna.

Olhando para o chão, vendo de vez em quando as marcas de um pé ou de dedos, ou os contornos indistintos de algum calçado, Ayla teve a estranha sensação de estar vivendo há dois anos, quando seguia Creb para enfrentar seu outro julgamento. Brun, naquela ocasião, devia me ter amaldiçoado para sempre, pensou consigo. Devo ter nascido para ser amaldiçoada. Por que teria de passar por tudo isso novamente? Desta vez, vou para o mundo dos espíritos. Conheço uma planta que vai fazer eu e meu filho dormir e nunca mais acordar, não neste mundo. Faremos rápido a travessia e entraremos juntos no outro mundo.

Ela foi para onde Brun se encontrava e deixou-se cair no chão, ficando a olhar aqueles pés já conhecidos, envolvidos por calçados sujos de lama. Já está ficando claro, o sol daqui a pouco vai aparecer. Brun precisa apressar-se, dizia consigo, quando sentiu a pancadinha no ombro. Vagarosamente, suspendeu os olhos para o rosto barbudo de Brun.

Este entrou direto no assunto.

- Mulher, você deliberadamente desafiou os costumes dos clãs e deve por isso ser punida - disse, com gestos severos.

Ayla fez sim com a cabeça.

- Ayla, mulher do clã, você está amaldiçoada. Ninguém irá vê-la ou ouvi-la. Você ficará em total isolamento, segundo reza a maldição feminina. não poderá ultrapassar os limites da fronteira daquele que é o seu provedor, até que a próxima lua esteja na fase em que se acha agora.

Ayla, espantada, sem acreditar, olhou para o chefe com uma expressão severa no rosto. A maldição feminina! não a de morte! Nada de ostracismo total e completo, um isolamento apenas nominal, trancafiada na fogueira de Creb! Que importância havia, se ninguém no clã reconhecesse sua existência, ela tinha Iza, Creb e Uba. E passado este tempo poderia juntar-se ao clã como qualquer outra mulher. Mas Brun ainda não tinha terminado.

- Como extensão do castigo, você está proibida de caçar e até mesmo de falar em caçar, enquanto não tivermos voltado da reunião dos clãs. Até que as folhas hajam caído das árvores, não tem permissão para ir a nenhuma parte, a não ser que isto seja essencial.

Quando for procurar plantas para preparar as mágicas de curar, você terá de me dizer aonde está indo e terá de voltar prontamente, logo que o serviço esteja terminado. Jamais poderá deixar o terreno da caverna sem me pedir licença. Outra coisa. Você me mostrará o local onde se escondeu.

- Claro, claro. Qualquer coisa - disse Ayla, concordando, eufórica, como se pisasse sobre nuvens. As palavras seguintes, entretanto, atingiram-na como uma cutilada de gelo, afogando sua alegria num mar de desespero.

- Resta ainda o problema de seu filho deformado, a causa de sua desobediência. Nunca mais deverá tentar forçar um homem a ir contra sua vontade, sobretudo um chefe. Nenhuma mulher deve tentar forçar um homem a fazer o que ele não quer - falou Brun, fazendo em seguida um aceno.

Ela apertava o filho olhando na mesma direção que Brun. não podia deixar que o levassem. Isso não. O Mog-ur saía da caverna. Ela, incrédula e com o rosto rubro de felicidade, viu o Mog-ur atirar a capa de urso para o lado, deixando à mostra a cesta de vime vermelho que trazia presa entre o cotoco do braço e a cintura. Hesitante, ela se voltou na direção de Brun, sem ter muita certeza se o que estava pensando seria verdade.

- Mas a mulher pode pedir. O Mog-ur está esperando, Ayla. Se seu filho irá ser membro de nosso clã, ele precisa ter um nome - terminou Brun de dizer.

Ayla se pôs de pé e correu para o feiticeiro. Caiu a seus pés, retirando o menino de dentro de sua capa e o levantou na direção dele. O berro agudo da criança, saída do calor do corpo materno para o exterior, frio e molhado, foi saudado pelos primeiros raios de sol que despontavam por cima do morro, escoando através do denso nevoeiro.

Um nome! Ela nem chegara a pensar num nome, nem imaginava que nome poderia Creb ter escolhido para seu filho. Com gestos ritualísticos, o Mog ur invocou os espíritos dos totens do clã para que assistissem aquela cerimônia. Em seguida, estendeu a mão para a cesta, retirando um pouco de pasta vermelha.

- Durc - disse o Mog-ur em voz alta, sobrepondo-se ao berreiro forçado zangado bebê, que gritava por causa do frio. - O nome do menino é Durc.

- Desenhou, então, uma risca que partia do ponto médio entre os dois olhos e ia até a ponta do pequeno nariz.

- Durc - repetiu Ayla, segurando o filho apertado para aquecê-lo. Durc, como o Durc da lenda, disse consigo. Creb sabe que sempre foi a minha história preferida. Este não era um nome comum entre eles, e muitos se mostraram surpresos ao ouvi-lo. Mas talvez o nome, buscado lá nas profundezas da história e carregado de

conotação dúbias, fosse apropriado para um menino cujo início de vida ficara pendente do fiel de uma balança tão oscilante.

- Durc - disse Brun. Ele era o primeiro da fila. Ayla pensou ter visto um brilho de ternura nas feições severas e orgulhosas do chefe, quando ela, agradecida, olhou para ele. A maioria dos rostos era vista como uma mancha através dos olhos embaçados pelas lágrimas.

Por mais que tentasse, não conseguia contê-las, e manteve a cabeça abaixada, fazendo esforço para esconder os olhos molhados. Não consigo acreditar, não consigo, pensou. Será mesmo verdade? Você tem um nome, meu filhinho? Brun aceitou o meu bebê? Não estou sonhando? Lembrou-se, então dos nódulos brilhantes de pinta que tinha em seu amuleto.

Era um sinal. Este foi um sinal de verdade, Grande Leão da Caverna. De todos os objetos guardados no amuleto, era o que mais prezava.

- Durc ouviu Iza dizendo. Ayla levantou os olhos. A alegria no rosto da mulher, apesar de seus olhos enxutos, não era menor do que a que havia na face da jovem mãe.

- Durc - disse Uba, e acrescentou com um gesto rápido: - Estou muito feliz.

- Durc - ouviu Ayla o nome sendo dito em tom de escárnio. Levantou os olhos a tempo de ainda ver Broud dando as costas. Subitamente, lembrou-se daquela extravagante idéia que lhe ocorreu quando se achava escondida na pequena caverna, a respeito da possibilidade de a vida dos bebês ser iniciada pelos homens. O pensamento de que Broud, de certa forma, pudesse ser responsável pela concepção de seu filho fê-la estremecer. Ela estivera muito ocupada consigo mesma e não tinha percebido a batalha muda travada entre Broud e Brun. O rapaz ia recusar-se a reconhecer o mais novo membro do clã e só o fez quando recebeu ordem expressa do chefe. Ayla observou-o afastando-se do grupo, com os punhos cerrados e as espáduas contraídas.

Como pôde fazer isso? dizia Broud consigo, enfiando-se pela mata para poder estar longe da cena odiosa. Como pôde? Numa vã tentativa de desafogar a frustração ele deu um pontapé num pedaço

de madeira, fazendo-o rolar pela encosta. Como pôde? Apanhou, então um galho grosso, pondo-se a bater com ele numa árvore. Como pôde? Como pôde fazer isso? A frase ficava martelando-lhe a cabeça, enquanto dava golpes e mais golpes contra uma pequena subida, esmigalhando o seu revestimento de musgo. Como pôde permitir que ela vivesse e ainda por cima aceitar seu filho? Como pôde fazer isso?

I za, Iza! Venha depressa! Venha ver Durc! - disse Ayla, agarrando o braço da curandeira e arrastando-a da entrada para dentro da caverna.

- O que aconteceu? - gesticulou Iza, apressando o passo para acompanhar Ayla. - Está sufocando outra vez? Machucou?

- Não. Não está machucado. Olhe! - falou Ayla, orgulhosa; quando chegaram à fogueira de Creb. - Ele está com a cabeça levantada!

O menino estava deitado de barriga para baixo, olhando para as duas com seus olhos grandes e compenetrados, que começavam a perder a cor escura e imprecisa dos recém-nascidos para ter o tom de marrom quase preto dos olhos das pessoas da raça dos clãs. A cabeça oscilou com o esforço e depois voltou a cair sobre a manta de pele. Enfiou, então a munheca na boca, pondo-se a sugá-la ruidosamente, alheio ao rebuliço que seus esforços estavam provocando.

- Se ele consegue fazer isso ainda tão pequeno, vai aguentar firmar a cabeça quando crescer, não acha? - argumentou Ayla.

- Não se deixe levar muito pela esperança - respondeu Iza. - Mas já é um bom sinal.

Creb entrou na caverna com uma expressão vaga, distante, parecendo nada ver. O olhar característico que tinha quando se achava perdido em seus pensamentos.

- Creb! - chamou Ayla, correndo em sua direção. Sacudido de seu mundo, o feiticeiro ergueu os olhos voltando à realidade. - Durc levantou a cabeça, não é verdade, Iza?

Iza confirmou.

- Hummn! - grunhiu ele. - Se está ficando tão forte assim, então acho que já é tempo.

- Tempo para quê?

- Andei pensando e acho que deveria celebrar sua cerimônia de totem. Ele ainda é muito pequeno, mas algumas impressões muito fortes têm chegado a meu espírito. O totem dele se tem manifestado a mim. Não há razão para esperar. Daqui a pouco todos vão estar muito ocupados, aprontando-se para a viagem, e a cerimônia deve ser realizada antes da reunião dos clã; não seria bom para o menino viajar com o seu totem ainda sem ter um lar. - Ao olhar para Iza, ele se lembrou de qualquer coisa. - Iza, você tem quantidade que chegue de raízes para a cerimônia? não sei quantos clã vam estar lá. Da última vez, um dos clã que se mudou para uma caverna mais para leste estava pensando em ir à reunião dos clã ao sul das montanhas. A distância é um pouco maior para eles, mas a viagem mais fácil. O velho Mog-ur estava contra, mas seu acólito queria ir. Trate de arrumar uma boa quantidade.- não vou à reunião dos clãs Creb. - O desapontamento dela era visível. - não posso fazer uma viagem tão longa assim. Vou ter que ficar aqui.

Claro, que bobagem a minha, pensou ele, olhando a figura magra de Iza, com os cabelos quase todos brancos. Iza não vai poder ir. Por que não pensei nisso antes? Ela está muito doente. Achei até que fosse nos deixar no último outono. Não sei como Ayla conseguiu botá-la de pé. Mas, e a cerimônia? Somente as curandeiras de sua linhagem conhecem o segredo da bebida especial. Uba é muito pequena. Tem de ser uma mulher... Ayla! Sim, que tal Ayla? Iza poderia ensiná-la antes de partirmos. De qualquer modo já é tempo de ela se transformar em curandeira.

Creb observava Ayla, enquanto a moça se debruçava para pegar o bebê, vendo-a de repente sob um ângulo crítico como há muitos anos não o fazia. Mas será que vão aceitá-la? Tentava enxergá-la tal como os outros clã iriam vê-la. Os cabelos dourados caíam soltos ao redor de seu rosto chato, enfiados atrás das orelhas e partidos mais ou menos ao meio, deixando à mostra sua testa abaulada. O corpo era sem dúvida o de uma mulher, porém mais delgado, fora a barriga um pouco flácida. As pernas eram longas e retas e, de pé, muito mais alta do que ele.

Não se parece com uma mulher dos clã pensou. Vai atrair atenção de mais e tenho medo de que isso não lhe seja muito favorável. Parece que o melhor a fazer é esquecer esta cerimônia. Os outros mog-urs podem não aceitar a bebida preparada por Ayla. Bem, mas não custa tentar. Se ao menos Uba fosse um pouquinho mais velha. Talvez Iza possa ensinar as duas, se bem que não acredito que eles aceitem tanto uma menina como uma mulher nascida dos Outros. Acho que vou ter uma conversa com Brun. Em todo o caso, se vou ter de invocar os espíritos para a cerimônia de Durc, podemos aproveitar a ocasião para fazer de Ayla uma curandeira.

- Preciso ver Brun - gesticulou de repente Creb, indo para a fogueira do chefe, mas antes ainda se virou para Iza, dizendo: - Acho que você deveria ensinar as duas a fazer a bebida. Ayla e Uba, só que não sei se vai adiantar muito.

Capítulo 22

- Iza, não consigo encontrar a bacia que você me deu para dar à curandeira do clã hospedeiro - gesticulou Ayla, afobada depois de ter revistado pilhas de comidas, peles e uma série de utensílios amontoados no chão, perto do seu lugar de dormir.

- Já olhei por tudo quanto é canto.

- Você já embrulhou, Ayla. Calma, menina, ainda há tempo. Brun só vai sair depois que acabar de comer. O melhor é você se sentar e também comer. Seu mingau está esfriando.

Uba, você também. Nunca vi tanta confusão. Passamos todas as coisas em revista ontem de noite. Está tudo pronto.

Creb estava sentado sobre a esteira com Durc no colo, observando, divertido, o nervosismo dos últimos momentos.

- Elas não são diferentes de você, Iza. Por que você também não se senta e come?

Iza.

- Vou ter tempo de sobra depois de vocês terem partido - respondeu

Creb apoiou Durc contra o ombro que, naquela posição vantajosa, pôs-se a observar o ambiente a seu redor.

- Veja como o pescoço do bebê está forte - observou Iza. - Ele já não tem a mínima dificuldade em ficar com a cabeça levantada. É incrível, desde a sua cerimônia de totem, dia a dia, vai ficando mais forte. Deixe-me segurá-lo. não vou poder pegar nele durante todo esse verão.

- Talvez seja por isso que o Lobo Prateado me apressou para celebrar a cerimônia dele - gesticulou Creb. - Ele estava querendo ajudar o menino.

Creb se recostou, pondo-se a observar sua pequena prole. Ele estava ali como o patriarca.

Embora nunca houvesse falado, sempre almejou ter uma família como a dos outros homens. Agora, na idade avançada, tinha duas mulheres adoráveis que faziam tudo o que podiam por seu

conforto, uma menina que ia no mesmo caminho das outras e um garotinho para ninar, tal como já tinha feito com as duas meninas. Ele havia conversado com Brun a respeito da educação de Durc. O chefe não podia permitir que um membro varão do seu clã crescesse sem as qualificações necessárias a um caçador. Quando aceitou Durc, sabia que a criança iria viver na fogueira de Creb e se sentia responsável por ela. Ayla ficara muito agradecida a Brun, quando este, durante a cerimônia do totem de Durc, anunciou que ele, pessoalmente, se encarregaria do treinamento do menino, no caso de ele se tornar suficientemente forte para caçar. E ela não podia pensar em ninguém melhor para educar seu filho.

O Lobo Prateado é um bom totem para menino, disse Creb consigo, mas isso me faz pensar. Alguns lobos andam em bandos e outros são solitários. Qual deles seria o totem de Durc?

Depois de tudo embrulhado e posto em trouxas bem amarradas nas costas de Ayla e Uba, eles vieram todos juntos para fora da caverna. Iza deu um último abraço em Durc, com o nariz colado no seu pescoço. Ajudou Ayla a enrolá-lo na manta de carregar bebês e tirou alguma coisa de dentro da dobra de sua roupa.

- Isso é para você levar, Ayla. Você é agora a curandeira do clã - falou ela, dando-lhe o saco vermelho que guardava as raízes especiais. - Vocês se lembram de cada uma das coisas que têm de fazer? Nada pode ser esquecido. Eu queria mostrar como se faz, mas essa mágica não pode ser preparada fora das ocasiões especiais. Ela é sagrada demais e não pode ser jogada fora ou usada em qualquer cerimônia. Só naquelas que são muito importantes. E não se esqueçam disso, não são apenas as raízes que fazem a mágica. Vocês devem se arrumar com o mesmo cuidado com que preparam a bebida.

Uba e Ayla balançavam a cabeça dizendo ter entendido, enquanto Iza apanhava a preciosa relíquia e a metia dentro da sacola de remédios. No dia em que Ayla se havia tornado curandeira, Iza lhe dera sua bolsa de pele de lontra que a fazia lembrar-se da outra que Creb queimara. Ayla pegou no seu amuleto apalpando o quinto objeto que passou a carregar dentro dele: um

pedaço preto de dióxido de manganês, que se foi juntar aos três nódulos de pirita de ferro ao ovo vermelho de marfim, ao fóssil de um gastrópode e ao torrão de ocre.

O corpo de Ayla, no dia em que ela se tornou repositório de uma parte dos espíritos de cada membro do clã e, através de Ursus, de todos os clãs espalhados pelo mundo, fora ungido com um unguento feito do pó de uma pedra negra misturado com gordura. Somente para os ritos mais sagrados e importantes o corpo da curandeira era estampado com desenhos pretos e somente as curandeiras carregavam uma pedra negra em seus amuletos.

Ayla desejava que Iza pudesse ir com eles e estava preocupada em deixá-la. Frequentemente, acessos de tosse estavam fazendo sacudir o corpo frágil da mulher.

- Iza, tem certeza de que vai ficar bem? - gesticulou Ayla, depois de lhe dar um abraço rápido. - Sua tosse está pior.

- Sempre piora no inverno, mas depois melhora no verão. Além disso, você e Uba pegaram tantas raízes de ênula que imagino não ter sobrado mais nenhum pé por aqui.

Provavelmente não vai haver também nesta estação framboesas pretas, com todas aquelas raízes que vocês duas trouxeram para misturar com as flores de meu chá. Vou ficar muito bem. não se preocupem comigo - assegurou Iza.

Ayla, porém, sabia que o alívio dado pelos remédios, na melhor das hipóteses, era temporário. Há anos que Iza vinha se medicando com suas plantas. A tuberculose estava avançada demais para que sua medicina pudesse produzir algum efeito.

- Não deixe de sair quando fizer sol e trate de descansar bastante - insistiu Ayla. - não vai haver muito o que fazer por aqui e há muita comida e lenha. Zoug e Dorv podem manter a fogueira acesa para espantar os bichos e os maus espíritos. A cozinha, você deixa por conta de Aba.

- Está bem, está bem - concordou Iza. - Vá depressa agora. Brun está pronto para partir.

Ayla tomou o seu lugar de sempre na retaguarda, enquanto todos olhavam para ela esperando.

- Ayla - gesticulou Iza - ninguém vai andar enquanto você não for para o seu lugar certo.

Envergonhada, Ayla se dirigiu para a frente do grupo das mulheres. Ela se tinha esquecido de seu novo status. Com o rosto vermelho de embaraço, postou-se no primeiro lugar da fila, à frente de Ebra. Sentia-se sem jeito, não lhe parecendo justo ocupar a primeira posição. Acenou, então para a companheira do chefe pedindo desculpas, mas Ebra já estava acostumada com o seu segundo lugar. No entanto, estranhava ter Ayla na frente e não Iza.

Será que ainda terei mais uma reunião de clã depois desta? perguntou-se.

Iza e os outros três que já estavam velhos demais para a viagem acompanharam o clã até o morro e de lá só saíram quando avistavam apenas um pequeno ponilho na planície embaixo. Voltaram, então para a caverna vazia. Aba e Dorv haviam perdido a última reunião de clã e estavam quase surpresos por estar perdendo uma outra, mas, para Zoug e Iza, aquela era a primeira vez. Apesar de que Zoug, ocasionalmente, ainda saísse com sua funda, cada vez mais estava voltando de mãos vazias, e quanto a Dorv, ele enxergava muito pouco para poder sair.

Os quatro, embora estivesse quente o dia, se encolheram ao redor da fogueira na entrada e ali permaneceram sem fazer qualquer tentativa para iniciar alguma conversa. Subitamente, Iza foi acometida por um acesso forte de tosse que desprendeu uma massa de catarro sangrento. Foi para sua fogueira descansar e, pouco depois, os outros estavam entrando na caverna, cada qual indo para a respectiva fogueira, onde ficaram sentados sem fazer nada. Eles não se viram envolvidos pelo clima de excitação de uma longa viagem ou da expectativa dos reencontros com parentes e amigos de outros clãs. Sabiam que teriam um verão triste, insuportavelmente solitário.

A temperatura fresca de princípio de verão na região temperada em que se situava a caverna se modificava na planície aberta das estepes continentais do lado este. O verde exuberante das folhagens que revestia os arbustos e as velhas árvores

desaparecia, revelando-se apenas no nascer sazonal dos pinheiros com seus vértices em tons mais claros.

Em compensação raízes, brotos novos e pastagem batendo à altura do peito, cujo verdor juvenil perdera-se numa cor indefinida entre o verde e o amarelo, estendiam-se até o horizonte. A vegetação densa e emaranhada da estação passada amortecia os passos, enquanto o clã ia seguindo seu caminho através da pradaria sem fim, deixando atrás de si uma onda denunciadora de sua passagem. Raramente, alguma nuvem manchava o céu a perder de vista, por causa de umas poucas tempestades e, assim mesmo, vistas quase sempre ao longe. A água na superfície era escassa. Paravam em todos os rios que encontravam para encher os cantis, nunca sabendo se achariam algumà no lugar em que acampariam para dormir.

Brun marcou o ritmo de seu passo, levando em consideração os mem bros mais lentos do grupo, mas sem deixar de pressioná-los a ir sempre em frente. Teriam que percorrer um longo caminho até chegar à caverna do clã hospedeiro, no alto das montanhas do território continental a leste. Era uma dura jornada, principalmente para Creb, mas a expectativa da grande reunião e das cerimônias que iria presidir levantava seu ânimo, dando-lhe forças.

Apesar de ter o corpo aleijado e atrofiado e, ainda por cima, devastado pela artrite, isso em nada diminuía o poder mental do grande feiticeiro. O sol quente e as plantas analgésicas de Ayla ajudavam a aliviar as dores em suas juntas e, após algum tempo, o exercício fortaleceu-lhe os músculos, mesmo os da perna de que ele pouco se servia.

Os viajantes entraram numa rotina monótona, um dia fundindo-se no outro com enfadonha regularidade. O avanço na estação se fazia tão gradual mente que mal perceberam quando o sol se converteu numa bola de fogo abrasadora que torrava a planície, fazendo dela uma paisagem monocrômica de terra amarelada, relva pardacenta e rochedos beges contra um céu empoeirado num tom opaco, quase amarelo. Por três dias tiveram os seus olhos ardendo com a fumaça e cinzas que as correntezas de vento traziam de um incêndio que varrera a planície. À medida que

iam caminhando, passavam por dezenas de milhares de animais alimentados pelas pastagens da planície: imensas manadas de bisões, cavalos, asnos, onagros e, mais raramente, bandos de antilopes saigas, com os seus cornos crescendo retos na parte superior da cabeça e ligeiramente curvos na ponta.

Bem antes de aproximar-se do istmo pantanoso que tanto servia como ponto de união da península com o continente, como de escoadouro para o mar, a noroeste, de águas salgadas e pouco profundas, avultou-se diante deles o maciço de montanhas cuja altura era superada apenas por outra no mundo. Mesmo os picos mais baixos revestiam-se de neves eternas que chegavam até a metade das encostas, glacialmente impassíveis diante do calor causticante na planície. Quando o nível da pradaria começou a fundir-se com o das colinas pequenas e arredondadas, entremeando capim-do-prado e estipe com o vermelho do minério de ferro - o ocre na cor sagrada que fazia dali um terreno santo - Brun compreendeu que a parte pantanosa e salgada já não devia estar muito distante. Esta era uma ligação secundária e mais estreita, pois a conexão principal da península com as terras continentais era a que ficava mais ao norte, formando parte do limite ocidental do mar interno menor.

Por dois dias, lutaram na travessia do pântano pútrido, infestado de mosquitos, de águas estagnadas, cortado por uns poucos canais, antes de alcançarem o território continental.

Cárpeas e carvalhos raquíticos foram logo sucedidos pelas sombras frescas e bem-vindas de um bosque de belos carvalhos. Passaram por um outro bosque quase exclusivamente composto de faias e umas poucas nogueiras e entraram numa floresta de espécies variadas, onde, além dos carvalhos em predominância com os seus troncos ornados de heras e clematites, viam-se buxos e teixos. Os cipós foram rareando, mas ainda subiam por uma ou outra árvore, quando eles atingiram uma zona com abetos e pinheiros misturados com as faias, bordos e cárpeas. A parte ocidental da cadeia de montanhas era a mais úmida, densamente coberta por florestas e onde a linha de neve se encontrava mais baixa.

Ali, surpreenderam bisões da floresta, veados, cabritos monteses e alces. Viram javalis, raposas, texugos, lobos, lince, leopardos, onças e muitos outros animais de pequeno porte, mas nenhum esquilo. Ayla sentia estar faltando qualquer coisa na fauna daquelas montanhas, até que deu pela ausência da quele pequenino bichinho familiar, a qual, no entanto, foi amplamente compensada pela primeira visão do urso da caverna.

Brun ergueu a mão para cima em sinal de parada, depois apontou para a frente na direção de uma monstruosa massa de pêlos que esfregava as costas contra uma árvore. Até mesmo as crianças perceberam o temor com que os adultos encaravam o enorme vegetariano. Sua presença física era impressionante. Os ursos marrons, existentes tanto nas suas montanhas como naquelas, pesavam em média 150 quilos, enquanto o peso do urso macho da caverna, durante o verão quando estava relativamente magro, chegava perto de 500 quilos. No final do outono, depois de ter acumulado gordura para enfrentar o inverno, possuía volume bem mais avantajado. Era três vezes mais alto do que os homens do clã e, com sua imensa cabeça e seu manto de pêlo alto, parecia ter um volume ainda maior. Ali, preguiçosamente coçando as costas num velho tronco de árvore, mostrava-se alheio às pessoas, à pequena distância dele, inteiramente paralisadas em suas pernas. Ele não tinha muito por que ter medo, simplesmente ignorava presenças estranhas. Sabia-se que os ursos marrons que habitavam os terrenos perto de sua caverna eram capazes de, com um único murro dado com a pata dianteira, quebrar o pescoço de um possante veado. O que, então não faria aquele ali? Somente um outro macho, durante a época do cio, ou a fêmea da espécie querendo proteger seus filhotes - ousava enfrentá-lo. A fêmea, por sinal, invariavelmente levava a melhor.

Entretanto, não era apenas a fantástica estatura do animal que deixavam o clã inteiramente petrificado. Ali, achava-se *Ursus*, a figura que personificava os clãs. Era um parente deles, e até mais ainda, incorporava-lhes a própria essência. Seus ossos eram tão sagrados que tinham força para desviar o mal. O parentesco que

sentiam era um elo espiritual, muito mais significativo do que o de sangue.

Através do espírito de Ursus, todos os clãs se uniam num só, e a reunião a que iam agora assistir, depois de uma longa viagem, devia a ele sua significação. Era a sua essência que os tornava a raça dos clãs, os Clãs do Urso da Caverna.

O urso cansou de coçar-se - ou talvez as comichões tivessem acabado - ergueu-se em posição ereta, deu alguns passos usando só as patas traseiras e, depois, apoiando-se sobre as quatro, com o focinho perto do chão, afastou-se num galope desajeitado e pesado. Apesar de seu enorme volume, o urso da caverna era basicamente um animal pacífico e raramente atacava, a não ser quando provocado.

- Era Ursus? - perguntou Uba, maravilhada e em alvoroço.

- Sim, era Ursus - confirmou Creb. - E você verá um outro urso da caverna, quando chegarmos ao clã hospedeiro.

- É verdade que o clã que nos vai hospedar tem um urso da caverna vivo preso numa jaula? - perguntou Ayla. - Este é muito grande. - Ela sabia que era costume do clã que sediava a reunião criar enjaulado um filhote de urso da caverna.

- Provavelmente, ele está nesse momento numa jaula do lado de fora da caverna, mas, quando era pequeno, vivia dentro de casa com as pessoas e era criado como uma criança, com todo mundo lhe dando comida na boca. Quase todos os clãs afirmam que seus ursos da caverna chegam até a falar alguma coisa. não posso dizer se é verdade. não me lembro muito disso. Depois de o urso já meio crescido, ele é aprisionado para que não possa ferir ninguém, mas as pessoas continuam lhe dando muitos petiscos para comer e fazendo festinhas nele para que saiba que é amado. Na nossa reunião, ele será festejado na cerimônia do urso e levará nossas mensagens para o mundo dos espíritos - explicou Creb.

Elas já haviam ouvido falar sobre isso, mas a visão de um urso da caverna vivo dava novo significado à história, principalmente para aqueles que eram muito jovens para se lembrar ou que ainda não tinham comparecido a uma reunião dos clãs.

- Quando teremos uma reunião de clãs em nossa caverna, para termos também um urso da caverna morando Conosco? - perguntou Uba.

- Quando chegar a nossa vez, a não ser que na época do clã designado, este não possa sediar a reunião. Mas quase nunca os clãs deixam passar a oportunidade de hospedar os outros, mesmo que os caçadores tenham de fazer longas viagens para encontrar um filhote de urso da caverna e que seja muito grande o perigo que representa a mãe do ursinho capturado. O clã que agora está hospedando tem sorte. Ainda existem ursos da caverna vivendo perto deles. Os caçadores daqui já ajudaram outros clãs a pegarem ursos, mas agora chegou a sua vez. Onde moramos não sobrou nenhum, mas eles devem ter existido naquela zona, pois, quando encontramos a nossa caverna, os ossos de Ursus estavam lá dentro - respondeu Creb.

- E se alguma coisa acontecer ao clã que vai ser hospedeiro da reunião? O nosso clã, por exemplo, mudou de caverna - indagou Ayla. - Se fosse a nossa vez, como iriam saber onde estamos vivendo?

- Enviaríamos mensageiros aos clãs mais próximos para espalhar a notícia, ou, então, para comunicar que cederíamos nossa vez para um outro clã.

Brum acenou e todos se puseram novamente a caminho. Passando pela árvore usada pelo urso para coçar-se, Creb a examinou muito detidamente e encontrou alguns tufo de pêlo ainda agarrados na casca do tronco. Ajudando com os dentes, ele os embrulhou numa folha e depois guardou numa dobra da roupa. O pêlo de um urso da caverna vivo era capaz de poderosos feitiços.

As gigantescas coníferas nos sopés das colinas logo foram sendo substituídas por uma variedade mais robusta e atarracada, enquanto eles ascendiam no terreno, descortinando a magnífica vista de luminosos cimos montanhosos que viram de longe durante a travessia da planície. Surgiram, então, pequenos bosques de videiros ao lado de zimbros arrastando-se pelo chão e azaléias cor-de-rosa abrindo-se em flores e espalhando suas cores brilhantes pelo verde forte das matas. E mais uma enorme multiplicidade de

flores silvestres que acrescentavam outros tons à palheta de cores vibrantes: lírios tigrinos pintados de laranja, aquilégias malvas e rosas, alfarrobas azuis e vermelhas, íris azuladas, gencianas azuis, violetas amarelas, prímulas rosas e o branco em todas as formas e intensidades. A cadeia de montanhas ao sul, tal como a outra na parte baixa da ponta da península, as duas formadas segundo a mesma orogenia, constituía-se num refúgio para a fauna e a flora nesse continente da idade glacial.

Por vezes, surgiam-lhes pela frente alguma camurça ou carneiros de grossos e pesados cornos. Já estavam quase chegando à taiga montanhosa com suas coníferas ananicadas e raquíticas que margeavam os altiplanos cobertos de capim e relva baixa, quando pegaram uma trilha feita pelas pisadas de muitos pés que estavam sempre atravessando o íngreme acive. Os homens do clã hospedeiro eram obrigados a andar muito para poder chegar à planície aberta que ficava ao norte das montanhas, mas, por outro lado, a proximidade dos ursos da caverna fazia daquela uma região tão afortunada que, de bom grado, aceitavam a inconveniência. Isso os levava também a ser mais propensos à caça dos esquivos animais que habitavam as florestas.

Ao ver Brun e Grod aparecerem numa curva da trilha, as pessoas correram para saudar a chegada do novo clã, mas pararam de repente ao avistar Ayla. Mesmo com a educação de uma vida inteira não conseguiram impedir-se de lançar olhares escandalizados. A posição dela, à frente do grupo de mulheres, enquanto o clã, cansado da viagem, desfilava pela área em frente da caverna, provocava rebuliço e especulação de toda ordem. Creb já a havia avisado, mas Ayla não esperava que fosse causar uma comoção tão grande e tampouco estava preparada para enfrentar aquela multidão.

Mais de 200 pessoas, com as fisionomias espantadas, amontoavam-se ao redor, querendo ver a estranha mulher. A jovem nunca vira tanta gente reunida num só lugar.

Brun e seu clã pararam em frente de uma enorme jaula feita com grossas estacas profundamente cravadas no chão e firmemente amarradas uma à outra. Dentro, achava-se um exemplar do urso

que tinham encontrado no caminho, este até maior. Alimentado por três anos a fio com constância e fartura, o gigantesco urso da caverna se tornara um plácido e dócil animal que se recostava indolente e preguiçosamente em sua jaula, quase gordo demais para se levantar. Manter o imenso animal por tanto tempo havia representado para o pequeno clã um trabalho de grande dedicação e amor reverente, não chegando a compensar o esforço e os muitos presentes - comidas, utensílios e peles - trazidos pelos clã visitantes. No entanto, não havia uma só pessoa que não invejasse o clã anfitrião, e cada clã aguardava ansioso sua vez de realizar a mesma tarefa, colhendo os benefícios espirituais e as honrarias do prestigioso evento.

O urso da caverna se remexia dentro da jaula querendo ver o que estava causando tanta agitação, e Uba veio para mais perto de Ayla, tão abismada com o urso como com as pessoas se acotovelando em volta. O chefe e o feiticeiro do clã hospedeiro se aproximaram, fazendo gestos de saudação, logo seguidos por uma pergunta pouco amistosa.

- Por que você trouxe alguém dos Outros para a nossa reunião, Brun? - gesticulou o chefe do clã anfitrião.

- Ela faz parte de nosso clã, Norg. É uma curandeira da linhagem de Iza - respondeu Brun, aparentando mais calma do que realmente sentia. Ou viram-se murmúrios ao redor, enquanto as mãos, excitadas, agitavam-se no ar.

- Isso é impossível! - gesticulou o mog-ur anfitrião - Como pode ser ela uma mulher dos clã. Ela nasceu dos Outros.

- Ela pertence aos clãs - falou o Mog-ur, tão inflexível quanto Brum. E encarou o chefe do clã hospedeiro com o seu olho lúgubre.

- Está duvidando de mim, Norg?

O chefe, embaraçado, olhou para o seu mog-ur, mas a expressão confusa neste não o ajudava em nada.

- Norg, fizemos uma longa viagem e estamos cansados - disse Brun. - Este não é o momento apropriado para discutir o assunto. Você nos nega sua hospitalidade?

Era um momento de tensão. Se Norg os recusasse, a única alternativa seria fazer o longo percurso de volta à caverna deles. A

descortesia era grande, mas permitir a entrada de Ayla importava em aceitá-la como uma mulher dos clã e isto, no mínimo, já estava dando uma vantagem a Brun. Norg olhou outra vez para o seu mog-ur e, em seguida, para o Mog-ur, o poderoso feiticeiro caolho e por fim novamente para o homem que era o chefe do clã visitante, ocupando a primeira posição na hierarquia dos clã. Se o Mog-ur assim o afirmava, que mais lhe restava fazer?

Norg acenou para sua companheira, dizendo que mostrasse ao clã de Brun o lugar reservado a eles, e se pôs a caminhar entre Brun e o Mog-ur. Logo que estivessem acomodados, iria descobrir como pôde uma mulher visivelmente dos Outros ter-se transformado em alguém dos clã.

A boca de entrada da caverna do clã anfitrião era menor do que a entrada da deles, e a caverna em si, ao entrar, parecia menor. Mas, ao invés de um enorme recinto com uma pequena gruta anexa para cerimônias religiosas, a caverna se constituía de uma série de ambientes e túneis que penetravam no interior da montanha, a maioria ainda inexplorados. Havia espaço mais do que suficiente para alojar os clã em visita, embora não fossem gozar das vantagens da luz vinda da entrada. O clã de Brun foi conduzido ao segundo ambiente, a partir da entrada, e ocupou ali todo um lado. Era um lugar privilegiado, correspondente à sua elevada posição na hierarquia dos clã. Embora já houvesse vários clã instalados mais para o fundo da caverna, aquele local lhes estaria reservado, enquanto não tivessem chegado para o Festival do Urso. Somente depois, quando se tivesse certeza de que não viriam para a reunião, é que o lugar seria dado a outro clã, conforme a ordem de importância.

Os clã como um todo não tinham um chefe supremo, mas havia uma hierarquia que os regulava, tal como a que regia os membros dentro de um clã em particular, e o chefe do clã de posição mais elevada se convertia, de fato, no chefe dos clãs, simplesmente por ser o membro mais importante de todos. No entanto, não havia nenhuma posição de absoluta autoridade. Os clã tinham autonomia suficiente para que isto não acontecesse. Todos eram chefiados por homens independentes e ditatoriais que estavam

acostumados a ser, eles próprios, a lei, e que se encontravam a cada sete anos. Eles não se rendiam facilmente a uma autoridade superior, exceto àquela que dizia respeito à tradição e ao mundo dos espíritos. O lugar que competia a cada clã dentro da hierarquia e, conseqüentemente, ao homem que se reconhecia como chefe de todos os clãs, era decidido nessas reuniões.

Muitos elementos contribuía para dar status a um clã. As cerimônias não eram a única atividade do festival, as competições tinham igual, se não até maior importância. A necessidade de cooperação dentro de cada clã para a sobrevivência, que impunha uma série de restrições visando à autodisciplina, encontrava sua válvula de escape nas competições endiretas. Estas, de maneira diferente, eram também necessárias à sobrevivência. As disputas controladas evitavam que lutassem entre si e, quando se encontravam, quase tudo se tornava em objeto de competição. As modalidades competitivas dos homens incluíam: luta-livre, arremessos com funda e boleadeiras, força no uso da maça, corrida, corrida conjugada com estocadas de lança, fabricação de ferramentas, dança, narração de histórias, e a combinação desses dois últimos itens na dramatização de cenas de caçadas.

Embora suas competições não tivessem o mesmo peso que as dos homens, as mulheres também davam sua contribuição. O grande banquete era excelente oportunidade para demonstrações de dotes culinários. Os presentes trazidos para o clã hospedeiro eram primeiramente expostos à vista de todos, quando, então, passavam por um julgamento crítico cujo resultado saía do consenso de opiniões. Os artesanatos compreendiam: couros macios e flexíveis; peles luxuosas; cestas impermeáveis; recipientes de couro ou cortiça; cordas trançadas com tendões, ou então feitas de fibras vegetais ou de crina animal; correias compridas e resistentes; bacias de madeiras bem polidas; pratos de osso ou de madeira tirada das seções finas das toras; cujas, sopeiras, conchas e, mais ainda, capuchos, chapéus, calçados, luvas, sacolas e até mesmo os bebês eram comparados. Entre as mulheres, a premiação não se fazia de forma concreta. Havia um procedimento mais sutil, traduzido nas expressões, gestos ou posturas que discriminavam com finura - mas

nem por isso numa distinção perceptiva menos correta do trabalho medíocre de um outro de boa qualidade - e os aplausos se faziam para aqueles que eram realmente bons.

As posições referentes às curandeiras e aos mog-urs de cada clã eram também um fator na determinação do status deste. O prestígio de Iza e Creb muito contribuiu para que o clã de Brun ocupasse a primeira posição. Razões de tradição também influíram: o fato de já encontrar-se nessa posição desde muitas gerações antes dele. Entretanto, ao assumir a liderança, isso representou apenas uma ligeira vantagem para Brun. Por mais importantes que fossem todos esses fatores, aquele que realmente decidia era a capacidade de liderança do chefe. E se a competição entre as mulheres se fazia de modo sutil, muito mais sutil ainda era o julgamento para se saber qual dos chefes seria o mais capaz e valoroso.

Uma parte do julgamento dependia do desempenho dos homens nas competições, sendo essa uma maneira para avaliar a competência do chefe em adestrá-los e motivá-los. Outra dependia do quanto as mulheres se empenhassem em seus trabalhos e de como se comportavam, também um modo de demonstrar a mão firme daquele que detinha o poder.

Outra ainda baseava-se na devoção do clã às tradições, mas a posição do chefe e conseqüentemente a de seu clã dependia, sobretudo, da força de seu caráter. Brun sabia que estava se arriscando demais, e o fato de ter trazido Ayla já o fazia perder terreno.

As reuniões de clã eram também uma oportunidade para o restabelecimento de velhas amizades, rever parentes e contar histórias e fofocas que iriam animar as noites frias dos próximos anos. Além disso, davam ensejo aos jovens, impossibilitados de achar parceiras no seu próprio clã, de rivalizarem-se nos galanteios, apesar de que as uniões só se fariam se a mulher fosse aceita pelo chefe do clã do rapaz. Era uma honra para a moça ver-se escolhida, especialmente se o rapaz pertencesse a um clã com mais status do que o dela, embora a mudança representasse uma violência e ela tivesse de separar-se das pessoas que lhe eram queridas. Mesmo com a recomendação de Zoug e possuindo o status da linhagem de

Iza, era duvidoso, na opinião desta, de que Ayla fosse encontrar um companheiro. O fato de possuir um filho poderia facilitar, mas, deformado, frustrava todas as esperanças.

Os pensamentos de Ayla andavam longe de tudo isso. Arrumar coragem para enfrentar aquela multidão de curiosos, olhando desconfiadamente, já era um problema bastante grande. Ela e Uba haviam desfeito os embrulhos e organizado a área da fogueira que seria o lar delas, enquanto durasse a visita. A companheira de Norg providenciara pilhas de pedras que deixou à mão para que se fizesse a demarcação das respectivas fogueiras, e os cantis estavam cheios de água, também à disposição de quem quisesse. Ayla tomara todo o cuidado na arrumação dos presentes que trouxera para o clã, fazendo tal como Iza lhe recomendara, e a qualidade de seus trabalhos já começava a atrair atenção. Ela lavou-se para tirar a sujeira da viagem, trocou a roupa por outra limpa, e depois foi amamentar o filho, enquanto Uba esperava impaciente. A menina estava ansiosa para explorar a área próxima da caverna e ver as pessoas, mas relutava em enfrentá-las sozinha.

- Ayla - gesticulou - todo mundo já está lá fora. não pode dar de mamar depois?

Prefiro muito mais estar sentada ao sol do que ficar dentro dessa caverna escura. Você não?

- Não quero que Durc logo de saída comece a chorar. Você bem sabe como ele berra alto. As pessoas podem pensar que não sou boa mãe - falou Ayla. - não quero que pensem pior de mim do que já estão pensando. Creb disse que iriam ficar surpresos quando me vissem, mas achei que eles não chegassem a ponto de pensar em não nos deixar ficar. E tampouco imaginava que fossem ficar me encarando desse jeito.

- Mas deixaram, e depois que Creb e Brun acabarem de falar com eles, todos vão ficar sabendo que você é uma mulher dos clã. Ande, Ayla. Você não pode ficar presa nessa caverna para sempre. Mais cedo ou mais tarde vai ter de enfrentar toda essa gente. Depois de algum tempo, vão acostumar-se com você do mesmo modo que nós. Afinal, não vejo tanta diferença assim. Eu realmente preciso pensar nisso para ver.

- É que eu já estava no clã quando você nasceu, Uba. E essas pessoas aqui nunca me viram antes. Bem, está certo. É melhor acabar com isso de uma vez. Vamos. Não se esqueça de trazer alguma coisa para o urso da caverna comer.

Ayla se levantou, apoiou Durc contra o ombro e saiu dando-lhe tapinhas nas costas.

Passando pela fogueira de Norg, ela, respeitosamente, cumprimentou a companheira dele.

A mulher respondeu o gesto de saudação e logo voltou ao que fazia, de repente se conscientizando de que havia estado encarando alguém. Ao aproximar-se da entrada, Ayla ergueu um pouco a cabeça e respirou fundo. Estava resolvida a ignorar a curiosidade em torno dela. Era uma mulher dos clã e pertencia a estes tanto como qualquer um ali.

Sua resolução foi posta a toda prova, quando veio para fora da caverna, à plena luz do sol.

Todo mundo havia encontrado alguma razão para ficar por perto da caverna, esperando a saída da estranha mulher. Muitos tentavam ser discretos, mas a maioria esqueceu ou ignorou as mais cominhas regras de boas maneiras e se pôs a encará-la, pasma, inteiramente boquiaberta. Ayla podia sentir o rubor no rosto. Mudou a posição de Durc no colo e passou a olhar para ele, não precisando enfrentar toda aquela multidão de rostos virados em sua direção.

Foi uma sorte ela olhar para o filho. A atenção passou a focalizar-se nele que, até então passara meio despercebido, diante do impacto causado por sua aparição. Gestos e certas expressões, alguns não muito discretos, deixavam bem claro o que pensavam de seu filho.

Ele não precisava ser igual a um bebê dos clãs, inclusive teria sido melhor aceito se fosse apenas parecido com ela. A despeito de tudo quanto Brun e o Mog-ur pudessem ter dito, Ayla era da raça dos Outros e o seu bebê se ajustava ao mesmo molde. Só que Durc tinha muitas características próprias da raça clânica que faziam suas peculiaridades parecerem anomalias. Ele era um bebê visivelmente marcado por defeitos de nascença e que não deveria estar vivendo.

Isso então só vinha diminuir o prestígio de Ayla como também fazia Brun perder ainda mais terreno.

Ayla deu as costas para todos aqueles rostos de bocas abertas e olhares desconfiados e foi com Uba para a jaula do urso da caverna. O animal ao vê-las se aproximarem atravessou a jaula, vindo sentar-se com o braço estendido através das barras, esperando que lhe dessem alguma coisa gostosa para comer. As duas recuaram diante da monstruosa pata de garras grossas e curtas, mais apropriadas para escavar as raízes e tubérculos de dentro da terra - o que constituía uma boa parte de sua alimentação - do que para levar sua massa enorme para cima das árvores. Ao contrário dos ursos marrons, só os filhotes de sua raça eram ágeis e suficientemente pequenos para conseguir subir em árvores. Ayla e Uba puseram suas maçãs no chão da jaula, passando um pouco para dentro das grossas estacas, feitas com troncos de árvore de porte razoável.

O animal, criado como uma criança muito querida que jamais passara fome em toda a vida, estava inteiramente domesticado e muito à vontade diante das pessoas. Inteligente, já havia aprendido que certas ações invariavelmente lhe traziam alguns bons petiscos extras. Ele se sentou e pediu mais. Ayla teria rido de seus trejeitos desajeitados, mas se conteve a tempo.

- Agora entendo por que os clãs dizem que os ursos da caverna falam - gesticulou para Uba. - Ele está querendo mais. Você tem outra maçã?

Uba lhe deu uma fruta pequena e arredondada e Ayla desta vez foi até a jaula e lhe entregou na mão. O urso meteu a maçã inteira na boca e veio de pois para perto das barras esfregar sua enorme cabeça coberta de pelos contra uma saliência num dos troncos.

- Acho que está querendo que alguém coce por você, não é, seu comedor de mel? - gesticulou Ayla. Ela fora avisada para nunca mencionar em sua presença os nomes urso, urso da caverna ou Ursus, pois, se ele fosse chamado por seus verdadeiros nomes, poderia lembrar-se de sua identidade e saber que não era um membro do clã que o havia criado.

Com isso, tornar-se-ia nova mente selvagem, podendo botar para perder a Cerimônia do Urso e acabando com a razão de ser daquele festival. Ela lhe coçou atrás da orelha.

- Você gosta disso, não é, dorminhoco? - gesticulou Ayla, estendendo a mão para coçar atrás da outra orelha que ele virou em sua direção. - Se quisesse, você mesmo podia coçar suas orelhas. Você só é preguiçoso? Ou será que está querendo festinhas? Hem, seu manhoso?

Ayla acariciava-o, coçando-lhe a imensa cabeça, quando Durc estendeu a mão querendo agarrar um punhado de pêlos e ela deu um passo para trás. Já havia feito aquele mesmo tipo de carinho nos bichos que levava feridos para dentro da caverna deles e ela compreendeu que o urso era um animal como outro qualquer, só que maior e mais manso. Protegida pela forte jaula, imediatamente perdeu o medo, mas, quando se tratava de seu filho, a questão era outra. No instante em que o bebê levou sua mãozinha para pegar um punhado da cabeleira do urso, a imensa boca e as enormes garras se mostraram perigosas.

- Como consegue chegar tão perto dele, Ayla? - perguntou Uba, apa vorada. - Eu teria medo de fazer isso.

- Ele não passa de um bebê grandão, mas me esqueci de Durc. O urso poderia machucá-lo, mesmo que fosse para fazer uma carícia amigável. Ele parece com um bebê só quando está pedindo comida ou querendo chamar atenção, mas não quero nem pensar no que é capaz de fazer, se ficar com raiva - dizia Ayla, enquanto se afastavam da jaula.

Uba não era a única admirada com a coragem de Ayla, todos os clçalia- viam ficado observando-a. A maioria dos visitantes, principalmente no princípio quando chegavam, evitava passar por perto. Tornou-se, inclusive, um jogo entre a rapaziada ver quem punha a mão na jaula ou tocava no urso, como prova de coragem, e quanto aos homens, estes eram orgulhosos demais para, sentindo ou Não, deixar transparecer algum medo. E no que dizia respeito às mulheres, fora as do clã anfitrião, poucas eram as que passavam por perto e nenhuma seria capaz, logo de saída, de meter a mão por entre as grades para acariciar o bicho. Era algo de inteiramente

inesperado. Isso, no entanto, não os fez mudar de opinião sobre Ayla, mas os deixou curiosos.

Depois de se haverem fartado bastante de olhar para Ayla, as pessoas foram se afastando, mas ela ainda se sentia olhada sub-repticiamente. Os olhares francos da criançada não chegavam a incomodá-la. Nelas, era a curiosidade natural que toda criança tem por tudo quanto é fora do comum, sem a carga de reprovação ou desconfiança.

Ayla e Uba se dirigiram para a sombra formada por uma rocha que ficava à margem do grande terreno em aclive e desmatado defronte da caverna. Dali, podiam observar discretamente as pessoas, sem transgredir as regras do bom-tom.

Sempre houve uma intimidade de natureza muito especial entre as duas. Ayla havia sido irmã, mãe e companheira de brinquedo da menina. Mas desde que a educação de Uba começou a ser levada a sério e, sobretudo, depois que ela seguiu Ayla até a pequena caverna, a amizade delas se transformou mais numa relação de igual para igual. Eram amigas íntimas. Uba já estava com quase seis anos, chegando à idade em que as meninas começam a demonstrar interesse pelo sexo oposto.

Sentaram-se na sombra fresca, enquanto Durc, entre as duas, deitava-se de barriga para baixo sobre a manta de carregar, agitando as pernas e os braços, com a cabeça erguida para olhar em derredor. Durante a viagem, ele havia começado a balbuciar, fazendo um tipo de ruído na garganta que jamais algum bebê do clã fizera. Isso preocupava Ayla, mas, um tanto inexplicavelmente, também lhe agradava. Uba fazia comentários sobre os garotos mais velhos e os rapazes, enquanto Ayla caçoava com simpatia. Como se houvesse um acordo tácito, o assunto de um possível companheiro para Ayla não era tocado, se bem que esta se achasse mais em idade para isso do que Uba. As duas se sentiam felizes por ter terminado a longa viagem e teciam conjeturas a respeito da Cerimônia do Urso, já que nem uma nem outra haviam estado antes numa reunião de clãs. Enquanto conversavam, uma moça aproximou-se e, na linguagem formal conhecida por todos, perguntou se podia juntar-se a elas.

Ayla e Uba a cumprimentaram. Era o primeiro gesto amistoso que recebiam. Um bebê estava dormindo, seguro pela manta de carregar, e a moça não fez qualquer menção de acordá-lo.

- Esta mulher se chama Oda - gesticulou ela, depois de ter se sentado e indicando, então, que gostaria também de saber o nome delas.

- Uba. Esta menina se chama Uba e a mulher é Ayla.

- Aai... Aaigla? Um nome muito diferente. - Oda falava num dialeto que era expressado por gestos um pouco diferentes, mas a essência de sua conversa era perfeitamente compreensível.

- Este não é um nome dos clãs - respondeu Ayla. Ela compreendia a dificuldade que tinham para pronunciar-lhe o nome e, mesmo no seu clã, havia alguns que não conseguiam dizê-lo corretamente.

Oda fez que sim com a cabeça e levantou as mãos como se fosse falar qualquer coisa, mas depois pareceu mudar de idéia. mostrava-se nervosa, pouco à vontade. Por fim, fez um gesto na direção de Durc.

- Esta mulher está vendo que você tem um filho - falou, hesitante. - É menino ou menina?

- Menino. Seu nome é Durc, como o garoto da lenda. A mulher conhece essa história?

Os olhos de Oda tinham uma curiosa expressão de alívio.

- Sim. Conheço. Não é um nome muito comum no clã desta mulher.

- Nem também no nosso. Mas esta não é uma criança comum. Dure é diferente. Seu nome é muito apropriado - gesticulou Ayla, com um leve ar de desafio e orgulho.

- Esta mulher tem uma criança. É menina. Seu nome é Ura - disse Oda. Ela ainda parecia nervosa e hesitante. Seguiu-se, então, um silêncio parecendo forçado.

- A menina está dormindo? Esta mulher gostaria de ver Ura, se a mãe permitir - perguntou por fim Ayla, sem saber o que dizer à mulher, cuja cordialidade se fazia tão reticente.

Por um instante, Oda pareceu ficar pensando no pedido. Em seguida, como se tivesse tomado uma súbita decisão, retirou o bebê

da manta e o botou nos braços de Ayla, que arregalou os olhos, estupefata. Ura era um bebezinho que no máximo deveria ter nascido há uma lua. Entretanto, não era o que espantava Ayla. Ura parecia com Dure! Parecia tanto com Dure que poderia ser tomada como germana deste. O bebê de Oda poderia, inclusive, ser sua filha!

A cabeça de Ayla dava voltas. O impacto fora grande demais. Como uma mulher da raça dos clãs poderia ter tido um bebê que se parecia com ela? Achava que Durc fosse diferente porque ele tinha uma parte que era da raça dos clãs e outra da dela, mas, neste caso, Brun e Creb é que deveriam estar com a razão durante todo esse tempo. Dure não era diferente como ela pensava, mas deformado, tal como o bebê de Oda. Ela se via inteiramente confusa. Estava tão infeliz que não conseguia pensar em nada para dizer. Uba, por fim, quebrou o longo silêncio.

- Seu bebê parece com Durc, Oda. - Uba se esqueceu de usar a linguagem cerimoniosa, mas Oda compreendeu.

A moça confirmou com a cabeça.

- Esta mulher ficou surpresa, quando viu o bebê de Àaigla. Foi por isso que eu... que esta mulher quis conversar. Eu não sabia se o bebê dela era me nino ou menina, mas estava querendo que fosse menino.

- Por quê? - perguntou Ayla.

- Minha filha é deformada - gesticulou Oda, sem olhar para Ayla. - Tenho medo de que ela não vá conseguir companheiro quando crescer. Que homem iria aceitar uma mulher tão deformada?

- Então, olhou para Ayla, com uma expressão suplicante. - Quando eu... - quando esta mulher viu seu filho, desejou que ele fosse homem porque... você sabe, não vai ser fácil também para ele encontrar uma companheira.

Ayla ainda não havia pensado nesse assunto. Oda tinha razão, ele poderá ter problema para achar uma companheira. Entendia agora o motivo por que Oda se aproximara delas.

- Sua filha é um bebê saudável? - perguntou. - Ela é forte?

Oda olhou para as suas mãos antes de responder.

- É uma criança magrinha, mas tem boa saúde. O pescoço é que é muito fraco - gesticulou. - Mas já está ficando forte - acrescentou, pondo ênfase nos gestos.

Ayla olhou com mais atenção o bebê de Oda e depois pediu permissão para remover a manta. Ura era mais troncuda do que Durc, com uma constituição semelhante à dos bebês da raça dos clãs, mas sua ossatura era mais delicada. Tinha a mesma testa alta e a mesma forma geral da cabeça, só que os supercílios se mostravam muito menos salientes. O nariz era quase pequeno e já se podia perceber claramente que iria ter as mandíbulas muito desenvolvidas e não possuiria queixo. O pescoço era mais curto do que o de Dure, mas sem dúvida alguma bem mais comprido do que o de qualquer bebê dos clãs. Ayla suspendeu a menina, segurando automaticamente a cabeça, e reparou nos seus esforços iniciais - que ela vira em Dure - para poder aguentar sua cabeça sobre o pescoço.

- O pescoço dela vai fortalecer, Oda. O de Durc era até mais fraco, quando ele nasceu, e olhe agora.

- Você acha? - respondeu Oda, animada. - Esta mulher pede à curandeira do primeiro clã para considerar esta menina como futura companheira de seu filho - falou, muito formalmente.

- Acho que Ura dará uma boa companheira para Dure, Oda.

- Então seria possível você pedir a seu companheiro para que ele desse o seu consentimento?

- Não tenho companheiro - respondeu Ayla.

- Oh, mas então seu filho é infeliz - gesticulou Oda, desapontada. - Quem vai educá-lo, se você não tem companheiro?

- Durc não é infeliz - insistiu Ayla. - Nem todos os bebês nascidos de mulheres sem companheiros são infelizes. Eu vivo na fogueira do Mog-ur. Ele mesmo não caça, mas Brun prometeu que iria educar meu filho. Durc será um bom caçador e irá poder manter sua fogueira. Além disso, o Mog-ur falou que o totem dele é o Lobo Prateado e este é um bom totem caçador.

- Não tem importância. É melhor um companheiro infeliz do que nenhum -. falou Oda, resignada. - Espero que você tenha razão. Nosso Mog-ur ainda não revelou o totem de Ura, mas o Lobo

Prateado tem bastante força para enfrentar qualquer totem de mulher.

- Menos o de Ayla - interpôs Uba. - O totem dela é o Leão da Caverna. Ela foi escolhida.

- Como você pôde ter um bebê? - perguntou Oda, espantada. - O meu é o Hamster, só que desta vez ele lutou demais. Com a minha primeira filha eu não tive tanto problema.

- Também tive muitos problemas com a gravidez. Mas você tem outra filha? Ela é normal?

- Era. Agora, ela está caminhando no outro mundo - gesticulou Oda, com tristeza.

- Foi por isso que deixaram Ura viver? Estou surpresa por terem permitido que você ficasse com ela - observou Ayla.

- Eu não queria ficar com Ura, mas meu companheiro me obrigou. Este é o meu castigo - confessou Oda.

- O seu castigo?

- Sim - confirmou Oda, com a cabeça. - Eu desejava ter uma menina e meu companheiro um menino. Isso porque eu adorava a minha primeira filhinha. Quando ela morreu, eu quis ter uma outra igual a ela. Meu companheiro disse que Ura nasceu deformada, porque tive maus pensamentos durante a gravidez. Ele acha que, se eu tivesse desejado um menino, meu bebê seria normal. Obrigou-me, então, a ficar com ela para que todos soubessem que não sou uma boa mulher. Mas ele não me passou adiante. Talvez porque ninguém mais quisesse ficar comigo.

- Não acho que você seja uma mulher tão má assim - falou Ayla, com um olhar de dó.

- Iza desejou uma menina, quando estava esperando Uba. Ela me disse que todos os dias pedia isso a seu totem. Como foi que sua filha morreu

- Ela foi morta por um homem - disse Oda, ficando vermelha e se sentindo constrangida. - Ele se parecia com você, Aaigla. Era um homem dos Outros.

Um homem dos Outros?, disse consigo Ayla. Um homem que se parece comigo? A jovem sentiu um frio perpassando por sua

espinha e os cabelos arrepiando; e percebeu, então, a confusão em que se achava Oda.

- Iza disse que eu nasci dos Outros, Oda, mas eu mesma não tenho qualquer lembrança deles. Agora pertencço aos clãs - falou, para animá-la. - Como foi que aconteceu?

- Nós estávamos numa viagem de caçada. Além de mim, havia mais duas mulheres e os homens. Nosso clã vive ao norte daqui, mas naquela vez caminhamos muito mais para o norte. Nunca havíamos ido tão longe. Os homens saíram cedo do acampamento e nós ficamos catando lenha e capim seco. Havia uma quantidade de varejeiras e nós tínhamos de conservar a fogueira sempre acesa para secar a carne. Inteiramente de surpresa, esses homens entraram em nosso acampamento. Eles queriam aliviar suas necessidades conosco, mas não fizeram nenhum sinal. Se tivessem feito, nós nos poríamos em posição, mas não nos deram a menor chance. Simplesmente nos agarraram e nos jogaram no chão. Foram muito grosseiros. não deram nem tempo para que eu deitasse meu bebê na terra. O que me agarrou, rasgou minha roupa e a manta, deixando o bebê cair, mas ele não percebeu.

- Quando terminou - continuou Oda - um outro homem já vinha me pegar. Foi então que um deles viu o bebê. Ele pegou minha filha do chão e me deu, mas ela já estava morta.

Havia batido com a cabeça numa pedra, quando caiu. Depois, o homem que tinha visto minha filha disse uma porção de palavras em voz alta e todos foram embora. Quando os caçadores voltaram, nós contamos o que tinha acontecido e eles imediatamente nos levaram de volta para a caverna. Meu companheiro foi muito bom para mim, depois que tudo isso aconteceu. Ele também ficou triste por causa da minha filha. Fiquei tão feliz quando descobri que, logo depois de ter perdido minha filhinha, meu totem tinha sido outra vez derrotado. não deu nem tempo para que eu recebesse a maldição de mulher. Achei que meu totem tivesse ficado com pena por eu ter perdido o bebê e por isso havia resolvido me deixar ter um outro para compensar o que eu perdi. Foi por esse motivo que pensei que deveria ter outra menina, só que nunca deveria ter desejado uma coisa dessas.

- Lamento muito - disse Ayla. - Nem sei o que faria, se perdesse Durc. E uma vez quase que isso aconteceu. Vou falar com o Mog-ur sobre Ura. Tenho certeza de que ele vai conversar com Brun sobre o assunto e acho que nosso chefe concordará também. Um arranjo desses seria muito mais fácil do que tentar achar dentro do nosso clã alguém para ser companheira de um homem deformado.

- Esta mulher ficaria agradecida à curandeira e promete educar bem sua filha. Ela será uma boa mulher, não como a mãe. O clã de Brun é o mais importante de todos, acho que meu companheiro vai concordar. Se souber que há um lugar para Ura no clã de Brun, talvez já não fique tão zangado comigo. Ele está sempre me dizendo que minha filha será para o resto da vida um fardo e que nunca conseguirá qualquer status. E quando Ura ficar mais velha, vou lhe dizer que ela não tem de se preocupar por causa de um companheiro. A vida pode ser muito difícil para uma mulher, se nenhum homem quiser aceitá-la.

- Eu sei - disse Ayla. - Logo que eu possa, falo com o Mog-ur.

Depois que Oda foi embora, Ayla ficou pensativa e preocupada. Uba percebeu que ela queria ficar em silêncio e a deixou em paz. Pobre Oda, era feliz, tinha um bom companheiro e uma filha normal. Então tiveram de aparecer esses homens e estragar tudo.

Por que, antes de mais nada, eles não fizeram o sinal? Será que não podiam ver que Oda carregava um bebê? Esses homens dos Outros são tão ruins quanto Broud. Piores até. Pelo menos Broud daria tempo para que ela pusesse seu bebê no chão. Bah, os homens e suas necessidades! Homens dos Outros, homens dos clãs, tudo a mesma coisa.

Perdida em conjeturas, seu pensamento foi-se encaminhando para os Outros. Homens dos Outros, homens que se parecem comigo. Quem são esses Outros? Iza disse que nasci deles, por que eu não me lembro de nada? Nem sei que jeito eles têm. Onde será que vivem?

Tinha curiosidade de saber que aspecto tem um homem dos Outros. Lembrou-se de seu rosto refletido na água e tentou imaginar um homem com sua cara. Mas quando queria pensar num homem, a

imagem que lhe vinha à mente era a de Broud e, de repente, como se iluminado por um clarão, todo um turbilhão de idéias confusas que giravam em sua cabeça foi-se encaixando, fazendo sentido.

Homens dos Outros! Claro! Oda disse que um deles aliviou suas necessidades nela e que, depois disso, não foi amaldiçoada nem uma vez. Foi então que ela teve Ura, tal como eu tive Durc, após Broud aliviar suas necessidades em mim. Aquele homem era dos Outros e eu também nasci dessa gente, mas Oda e Broud são ambos da raça dos clãs. Nem Ura nem Durc são deformados. Durc tem uma parte que é minha e outra que é do clã, e a mesma coisa se dá com Ura. Ou seja: uma parte dela é de Oda e a outra pertence ao homem que matou seu bebê. Isso quer dizer que Broud começou Durc... com o seu órgão, não com o espírito de seu totem.

As outras mulheres que estavam com Oda não tiveram bebês deformados, mas se um bebê fosse iniciado todas as vezes que os homens e mulheres fizessem isso, só haveria bebês nesse mundo-Contudo, talvez Creb tenha razão também. O totem da mulher precisa ser derrotado, só que ela não engole a essência do totem, esta é posta por um homem com seu órgão, para depois misturar-se com a essência do totem da mulher. não é somente a essência dos homens que produzem bebês, a das mulheres também.

Por que teve de ser Broud? Eu queria um bebê, o meu Leão da Caverna sabia o quanto eu estava desejando um filho, mas Broud me odeia. E odeia Durc também. Mas podia ser alguém mais? Nenhum outro homem está interessado em mim, eu sou muito feia. Broud só fez isto porque sabia que eu odiava a coisa. Será que meu Leão da Caverna sabia que Broud iria vencer? A essência dele deve ser muito forte. Oga já tem dois filhos. Brac e Grev também devem ter sido começados pelo órgão de Broud, como Durc.

Mas isso significaria que eles são germanos? Irmãos? Como Brun e Creb? Brun também deve ter começado Broud botando sua essência dentro de Ebra. A não ser que isso tivesse sido feito por outro homem. Pode ser qualquer um. Mas, não é provável. Em geral, os homens não fazem sinal para a acompanhadora do chefe, seria uma descortesia. Broud não gosta de dividir Oga com os outros. Na caçada do mamute, Crug estava sempre usando Ovra. Todo mundo

via quando ele aliviava suas necessidades nela, e Goov se mostrava muito obsequioso. Até Droog fez uma ou duas vezes a mesma coisa.

Se foi Brun quem começou Broud e se foi Broud quem começou Durc, isso não significaria que Durc tem também uma parte de Brun? E ainda de Brac e Grev? Brun e Creb são germanos, nasceram da mesma mãe e provavelmente foram começados pelo mesmo homem. Esse também foi chefe. Então, isto faz com que Durc também tenha uma parte de Creb. E de Iza? Ela é germana. Ayla abanou a cabeça. Tudo muito confuso, disse consigo.

No entanto, fôï Broud quem começou Durc. Será que meu totem induziu Broud a fazer o sinal para mim? Foi horrível, mas isso pode ter sido um teste e, talvez, não houvesse outro jeito. Meu totem devia estar sabendo e planejou tudo. Ele viu o quanto eu queria um bebê e me mandou aquele aviso para que eu soubesse que Durc iria viver. Se Broud soubesse dessas coisas, certamente ficaria furioso. Ele, que me odeia tanto, acabou me dando a coisa que eu mais queria no mundo.

- Ayla - falou Uba, interrompendo a linha de pensamentos da outra. - Acabei de ver Creb e Brun entrando na caverna. Está ficando tarde e temos que começar a preparar alguma coisa para comer. Creb deve estar morrendo de fome.

Durc caíra no sono. Acordou quando Ayla foi pegá-lo, mas logo voltou a dormir, enrolado na manta, sentindo-se bem aconchegado junto do corpo da mãe. Tenho certeza de que Brun vai deixar Ura vir para ser a companheira de Durc, pensou Ayla, enquanto voltavam para a caverna do clã anfitrião. Os dois são muito mais feitos um para o outro do que Oda imagina. Mas e eu? Será que ainda vou encontrar um companheiro que seja também feito para mim?

Capítulo 23

Quando os dois últimos clã chegaram, Ayla foi obrigada, embora em menor escala, a passar por uma segunda provação, igual àquela que teve a saudá-la na sua entrada. A mulher alta e loura era uma aberração entre as quase 250 pessoas dos 10 clãs lá reunidos.

Por onde passava, chamava atenção, e cada um de seus atos era investigado minuciosamente. Entretanto, por mais anormal que parecesse, não se conseguia detectar nenhum desvio em seu comportamento e ela, por sua vez, tomava o máximo de cuidado para que tal não acontecesse.

Não deixava transparecer nenhuma daquelas características que lhe eram tão peculiares e que ainda escapavam, quando se via no ambiente mais relaxado de sua caverna. Não ria e nem mesmo chegava a sorrir. Nenhuma lágrima molhava-lhe os olhos. Nada de passadas desenvoltas ou movimentos livres de braços, balançando, traindo suas tendências pouco femininas. Era o paradigma das virtudes clánicas, um exemplo da jovem matrona... e isso ninguém reparava. Jamais alguém, fora as pessoas de seu clã, tinha visto uma mulher que não agisse desse modo. Mas sua presença estava sendo aceita e, tal como Uba previra, começavam a acostumar-se com ela. Além do que, numa reunião de clãs, havia tanta coisa a fazer que uma mulher sozinha de fora não era novidade suficiente que conseguisse prender a atenção por muito tempo.

Não era fácil manter, por um período muito prolongado, uma quantidade tão grande de gente dentro dos limites fechados da caverna. Eram necessárias cooperação, coordenação e uma boa dose de cortesia. Os chefes dos 10 clãs estavam muitíssimo mais ocupados do que quando tinham apenas os membros de seus respectivos clãs para se preocupar. O número de pessoas reunidas multiplicava os problemas.

Alimentar aquela multidão significava organizar expedição de caça. Se a hierarquia e as normas estabelecidas dentro de um só clã facilitavam a ordenação dos caçadores, já dois ou mais clã reunidos

geravam problemas. A posição hierárquica do clã determinava qual seria o chefe na combinação do grupo, mas qual dos homens ocupando o terceiro posto seria o mais competente? No princípio, tentaram diversos esquemas, sempre com o cuidado na troca de posições, de modo que ninguém saísse ofendido. Depois de as competições terem começado, já se tornava mais fácil; entretanto, nenhum grupo de caça saía sem antes decidir as posições referentes aos homens.

As expedições das mulheres para colher plantas também levantavam problemas. No caso delas, era o fato de que havia muitas mulheres e todas querendo apanhar os melhores vegetais. Uma área podia rapidamente ser devastada, sem que nenhuma voltasse com tudo que lhe era necessário. A comida em conserva que haviam trazido consigo ajudava na alimentação de cada clã em particular, mas os alimentos frescos eram sempre mais apreciados. O clã hospedeiro, já prevendo o período de reunião, costumava por antecipação fazer suas coletas em terrenos afastados da caverna, mas, mesmo levando em consideração essa cortesia, nunca havia o bastante para satisfazer todas as necessidades.

Se, por um lado, as pessoas desse clã podiam armazenar comida para o inverno durante o tempo em que os Outros perdiam com a viagem, por outro, tinham de ter em estoque uma quantidade extra. Ao término da reunião, os terrenos dos arredores do clã hospedeiro estavam completamente desprovidos de plantas comestíveis.

A água, procedente de um rio perto alimentado por uma geleira, era farta, mas o mesmo já não se podia dizer da lenha. A cozinha, a não ser que chovesse, era feita do lado de fora da caverna e de preferência em conjunto por clã ao invés de cada fogueira ter a sua em separado. Contudo, o consumo de lenha era muito grande, e uma boa parte da madeira seca espalhada pelo chão e árvores que levariam várias estações para serem repostas foram consumidas. O meio ambiente, nas imediações da caverna do clã hospedeiro, após uma reunião de clãs, jamais voltaria a ser o mesmo.

O suprimento não era o único problema a ser solucionado, o lixo era outro de igual importância. Era preciso que se desse fim às sobras e aos detritos. Fora esse havia ainda o problema de espaço. Era necessário que se providenciasse não só espaço no sentido de abrigo dentro da caverna, mas também espaço para cozinhar, reunir, realizar as competições, dançar, dar festas e, em fim, espaço também para se locomover. Organizar todas essas actividades não era tarefa fácil. Cada uma delas implicava discussões e acordos intermináveis, numa atmosfera carregada de espíritos altamente competitivos. Os costumes e as tradições nesse momento representavam importante papel no amortecimento dos choques existentes, e era então que a mente administrativa de Brun mais se salientava.

Não era apenas Creb o único a apreciar as reuniões de clãs que lhe proporcionavam oportunidades para entrar em contato com os seus pares. Também Brun sentia grande prazer no desafio de se bater contra homens com igual poder ao seu. Essa era a sua competição: rivalizar-se com os outros chefes no exercício da autoridade. A interpretação das velhas normas requeria comumente um espírito cheio de filigranas, além de habilidade nas tomadas de decisões e de força de carácter para mantê-las ou saber ceder quando necessário. Não era sem razão que Brun se tornara o primeiro chefe em importância. Ele sabia quando devia ser enérgico ou conciliador, ou quando precisava entrar em acordos ou permanecer isolado em sua posição. Sempre que os clãs se reuniam, em geral surgia a figura de um homem forte capaz de fazer daqueles chefes, impregnados de autoritarismo, seres racionais e maleáveis, pelo menos enquanto durasse a reunião. E Brun era essa figura, um papel que ele representava desde que se convertera no chefe de seu clã.

Tivesse ele perdido seu prestígio, só o fato de duvidar de si mesmo já levaria a perder vantagem sobre os outros. Sem uma base de segurança funda mentada no julgamento de sua própria pessoa, a falta de confiança tornaria duvidosas as suas decisões. Em tais circunstâncias, seria impossível enfrentar a reunião e os outros chefes. Foi, entretanto, justamente essa prática do uso da força conjugada com a transigência - sempre dentro das rígidas estruturas

da tradição clânica - que lhe permitiu fazer as concessões no caso de Ayla. E, uma vez passada a ameaça, ele começou a vê-la sob um novo ângulo.

Ayla havia tentado forçar uma decisão mas não fez uma coisa que estivesse fora dos costumes dos clã tal como ela os interpretava e, além disso, sua causa não era de todo indigna. Certo, ela era mulher e tinha de entender qual o seu lugar, mas conseguira recuperar o juízo a tempo e reconhecer os erros que cometera. Quando Ayla lhe mostrou o lugar da pequena caverna, ele ficou espantado de que, nas condições de fraqueza em que se achava, a jovem tivesse conseguido chegar até o local. Ele se perguntava se um homem teria conseguido tal êxito, nas mesmas circunstâncias, e a masculinidade se media em função da capacidade de suportar a dor e a adversidade. Brun admirava a tenacidade, a coragem e a capacidade de resistência, três virtudes que demonstravam força de caráter.

Apesar de Ayla ser mulher, ele lhe admirava a firmeza de espírito.

- Se Zoug estivesse aqui, teríamos ganho no tiro com funda - falou Crug.

- Ninguém iria conseguir batê-lo.

- A não ser Ayla - comentou Goov, com gestos reservados. - Pena que ela não pudesse competir.

- Não precisamos de mulher para vencer - gesticulou Broud. - E de pois, o tiro com funda não conta tanto assim. Brun vai vencer o lançamento com boleadeiras. Ele nunca perdeu nessa modalidade. E temos ainda também a corrida com lança para ser disputada.

- Mas Voord já ganhou a corrida simples, ele leva muita chance de ganhar esta também.

E Com, por sua vez, se saiu muito bem com a maça - comentou Droog.

- Espere até chegar o momento de mostrarmos nossa caçada de mamute. Nosso clã não pode deixar de vencer - contrapôs Broud.

As reencenações de caçadas faziam também parte de muitas cerimônias e, às vezes, eram levadas sem qualquer preparação após alguma caçada particularmente emocionante. Broud tinha o maior

prazer com essas representações. O rapaz sabia que possuía talento para evocar os momentos de dramaticidade e os estados de euforia vividos durante as caçadas.

Além do mais, adorava ver-se como centro das atenções.

As reencenações de caçadas, entretanto, tinham um propósito bem mais importante do que a função única de espetáculo. Eram sobretudo instrutivas. Com uma expressiva pantomima e uns poucos acessórios, eles expunham técnicas e táticas de caça aos mais jovens e aos outros clã. Era um modo de desenvolver e também de compartilhar experiências. Se lhes perguntassem, responderiam que o grande prêmio recebido pelo clã vencedor neste intrincado sistema de competições era status, vale dizer, o prestígio entre os seus pares.

Mas havia ainda outra recompensa, embora não reconhecida. As competições aprimoravam os requisitos necessários à sobrevivência.

- Se você comandar a dança, Broud, nós venceremos - disse Vorn, que era agora um garoto de 10 anos, quase chegando à idade viril e continuando com a mesma admiração pelo futuro chefe.

- Pena que sua corrida não conte pontos, Vom. Fiquei observando, você ia lá na frente enquanto os outros vinham muito atrás. Bem, serve de treino para a próxima vez - falou Broud. O elogio deixou Vorn vermelho de felicidade.

- Nós ainda levamos uma boa chance, apesar de que possa dar tudo errado - falou Droog. - Com é forte e, na luta-livre, ele se saiu muito bem contra você, Broud. não tinha muita certeza se você conseguiria vencê-lo, O segundo de Norg deve estar orgulhoso do filho de sua companheira. Ele cresceu muito desde a última reunião. Tenho impressão de que é o homem de maior físico por aqui.

- É verdade que ele tem força - falou Goov. - Mostrou isso quando venceu a competição de maça, mas Broud é mais ligeiro e quase tão forte quanto ele. Com foi um segundo lugar quase primeiro.

- E Nouz é bom com a funda. Ele observou Zoug na vez passada e deve vir treinando desde aquela época. não estava querendo ser outra vez derrotado por um velho - acrescentou Crug.

- Se treinou do mesmo jeito com as boleadeiras, pode dar trabalho a Brun. Voord corre rápido, mas acho que dá para você pegá-lo, Broud. Este também foi um segundo lugar muito perto do primeiro. Você estava só um passo atrás dele.

- Droog faz as melhores ferramentas - gesticulou Grod, que poucas vezes fazia algum comentário espontaneamente,

- Uma coisa, Grod, é fazer uma boa coleção de peças e trazer para cá, e outra é fabricar com todo mundo olhando. Vou precisar de sorte. Esse rapaz do clã de Norg tem muito talento - respondeu Droog.

- Essa é a única competição que o mais velho leva vantagem sobre o mais jovem, Doog.

Ele vai estar nervoso e você já tem experiência de outras competições. Consegue concentrar-se melhor - falou Goov, encorajando.

- Mas sempre se precisa de sorte.

- Todos vão precisar - disse Crug. - Continuo achando que o velho Dorv sabe contar uma história melhor do que ninguém.

- É porque você está acostumado com ele - gesticulou Goov. - Essa é uma competição muito difícil de julgar. Mesmo algumas das mulheres sabem contar uma boa história.

- Mas nunca conseguem ser tão emocionantes como nossas danças sobre caçadas. Acho que vi o clã de Norg conversando sobre uma caçada de rinoceronte que eles fizeram, mas, quando me viram por perto, pararam de falar - gesticulou Crug. - É possível que a exibição deles seja sobre essa caçada.

Oga se aproximou timidamente e fez sinais dizendo que a comida estava pronta. Eles acenaram, mandando-a retirar-se. Ela esperava que não demorassem muito para vir comer.

Quanto mais eles se retardassem, mais elas demorariam a ir juntar-se às outras mulheres contando histórias, e Oga não queria perder nenhuma. Em geral, eram as velhas que faziam o relato das histórias e lendas dos clã por meio de pantomimas e representações teatrais.

Quase sempre eram histórias de teor educativo, mas que também entretinham algumas tristes, dilacerantes; outras, alegres,

trazendo encantamento e motivação, e ainda as humorísticas que ajudavam a tornar menos ridículos seus próprios momentos embaraçosos.

Oga voltou à fogueira perto da caverna.

- Tenho a impressão de que ainda não estão com fome.

- Mas acho que acabaram resolvendo vir - falou Ovrá. - Só espero que não fiquem demorando muito para comer.

- Brun também está vindo. A reunião dos chefes deve ter acabado, mas não sei onde está o Mog-ur - acrescentou Ebra.

- Ele entrou cedo na caverna com os outros mog-urs. Devem estar na gruta dos espíritos. Ninguém pode saber quando vão sair lá de dentro. Devemos esperar por ele? - perguntou Ika.

- Eu separo alguma coisa para ele comer depois - falou Ayla. - Ele sempre se esquece de comer, quando está se preparando para alguma cerimônia. Está tão acostumado a comer comida fria que chego a pensar que até gosta mais assim. Acho que não vai se importar de não esperarmos por ele.

- Veja, já estão começando. Vamos perder as primeiras histórias - gesticulou Ona, decepcionada.

- Não posso fazer nada, Ona - disse Aga. - não podemos ir enquanto os homens não terminarem.

- Mas não vamos perder muitas, Ona - falou Uka, a título de consolo.

- Essas histórias vão continuar pela noite inteira. E amanhã os homens vão representar as melhores caçadas que fizeram e eles nos deixar ver. Não vai ser ótimo?

- Gosto mais das histórias contadas pelas mulheres - falou Ona.

- Broud disse que nosso clã vai levar a caçada do mamute. Ele tem quase certeza de que vamos vencer. Brun deixou que ele conduzisse a dança - gesticulou Oga, com expressão orgulhosa.

- Isso vai ser formidável, Ona. Eu me lembro de que Broud, quando ficou homem, conduziu a dança de sua caçada. Eu ainda não sabia falar e nem entendia nada, mas mesmo assim fiquei emocionada - comentou Ayla.

Depois da comida servida, as mulheres esperaram impacientes, lançando olhares ansiosos para o grupo de mulheres reunidas num

ponto afastado da clareira.

- Ebra, vá ouvir as suas histórias que nós temos certas coisas a tratar- gesticulou Brun.

As mulheres pegaram os bebês, arrebanharam as crianças e se dirigiram ao grupo sentado em volta de uma velha que estava no momento principiando uma nova história.

-... e a mãe da Grande moontanha de Gelo...

- Depressa - gesticulava Ayla. - Ela está contando a história de Durc. Não quero perder nem um pedacinho. É a de que eu mais gosto.

- Todo mundo já conhece essa, Ayla - falou Ebra.

As mulheres do clã de Brun arrumaram lugares para sentar-se e, instantes depois, já estavam presas à narrativa da velha.

- Ela conta um pouco diferente - gesticulou Ayla, passado algum tempo.

- Cada clã tem a sua versão e cada pessoa tem o seu jeito de contar, mas a história é a mesma. É que você está acostumada só com o modo de Dorv contar. Ele é homem e por isso sabe melhor como os homens pensam. Quando é uma mulher contando, ela fala mais sobre as partes que se referem às mães. Não apenas da mãe da Grande moontanha de Gelo, mas de como a mãe e de Durc e de todos os outros ficaram tristes quando eles deixaram o clã - respondeu Ika.

Ayla se lembrou de que o filho de Ika morreria durante o terremoto. Ela também conhecia a dor da mãe que perde seu filho. A nova versão trouxe também para Ayla uma nova vista da história. Por um momento, ficou com a testa franzida, preocupada. O nome de meu filho é Durc, espero que isso não signifique que algum dia eu vá perdê-lo. Abraçou-se com o bebê, Não, não vai acontecer. Uma vez quase perdi meu filho, mas o perigo agora já passou? não é?

Enquanto Brun calculava com muita atenção a distância a separá-lo de um toco de árvore, perto da borda do terreno desmatado em frente da caverna, uma brisa isolada levantou alguns fios soltos de seu cabelo, refrescando por momentos sua testa suada. O que sobrara da árvore, os galhos podados, foi usado para

construir uma parte da jaula do urso da caverna. A aragem apenas acariciava, sem trazer qualquer alívio ao sol da tarde sufocante, incindindo sobre o pátio empoeirado. No entanto, a leve brisa chegava a ter mais movimento do que a multidão que observava, tensa, alinhada na periferia. Brun, de pé com as pernas afastadas, o braço direito pendente e segurando na mão a empunhadura das bolas, achava-se tão imóvel quanto os outros. As três pedras arredondadas, ajustadas dentro de um envoltório apertado de couro e ligadas por cordas de diferentes tamanhos, estavam caídas sobre o chão. Brun queria vencer essa competição, Não só pelo fato de estar competindo - isso também era importante - mas porque precisava provar aos outros chefes que continuava mantendo a vantagem de sempre.

Trazer Ayla à reunião lhe custara um alto preço. Compreendia agora que ele e seu clã estavam muito acostumados com ela. Ayla era algo extremamente anômalo para que as pessoas a aceitassem em tão pouco tempo. Até mesmo o Mog-ur estava tendo trabalho para manter-se em sua posição e ainda não conseguira convencer os outros mog-urs de que ela era uma curandeira da linha de Iza. Eles preferiam até passar sem a bebida especial de raízes do que dar sua permissão para Ayla fabricá-la. A perda do status de Iza representou a retirada de mais um dos alicerces que sustentavam a mais certa posição de Brun.

Nas competições se não chegassem simplesmente em primeiro lugar, ele tinha certeza de que não teriam mais o status de primeiro clã. Embora ainda estivessem concorrendo, o resultado estava longe de poder ser dado como certo. E ainda que vencesse as competições, nada assegurava que o clã continuaria na primeira posição, isso apenas o poria em igualdade com os demais. Havia ainda uma quantidade de outras variáveis a considerar. O clã hospedeiro sempre levava uma dianteira e, no caso, era o de Norg, aquele justamente que mais estava empenhado na luta. Se este pegasse um segundo lugar, Norg, com isso, já contava com bastante respaldo para ascender à primeira posição. Norg o sabia e era o seu oponente mais implacável. Graças unicamente à sua grande força de vontade, Brun vinha mantendo-se no seu posto.

Brun semicerrou as pálpebras mirando o toco. Esse movimento mínimo bastou para que metade dos observadores prendessem a respiração. No momento seguinte, a figura inteiramente parada converteu-se num movimento alucinante e as três bolas, girando em torno de seu centro, voaram na direção do toco. No instante mesmo que as boleadeiras saíram de sua mão, Brun sabia que perdera o tiro. As pedras bateram no alvo e depois saltaram mais adiante sem que as cordas houvessem enroscado nele.

Brun foi buscar sua arma, enquanto Nouz veio ocupar seu lugar. Se Nouz não atingisse o alvo de forma alguma, Brun venceria. Se batesse no toco, os dois teriam uma segunda chance, mas caso Nouz conseguisse enrolar as boleadeiras no toco, a partida era sua.

Brun se pôs de lado com o rosto impassível, resistindo à vontade de levar a mão ao amuleto, limitando-se apenas a dirigir uma súplica muda a seu totem. Nouz não teve os mesmos escrúpulos. Segurou no saquinho de couro pendurado no pescoço, fechou os olhos e, em seguida, olhou para o toco. Subitamente, explodiu em movimento vertiginoso, fazendo as boleadeiras voarem. Apenas os longos anos de educação impediram Brun de deixar transparecer o desapontamento quando as boleadeiras se enrolaram, prendendo-se no toco. Nouz vencera, e Brun sentiu sua posição lhe escapando mais ainda.

Permaneceu no seu lugar, enquanto três panos de couro eram trazidos para o pátio. Um foi amarrado no pedaço do tronco já apodrecido de uma enorme árvore cujo topo escalavrado era pouco mais alto do que os homens. Outro, foi posto por cima de uma tora e preso no chão com pedras. Era um tronco de tamanho regular, coberto de musgo, que se achava caído no chão, próximo à orla da mata; e o terceiro pano foi estendido sobre o chão e também preso com pedras. Os três couros formavam um triângulo mais ou menos de lados iguais. Cada clã escolheu um homem para essa prova, os quais foram alinhar-se de acordo com a hierarquia clânica, perto do couro estendido no chão. Outros homens, carregando lanças - quase todas feitas de madeira de teixo, vidoeiro, faia ou salgueiro, que para isso também servia - dirigiram-se para os outros alvos.

Dois rapazes provenientes de clãs menos categorizados formaram a primeira parelha.

Esperavam lado a lado, tensos, com os olhos presos em Norg e cada um carregando uma lança. Ao sinal do chefe, eles se lançaram na direção do tronco em pé, no qual enfiaram as lanças através do couro, mirando o ponto onde deveria estar o coração, quando a pele cobria o animal ainda vivo. Em seguida, apanharam uma outra lança com os seus companheiros de clã que aguardavam do lado do alvo. Correram para a tora caída, enterrando nesta a segunda lança. Quando chegou a vez de pegar a terceira, um deles estava nitidamente na dianteira. Esse correu em direção ao ponto de partida, onde se encontrava o couro estendido no chão e aí fincou fundo a lança, procurando acertar bem no meio da pele, quando, então, vitoriosamente, ergueu os braços.

Depois de primeira fase eliminatória, sobraram cinco homens. Três deles vieram postar-se para a segunda corrida, já agora de clãs de maior categoria. Àquele que chegasse por último, dava-se uma outra chance contra os dois restantes. E os dois que chegassem em segundo disputariam entre si, de modo a restar no campo três homens para disputarem a final: os dois primeiros colocados dessas duas últimas disputas, e o vencedor da primeira corrida. Os finalistas foram Broud, Voord e um homem do clã de Norg, chamado Gorn.

Dos três, apenas Gorn havia vencido quatro corridas para ter o seu lugar nas finais, enquanto os outros dois tinham disputado só duas e se achavam razoavelmente descansados. Gorn vencera o primeiro par nas eliminatórias, mas chegou em terceiro na corrida com os três clãs de status mais elevados. Ele tornou a correr com os dois últimos homens e chegou em segundo. Disputou, então, com o homem que foi o segundo colocado na corrida em que ele chegara em terceiro lugar, desta vez vencendo-o. Foi só por pura perseverança e força de vontade que Gorn alcançara as finais, ganhando a admiração de todos que se achavam lá.

Quando os três homens se alinharam para a corrida final, Brun foi para dentro de campo.

- Norg - falou ele - penso que a corrida final teria resultado mais justo, se fosse atrasada para que Com pudesse descansar um pouco. Acho que o filho da companheira de seu segundo em comando merece isso.

As cabeças balançaram em sinal de aprovação e a cotação de Brun subiu um pouco, embora isso fizesse Broud amarrar a cara. A sugestão punha seu clã numa posição mais difícil, fazendo desaparecer a possível vantagem que Broud levava correndo com um homem já cansado, mas mostrava o senso de justiça de Brum, e Norg não tinha por que se opor. Brun rapidamente havia pesado as duas alternativas possíveis: Broud não vencendo, o clã estaria arriscado a perder sua posição; e ganhando, o seu manifesto espírito de justiça lhe restituiria o prestígio, ao mesmo tempo que ele dava uma impressão de confiança que estava longe de sentir. Seria, além disso, uma vitória limpa e já não haveria a desculpa de que Broud vencera pelo fato de Corri estar cansado. E, enfim, era o mais justo.

Já estava entardecendo quando todos voltaram a se reunir em volta do campo. A tensão relaxada durante o intervalo voltou a pesar, inclusive com mais força. Os três rapazes, agora bem descansados, exibiam-se dando voltas, aquecendo os músculos e suspendendo as lanças para sentir seu ponto de equilíbrio. Goov, com mais dois homens de outros clãs, se dirigiu para o toco de árvore, e Crug, também na companhia de outros dois, encaminhou-se para a tora no chão. Broud, Com e Voord alinharam-se um ao lado do outro com os olhos fixos em Norg. O chefe do clã anfitrião levantou o braço e o abaixou de uma só vez, dando a partida. Voord saltou à frente com Broud em seus calcanhares, enquanto Gorn vinha atrás, dando o máximo que podia. Voord já estava pegando a segunda lança, quando Broud enfiava a sua no tronco de madeira podre. Gorn aumentou sua velocidade, pressionando ilroud na corrida em direção à tora no chão, mas Voord mantinha a dianteira. Ele ia cravar sua lança na tora coberta de couro, no momento exato em que Broud levantava a sua. Voord, no entanto, bateu num nó da madeira e a lança se esborrachou no chão. Quando tornou a pegá-la para enfiá-la novamente, tanto Broud como Gorn já tinham passado

à frente. Voord agarrou a terceira lança e os segurou, mas para ele a corrida já estava perdida.

Broud e Gom, com as pernas bambeando e os corações batendo forte, partiram para o último obstáculo. Gorn começou à frente de Broud e passava a ganhar terreno, mas ao ver a figura daquele gigante espadaúdo, fazendo-o comer a poeira de seus pés, Broud encheu-se de raiva. Tinha a impressão de que os pulmões iam estourar, enquanto se lançava adiante, forçando cada músculo e nervo do corpo. Gom alcançou o couro estendido um instante antes de Broud e estava levantando o braço quando Broud se precipitou por baixo, fazendo a lança atravessar o couro e cravar-se no chão, ao mesmo tempo em que ele passava por cima da pele. A lança de Gom foi espetada na batida seguinte do coração, mas tarde demais.

Quando Broud parou, os caçadores do clã de Brum amontoaram-se a seu redor. Brun, com os olhos brilhando de orgulho, observava. Seu coração batia quase tão forte quanto o de Broud. Ele sofrera junto com o filho de sua companheira cada instante da corrida. Durante alguns momentos de grande tensão, estava certo de que ele perderia, mas Broud dera tudo de si e ganhara. Fora uma corrida decisiva, mas, com essa vitória, suas chances melhoraram bastante. Devo estar ficando velho, pensou consigo, perdi o lançamento com as boleadeiras, mas Broud Não. Ele ganhou. Talvez tenha chegado o momento de passar o controle do clã para ele. Poderia convertê-lo no chefe, e dar a notícia aqui mesmo. Lutarei pela primeira posição do clã e deixo Broud voltar para casa com todas as honras. Depois dessa corrida, ele merece isso. E é o que vou fazer. Falarei com ele neste instante!

Brun esperou até que os homens acabassem de dar parabéns a Broud para então aproximar-se, já antevendo a alegria do rapaz, quando soubesse da grande homenagem que seria prestada a ele. Era uma justa recompensa por aquela magnífica corrida. O maior prêmio que poderia dar ao filho de sua companheira.

- Brun! - Broud havia visto o chefe e falou primeiro. - Por que você teve de atrasar a corrida? Eu quase perdi. Poderia ter vencido facilmente, se você não tivesse dado tempo a Gorn para descansar. Você não se importa com a posição do nosso clã? - gesticulou o

rapaz, cheio de petulância. - Ou será porque você já está velho demais para ser o chefe na próxima reunião? Se vou ser eu o chefe, o mínimo que você poderia fazer era deixar o clã ocupando a primeira posição, do modo como você o recebeu.

Brun recuou, surpreso diante de tamanha virulência. Fazia força para controlar suas emoções contraditórias. Será que não entende, será que algum dia irá entender?, perguntava-se Brun. Este clã é o primeiro e dependendo de mim continuará sempre sendo.

Mas o que irá acontecer quando você for o chefe, Broud? Por quanto tempo este clã continuará ocupando o primeiro posto? Já não existia mais orgulho nos seus olhos e sim uma grande mágoa que procurava não deixar transparecer. Talvez Broud ainda esteja jovem demais, esteja precisando de um pouco mais de tempo, argumentava consigo - deve estar precisando ainda de um pouco mais de experiência. Será que realmente expliquei direito as coisas a ele? Brun não queria lembrar-se de que, para ele, ninguém havia explicado nada.

- Broud, se Gom estivesse cansado, sua vitória teria sido a mesma? E se os outros clãs achassem que você só venceu porque o outro estava cansado? Desse modo, todos têm certeza de que você de fato ganhou e isso se aplica também a você. Mas você se portou muito bem, filho de minha companheira - gesticulou Brun, com gentileza. - Fez uma bela corrida.

Apesar da amargura, Broud continuava respeitando Brun mais do que qualquer outro homem que já conhecera na vida e não pôde deixar de reagir com um pouco mais de simpatia. Naquele momento, tal como na caçada de sua passagem, Broud sentiu que daria qualquer coisa para ter um elogio de Brun.

- Não tinha pensado nisso, Brun. Desse modo, ninguém pode duvidar de que eu não tenha vencido. Agora sabem que sou melhor do que Gom.

- Com essa corrida e Droog vencendo na fabricação de ferramentas e mais a vitória essa noite com a nossa representação da caçada do mamute, tenho certeza de que chegaremos em primeiro - falou Crug, entusiasmado.

- E você será um dos escolhidos para a Cerimônia do Urso, Broud.

Enquanto caminhava para a caverna, outros homens foram se aproximando para lhe dar os parabéns. Brun ficou observando Broud e depois viu Gorn seguindo atrás, cercado pelo clã de Norg. Um velho dava palmadas no ombro do rapaz, num gesto de encorajamento.

O segundo de Norg tem motivos para estar orgulhoso do filho de sua companheira, pensou Brun. Broud pode ter vencido a corrida, mas tenho certeza de que Gorn, como homem, é melhor. Ele tinha conseguido apenas controlar sua mágoa, mas não vencê-la. Embora se esforçasse por sufocar a tristeza, a dor persistia. Broud continuava sendo o filho de sua companheira, o filho de seu coração.

- Os homens do clã de Norg são caçadores de coragem - admitiu Droog. - Foi um bom plano, esse de cavar um buraco no caminho que o rinoceronte usava para beber água e depois cobri-lo de folhas. Talvez a gente possa tentar a mesma coisa algum dia. Foi preciso muita coragem para arrastá-lo de volta, quando ele tentou fugir. Os rinocerontes são, às vezes, mais bravos do que os mamutes e muito mais imprevisíveis. E os caçadores de Norg representaram muito bem a caçada.

- Mas não chegou a ser tão boa quanto a nossa caçada do mamute. Todo mundo concordou - falou Crug. - Apesar de que Gom merecesse também ser escolhido. A luta quase toda foi entre Broud e Gom. Por um instante, tive medo de que não fôssemos vencer a competição deste ano. O clã de Norg vem num segundo lugar muito perto de primeiro. O que você acha do terceiro homem escolhido, Grod?

- Voord se portou bem, mas eu teria escolhido Nouz - respondeu Grod. - E acho que Brun teria também preferido.

- Foi uma escolha difícil, mas acho que Voord mereceu - comentou Droog.

- Daqui por diante, enquanto o festival não terminar, não vamos ver muito Goov por aqui - disse Crug. - Agora que as competições acabaram, os acólitos vão ficar o tempo todo com os mog-urs. Só espero que as mulheres não pensem que pelo fato de

Brun e Goov não virem comer essa noite conosco, não tenham que fazer bastante comida. Vou tratar de comer bem hoje, até a festa amanhã não vai haver, nada.

- Acho que se estivesse no lugar de Broud, eu não iria ter vontade de comer nada - falou Droog. - É uma grande honra essa de ser escolhido para a Cerimônia do Urso, mas, se alguma vez Broud vai precisar ter coragem na vida, será amanhã. E vai precisar de muita.

Os primeiros clarões da manhã já encontraram a caverna vazia. As mulheres estavam de pé, trabalhando à luz vinda das fogueiras, e o resto das pessoas não conseguiu dormir. Os preparativos preliminares para a festa haviam consumido dias, mas isso não era nada em comparação com o trabalho que tinham pela frente. O dia ficara claro bem antes que o sol surgisse por cima dos cumes das montanhas, já alto no céu, quando banhava com o calor de seus raios os terrenos da caverna.

A agitação era palpável, e a tensão insuportável. Uma vez terminadas as competições, os homens se achavam irrequietos, sem nada a fazer até que chegasse a hora das cerimônias, o estado de nervosismo e inquietação se transmitia aos meninos maiores que, por sua vez, deixavam os menores desassossegados, fazendo as mulheres se distraírem do trabalho, com um mundo de homens e crianças esbaforidas atravancando seus caminhos.

A agitação diminuiu por algum tempo, quando elas distribuíram bolinhos de fubá com água, assados sobre pedras quentes. A refeição matinal foi feita numa atmosfera de grande circunspeção. Esses bolinhos eram servidos só neste dia, a cada sete anos e, afora as crianças de peito, seria a única coisa que iriam comer até o momento da festa. Era um alimento quase meramente simbólico, servindo apenas para aguçar o apetite. Quando a manhã já ia pela metade, a fome, estimulada pelos deliciosos aromas vindos das muitas fogueiras, fazia aumentar a agitação levando, à medida que se aproximava a Cerimônia do Urso, o clima de ansiosa expectativa a um estado de extrema tensão.

Creb não se aproximara de Ayla ou de Uba com qualquer instrução no sentido de elas se prepararem para o ritual a ser

celebrado pouco depois naquele dia, e elas estavam certas de que os mog-urs não haviam achado nem uma nem outra aceitável. Elas não eram as únicas a lamentar a doença de Iza que a impediu de fazer a viagem. Creb havia usado todo o seu poder de persuasão para convencer os outros feiticeiros a deixarem uma das duas preparar a bebida, mas, apesar de que teriam gostado de ter o ritual com as sensações proporcionadas pela bebida de raízes - uma rara oportunidade para eles - consideraram que Ayla era demasiadamente estranha, e Uba jovem demais para a prática do cerimonial. Os mog-urs recusavam-se a aceitar Ayla como uma mulher dos clã e menos ainda como uma curandeira proveniente da linha de Iza. A celebração de Ursus afetava muitíssimo os clã presentes.

As consequências - boas ou más - de qualquer ritual lá celebrado recairiam sobre todos eles. Os mog-urs não iriam arriscar-se a invocar forças maléficas que poderiam trazer desgraças para toda a população clânica. Era um risco grande demais.

Eliminar essa tradicional parte do cerimonial contribuiu muito para o rebaixamento de Brun e seu clã. Por mais que seus homens se tivessem esforçado nas competições, a aceitação de Ayla por Brun representava mais ameaça a posição do clã do que qualquer coisa que porventura houvesse acontecido. Era algo inteiramente fora dos padrões. Somente a resistência férrea de Brun diante da oposição crescente mantinha ainda a questão pendente, e ele não se via nem um pouco seguro de que no final fosse sair vitorioso. Não muito depois que os bolinhos foram servidos, os chefes vieram postar-se perto da entrada da caverna. Ali esperaram calmamente que os clãs, reunidos em assembléia, lhes prestassem atenção. À medida que se tomava conhecimento da presença deles, o silêncio foi-se propagando tal como as ondas feitas por uma pedra caindo numa superfície de água parada. Os homens rapidamente se arrumaram de acordo com a hierarquia dos clã e a posição social relativa de cada um dentro deste. As mulheres pararam o trabalho, fizeram sinais para que as crianças se comportassem e, em silêncio, elas lhes seguiram o exemplo. A Cerimônia do Urso estava para começar

A primeira batida num tambor de madeira, parecido a uma gamela que se batia com um pau liso e resistente, ressoou como um trovão em meio ao silêncio de expectativa. O ritmo lento e solene foi seguido pelas pancadas de lanças no chão, fazendo um fundo em surdina, ao mesmo tempo em que as batidas dadas num instrumento de madeira na forma de um tubo comprido e oco construía em contraponto com as batidas fortes e solenes um tema rítmico aparentemente independente do primeiro. Apesar de os ritmos em staccato serem tocados em tempos diferentes, estes tinham uma batida forte que coincidia - como se por acaso - com as quintas batidas do ritmo básico. Os sons se combinavam, gerando uma sensação cada vez maior de expectativa, quase de ansiedade, até que, num dado momento, todas as batidas passaram a ser ouvidas em uníssono. Cada instante de relaxamento dava partida a novo estado de tensão. num clima de hipnotismo criado por sucessivas ondas de sonoridades e sensações.

Subitamente, numa atmosfera já saturada, todos os sons pararam com um rufar final. Como se houvessem se materializado do ar, os mog-urs, envoltos em suas capas de pele de urso, surgiram, numa fileira de nove, diante da jaula do urso da caverna com o Mog-ur à frente deles. A sensação rítmica ainda repercutia na cabeça das pessoas num ambiente de silêncio opressor. O Mog-ur levava na mão uma placa oval de madeira com uma corda atada numa de suas extremidades. Quando ele começou a girá-la no ar, ouviu-se um zunir fraco que gradativamente foi aumentando com a força cada vez maior de rotação até tornar-se um rugir alto tomando o clima de silêncio. A ressonância obsedante e grave daquele mugir provocava arrepios nas pessoas, tanto por seu significado como pelo timbre sonoro. Era a voz do Espírito do Urso da Caverna avisando os outros espíritos que se afastassem daquela cerimônia dedicada exclusivamente a ele. Nenhum espírito de totem estaria ali para lhes dar assistência, achavam-se todos sob a proteção do Grande Espírito dos Clã.

Um som agudo e chilreado penetrava o outro, baixo e gutural. O uivado alto em tom lamentoso fazia com que até os mais corajosos sentissem seus cabelos arrepiando, enquanto o mugir

grave aos poucos emudecia. O uivo fantasmagórico, sobrenatural, bem próprio de algum espírito desencarnado varava a luminosa atmosfera da manhã. Ayla, na fileira da frente, viu que o som saía de qualquer coisa presa na boca de um dos mog-urs.

A flauta feita do osso oco tirado da pata de um pássaro não tinha buracos para os dedos. Controlavam-se os sons tapando e destapando a extremidade aberta. Nas mãos de um bom tocador, esse instrumento extremamente rudimentar podia tocar uma escala pentatônica completa. Para Ayla, bem como para todos ali, a música desconhecida era fruto de magia, soando como alguma coisa jamais ouvida nesse mundo. Vinha, por ordem dos feiticeiros, a mando dos espíritos, exclusivamente para esta cerimônia. Tal como o som parecido com um mugido simbolizava o rugir concreto do urso da caverna, a flauta era a voz espiritual de Ursus.

O próprio feiticeiro que tocava o instrumento sentia, como sagrado, o som saído daquela flauta primitiva, apesar de que fosse ele quem o produzia. Fabricar e tocar a flauta mágica era um segredo esotérico dos feiticeiros de seu clã, segredo que sempre lhes garantiu um alto status na hierarquia dos clãs. Somente o talento inigualável de Creb teria podido desbancar o mog-ur tocador de flauta para o segundo posto, mas um segundo lugar altamente prestigioso. E era justamente esse feiticeiro que mais se opunha à aceitação de Ayla.

O imenso urso da caverna andava de lá para cá dentro da jaula. Não lhe tinham dado de comer e ele não estava acostumado a ficar sem comida. Nunca passara um só dia de fome em toda a sua vida. Até mesmo a água lhe havia sido retirada e ele estava morto de sede. A multidão, o cheiro de excitação, a atmosfera tensa, os sons nunca ouvidos de tambores, mugido e flauta, tudo se combinava para deixá-lo nervoso.

Quando viu o Mog-ur se encaminhando para a jaula, firmou seu imenso corpanzil sobre as patas traseiras e rugiu queixoso. Creb automaticamente estremeceu, mas logo se recobrou do susto, conseguindo disfarçar com um trejeito aparentemente normal. Seu rosto, bem como o dos outros mog-urs, estava enegrecido com uma pasta de dióxido de manganês e sua apreensão não transpareceu no

momento em que inclinou a cabeça para trás de modo a poder olhar melhor para o pobre animal. Creb carregava um recipiente com água, cuja forma e cor num tom cinza-amarelado não deixavam dúvida de que a cuia era a caveira tirada de um esqueleto humano. Ele pôs o macabro recipiente dentro da jaula e deu alguns passos para trás, enquanto o urso se abaixava para beber.

Nisso, apareceram 21 caçadores jovens que cercaram a jaula, cada um trazendo na mão uma lança recentemente feita. Os chefes dos sete clã que não tiveram a felicidade de ter um dos seus homens escolhido para as honrarias especiais haviam selecionado três dos melhores caçadores de suas fileiras para essa cerimônia. Em seguida, Broud, Gorn e Voord vieram correndo para fora da caverna e se alinharam do lado da porta bem amarrada da jaula. Vestiam apenas uma pequena tanga e tinham os corpos pintados de vermelho e preto.

A pouca quantidade de água não deu para matar a sede do animal, mas ele esperava que os homens próximos da jaula lhe dessem mais e se sentou pedindo, fazendo gestos que nunca haviam ficado antes sem resposta. Ao perceber que seus esforços eram em vão, encanminhou-se para o homem que se achava mais perto, metendo na sua direção o focinho através das grossas barras da jaula.

A música da flauta parou numa nota desagradavelmente inconclusiva que elevava a expectativa naquele clima de silêncio e ansiedade. Creb retirou a caveira transformada em cuia e veio para o seu lugar em frente dos feiticeiros enfileirados na entrada da caverna. A um gesto invisível, os mog-urs começaram todos ao mesmo tempo a fazer os movimentos usados na linguagem ritualística.

Aceite essa água como testemunho de nossa gratidão, ó Nosso Todo- Poderoso Protetor. Os clãs não esqueceram as lições que você ensinou. A caverna é o nosso lar, protegendo-nos contra a neve e o frio do inverno. Nela, também descansamos em paz, aquecidos por peles e alimentados com a comida colhida no verão. Você tem sido um de nós, vivido conosco e sabe que guardamos os seus preceitos.

Com os rostos pintados de preto e vestidos todos iguais com capas de pele de urso, os feiticeiros lembravam um conjunto bem ensaiado de dança movendo-se num todo, enquanto falavam com gestos ondulantes e solenes. A eloquência do Mog-ur, com seu único braço, casava-se com a dos outros. Embora um pouco diferente, ele a pontuava com movimentos elegantes que lhe davam um maior realce.

- Nós o adoramos, você que é o primeiro dentre todos os espíritos. Pedimos que interceda por nós no mundo dos espíritos, que fale da coragem de nossos homens, da obediência de nossas mulheres e que prepare o nosso lugar para quando retornarmos ao outro mundo.

Imploramos sua proteção contra os espíritos malignos. Nós somos o seu povo, ó Grande Ursus, formamos os clãs do Urso da Caverna. Honra lhe seja feita, ó Espírito de Todos os Espíritos.

Enquanto os mog-urs diziam pela primeira vez na presença do animal dos nomes por que era ele conhecido, os 21 caçadores passaram as suas lanças através dos grossos postes de madeira, ferindo a venerada criatura. Nem todos conseguiram lhe arrancar sangue, a jaula era bastante grande para que todas as lanças pudessem penetrar fundo no corpanzil do animal, mas a dor o enfureceu, fazendo com que soltasse um rugido de raiva que quebrou a atmosfera de silêncio. As pessoas, incontinentemente, deram um pulo para trás. Broud, Gorn e Voord se puseram, então, a escalar a paliçada para remover as cordas que amarravam a porta da jaula. Broud foi o primeiro a chegar em cima, mas Gorn conseguira agarrar uma tora grossa e curta que havia sido posta lá anteriormente. O urso enlouquecido de dor ergueu-se nas patas traseiras e, rugindo sua raiva, foi na direção dos três. Sua colossal cabeça chegava quase à altura dos troncos mais altos da jaula. Ele, então, alcançou a abertura e puxou a porteira espatifando-a no chão. A jaula estava aberta e o monstro, louco de ódio, solto!

Os caçadores com as suas lanças correram para formar uma falange protetora entre a besta exasperada e a platéia tomada de pavor. As mulheres, lutando contra a vontade de fugir, apertavam os bebês nos colos, enquanto as crianças mais velhas se colavam a

elas, com os olhos arregalados de terror. Os homens haviam pegado as lanças, prontos para saltar em defesa. Mas ninguém se arredou do lugar.

Quando o animal ferido passou pelo buraco na jaula de madeira, Broud, Gorn e Voord, que se equilibravam na cumeeira da jaula, pularam de surpresa sobre ele. Broud caiu por cima dos ombros e segurou o animal pelos pêlos da cara, pondo-se a dar puxões que lhe suspendiam a cabeça. Nesse meio tempo, Voord, que aterrara nas costas, agarrou a cabeleira e a puxava para baixo, usando todo o peso do corpo, fazendo esticar a pele frouxa ao redor do pescoço do urso. A combinação dessas duas forças obrigava o animal - sempre se debatendo - a ficar com a goela à mostra, e Gom, que estava montado num dos ombros, rápido, lhe enfiou pela boca o lado grosso da tora. O urso parou em seus passos e Broud soltou as mãos para dar safanões no pedaço de madeira, calcando-o bem entre as mandíbulas, impedindo-o de respirar. Uma das armas do urso fora invalidada.

Mas a tática não o desarmou inteiramente. Furioso, meteu a pata numa das criaturas que se agarravam nele. As afiadas garras se cravaram na coxa do homem sobre seu ombro trazendo-o para os seus braços colossais. O grito de agonia de Gor foi subitamente interrompido por um abraço poderosíssimo do urso que lhe partiu a espinha. Quando o corpo do rapaz caiu sem vida, um longo e doloroso gemido partiu da direção de uma das mulheres na assistência.

O urso, cambaleando, avançou para o grupo de homens que tinham as lanças empunhadas ao alto, fazendo seu cerco. Com um violento murro dado com a parte lateral da pata dianteira, o animal abriu um claro, derrubando três e acertando uma violenta cutilada num quarto que teve os músculos da perna rasgados até os ossos. O homem dobrava-se de dor, abalado demais para poder gritar. Os outros passavam por cima ou em volta dele, aglutinando-se perto da fera, de modo a poder alcançá-la com as lanças.

Ayla, horrorizada, abraçava Durc, morta de pavor de o urso chegar até onde estavam. Mas, ao ver o homem caído, com o sangue esparramando pelo chão, não pensou duas vezes.

Meteu o bebê no colo de Uba e se atirou no meio da confusão da luta. Forçando a passagem através do bolo compacto de homens, meio arrastando, meio carregando, conseguiu botar o ferido fora do alcance das pisadas. Com uma das mãos ela apertou o ponto de compressão da artéria na virilha do homem e, com a outra, pegou a extremidade da correia de sua roupa, que botou entre os dentes, partindo um pedaço. Já havia posto o torniquete e limpava o sangue com a manta de seu bebê, quando chegaram duas outras curandeiras, seguindo-lhe o exemplo. Elas, apavoradas, procurando passar ao largo do tumulto, tinham vindo ajudar. As três carregaram o ferido para a caverna e, nos seus desesperados esforços para salvar-lhe a vida, nem repararam que o urso, por fim, havia sucumbido sob as lanças dos caçadores.

No momento em que o animal foi abatido, a companheira de Gorn soltou-se dos braços das pessoas que procuravam consolá-la e correu para o corpo esparramado no chão. Ela se atirou sobre o rapaz, enterrando o rosto no seu peito cabeludo, depois, de joelhos, em gestos desesperados, implorou para que o companheiro se levantasse. Sua mãe e a companheira de Norg tentavam afastá-la, quando se aproximaram os mog-urs. O grande feiticeiro abaixou-se e delicadamente lhe levantou a cabeça para olhá-la.

- Não fique triste por ele - falou o Mog-ur, com expressão terna e compassiva. - Gorn foi agraciado com a maior de todas as honras. Ele foi escolhido por Ursus para acompanhá-lo ao mundo dos espíritos. Seu companheiro ajudará o Grande Espírito a interceder por nós. O Grande Urso da Caverna só escolhe os melhores e os mais corajosos para fazerem a viagem com ele. A festa de Ursus será também a festa de Gorn. Sua coragem e seu espírito de luta se transformarão numa lenda a ser contada em todas as reuniões de clã Tal como Ursus retorna a nós, o espírito de Gorn também voltará. Ele estará esperando por você para que os dois possam regressar juntos, quando então irá tomá-la novamente por companheira. Mas você tem de ser tão corajosa quanto ele. Afaste sua tristeza e participe da alegria de seu companheiro na viagem ao outro mundo. Nesta noite, os mog-urs lhe prestarão uma homenagem especial

para que todos possam compartilhar de sua coragem e para que sua valentia seja transmitida a todos os clãs.

A moça visivelmente lutava para controlar a angústia que ia nela e poder mostrar-se tão corajosa como lhe dizia o grande feiticeiro. A figura aleijada do Mog-ur, com seu medonho rosto caolho e temido de todos, afinal não parecia tão assustadora. Com um olhar de agradecimento, a moça se levantou e se encaminhou com o corpo ereto de volta a seu lugar.

Ela precisava ser corajosa. O Mog-ur não lhe dissera que Gorn estaria esperando por ela? Que os dois algum dia voltariam a ser companheiros novamente? Agarrava-se a este pensamento, procurando esquecer o triste vazio que seria daqui por diante sua vida sem ele.

Quando a companheira de Gorn chegou a seu lugar, as mulheres dos chefes e dos segundos em comando começaram o trabalho de retirar a pele do urso. O sangue foi recolhido em bacias e, após os Mog-urs haverem feito sobre estas alguns gestos de sentido religioso, os acólitos foram passando diante dos membros de seus respectivos clã e levando à boca de cada um deles um vasocontendo uma porção do sangue. Todos - homens, mulheres e crianças - provaram do sangue ainda quente, do fluido da vida de Ursus. Até os bebês tiveram suas bocas abertas pelas mães que, com o dedo, lhes molharam a língua com o sangue fresco. Ayla e as duas curandeiras foram trazidas da caverna para receber as suas porções, e o homem ferido que perdera tanto do dele ganhou um bom gole para restaurar-lhe as forças. Todos participaram da comun com o Grande Ursus que os unia num só povo.

As mulheres trabalhavam rapidamente, enquanto os clãs ficavam observando. A grossa camada subcutânea de gordura, propositadamente criada no animal, foi com muito cuidado raspada da pele. Era uma parte que continha propriedades mágicas, por isso seria derretida e distribuída entre os mog-urs. A cabeça foi deixada presa no couro e levaram a carne para dentro de covas, já preparadas com uma forração de pedras, onde ficaria assando durante todo o dia. Os acólitos penduraram a imensa pele em postes na frente da caverna, num lugar de onde os olhos do animal

poderiam observar as festividades. O urso da caverna seria o hóspede de honra numa festa cujo banquete era ele próprio. Depois da pele armada, os mog-urs apanharam o corpo de Gorn e, muito dignos e solenes, o carregaram para os recônditos da caverna. Feito isso, a multidão, a um aceno de Brun, dispersou. O Espírito de Ursus fora posto a caminho, com os dignos rituais.

Capítulo 24

Mas, como pôde ela fazer isso? Nenhuma outra teve coragem de chegar perto e ela não mostrou o menor medo - dizia o mog-ur do clã a que pertencia o homem ferido. - Era quase como se soubesse que Ursus não iria atacá-la. Exatamente como aconteceu no primeiro dia. Acho que o Mog-ur tem razão ela foi aceita por Ursus. É uma mulher dos clãs. Nossa curandeira disse que foi ela quem salvou a vida dele. Além de ter sido bem treinada, ela tem um dom natural, como se tivesse nascido para isso. Acredito que ela seja realmente da estirpe de Iza.

Os mog-urs estavam numa gruta situada bem no interior da montanha. Lâmpadas de pedra e pratos rasos com gordura de urso empapando pavios feito de musgo traçavam um círculo de luzes que quebravam um pouco a absoluta escuridão ao redor deles. As pequeninas chamas iluminavam as facetas escondidas dos cristais de rocha e se refletiam na cintilação das estalactites gotejantes que pendiam do teto, formando pingentes nunca concluídos e ansiosos pelos encontros com as suas contrapartidas crescendo no chão. Os pingos de calcário, filtrados pela pedra secular, concretizavam-se em majestosas colunas, adelgaçadas no centro, que iam do chão ao teto abobadado. Para que uma das estalactites encontrasse sua companheira no beijo substancial estava faltando apenas a espessura de um fio de cabelo, uma ponte, no entanto, que levaria séculos a ser construída.

- Já no primeiro dia, ela surpreendeu a todos quando não demonstrou qualquer medo de Ursus - disse outro feiticeiro. - Mas, se eu concordar, ain da dá tempo para que ela se prepare?

- Se nos apressarmos, sim - respondeu o Mog-ur.

- Ela nasceu dos Outros, como pode ser uma mulher nossa? - questionou o mog-ur tocador de flauta. - Os Outros não são clãs e nunca serão. Você disse que ela já veio com a marca de um totem dos clãs, mas essa não é marca de um totem de mulher. Como pode

ter certeza de que é um sinal nosso? O Leão da Caverna nunca foi totem de nossas mulheres.

- Jamais disse que ela nasceu com a marca - falou o Mog-ur, ponderando. - Você está insinuando que um Leão da Caverna não pode escolher uma mulher? O Leão da Caverna escolhe quem ele bem entender. Ela, quando foi encontrada, estava praticamente morta. Iza trouxe-a de volta à vida. Por acaso você imagina que uma garotinha pode escapar de um leão, se não estiver sob a proteção de seu espírito?

Ele botou sua marca na menina para que não houvesse a menor dúvida de sua intenção. A marca na perna dela é a de um totem nosso e isso ninguém pode negar. Por que iria receber uma marca de totem dos clãs, se não estivesse destinada a se tornar uma de nossas mulheres? não sei por que e nem pretendo entender a razão por que os espíritos agem dessa ou daquela maneira. Com a ajuda de Ursus, às vezes, posso interpretar o que eles fazem. Será que algum de vocês pode fazer mais do que isso? Apenas digo que ela conhece o ritual. Iza lhe passou o segredo das raízes que estão dentro da sacola vermelha e Iza não lhe revelaria isso, se ela não fosse sua filha. não há necessidade de desistirmos dessa parte do ritual. Bem, já lhes dei todos os argumentos que eu tinha; agora, decidam. Mas que sejam rápidos.

- Você disse que seu clã acredita que ela seja alguém de sorte - gesticulou o mog-ur de Norg.

- Não somente alguém de sorte, mas também que traz sorte. Nós temos sido muito felizes, desde que ela foi encontrada. Droog pensa nela como uma espécie de sinal daqueles que os totens costumam enviar, como alguma coisa rara e fora do comum. Talvez, à sua maneira, ela tenha também sorte.

- Bem, não resta dúvida de que fora do comum ela é. Já basta ser dos Outros e, ao mesmo tempo, ser também uma mulher dos clã - comentou um dos mog-urs.

- Hoje, ela trouxe sorte para nós. O nosso caçador irá viver - falou omog-ur pertencente ao clã do homem atacado pelo urso. - Estou inclinado a consentir. Seria uma pena nos privarmos da bebida de Iza, quando isso não é necessário.

Muitos acenaram com as cabeças concordando.

- E quanto a você? - perguntou o Mog-ur, dirigindo-se ao feiticeiro logo abaixo dele na hierarquia. - Ainda julga que Ursus ficará descontente, se Ayla fizer a bebida para o ritual?

Todas as cabeças se viraram para olhá-lo. Se o poderoso feiticeiro persistisse na recusa, ele tinha bastante influência para fazer com que outros feiticeiros também impedissem a preparação da bebida. Mesmo que ele ficasse sozinho em sua decisão e o resto concordasse, isso já era o suficiente. Tinha de haver unanimidade, não havia lugar para cisma em suas fileiras. Ele tinha os olhos abaixados, refletindo sobre o problema; depois, olhou o rosto de cada um.

- Não se trata de agradar ou não Ursus. É que eu ainda não estou convencido. Existe alguma coisa nela que me incomoda. Mas é evidente que ninguém deseja eliminar essa parte do ritual e parece que ela é a única pessoa disponível. Chego quase a preferir lançar mão da filha verdadeira de Iza, apesar de sua pouca idade. Mas enfim, se todos estiverem de acordo, retiro minha objeção. Não gosto, mas não vou impedir.

O Mog-ur olhou para cada um, recebendo de todos o consentimento. Disfarçando um suspiro de alívio com os esforços que fazia para se pôr de pé, Creb logo em seguida saiu.

Guiado pelas lamparinas foi atravessando diversas passagens abrindo-se em pequenos recintos que novamente tornavam a se estreitar em corredores, até que o caminho, já chegando perto do alojamento dos clã passou a ser iluminado por tochas espaçadas em intervalos regulares.

Ayla estava sentada junto do homem ferido na caverna da frente. Ela tinha Durc no colo e Uba se sentava do outro lado dela. A companheira do homem também se achava ali e, cheia de gratidão, de vez em quando, lançava um olhar para Ayla.

- Ayla, rápido, você tem de se preparar! não há muito tempo - gesticulou o Mog-ur. - Você tem de andar depressa, mas não se esqueça de nenhuma das coisas que tem de fazer.

Quando estiver pronta, procure-me. Uba, leve Durc para Oga lhe dar de mamar. Ayla não vai ter tempo para fazer isso.

As duas, surpresas, olharam para o feiticeiro, espantadas com a súbita mudança nos planos. Durante um instante, ficaram sem compreender, mas então Ayla acenou com a cabeça afirmativamente e correu à fogueira deles na segunda caverna para pegar uma roupa limpa.

O Mog-ur virou-se, em seguida, para a mulher que observava o sono do companheiro.

- O Mog-ur gostaria de saber como vai passando o rapaz.

- Aiiga diz que ele vai viver e caminhar outra vez. Mas sua perna nunca mais será a mesma. - A mulher falava em outro dialeto e a gesticulação de sua linguagem coloquial era tão diferente que Ayla e Uba tinham dificuldade de entendê-la, comunicando-se com ela apenas na linguagem protocolar. O feiticeiro, entretanto, estava mais acostumado com os dialetos falados nos outros clã embora preferisse a linguagem protocolar para se fazer melhor entendido.

- O Mog-ur gostaria de saber qual o totem deste homem.

- O Cabrito montês - respondeu a mulher.

- As pernas de seu companheiro eram tão boas como as do cabrito montês? - perguntou o feiticeiro.

- Assim diziam - começou ela a falar. - Mas este homem, hoje, não foi muito esperto e agora não sei como ele vai fazer. E se ele nunca mais voltar a andar? Como vai caçar e me sustentar? O que faz um homem que não caça? - Com os nervos muito abalados, quase histérica, ela passou a usar a linguagem coloquial.

- O rapaz vai viver e isso não é o mais importante? - falou o Mog-ur, querendo acalmá-la.

- Mas ele é orgulhoso. Se não puder caçar, talvez até tivesse preferido morrer. Era um bom caçador, poderia, inclusive, chegar um dia a ser o segundo em comando. Agora, nunca vai subir de posto. Pelo contrário, será rebaixado.

- Mulher! - gesticulou o Mog-ur, pondo um ar severo no rosto. - Nenhum homem escolhido por Ursus é rebaixado. Seu companheiro deu provas de grande coragem. Quase foi escolhido para acompanhar Ursus em sua viagem ao outro mundo. O Espírito de Ursus não escolhe impunemente. O Grande Urso da Caverna resolveu que ele aqui permanecesse, mas carregando consigo sua

marca. A esse homem foi dada a honra de poder agora reivindicar Ursus como seu totem. Suas cicatrizes serão as marcas de seu novo totem. Ele deve ostentá-las com orgulho e nunca lhe faltar meios para mantê-la. O Mog-ur falará com seu chefe. Seu companheiro tem o direito de exigir uma fração de cada caça.

Ele pode voltar a caminhar, inclusive poderá até vir a caçar. Talvez, não tenha mais a agilidade do cabrito montês e fique com o caminhar parecido com o dos ursos, mas isso não significa que não volte a caçar. Você pode estar orgulhosa dele, mulher. Tenha orgulho de seu companheiro, um homem eleito por Ursus.

- Ele foi eleito por Ursus? - falou a mulher, com olhar maravilhado. - O Urso da Caverna é agora o seu totem?

- E também o Cabrito montês. Ele tem direito a ter os dois - falou o Mog-ur, que só então notou um pequeno volume sob a roupa da mulher. não é de admirar que esteja tão afoita, pensou consigo. - Essa mulher já tem filhos?

- Não Mas a vida já foi iniciada. Estou esperando um filho.

- Você é uma boa mulher e uma boa companheira. Fique perto dele. Quando acordar, conte-lhe tudo quanto o Mog-ur disse.

Ela fez que sim com a cabeça e levantou os olhos, quando Ayla passava por ali a toda pressa.

O pequeno rio próximo à caverna do clã hospedeiro era na primavera uma torrente de águas violentas, arrancando pelas raízes gigantescas árvores e desprendendo pedras colossais do paredão rochoso, fazendo-as rolar pela montanha abaixo. Mesmo em seus momentos de calma, as fortíssimas correntezas - espumando no meio da planície inundada e semeada de pedras, muito mais ampla do que o próprio leito - tinham a coloração esverdeada e a nebulosidade dos desaguadouros glaciais. Ayla e Uba haviam explorado a região perto da caverna, pouco depois de terem chegado, procurando pelas plantas saponáceas necessárias à purificação do corpo, para o caso de que fossem convocadas a participar da cerimônia.

Muito nervosa, Ayla foi colher às pressas as raízes de saboeiro, as cava-linhas e os quenopódios de raiz vermelha. Seu estômago dava voltas enquanto aguardava que a água fervesse numa fogueira

para poder desinfetar as cavalinhas. A notícia de que a haviam deixado realizar o ritual rapidamente se espalhou pelos clãs. O fato fez com que todos reformulassem a opinião que tinham sobre a mulher dos clã nascida dos Outros e seu prestígio só fez então aumentar. Isso vinha confirmar que Ayla era de fato filha de iza, fazendo dela a mais bem categorizada de todas as curandeiras. O chefe do clã onde Zoug tinha alguns parentes, que havia de início se recusado peremptoriamente a aceitá-la, resolveu reconsiderar a decisão. Afinal, a recomendação de Zoug podia não ser de todo tão má. Talvez, algum dos homens pudesse assumi-la, senão como companheira, pelo menos como segunda mulher. Ela seria uma boa aquisição.

Mas Ayla estava preocupada demais para reparar nos disse-que-disse à sua volta. Aliás, estava mais do que preocupada. Sentia-se aterrorizada. não vou conseguir fazer isso, dizia-se, apavorada, enquanto corria na direção do rio. não vai dar tempo para me arrumar.

E se eu esquecer de alguma coisa? E se cometer algum engano? Vou desgraçar Creb e Brun. Vou botar o clã inteiro a perder.

O rio estava gelado, mas a água fria serviu para acalmar-lhe os nervos que estavam a ponto de estourar. Sentiu-se mais relaxada, quando foi sentar-se sobre uma pedra para desembaraçar e secar na suave brisa os seus longos cabelos louros, enquanto observava os cimos rosados das montanhas que, aos poucos, iam enegrecendo com tonalidades vermelho-azuladas sob a luz do sol poente. Os cabelos ainda estavam úmidos, quando tornou a enfiar o amuleto pelo pescoço e vestiu a roupa limpa. Meteu suas ferramentas nas dobras, apanhou a vestimenta que tinha usado e correu à caverna. Passando por Uba com Durc no colo, acenou com a cabeça, confirmando que tudo saía direito.

As mulheres, num trabalho frenético, não tinham a menor colaboração das crianças, inteiramente descontroladas. O sanguinolento ritual do urso da caverna as deixara excitadíssimas. Isso e mais a fome a que não estavam acostumadas e o apetite estimulado pelo cheiro da comida cozinhando as faziam extremamente irritadiças. Com as mães muito ocupadas,

aproveitavam a rara oportunidade de se comportar mal, coisa que pouquíssimas vezes se admitia. Alguns garotos tinham apanhado as correias que foram cortadas da jaula do urso e fizeram braçadeiras que usavam como distintivo de honra. Os outros, que haviam sido menos rápidos, tratavam de arrancá-las e todos corriam por entre as fogueiras. Quando se cansavam da brincadeira, iam provocar as meninas, cuja obrigação era a de estar cuidando dos irmãos menores que, por sua vez, também se achavam aos berros. Eles tanto importunavam que elas se punham a correr atrás ou, então, iam para junto das mães fazer queixas. Era uma confusão, uma casa de loucos. Mesmo quando, vez por outra, aparecia o companheiro de alguma mulher tentando assumir uma atitude mais severa, sua voz de comando de pouco servia para conter a criançada numa rebeldia inteiramente inusitada.

As crianças não eram as únicas com fome. A comida, preparada em enormes quantidades fazia com que todos estivessem com água na boca e a expectativa do grande banquete e da cerimônia noturna que se seguiria só aumentava a excitação. Montões de mandiocas, inhames e psorálias cozinhavam lentamente nas panelas de couro sobre as fogueiras.

Aspargos selvagens, raízes de lírio, cebolas, legumes, abobrinhas e cogumelos vinham em muitas combinações e com diferentes temperos. Uma montanha de alface silvestre, bardanas, e folhas de dente-de-leão já estava lavada e pronta para ser servida com molho feito de gordura de urso e temperos diversos; o sal se punha na hora de servir.

A especialidade de um dos clãs era uma combinação de cebolas com cogumelos e ervilhas verdes temperada com um molho à base de certas ervas - mantidas em segredo - e engrossada com pó de líquen. Um outro clã trouxe uma variedade especial de pinhões que davam exclusivamente na área de sua caverna e que, quando assados, soltavam um tipo de noz gosda e saborosa.

O clã de Norg assava as castanhas colhidas aos pés das encostas e as punha para cozinhar em fogo lento, fazendo um caldo grosso ao qual se juntavam frutos de faia esmigalhados, diversos cereais triturados e pedacinhos de maçãzeda. Os terrenos até uma

certa distância da caverna estavam desprovidos de seus mirtilos e, nas partes um pouco mais elevadas, também já não se encontravam nem amoras pretas nem framboesas.

As mulheres do clã de Brun passaram dias quebrando e triturando as bolotas de carvalho que trouxeram consigo. A farinha obtida era posta em covas rasas na areia perto do rio e ali se despejava água que, por lixiviação, ia retirando o sabor amargo. Com a pasta resultante, faziam-se bolinhos de forma achatada que, depois de assados, eram postos em calda de bordo até ficarem bastante empapados, quando então iam ao sol para secar. O clã hospedeiro, que também extraía a seiva do bordo no princípio da primavera e a punha para ferver durante diversos dias, logo se mostrou interessado na receita, quando viu o açúcar de bordo nos costumeiros recipientes de casca de salgueiro. Os bolinhos melosos feitos de bolotas eram uma guloseima que as mulheres do clã de Norg pretendiam fazer mais tarde.

Uba, que ao mesmo tempo vigiava Durc e ajudava as mulheres, olhava para aquela enorme variedade de comida parecendo não ter fim, imaginando como poderiam dar cabo daquilo tudo.

A fumaça subia desaparecendo na escuridão de uma noite calma tão apinhada de estrelas que era como se o céu estivesse revestido por uma teia luminosa. A lua era nova e sua presença nem de leve se insinuava; tinha dado as costas ao planeta em torno do qual girava e foi refletir suas luzes nas frias profundezas do espaço. As chamas das fogueiras iluminavam a área perto da caverna, contrastando com o negrume dos bosques ao redor. A comida já fora tirada de cima do fogo, mas deixada perto das fogueiras para que se conservasse quente. Quase todas as mulheres se haviam retirado para a caverna.

Foram trocar de roupa e descansar um pouco antes que a festa começasse.

Mesmo cansadas como estavam, a excitação era grande demais para que pudessem deixar-se ficar por muito tempo dentro da caverna. O terreno em frente começava a fervilhar com uma multidão aguardando, ansiosa, pelo banquete e pelo início da

cerimônia que se seguiria. De repente, fez-se silêncio. Os 10 mog-urs com os 10 acólitos saíram em fila da caverna, mas logo em seguida começou o rebuliço com a procura dos lugares. Parecia que os mog-urs se haviam defrontado com uma reunião feita ao acaso. O posicionamento das pessoas não era definido nem pela localização nem pelo relacionamento de uns com os outros. Filas bem ordenadas não eram importantes, apenas que cada um estivesse na frente, atrás ou do lado da pessoa certa. E sempre havia a movimentação de último instante, com aqueles tentando encontrar um lugar melhor dentro de seus círculos de relações.

Com muita solenidade e circunspecção foi acesa a grande fogueira na frente da caverna. Em seguida, removeram-se as pedras cobrindo os fogões cavados na terra. As companheiras dos chefes de clãs mais categorizados e a do chefe do clã anfitrião tiveram a insigne honra de retirar do fogo os tenros quartos do animal e, nesse instante, o peito de Brun se estufou cheio de orgulho ao ver Ebra dando um passo à frente.

A aceitação de Ayla pelos mog-urs havia finalmente decidido a questão. Brun e seu clã continuavam ocupando a primeira posição e estavam mais fortes do que nunca.

Contrariamente ao que parecera no início, a mulher alta e loura era uma mulher dos clãs e uma curandeira da prestigiosa linha de Iza. Assim ficou provado, graças à obstinada insistência de Brun e à vontade de Ursus. Tivesse ele vacilado um instante, seu prestígio não seria tão grande e sua vitória, menos doce.

Nuvens de vapores suculentos tiravam rosnados dos estômagos vazios, quando a carne do urso foi retirada com forquilhas de madeira. Esse era o sinal para que as outras mulheres começassem a trazer as travessas de osso e madeira e fossem enchendo grandes cuias com a comida que tanto lhes custara preparar. Broud e Voord, carregando cada qual uma bandeja, foram para a frente e pararam diante do Mog-ur.

- Este banquete em homenagem a Ursus é também em honra de Gorn, escolhido pelo Grande Urso da Caverna para acompanhá-lo. Durante o tempo em que ele viveu com o clã de Norg, Ursus ficou sabendo que seu povo sempre guardou os seus preceitos. Ele

aprendeu a conhecer Gorn e o achou digno para acompanhá-lo em sua viagem. Broud e Voord, vocês, pela coragem, força e tenacidade, foram escolhidos para mostrar ao Grande Espírito a bravura dos homens de seus clã Ursus, com sua grande força, os pôs à prova e está satisfeito com os dois. Vocês se portaram bem e foram agraciados com o privilégio de levar-lhe a última refeição que ele vai compartilhar com os seus clã até que torne a regressar do mundo dos espíritos. Que o Espírito de Ursus esteja sempre conosco.

Os dois rapazes passaram diante das mulheres postadas ao lado das travessas carregadas de comida e escolheram as melhores partes e guloseimas de cada uma. Só não pegaram carne.

O urso em cativeiro jamais provava carne, embora, nas florestas, vez por outra, ele se permitisse, no caso de encontrá-la à mão. As bandejas foram colocadas na frente do couro suspenso nos postes.

- Vocês beberam do seu sangue, agora comam de sua carne e participem do Espírito de Ursus - falou o Mog-ur.

A bênção marcava o início do banquete. Broud e Voord receberam as primeiras porções da carne do urso, e depois, eles próprios, foram enchendo seus pratos, seguidos pelos outros.

Dando grunhidos e suspiros de prazer, todos se acomodaram para saborear as finas iguanas. A carne do urso vegetariano que teve as suas rações cuidadosamente controladas estava tenra e gorda na medida certa. Os legumes, frutas e cereais preparados com meticulosa atenção eram recebidos prazerosamente. A festa estava digna da longa espera.

- Ayla, você não está comendo. Você sabe que toda a carne tem de ser comida esta noite.

- Eu sei, Ebra, mas não estou com fome.

- Ayla está nervosa - gesticulou Uba, enquanto comia. - Estou alegre por não ter sido escolhida. A comida está deliciosa e eu não iria conseguir comer, se também estivesse nervosa.

- Mas mesmo assim, Ayla, veja se consegue comer um pouco de carne. Você precisa fazer isso. Já deu o caldo para Durc? Ele

devia tomar um pouco, isso fará com que fique sempre unido aos clãs.

- Já dei, mas ele não quis tomar muito. Oga acabou de dar-lhe o peito. Oga, Grev ainda está com fome? Meus seios estão tão cheios que chegam a doer.

- Eu devia ter esperado, mas os dois estavam com tanta fome que já dei de mamar, Ayla.

Amanhã você dá.

- Vou ter leite para eles e ainda para mais dois se precisar. Esta noite não vão querer mais nada, estarão dormindo. O chá de datura já está pronto. Quando eles tiverem fome, faça com que tomem isso primeiro para poderem dormir. Uba dirá que quantidade você tem de dar. Logo depois da comida, eu tenho de ver Creb e só estarei de volta depois da cerimônia.

- Não demore muito, nossa dança vai começar logo depois que os homens entrarem na caverna. Algumas curandeiras que estão aqui são ótimas para bater o ritmo. A dança das mulheres nas reuniões de clã sempre é mais especial - falou Ebra.

- Não sei tocar muito bem. Iza me ensinou um pouco e a curandeira do clã de Norg também me mostrou, mas ainda está me faltando adquirir a necessária prática.

- É porque você tem pouco tempo de curandeira. Iza insistiu para que você aprendesse principalmente as mágicas de curar, mas os ritmos também são mágicos - gesticulou Ovrá.

- As curandeiras são obrigadas a saber tanta coisa...

- Queria muito que Iza estivesse aqui - falou Ebra. - Estou contente por você ter sido afinal aceita, Ayla, mas tenho saudades de Iza. Fica tão estranho ela não estar conosco.

- Também queria que estivesse - disse Ayla. - É horrível ela não ter podido vir. Iza está muito mais doente do que deixa transparecer. Espero que esteja descansando bastante e tomando muito sol.

- Quando chegar sua vez de ir para o outro mundo, ela irá. Se os espíritos chamarem, ninguém conseguirá impedi-la de não ir com eles - falou Ebra.

Ayla sentiu um arrepio, embora a noite estivesse quente e, de repente, sentiu algo como um presságio, uma sensação vaga,

incômoda, parecida aos ventos frios que prenunciam o fim do verão. O Mog-ur acenou-lhe. A moça rapidamente se levantou, mas o sentimento a acompanhou enquanto caminhava na direção da caverna.

A bacia de Iza com a pátina esbranquiçada do uso de muitas gerações estava sobre sua pele de dormir. Ayla retirou o saco vermelho de dentro da sacola de remédios e o esvaziou. À luz das tochas, pôs-se a examinar as raízes. Apesar de Iza lhe haver explicado muitas vezes como dosar a quantidade exata, ela se sentia insegura do quanto necessitaria para dar a 10 mog urs. A dose não dependia apenas do número de raízes, mas também do tamanho dessas e do seu tempo de envelhecimento.

A moça nunca vira a bebida sendo feita. Iza, por diversas vezes, lhe dissera que era algo sagrado e importante demais para que se pudesse preparar só em caráter experimental. As mulheres dos clã em geral, aprendiam o que sabiam da observação e das explicações que suas mães lhes davam, mas o conhecimento se fazia sobretudo através da memória com que haviam nascido. Ayla, entretanto, não tinha nascido de uma mulher dos clã. Escolheu diversas raízes e depois acrescentou mais uma por segurança, para ter certeza de que a mágica funcionaria. Em seguida, dirigiu-se para um ponto perto da entrada, onde havia um suprimento de água fresca, o lugar em que Creb lhe mandara esperar. Dali, ficou observando a cerimônia que estava apenas começando. Os sons dos tambores de niadeira foram seguidos pelas batidas com oscabos de lanças para depois se fazerem ouvir os staccatos dados nos tambores altos e ocos em forma de tubos. Os acólitos passavam entre os homens carregando vasos com chá de datura e, pouco depois, já estavam todos mexendo seus corpos ao ritmo das batidas. As mulheres se achavam ao fundo, a vez delas chegaria depois. Ayla, ansiosa, com a roupa amarrada frouxamente no corpo, aguardava. A dança dos homens cada vez se tornava mais frenética e ela só se perguntava quanto tempo teria ainda de ficar esperando.

Ao sentir um tapinha no ombro, sobressaltou-se. não percebera os mog-urs vindo do fundo da caverna, mas ao reconhecer Creb, tranquilizou se um pouco. Os feiticeiros, em silêncio, saíram e se

postaram ao redor da pele do urso. O Mog-ur estava de frente e, do lugar onde ela se encontrava, sua impressão era a de que o bicho - posto muito aprumado e com a boca escancarada - estava a ponto de saltar sobre o velho feiticeiro aleijado. Mas era apenas a ilusão de força e ferocidade dada pela figura parecendo flutuar solta no ar, pairando sobre o Mog-ur.

Ela viu quando o feiticeiro-mor acenou aos acólitos que tocavam os tambores. Eles interromperam a cadência rítmica num tempo forte e os homens suspenderam os olhos, surpresos de ver os mog-urs onde um instante antes - ou assim lhes parecia - não havia ninguém. A súbita aparição dos feiticeiros era outra ilusão e agora Ayla sabia como a coisa se processava.

O Mog-ur esperou, criando uma atmosfera de suspense, até ter certeza de que todos estavam com a atenção voltada para a gigantesca figura do urso da caverna, iluminada pelas chamas da fogueira principal e ladeada pelas sagradas figuras dos clã. Seu aceno fora imperceptível, e ele, intencionalmente, ao fazê-lo, olhava em outra direção. Era o sinal por que Ayla esperava. A moça deixou a roupa cair do corpo, encheu a bacia de água, apertou as raízes na mão e, respirando fundo, foi na direção do feiticeiro caolho.

As respirações ficaram todas em suspenso quando Ayla veio para dentro do círculo de luzes. Enrolada na roupa, que era amarrada por uma comprida correia e que lhe escondia as formas em meio a dobras e bolsos, e compor tando-se como qualquer mulher, ela começara a não se distinguir muito das outras. No entanto, sem o disfarce de todos aqueles bolos na vestimenta, sua verdadeira forma fazia vivo contraste com a das mulheres dos clã. Ayla era esguia, com uma estrutura diferente daquela arredondada, quase um barril, dos homens e mulheres dos clã. Vista de perfil, mostrava-se, à exceção dos selos intumescidos de leite, extremamente descarnada. A cintura afundava-se para depois formar as cadeiras roliças, e as pernas e braços eram longos e retos. Nem mesmo os círculos vermelhos e pretos e as outras linhas pintadas sobre seu corpo conseguiam disfarçar-lhe as formas.

Seu rosto, sem as mandíbulas salientes, com o pequenino nariz e a testa alta, lhes parecia agora mais chato do que nunca. Os

cabelos louros espessos, emoldurando-lhe as faces com ondas largas e chegando à metade das costas, eram batidos pelos reflexos das chamas e brilhavam como ouro. Uma coroa extravagantemente bela para uma mulher tão feia e sem dúvida alguma alie nígena ao meio deles.

Contudo, o mais surpreendente era a altura. Quando eles a viam, ou era andando em passos apressados, ou num caminhar curvado e arrastado, ou semi sentada a seus pés e, de certo modo, não se tinham dado conta desse detalhe. Mas ali, de pé, frente aos mog-urs, ficava visível demais. Num momento em que ela se inclinou, sua visão foi o alto da cabeça do Mog-ur. Ay la era de longe mais alta do que qualquer homem dos clãs.

O Mog-ur fez uma série de gestos invocando a proteção do Grande Espírito que ainda pairava sobre eles. Em seguida, Ayla enfiou na boca as raízes secas e duras. Era-lhe difícil mastigá-las. não possuía os mesmos dentes enormes e fortes e as possantes mandíbulas da raça clanica. Por mais que Iza a tivesse avisado para não engolir nada do suco que se formava na boca, Ayla não conseguiu evitá-lo. não sabia ao certo quando as raízes estariam realmente no ponto, mas tinha impressão de que deveria ficar mastigando, mastigando sem parar. Ao cuspir o último bagaço, sentia-se tonta. Começou, então, a remexer o liquido dentro da bacia sagrada, até que ele se tornou uma água leitosa que entregou a Goov.

Os acólitos, cada um carregando um vaso com chá de datura, tinham ficado à espera de que Ayla terminasse com seu serviço. Goov entregou ao Mog-ur a bacia com a água esbranquiçada que Ayla lhe dera e apanhou um vaso contendo datura para entregar a ela, ao mesmo tempo em que os outros aprendizes de feiticeiros entregavam também os deles às curandeiras de seus respectivos clã. Uma troca de igual valor e espécie. O Mog-ur tomou um gole.

- Está forte - disse a Goov, por meio de gestos discretos. - não dê muito.

Goov fez que sim com a cabeça e pegou a bacia para levar ao segundo mog-ur na hierarquia clanica.

Ayla e as outras curandeiras carregaram os vasos com datura para as mulheres que esperam e deram a elas e às meninas mais velhas uma quantidade que iam controlando. Por fim, Ayla bebeu as últimas gotas de seu vaso, mas ela já começava a ter uma estranha sensação de distanciamento, como se uma parte sua houvesse desprendido e a observasse de outro ponto. As curandeiras mais velhas apanharam os tambores de madeira e começaram a bater os ritmos de dança das mulheres. Ayla observava, fascinada, o movimento das baquetas. Cada batida produzia um som claro e preciso. A curandeira do clã "de Norg ofereceu-lhe um tambor parecido a uma bacia. Primeiro, ela escutou o ritmo, só batendo de leve, depois, surpreendeu-se tocando junto com as outras.

O tempo perdera todo o significado. Quando suspendeu os olhos, os homens já haviam ido embora e as mulheres rodopiavam freneticamente, numa movimentação selvagem e erótica.

Teve, então, vontade de juntar-se a elas. Mas quando foi botar o tambor no chão, o instrumento caiu de mau jeito e ficou por um instante rodando como um pião. Ela ficou observando até que o tambor cessasse o movimento. Sua atenção se concentrava na forma do instrumento. Lembrava-lhe a bacia de Iza, a preciosa e antiga relíquia que fora confiada à sua guarda. Viu-se, então, olhando para o líquido branco e aguado que ficara revolvendo com os dedos durante um tempo que havia parecido sem fim. Onde está a bacia de Iza?

Perguntava-se. O que aconteceu com ela? A idéia da bacia não lhe saía, ficava remoendo-a, até que se tornou uma obsessão.

A imagem de Iza lhe veio à mente e seus olhos se encheram de lágrima. A bacia de Iza. Perdi a bacia de Iza. A linda bacia antiga que veio de sua mãe de sua mãe e da mãe da mãe de sua mãe. No pensamento via Iza e uma outra Iza atrás desta e ainda uma outra e outra.

Era uma curandeira após outra, todas atrás de Iza e todas segurando uma sagrada bacia de cor esbranquiçada, numa longa fileira penetrando no passado distante e nebuloso. As mulheres desapareceram, e diante de seus olhos surgiu a imagem de uma bacia colossal.

Subitamente, esta se partiu, quebrando-se ao meio em dois pedaços que aos poucos foram sumindo. não não gritou em pensamento. Ela estava completamente desvairada. A bacia de Iza. Tenho de achar a bacia de Iza.

Às tontas, largou as mulheres e foi na direção da caverna cambaleando em seus passos.

Pareceu levar uma eternidade. De gatinhas, ia passando por entre travessas de osso e bacias de madeira com restos de comida endurecida, sempre procurando pela preciosa vasilha de Iza. A entrada da caverna, com os seus contornos fracamente delineados pelas tochas do lado de dentro, a atraía e, aos tropeços encaminhou-se para lá. De repente, viu-se bloqueada no caminho. Caía numa armadilha, apanhada nas malhas de alguma coisa cabeluda e asquerosa. Olhou para cima e prendeu a respiração. Um rosto monstruoso, com uma imensa boca escancarada a encarava do alto. Ela deu uns passos para trás e correu para dentro da caverna que parecia estar acenando-lhe.

Ao passar pela entrada, seus olhos deram com qualquer coisa branca, perto do lugar onde ficara aguardando o sinal do Mog-ur. Ajoelhou-se e se gurou com cuidado a bacia de Iza, aninhando-a nos braços. No fundo havia ainda um pouco da água leitosa banhando os bagaços de raízes. não beberam tudo, disse consigo. Fiz demais Devo ter feito muita quantidade. E agora, o que vou fazer com o resto? Iza disse que não se pode jogar fora. Foi por isso que ela não pôde me mostrar como se preparava e acabei fazendo demais. Preparei a quantidade errada. E se alguém descobrir? Vão pensar que não sou uma curandeira de verdade. E nem uma mulher dos clãs. Podem nos obrigar a ir embora. O que vou fazer? O que vou fazer?

Beber! Sim, é o que vou fazer. Se eu beber, ninguém vai ficar sabendo. Ela levou a bacia aos lábios e a esvaziou. Se já no princípio, a bebida estava forte, agora então muito mais com as raízes empapando a pequena quantidade de líquido que tinha restado. Ela começou a caminhar para a segunda caverna, com a vaga idéia de deixar a bacia em algum lugar seguro, mas até que pudesse chegar à sua fogueira, os efeitos já se faziam sentir.

Estava tão desorientada que nem reparou quando a bacia caiu no chão logo depois da demarcação de pedras da fogueira. Em sua boca, sentia o gosto das velhas florestas em seus primórdios, gosto de terra rica e úmida, de folhas molhadas pela chuva, de gigantescos cogumelos carnudos... As paredes da caverna se dilatavam, recuando-se cada vez para mais longe. Sentia-se um inseto rastejante. Detalhes mínimos eram percebidos com uma clarividência agudíssima: contornos de pisadas, pequeninas pedras, cada grão de póeira. Com o canto dos olhos percebeu algo se mexendo e ficou a observar uma aranha subindo por um fio brilhando à luz da tocha.

A chama era hipnotizadora. Parou os olhos na luz bruxuleante e se pôs a olhar os caracóis de fumaça não subindo ao teto. Ela se aproximou da tocha e viu, então uma segunda atraindo-a. Mas, ao alcançá-la, uma outra adiante já lhe estava acenando. E depois, uma outra e mais outra e outra, sempre arrastando-a cada vez mais para o interior da caverna.

Não reparou quando as tochas começaram a ficar mais espaçadas e tampouco notou quando passou por um grande recinto cheio de homens caídos em profundo transe ou por um outro menor, onde se achavam meninos adolescentes dirigidos pelos acólitos numa cerimônia que lhes fazia sentir um pouco o gosto das experiências vividas pelo homem adulto.

Com um só propósito em mente ia em busca da pequenina chama para, entrão, ser atraída pela seguinte. As luzes a conduziam por estreitas passagens que se abriam em ambientes maiores, para voltar a se estreitar novamente. Em certo momento, tropeçou num desnível do chão pondo-se a tatear a parede de pedra molhada que girava a seu redor. Foi, em seguida, dar num corredor que tinha em sua outra extremidade uma forte luz rosada. Era incrivelmente comprido. Parecia não acabar nunca. De vez em quando, era como se estivesse se enxergando de uma grande distância, cambaleando ao longo do túnel, iluminado pelas fracas luzes de lamparinas. Sentia a mente arrastada para longe, para um vazio negro e se encolhia diante da imensidão do nada, lutando para fugir-lhe.

Por fim, alcançou a luz na extremidade do mel e viu diversas figuras sentadas em círculo.

Graças a alguma reserva de prudência que ficara enterrada num ponto qualquer de sua mente, ela se deteve antes de chegar à última das chamas e se escondeu atrás de um pilar de pedra. Em sua câmara secreta, os dez mog-urs estavam inteiramente entregues à celebração de um ritual. Eles apenas tinham dado partida à cerimônia que incluía os homens dos clãs, deixando sua conclusão com os acólitos, e se retiraram para seu sacrossanto recinto. Lá, iriam conduzir rituais secretíssimos, até mesmo para os seus aprendizes.

Envolvidos pelas peles de urso, achavam-se sentados cada um com uma caveira de urso em sua frente. Outras caveiras ainda adornavam os nichos nas paredes. No centro do círculo, havia um objeto cabeludo que Ayla não identificou de pronto, mas, ao perceber do que se tratava, só não gritou porque era grande seu estado de embotamento. Estava ali a cabeça decepada de Gom.

Entre horrorizada e fascinada, viu o mog-ur do clã de Norg pegar a cabeça, virá-la e com uma pedra alargar o buraco occipital (a abertura maior na coluna da espinha). A massa cinza e gelatinosa do cérebro de Gorn ficara exposta. O feiticeiro fez alguns gestos sobre a cabeça e, em seguida, enfiou a mão na abertura retirando uma porção do tecido. Ele segurava a massa que lhe tremulava na mão, enquanto um segundo mog-ur pegava a cabeça. Mesmo debaixo de seu estupor, Ayla se sentiu profundamente enojada. Contudo, via-se enfeitiçada, olhando os mog-urs, um após outro, ir enfiando a mão dentro da cabeça e arrancar um pedaço do cérebro do homem morto pelo urso.

Com tudo girando em sua volta, uma vertigem a botou à beira do vazio incomensurável.

Engolia o vômito prestes a sair. Desesperada, agarrava-se à borda do enorme vácuo, mas ao ver as grandes e santas figuras dos clãs levarem o cérebro de Gorn às bocas, não se conteve mais. O ato de canibalismo arrastou-a para dentro do abismo negro.

Gritava em silêncio, sem poder escutar-se. não via, não sentia, estava desprovida de qualquer sensação, mas tinha entendimento.

Sua mente não era um branco. O vazio era de outra espécie: aterrorizador, essa a qualidade do vazio. E medo. Um medo avassalador que se apoderou dela. Lutava, querendo voltar, gritava mudamente clamando por ajuda, mas cada vez se via mais arrastada para as profundezas. Sentia movimento e isso não deveria estar sentindo. Era cada vez mais veloz, aumentando à medida que ela mergulhava na negritude do infinito, no vácuo frio da eternidade.

Subitamente, a ilusão do movimento foi diminuindo. Sentia como se houvesse qualquer coisa formigando em seu cérebro, dentro da mente, como uma força contrária que, devagar, puxava-a de volta para fora daquela infinitude abismal. Suas emoções lhe eram estranhas, não eram as dela. A mais forte era a do amor, mas o sentimento vinha misturado com uma profunda raiva e também um grande medo. Mas, então, sentiu uma pontinha de curiosidade.

Com grande surpresa percebeu que o mog ur estava dentro de sua cabeça. Em sua mente, sentia os pensamentos e os sentimentos dele com as emoções dela.

Fisicamente, era algo diferente como uma sensação de atravancamento, mas sem desconforto, alguma coisa como um contato mais íntimo do que a proximidade física.

As raízes psicotrópicas contidas na sacola vermelha de Iza serviam para acentuar uma tendência natural nas pessoas clônicas. O instinto nelas havia evoluído em memória. No entanto, essa memória, quando remontava muito no tempo, tornava-se idêntica em todas, transformada em memória racial. As memórias raciais dos clãs eram as mesmas e, no caso de as percepções estarem tão extremamente aguçadas, todos podiam compartilhar de idênticas memórias.

Os mog-urs haviam desenvolvido essa natural tendência, através da educação e do esforço consciente. Eles, de certa forma, eram capazes de controlar as memórias que compartilhavam entre si, mas só o Mog ur nascera com um dom que nenhum dos outros possuía.

Não só podia ele compartilhar das memórias e controlá-las, como também tinha a possibilidade de manter a integridade do elo,

enquanto os seus pensamentos viajavam através do tempo, do passado ao presente. Os homens de seu clã mais do que quaisquer dos outros, desfrutavam nas cerimônias de uma interrelação muito mais rica e plena. Entretanto, com as mentes bem-educadas dos mog-urs, ele podia, desde o início, estabelecer ligação telepática. Através dele, todos os mog-urs participavam de uma união mais íntima e satisfatória do que qualquer comunicação física, pois o contato era de espíritos. O líquido leitoso da bacia de Iza que lhes aguçava a percepção e abria suas mentes para o Mog-ur havia igualmente permitido a ele, com sua capacidade inigualável, criar uma simbiose com a mente de Ayla.

O parto traumático que lhe prejudicara o cérebro tinha danificado apenas uma parte de sua capacidade física, não o superdesenvolvimento de sua sensibilidade psíquica, onde residia seu grande poder. Mas o velho aleijado era o derradeiro produto de sua espécie. Só nele, a natureza levava ao extremo o curso que estipulara para a raça clânica. No entanto, nessa, já não podia haver mais desenvolvimentos, se não passasse por mudanças essenciais e as suas características tinham perdido a capacidade de adaptação. Tal como o gigantesco animal que veneravam e muitos outros daquele meio ambiente, também eles se achavam impossibilitados de sobreviver às mudanças radicais que então se processavam.

Aquela raça de homens que possuía uma consciência social bastante desenvolvida para cuidar e tratar de seus semelhantes quando se achavam doentes ou feridos, que já tinha também um sentido de espiritualidade suficientemente desenvolvido para enterrar os seus mortos e venerar o seu grande totem, aquela raça de homens de enormes cérebros, mas sem lobos frontais, que não fizera qualquer avanço significativo, que praticamente nenhum progresso mostrara em quase cem mil anos de existência, estava marcada para seguir o caminho do mamute lanoso e do grande urso da caverna. Eles não o sabiam, mas tinham os dias contados, estavam todos condenados à extinção. Em Creb, encontrava-se o ponto final da linha.

A sensação de Ayla era como se houvesse uma segunda corrente sanguínea sobrepondo-se à dela. A poderosa mente do

grande feiticeiro explorava-lhe as convoluções de natureza diferente da dele, tentando encontrar uma maneira de infiltrar-se. O ajuste era imperfeito, mas ele achava correntes similares e, quando essas não existissem, buscava alternativas, fazendo conexões onde só havia predisposições. Com surpreendente clareza, ela subitamente compreendeu que fora ele quem a tirara do vácuo e, mais ainda, que era ele quem impedia os outros mog-urs de também entrarem em conexão com ela, de tomar conhecimento de sua presença lá. Ayla apenas percebia levemente a ligação dele com os outros feiticeiros, com os quais ela própria não estava conectada. Eles, por sua vez, sabiam que o Mog-ur estabelecera uma ligação com alguém - ou uma coisa qualquer - mas estavam longe de pensar em Ayla.

E logo que ela compreendeu que fora o Mog-ur quem a salvara e que ele continuava ainda protegendo-a, percebeu também, com profundo sentimento de reverência, o ato de canibalismo a que os feiticeiros se haviam entregue e que tanto a enojara. não chegou a apreender seu sentido em toda a extensão e nem tinha como saber que aquilo que presenciara era o ato da comunhão. O motivo das reuniões de clãs era uni-los, fazer deles um só povo. No entanto, existiam mais clãs do que somente os 10 que se achavam lá presentes. Eles sabiam da existência de outros que por viver em zonas muito afastadas não podiam fazer o percurso até o local das reuniões. Iam apenas àquelas que ficavam mais próximas de suas cavernas. Todos os povos clânicos compartilhavam da herança comum armazenada em seus cérebros e quaisquer das cerimônias celebradas nas reuniões tinham o mesmo significado para todos. Os feiticeiros acreditavam que era em benefício dos clãs que absorviam a coragem do rapaz que partira com o Espírito de Ursus, pois já que eram eles que guardavam em seus cérebros poderes especiais, teria de ser através de seu intermédio que a coragem se difundiria a toda população.

Por tradição de longa data, somente os homens podiam participar de cerimônias religiosas.

Tal era a razão da raiva e do medo do Mog-ur. A presença de uma mulher numa cerimônia, mesmo que fosse algum ofício religioso realizado rotineiramente por um clã, significava a

condenação deste. E aquela não era uma cerimônia comum, mas um ritual de grande significação para todos os clãs. Ayla era uma mulher, a sua presença lá só podia significar desgraça e calamidade para todos, um fato irredimível e irreversível.

E nem aos clãs ela pertencia. O Mog-ur agora via isto com uma clareza que não lhe era mais possível negar. No instante em que tomara consciência da presença de Ayla, compreendeu que ela não era uma mulher dos clãs. Imediatamente, viu as consequências que disso resultariam, mas era tarde demais. Seriam implacáveis, ele o sabia. Mas o crime era de tal ordem que ele não tinha idéia do que fazer com ela. Nem mesmo uma maldição de morte era suficiente. Antes de tomar qualquer decisão, quis saber mais a seu respeito e, através dela, sobre os Outros.

Ele fora surpreendido ao sentir seu grito pedindo por socorro. Os Outros eram diferentes, mas era possível que possuíssem algumas semelhanças com a raça clânica. Sentia que para o bem de seu povo ele precisava saber, além do fato de que se sentisse curioso, um tipo de curiosidade que em geral as outras pessoas não tinham. Ela sempre o intrigara. Queria saber o que a tornava diferente - Decidiu tentar a experiência.

Procurando penetrar nos recessos mais recônditos do pensamento, o poderoso feiticeiro - controlando ao mesmo tempo os nove cérebros condizentes com o seu, que voluntariamente se submetiam a ele e, em separado, um outro, similar, mas guardando diferenças - conduziu todos de volta às origens.

Novamente, Ayla experimentou o sabor das florestas primordiais e sentiu quando esta se transformou no gosto das águas quentes. As suas recordações não eram tão nítidas quanto a dos outros. Para ela, era novo o sentimento de se ver lembrando o alvorecer da vida e a memória disto era vaga, fazendo-se ao nível do inconsciente. No entanto, as camadas mais profundas relativas aos primeiros tempos casavam com as dele. Os primórdios foram iguais, pensou o Mog-ur. Ela se viu em células individualizadas e sentiu quando estas se dividiram e se diferenciaram no ambiente das águas quentes que lhe forneceram nutrientes.

Percebeu as suas células crescendo, dividindo, divergindo e se movendo com um propósito definido. Outra vez uma divergência e as tênues pulsações da vida fortaleceram, ganhando figura e forma.

Mais uma divergência e sentiu a dor da primeira explosão do ar respirado pelas criaturas num novo elemento. Uma outra divergência e a terra era rica e argilosa com a vegetação verde e fluorescente, onde ela cavava tocas para escapar de seres monstruosos, ameaçando esmagá-la. E mais outra divergência, viu-se salva ao estender um de seus membros por cima de uma fenda aberta na crosta da terra. Mas de repente, só calor e aridez e a sede conduzindo-a de volta à orla do mar. E ainda outra divergência, e sobre ela atuaram os vestígios de um elo perdido, deixado no mar, que lhe aumentaram a forma, a desnudaram de pêlos e lhe modificaram os contornos. Um último desvio fez com que seus primos revertissem a uma forma mais primitiva, alongada, que, no entanto, continuou a absorver ar e a alimentar com leite os seus rebentos.

E agora, achava-se ela ali, caminhando ereta, sobre duas pernas, deixando os membros dianteiros livres para manipular, possuindo dois olhos que enxergavam longe e um cérebro anterior em princípio de formação. Estava-se desviando do Mog-ur, tomando um caminho diferente, mas não tão distancia do que não desse para ele seguir-lhe a trilha que ia quase paralela. Ele rompeu o contato com os outros feiticeiros, mas esses já estavam longe demais e poderiam continuar sozinhos. E de qualquer modo já estava mesmo chegando o momento de fazer isso.

Ficaram apenas os dois ligados, o velho feiticeiro dos clã e a mocinha dos Outros. Ele já não estava mais no comando. Continuava prosseguindo na trilha de Ayla, mas ela, por sua vez, seguia-lhe também os passos. Ela viu a terra passando de quente para fria, revestindo-se de gelo, num frio muitíssimo mais intenso do que o que conheciam. Era uma terra distante no espaço e no tempo, bem longe, para o lado do ocidente e ela sabia que não ficava muito afastada de um mar muito maior do que aquele que cercava a península.

Ela viu uma caverna, o lar de algum ancestral do grande feiticeiro, de alguém que se parecia muito com ele. Era um quadro nebuloso, visto através da fenda que separava as suas raças. A caverna se localizava sob um íngreme paredão, de frente a um rio e a uma larga planície. No topo do penhasco, uma enorme pedra saía nitidamente do alinhamento.

Era algo com uma coluna ou um bloco de pedra comprido e achatado, inclinando-se na beirada, como se tivesse sido ali congelado no momento em que ia despencar. A pedra vinha de outro lugar, um bloco errático, de material diferente, trazido pelo caudal das águas e tremores de terra, até se localizar na beira do penhasco que abrigava a caverna. A cena era difusa, mas estava guardada em sua lembrança.

Por um momento, foi tomada por imensa tristeza. Depois, viu-se sozinha. O Mog-ur já não podia mais segui-la. Encontrou por si mesma o caminho de volta, mas se havia adiantado um pouco no tempo. Mais uma vez, passou-lhe a visão rápida da caverna seguida por um confuso caleidoscópio de paisagens arranjadas não ao acaso na natureza, mas segundo um planejamento regular. Estruturas em forma de caixas erguendo-se da terra, compridas faixas de pedra estendendo-se em diversas direções e por onde passavam um mundo de estranhos animais em grande velocidade; enormes pássaros voando sem bater asas. E outras cenas mais, tão estranhas que não pôde compreendê-las. Em sua pressa de alcançar o presente, houve uma ligeira ultrapassagem, um pequenino avanço no tempo, exatamente até o ponto onde novamente ela deveria divergir. E, então, sua mente se tornou clara, encontrando-se atrás de um pilar e olhando para os 10 mog-urs sentados em círculo.

O Mog-ur a olhava e ela viu em seus olhos escuros a tristeza que sentira há instantes. Ele forjara no cérebro dela novos e indeléveis caminhos que lhe permitiram ter uma visão futura, mas, consigo mesmo, não podia fazer a mesma coisa. Enquanto a jovem estava tendo uma visão do porvir, ele conseguira um pequeno vislumbre, não do futuro, mas de um sentido do futuro. Um futuro que era dela, não dele.

Ele não percebia o conceito perfeitamente, mas compreendia o sentido potencial, e isso o deixava aterrado.

Creb, praticamente, não tinha o menor poder de abstração. Com esforço, conseguia contar até pouco mais de 20. Era-lhe impossível fazer saltos quantitativos ou, por intuição ter algum golpe de gênio. Sua mente - e disso ele sabia - era de longe mais poderosa do que a dela, talvez mais inteligente até. Mas sua capacidade intelectual era de natureza diferente.

Podia identificar-se com as suas origens e as dela. Suas lembranças eram em maior quantidade e muito mais nítidas do que a de qualquer outro homem de sua raça. Podia, inclusive, induzir Ayla a ter lembranças. Entretanto, nela, sentia a juventude, a vitalidade de uma forma mais nova. Ela havia novamente divergido e ele não.

-Saia!

Ayla pulou, ao escutar a ordem dada em tom ríspido, surpresa de ele ter falado tão alto.

Mas em seguida, percebeu que ele não falara. Ela havia sentido, não escutado.

- Saia da caverna! Rápido. Saia, imediatamente.

Ela pulou do seu esconderijo e saiu correndo pela passagem. Algumas lamparinas já estavam apagadas, outras crepitando já quase no fim. A luz, no entanto, era suficiente para guiá-la no caminho. Nenhum som saía dos recintos onde os homens e os meninos, naquele instante, dormiam o sono sem sonhos. Ela encontrou as tochas, algumas também já apagadas, e finalmente correu para fora da caverna.

Ainda estava escuro, mas já se viam os indícios de um novo dia. Ayla tinha o pensamento claro, sem nenhum vestígio mais de droga no organismo, mas sentia-se exausta. Viu as mulheres esparramadas no chão, purgadas e exauridas. Foi deitar-se ao lado de Uba. Tal como as outras, estava também nua e também sem notar o frio da madrugada.

O Mog-ur, com passos mais lentos, saíra logo depois dela e, quando chegou à entrada da caverna, Ayla já estava entregue a um sono profundo e, como o dos outros, igualmente desprovido de

sonhos. Veio até onde a moça estava e olhou para a cabeleira loura e esparramada, tão diferente das outras mulheres quanto ela própria o era. O Mog-ur sentiu um grande peso abatendo-se sobre sua alma. Não devia tê-la deixado sair. Deveria imediatamente tê-la levado aos homens para que pagasse por seu crime, ali mesmo e naquele instante. Mas de que adiantaria? Isso não iria desfazer a catástrofe ocasionada por sua presença na cerimônia e nem impediria os clã de sofrerem a calamidade que estaria por chegar. De que adiantaria matá-la? Ayla era apenas uma em sua espécie e, além do mais, ele a amava.

Capítulo 25

Goov saiu da caverna, espreguiçando-Se e esfregando os olhos, cego com o sol da manhã .Viu o Mog-ur curvado sobre uma tora, olhando fixamente para o chão. Há tantas lamparinas e tochas apagadas que alguém pode virar errado num daqueles corredores e se perder, pensou consigo. Vou perguntar ao Mog-ur se devo reencher as lamparinas e trazer outras tochas. O acólito ia na direção do feiticeiro, mas parou ao reparar no seu rosto contraído e seus ombros caindo desalentados. Talvez seja melhor não o incomodar. É melhor fazer de uma vez sem perguntar.

O Mog-ur está ficando velho, continuou Goov falando consigo, enquanto voltava à caverna levando sacolas cheias de gordura, novos pavios e algumas tochas. Nunca me lembro de que ele já está velho. A viagem até aqui foi dura e as cerimônias exigiram muito dele. E ainda há a volta. Engraçado, ia o acólito conjeturando nunca havia pensado antes nele como velho.

Alguns outros homens saíram da caverna também esfregando os olhos sonolentos. Ficaram olhando as mulheres estendidas pelo chão e, como sempre, se perguntando o que faziam elas que as deixava em tamanho estado de exaustão. As primeiras mulheres a acordar correram atrás de suas roupas e voltaram para despertar as outras, antes que mais homens aparecessem do lado de fora da caverna.

- Ayla - chamou Uba, sacudindo-a acorde. Acorde, Ayla.
- Huumm - murmurou Ayla, rolando para o outro lado.
- Ayla, Ayla! - chamou Uba outra vez, sacudindo-a com mais força. - Ebra, não consigo fazer Ayla levantar.
- Ayla! - disse a mulher com voz mais alta, sacudindo-a fortemente.

A jovem abriu os olhos e tentou gesticular uma resposta; depois, tornou a fechá-los e enroscou o corpo.

- Ayla! Ayla! - chamou Ebra novamente.

A moça abriu os olhos mais uma vez.

- Vá para a caverna e durma até passar o efeito, Ayla. Você não pode ficar aqui, os homens estão se levantando - ordenou Ebra.

Ayla foi cambaleando para a caverna. Momentos depois, veio para fora, já inteiramente acordada. Ela estava branca como cera.

- O que aconteceu? - gesticulou Uba. - Você está pálida. Parece que viu um espírito.

- Uba... Uba, a bacia - falou Ayla, deixando-se cair no chão e enterrando o rosto nas mãos.

- A bacia? Que bacia? não estou entendendo.

- Está quebrada - conseguiu por fim responder Ayla.

- Quebrada? - disse Ebra. - E por que uma bacia quebrada vai botá-la nesse estado? Você pode fazer outra.

- Não Não posso. não como essa. É a bacia de Iza, aquela que veio da mãe dela.

- A bacia da mãe? A bacia de cerimônias? - perguntou Uba, com o rosto aflito.

Depois do uso de muitas gerações, a madeira da antiga relíquia perdera a resistência, tornando-se seca e quebradiça. Sob a pátina branca, formara-se uma linha fina que passara despercebida e, agora, com o choque no chão de pedra, quando caiu da mão de Ayla, a madeira não resistiu e partiu em dois pedaços.

Ayla não percebeu que Creb havia olhado para cima no momento em que ela saía da caverna. A sagrada bacia quebrada veio dar uma lúgubre nota final aos pensamentos do feiticeiro. Tudo se casava. Nunca mais a mágica produzida com aquelas raízes voltará a ser feita. Nunca mais realizarei uma cerimônia com essa bebida e não vou ensinar a Goov o modo de usá-la. Os clãs vão esquecer-la. O velho aleijado apoiou-se pesadamente sobre o cajado e se levantou, sentindo pontadas de dor nas juntas tomadas pela artrite. Já fiquei muito tempo sentado dentro de cavernas úmidas, chegou o tempo de Goov assumir. Ele ainda está moço para isso, mas eu estou muito velho. Se puxar por ele, pode ser que esteja preparado daqui a um ou dois anos. Bom, tem de estar. Quem sabe quanto tempo ainda vou viver?

Brun reparou na mudança por que havia passado o velho feiticeiro. Imaginava que a depressão fosse causada pela queda

natural que se segue a períodos de actividades intensas; principalmente sendo aquela sua última reunião de clã. Contudo, Brun preocupava-se.

Não sabia como Creb iria resistir à volta. Certamente, ele iria atrasar-lhes a marcha. Antes de ir embora, Brun resolveu pegar seus caçadores e fazer uma última incursão pelos terrenos próximos à caverna, para depois trocar carne fresca por determinados tipos de provisões que o clã anfitrião tinha estocado, de modo a aumentar o suprimento deles para a viagem de volta.

Depois de uma caçada bem-sucedida, Brun ficou com pressa de partir logo. Alguns clãs já haviam ido embora. Uma vez terminadas as festividades, seu pensamento se voltou para sua caverna e as pessoas que lá ficaram, mas ele estava de moral elevado. Nunca fora tão grande a disputa por sua posição o que tornava a vitória ainda mais saborosa. Achava-se contente consigo mesmo, contente com seu clã e contente com Ayla. Ela era uma boa curandeira. Ele já tivera prova disso antes. Quando a vida de alguém se achava ameaçada, ela se esquecia de tudo, tal como Iza.

Ele sabia que o Mog-ur contribuiria, procurando convencer os outros feiticeiros, mas fora Ayla por ela mesma quem demonstrara seu valor ao salvar a vida do jovem caçador. Este e sua companheira iriam permanecer com o clã anfitrião até que ele estivesse suficientemente bem para poder viajar, talvez tivessem de passar o inverno todo lá.

O Mog-ur, afora uma única vez, jamais falou da presença de Ayla na câmara dos feiticeiros. Ela estava fazendo os embrulhos, preparando para a partida na manhã do dia seguinte, quando Creb entrou na segunda caverna. Ele a estava evitando, e isso a deixava muito sentida. Ao vê-la, Creb parou brusca e se virou para ir embora, mas Ayla lhe cortou a frente, jogando-se sentada a seus pés. Ele olhou para sua cabeça abaixada e, soltando um suspiro, bateu-lhe no ombro.

- O que você quer, Ayla? - gesticulou ele.

- Mog-ur, eu... eu - começou ela desajeitada e prosseguindo apressada. - Oh, Creb, Não aguento vê-lo sofrendo desse jeito. O

que posso fazer? Se você quiser, vou procurar Brun. Faço tudo o que você pedir. Apenas me diga o que tenho de fazer.

O que você pode fazer, Ayla? pensou ele. Pode mudar sua natureza? pode reparar o mal que causou? Os clãs vão morrer e só restará você e sua gente. Somos um povo antigo, guardamos as nossas tradições, honramos os espíritos e veneramos o Grande Ursus, mas para nós terminou, está tudo acabado. Talvez tivesse de ser assim. Talvez não fosse você, mas sua espécie. Será que foi por isso que você foi enviada a nós? Para me dizer? A terra em que vivemos é bela e rica. Por muitas e muitas gerações, ela nos deu de tudo o que precisávamos. E agora chegou a vez de vocês e veremos como irão deixá-la. O que pode fazer, Ayla?

- Há uma coisa que você pode fazer, Ayla - gesticulou o Mog-ur de vagar, dando ênfase a cada movimento. Seu olho tinha uma expressão fria. - Você pode nunca mais voltar a tocar nesse assunto.

Ele se pôs ereto, tanto quanto lhe possibilitava sua perna sadia, tentando não inclinar muito o corpo sobre o cajado. Em seguida, enfeixando nele todo o orgulho de seu povo, deu as costas e, com o corpo teso, cheio de dignidade, caminhou para fora da caverna.

- Broud!

O rapaz, num passo empertigado, dirigiu-se ao homem que o cumprimentava. As mulheres do clã de Brun preparavam, apressadas, a refeição da manhã. Haviam programado partir logo depois que tivessem comido e os homens aproveitavam ainda aqueles últimos momentos para conversar. Durante sete anos ficariam sem se ver. Alongavam-se nas conversas, tevendo alguns detalhes emocionantes da reunião, de modo a fazê-la durar mais um pouco.

- Você se saiu muito bem desta vez, Broud, e já na próxima reunião de verás vir como chefe.

- Na próxima, você também vai se sair muito bem - gesticulou Broud, inflado de orgulho. - Tivemos sorte.

- Você é um homem de sorte. Seu clã é o primeiro, o mog-ur de vocês também é o primeiro e até a curandeira é a primeira. Sabe,

Broud, vocês têm sorte de ter Ayla. Nenhuma curandeira iria enfrentar um urso da caverna para salvar a vida de um caçador.

Broud franziu ligeiramente o cenho. Viu, então, Voord e se dirigiu a ele.

- Voord! - acenou, cumprimentando. - Fiquei contente por ter sido você o escolhido e não Nouz. Ele esteve bem, mas sem dúvida você foi melhor.

- E você mereceu a primeira escolha, Broud. Você também fez uma bela corrida. Aliás, seu clã todo merece o primeiro lugar. Até sua curandeira é a melhor, apesar de que, no princípio, eu tivesse minhas dúvidas. Quando você for o chefe, ela será uma boa curandeira para se ter por perto. Só espero que não cresça muito mais. Aqui entre nós, eu me sentiria meio sem graça tendo que levantar os olhos para fitar uma mulher.

- É verdade, ela é muito alta - falou Broud, contrafeito.

- Mas isso não tem importância. O que interessa é que ela seja boa curandeira, certo?

Broud mal assentiu com a cabeça, desconversou e logo depois se afastou. Ayla, Ayla! Já estou começando a ficar farto de Ayla, disse consigo, encaminhando-se para um lugar mais vazio.

- Broud, eu queria conversar com você, antes de partirem - disse um homem, vindo a seu encontro. - Você sabe que tenho no meu clã uma mulher com uma filha deformada parecida com o filho de sua curandeira. Falei com Brun e ele concordou em aceitá-la, mas Brun quis que eu falasse com você também. Quando chegar a ocasião, muito provavelmente você será o chefe. A mãe prometeu educar a filha para ser uma boa mulher, digna do primeiro clã e do filho da primeira curandeira. Você não tem nada a opor, não é?

Seria essa uma união perfeitamente lógica.

- Não - respondeu Broud secamente, rodando nos calcanhares. Se não estivesse com tanta raiva, poderia ter objetado, mas não queria entrar em nenhuma discussão sobre Ayla naquele momento.

- A propósito, foi uma boa corrida, Broud.

Ele não viu o comentário, já estava de costas. Enquanto caminhava para a caverna, viu duas mulheres entregues a uma

animada conversa. Sabia que devia desviar os olhos para não ver o que diziam, mas foi em frente, fingindo não reparar.

-... simplesmente não acreditava que fosse possível ela ser uma mulher dos clãs e quando vi seu filho então . . mas o modo como ela foi caminhando direto para Ursus, parecia até que fosse alguém do clã anfitrião, sem mostrar nenhum medo dele ou de qualquer coisa. Eu não conseguiria fazer isso.

- Conversei um pouco com ela. É uma pessoa muito agradável e se comporta como todo mundo. Mas não consigo deixar de ficar pensando... será que ela vai conseguir encontrar um companheiro? É muito alta. Qual o homem que quer uma mulher mais alta do que ele? Mesmo que seja a primeira curandeira.

- Alguém me disse que um dos clãs está estudando esse assunto, mas não houve tempo para que se acertassem os detalhes. Em todo caso, querem conversar sobre isso. Disseram que enviariam um mensageiro, se resolvessem aceitá-la.

- Disseram-me também que estão morando numa nova caverna. Parece que foi ela quem encontrou e dizem que é uma caverna muito grande e que trouxe muita sorte para eles.

- Deve ficar perto do mar e os caminhos que levam até lá estão muito visíveis. Imagino que um mensageiro esperto possa achá-los com facilidade.

Broud passou por elas, contendo-se para não dar uns cascudos nas duas tagarelas preguiçosas. Mas nem uma nem outra eram de seu clã. Apesar de ser um direito seu disciplinar qualquer mulher, não era de boa política bater em alguém sem ter a permissão do companheiro ou do chefe, a não ser que a infração fosse extremamente grave. Aquilo podia ser grave para ele e para outro já não ser.

- Nossa curandeira disse que ela é muito jeitosa - dizia Norg a Brun, enquanto Broud entrava na caverna.

- Bom, você sabe, ela é filha de Iza - falou Brun. - E Iza soube prepará-la muito bem.

- Pena Iza não ter vindo. Soube que está doente.

- É verdade, e essa é uma das razões que me fazem querer chegar lá de pressa. Temos um longo caminho pela frente. Sua

hospitalidade foi maravilhosa, Norg, mas a caverna da gente é que é a nossa casa. Esta foi uma das melhores reuniões de clãs a que já assisti. Por muito tempo será lembrada - disse Brun.

Broud virou de costas com os punhos cerrados, antes de ver o cumprimento que Norg lhe estava dirigindo. Ayla, Ayla, sempre Ayla. Todo mundo só fala dela. Chega a parecer que ninguém fez nada nesta reunião a não ser ela. Foi por acaso ela quem teve a honra de ser escolhida em primeiro lugar? Quem estava montado na cabeça do urso, enquanto ela se achava bem protegida no chão? E daí que tivesse salvo a vida daquele caçador? Provavelmente ele nunca voltará mais a andar. Ela é feia, é alta demais e tem um filho deformado. Essa gente devia saber como sabe ser insolente quando está em casa.

Precisamente nesse instante, Ayla passou, apressada, carregando diversas trouxas. Havia tanto ódio no olhar que Broud lhe dirigiu que ela chegou a encolher o corpo. O que será que fiz agora? perguntou-se ela. Mal pus os olhos em Broud durante todo esse tempo que passamos aqui.

Broud era agora um homem feito, mais parrudo do que qualquer outro, e a ameaça que ele representava era muito maior do que simplesmente os estragos que podia fazer com sua enorme força física. Era o filho da companheira do chefe e destinado a ocupar essa posição algum dia. Ele pensava intensamente nisso enquanto observava Ayla botar as trouxas no chão do lado de fora da caverna.

Depois de todos terem acabado de comer, as mulheres rapidamente ensacaram os poucos utensílios usados na refeição. Brun estava impaciente para partir e também elas. Ayla despediu-se de algumas curandeiras, da companheira de Norg e de mais algumas outras mulheres. Enfiou o filho na manta de carregar e foi tomar o lugar que lhe era destinado durante a marcha. Brun deu o sinal e começou a atravessar a área em frente da caverna.

Antes de fazer a curva no caminho, ele parou e todos se viraram para olhar uma última vez.

Norg e todo seu clã estavam de pé na entrada.

- Que Ursus os acompanhe - gesticulou Norg.

Brun fez que sim com a cabeça e se pôs outra vez em marcha. Teriam ainda que transcorrer sete anos para tornarem a ver Norg, ou quem sabe, talvez nunca mais. Só o Espírito do Grande Urso da Caverna saberia dizê-lo.

Tal como Brun imaginara, a viagem estava sendo difícil para Creb. Já sem o sentimento de expectativa para animá-lo e muito deprimido com o segredo que ele guardava e que não parava de remoer em pensamento, volta e meia seu corpo o traía. A preocupação de Brun aumentava, ele nunca vira o grande feiticeiro tão desalentado. Estava sempre ficando para trás. Brun frequentemente tinha que enviar um caçador atrás dele, enquanto ficavam à sua espera. O chefe diminuiu o passo, esperando com isso facilitar a marcha, mas Creb parecia não se importar. As poucas cerimônias noturnas, realizadas por insistência de Brun, careciam de força. O Mog-ur mostrava-se hesitante, com os gestos contrafeitos, como se o coração não estivesse ali. Brun notou também que Creb e Ayla mantinham distância um do outro e que, embora ela não tivesse dificuldade em acompanhar o ritmo da marcha, faltava-lhe vivacidade nos passos. Há alguma coisa errada com esses dois, pensou.

Haviam levado quase toda a manhã passando por entre um capim alto e já meio murcho. Brun olhou para trás e Creb não estava à vista. Ele ia fazer sinal a um dos homens, depois mudou de idéia e caminhou até Ayla.

- Volte e encontre o Mog-ur - gesticulou.

Ela pareceu surpresa, depois assentiu com a cabeça. Entregou Durc a Uba e correu de volta passando pela trilha feita no capim com as pisadas deles. Achou Creb muito atrás, caminhando devagar e se apoiando pesadamente sobre o cajado. Parecia estar sentindo dor.

Quando ela o havia procurado, cheia de remorso e afeto, ficara tão espantada com a resposta que ele dera, que depois disso não soube mais o que lhe falar. Tinha certeza de que ele agora estava padecendo com seu doloroso reumatismo nas juntas. Havia recusado tu do quanto lhe oferecera para aliviar as dores, e ela,

depois de se ver repelida umas tantas vezes, deixara de insistir, embora morresse de pena dele. Ao vê-la, ele parou.

- O que você está fazendo aqui?

- Brun me mandou procurá-lo.

Creb rosnou qualquer coisa e começou a andar. Ayla ia atrás dele. Obser vava suas passadas lentas e dolorosas, até que não aguentou mais. Passou-lhe, então à frente, arrojando-se a seus pés, obrigando-o a parar. Creb ficou olhando-a por muito tempo, até que por fim lhe bateu no ombro.

- Esta mulher gostaria de saber por que o Mog-ur está zangado.

- Não estou zangado, Ayla.

- Então por que você não me deixa ajudá-lo? - perguntou a jovem, suplicando. - Antes, o Mog-ur nunca recusou. - Esforçava-se por manter a calma. - Esta mulher é uma curandeira, ela está preparada para ajudar aqueles que sofrem. É esse o seu dever e o seu ofício. Dói a esta mulher ver o Mog-ur sofrendo e não poder ajudar - ao dizer isso já não conseguiu mais manter a postura formal. - Oh, Creb, deixe-me ajudá-lo. Você não sabe que eu gosto de você? Que para mim você é como o companheiro de minha mãe? Você tem me sustentado, falado por mim, eu lhe devo a minha vida. não sei por que você deixou de gostar de mim, mas não deixei de gostar de você. - As lágrimas escorriam-lhe pelo rosto, num desespero sem fim.

Por que será que sempre surge água nos seus olhos, quando acha que não gosto dela? E por que será que essa fraqueza de olhos sempre me leva a fazer alguma coisa por ela. Será que todos os Outros também têm o mesmo problema? Ela tem razão. Nunca me importei que ela me ajudasse antes, por que iria agora me incomodar? Ela não é uma mulher dos clãs.

Que pensem o que quiserem, mas não é. Nasceu dos Outros e sempre será deles. Ela mesma não sabe disso. Pensa que é uma mulher dos clãs pensa até que é curandeira. Curandeira é.

Pode não ser da linha de Iza, mas é curandeira e tem tentado ser como uma de nossas mulheres, por mais difícil que isso às vezes possa ser para ela. Gostaria de saber até que ponto isso lhe custa.

Esta não é a primeira vez que aparece água em seus olhos, mas quantas vezes não terá lutado para evitar que isso acontecesse? Sempre surge, quando acha que não gosto dela. Será que é uma coisa que pode magoá-la tanto assim? Até que ponto eu me sentiria também magoado, se achasse que ela não gostava de mim? Creb tentava vê-la como uma estranha, como uma mulher do Outros, mas ela continuava sempre sendo Ayla, a filha da companheira que não teve.

- É melhor nos apressarmos, Ayla. Brun está esperando. Enxugue seus olhos e, quando fizermos uma parada, você pode preparar-me um chá de salgueiro, ouviu, curandeira?

Um sorriso surgiu em meio às lágrimas. Ela levantou e se pôs outra vez atrás dele. Depois de alguns passos, foi ficar do seu lado. Ele parou por um momento, meneou a cabeça e se apoiou nela.

De imediato, Brun reparou na mudança ocorrida e retomou o passo da marcha, mas sem a presteza que gostaria. Havia um ar de melancolia em Creb, contudo parecia que ele se empenhava mais. Eu sabia que devia estar havendo qualquer coisa com esses dois, disse Brun consigo. Mas parece que deram um jeito de resolvê-la entre eles. Sentia-se satisfeito por ter tido a idéia de mandar Ayla atrás do velho feiticeiro.

Creb deixava que Ayla o ajudasse, mas continuava havendo um distanciamento entre os dois. Fora uma ruptura grande demais para que ele pudesse facilmente dar a volta por cima.

Não conseguia esquecer a diferença de seus destinos, e isso esfriava a relação calorosa de outros tempos.

Enquanto avançavam em seu caminho de volta à caverna, fazia calor durante o dia, mas as noites começavam a ficar frias. A primeira visão das montanhas encimadas de neve, vista longinquamente a oeste, trouxe novo alento ao clã mas sentiam as distâncias sendo diminuídas devagar e, com o passar dos dias, a cadeia de montanhas no sul da península acabou se tornando uma parte do cenário. Estavam fazendo progressos, ainda que de modo imperceptível. Os dias iam se sucedendo enfadonhamente, enquanto prosseguiam rumo oeste, com as geleiras já então bem

caracterizadas por suas profundas rachaduras azuis e os picos avermelhados assumindo as formas das serras e afloramentos.

Eles haviam forçado a marcha até começar a escurecer, quando acamparam pela última vez na planície e já estavam todos acordados com as primeiras luzes do dia seguinte. Os terrenos das estepes fundiam-se com um par que de árvores altas, e a vista de um rinoceronte comedor de pastagens das regiões temperadas, que, sem se dignar a tomar conhecimento da presença deles, prosseguiu no seu caminho, trouxe-lhes a sensação de estar em casa. Ao chegar a uma trilha serpenteando o sopé das colinas, apertaram o passo. Por fim, contornaram o conhecido morro de todos os dias e, com os corações batendo alto, viram a caverna. Estavam em casa.

Aba e Zoug correram ao encontro deles. Aba, cheia de alegria, cumprimentou a filha e Droog, abraçando, em seguida, as crianças mais velhas e depois botou Groob no colo. Zoug fez um cumprimento de cabeça na direção de Ayla e correu para Grod e Ika, e logo depois para Ovrá e Goov.

- Onde está Dorv? - gesticulou Ika.

- Está agora caminhando no mundo dos espíritos - respondeu Zoug. - Sua visão ficou tão ruim que já não podia ver o que as pessoas estavam lhe dizendo. Acho que ele se deu por vencido e não quis esperar pela volta de vocês. Quando os espíritos vieram chamá-lo, foi junto com eles. Enterramos Dorv e marcamos o lugar para que o Mog-ur realizasse mais tarde as cerimônias fúnebres.

Ayla, de repente aflita, olhou em derredor.

- Onde está Iza?

- Ela está muito doente, Ayla - respondeu Aba. - Desde a última lua nova que não sai da cama.

- Iza! não Iza! não Não - gritou Ayla, correndo para o interior da caverna. Ao chegar à fogueira de Creb, atirou ao chão as trouxas e correu para junto de Iza, deitada sobre suas peles.

- Iza, Iza! - chamou, em voz alta.

A velha curandeira abriu os olhos.

- Ayla - falou Iza, com sua voz áspera que mal se ouvia. - Os espíritos atenderam os meus desejos - gesticulou, debilmente. - Vocês estão de volta. - Estendeu os braços e Ayla a abraçou,

sentindo-lhe o corpo magro e fraco, quase só pele e osso. Os cabelos estavam como a neve, e o rosto enco vado, com os olhos afundados, era um pergaminho seco distendido sobre os ossos. Parecia infinitamente mais velha e tinha pouco mais de 26 anos.

Ayla mal podia enxergar com as lágrimas escorrendo-lhe pelas faces.

- O que eu tive de ir fazer nesta reunião de clãs. Devia ter ficado aqui e tomado conta de você. Sabia que você estava doente, por que tive de ir em bora, sabendo que você iria ficar sozinha aqui?

- Não, não, Ayla - gesticulou Iza. - não se culpe. Você não pode mudar aquilo que tem de acontecer. Eu sabia que estava morrendo quando vocês partiram. Você não ia poder ajudar e ninguém iria também poder. A única coisa que desejava era ainda ver vocês todos mais uma vez, antes de istar-nie aos espíritos.

- Você não pode morrer! não vou deixar que morra, Iza. Cuidarei de você. Vou fazer com que fique boa - gesticulou Ayla, em desespero.

Ayla, Ayla. Há coisas que nem a melhor das curandeiras é capaz de fazer.

O esforço para falar trouxe-lhe um acesso de tosse. Ayla apoiou o corpo de Iza até que a tosse se acalmasse e depois enfiou sua capa de pele por baixo da doente para levantar-lhe o corpo e facilitar a respiração. Em seguida, passou a dar uma busca nos remédios que se achavam por perto da cama

- Não estou vendo nenhuma ênula por aqui. Onde está?

- Acho que acabou - respondeu, fracamente, Iza. O acesso a deixara exausta. - Tive de usar o que tinha e não pude sair para pegar mais. Aba tentou encontrar, mas acabou trazendo girassóis.

- Eu não devia ter ido - falou Ayla. Em seguida, saiu correndo para fora da caverna, encontrando na entrada Uba com Durc no colo e Creb.

- Iza está muito doente - gesticulou Ayla, completamente transtornada. - E nem remédio tem para tomar. Vou buscar alguns pés de ênula. Ela também está sem fogo, Uba. Por que fui para essa reunião de clã Devia ter ficado aqui com ela. Por que tive de sair daqui?

- Seu rosto, com uma expressão sombria e sujo da viagem, estava riscado de lágrimas, mas ela não havia reparado e tampouco se importava. Desceu às carreiras pela encosta, enquanto Creb e Uba entraram apressados na caverna.

Ayla atravessou o riacho, correu à clareira onde davam as ênulas e com a mão mesmo cavou a terra, arrancando as plantas pelas raízes. De volta, parou no riacho, apenas o tempo suficiente para lavá-las.

Uba já acendera a fogueira, mas a água que pôs para ferver estava apenas morna. Creb, de pé, fazia gestos ritualísticos sobre Iza, fervorosamente, empenhando-se de uma maneira como há muitos dias não o fazia. Invocava cada um dos espíritos que conhecia, implorando-lhes que fortalecessem a essência da vida de Iza e que não a levassem ainda.

Uba havia posto Durc sobre a esteira. O bebê começava a engatinhar, firmando-se sobre as mãos e joelhos e escapulira para o lado da mãe, ocupada cortando as raízes em pedaços, mas ela o afastou quando viu que o garoto queria mamar. Não tinha tempo para o filho. Ele se pôs a berrar, enquanto ela despejava as raízes dentro da água, impaciente, pondo mais pedras para que fervesse logo.

- Deixe-me ver Durc - gesticulou Iza. - Ele cresceu tanto!

Uba levou-o até a mãe, botando o bebê no colo dela. Mas o menino não tinha vontade de ser ninado por uma velha de quem não se lembrava e esperneou pedindo para descer.

- Está forte e sadio - disse Iza. - Parece que já não tem nenhum problema para firmar a cabeça sobre o pescoço.

- Já tem até uma companheira - contou Uba. - Um bebezinho que lhe foi prometido.

- Uma companheira? Que clã é esse que prometeu uma companheira para ele? tão pequenino e ainda por cima com este defeito.

- Havia uma mulher na reunião que teve uma filha deformada. Ela veio conversar conosco no primeiro dia - explicou Uba. - O bebê até parece com Durc, pelo menos a cabeça é parecida. As feições não tanto. A mãe perguntou se eles no futuro não poderiam ser

companheiros. Oda estava preocupada, com medo de que a filha nunca fosse encontrar um homem em sua vida. Brun e o chefe do clã dela se puseram de acordo. Acho que ela vem para cá, depois da próxima reunião de clãs, mesmo que ainda não tenha ficado mulher. Ebra disse que a menina podia viver com eles, até que os dois tivessem idade para ter uma fogueira. Oda ficou muito feliz, principalmente depois que Ayla fez a bebida para a cerimônia.

Quer dizer que aceitaram Ayla como uma curandeira de minha linha. Tinha minhas dúvidas de que isso pudesse acontecer - gesticulou Iza, cansada; mas só de ver as pessoas queridas à sua volta já a animava, pelo menos o espírito. Fez uma pausa e depois perguntou: - Qual o nome da menina?

- Ura - respondeu Uba.

- Gosto do nome. Soa bem. - Tornou a fazer outra pausa e, em seguida, indagou: - E Ayla? não encontrou um companheiro na reunião?

- O clã onde Zoug tem parentes está pensando no caso dela. No princípio, eles recusaram, mas, depois que ela foi aceita como curandeira, disseram que iam pensar no assunto. não houve tempo para que as coisas ficassem acertadas. Eles podem aceitar Ayla, mas não acredito que vão querer Durc.

Iza respondeu só com um sinal afirmativo de cabeça e depois fechou os olhos.

Ayla triturava carne para fazer um caldo para Iza, ao mesmo tempo em que vigiava a água fervendo com as raízes, de modo que a infusão ficasse com a cor e o sabor corretos, impaciente para que ficasse logo pronto. Dure, lamuriando-se, engatinhou para junto dela e novamente ela tornou a repeli-lo.

- Deixe que eu fico com ele, Uba - falou Creb.

Por um instante, Dure ficou quieto sentado no colo do velho, intrigado com sua barba. Mas logo se cansou e começou a esfregar os olhos, lutando para se desvencilhar. De novo no chão, foi direto para a mãe. Estava com sono e fome. Ayla, de pé junto da fogueira, parecia não reparar no bebê choramingando, querendo subir-lhe pelas pernas. Creb se levantou, deixou cair o cajado e fez sinal a Uba para que pusesse o menino no seu braço. Mancando muito, sem

ter onde se apoiar, dirigiu-se para a fogueira de Broud e botou Durc no colo de Oga.

- Durc está com fome e Ayla está ocupada preparando remédios para Iza. Será que você pode dar leite para ele, Oga?

A moça disse sim. Pegou Durc e foi logo dando o peito para o bebê. Broud franziu a cara, mas bastou um olhar duro do Mog-ur para que imediatamente engolissem em seco sua raiva.

Seu ódio por Ayla não se estendia ao homem que a protegia e sustentava. Broud temia demais o Mog-ur para que pudesse ter-lhe ódio. Bem cedo em sua vida, havia descoberto que a sagrada figura do feiticeiro raramente interferia na vida secular do clã. Suas actividades restringiam-se ao mundo dos espíritos. Nunca o Mog-ur impedira Broud de exercer seu poder sobre a jovem que compartilhava de sua fogueira, mas assim mesmo o rapaz não desejava entrar em conflito aberto com o feiticeiro.

Creb, de volta à sua fogueira, começou a revirar as trouxas caídas pelo chão, procurando pela bolsa contendo a gordura do urso da caverna, a parte que lhe tocara na cerimônia do animal. Uba percebeu e se apressou em ajudá-lo. Ele pegou a bolsa contendo a gordura derretida e foi para a gruta dos espíritos. Embora sabendo que não havia qualquer esperança, iria valer-se de toda a mágica a seu alcance para ajudar Ayla a manter Iza viva.

Às raízes por fim ferveram pelo tempo necessário, e Ayla encheu umacua com o líquido, agora impaciente, esperando que esfriasse depressa. Iza de certa forma havia se reavivado um pouco com o caldo quente que ela lhe dera antes, em pequenos goles e amparando-lhe a cabeça, com os mesmos cuidados que ela própria recebera quando tinha cinco anos e estava à beira da morte. Iza, antes de ficar de cama, estava comendo muito pouco e, depois, praticamente não se alimentou mais. A comida levada para ela ficava intacta. Aquele fora um verão triste e solitário. Sem ninguém por perto para vigiá-la e se certificar de que tinha comido, ela quase sempre se esquecia ou simplesmente não se dava ao incômodo. Os outros três, quando perceberam que ela estava muito caída, tentaram ajudar, mas não sabiam como.

Quando o fim de Dorv estava próximo, Iza se levantou, mas o membro mais velho do clã teve uma morte rápida e pouca coisa ela pôde fazer por ele, afora tentar trazer-lhe um pouco de conforto. Essa morte deixou-os profundamente abatidos. Depois que Dorv se foi, a caverna parecia mais vazia ainda, fazendo lembrá-los do quanto também estavam perto de passar para o outro mundo. Aquela foi a primeira morte, desde o terremoto.

Ayla achava-se sentada perto de Iza, soprando o chá na cuia de osso e, de vez em quando, provando para ver se já estava suficientemente frio. Estava tão concentrada que não percebeu quando Creb saiu com Durc ou quando o feiticeiro se retirou para a pequena gruta dos espíritos, tampouco via que

Brun se achava lá observando-a. A jovem ouvia o barulho da respiração de Iza e sabia que o fim estava próximo, mas se recusava a acreditar. Procurava lembrar-se de tudo quanto fosse formas de tratamentos.

Um cataplasma de casca de bálsamo, pensou. Sim, isso é bom e também chá de milefólio. Aspirar o vapor também ajuda a melhorar bastante. Amoras e avencas. Não, isso é para gripes sem gravidade. Raízes de bardana? Talvez. Farinha de inhame? Claro, e as raízes são melhores justamente no outono. Estava decidida a encher Iza de chás, cobri-la de cataplasmas e, se necessário, afogá-la em vapores. Tudo e qualquer coisa que prolongasse a vida de sua mãe, a única mãe que conhecera. não suportava a idéia de Iza morrer.

Apesar de Uba estar inteiramente consciente da gravidade da moléstia de sua mãe ela notara a presença de Brun. Não era comum homens visitarem fogueiras de um outro, na ausência do dono, e isso a deixava nervosa. A menina se apressou a catar as trouxas espalhadas pela fogueira, olhando, ora para Brun, ora para sua mãe e para Ayla. Sem ninguém para orientá-la e lhe dizer o que fazer, não sabia como conduzir a visita de Brun. Ninguém tomou conhecimento da presença dele e nem o cumprimentou. O que se esperava que ela fizesse?

Brun observava o trio de mulheres. A velha curandeira; a jovem de caráter forte e primeira curandeira dos clã apesar de ser

inteiramente diferente deles, e Uba, destinada também ao mesmo ofício. Ele sempre fora muito apegado à sua germana. Iza tinha sido a menina mimada, querida de todos e também muito bem-vinda, uma vez que havia nascido um garoto forte e saudável para dar continuidade à linhagem de chefes de clã. Ele sempre se sentiu também como protetor de Iza. Jamais teria escolhido o homem que lhe foi destinado para companheiro. Nunca gostara dele, um fanfarrão que ridicularizava o seu irmão aleijado. Iza não tinha outra alternativa, mas soube manobrar bem a situação. Contudo, havia conseguido ser um pouco mais feliz depois que o companheiro morreu. Ela era uma boa mulher e uma boa curandeira. O clã irá sentir sua falta.

A filha de Iza está crescendo, pensou, observando-a. Logo Uba estará uma mulher. Devo ir começando a pensar num companheiro para ela. Terá de ser um bom homem, alguém com quem combine. O caçador será melhor, se sua companheira lhe for devotada. Mas, à exceção de Vorn, quem mais poderá ser? Tenho também de pensar em Ona, que não pode ser companheira de Vorn, já que os dois são germanos. Ela terá de esperar até Borg tornar-se homem. Se Ona ficar mulher cedo, pode ser que tenha filho antes de Borg estar pronto para assumir companheira. Talvez eu tenha de puxar um pouco por ele. Borg é mais velho do que Ona. Logo que ele começar a aliviar suas necessidades, terá idade bastante para assumir o status de homem. Será que Vorn dará um bom companheiro para Uba? Droog tem sido boa influência para ele. Talvez haja uma atração entre os dois. Vorn gosta de se pavonear diante dela. Brun tomou nota em sua cabeça de todos esses pensamentos para futuras referências.

O chá de raiz de ênula esfriou e Ayla carinhosamente acordou Iza, apoiando-lhe a cabeça enquanto lhe dava o remédio. não creio que desta vez você consiga botá-la de pé, Ayla, disse Brun consigo, reparando na magreza de Iza. Como ela envelheceu tão depressa assim? Era a mais moça de nós três e agora parece mais velha do que Creb! Eu me lembro da ocasião em que ela encanou meu braço, não devia ser muito mais velha do que Ayla quando tratou do de Brac. Só que nesse tempo Iza já era mulher e tinha companheiro.

Ela também fez um bom trabalho. Nunca me trouxe problemas, a não ser as algumas pontadas ultimamente. Também estou ficando velho. Meus dias de caçador logo irão acabar e vou ter de passar o comando para Broud.

Será que ele está preparado para isto? Na reunião de clãs, portou-se tão bem que quase cheguei a renunciar. Broud é corajoso. Todo mundo me disse que sou um homem de sorte.

E realmente sou, tinha medo de que ele fosse escolhido para acompanhar Ursus. Seria uma honra, mas prefiro passar sem ela. Gorn era um bom homem. Foi duro para o clã de Norg.

Sempre é terrível quando Ursus escolhe. Às vezes, é uma sorte não ser agraciado com tal honraria; o filho de minha companheira ainda está caminhando neste mundo. E Broud é destemido, talvez até demais. Um pouco de ousadia e imprudência ficam bem em rapazolas, mas um chefe de clã tem de ser prudente. Precisa pensar em seus homens. Precisa planejar e avaliar tudo de modo que as caçadas sejam bem-sucedidas, sem que os homens se arrisquem desnecessariamente. Talvez eu devesse deixar Broud dirigir algumas caçadas, para que ele fosse adquirindo experiência. Precisa aprender que um chefe, mais do que ter coragem, tem de saber conduzir. É necessário responsabilidade e autocontrole.

E o que dizer de Ayla que faz vir à tona tudo que existe de ruim nele? Ele se rebaixa competindo com ela. Ayla pode ser um pouco diferente, mas não deixa de ser mulher. E ela é uma mulher de valor, com muita determinação. Será que o parente de Zoug vai assumi-la? Agora que estamos acostumados com sua presença, isso aqui vai ficar estranho sem ela. É uma boa curandeira também. O clã que contar com ela só tem a ganhar. Farei tudo o que puder para que eles saibam dar-lhe o devido valor. Veja agora, nem o filho, o filho que ela estava pronta para acompanhar ao outro mundo, consegue desviar sua atenção de Iza. Muito pouca gente enfrentaria um urso da caverna para salvar a vida de um homem.

Ela também é corajosa, mas aprendeu a controlar-se. Comportou-se muito bem na reunião. Em todos os sentidos, portou-se como uma verdadeira mulher, diferente de quando era mais

criança. Todo mundo só teve elogios para ela, quando chegou no final.

- Brun - chamou Iza, com voz fraca. - Uba, traga chá para o chefe - gesticulou, tentando sentar-se ereta. Ainda era a perfeita dona-de-casa. -Ayla, arrume uma pele para Brun se sentar. Esta mulher lamenta não poder ela mesma servir o chefe.

- Iza, não se incomode. não vim para tomar chá. Estou aqui para vê-la- gesticulou Brun, sentando-se ao lado da cama dela.

- Há quanto tempo você está de pé aí? - perguntou Iza.

- Cheguei há pouco. Ayla estava ocupada. Preferi não incomodar e esperar que ela terminasse o que estava fazendo. Sentiram sua falta na reunião, Iza.

- Tudo correu bem?

- Este clã continua sendo o primeiro. Os caçadores se portaram bem. Broud teve a honra de ter sido o primeiro escolhido para a Cerimônia de Ursus, e Ayla também se portou muito bem. Recebeu vários elogios.

- Elogios! Quem precisa de elogios? Quando são demais, os espíritos ficam com ciúme. Se ela se portou direito e honrou o nome do clã, é o quanto basta.

- Ela se comportou como uma perfeita mulher e também foi aceita pelos mog-urs. Ayla é sua filha, Iza, como esperar menos?

- Sim, ela é minha filha, tanto quanto Uba. Tive sorte de os espíritos me concederem duas filhas e ambas ser boas curandeiras. Ayla poderá terminar a educação de Uba.

- Não - interrompeu Ayla. - Você é quem vai terminar de educar Uba. Você vai ficar boa. Nós estamos de volta e vamos cuidar de você. Vai sarar, espere e verá - gesticulou aflita, em desespero. - Você tem de ficar boa, mãe.

- Ayla, minha filha, os espíritos estão prontos para me receber. Logo vou ter de acompanhá-los. Eles já atenderam meu último desejo que era o de ver as pessoas que amo. Agora, não posso deixar que eles fiquem esperando por muito mais tempo.

O caldo e o remédio tinham estimulado suas últimas reservas. A febre subia com o heróico esforço de seu corpo lutando contra a doença que exaurira suas energias. O brilho febril dos olhos e a cor

das faces lhe emprestavam um falso aspecto de saúde. Mas havia um fulgor translúcido em seu rosto, como se iluminado por uma luz vinda de dentro, que não era brilho de vida. Mostrava-se como qualquer coisa de lúgubre, uma espécie de incandescência espiritual que Brun já vira antes. Era o despertar da força vital preparando para partir.

Oga permaneceu com Durc na fogueira de Broud até tarde, só o trazendo de volta já dormindo, depois de o sol ter desaparecido. Uba estendeu as peles de Ayla e deitou o garoto em cima delas. A menina se via confusa e com medo. Não tinha ninguém para apelar. Estava com receio de interromper Ayla nos seus esforços para salvar Iza e também com medo de perturbar a mãe. Creb custou muito a chegar. Ele pintou uns símbolos no corpo de Iza com uma pasta feita de ocre vermelho e gordura de urso, ao mesmo tempo em que fazia alguns gestos sobre ela. Imediatamente depois, voltou para sua pequena caverna e de lá não saiu mais.

Uba desfez os embrulhos e trouxe as coisas, pôs a fogueira em ordem, cozinhou uma comida que ninguém tocou e limpou tudo outra vez. Em seguida, silenciosa, foi sentar-se junto do bebê dormindo, querendo pensar em alguma coisa que a mantivesse ocupada. Isso não ia acabar com o terror que sentia no coração mas pelo menos ela estaria fazendo algo. Era melhor do que ficar sentada, vendo a mãe morrer. Por fim, deitou-se na cama de Ayla, enroscando-se bem junto de Durc, numa triste tentativa de buscar alguém que lhe desse um pouco de segurança e calor. Enquanto isso, Ayla atacava a moléstia de Iza por todos os lados, tentando tudo quanto fosse remédio e tratamento que conseguia lembrar. Ficava debruçada sobre ela, temendo sair de perto e ela escapulir durante sua ausência. Ayla não foi a única a guardar vigília naquela noite. Só as crianças pequenas dormiam. Em todas as fogueiras, as pessoas estavam com os olhos parados nas brasas ou deitadas sobre as peles sem dormir.

O céu do lado de fora estava pesado, com as estrelas encobertas e, dentro, a escuridão se fazia cada vez mais forte perto da larga entrada, ocultando todo sinal de vida para mais além da fogueira da caverna. No silêncio da madrugada, com a noite ainda

mergulhada inteiramente nas profundezas de suas sombras, Ayla, assustada, levantou a cabeça, acordando de um ligeiro cochilo.

- Ayla - disse Iza, numa voz sussurrada e rouca.

- O quê?

Os olhos de Iza refletiam a luz fraca das brasas na fogueira.

- Quero dizer uma coisa antes de partir - começou a gesticular, mas deixou as mãos caírem.

Era um esforço conseguir movê-las.

- Não tente falar, mãe. Descanse. Amanhã, você já vai estar mais forte.

- Não filha, tenho de falar agora. Não vou durar até amanhã.

- Vai sim. Você tem de viver, não pode partir.

- Não, Ayla. Estou morrendo. Você tem de aceitar esse fato. Deixe que eu termine, não me resta muito tempo.

Iza fez uma pausa, enquanto Ayla aguardava muda e desesperançada.

- Ayla, sempre gostei mais de você. Não sei por que, mas é a verdade. Quis que você ficasse comigo... quis que você permanecesse no clã Mas breve não estarei mais aqui. Creb também não vai demorar muito a encontrar seu caminho para o mundo dos espíritos e Brun está ficando velho. Broud então será o chefe. Ayla, você não pode permanecer aqui quando chegar essa ocasião. Broud irá encontrar uma maneira de fazer mal a você.

Tornou a fazer outra pausa, fechou os olhos, lutando para respirar e arrumar forças para poder continuar.

- Ayla, minha filha, a minha menina tão estranha e voluntariosa que tanto tem lutado. Eu quis educá-la para curandeira para que você, mesmo sem companheiro, tivesse algum status e pudesse permanecer no clã. Mas você é uma mulher e precisa de um homem que seja seu.

Não pertence à nossa gente, Ayla. Nasceu dos Outros e é a eles que pertence. Você tem de ir embora, criança, encontrar seu povo.

- Ir embora? - gesticulou, confusa. - Para onde eu iria, Iza? Não conheço ninguém dos Outros. Nem sei em que lugar iria procurá-los.

- Há muitos deles ao norte daqui. No continente, passando a península. Minha mãe me disse que o homem que a mãe dela tratou veio do norte. - Iza tornou a parar, depois forçou-se a prosseguir. - Você não pode ficar aqui, Ayla. Vá embora e encontre os Outros, menina.

Encontre sua gente e um companheiro para você.

As mãos de Iza tombaram de repente e seus olhos fecharam. Respirava apenas superficialmente, mas com esforço tornou a pegar uma golfada de ar e abrir os olhos novamente.

- Diga a Uba que eu a amo, Ayla. Mas você sempre esteve em primeiro lugar. Você é a filha de meu coração Sempre amei. - . mais... você. - . - A respiração de Iza foi interrompida por um suspiro entrecortado e não tornou a voltar mais.

- Iza! Iza! - gritou Ayla. - Mãe, não vá embora, não me deixe! Oh, mãe, não vá embora.

Uba acordou com o lamento de Ayla e correu para junto dela.

- mãe Oh, não Minha mãe foi embora! Minha mãe partiu.

As duas ficaram paradas olhando uma para a outra.

- Iza me pediu para dizer a você que ela a amava muito, Uba - falou Ayla. Os olhos estavam secos, o choque ainda não fora inteiramente registrado em seu cérebro. Creb veio na direção delas. Quando Ayla gritou, ele já se achava fora de sua pequena caverna. Com um soluço vindo do fundo do peito, Ayla se dirigiu aos dois e eles se encontraram num abraço doloroso, compartilhando o mesmo desespero. As lágrimas de Ayla molhavam todos. Uba e Creb não choravam, mas a dor deles não era menor.

Capítulo 26

Oga, você poderia alimentar Durc outra vez?

- A gesticulação de Creb usando apenas uma das mãos era perfeitamente clara para Oga, apesar de ele ter no colo um bebê esperneando. Ayla devia dar de mamar ao menino, pensou Oga. Não é bom para ela passar muito tempo sem dar o peito. No rosto do Mog-ur, achavam-se estampadas tanto sua dor pela morte de Iza como sua perplexidade com a reação de Ayla. Ela não podia recusar-lhe o pedido.

- Claro que sim - falou Oga, tomando Durc nos braços.

Creb voltou para sua fogueira, vendo que Ayla ainda não se movera do lugar, apesar de Ebra e Ika já terem levado o corpo de Iza que ia ser preparado para o enterro. Os cabelos de Ayla estavam em desalinho e o rosto borrado ainda com a sujeira da viagem e das lágrimas. Usava a mesma roupa suja e manchada com que fizera a longa caminhada de volta da reunião. Creb pusera Durc em seu colo quando ele começou a gritar, mas ela se mostrava cega e surda às necessidades da criança. Uma mulher teria entendido que, apesar de a dor ser imensa, o choro do bebê acabaria por surtir efeito. Creb, entretanto, tinha pouca experiência de mãe e bebês. Sabia que frequentemente, as mulheres estavam dando de mamar aos filhos de outras e ele não podia deixar uma criança passando fome, quando havia mulheres lá que poderiam alimentá-la. Ele, primeiro, tinha levado Durc para Aga e Uka, mas os filhos destas estavam praticamente sendo desmamados e as duas já não tinham muito leite. Já Grev estava só com pouco mais de um ano e Oga parecia ter leite em abundância, por isso Creb passou a recorrer a ela. Ayla não sentia doer os seus seios duros e empedrados, a dor no coração era maior.

O Mog-ur apanhou o cajado e se dirigiu para o fundo da caverna. Tinha sido levada para lá, para um canto que não era usado, uma pilha de pedras e, no chão de terra, fora aberta uma cova rasa. Iza fora uma curandeira de elevada posição social. Tanto

a hierarquia clânica como a intimidade que ela manteve em vida com os espíritos exigiam um lugar dentro da caverna. Era uma forma de garantir que os espíritos protetores que velavam por ela ficassem junto de seu clã e ela própria, do seu lar no outro mundo, zelaria por eles. Além de que, isso evitaria que animais dispersassem os seus ossos.

O feiticeiro espalhou pó de ocre vermelho no fundo da cova, fez alguns gestos e, depois de estar bento o lugar em que Iza seria enterrada, ele se dirigiu para um vulto coberto por um pano de couro. Afastou a coberta, revelando o corpo cinzento e nu da curandeira. Às pernas e os braços haviam sido dobrados na posição fetal e amarrados com cordas vermelhas feitas de tendões. O Mogur fez um gesto, benzendo-se contra os maus espíritos e, em seguida, abaixou-se para passar no corpo já frio o unguento de ocre vermelho com gordura de urso. Curvada na posição fetal e pintada de vermelho como se fossem as manchas de sangue de um bebê ao nascer, Iza seria enviada ao outro mundo da mesma maneira como chegara neste.

Nunca fora tão difícil para Creb executar seu dever. Iza tinha sido mais do que uma simples germana para ele. Ela o conhecia melhor do que ninguém. Sabia da dor que ele suportava sem se queixar e da humilhação que sofrera por causa de seus problemas físicos. Ela entendia sua delicadeza de alma, sua sensibilidade, e sentia prazer com a importância, o poder e o desejo dele de triunfar. Iza havia cozinhado para ele, cuidado de sua pessoa e aliviado seu sofrimento. Com ela, ele conhecera as alegrias de uma vida em família, quase como se fosse um homem normal. Apesar de nunca lhe haver tocado tão intimamente como agora o fazia, unguendo seu corpo, ela fora mais "companheira" para ele do que muitas mulheres tinham sido para os seus homens.

Quando Creb voltou à sua fogueira, tinha o rosto tão cinza quanto o do cadáver antes de ser pintado. Ayla ainda se encontrava junto da cama de Iza, com o olhar vago, perdido no espaço, mas despertou ao perceber Creb remexendo nas coisas de Iza.

- O que está fazendo? - gesticulou, querendo proteger tudo quanto havia pertencido a Iza.

- Estou procurando as bacias e as coisas que foram de Iza. Os instrumentos que ela usou nesta vida devem ser enterrados para que ela tenha os espíritos dessas coisas no outro mundo - explicou Creb.

- Vou apanhá-las - disse Ayla, pondo Creb de lado. A moça reuniu as bacias de madeira, as cuias de osso que Iza usava para preparar e medir as dosagens de seus remédios, pegou uma pedra redonda e outra com a base achatada, usadas para triturar e moer, os pratos pessoais de comer, alguns utensílios e a sacola de remédios. Depois de botar tudo em cima da cama de Iza, Ayla olhou para a pequena pilha de objetos que representavam toda a vida e o trabalho de Iza neste mundo.

- Essas coisas não são os instrumentos de Iza - gesticulou Ayla com raiva. Ela deu um salto e foi correndo para fora da caverna. Creb, sem entender, ficou abanando a cabeça, olhando-a sair. Depois, veio juntar as coisas de

Iza.

Ayla cruzou o riacho e correu a uma clareira onde já estivera com Iza.

Lá, deteve-se numa moita constituída de flores de talos finos e graciosos e colheu uma braçada de malvas de diversas cores. Em seguida, pegou uma quantidade de milefólios, uma planta analgésica utilizada em cataplasmas e parecida com a margarida. Corria pelos campos e bosques colhendo as plantas que Iza usava para preparar suas magias curativas: eram os cardos com suas folhas brancas e flores num tom amarelo-claro, as alfazemas amarelas, os tanacetos grandes e dourados e muscaris tão azuis que chegavam quase a ser pretos.

Cada uma das plantas que colhia tivera, em alguma ocasião, um uso na farmacopéia de Iza, mas escolheu apenas as bonitas, com flores coloridas e perfumadas. Com os braços cheios de flores, a jovem fez uma parada na borda da clareira, chorando novamente com a lembrança dos tempos em que saía ao lado de Iza para apanhar plantas. Sem a cesta de colher, seus braços estavam tão carregados que tinha dificuldade para transportar. Algumas flores caíram, ela se agachou para pegá-las de volta. Viu, então, os galhos

entrelaçados com cavalinhas com as suas flores miúdas e uma idéia lhe ocorreu, chegan do quase a ter um sorriso nos lábios.

Retirou da dobra da roupa uma faca e cortou um galho da planta. Sob o sol cálido de princípio de outono, ela se sentou e pôs-se a tecer, por entre o emaranhado do galho, os talos das belas flores. Quando terminou o ramo inteiro era uma esplêndida orgia de cores.

O clã se espantou ao ver Ayla entrar na caverna com seu trançado de flores. A jovem seguiu direto para o fundo e o depositou junto do corpo da curandeira, que estava deitado de lado com pedras formando um desenho oval ao redor dele.

- Esses foram os instrumentos de Iza - gesticulou Ayla, afrontando, pronta para enfrentar qualquer desafio que se opusesse à sua vontade.

O velho feiticeiro concordou com a cabeça. Ela tem razão, pensou, foram esses os instrumentos de Iza. Aquilo com que ela trabalhou durante toda a vida e que tão bem conhecia. Iza deve ficar feliz de tê-los no mundo dos espíritos. Será que lá existem plantas com flores?

As ferramentas, os utensílios e as flores foram postas na sepultura junto com Iza, e o clã, em seguida, começou a empilhar pedras cobrindo o corpo, enquanto o Mog-ur fazia gestos pedindo ao Espírito do Grande Ursus e o do Antílope Saiga que conduzissem em segurança o espírito de Iza ao outro mundo.

- Esperem! - interrompeu, subitamente, Ayla. - Esqueci de uma coisa importante. Correu à fogueira de Creb e retirou de dentro de sua sacola de remédios as duas metades da velha bacia de cerimônias. Voltou e as depositou na sepultura ao lado do corpo de Iza.

- Achei que, talvez, ela gostasse de ter isso também, agora que nunca mais será usada.

O Mog-ur acenou com a cabeça em sinal de aprovação e prosseguiu com os gestos ritualísticos. Após a última pedra ter sido colocada, as mulheres começaram a juntar madeira ao redor e em cima da pilha de pedras. Uma brasa da fogueira da caverna foi usada para acender o fogo que iria cozinhar o banquete fúnebre em

memória de Iza. A comida seria feita em cima da sepultura e o fogo ficaria ardendo por sete dias. O calor da fogueira tinha não só a finalidade de desidratar o corpo, mumificando-o, como também a de impedir o mau cheiro.

Quando as chamas se desprenderam, o Mog-ur começou um derradeiro e muito sentido lamento, feito com gestos que tocaram profundamente a alma de todos os membros do clã.

Ele se dirigia ao mundo dos espíritos, falando do amor que tinham pela curandeira que havia cuidado e tratado deles e os ajudado em suas doenças e enfermidades, tão misteriosas para eles quanto a própria morte. Eram gestos ritualísticos, em essência, os mesmos usados em toda cerimônia fúnebre. Alguns, eram reservados principalmente aos rituais masculinos e, por isso, desconhecidos pelas mulheres, mas o significado era perfeita mente compreendido. Embora a forma exteriorizada fosse convencional, o fervor, a convicção e a dor indizível do feiticeiro davam-lhe aos gestos um significado muito mais profundo do que aqueles contidos meramente na forma.

Com os olhos secos, Ayla olhava por cima do fogo crepitando os movimentos elegantes e fluídicos do velho aleijado, sentindo-lhe a intensidade das emoções como se estas fossem suas. O Mog-ur expressava a dor dela, fazendo-a identificar-se com sua pessoa, como se ele estivesse dentro de seu corpo, falando com seu cérebro e sentindo com seu coração. Ela então era a única a sentir a dor dele como sua. Ebra também começou a gritar sua dor, e foi logo depois seguida pelas outras mulheres. Uba, que se achava com Durc nos braços, sentiu brotar-lhe na garganta um berro não articulado, agudo, que veio juntar-se aos lamentos que extravasavam a mesma dor que era a sua. Ayla, com uma expressão vazia, olhava em frente, mergulhada num sofrimento grande demais para ser expressado. Nem mesmo o alívio das lágrimas pôde encontrar.

Não soube quanto tempo ficou olhando sem ver as chamas que pareciam hipnotizá-la.

Ebra teve de sacudi-la, até que a jovem a olhasse com uma expressão totalmente inexpressiva.

- Ayla, coma alguma coisa. Esta é a última festa que vamos compartilhar com Iza.

Ela, automaticamente, pegou no prato com comida e botou um pedaço de carne na boca, mas quase vomitou quando tentou engolir. De repente, deu um salto e foi correndo para fora da caverna. Às cegas, ia passando aos tropeções por entre as pedras e o mato no seu caminho. No princípio, seus pés a levaram pela conhecida trilha que ia dar na clareira da montanha, onde havia a pequena caverna que, em outras ocasiões, já lhe havia oferecido abrigo e segurança. Ela, entretanto, desviou-se. Desde que mostrara o lugar a Brun, aquilo já não parecia mais pertencer-lhe e sua última estada ali havia deixado dolorosas recordações. Subiu, então, ao alto da rocha escarpada que protegia a caverna deles contra os ventos do norte uivando pela montanha abaixo no inverno e que desviava as fortes ventanias de outono.

Açoitada pelas rajadas de vento, deixou-se cair de joelhos e, sozinha com sua dor, entregou-se ao sofrimento num canto monótono e queixoso, enquanto se embalava ao ritmo de seu dolorido coração. Creb veio atrás dela e viu sua figura delineada contra os matizes crepusculares das nuvens, escutando-lhe os gemidos fracos e distantes. Por maior que fosse a dor dele, Creb não pôde compreender por que ela, na aflição rejeitava o consolo da companhia e o motivo dessa retirada para dentro de si mesma. A habitual percepção do Mogur achava-se obscurecida pelo sofrimento. Ele não percebeu que a dor de Ayla ultrapassava o sentimento de perda.

A culpa torturava-lhe a alma. Ela se culpava pela morte de Iza. Havia deixado em desamparo uma mulher doente para ir a uma reunião de clã. Ayla era uma curandeira que abandonara alguém num momento de necessidade e, o pior, alguém que amava. Culpava-se por haver feito Iza escalar a montanha para procurar a planta que impediria o aborto do bebê que desesperadamente desejava ter, daí resultando a moléstia fatal que lhe enfraquecera o organismo. Sentia-se também culpada pelo sofrimento que causara a Creb, quando, inadvertidamente, pôs-se a acompanhar as luzes que levavam à pequena gruta encravada no fundo de uma

montanha nas longínquas paragens do leste. No entanto, mais do que culpa e dor, ela se achava fraca e com febre. Estava sem alimentos e o leite empedrado lhe deixava os seios doloridos e inchados. Sobretudo, Ayla estava deprimida, passando por um estado de desânimo que Iza poderia ter ajudado, se estivesse lá. Pois, como curandeira, Ayla tinha por missão salvar vidas e aliviar sofrimentos e ela perdera o seu primeiro paciente.

Contudo, o que Ayla mais estava precisando era do seu filho. Tinha de alimentá-lo e ocupar-se dele para voltar à realidade e poder compreender que a vida continuava. Ao regressar, entretanto, à caverna, Durc já estava dormindo ao lado de Uba. Creb o havia levado novamente para Oga lhe dar de mamar. Ayla se deitou e ficou se remexendo na cama sem conseguir dormir, sem se dar conta de que eram a febre e a dor que a mantinham acordada. Sua mente estava totalmente voltada para dentro, ocupada apenas com o profundo pesar e a culpa.

Quando Creb acordou, ela já havia saído. Ficara, primeiro, rodando um pouco do lado de fora da caverna e depois tornou a subir para o alto da rocha. Creb, ansioso, observava-a de longe, mas não dava para que ele visse seu estado de fraqueza ou soubesse que estava com febre.

- Devo ir atrás dela? - perguntou Brun, tão desconcertado com a reação de Ayla quanto Creb.

- Ela parece que quer ficar sozinha. Talvez seja melhor deixá-la - respondeu Creb.

Quando não pôde mais enxergá-la, ficou preocupado. Já era noite e Ayla ainda não havia voltado. Pediu, então, a Brun para procurá-la, lamentando não ter feito isso antes, ao ver Ayla chegar, carregada no colo de Brun. Depois do mal causado pelo sofrimento e a depressão, a fraqueza e a febre chegaram para completar o serviço. Uba e Ebra trataram da curandeira do clã. Ayla delirava, às vezes tremendo de frio, às vezes ardendo em febre. O menor toque em seus seios fazia-a gritar de dor.

Ela vai perder o leite - falou Ebra para a menina. - É tarde demais para que Durc possa fazer alguma coisa. O leite empedrou, o menino não vai conseguir puxá-lo para fora.

- Mas Dure é muito pequeno para ser desmamado. O que vai acontecer com ele? E com ela?

Não seria tarde demais se Iza estivesse viva ou se Ayla pudesse raciocinar. A própria Uba sabia de certos cataplasmas e de remédios que poderiam ajudar, mas a garota era muito jovem e insegura; por outro lado, Ebra se mostrava tão taxativa que não dava para discutir.

Quando a febre cedeu, o leite de Ayla secara. Já não poderia mais amamentar o filho.

- Não quero esse monstrengo em minha fogueira, Oga! Não quero que ele seja irmão de seus filhos! - Broud estava furioso, brandindo os punhos e Oga se encolhia de medo a seus pés.

- Mas, Broud, ele é apenas um bebê. Precisa de leite. Aga e Ika já não têm mais em quantidade, não adiantaria nada se elas dessem o peito para ele. E tenho de sobra, sempre tive muito leite. Se ele não se alimentar, morrerá, Broud.

- Pouco estou ligando se ele morrer. Antes de mais nada, este garoto não tinha de viver. Aqui nesta casa é que ele não entra.

Oga deixou de tremer e encarou o homem que era o seu companheiro. Ela não acreditava que Broud fosse realmente impedi-la de alimentar o filho de Ayla. Achava que ele fosse gritar e esbravejar, mas que no fim acabaria cedendo. Ele não podia ser tão cruel assim, não podia deixar que um bebê morresse de fome, por mais que odiasse a mãe.

- Broud, Ayla salvou a vida de Brac, como você pode deixar o filho dela morrer?

- Ela já foi bem paga por ter salvo a vida dele, não Está aí vivendo e autorizada até a caçar. Eu não lhe devo nada.

- Não é bem assim. Está vivendo, mas recebeu uma maldição de morte e voltou do mundo dos espíritos porque seu totem quis que ela voltasse. Ele protegeu Ayla - protestou Oga.

- Se tivesse sido amaldiçoada como devia, não teria voltado e jamais teria tido esse pirralho. Se seu totem é tão forte, por que, então ela perdeu o leite? Todo mundo disse que o filho dela seria um desgraçado. E que maior desgraça existe do que perder o leite da

mãe E agora você quer trazer esse azar para dentro de nossa fogueira. não isso não vou permitir, Oga; assunto encerrado.

Oga se sentou e olhou para Broud, friamente, com toda a calma.

- Não, Broud - gesticulou ela. - O assunto não está encerrado. - Oga já não estava mais com medo, e Broud se via estupefato. - Você pode impedir de Dure viver em sua fogueira, esse é um direito que tem e nada posso fazer contra isso. Mas você não me pode impedir de amamentá-lo. Este é um direito que a mulher tem. Toda mulher pode alimentar o bebê que ela quiser e nenhum homem pode opor-se a isso. Ayla salvou a vida de meu filho e não vou deixar que o dela morra. Durc será irmão de meus filhos, queira você ou não.

Broud estava cheio de espanto. Sua companheira recusar-se a se submeter à vontade dele era algo inteiramente inesperado. Oga jamais fora insolente, faltara-lhe com o respeito, ou deixara transparecer o mais leve sinal de desobediência. Não dava para acreditar. A surpresa transformou-se em fúria.

- Como ousa desafiar seu companheiro, mulher? Você será posta para fora dessa fogueira!

- Nesse caso, pego os meus filhos e saio, Broud. Pedirei a um homem que fique comigo. Talvez o Mog-ur me deixe viver com ele, se ninguém me quiser. Mas vou dar de mamar ao filho de Ayla.

A única resposta do rapaz foi um soco de mão fechada que derrubou a companheira direto no chão. Ele estava dominado demais pela raiva para responder de outra forma e já se preparava para bater novamente, quando de repente deu as costas e saiu pisando duro na direção da fogueira de Brun. Vou tratar dessa clamorosa falta de respeito, disse consigo.

- Primeiro, ela contagiou Iza e agora essa sua impertinência passou também a atingir a minha companheira! - gesticulou Broud, logo que botou os pés dentro da fogueira de Brun. - Falei a Oga que não queria o filho de Ayla em minha fogueira, que não queria aquela criança deformada para irmão dos filhos dela. E sabe o que respondeu? Que iria dar leite para ele de qualquer maneira! Disse que eu não poderia impedi-la. Que o garoto seria irmão dos filhos

dela, quisesse eu ou Não! É possível acreditar? Logo Oga? A minha companheira?

- Ela está certa, Broud - falou Brun, calculadamente calmo. - O homem não tem nada a ver com o bebê que sua companheira alimenta. Isso Não é problema dele. O homem tem coisas bem mais importantes com que se preocupar.

Brun não estava nada satisfeito com a violenta recusa de Broud. Era vergonhoso o rapaz envolver-se emocionalmente em assuntos que eram da exclusiva competência da mulher. E depois quem mais, além de Oga, poderia fazer isso? Durc pertencia ao clã, sobretudo depois do festival do urso. E os clãs sempre protegeram os seus membros. Mesmo a mulher que viera de um outro clã e que jamais produzira um só filho nunca foi deixada à míngua depois que o companheiro morreu. Ela podia não ter posição social, ser um fardo para todo mundo, mas, enquanto o clã tivesse comida, ela teria o bastante para sobreviver.

Broud podia recusar Durc em sua fogueira. Isso impunha a responsabilidade de sustentá-lo e educá-lo junto com os filhos de Oga. Brun estava infeliz com o problema, mas não era inesperado. Todo mundo sabia como Broud se sentia em relação a Ayla e a seu filho. Mas por que não deixar sua companheira alimentar o menino? não faziam todos eles parte do mesmo clã?

- Você está me dizendo que Oga pode ser desobediente o quanto quiser e ainda por cima impor sua vontade? - perguntou Brod, furioso.

- E o que tem isso a ver com você, Broud? Por acaso quer que a criança morra? - falou Brun. Broud ficou vermelho, havia um sentido subentendido na pergunta. - Durc pertence a este clã, Broud. Por mais que sua cabeça seja deformada, ele não parece retardado. Vai crescer e será um caçador. Este é o seu clã. Inclusive uma companheira já está prometida para ele e você concordou. Por que se preocupa tanto com o fato de sua companheira amamentar o bebê de outra mulher? Será ainda que é por causa de Ayla? Você é um homem, Broud. Tudo que ordenar, ela é obrigada a fazer. E ela o obedece. Por que compete com uma mulher? Você se rebaixa com

isso. Ou será que estou errado? Você é homem, Broud? Bastante para dirigir este clã?

- Simplesmente não quero que uma criança deformada seja irmão dos filhos de minha companheira - gesticulou Broud, de modo pouco convincente. - Era uma desculpa esfarrapada e não lhe passou despercebida a ameaça contida nas palavras de Brun.

- Broud, qual o caçador que nunca salvou a vida de um outro? o homem que não carrega consigo uma parte do espírito de um outro? Existe alguém que não seja irmão de todos os outros? Tem importância o fato de Durc ser irmão dos filhos de sua companheira agora, ou mais tarde, quando ele crescer? Por que está contra isso?

Broud não tinha resposta, pelo menos nenhuma que fosse aceitável pelo chefe. Ele não podia admitir seu ódio de morte por Ayla. Seria o mesmo que admitir que não era capaz de controlar suas emoções e que não era bastante homem para ser chefe de um clã. Estava arrependido de ter procurado Brun.

Devia me lembrar de que ele sempre tomou o partido dela, pensou. Brun estava orgulhoso de mim na reunião e agora, por culpa dela, já está outra vez duvidando de mim.

- Bem, não me incomode se Oga der de mamar a ele - gesticulou Broud. - Mas não quero essa criança em minha fogueira. - Nesse particular, sabia que estava dentro de seus direitos e não iria ceder. - Você pode pensar que o menino não seja retardado, mas tenho minhas dúvidas. não quero me responsabilizar por sua educação. Ainda não acredito que ele possa vir a caçar.

- Como quiser, Broud. Já assumi a responsabilidade de seu treinamento. Tomei essa decisão antes até de ter aceitado o menino e eu o aceitei. Durc é agora um membro deste clã e será um caçador. Eu me encarrego disso.

Broud ia regressar à sua fogueira, mas viu Creb trazendo Durc para Oga e achou melhor sair da caverna. Seria melhor não explodir sua fúria enquanto estivesse na mira de Brun.

Tudo por culpa desse velho aleijado, disse consigo. Mas tratou logo de desviar o pensamento, com medo de que o feiticeiro, por alguma arte qualquer, pudesse adivinhar o que ia na sua cabeça.

Broud temia os espíritos, talvez mais do que qualquer outro homem no clã e seu medo se estendia àquele que vivia na maior intimidade com essas forças. Afinal, o que podia fazer um caçador sozinho contra uma legião de seres incorpóreos, capazes de trazer desgraça, doenças e mortes? E que podia ele contra o homem que possuía o poder de invocar toda essa horda no momento em que bem entendesse? Fazia pouco tempo que Broud tinha voltado da reunião de clãs e, lá, ele passou muitas noites com a rapaziada dos outros clãs assustan do-se uns aos outros com histórias falando de desgraças causadas pela ira dos mog-urs. Eram lanças que se desviavam no instante preciso em que iam atingir o animal, horríveis enfermidades trazendo dores e sofrimento, chifradas, ferimentos e toda uma série de calamidades por culpa exclusiva de feiticeiros irados. No seu clã mesmo, as histórias de horror não eram muito contadas, mas sempre era bom se precaver, já que o Mog-ur deles era o mais poderoso de todos os feiticeiros.

Apesar de que em certa época Broud o achasse mais digno de troça do que de respeito, o corpo aleijado do Mog-ur com seu rosto terrivelmente mutilado e caolho aumentava-lhe o carisma. Para aqueles que não o conheciam, ele parecia inumano, talvez meio demoníaco.

Broud tinha tirado partido desse medo e, diante das caras incrédulas e admiradas dos outros rapazes, contara vantagem dizendo não temer o Grande Mog-ur. Mas, apesar de toda a sua fanfarronada, ele ficara impressionado com as histórias contadas. O respeito dos clãs pela figura trôpega do velho feiticeiro havia tornado Broud mais consciente de seu poder.

Nos sonhos em que se via como chefe, era Goov que aparecia como o seu mog-ur. Quase de sua idade e companheiro de caçada, Goov, no papel de futuro mog-ur, não podia ser visto como uma figura distante e temerosa. Broud tinha certeza de que conseguiria levá-lo na lábia e coagi-lo nos momentos de decisões, coisa que com o Mog-ur não ousava pensar nem mesmo em sonhos.

Enquanto caminhava pelas matas perto da caverna, Broud tomou uma firme decisão. Jamais tornaria a dar ao chefe motivos para duvidar dele e jamais poria novamente em risco seu futuro,

agora tão próximo de ser alcançado. Mas quando for chefe, pensou consigo, serei eu a decidir. Ayla botou Brun contra mim e conseguiu que até mesmo Oga, a minha própria companheira, ficasse contra mim, mas, quando eu for o chefe, isso vai acabar.

Pouco importa se Brun ficar de seu lado, ele já não terá mais como protegê-la. E ele se lembrou, então, de todas as injustiças que sofrera por causa de Ayla, de todas as vezes que ela lhe roubara os momentos de glória e de cada uma das pretensas ofensas infligidas a seu ego. Ficava insistindo nos mesmos fatos, repisando-os e se comprazendo no pensamento de fazê-la pagar por tudo. Ele podia esperar. Algum dia, disse consigo, muito em breve, Ayla vai lamentar ter vindo parar neste clã.

Broud não era o único a pôr a culpa no velho aleijado, o próprio Creb se sentia culpado por Ayla ter perdido o leite. De qualquer forma, ainda que fosse dele a responsabilidade do desastre, agora pouca diferença fazia. Creb, simplesmente, não entendia o modo de o organismo feminino se comportar. Sua experiência com mulheres era muito pequena. Só depois de velho é que passou a conviver com uma situação de mãe com filho. Não imaginara que, quando uma mulher amamentava a criança de uma outra, o favor que estava fazendo era para seu próprio bem e não com o intuito de aliviar a amiga de uma obrigação. Nunca ninguém lhe explicara isso e nem tinha por que, e quando ele foi saber já era tarde demais.

Ele se perguntava por que calamidade tão terrível tinha de suceder a Ayla. Seria simplesmente porque seu filho era um desgraçado para a vida? Creb buscava razões e, na sua introspecção culposa, começou a duvidar de seus próprios motivos. Estaria ele realmente preocupado, ou só querendo feri-la, do mesmo jeito que ela, sem querer, havia feito com ele? Seria ele digno de seu grande totem? Teria ele um caráter tão baixo, a ponto de desejar vingança tão mesquinha? Se dentre aqueles tidos como os mais santos, era ele a figura exemplar, então talvez o seu povo merecesse morrer. A convicção de que sua raça estava destinada a desaparecer, a morte de Iza e o sentimento de culpa pela desgraça acontecida a Ayla o deixavam abatido e profundamente melancólico. O teste mais difícil

do Mog-ur havia chegado quando ele já estava quase no final de sua vida. Ayla não punha a culpa em Creb, mas sim nela mesma. Ver uma outra mulher amamentando seu filho era para ela algo de insuportável. Oga, Aga e Uka, todas elas vieram oferecer-se para amamentar Durc, mas quase sempre era Uba quem levava o menino para elas, permanecendo em suas fogueiras até que o bebê tivesse terminado. Com o desaparecimento do leite, Ayla perdeu uma importante parte da vida de seu filho. Ainda chorava e se culpava pela morte de Iza, e Creb, por sua vez, estava tão voltado para dentro de si mesmo que ela não conseguia aproximar-se dele, achando-se, inclusive, até com medo de fazê-lo. Mas todas as noites, quando levava Durc para dormir em sua cama, ela se sentia grata a Broud. A recusa dele em aceitá-lo fez com que não perdesse de todo o seu filho.

No final do outono, Ayla voltou a caçar com sua funda, como pretexto para poder ficar sozinha. Caçara tão pouco no último ano que sua técnica parecia enferrujada, mas, com a prática, readquiriu a pontaria e a velocidade. Quase todos os dias, saía cedo e voltava tarde, deixando Durc aos cuidados de Uba. Só lamentava que o inverno estivesse rapidamente se aproximando. O exercício era bom para ela, mas agora precisava vencer uma nova dificuldade que surgira. Pouco havia caçado depois de se ter transformado em mulher e os seios balançando, a cada passo, incomodavam-na quando corria ou saltava. Reparando que os homens usavam uma tanga para proteger as partes sensíveis do corpo, modelou, na forma do seio, uma faixa que amarrava nas costas. Isso a deixava confortável e pouco estava ligando para os olhares curiosos que lhe eram lançados com o dos olhos.

Embora o exercício da caça fortalecesse o corpo e mantivesse, enquanto estava fora, sua mente ocupada, ela continuava carregando sua tristeza e dor. Parecia a Uba que a alegria se fora para sempre da fogueira de Creb. Sentia falta da mãe e tanto Creb como Ayla achavam-se envolvidos por uma aura de perpétua tristeza. Apenas Durc, na sua inocência, trazia uma sombra de felicidade com que a garota estava acostumada. O garoto, inclusive, conseguia de vez em quando que Creb saísse de sua letargia.

Ayla saíra cedo e Uba se achava no fundo da caverna procurando por qualquer coisa. Oga acabara de trazer Durc, deixando-o aos cuidados de Creb. O bebê estava cheio e satisfeito, mas ainda sem sono. Ele veio engatinhando e, apoiando-se em Creb, conseguiu firmar-se sobre as pernas trêmulas e inseguras.

- Com que então rapazinho, você já está começando a caminhar - gesticulou Creb. - Já vai estar correndo por toda a caverna, antes até desse inverno acabar, hem? - Creb falava e lhe cutucava a barriga cheia, de modo a enfatizar os gestos.

Durc abriu a boca emitindo um som que Creb só ouvira numa pessoa.

Durc ria. Creb o cutucou outra vez e ele se dobrou numa risadinha que o fez perder o equilíbrio e cair sentado sobre seu traseiro pequenino e duro. Creb o ajudou a levantar-se e olhou para o menino como se o estivesse vendo pela primeira vez.

As pernas de Durc eram arqueadas, mas não tanto quanto as dos outros bebês do clã e, apesar de gorduchas, Creb pôde perceber que os ossos eram mais compridos e finos. Acho que as pernas de Durc, depois de crescer, serão retas, iguais às de Ayla e também será alto como ela. E o pescoço fino e descarnado que não aguentava com sua cabeça quando nasceu, também se parece com o dela. Mas a cabeça é diferente. Ou será que não Essa testa alta é de Ayla. Ele virou a cabeça de Durc para olhá-lo de perfil. Atesta sem dúvida é, mas as sobrancelhas e os olhos são semelhantes aos da raça dos clãs e a parte de trás da cabeça também é mais parecida com a da nossa gente.

Ayla tinha razão. Durc não é deformado, ele é uma mistura da raça dela com a dos clã O que me pergunto é se seria sempre assim que as coisas se passam. Será que os espíritos se misturariam? Talvez seja isso que fação nascer mulheres e não totens masculinos fracos.

Será que a vida começaria com a mistura dos espíritos dos totens masculinos com os femininos? Creb abanou a cabeça sem saber responder. Mas isso botou a mente do velho feiticeiro para trabalhar e, naquele frio e solitário inverno, frequentemente se

encontrava pensando em Durc. Sentia que Durc era importante, mas por quê? A resposta lhe escapava.

Capítulo 27

Mas, Ayla, eu não sou como você. Eu não caço. Quando ficar escuro, para onde eu vou? - dizia Uba, em tom de súplica. - Eu tenho medo, Ayla.

A expressão amedrontada de Uba fazia com que Ayla sentisse vontade de acompanhá-la.

Uba ainda não tinha oito anos e o pensamento de passar dias sozinha, sem contar com a proteção da caverna deixava-a apavorada. Mas o espírito do totem da garota havia, pela primeira vez, travado uma batalha, de modo que ela era obrigada a cumprir a exigência, não tendo nada a fazer senão aceitar.

- Você se lembra daquela caverna onde me escondi quando Durc nasceu? Você vai para lá, Uba, pelo menos ali é mais seguro do que ficar ao relento. Todas as tardes eu subirei para vê-la e levar comida para você. É só por uns dias. Não se esqueça de levar uma pele para dormir e um carvão aceso para fazer a fogueira. Existe água perto. Vai ser triste, principalmente de noite, mas lá você não corre perigo. E pense que você agora é uma mulher. Daqui a pouco tempo, já vai estar com um companheiro e também com um bebê só seu - disse Ayla para consolá-la.

- Quem você acha que Brun vai escolher para mim?

- E quem você quer que ele escolha, Uba?

- Vorn é o único que não tem companheira, mas Borg daqui a uns tempos também já vai ter uma. É claro que Brun se quiser pode me dar como segunda mulher para qualquer homem. Acho que gostaria que fosse Borg. Nós dois costumávamos brincar de companheiros, até que um dia ele quis aliviar de verdade suas necessidades em mim. Não deu certo e ele ficou com vergonha. Agora já está quase homem e não gosta mais de brincar com meninas. Mas Ona também já está mulher e Vorn não pode ser seu companheiro; assim, só resta Borg para ela, a não ser que Brun resolva dar Ona para um homem que já tenha companheira. Dessa forma, tudo indica que Vorn será o meu companheiro.

- Já faz algum tempo que Vorn é homem, provavelmente ele deve estar louco para ter uma companheira - disse Ayla. Ela também havia chegado à mesma conclusão de Uba. - Você gostaria de Vorn para companheiro?

- Ele tenta fingir que não liga para mim, mas, às vezes, fica me olhando. Pode ser que ele não seja tão mau assim.

- Broud gosta dele. Com certeza, algum dia Vorn será o segundo em comando. Você não precisa se preocupar com questões de status, mas isso será bom para os seus filhos. Eu não gostava muito de Vorn quando era pequena, mas acho que você está certa, o rapaz não parece tão mau agora. Inclusive, quando Broud não está por perto, ele se mostra simpático com Durc.

- Fora Broud, todo mundo se mostra simpático com Durc, Ayla. não há quem não goste dele.

- Bom, sem dúvida, Durc está à vontade em todas as fogueiras. Ficou tão acostumado a ser levado cada dia num lugar para mamar que passou a chamar todas as mulheres de mãe - gesticulou Ayla, franzindo ligeiramente o rosto, mas logo um sorriso apagou a expressão de tristeza. - Você se lembra daquela vez que Durc entrou na fogueira de Grod, como se lá fosse a casa dele?

- Lembro. Tentei não olhar, mas não consegui - falou Uba. - Ele passou por Ika, cumprimentou, chamando-a de mãe e foi direto se meter no colo de Grod.

- Foi mesmo. Nunca vi Grod com uma cara de surpresa tão grande - falou Ayla. - Depois, Durc desceu e foi mexer nas lanças de Grod. Achei que este fosse ficar furioso, mas ele não resistiu vendo o danadinho do garoto querendo arrastar a lança maior de todas para fora. Quando Grod foi tirar a arma de sua mão, ele disse: Durc caça igual Grod.

- Acho que se Grod tivesse deixado, Durc teria arrastado mesmo aquela lança para fora da caverna.

- Ele leva todas as noites para a cama a lança de brinquedo que Grod lhe deu - disse Ayla, sorrindo. - Você sabe, Grod não é de falar muito, por isso fiquei admirada quando ele apareceu outro dia em nossa fogueira. Ele mal me cumprimentou, foi direto onde estava Durc e pôs a lança na mão dele, chegando até a mostrar como devia

segurá-la. Ao sair, tudo que disse foi: se o menino quer tanto caçar, ele deve ter a sua lança.

- É uma pena Ovrá nunca ter tido filhos. Acho que Grod iria adorar se a filha de sua companheira tivesse um bebê - falou Uba. - Talvez Grod goste de Durc porque na verdade ele não é apegado a nenhum homem em particular. Brun também gosta dele, disso eu tenho certeza. E até Zoug já começou a mostrar para ele como se deve usar uma funda. Acho que Durc não vai ter nenhum problema para aprender a caçar, apesar de na nossa fogueira não existir ninguém para ensiná-lo. Pelo jeito de os homens tratarem Durc, chega-se até a pensar que são todos eles companheiros de sua mãe. Exceto, é claro, Broud.

- Uba se interrompeu por um instante. - E talvez sejam, Ayla. Dorv sempre dizia que os totens de todos os homens se aliaram para derrotar o seu Leão da Caverna.

- Acho melhor você ir agora, Uba - falou Ayla, mudando de assunto.

- Andarei com você uma parte do caminho. Parou de chover e acho que os morangos já estão maduros. Há na subida uma área que está carregada. Mais tarde, vou até lá para dar uma olhada em você.

Goov pintou com pasta de ocre amarelo o símbolo do totem de Vorn sobre o de Uba e borrou o dela, como sinal do domínio do homem sobre a mulher.

- Você aceita esta mulher como sua companheira? - gesticulou Creb.

Vorn bateu de leve no ombro de Uba e ela o acompanhou para dentro da caverna. Em seguida, o mesmo ritual foi feito para Borg e Ona, e eles, por sua vez, se dirigiram para a nova fogueira onde iriam começar o período de isolamento. As árvores em suas roupagens de verão ainda em tons flácidos tão fortes como aqueles que teriam no final da estação balançavam-se com uma suave brisa, enquanto o clã se dispersava. Ayla pegou Durc nos braços para carregá-lo, mas ele esperneou, querendo descer.

- Está bem, Durc - gesticulou ela. - Você pode andar, mas venha antes tomar sua sopa e um pouco de mingau.

Enquanto ela preparava a comida, Durc saiu e começou a se encaminhar para a nova fogueira ocupada por Vorn e Uba. Ayla correu, trazendo-o de volta.

- Durc quer ver Uba.

- Você não pode, Durk. Por enquanto, ela não pode receber visitas de ninguém. Mas se você ficar bonzinho e tomar o seu mingau, irá caçar comigo.

- Durc vai ficar bonzinho. Por que não pode ver Uba? - perguntou, já mais sossegado com a promessa de acompanhar a mãe. - Por que ela não vem comer com a gente?

- Uba não vive mais aqui, Durc. Agora é companheira de Vorn - explicou Ayla.

Durc não era o único a notar a ausência de Uba. Todos sentiam sua falta, e a fogueira parecia vazia, tornando mais visível o constrangimento de Ayla e Creb. Os dois nunca tinham conseguido superar seus remorsos por se haverem reciprocamente ferido. Muitas vezes, vendo o velho feiticeiro prostrado em profunda melancolia, Ayla tinha vontade de se aproximar, colocar os braços em volta de sua cabeleira branca e abraçá-lo, tal como fazia quando era pequena. Mas a moça se continha, hesitando, não querendo forçar sua presença.

Creb sentia falta de afeto, não imaginando que sua carência deixava-o ainda mais deprimido. Por seu lado, muitas vezes também tinha vontade de aproximar-se dela, quando a via sofrendo, olhando uma outra mulher alimentando seu filho. Se Iza estivesse viva, teria encontrado uma maneira de reuni- los novamente, mas sem sua presença catalisadora, cada um ia para o seu lado, os dois desejosos de mostrar seu amor e não sabendo como romper a barreira que os separava. Na primeira refeição sem Uba, ambos se sentiam pouco à vontade.

- Você quer mais, Creb? - perguntou Ayla.

- Não não Por favor não se incomode. Já comi bastante.

Ele a observava fazendo a limpeza, enquanto Durc se servia pela segunda vez, segurando uma concha com as duas mãos. Embora estivesse com pouco mais de dois anos, Durc praticamente já tinha sido desmamado. Continuava ainda procurando Oga ou Jka -

esta novamente com outro bebê - mais pelo aconchego e o carinho e também porque elas consentiam. Em geral, quando nascia um novo bebê, cortava-se o leite dos outros maiores que ainda mamavam. Ika, no entanto, abriu uma exceção para Durc. Ele parecia compreender e não abusava de seu privilégio. Nunca tomava demais, privando a criança pequena de seu leite. Ficava apenas alguns momentos aninhado junto ao seio, como se para fazer valer os seus direitos.

Oga também se mostrava condescendente com ele. Grev, a rigor, já havia passado da época de mamar, mas se aproveitava da indulgência da mãe. Os dois podiam ser vistos no seu colo, cada um mamando num seio, até que o interesse pela figura um do outro acabava por prevalecer sobre o desejo de ser mimado e se deixavam levar por alguma briga. Durc era tão alto quanto Grev, embora menos corpulento. Nas lutas de brincadeira, quase sempre Grev ganhava; em compensação Dure o vencia facilmente nas corridas. Eram inseparáveis, e toda oportunidade que tinham, lá estavam os dois juntos.

- Você vai levar o menino com você? - perguntou Creb, depois de silêncio embaraçoso.

- Vou - disse Ayla, limpando as mãos e o rosto de Durk. - Prometi levá-lo para caçar comigo. Duvido que consiga caçar alguma coisa com ele, mas preciso apanhar também algumas ervas, e o dia está lindo.

Creb grunhiu qualquer coisa.

- Você também devia sair, Creb - acrescentou ela. - O sol lhe faria bem.

- Sim. Mais tarde eu saio.

Por um momento, Ayla pensou se não deveria insistir e convidá-lo para um passeio junto do riacho como costumavam fazer antes. Mas ele parecia já novamente mergulhado em seus pensamentos. Deixou-o sentado onde ele se achava, pegou Durc e se apressou a sair.

Creb só levantou os olhos quando teve certeza de que ela já tinha ido embora. Pegou o cajado, mas achou que se levantar seria um trabalho grande demais e voltou a botá-lo no chão.

Ayla, ao sair com Dure montado em seu quadril e a cesta de colher amarrada às costas, pensava nele, preocupada. Sentia que as faculdades mentais dele estavam diminuindo.

Creb parecia mais desatento do que nunca e repetindo perguntas que ela já havia respondido. Dificilmente, ele se mexia para sair da caverna, mesmo que o dia estivesse quente e ensolarado. Ficava constantemente sentado durante um tempo enorme, perdido no que ele chamava meditação e quase sempre acabava dormindo nessa posição.

Logo que a caverna deixou de estar à vista, Ayla alargou suas passadas. A liberdade de poder movimentar-se e o belo dia de verão relegaram suas preocupações para alguma parte mais remota da mente. Ao chegar a uma clareira, botou Durc no chão e fez uma parada para pegar determinadas plantas. O menino ficou observando-a e depois arrancou pelas raízes um punhado de alfafas de flores vermelhas misturadas com capim que apertava em sua munheca, enquanto trazia para a mãe.

- Que boa ajuda você está dando, Dure - disse Ayla, pegando as plantas e atirando-as dentro da cesta a seu lado.

- Dure pega mais - gesticulou, afastando-se.

Ela se sentou sobre os calcanhares e ficou olhando o filho arrancar um punhado ainda maior que, ao se desprender de repente da terra, fez com que o menino caísse sentado.

Franziu o rostinho para chorar, mais pelo inesperado do que pela dor. Ayla correu para apanhá-lo e o jogou no ar, pegando-o de volta no colo. Dure riu deliciado. Botou-o no chão e fingiu que ia pegá-lo.

- Vou pegar Dure - gesticulou ela.

O garoto corria nas suas perminhas ainda de bebê, dando risadinhas. Ayla deixou que ele tomasse dianteira e depois foi atrás de gatinhas, agarrando-o para botá-lo na garupa. Todos os dois riam com a brincadeira e ela lhe fazia cócegas só para vê-lo rir de novo.

Ela só ria com seu filho quando estavam sozinhos, e bem cedo Dure aprendeu que ninguém mais precisava ou aprovava os seus sorrisos e risadas. Embora ele tratasse todas as mulheres do clã de mãe, no seu coração sabia que Ayla era especial. Sempre sentia-se

mais feliz com ela do que com as outras e adorava sair sozinho em sua companhia, sem ter mais mulheres por perto. Adorava também as brincadeiras que só ele e sua mãe sabiam fazer.

- Ba-ba-na-na-ne-ne - falou Dure.

- Ba-ba-na-na-ne-ne - repetiu Ayla, imitando-lhe as sílabas sem sentido.

- No-na-ni-ga-gu-la - disse Dure, criando outra série de sons.

Ayla tornou a imitá-lo e lhe fez cócegas. Ficava encantada quando ele ria, e a brincadeira sempre punha um sorriso nos lábios da mãe. Ayla formou a série de sons que mais gostava de ouvi-lo dizer. Ela não sabia por que, apenas sabia que aquilo a enchia de ternura, levando-a quase às lágrimas.

- Ma-ma-ma-ma - disse ela.

- Ma-ma-ma-ma - repetiu Dure. Ayla o envolveu num abraço apertado, e Dure repetiu outra vez: - Ma-ma.

Ele se retorceu querendo libertar-se. Só gostava de abraços demorados, quando se aninhava junto dela para dormir. Ayla enxugou uma lágrima no canto dos olhos. Esta era uma particularidade que ele não possuía. Os grandes olhos castanhos de Dure, assentados sob supercílios salientes, eram iguais aos das pessoas dos clã.

- Ma-ma - falou Durc. Quando estavam sozinhos, quase sempre a chamava assim, principalmente depois de lembrado. - Você vai caçar agora? - indagou por gestos.

As últimas vezes que havia saído com Durc, ela lhe mostrara como usar a funda. Ia fazer uma para ele, mas Zoug lhe passou à frente. O velho já não saía mais. Ayla, no entanto, sentia-se feliz por ver que ele tinha prazer em ensinar Durc. Apesar de muito pequeno, Ayla percebia que o filho saía com seu jeito para manejar a arma, e Durc tinha tanto orgulho de sua minifunda quanto da pequena lança dada por Grod.

Ele gostava da atenção que atraía, quando, muito empertigado, passava com sua lança na mão e a funda pendurada num cordão amarrado em volta da cintura. Além do amuleto, era toda a sua vestimenta de verão. Foi necessário fazer armas tamanho miniatura também para Grev. Aparelha despertava olhares divertidos e

comentários sobre as belas figuras de homenzinhos que faziam. O futuro papel dos dois já começava a definir-se. Ao descobrir que era bem visto ter voz de comando sobre as meninas, e que até mesmo sobre as mulheres grandes era uma coisa olhada com indulgência, Durc nunca hesitava em fazer valer a sua, dentro dos limites permitidos, a única exceção era para a sua mãe. Ele sabia que Ayla era diferente. Apenas ela ria com ele, apenas ela sabia fazer a brincadeira de sons e apenas ela possuía os sedosos cabelos dourados que gostava de acariciar. Não se lembrava de ter mamado nela, mas não aceitava dormir com mais ninguém. Sabia que ela era mulher, porque as suas actividades eram as mesmas que as das outras, mas via que era muito mais alta do que qualquer homem e que também caçava. O menino não sabia exatamente o que fosse caçar, percebia que era uma coisa que só os homens e sua mãe faziam. Ela não se ajustava a nenhuma categoria. Era única. O nome pelo qual ele começara a chamá-la, o nome construído com sons, era o que parecia combinar melhor com ela. Era Ma-ma, a deusa de cabelos louros que ele adorava e que não gostava de vê-lo mandando nela.

Ayla segurava a mão dele na funda, tentando mostrar como se atirava. Zoug já fizera o mesmo, e Dure começava a pegar a ideia de como funcionava a coisa. Ela, então, retirou sua funda da cintura e pegou umas pedras que atirou em alvos próximos. Depois, arrumou uma fileira de pedrinhas sobre algumas rochas grandes e se pôs a derrubá-las. Durc achou divertido e foi arrumar mais pedras para vê-la fazendo novamente a coisa. Depois de certo tempo, perdeu o interesse, e ela voltou a colher plantas, enquanto o filho a seguia. Encontraram algumas framboesas e pararam para comer.

- Você está imundo, meu sujão - falou Ayla, rindo de sua figura com o rosto, mãos e barriga manchados de vermelho. Ela o pegou, mantendo-o de baixo do braço e foi com ele até um riacho para lavá-lo. Em seguida, apanhou uma folha grande e fez um cone que encheu de água para os dois beberem. Durc bocejava, esfregando os olhos. Ela estendeu a capa à sombra de um enorme carvalho e se deitou a seu lado, esperando que ele dormisse.

Na quietude da tarde de verão, Ayla foi sentar-se contra um tronco e, ouvindo o canto dos pássaros numa sinfonia de gorjeios, ficou a observar o movimento perpétuo dos insetos zumbindo à sua volta e as borboletas voando e fazendo o seu pouso de asas fechadas. Seu pensamento estava voltado para os acontecimentos da manhã daquele dia. Espero que Uba seja feliz com Voru. Tomara que seja bom para ela. Mesmo que Uba continue perto da gente, a nossa fogueira ficou muito vazia com sua saída. Já não é a mesma coisa. Agora, ela vai cozinhar para o companheiro e dormir com ele, quando acabar o tempo de isolamento. Gostaria que tivesse logo um bebê. Ela ficaria muito feliz com isso.

- Mas, e eu? Ninguém veio daquele clã querendo saber de mim. Talvez seja porque não tenham conseguido encontrar a caverna. Mas talvez seja por que não estavam realmente interessados. Fico contente com isso. não quero para companheiro um homem que não conheço... e nem quero também um que eu conheça. Tanto faz, porque nenhum deles também me quer. Sou muito alta. Até Droog, o mais alto de todos, mal consegue chegar ao meu queixo. Iza ficava imaginando se algum dia eu iria parar de crescer. E começo a imaginar a mesma coisa. Broud odeia minha altura. Não aguenta ver uma mulher mais alta do que ele. Depois que voltamos da reunião de clã ele nunca mais me incomodou. Por que será que tremo todas as vezes que ele olha para mim?

Brun está ficando velho. Ebra ultimamente vem lhe dando remédios para dores musculares. Dentro de pouco tempo, ele irá botar Broud como chefe. Não há a menor dúvida sobre isso. E Goov será o mog-ur. Cada vez mais as cerimônias estão ficando por sua conta. não creio que Creb queira continuar como mog-ur, sabendo que vi o ritual deles. Por que será que tive de ir parar naquela noite na caverna deles? não me lembro de como cheguei lá. Queria nunca ter ido a essa reunião de clãs. Se tivesse ficado, talvez eu conseguisse manter Iza viva por mais alguns anos. Sinto muita saudade dela. não encontrei companheiro, mas Dure sim.

Estranho terem deixado Ura viver, chega quase a parecer que isto só aconteceu para que ela fosse companheira de Dure. Homens dos Outros, foi o que Oda disse. Quem são eles? Iza disse que nasci

dos Outros. Por que será que não me lembro? O que terá acontecido com a minha mãe verdadeira? E a seu companheiro? Será que eu tinha germanos? Ayla sentia o estômago enjoadado, não propriamente náusea, mas um certo mal-estar. Subitamente, seus cabelos arrepiaram ao lembrar-se do que Iza lhe dissera na noite em que morreu. A jovem tinha afastado o pensamento da cabeça, pois era muito penoso pensar na morte de Iza.

Iza me falou para ir embora! Disse que eu não pertencia aos clãs e que tinha nascido dos Outros. Mandou que procurasse a minha gente e que encontrasse um companheiro como eu. Se eu ficar, disse ela, Broud acabaria achando um jeito de me maltratar. No norte, foi onde ela falou que eles vivem, para lá da península, no continente. Mas como vou poder ir embora? Aqui é minha casa. Não posso abandonar Creb, e Durc precisa de mim. E se eu não encontrar os Outros? E ainda que ache, talvez não me queiram. Ninguém deseja uma mulher feia. Como vou ter certeza de arrumar um companheiro, mesmo que encontre os Outros?

Creb está ficando velho. O que vai acontecer comigo, quando ele se for? Quem irá me sustentar? Não posso viver só com Durc, algum homem vai ter de ficar comigo. Mas qual? Broud? Ele vai ser o chefe e, se ninguém me quiser, a obrigação será sua. O que acontecerá se eu for obrigada a viver com Broud? Ele também não me quer, mas sabe que eu odiaria essa solução e é o que fará porque sabe que abomino a idéia. Eu não iria suportar viver com Broud, prefiro até que um homem de outro clã me leve para viver com ele. Mas eles também não me querem.

Talvez eu devesse ir embora. Pegaria Durc e iríamos os dois. Mas, e se eu não encontrar ninguém dos Outros? E se alguma coisa me acontecer? Quem tomaria conta dele? Ficaria sozinho, do mesmo jeito que eu fiquei. Tive muita sorte de Iza me encontrar. Talvez Durc já não tenha a mesma felicidade. Não posso levá-lo, ele nasceu aqui. Ele é dos clãs, apesar de uma parte sua ser minha. Ele já tem até uma companheira prometida. E o que seria de Ura, se eu levasse Durc embora? Oda está educando a filha para ser companheira dele. Já deve estar lhe dizendo que mesmo que ela seja feia e deformada, há um homem para ser o seu companheiro. Durc também vai

precisar de Ura, terá necessidade de uma companheira depois que crescer, e Ura é perfeita para ele.

Mas não posso partir deixando Durc. Prefiro viver com Broud, a ser obrigada a abandonar Durc. Vou ter de ficar, não há outro jeito. Ficarei e, se tiver de ser, viverei com Broud.

Olhou para o menino adormecido e tentou recompor as idéias: iria ser uma boa mulher pelos padrões dos clãs e aceitaria seu destino. Uma mosca pousou no nariz de Durc.

Dormindo, ele se mexeu, esfregou o nariz, e depois voltou a ficar quieto.

De qualquer jeito, não saberia mesmo para onde ir. Para que lado fica o norte? O que isto significa para mim? Tudo está ao norte daqui, menos o mar que fica ao sul. Podia ficar o resto da minha vida perambulando por aí e nunca achar ninguém. E os Outros podem ser tão maus quanto Broud. Oda disse que eles a forçaram, que não deram tempo sequer que ela botasse seu bebê no chão. Será melhor ficar aqui com um Broud que eu conheço do que com algum homem que pode ainda ser até pior.

Está ficando tarde, é melhor ir embora agora. Acordou o filho e, enquanto ia a caminho da caverna, tentou afastar os Outros do pensamento, mas, uma vez despertada a curiosidade, já não pôde mais esquecer-se dos Outros, a interrogação fora posta e, volta e meia, insinuava-se em seu espírito.

- Você está ocupada, Ayla? - perguntou Uba, a expressão da garota ao mesmo tempo alegre e acanhada. Ayla imaginava saber por que, mas resolveu deixar que Uba mesma contasse.

- Não, não estou muito ocupada. Estava acabando de fazer uma mistura de hortelã com alfafa e queria saber com que gosto ficaria. Vou ferver um pouco de água para tomarmos um chá.

- Onde está Dure? - perguntou Uba, enquanto Ayla atiçava o fogo botando mais lenha e algumas pedras para esquentar.

- Ele está lá fora com Grev. Oga está vigiando. Esses dois não se largam- gesticulou Ayla.

- Talvez seja porque mamaram juntos. Eles são mais chegados um ao outro do que qualquer irmão. É quase como se fossem gêmeos.

- Mas os gêmeos quase sempre se parecem, e entre esses dois não há nenhuma semelhança. Você se lembra daquela mulher na reunião dos clãs que teve gêmeos? Eu não conseguia saber qual era um e qual era o outro.

- Às vezes, é muito ruim ter dois filhos juntos e, se nascerem três, é certo que não vão deixá-los viver. Afinal, como uma mulher vai poder alimentar três ao mesmo tempo, se ela só tem dois seios, não é? - falou Uba.

- Ajudada por muitas outras. Para a felicidade de Dure, dou graças por Oga ter tido sempre muito leite.

- Espero poder ter muito leite, Ayla - gesticulou Uba. - Vou ter um bebê.

- Eu já imaginava. Desde que foi viver com o seu companheiro, você nunca mais recebeu a maldição de mulher, não é?

- Sim. Acho que o totem de Vorn estava esperando há muito tempo. Ele deve ser muito forte.

- Você já contou para ele?

- Estava esperando até ter certeza, mas acho que Vorn adivinhou. Ele deve ter notado que eu não fiquei isolada. Ficou muito contente - falou Uba, orgulhosa.

- Vom é um bom companheiro, Uba? Você está feliz?

- Ah, estou. Vom é um bom companheiro. Quando descobriu que eu ia ter um bebê, ele me contou que já estava esperando por mim há muito tempo e que se sentia feliz por eu não ter demorado a conceber. Disse que já me havia pedido, antes mesmo de eu me haver tornado mulher.

- Isso é ótimo, Uba - falou Ayla.

Deixou de acrescentar que, no clã, não havia ninguém mais para companheira de Vorn, a não ser ela própria. Mas, por que Vorn iria querer uma mulher como eu? Por que iria preferir uma mulher grande e feia, quando podia ter alguém atraente como Uba e que realmente pertencia à linha de Iza? E que importância tem isso para mim? Nunca quis Vorn para companheiro. Na verdade, o que me preocupa é o que vai acontecer depois de Creb não estar mais aqui. Vou precisar de cuidar muito dele para que viva bastante tempo.

Parece que o Mog-ur não tem mais vontade de viver. Já quase não põe os pés fora da caverna e, se não fizer exercícios, aí mesmo é que ficará para sempre aqui dentro.

- Em que está pensando, Ayla? Você anda tão silenciosa nos últimos tempos.

- Estava pensando em Creb. Estou preocupada com ele.

- Creb está ficando velho. A mãe era mais moça do que ele e já se foi. Ainda sinto falta dela, Ayla. Vai ser horrível quando Creb também passar para o outro mundo. Não quero nem pensar nisso.

- Nem eu, Uba - gesticulou Ayla, com um mau pressentimento.

Ayla não parava um momento. Se não estivesse caçando, estava trabalhando cheia de energia, e incansável. Não suportava ficar parada. Passava em revista seu estoque de remédios, punha tudo em ordem, ia esquadrihar os campos para se reabastecer ou substituir as plantas velhas por novas, voltava e reorganizava a fogueira toda novamente.

Teceu novas cestas e esteiras, talhou travessas e bacias de madeira, fabricou recipientes de couro e de cortiça, fez capas, roupas, pemeiras, chapéus, protetores para as mãos e os pés, já se preparando para o próximo inverno. Impermeabilizou bexigas e estômagos de animais para servirem como odres, construiu uma nova armação para apoiar as panelas de couro sobre a fogueira, modelou pedras de forma achatada para serem usadas como lamparinas de gordura, fez chumaços com musgo seco, talhou um novo conjunto de facas, raspadores, serrotes, furadeiras e machadinhas, e ainda ia à praia para procurar por conchas que serviriam como cuias, pratos ou colheres. Além disso, quando chegava sua vez, saía com os caçadores para fazer o trabalho de curtir carnes e ainda encontrava tempo também para ir com as mulheres para colher frutas, cereais, sementes e legumes. Em casa, limpava e torrava as sementes e cereais, triturando tudo depois muito fino, de modo a ficar mais fácil para Creb e Durc mastigarem.

Creb se tornou sua grande preocupação. Ela o mimava e cuidava dele como jamais o tinha feito. Preparava-lhe comidas especiais para estimular o apetite, punha-lhe cataplasmas, fazia-o tomar um mundo de beberagens, levava-o para repousar ao sol e o

persuadia a dar longas caminhadas para fazer exercício. Ele parecia gostar das atenções e da companhia dela, e, de certa forma, recuperou um pouco da antiga força e entusiasmo. Mas faltava alguma coisa. Aquela intimidade única que existira entre os dois, o afeto caloroso e as longas conversas descontraídas haviam desaparecido. Quase sempre caminhavam em silêncio. A conversa se fazia forçada e sem as demonstrações espontâneas de carinho.

Não era apenas Creb que envelhecia. O dia em que Brun, do alto do morro, foi ver os seus caçadores saírem e lá ficou olhando para eles até que fossem pequeninos pontos na planície embaixo, Ayla subitamente se conscientizou do quanto também o chefe envelhecera.

Sua barba já não estava só com algumas pintas brancas, mas completamente grisalha, tal como o cabelo. Rugas fundas marcavam-lhe o rosto com sulcos fortemente cavados na pele junto aos olhos. Seu corpo rígido e musculoso perdera o tono, a pele estava mais flácida, embora ainda continuasse uma figura vigorosa. Com passos vagarosos, ele se encaminhou para a caverna e passou o resto do dia dentro dos limites de sua fogueira. Na vez seguinte, ele acompanhou os caçadores, mas, já na próxima, nem ele nem Grod, o seu leal segundo em comando, foram.

Certo dia, no final de um verão, Durc entrou correndo na caverna.

- Mama! Mama! Um homem... um homem está vindo para cá.

Ayla e todos os outros correram para a entrada da caverna, querendo ver o estranho que vinha subindo pelo caminho da costa.

- Ayla, será que ele veio buscá-la? - gesticulou Uba, agitada.

- Não posso saber. Sei tanto quanto você, Uba.

Ayla, com os nervos tensos, era um misto de emoções. Tinha esperanças de que o visitante pertencesse ao clã do parente de Zoug e, ao mesmo tempo, tinha medo de que ele fosse tal pessoa. O homem parou para falar com Brun e seguiu depois para a fogueira do chefe.

Passado algum tempo, Ayla viu Ebra encaminhando-se diretamente em sua direção.

- Brun quer falar com você - disse Ebra.

O coração batia disparado, os joelhos pareciam de água, e a moça achava que não fosse aguentar-se sobre as pernas, enquanto caminhava para a fogueira de Brun. Deu graças aos espíritos, quando se deixou cair aos pés de Brun. Ele lhe bateu no ombro.

- Este é Vond, Ayla - falou o chefe, apontando para o visitante. Ele veio de longe só para vê-la. Caminhou da caverna de Norg até aqui. Sua mãe está doente e a curandeira deles não tem conseguido melhorar sua saúde. Ela achou que talvez você conhecesse alguma mágica que pudesse ajudar.

Ayla, na reunião dos clã fizera reputação de curandeira dotada de grande saber e perícia. O homem tinha vindo procurar por sua mágica e não por ela. O alívio sentido foi maior do que a tristeza. Vond ficaria por alguns dias. Ele trazia novidades de seu clã. O rapaz que fora ferido pelo urso da caverna havia passado o inverno com eles e partido no princípio da primavera se guinte, caminhando sobre suas pernas e mal se notando que mancava. A mulher dele deu à luz um bebê forte e sadio que recebeu o nome de Creb. Ayla fez algumas perguntas a Vond e lhe preparou um embrulho para que ele levasse ao lado de instruções para serem transmitidas à curandeira deles. Ela não sabia se seu remédio iria ou não adiantar, mas o homem viera de tão longe que não custava pelo menos tentar.

Quando Vond foi embora, Brun se pôs a pensar em Ayla. Ele vinha protelando toda decisão a seu respeito, na esperança de que algum outro clã pudesse julgá-la aceitável. Mas se um mensageiro podia encontrar a caverna deles, outros, se o quisessem, também poderiam. Após tanto tempo, não era mais possível alimentar esperanças. Algum arranjo teria de ser feito para ela dentro de seu clã.

Entretanto, Broud brevemente seria o chefe e a ele caberia assumi-la. Seria melhor que a decisão partisse do próprio Broud e, enquanto vivesse o Mog-ur, não havia necessidade de precipitar os acontecimentos. Brun resolveu passar o problema para o filho de sua companheira. Broud parece ter finalmente conseguido superar seu ódio desmedido por ela, pensou o chefe. Nunca mais voltou a importuná-la. Talvez já esteja preparado... até que enfim parece

estar pronto. Mas, lá no íntimo, ainda lhe restava uma pontinha de dúvida.

As cores do verão chegaram ao fim, e o clã se entregou ao ritmo mais vagaroso da estação fria. A gestação de Uba progrediu normalmente até o segundo trimestre, quando, então, foram interrompidos os movimentos de vida. Ela tentava ignorar a dor cada vez mais forte nas costas e o mal-estar provocado por cólicas, mas, ao começar a perder sangue, correu para Ayla.

- Desde quando você deixou de sentir o bebê se mexendo, Uba? - perguntou Ayla, com o rosto visivelmente preocupado.

- Já faz alguns dias. O que vou fazer? Vorn ficou tão feliz comigo, por que fiquei esperando bebê logo depois dele me ter tomado para companheira. Não quero perder meu filho. O que teria acontecido de errado? Já está tão perto a primavera agora mesmo está aí.

- Não sei, Uba. Você não se lembra se levou algum tombo? Será que não fez esforço para levantar alguma coisa muito pesada?

- Acho que não.

- Vá para sua fogueira, Uba, e se deite. Vou pôr algumas cascas de vidoerro para ferver e levo o chá para você. Queria que estivéssemos no outono, poderia arrumar aquelas raízes de prenanto que Iza encontrou para me dar.

Mas a neve está muito alta, já não se pode ir muito longe daqui. Vou tentar pensar em alguma coisa. E também procure pensar, Uba. Você conhece quase tudo que Iza sabia.

- Tenho pensado, Ayla. Mas não consigo lembrar de nada que faça um bebê mexer depois de ele ter parado os seus movimentos.

Ayla não respondeu. No fundo, sabia tanto quanto Uba que não havia esperança, e estava sentindo a mesma angústia que a jovem.

Nos dias seguintes, Uba permaneceu deitada, na vã esperança de que acontecesse alguma coisa que viesse em sua ajuda, mas sabendo que não havia nada a esperar. A dor nas costas tornou-se quase insuportável, e os únicos remédios que a aliviavam eram aqueles que faziam a moça dormir um sono drogado e intranquilo.

As cólicas, entretanto, não se desenvolvendo em contrações, o trabalho de parto não podia iniciar-se.

Ovra praticamente vivia na fogueira de Vorn para dar seu apôio moral. Ela tantas vezes passara pela mesma provação que mais do que ninguém podia entender a dor e a tristeza de Uba. A companheira de Goov nunca conseguira levar uma gravidez até o fim e, à medida que os anos passavam e ela sempre sem filhos, foi cada vez ficando mais silenciosa e fechada. Ayla sentia-se feliz por saber que Goov era carinhoso com ela. Muitos homens a teriam dispensado ou tomado uma segunda mulher. Mas Goov era extremamente ligado à sua companheira. Ele não iria aumentar-lhe ainda mais a tristeza, tomando outra mulher para ter filhos para ele. Ayla passou, então, a dar a Ovra o remédio se creto que Iza lhe ensinara para impedir o totem da mulher ser derrotado. Era muito duro para uma mulher ter uma gravidez atrás da outra e não resultar em filhos para ela. Ayla não lhe contou para que o remédio servia, mas, de pois de certo tempo, Ovra parou de engravidar e ela imaginou por quê. Era melhor assim.

Numa fria e triste manhã, já no final do inverno, Ayla examinou Uba e tomou uma decisão.

- Uba - chamou com brandura. A garota tinha os olhos rodeados por círculos escuros que os faziam parecer ainda mais mergulhados sob as saliências das sobranceiras. - Temos de fazer essas contrações começarem. não há nada que possa salvar seu bebê. Se ele não sair, você também pode morrer. Você é muito moça, poderá ter outros filhos - disse Ayla por gestos.

Uba olhou para ela, depois para Ovra e, em seguida, para Ayla outra vez.

Está bem - assentiu com a cabeça. - Você tem razão, não há mais esperanças. Meu bebê está morto.

O trabalho de expulsão de Uba foi difícil. Às contrações custaram a aparecer, e Ayla hesitava em lhe dar alguma coisa mais forte contra dores, com medo de que o trabalho de parto fosse interrompido. As outras mulheres vinham para algumas visitas curtas, querendo encorajar e trazendo sua solidariedade, mas

nenhuma tinha vontade de se demorar. Todas sabiam que o esforço e a dor seriam em vão.

Apenas Ovrá permaneceu para ajudar Ayla.

Quando o feto saiu, Ayla rapidamente o enrolou junto com a placenta numa manta de couro.

- Era um menino - disse ela a Uba.

- Posso ver?

- Acho melhor que não veja, Uba. Isso só vai fazer com que se sintam pior.

Agora, trate de descansar. Você está muito fraca, eu me desfaço dele por você.

Ayla disse a Brun que Uba se encontrava sem forças e que ela mesma se encarregaria de desfazer-se da criança, abstendo-se de dizer qualquer outra coisa. Não tinha sido só um feto que Uba expulsou, e sim dois que não chegaram durante a gravidez a se separar devidamente. Apenas Ovrá viu a pobre coisa repugnante que dificilmente se poderia reconhecer como um ser humano, com vários braços e pernas e um rosto desfigurado numa enorme cabeça. Ovrá teve de fazer força para não vomitar e Ayla mal também conseguiu conter-se.

Aquelas não eram as modificações surgidas em Dure, resultantes das transformações das características raciais dela e da dos clãs, e sim um caso de anomalia. Ayla deu graças por aquela coisa grotescamente malformada não ter vivido o suficiente para Uba parir-la com vida. Sabia que Ovrá jamais comentaria o fato com alguém. Para o bem de Uba, seria melhor deixar o clã na crença de que ela tivera uma criança prematura normal.

Ayla se meteu dentro de agasalhos pesados e saiu abrindo com dificuldade caminho pela neve alta, só parando quando já estava bem afastada da caverna. Desembrulhou a manta de couro, deixando o conteúdo exposto ao tempo. É melhor não deixar qualquer vestígio dessa coisa, pensou consigo. Já no momento mesmo em que se virava para voltar, percebeu com o rabo dos olhos algo que sorratamente se movia. O cheiro do sangue já estava surtindo o efeito desejado.

Capítulo 28

Você quer dormir com Uba essa noite, Dure? - perguntou Ayla.

- Não disse o menino, balançando veementemente a cabeça. - Durc dorme com Mama.

- Tudo bem, Ayla. Achava mesmo que ele não ia querer, já passou o dia inteiro comigo - falou Uba. - Que nome é esse que ele arrumou para dar a você?

É um nome qualquer que ele inventou para me chamar - respondeu Ayla, virando a cabeça para o lado. A censura ao uso de palavras e sons desnecessários, que sofreu nos primeiros tempos quando chegou, tinha ficado de tal forma entranhada nela que se sentia culpada da brincadeira que fazia com o filho. Uba não insistiu, mas percebeu que Ayla se mostrava reticente.

- Às vezes, quando eu e Dure saímos sozinhos, nós ficamos brincando de fazer sons com a boca - admitiu ela. - E o menino arrumou estes para me chamar. Durc pode tirar uma quantidade grande de sons da garganta.

- E você também, Ayla. Mamãe me disse que você, quando era pequena, principalmente antes de aprender a falar, costumava dizer palavras e fazer tudo quanto era tipo de sons.

Ainda me lembro do som que você fazia para me ninar. Eu adorava escutar.

- Tenho impressão de que fazia, mas não me lembro direito - gesticulou Ayla. - Isso não passa de uma brincadeira entre Dure e eu.

- Acho que não há nada de mal, e depois Dure não é como alguém que faz esses sons porque não aprendeu a falar - disse Uba. - Queria que essas raízes não estivessem tão estragadas - acrescentou, ao jogar fora uma planta que tinha na mão. - A festa amanhã não será grande coisa só com carne seca, peixe e uns legumes já meio passados. Se Brun esperasse mais um pouco, pelo menos a gente poderia ter umas verduras e os brotos de algumas plantas.

- Não é só Brun - falou Ayla. - Creb diz que a melhor época é na primeira lua cheia da primavera.

- Não entendo como ele sabe que já chegou a primavera. Um dia de chuva é sempre igual a outro - observou Uba.

- Acho que tem qualquer coisa a ver com o desaparecimento do sol no céu. Há dias que ele vem observando o pôr-do-sol. Mesmo quando chove, é possível ver o ponto em que o sol se esconde para dormir. Além disso, tem havido muitas noites claras de lua. Creb é quem sabe.

- Não queria que Creb já fosse passar o lugar dele para Goov - falou Uba.

- Nem eu. Nesses últimos tempos, ele tem ficado aparentemente sem fazer nada. O que será dele, quando não tiver nem mesmo as cerimônias para celebrar? Sabia que isso teria de acontecer algum dia, mas essa é uma festa que não me deixa nem um pouco alegre.

- Vai ser estranho. Estou tão acostumada a ver Brun como chefe e Creb como Mog-ur, mas Vom acha que já é tempo de os mais moços conduzirem o clã. Ele diz que Broud já esperou demais.

- É possível que ele tenha razão. Vorn sempre admirou Broud - gesticulou Ayla.

- Ele é bom para mim, Ayla. não ficou zangado na ocasião em que perdi meu filho. A única coisa que disse foi que iria pedir ao Mog-ur um feitiço para que seu totem ficasse com muita força e eu pudesse conceber novamente. Ele deve gostar de você também, Ayla. Chegou até a falar comigo para lhe pedir se você não deixaria Durc ficar dormindo com a gente. Acho que ele imagina que eu gosto muito de ter Durc por perto - confidenciou Uba. - Até mesmo Broud não tem sido muito mau para você ultimamente, não é verdade?

- É. De uns tempos para cá, ele não me tem incomodado muito - reconheceu Ayla.

Não sabia explicar por que sentia medo cada vez que Broud olhava em sua direção .

Mesmo que não o estivesse vendo, sua nuca se arrepiava, se ele a estivesse observando.

Naquela noite, Creb ficou com Goov até tarde na gruta dos espíritos. Ayla preparou uma refeição ligeira para ela e Durc, e separou qualquer coisa para Creb quando chegasse depois, se bem que duvidasse de que ele fosse dar-se o trabalho de comer. Ela acordara de manhã sentindo-se ansiosa, e tal sensação só fez aumentar com o transcorrer do dia. A caverna parecia querer engoli-la, e sua boca estava seca como se empoeirada. Conseguiu meter alguma coisa dentro do estômago e, de repente, correu na direção da entrada. O céu estava cor de chumbo, pesado, e a chuva ininterrupta abria pequenas crateras na terra encharcada. Quando voltou para a fogueira, Durc se havia metido na sua cama e dormia.

Logo que sentiu a mãe junto dele, aconchegou-se a ela e, meio inconsciente, fez uns gestos que terminavam com a palavra "Mama."

Ayla passou o braço à sua volta, ficando abraçada com ele e sentindo-lhe a batida do coração mas o sono custava a chegar. Deitada, ficou olhando os contornos das pedras sombreadas pela luz fraca da fogueira já quase apagada. Estava acordada quando Creb por fim voltou, mas permaneceu quieta escutando-lhe os passos, até que acabou dormindo depois que ele se enfiou na cama.

A moça acordou aos gritos.

- Ayla, Ayla! - era Creb que a sacudia, chamando-a pelo nome para trazê-la à realidade.

- O que aconteceu, menina? - perguntou, preocupado.

- Oh, Creb - disse ela, abraçando-o. - Tive aquele sonho. Há anos que não sonhava desse jeito.

Creb a rodeou com o braço, sentindo-a tremer.

- O que aconteceu com Mama? - perguntou Durc, sentando-se com os olhos muito abertos e cheios de medo. Ele nunca tinha ouvido antes a mãe gritar. Ayla tomou-o nos braços.

- Qual sonho, Ayla? Aquele com o leão da caverna? - perguntou Creb.

- Não o outro. Aquele que nunca consigo lembrar direito - falou ela, voltando a tremer.

- Creb, por que será que estou tendo esse sonho agora? Pensava que meus pesadelos tivessem terminado.

Creb tornou a botar o braço ao redor dela, querendo acalmá-la. Ayla o abraçou novamente. Há muito tempo que isso não acontecia, pensaram subitamente os dois, e ficaram abraçados com Durc entre eles.

- Oh, Creb, quantas vezes eu tive vontade de abraçá-lo e não pude. Achava que você não iria querer. Tinha medo de que me fosse repelir como fazia no tempo em que eu era uma menina malcriada. Há uma coisa que eu queria dizer-lhe, Creb: eu o amo muito.

- Ayla, naquela ocasião eu era obrigado a fazer isso. Precisava fazer alguma coisa, pois senão quem faria era Brun. Nunca pude ter raiva de você, Ayla. Eu a amava demais e ainda amo até hoje. Achei que você estava contrariada por ter perdido seu leite por minha causa.

- Mas não foi por sua causa, Creb. A culpa foi minha. Nunca o culpei por isso.

- Mas eu me culpava. Devia ter sabido que um bebê precisava mamar para que o leite da mãe não secasse e você parecia querer ficar sozinha com sua dor.

Como você podia saber? Nenhum homem entende muito de bebês. Só gostam do guri para segurar, brincar, e quando ele está bem cheio e alegre. Mas, ao primeiro resmungo, correm logo para devolvê-lo à mãe. Além do que, isso não fez mal nenhum a Durc. Ele está entrando no ano em que deveria ser desmamado, mas há muito tempo que já deixou de mamar, e veja como está agora, um menino forte e sadio.

- Mas você sofreu muito por causa disso, Ayla.

- Mama está sofrendo? - interrompeu Durc, ainda preocupado com o grito dela.

- Não, Durc. Mama não está mais sofrendo.

- Onde Durc arranhou esse nome que ele dá a você?

- Às vezes, eu e Durc brincamos de fazer sons com a boca e ele resolveu me chamar assim - disse ela, corando um pouco.

Creb acenou com a cabeça, compreendendo. Depois, disse:

- Como ele chama todas as mulheres de mãe acho que precisou arrumar um nome para dar a você. Isso para ele quer dizer mãe.

- Para mim também.
- Quando você chegou, Ayla, também fazia uma porção de sons e falava com a boca. Talvez seu povo se comunique por meio de sons.

- Meu povo é a gente dos clãs. Eu sou uma mulher dos clãs.

- Não Ayla - gesticulou Creb, pausadamente. - Você não é de nossa raça e sim uma mulher dos Outros.

- Iza me disse a mesma coisa na noite em que morreu. Ela falou que eu era uma mulher dos Outros.

Creb pareceu surpreso.

- Achava que ela não soubesse. Iza era uma mulher muito sábia, Ayla. Só desconfiei disso na noite em que você nos seguiu até aquela caverna.

- Eu não pretendia entrar naquele lugar, Creb. Nem sei como fui parar lá. não sei o que o deixou tão acabrunhado, Creb, mas pensei que você deixou de gostar de mim por eu ter invadido aquela caverna.

- Não Ayla. Jamais deixei de gostar de você. O meu amor por você é muito grande.

- Durc está com fome - interrompeu o menino, ainda confuso com o grito da mãe e, agora, cansado com aquela longa conversa entre ela e Creb.

- Durc está com fome? Vou ver se encontro alguma coisa para você comer.

Ayla se levantou e foi até o fogo, enquanto Creb a observava. Tinha curiosidade de saber por que ela foi mandada para viver conosco. Nasceu dos Outros e sempre foi protegida pelo Leão da Caverna. Por que teria ele enviado Ayla para nós? Por que não a conduziu de volta para os Outros? E por que ele se deixou derrotar, permitindo que tivesse um bebê para depois perder seu leite? As pessoas acham que isto aconteceu porque Durc não pode ser um menino feliz. Mas, veja como ele está agora. Forte, alegre e todo mundo gosta dele.

Talvez Dorv tivesse razão ao dizer que os espíritos dos totens de todos os homens se misturaram com o Leão da Caverna de Ayla. Ela estava certa, Durc não é deformado, ele é uma mistura.

Consegue até emitir os mesmos sons que a mãe sabe fazer. Uma parte dele é de Ayla, e outra, de nossa raça.

De repente, Creb sentiu a pele arrepiando e o sangue sumir de seu rosto. Uma parte de Ayla e uma parte de nossa raça! Foi para isso que ela nos foi enviada? Por causa de Durc?

Para gerar um filho? Os clã estão condenados, irão desaparecer, e somente a raça dela sobreviverá.. Eu sei e sinto isso. Mas e Durc? Uma parte sua é dos Outros, por isso ele continuará neste mundo; mas, por outro lado, ele pertence também a nós. E Ura? Ela se parece com Durc. Nasceu pouco depois daquele incidente com os homens dos Outros. Será que os seus totens são tão fortes a ponto de vencer o totem de uma mulher em tão pouco tempo? É possível. Se suas mulheres podem ter o Leão da Caverna como totem, os deles têm de ser fortíssimos. E Ura, será também uma mistura? E se existem Durc e Ura, deve haver mais outros como eles. Crianças provin das da mistura de espíritos, crianças que prosseguirão com a vida, que darão continuidade aos clãs. Talvez não muitas, mas o suficiente.

É possível que os clã já estivessem condenados muito antes de Ayla presenciar a cerimônia sagrada e que ela tenha sido conduzida lá apenas para me fazer compreender isso. Já não estaremos mais aqui, mas, enquanto houver Durcs e Uras, não morreremos. Tinha curiosidade de saber se Durc possui as memórias. Se ele fosse mais velho, o suficiente pelo menos para assistir a uma cerimônia... Bem, não tem importância. Durc tem mais do que memórias, ele carrega nele a vida dos clã. Ayla, a minha boa menina, a filha de meu coração você leva a felicidade consigo e a trouxe para nós. Agora sei por que veio, não para nos trazer a morte, e sim para nos dar a nossa única oportunidade de viver. Nunca será o mesmo, mas já é alguma coisa.

Ayla trouxe para o filho um pedaço de carne fria. Creb parecia perdido em pensamentos, mas, quando ela se sentou, o feiticeiro olhou em sua direção.

- Sabe, Creb - disse ela, pensativa. - Às vezes, imagino que Durc não é filho só meu. Desde que perdi meu leite, ele ficou tão acostumado a ir de fogueira em fogueira para mamar, que hoje ele

come em todas e todo mundo lhe dá comida. Ele me faz lembrar um filhote de urso da caverna, é como se Durc fosse filho do clã inteiro.

No olho de Creb, Ayla percebeu a enorme tristeza que lhe ia na alma.

- Durc, Ayla, é o filho do clã. Ele é o único filho dos clãs.

As primeiras luzes do dia começaram a tomar o espaço triangular da entrada e a brilhar no interior da caverna. Ayla, deitada de olhos abertos, observava o filho dormindo a seu lado, enquanto a claridade gradativamente se formava. Ela podia ver Creb em sua cama, sob as peles e, pela respiração regular, sabia que ele também estava dormindo. Fico contente por eu e Creb termos voltado a conversar, pensou ela, sentindo como se um enorme peso tivesse sido tirado de cima de seus ombros, mas o mal-estar que a acompanhara todo o dia anterior e a noite havia piorado. Sentia um nó na garganta e, se permanecesse um instante mais dentro da caverna, achava que ficaria sufocada. Em silêncio, deslizou para fora da coberta, meteu-se rapidamente dentro de uma roupa, calçou-se e se encaminhou sem ruído para a entrada.

Logo que chegou ao exterior, respirou fundo. O alívio sentido foi tão grande que pouco se importava que a chuva gelada empapasse sua vestimenta de couro. Atravessou o grosso lamaçal em frente da caverna e foi para o riacho, começando subitamente a tremer com o frio. Blocos de neve, enegrecidos pela fuligem das fogueiras, impulsionavam os córregos pelas encostas abaixo, transformando-os em imensos aguaceiros que engrossavam o riacho coberto pelo gelo.

As solas de couro de seu calçado deslizavam no barro vermelho e ela escorregou caindo na ribanceira do riacho. Os cabelos lisos empastados na cabeça se penduravam como cordas grossas fazendo regos que terminavam no barro colado em sua roupa, antes que a chuva pudesse lavá-la. Por longo tempo, ficou parada na margem do riacho, olhando suas águas escuras lutando para se libertar das amarras do gelo e redemoinhando em torno dos blocos que por fim se desprendiam e eram levados de quina para paragens desconhecidas.

Na volta, seus dentes batiam, enquanto a custo subia a encosta escorregadia, observando o céu escuro clareando imperceptivelmente para além do morro próximo da caverna. Ayla teve de esforçar-se para passar pela boca da entrada que parecia bloqueada por uma barreira invisível. No momento em que pisou no interior, voltou-lhe a mesma sensação de mal-estar.

- Ayla, você está ensopada. Por que saiu com um tempo deste?
- gesticulou Creb. Ele apanhou um pedaço de lenha e botou na fogueira. - Tire essa roupa molhada e venha para perto do fogo. Vai pegar uma gripe.

Ela trocou de roupa e veio sentar-se perto de Creb junto da fogueira, dando graças por não haver mais o silêncio constrangedor entre ambos.

- Creb, estou tão contente por termos conversado ontem à noite. Fui até o riacho, o gelo está começando a se desprender. O verão vai chegar e vamos poder dar nossos longos passeios outra vez.

- Sim, Ayla, o verão já está chegando. Se você quiser, poderemos dar os nossos passeios novamente... no verão.

Ela se arrepiou com a horrível sensação de que jamais voltariam os dois a passear juntos novamente e teve a impressão de que ele sentia o mesmo. Veio, então, para perto dele e se abraçaram como se fosse pela última vez.

Pelo meio da manhã, a chuva melhorou, transformando-se num chuvisco aborrecido e, à tarde, parou completamente. Um sol frouxo, descorado, atravessou a sólida camada de nuvens, mas não servia muito para aquecer ou secar a terra empapada. Apesar do tempo feio e da pouca comida, o clã se via excitado com a festa, um acontecimento memorável. A mudança de chefe já era algo raro, mas ter ao mesmo tempo a troca de mog-ur fazia daquela uma ocasião excepcional. Oga e Ebra iriam ter um papel especial na cerimônia, bem como Brac, agora com sete anos e o novo herdeiro.

Oga estava um feixe de nervos, correndo a cada momento a tudo quanto fosse fogueira que tivesse comida cozinhando. Ebra procurava acalmá-la, mas ela própria não se via muito tranquila, e Brac, querendo se dar ares de adulto, expedia ordens às crianças

menores e às mulheres, todas atarefadíssimas. Por fim, apareceu Brun e o afastou, levando-o para ensaiar mais uma vez seu papel. Uba, para poder tirar as outras crianças do caminho, carregou-as para a fogueira de Vorn e, depois, quando tudo já estava preparado, Ayla veio juntar-se a ela. Além da ajuda na cozinha, seu único papel na cerimônia seria o de preparar a infusão de datura para os homens, já que Creb lhe dissera para não fazer a bebida de raízes.

À noitinha, sobraram apenas algumas nexas de nuvens que, vez por outra, atravessavam diante da lua cheia iluminando a paisagem erma e inerte. No interior da caverna, ardia uma enorme fogueira na área demarcada por um círculo de tochas, atrás da última fogueira.

Ayla foi sentar-se sozinha sobre sua pele de dormir com os olhos para os lados das chamas do fogo que estalava perto dela. Não conseguira ainda ver-se livre do seu mal-estar. Resolveu ir até a entrada da caverna e lá ficar admirando a lua, enquanto não começasse a festa, mas, no momento em que se levantava, deu com Brun fazendo o sinal e ela se encaminhou na direção oposta. Depois de todos haverem tomado os seus lugares, o Mog-ur, seguido por Goov, saiu da gruta dos espíritos, todos os dois vestindo uma capa de pele de urso.

O grande feiticeiro, pela última vez invocou os espíritos, e era como se os anos não houvessem passado para ele. Seus conhecidos gestos de bela eloquência tinham uma força e graça como há muito o clã não via. Foi uma atuação magistral. Jogava com sua platéia com a mestria de um virtuose, levando-a, sempre dentro de um senso de oportunidade perfeito, a reagir ao crescendo das emoções evocativas até atingir o clímax que lhe sugou toda a energia, deixando-o em estado de completa exaustão. Ao lado dele, Goov mostrava-se uma pobre cópia do original. O jovem era um mog-ur correto, bom mesmo, mas longe de poder comparar-se ao Mog-ur. O mais poderoso dos feiticeiros que os clãs conheceram havia celebrado a última e a mais bela de suas cerimônias. Quando ele passou o controle para Goov, Ayla não era a única a chorar. O clã tinha os olhos secos, mas chorava com o coração.

Enquanto Goov prosseguia na gesticulação que aposentava Brun e ele vava Broud à posição de chefe, Ayla se achava distraída em seu pensamento. Observando Creb, lembrou-se da primeira vez que o viu, quando ela estendeu a mão para tocar no seu rosto desfigurado pela falta de um olho e marcado por cicatrizes. Lembrou-se da sua paciência, tentando ensiná-la a falar e de como, de repente, se fizera o entendimento. Levou a mão ao amuleto, sentindo a minúscula cicatriz e se lembrou do momento em que ele, com um gesto de grande perícia, lhe abrira na garganta um talho para que seu sangue fosse sacrificado em honra dos velhos espíritos que lhe concederam licença para caçar. Recordou-se, estremecendo, de sua visita clandestina à pequenina caverna escondida nas profundezas de uma montanha e, por fim, lembrou-se dele na noite anterior, com um olhar cheio de amor e tristeza, fazendo-lhe aquela declaração de sentido estranho e enigmático.

Na festa celebrando a transferência do poder à nova geração ela apenas tocou na comida. Os homens entraram no seu sacrossanto recinto a fim de completar em segredo sua cerimônia, e Ayla distribuiu entre as mulheres a da tura recebida de Goov, já então mog-ur.

A moça, no entanto, não estava com espírito para dançar, os seus ritmos careciam de entusiasmo e tinha tomado tão pouco da bebida cerimonial que os efeitos logo passaram.

Depois de ter dado um tempo conveniente para deixar a festa, foi para sua fogueira e, antes que Creb tivesse voltado, já estava dormindo, mas seu sono não foi tranquilo. Ao chegar, Creb ficou algum tempo observando-a dormir junto do filho e só depois é que foi para a cama.

- Mama, você vai caçar? Durc também quer ir - falou o menino, pulando para fora da cama e se encaminhando na direção da entrada. Poucas pessoas encontravam-se de pé, mas Durc já estava perfeitamente acordado.

- Se tiver de ir, Durc, será depois de comer. Venha cá - falou Ayla, enquanto se levantava para ir pegá-lo. - Talvez hoje não. A primavera chegou, mas o calor ainda não. Depois de comer, Durc ficou vigiando Grev, e quando correu para a fogueira de Broud já

não se lembrava mais de caçar. Ayla, sorrindo com ternura, ficou observando-o afastar-se.

O sorriso, no entanto, logo desapareceu ao ver o olhar que Broud lançou ao menino. Seu cabelo chegou a arrepiar na cabeça. Durc e Grev correram juntos para fora. De repente, ela se viu tomada por uma sensação tão forte de claustrofobia que pensou que vomitaria, se não saísse da caverna. Foi, então para a entrada com o coração batendo apressado e ali sorveu profundos goles de ar.

- Ayla!

Ela pulou ao ouvir seu nome proferido por Broud e deu meia-volta, abaixando a cabeça para olhar o novo chefe.

- Esta mulher saúda o chefe - disse, através de gestos formais.

Raramente, Broud ficava frente a frente com ela. Ayla era muito mais alta do que qualquer homem do clã e Broud não se achava entre os mais altos. Mal lhe alcançava o ombro. A moça sabia que ele não gostava de olhá-la de baixo para cima.

- Hoje, não vá sair daqui correndo para ir a nenhum lugar. Dentro de alguns minutos, vou fazer uma reunião.

Ayla balançou a cabeça com ar submisso.

Aos poucos, o clã foi-se reunindo. O sol brilhava e eles estavam satisfeitos por Broud ter resolvido realizar a reunião do lado de fora, apesar do chão enlameado. Esperaram por algum tempo, até que Broud surgiu, empertigado, consciente de seu status, e foi tomar o lugar antes ocupado por Brun.

- Como sabem, sou o novo chefe - começou ele. Era a primeira vez que falava ao clã em sua nova posição e traiu seu nervosismo com uma declaração de sentido tão manifestamente óbvio.

"Já que o clã tem novo chefe e novo mog-ur, esta é uma boa ocasião para fazer algumas mudanças por aqui - continuou ele. - Quero que saibam que Vorn de hoje em diante será o meu segundo em comando.

As cabeças acenaram, em sinal de aprovação. Já era esperado. Brun achou que Broud poderia ter aguardado até que Vorn ficasse um pouco mais velho e não passá-lo à frente de caçadores mais experimentados. Em todo caso, todo mundo já sabia que isso iria

acontecer. Talvez seja melhor mesmo fazer isso de uma vez, disse o antigo chefe consigo.

- Há ainda outras mudanças - prosseguiu Broud. - Uma mulher neste clã não tem companheiro. - Ayla sentiu que o sangue lhe subia ao rosto. - Alguém precisa sustentá-la e não quero sobrecarregar meus caçadores com mais este fardo. Agora sou o chefe e devo responsabilizar-me por ela. Tomarei Ayla como segunda mulher na minha fogueira.

Ayla já o esperava, mas o fato de saber que estava certa não a deixou nem um pouco feliz.

Ela pode não gostar, mas Broud está fazendo o que é de vido, pensou Brun, olhando, orgulhoso, para o filho de sua companheira. Broud está preparado para o cargo.

- Ela tem um filho deformado - continuou Broud. - Quero que todos saibam que nenhuma criança deformada será de hoje em diante mais aceita neste clã. Faço questão de deixar bem claro que isso nada tem a ver com os meus sentimentos pessoais, quando a próxima for recusada. Se ela tiver uma criança normal, esta será aceita.

Creb, de pé na entrada, meneava tristemente a cabeça ao ver Ayla em palidecendo e curvando-se ainda mais para esconder o rosto. Bem, Broud, você pode ter certeza de que outros filhos eu não vou ter, pelo menos enquanto a mágica de Iza funcionar em mim, pensou ela. não me interessa saber se são os órgãos dos homens ou os seus totens que fazem filhos, só sei que você nunca mais vai fazer um em mim. não vou botar filhos no mundo para você mandar matar, porque acha na sua cabeça que são deformados.

- Já deixei isso bem explícito antes - continuou falando Broud. - De modo que não deve ser surpresa para ninguém. não quero nenhuma criança deformada vivendo em minha fogueira.

Ayla levantou a cabeça. O que significa isso? Se eu mudar para a fogueira dele, meu filho tem de me acompanhar.

- Vom concordou em levar Durc para sua fogueira. Sua companheira gosta do menino, mesmo sendo ele anormal. A criança lá será bem tratada.

Ouviu-se um murmúrio de inquietação enquanto as mãos se agitavam nervosas e apressadas. Toda criança até se tornar adulta vive com sua mãe. Por que Broud assumia Ayla e recusava seu filho? Ayla largou o seu lugar e veio atirar-se aos pés de Broud. Ele lhe bateu no ombro.

- Ainda não terminei, mulher. É falta de respeito interromper a fala do chefe, mas por essa vez passa. Bem, fale.

- Broud, você não pode tirar Durc de mim. Ele é meu filho. Para onde vai a mulher, o filho também vai - gesticulou ela, esquecendo-se em sua ânsia, de introduzir-se cerimoniosamente e falar em tom suplicante. Brun estava furioso, o orgulho que sentira há pouco tinha desaparecido.

- Por acaso, mulher, você está querendo dizer ao chefe o que ele deve fazer? - gesticulou Broud, cheio de sarcasmo. Tinha chegado seu grande momento, há anos o vinha planejando e ela estava se comportando tal como ele esperava. - Você não é mãe. Oga é mais mãe de Durc do que você. Quem lhe deu de mamar? Não foi você, pelo que me consta.

O garoto nem sabe quem é a mãe dele. Qualquer mulher deste clã pode ser sua mãe. Que diferença faz onde ele vive? É evidente que Durc pouco está ligando, ele come na fogueira de todo mundo - falou Broud.

- Eu sei que não pude alimentar meu filho, mas você sabe que ele me pertence, Broud. Ele dorme comigo todas as noites.

- Bem, pois comigo é que não vai dormir todas as noites. Você pode negar que a companheira de Vorn não seja "mãe" para ele? Já falei com Goov - quer dizer com o mog-ur. Ele irá celebrar a cerimônia de acasalamento após essa reunião.

Não há mais por que esperar. Esta noite você mudará para a minha fogueira e Durc para a de Vorn. Agora, volte a seu lugar - ordenou. Em seguida, passou os olhos pelo clã e reparou em Creb apoiado sobre seu cajado perto da caverna. O velho tinha uma expressão furiosa.

Mas não tanto quanto a de Brun que estourava de raiva, enquanto observava Ayla voltando a seu lugar. Lutava para poder controlar-se e não interferir. No seu rosto havia mais do que raiva,

nele transparecia também a tristeza que lhe ia na alma. O filho de minha companheira, pensou, que eu criei, eduquei e acabo de fazer chefe deste clã usando sua posição para tirar uma vingança pessoal? Vingarse de uma mulher por motivos que só ele conhece? Por que não vi isso antes? Por que não percebi os seus defeitos? Agora, entendo por que subiu Vorn tão rapidamente de posto. Broud tramou toda a coisa com ele. Vinha planejando fazer isso com Ayla há muito tempo. Broud, Broud, é este o primeiro ato de um novo chefe? Arriscar a vida de seus caçadores com um segundo em comando inexperiente, só para poder vingarse de uma mulher? Que prazer você pode ter em separar um filho de sua mãe, sabendo que ela é uma mulher que tanto já sofreu? Será que não tem sentimentos, filho de minha companheira? Tudo que essa mulher tem é o filho com quem de noite divide sua cama.

- Ainda não acabei. Há algo mais a dizer - gesticulou Broud, tentando prender a atenção do clã escandalizado e se sentindo muito pouco à vontade. Por fim, as pessoas se aquietaram.- não sou eu o único aqui que ascendeu a uma nova posição. Nós temos também um novo mog-ur. Há certos privilégios que correspondem ao status do indivíduo. Resolvi que Goov... digo o mog-ur se mudará para a fogueira que, por direito, pertence ao feiticeiro do clã. Creb será transferido para o fundo da caverna.

Brun lançou um olhar a Goov. Estaria ele metido também na trama? Goov, com uma expressão de espanto, sacudiu a cabeça recusando.

- Não quero mudar para a fogueira do Mog-ur - disse ele. - O lugar lhe pertence, sempre foi a sua casa, desde que viemos para esta caverna.

O clã já não se sentia só pouco à vontade, começava a ficar bastante intranquilo com seu chefe.

- Eu ordeno que mude! - gesticulou Broud imperiosamente, furioso com a recusa de Goov. No momento em que ele olhara na direção de Creb, compreendeu, subitamente, que o velho aleijado apoiando-se sobre um cajado e o encarando cheio de raiva já não era mais o grande Mog-ur. Que tinha ele a temer de um pobre velho decrépito? Num impulso de momento, tinha feito o oferecimento,

esperando que Goov fosse avançar sobre o privilegiado lugar dentro da caverna, tal como acontecera com Vorn, quando ele lhe acenou com a possibilidade de subir de posto. Achou que, com isso, estaria for talecendo a lealdade do novo mog-ur para com ele e fazendo com que o rapaz fosse sentir-se obrigado.

Só que não contara com a fidelidade e o amor de Goov a seu mentor. Brun não conseguiu mais conter-se e já ia interferir, quando Ayla lhe passou à frente.

- Broud! - gritou ela de seu lugar.

Ele levantou, rápido, a cabeça.

- Você não pode fazer isso! não pode obrigar Creb a mudar-se de sua fogueira! - disse justamente indignada e avançando com passos firmes em sua direção - Ele precisa de um lugar que seja abrigado contra o tempo. Há muita corrente de ar no fundo da caverna e você sabe como ele passa mal nos invernos. - Ayla se esquecera de suas maneiras clâmicas, ali se achava apenas a curandeira tentando proteger o paciente. - Você está fazendo isso só para me agredir. Querendo vingar-se de Creb, porque ele tomou conta de mim. Pouco estou ligando para o que você fizer comigo, Broud, mas deixe Creb em paz!

- Encontrava-se de pé na frente dele, dominando-o, gesticulando com as mãos furiosamente diante de seu rosto.

- Quem lhe deu permissão para falar, mulher! - disse Broud colérico, levantando o punho cerrado em sua direção mas ela percebeu a tempo e se desviou do murro. Ele, surpreso, viu-se acertando o ar. A raiva logo substituiu a expressão de espanto e já ia partir para cima dela.

- Broud! - O berro de Brun deixou-o imóvel. Ele estava habituado de mais a obedecer àquela voz, principalmente se erguida em tom de raiva.

- Aquele lugar pertence ao Mog-ur, Broud. E até que ele morra, lá será sempre a sua fogueira. Isso irá acontecer dentro de pouco tempo e não há necessidade de você apressar sua mudança. Por muitos anos ele vem servindo este clã da melhor forma possível. Ele merece viver ali. Que espécie de chefe é você? Que espécie de homem é você, Broud? Um homem que usa sua posição para se

vingar de uma mulher? Uma mulher que nunca lhe fez nada e que ainda que quisesse não poderia. Broud, você deixou de ser o chefe!

- Não Brun, eu sou o chefe, você é que não é mais. - Passado o primeiro impulso de obedecer, Broud havia recuperado a consciência da posição dele e da de Brun. - Agora, sou eu o chefe! Quem toma daqui por diante as decisões sou eu! Você sempre se pôs contra mim para ficar do lado dela. Sempre a protegeu. Bem, já não vai mais poder protegê-la! - Broud começava a perder o autodomínio, gesticulando furiosamente com a cara vermelha de raiva. - Ela fará o que eu disser, ou do contrário será amaldiçoada! E desta vez não será por tempo limitado. Você acabou de ver a insolência dela e mesmo assim ainda continua tomando sua defesa. não irei tolerar isso! Nunca mais. Ela merece ser amaldiçoada pelo que acaba de fazer. E é o que farei. O que você acha disso, Brun? Goov! Amaldiçoe esta mulher. Agora! Neste instante! Quero que ela seja imediatamente amaldiçoada. Ninguém vai dizer a este chefe o que ele tem a fazer e muito menos esta mulher horrenda. Você me entendeu, Goov? Vamos, faça logo a maldição!

Creb, desde o momento que viu Ayla se precipitando na direção de Broud, procurava atrair-lhe a atenção, querendo avisá-la. Pouco lhe importava se estivesse vivendo no fundo ou na frente da caverna, dava tudo no mesmo. A suspeita tinha começado a surgir no seu espírito, quando Broud disse que tomaria Ayla como segunda mulher. Era uma mudança cheia de implicações, e não seria tomada por Broud, se não houvesse alguma razão por de trás de tudo.

Mas as suas suspeitas não chegaram ao ponto de prepará-lo para a feia cena que se seguiu.

Ao ver Broud dando ordens a Goov para amaldiçoá-la, o pouco ainda que lhe restava de espírito de luta desapareceu. não quis ver mais nada, fez meia-volta e vagarosamente se encaminhou para o interior da caverna. Ayla levantou os olhos no momento em que ele sumia no buraco da entrada.

Creb não era o único a se sentir mal com aquele confronto aberto. O clã inteiro via-se em rebuliço, gesticulando, gritando e andando alvoroçado.

Alguns não aguentavam ver e outros olhavam incrédulos e extasiados o espetáculo que jamais imaginaram presenciar em suas vidas. Sempre haviam vivido de modo muito ordenado, muito protegidos e escudados em suas tradições, costumes e hábitos.

Tinham ficado surpresos com a notícia absurda e inusitada da separação de um filho de sua mãe; em seguida, escandalizados tanto com a atitude de Ayla entrando em confronto direto com o novo chefe quanto com a decisão deste de tirar Creb de sua fogueira e, por fim, estupefatos com a investida colérica de Brun contra o homem que ele acabara de fazer chefe e com o acesso de Broud exigindo a maldição de Ayla. Mas outras surpresas ainda os aguardavam.

Ayla tremia tanto que só percebeu o tremor sob seus pés ao ver as pessoas caindo de bruços, sem conseguir manter-se equilibradas sobre as pernas. Seu rosto espelhava a mesma expressão que se via no dos outros: primeiro de assombro, depois de medo e por fim de pavor. Foi, então que escutou o rumor grave e aterrorizante vindo das entranhas da terra.

- Duuurc! - gritou, ao mesmo tempo em que via Uba agarrando-o e caindo sobre ele, como se tentasse proteger o corpinho do menino com o dela. Ayla ia correr para onde se achavam quando, de repente, lembrou-se de uma coisa que a encheu de pavor.

- Creb! Ele está dentro da caverna!

De gatinhas, Ayla subiu o aclive do terreno oscilante, tentando alcançar a boca triangular da caverna. Uma enorme pedra rolou do íngreme paredão que sustentava a entrada e caiu a seu lado, desviada por uma árvore que ficou espatifada. A moça não reparou. Estava entorpecida, em estado de choque. As lembranças revividas em seus velhos pesadelos vieram à tona, mas de forma embrulhada e confusa pelo pânico total. Em meio ao rugido do terremoto, não chegou nem mesmo a escutar a palavra saída de seus lábios numa língua já há muito esquecida.

- Mam

Sob seus pés, o chão sumia abaixando-se muitos centímetros, para de pois tornar a elevar-se. Ela caía e lutava para se manter de

pé, quando viu o teto em abóbada da caverna desmoronando. Blocos de pedras se desprendiam do alto e se esborrachavam no chão com o impacto. E outros mais iam caindo. A seu redor, as pedras ricocheteavam, despencadas da face rochosa da montanha para rolar pelo aclive e ir esboroar-se no riacho congelado. O morro do lado leste partiu-se, e a metade ruiu, também se despencando pela encosta.

Dentro da caverna, era uma chuva de pedras, cascalhos e pó que vinha com o trovejar intermitente de grandes seções da parede e do teto em arcadas. Do lado de fora, os altos pinheiros dançavam como se fossem gigantes desengonçados e as velhas árvores desfolhadas balançavam seus galhos desajeitadamente, ao ritmo de um réquiem trovejante. Uma rocha na parede, próxima à parte leste da entrada, do lado oposto ao lago, se alargou com estrondo fazendo jorrar as rochas e pedregulios soltos. Sob o chão, abriu-se um outro canal de água que, antes de fazer sua viagem inaugural para o riacho, depositou uma massa de detritos no pórtico da entrada. O rugir da terra e dos rochedos se despedaçando abafavam os gritos aterrorizados do clã. O som era ensurdecador.

Finalmente, o tremor cedeu. Umas últimas pedras ainda se despencavam da montanha, ricocheteando e rolando até parar em algum ponto. Às tontas, cheias de medo, as pessoas começaram a se pôr de pé e a caminhar a esmo com expressão aparvalhada procurando recobrar a razão. Pouco a pouco, foram se juntando ao redor de Brun. Ele sempre significou garantia e estabilidade para as suas vidas e, agora, gravitavam em torno da segurança que sua figura representava.

Mas Brun nada fez. Estava certo de que em todos os anos dele como chefe, o seu pior erro fora passar o comando do clã a Broud. Naquele instante, compreendeu o quanto se mostrara cego às falhas de caráter do filho de sua companheira. Até mesmo as virtudes de Broud, a coragem imprudente e os grandes atos de bravata, pareciam-lhe agora como manifestações de um ego inconsequente e de um temperamento impulsivo. Mas não era essa a razão por que Brun se recusava a agir. Broud era agora o chefe, fosse para o bem ou para o mal. Era tarde demais para ele voltar

atrás e preparar outro homem para o cargo, embora soubesse que o clã o acompanharia na decisão. A única esperança, tanto para que Broud se tornasse de fato um chefe como para o clã, seria fazê-lo governar. Broud, desafiadoramente, sem o menor domínio de si, disse ser o chefe. Bem, Broud, pois então seja, dê as ordens. Vamos, faça alguma coisa. Doravante, quaisquer que fossem as suas decisões - ou antidecisões - Brun já não mais iria interferir.

Ao se convencer de que Brun não tomaria de novo as rédeas do poder, o clã se voltou para Broud. Eles estavam habituados demais a seguir as tradições com o seu enquadramento hierárquico e Brun fora um chefe extremamente bom, forte e capaz. Achavam-se acostumados com sua voz de comando nos tempos de crise e a depender de seu julgamento cahn e sensato. não sabiam como agir por conta própria e nem tomar decisões por si mesmos na ausência de um chefe. Até Broud esperava que Brun reassumisse, também ele necessitava de apoiar-se em alguém. Quando, por fim, percebeu que o peso da responsabilidade havia recaído sobre si, tentou assumi-lo. E realmente tentou.

- Quem está faltando? Quem está ferido? - perguntou Broud.

Todos deram um ligeiro suspiro de alívio. Finalmente, alguém fazia alguma coisa. Os grupos de família começaram a reunir-se e, à medida que o clã ia se juntando, foram vendo com surpresa as pessoas que temiam ter desaparecido.

Miraculosamente, parecia que ninguém faltava. Apesar de todo o tremor da terra e de toda a quantidade de rochas despencadas, ninguém se achava seriamente ferido. Machucados, cortes, arranhões, mas nenhuma fratura de osso. Isso não era inteiramente verdade.

- Onde está Ayla? - gritou Uba, meio em pânico.

- Aqui - respondeu Ayla, descendo pela encosta, esquecida, por um momento, do motivo por que se encontrava naquele lugar.

- Mama! - gritou Durc, soltando-se das garras protetoras de Uba e correndo. Ayla se precipitou para ele. Suspendeu-o no colo, abraçando-o apertado e vindo com ele de volta.

- Uba, você está bem?

- Sim, nada de sério.

- Onde está Creb? - perguntou Ayla, lembrando-se. Ela meteu Durc no colo de Uba e correu de volta na direção da encosta da montanha.

- Ayla, onde você vai? não entre na caverna! Pode haver mais tremores.

Ela não viu o aviso, mas de qualquer maneira não lhe teria prestado atenção. Entrou na caverna correndo direto para a fogueira de Creb. De vez em quando ainda caíam pedras e cascalhos formando pequenos montes no chão. Exceto algumas pedras e uma camada de poeira, o lugar da fogueira deles permanecera intacto. Creb, entretanto, não se achava lá.

Ayla procurou em uma por uma das fogueiras. Algumas estavam completamente destruídas, mas a maioria ficou com muitas coisas que ainda davam para ser salvas. Creb não se encontrava em nenhuma das fogueiras. Ayla hesitava em passar pela estreita abertura que levava à gruta dos espíritos; depois, decidiu entrar, mas estava muito escuro.

Precisava de uma tocha. Resolveu, então fazer primeiro uma vistoria no restante da caverna.

Uma chuva de pedregulhos caiu sobre ela, fazendo-a dar um pulo para o lado, e um grande bloco dentado passou rente por seu braço antes de espatifar-se na terra. Examinava as paredes, ia e vinha pelo recinto, penetrava nas sombras por trás dos recipientes de armazenar comida na total escuridão da caverna. Já estava pronta para ir buscar uma tocha, quando decidiu procurar num último lugar.

Encontrou Creb ao lado da sepultura de Iza. Deitara-se sobre o lado deformado de seu corpo, com as pernas encolhidas, quase como se tivessem sido amarradas na posição fetal.

O magnífico crânio que guardara seu poderoso cérebro já não o protegia mais. A grande pedra que o havia partido achava-se a alguns centímetros dele. A morte devia ter sido instantânea. Ayla se ajoelhou ao lado de seu corpo e as lágrimas começaram a correr.

- Creb, ó Creb, por que você foi entrar na caverna? - gesticulou se balançando sobre os joelhos e gritando seu nome. Em seguida, por alguma razão inexplicável, pôs-se de pé e passou a gesticular

com os movimentos que tinha visto Creb fazer sobre Iza durante o funeral desta. Sozinha na caverna juncada de pedras, a mulher alta e loura, com lágrimas toldando-lhe a visão, silenciosamente deixou que os movimentos de antiquíssima simbologia fluíssem com uma graça e sutileza tão perfeitas quanto as do próprio homem santo. Muitos daqueles movimentos eram de significado desconhecido para ela. E jamais iria entendê-los. Era a última homenagem que prestava ao único pai que conhecera.

- Está morto - gesticulou Ayla, ao sair da caverna, para os rostos que estavam virados em sua direção.

Broud, como todos os outros, tinha os olhos fixos nela. Subitamente, ele se viu tomado por enorme medo. Era ela quem encontrara a caverna, e a ela que os espíritos favoreciam. Logo depois de ele a ter amaldiçoado, as forças invisíveis sacudiram a terra destruindo a caverna que ela achara. Estariam os espíritos zangados com ele por querer sua maldição? Teriam destruído a caverna que ela havia encontrado por se acharem com raiva dele? E se o clã pensasse que fora ele a causa da calamidade que os atingia agora? Nos recônditos de sua alma supersticiosa, tremia com a idéia do mau presságio, apavorado por haver desencadeado a raiva dos espíritos, da qual estava certo ser o responsável. De repente, atravessou-lhe na mente um raciocínio artificioso. Se pusesse a culpa nela antes que os outros o achassem culpado, ninguém poderia dizer que fora ele o causador da desgraça e os espíritos se voltariam contra Ayla.

- Foi ela quem causou isso! A culpa é dela! - gesticulou Broud, subitamente. - Foi ela quem fez os espíritos ficarem com raiva. Ela é a única aqui a desdenhar nossas tradições.

Vocês todos viram. Esta mulher foi insolente e desrespeitosa com o chefe. Tem de ser amaldiçoada para que os espíritos voltem a ficar felizes. Então, eles verão como saberemos honrá-los e nos conduzirão a uma outra caverna. Melhor ainda que esta e até mais afortunada. Eles irão nos guiar, tenho certeza de que vão. Goov, amaldiçoe esta mulher! Ande, neste instante. Faça isso imediatamente. Amaldiçoe, vamos! Amaldiçoe esta mulher!

Todas as cabeças se viraram na direção de Brun. Ele olhava em frente, com as mandíbulas comprimidas, os punhos cerrados, os músculos das costas latejando com a tensão. Recusava a se mover, a interferir, embora estivesse apelando para todas as suas reservas de força de vontade. As pessoas, inquietas, entreolhavam-se. Depois, olharam seguidamente para Goov e Broud. O acólito, em total perplexidade, encarava Broud. Como pôde ele culpar Ayla? Se algum culpado há aqui é ele próprio. Goov, por fim, caiu em si.

- Goov, eu sou o chefe e você é o mog-ur. Ordeno a maldição desta mulher. A maldição de morte!

Goov deu as costas abruptamente, apanhando um galho de pinho que se queimava na fogueira armada enquanto Ayla estava dentro da caverna e se dirigiu para a encosta, desaparecendo na escuridão da boca triangular. Caminhava com cuidado, evitando os escombros no chão, com a atenção voltada para as pedras e pedregulhos que de vez em quando ainda despencavam, sabendo que um outro terremoto poderia despejar toneladas sobre sua cabeça e desejando que tal acontecesse, antes que consumasse o que lhe havia sido ordenado. Entrou na gruta dos espíritos e arranjou os sagrados ossos do urso da caverna em filas paralelas, fazendo antes um gesto com cada um deles. O último, ele enfiou pela base do crânio, de modo que a outra extremidade saísse pela cavidade ocular. Em seguida, pronunciou em voz alta os terríveis nomes dos espíritos malignos, só conhecidos pelos mog-urs. Com isso, estava reconhecendo a existência deles e lhes dando poder.

Ayla ainda se encontrava de pé em frente à caverna, quando ele passou por ela sem vê-la.

- Eu sou o mog-ur e você o chefe. Você ordenou a maldição de morte de Ayla e o serviço foi executado - gesticulou Goov, dando em seguida as costas ao chefe do clã.

No princípio, ninguém conseguia acreditar. Tinha sido demasiadamente rápido. não era assim que se deveria fazer. Brun, teria primeiro discutido o assunto, argumentado, preparado o clã para o fato. Mas, antes de tudo, ele não teria amaldiçoado Ayla. Afinal, o que a moça tinha feito? Havia sido malcriada com o chefe e

essa era uma coisa errada, mas seria motivo para uma maldição de morte? Ela simplesmente estava defendendo Creb. E Broud, o que tinha feito? Tirado seu filho, expulsado o velho feiticeiro de sua fogueira, com o intuito exclusivo de vingar-se dela. Agora, ninguém tinha fogueira. Por que Broud foi fazer isso? Por que foi amaldiçoá-la? Os espíritos sempre estiveram do lado de Ayla. Ela sempre lhes trouxera sorte até o momento de Broud ordenar sua maldição. Fora Broud que lhes tinha trazido desgraça. Agora, o que seria do clã? Broud havia enraivecido os espíritos protetores e deixado os malignos à solta. E o velho feiticeiro estava morto. O Mog-ur já não poderia mais ajudá-los.

Ayla achava-se tão perdida em sua dor que nem notou a rapidez com que se processaram os acontecimentos ao redor dela. Vira quando Broud ordenou sua maldição e vira quando Goov disse que o serviço estava feito, mas, com o pensamento todo voltado para seu sofrimento, não captou o que se estava passando. Aos poucos, a compreensão foi se infiltrando em sua consciência. Quando pôde, por fim, absorver todas as implicações do acontecido, o choque foi arrasador.

Amaldiçoada? Maldição de morte? Por quê? O que foi que eu fiz de tão grave? Como foi isso acontecer tão depressa assim? O clã se mostrava tão lento para entender quanto ela. Eles ainda não se haviam recuperado inteiramente do impacto do terremoto. Ela, curiosamente, sentia-se alheia, observando as pessoas, uma a uma, irem ficando com os olhos vidrados, parecendo cegas. Lá está Crug, quem será o próximo? Ika. Agora é a vez de Droog. Aga ainda não. Ah, agora sim, ela deve ter visto que eu olhava em sua direção.

Ayla somente caiu em si quando os olhos de Uba se tornaram opacos e ela começou com a sua nênia, lamentando a morte da mãe da criança que segurava nos braços. Durc! O meu bebê, o meu filhinho!

É eu estou amaldiçoada! O que será dele? Só existe Uba. Ela tomará conta dele, mas o que pode Uba fazer contra Broud? Ele tem ódio de Durc por ser meu filho. Ayla olhava desesperada à sua volta

e viu, então, Brun. Brun! Ele pode proteger Durc. Só Brun poderá olhar por ele.

Correu para Brun, o homem forte, sensível e controlado que até a véspera havia chefiado o clã. Ela se deixou cair a seus pés com a cabeça abaixada, levando alguns momentos para compreender que ele jamais lhe iria dar o tapinha no ombro. Quando ergueu os olhos, ele olhava por cima de sua cabeça para a fogueira atrás dela. Se ele quisesse os seus olhos poderiam enxergá-la. Ele pode me ver, disse Ayla consigo. Ele pode me ver, sei que pode.

Creb se lembrava de tudo quanto eu disse, e Iza também.

- Brun, eu sei que você pensa que estou morta. não afaste seus olhos. Eu imploro, não fique olhando para longe. Tudo aconteceu rápido demais! Eu vou embora, prometo que vou. Mas tenho medo por Durc. Broud tem ódio dele, você sabe disso. O que será de meu filho, com Broud como chefe? Durc pertence ao clã, Brun. Você o aceitou. Eu lhe peço, Brun, proteja Durc. Só você pode fazer isso. Não deixe Broud fazer mal a ele.

Brun, sem pressa, virou as costas para ela, pondo-se a olhar em outra direção como se tivesse mudado de posição e não como se tentasse desviar os olhos dela. Ayla, entretanto, lhe percebeu nos olhos um brilho ínfimo, sugestivo de que ele tomara conhecimento de sua presença ali. Era uma leve indicação de aquiescência, mas já bastava. Ele iria proteger Durc, assim havia prometido ao espírito de sua mãe. Era fato que tudo se tinha passado depressa demais e ela não tivera tempo de fazer o pedido antes. Sua decisão de não interferir com Broud não chegava a tal ponto. Não permitiria que o filho de sua companheira fizesse mal ao filho de Ayla.

A moça se levantou e se encaminhou propositadamente para a caverna. Até falar com Brun ainda não tinha resolvido ir embora, mas depois sim. A dor pela morte de Creb foi relegada a um canto de sua mente para ser sentida mais tarde, quando sua sobrevivência Não estivesse em jogo. Talvez fosse para o mundo dos espíritos, talvez Não, mas não iria de mãos abanando.

Da primeira vez que entrou na caverna não tomara consciência das avarias ocorridas lá e agora olhava como se aquele fosse um lugar desconhecido, dando graças por não haver ninguém dentro no

momento do terremoto. Ela respirou fundo e, sem tomar conhecimento das condições de perigo, correu para a fogueira de Creb. Se não pegasse o necessário para sua subsistência, certamente morreria.

Retirou uma pedra de sua cama, sacudiu a capa de pele e por cima desta começou a empilhar uma série de coisas: a sacola de remédios, a funda, dois pares de calçados, perneiras, luvas, uma manta forrada de pele, um capuz. E mais: sua cuia, uma bacia, recipientes para água e ferramentas. Em seguida, dirigiu-se para o fundo da caverna e encontrou lá os bolos preparados para viagem feitos de carne-seca, cereais e gordura que tinham alto teor alimentício. Revistando por entre as pedras, achou os potes de madeira contendo açúcar de bor do e ainda frutas secas, diversos tipos de nozes, farinha de cereais, tiras de carne-seca e peixe, e alguns vegetais. A estação já estava no fim e a variedade por isso não era grande, mas, em todo caso, servia. Limpou sua cesta de colher, retirando as pedras e a poeira de dentro e se pôs a enchê-la.

Com lágrimas nos olhos, pegou a manta de carregar Durc e a encostou no rosto. Não ia precisar dela. Durc iria ficar, mas guardou-a. Pelo menos, teria uma coisa que pertencera a seu filho e que tinha estado muito junto dele. Vestiu-se com roupas quentes, iria fazer frio na planície no princípio da estação Talvez ainda fosse inverno no norte. Por enquanto, não tinha tomado nenhuma decisão sobre que direção seguir. Sabia que estava indo para o continente que ficava ao norte da península.

No último momento, resolveu apanhar o couro da barraca que levava quando saía com os homens nas expedições de caça. A rigor, não lhe pertencia. Ela teria direito de levar tudo quanto fosse dela, e o que deixasse seria queimado. Achava que por justiça uma parte dos alimentos lhe pertencia, mas o pano de couro era para uso das pessoas vivendo na fogueira de Creb. Afinal, Creb não estava mais lá e em vida nunca o havia usado. Ela imaginava que ele não fosse se importar.

Botou-o por cima de tudo na cesta, suspendeu às costas aquele pesado volume e amarrou as correias que o firmavam no lugar. De pé, no meio da fogueira de Creb, as lágrimas ameaçavam

voltar, olhando para aquilo que fora seu lar, para onde tinha sido levada poucos dias depois de Iza a ter encontrado. Nunca tornaria a vê-lo. Por seus olhos desfilou um turbilhão de lembranças a se atropelarem em sua mente - algumas, mais significativas, detendo-se por um tempo maior. O último pensamento foi para Creb. Gostaria de saber o que causara a ele tanto sofrimento. Talvez um dia eu compreenda, mas fico feliz por termos conversado antes de você partir para o mundo dos espíritos, Creb. Nunca me esquecerei de você, de Iza e do clã. E veio para fora da caverna.

Ninguém olhava, mas todos sabiam que Ayla tinha aparecido. Ao parar Junto do lago para encher os cantis, uma outra lembrança lhe atravessou o espírito. Antes de agitar a superfície mergulhando o recipiente na água, ela se inclinou, querendo ver seu rosto.

Examinou-o com atenção. Desta vez não lhe pareceu tão feio. No entanto, não era nela que estava interessada. Desejava ver um rosto dos Outros.

Quando se levantou, Durc lutava para se desprender dos braços de Uba. Alguma coisa que tinha a ver com sua mãe estava acontecendo. não tinha certeza do que fosse, mas sabia que não gostava. Com um safanão, conseguiu soltar-se e correu para Ayla.

- Você está indo embora - falou, acusando. Começava a entender e estava indignado por não lhe terem dito. - Você está vestida e vai embora.

Por uma fração de segundo, Ayla hesitou. Depois, estendeu os braços e Durc voou a seu encontro. Lutando contra as lágrimas, ela o apanhou, abraçando-o apertado. Em seguida, agachou-se para ficar de sua altura e olhou diretamente dentro de seus grandes olhos castanhos.

- É verdade, Durc, eu vou embora. Tenho de ir.

- Mama, me leve com você. Mama, me leve! não me deixe!

- Não posso, Durc. Você tem de ficar com Uba Ela vai cuidar de você, e Brun também.

- Não quero ficar aqui! - gesticulou Durc, debatendo-se. - Quero ir com você. não vá embora, deixando-me aqui!

Uba aproximou-se. Era preciso. Tinha de tirar Durc das mãos do espírito. Ayla abraçou seu filho novamente.

- Eu o amo, Durc. Nunca se esqueça disso, nunca se esqueça de que sua mãe o ama muito. - Ela pegou o filho e o botou nos braços de Uba. - Tome conta dele para mim, Uba - gesticulou, olhando-a nos olhos cheios de tristeza. Uba devolveu o olhar, tinha visto Ayla. - Cuide dele... minha irmã.

Broud, cada vez mais furioso, observava a cena. Aquela mulher está morta. Ela é um espírito. Por que não está agindo como tal? E por que há pessoas que não a estão tratando como um espírito?

- Ela é um espírito - gesticulou, possesso. - Ela está morta. Será que não sabem que já morreu?

Ayla, com passos firmes, encaminhou-se para Broud e se pôs de pé, a toda altura, na sua frente. Ele estava tendo dificuldade para não enxergá-la. Tentava ignorá-la, mas ela o olhava de cima para baixo, e não sentada a seus pés como uma mulher deveria estar.

- Não estou morta, Broud - gesticulou, desafiadoramente. - E nem vou morrer. Você não me pode matar. Pode me forçar a ir embora e pode tirar meu filho de mim, mas não me pode obrigar a morrer!

A raiva e o medo se misturaram, quando ele, tomado por um ímpeto, e o punho fechado para esmurrá-la, mas se conteve, temendo tocar nela. Ela é um truque, disse consigo. não passa de um estratagema do espírito. Ela tá morta, foi amaldiçoada.

- Vamos, Broud, bata em mim. Vamos, reconheça esse espírito que está aqui. Bata e verá que não estou morta.

Broud virou-se para Brun, querendo desviar os olhos do espírito. Depois, abaixou o braço, embaraçado com a posição que podia parecer pouco na tural. não chegara a encostar nela, mas tinha medo de que só o fato de levantar a mão fechada já fosse suficiente para reconhecer-lhe a presença e tentou passar para Brun a responsabilidade do ato que atraía desgraça.

- Não pense que não vi, Brun, quando você respondeu ao espírito antes de ele entrar na caverna. Ela é um espírito, Brun, e você vai atrair desgraça - ameaçou ele.

- Só eu, Broud? E que outra desgraça mais poderia acontecer-me? Mas quando você viu Ayla conversando comigo? Quando a viu

entrando na caverna? Por que você ameaçou bater num espírito? Parece que você ainda não entendeu, não é? Você reconheceu sua existência, Broud. E ela o venceu. Você fez tudo que pôde contra ela, até mesmo a amaldiçoá-la chegou e, ainda assim, ela o venceu. Ayla era uma mulher e tinha mais coragem do que você, Broud. Muito mais força de vontade e caráter. Era mais homem do que você. Ayla é que deveria ter sido o filho de minha companheira.

Ayla se viu surpresa com o inesperado elogio de Brun. Durc, novamente, contorcia-se chamando-a. Ela não conseguiu aguentar mais e correu, afastando-se. Ao passar por Brun, abaixou a cabeça e fez um gesto expressando sua gratidão. Chegando ao morro, virou-se para uma última olhada. Viu Brun levantar a mão como se fosse coçar o nariz, mas era como se ele fizesse um certo gesto, o mesmo feito por Norg, quando eles se despediram da reunião de clãs. Pareceu-lhe ver Brun dizendo:

- Que Ursus a acompanhe.

A última coisa que Ayla ouviu, ao desaparecer por trás do morro fendido, foi o grito choroso de Durc:

- Maama! Maaania! Maamaaa!

Fim